

Roteiro

Bibliográfico de

etnografia

da região do oeste

Branca Rolão Moriés

Roteiro
Bibliográfico de

etnografia

da região do oeste

Branca Rolão Moriés

Ficha Técnica

Roteiro Bibliográfico de Etnografia da Região do Oeste

Autor:

Branca Rolão Moriés

Edição:

**Comunidade Intermunicipal do Oeste
Instituto dos Museus e da Conservação**

Projecto e Coordenação de Edição:

Departamento de Património Imaterial / IMC

© Branca Rolão Moriés

Comunidade Intermunicipal do Oeste
Instituto dos Museus e da Conservação
2010

ISBN Electrónico n.º: 978-972-776-402-0

Catálogo na Publicação:

MORIÉS, Branca Rolão, 1962-

Roteiro bibliográfico de etnografia da região do Oeste / Branca Rolão Moriés; fotografias de Paulo Ferreira da Costa . – Ed. Electrónica, - Lisboa: Instituto dos Museus e da Conservação; Comunidade Intermunicipal do Oeste, 2010. – 308 p. [XII+296] – il. – Disponível em: www.imc-ip.pt; www.am-oeste.pt

ISBN: 978-972-776-402-0

CDU: 016:39 (469.323 + 469.411)

Nota:

A presente edição, em formato digital, respeita, com as necessárias adaptações, a composição gráfica e os conteúdos da 1.ª edição da obra, tendo sido igualmente mantidas as informações constantes desta.

Nos termos do Acordo de Edição estabelecido entre o Autor e os Editores, a presente publicação destina-se exclusivamente a ser disponibilizada em linha nas páginas Web do Instituto dos Museus e da Conservação dedicadas à divulgação e valorização do Património Cultural Imaterial, bem como na página Web da Comunidade Intermunicipal do Oeste, encontrando-se vedada a sua disponibilização por qualquer outro meio.

APRESENTAÇÃO

A concretização da edição electrónica do *Roteiro Bibliográfico de Etnografia da Região do Oeste* resulta de uma parceria com a Comunidade Intermunicipal do Oeste, que em 2002 publicou originalmente este importante repositório de informação etnográfica sobre a região, e que agora colaborou com o Instituto dos Museus e da Conservação no sentido da sua disponibilização a um público muito mais amplo, com recurso às tecnologias da informação.

Para além da importância que esta edição assume para o Instituto dos Museus e da Conservação, concretamente no âmbito da sua missão e atribuições em matéria de valorização do Património Cultural Imaterial, ela assume também um significado especial enquanto resultado da inspiração numa obra fundamental também recentemente reeditada pelo IMC, a *Bibliografia Analítica de Etnografia Portuguesa*, de Benjamim Pereira.

Adoptando a metodologia de trabalho desta, mas actualizando e, necessariamente, ampliando o seu olhar sobre a produção de carácter etnográfico para esta área na contemporaneidade, o *Roteiro Bibliográfico de Etnografia da Região do Oeste* constitui-se, pois, como auxiliar imprescindível para o desenvolvimento de estudos sobre o Património Imaterial deste território. Neste sentido, este *Roteiro* é também exemplo de uma metodologia de replicação desejável a outras áreas do País, com vista à promoção do conhecimento sistemático dos seus respectivos patrimónios.

Por todas estas razões, agradecemos a inestimável colaboração prestada ao IMC pela Comunidade Intermunicipal do Oeste e pela autora do *Roteiro Bibliográfico de Etnografia da Região do Oeste*, a Dr.^a Branca Moriés, que responderam entusiasticamente ao nosso convite para a concretização da edição electrónica desta obra de referência para o estudo do Património Cultural Imaterial da região.

A DIRECÇÃO DO IMC
João Carlos Brigola
Filipe Mascarenhas Serra
Graça Filipe

TESTEMUNHO DO PRESIDENTE DA OESTE CIM

É prestando tributo ao Património Imaterial da região de Oeste, mas com os olhos postos no futuro, que a Oeste-CIM numa parceria com o Instituto dos Museus e da Conservação, reedita a edição “Roteiro Bibliográfico da etnografia da Região de Oeste” de 2002, em suporte electrónico permitindo a sua divulgação a um público muito mais alargado.

O “Roteiro bibliográfico da etnografia da Região de Oeste”, da autoria de Branca Rolão Moriés, é hoje uma ferramenta chave para a investigação Antropológica e Etnográfica, ao compilar, sistematicamente e com elevado grau de excelência, a imensa pluralidade de temas que fazem parte do legado da região, o que justifica a sua complexidade enquanto objecto de estudo.

Mas mais do que um estudo intensivo etnográfico sobre os então 14 municípios que constituíam a Associação de Municípios do Oeste, a presente edição electrónica tornou-se num eficaz suporte de projecção do nosso legado histórico, cultural e da nossa identidade colectiva, a nível Nacional e Internacional, através de um simples “click”.

Mais acessível e mais interactivo, a versão online do estudo vem dar resposta à necessidade do imediato que pauta a actualidade da informação, o que quando se fala da História de uma região é ainda mais evidente uma vez que se trata de um organismo vivo que vive do pulsar da população, perpetuando-se numa narrativa aberta. Esta edição convida os leitores a continuarem a escrever a história, com novas informações ou dados, fomentando a proactividade, o espírito crítico e despertando na população o incremento do interesse pela sua região e pela causa pública local.

O desafio foi-nos feito e, passados oito anos, é impossível não reconhecer o notável potencial académico, regional mas sobretudo humano que o projecto enverga. Espero assim que, com esta iniciativa, se motive outras Comunidades Intermunicipais a salvaguardar o seu legado histórico-cultural, a divulgá-lo e a afirmá-lo profusamente, mas sobretudo a resgatar brio local nas populações.

Carlos Manuel Lourenço

PRESIDENTE DA COMUNIDADE INTERMUNICIPAL DO OESTE

O Roteiro Bibliográfico de Etnografia da Região do Oeste foi editado originalmente em 2002 pela então Associação de Municípios do Oeste. Constitui o resultado de um estudo sistemático de toda a bibliografia contendo informação de relevância etnográfica e antropológica existente nas bibliotecas e museus municipais e regionais dos 14 municípios originalmente integrados naquela Associação (Alcobaça, Alenquer, Arruda dos Vinhos, Azambuja, Bombarral, Cadaval, Caldas da Rainha, Lourinhã, Nazaré, Óbidos, Peniche, Rio Maior, Sobral de Monte Agraço e Torres Vedras), bem como em acervos de organismos oficiais e bibliotecas universitárias.

As áreas temáticas abrangidas são múltiplas, facultando dados sobre a história local, actividades económicas, vida social, tecnologias, formas de expressão artística, festividades, práticas e crenças mágico-religiosas e cancionero, entre outras manifestações do Património Cultural Imaterial da região. A bibliografia (e iconografia) registadas são provenientes de autores de quadrantes científicos muito diversos, tais como: agronomia, arquitectura, artes plásticas, literatura, fotografia, geografia, história, entre outros.

A sua ampla e livre disponibilização on-line facilitará agora a consulta às muitas entidades, estudantes e investigadores que pretendam aprofundar as suas pesquisas sobre a região do Oeste.

O trabalho encontra-se organizado por município e cada referência bibliográfica, apresentada por ordem alfabética dos autores, contém uma breve síntese do conteúdo da obra.

Tal como qualquer sistematização, este roteiro é um documento permanentemente em aberto, pois, desde a sua publicação, inúmera bibliografia foi editada. Tal como na versão original, mantém-se no final de cada capítulo um conjunto de páginas em branco que convidam o leitor a acrescentar o produto das suas “descobertas” bibliográficas ao livro. Esta edição, com o incremento actual deste tipo de edições, acompanha a proliferação exponencial da documentação especializada, prosseguindo na sua tarefa de (in)formar-nos sobre o Património Cultural Imaterial da região, agora num formato de consulta mais facilitada.

Branca Rolão Moriés

Março 2010



**roteiro bibliográfico
de etnografia
da região do oeste**

branca rolão moriés

roteiro bibliográfico
de etnografia
da região do oeste

**roteiro bibliográfico
de etnografia
da região do oeste**

branca rolão moriés

A Autora:

Branca Rolão Moriés nasceu em Lisboa em 1962. Licenciada em Antropologia pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (UNL) em 1985, desempenha a sua actividade profissional no Centro de Antropologia Cultural e Social (IICT), desde 1989, de cuja Biblioteca é responsável. No âmbito da sua formação na área da biblioteconomia destacam-se os seguintes trabalhos, de cariz etnográfico: *Produtos Marinhos: apontamentos e pistas em bibliografia etnográfica* (INFARMED, 1998) e *Panos de Cabo Verde e da Guiné-Bissau: uma bibliografia* (no prelo).

Ficha Técnica**Catálogo na Publicação:**

Moriés, Branca Rolão, 1962-
Roteiro Bibliográfico de Etnografia da Região do Oeste.
– (Terrenos e Perspectivas; 1)
Caldas da Rainha: Associação de Municípios do Oeste,
Museu Regional do Oeste, 2002, 296 p.: il.
ISBN 972-98556-2-5
CDU: 016:39
(469.323+469.411)

Fotografias:

Paulo Ferreira da Costa

Concepção Gráfica:

Paulo Ferreira da Costa, Pedro Santos

Paginação:

Nuno Dias

Digitalização, Montagem, Impressão e Acabamentos:

Cromotipo, artes gráficas

Depósito Legal:

175652/02

Índice

| | |
|-------------------------------|-----|
| Bibliotecas Consultadas | 11 |
| Introdução | 13 |
| Alcobaça | 19 |
| Alenquer | 47 |
| Arruda dos Vinhos | 69 |
| Azambuja | 81 |
| Bombarral | 93 |
| Cadaval | 109 |
| Caldas da Rainha | 127 |
| Lourinhã | 149 |
| Nazaré | 163 |
| Óbidos | 193 |
| Peniche | 215 |
| Rio Maior | 235 |
| Sobral de Monte Agraço | 249 |
| Torres Vedras | 259 |
| A Região | 281 |

A obra que a Associação de Municípios do Oeste agora edita integra-se numa colecção de estudos promovida e coordenada pelo Museu Regional do Oeste com vista ao aprofundamento do conhecimento sobre a região em que se insere e sobre a qual pretende reflectir e divulgar, tratando-se ainda de uma colecção que desejamos ver ampliada em íntima articulação com as exposições temporárias e demais actividades desenvolvidas pelo Museu ao longo do seu percurso.

Este *Roteiro* constitui o resultado de um estudo sistemático desenvolvido entre Janeiro de 2000 e Abril de 2001, a partir de pesquisas bibliográficas e de arquivo em todas as bibliotecas municipais e museus do oeste, bem como noutras instituições, nas áreas da antropologia, etnografia e estudos locais.

É com particular agrado que verificamos que a autora integrou no seu trabalho o levantamento das principais referências da iconografia publicada sobre a região, nas áreas temáticas em questão, reforçando o facto de que se trata de um projecto desenvolvido de acordo com as próprias linhas programáticas do Museu Regional do Oeste e, de entre estas, particularmente com a organização da sua biblioteca e do seu arquivo fotográfico.

Por todas estas razões, este *Roteiro Bibliográfico de Etnografia* constitui, em nossa opinião, um importante contributo, quer para a divulgação dos fundos bibliográficos sobre a Região do Oeste nas áreas da antropologia e da etnografia, quer para a própria promoção do conhecimento sobre esta região, não apenas para estudantes do ensino secundário e universitário, como igualmente para investigadores que desejem desenvolver as suas pesquisas de pós-graduação na e sobre a região do Oeste.

Ele é ainda, enfim, um convite a todos nós, com vista a um conhecimento mais aprofundado da nossa região, do nosso passado, das nossas tradições e costumes e das nossas identidades.

O Conselho de Administração da Associação de Municípios do Oeste

Bibliotecas consultadas

Biblioteca da Assembleia Distrital de Lisboa

Rua José Estêvão, 135
Lisboa
Tel. 213 563 226
2.ª a 6.ª feira: 9h00-19h45

Biblioteca da Nazaré

Rua Mouzinho de Albuquerque, 51
Nazaré
Tel. 262 562 626
2.ª a 6.ª feira: 9h00-12h00;
15h00-19h00
Sáb.: 15h00-17h00

Biblioteca Municipal Anselmo Braancamp Freire

Rua Braancamp Freire
Santarém
Tel. 243 304 400
2.ª a 6.ª feira: 9h30-18h30
Sáb.: 10h00-13h00

Biblioteca Municipal de Alenquer

Rua Sacadura Cabral
Alenquer
Tel. 263 733 304/5
2.ª feira: 14h00-20h00
3.ª, 5.ª e 6.ª feira: 10h00-19h00
4.ª feira: 10h00-20h00
Sáb.: 10h00-13h00

Biblioteca Municipal de Azambuja/Fixa n.º 37 F.C.G.

Rua Eng.ª Moniz da Maia
Azambuja
Tel. 263 400 436
2.ª a 6.ª feira: 9h00-18h00

Biblioteca Municipal de Caldas da Rainha

Rua Vitorino Fróis
Caldas da Rainha
Tel. 262 841 728
2.ª feira: 14h30-18h00
3.ª, 5.ª e 6.ª feira: 10h00-18h00
4.ª feira: 10h00-21h00
Sáb.: 14h00-18h00

Biblioteca Municipal Irene Lisboa

Rua Miguel Bombarda
Arruda dos Vinhos
Tel. 263 977 000
2.ª a 6.ª feira: 9h30-12h30;
14h00-17h30
Sáb.: 10h00-12h30

Biblioteca Municipal de Leitura Pública de Alcobaça

Rua Araújo Guimarães
Alcobaça
Tel. 262 580 880
2.ª a 6.ª feira: 10h00-18h00
Sáb. 10h00-13h00; 14h00-18h00

Biblioteca Municipal da Lourinhã

Rua João Luís de Moura, 69
Lourinhã
Tel. 261 410 128
2.ª a 6.ª feira: 10h00-12h30; 15h00-20h00

Biblioteca Municipal de Nazaré

Centro Cultural
Nazaré
Tel. 262 562 388
2.ª a 6.ª feira: 9h30-13h00; 14h00-19h00
Sáb.: 15h00-18h00

Biblioteca Municipal de Óbidos

Largo S. João de Deus
Óbidos
Tel. 262 955 009
2.ª a 6.ª feira: 10h00-18h00

Biblioteca Municipal de Torres Vedras

Av. 5 de Outubro, 17
Torres Vedras
Tel. 261 310 457/8
2.ª a 6.ª feira: 10h00-18h30

Biblioteca Municipal do Cadaval

Av. Bombeiros Voluntários, lote 7
r/c Dtº
Cadaval
Tel. 262 696 155
2.ª a 6.ª feira: 9h00-12h30; 14h00-17h30
Sáb.: 10h00-13h00

Biblioteca Municipal Dr. Laureano Santos

R. Dr. Fernando Sequeira Aguiar
Rio Maior
Tel. 243 909 750
2.ª f 14h00-20h00
3.ª e 5.ª f 10h00-19h00
4.ª e 6.ª f 10h00-20h00
Sáb. 10h00-13h00; 14h00-18h00

Biblioteca Nacional

Campo Grande, 83
Lisboa
Tel. 217 982 000
2.ª a 6.ª feira: 9h30-19h30
Sáb.: 9h30-17h30

Biblioteca Pedro António Monteiro

Rua Luis de Camões, 2 E (Antigo Cartório Notarial)
Peniche
Tel. 262 780 122
2.ª a 6.ª feira: 9h00-12h30; 14h00-19h00

Biblioteca Pública de Sobral de Monte Agraço

Praça Dr. Eugénio Dias
Sobral de Monte Agraço
Tel. 261 940 300
2.ª a 6.ª feira: 9h30-12h30; 14h00-18h00

Centro de Antropologia Cultural e Social

Edifício Museu Nacional de Etnologia
Av. Ilha da Madeira
Lisboa
Tel. 213 012 118
2.ª a 6.ª feira: 9h00-12h30; 14h00-16h30

Departamento de Antropologia

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
Av. Berna, 26
Lisboa
Tel. 217 933 519
(Consulta a combinar com o Secretariado do Departamento)

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

Av. Berna, 26
Lisboa
Tel. 217 933 519
2.ª a 6.ª feira (ano lectivo): 9h30-19h00
2.ª a 6.ª feira (férias lectivas e de Junho a Setembro): 9h30-17h00

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Cidade Universitária
Lisboa
Tel. 217 920 000
2.ª a 6.ª feira: 10h00-20h00

Instituto Superior de Agronomia

Tapada da Ajuda
Lisboa
Tel. 213 638 161
2.ª a 6.ª feira: 9h00-20h00
Sáb.: 10h00-13h00

Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas

Rua da Junqueira, 86
Lisboa
Tel. 213 611 700
2.ª a 6.ª feira: 9h00-20h00

Museu Etnográfico e Arqueológico

Dr. Joaquim Manso
Rua D. Fuas Roupinho
Nazaré
Tel. 262 562 801
(Consulta da biblioteca mediante combinação prévia)

Museu Municipal de Bombarral

Palácio Gorjão
Bombarral
Tel. 262-609054
2.ª a 6.ª feira: 9h00-12h30; 14h00-17h30

Museu Municipal de Peniche

Campo da República – Fortaleza
Peniche
Tel. 262 780 116
3.ª a 6.ª feira: 9h00-12h30; 14h00-17h30

Museu Municipal Hipólito Cabaço

Rua Maria Milne e Carmo, 2 – Vila Alta
Alenquer
Tel. 263 730 906
2.ª feira a Sáb.: 10h00-12h30; 14h00-17h00

Museu Municipal Leonel Trindade

Convento da Graça – Praça 25 de Abril
Torres Vedras
Tel. 261 310 485
3.ª feira a Dom.: 10h00-13h00; 14h00-18h00

Museu Nacional de Etnologia

Av. Ilha da Madeira
Lisboa
Tel. 213 041 160/9
2.ª a 6.ª feira: 9h30-17h15

Museu Regional do Oeste

Convento de S. Miguel
Gaeiras - Óbidos
Tel. 262 839 030 (AMO)





< Alçado principal do Museu Regional do Oeste, após a conclusão das obras de recuperação do Convento de S. Miguel iniciadas pela Associação de Municípios do Oeste em 1999. Gaeiras, Óbidos, 2001.

Introdução

Objecto, objectivos e destinatários

Este Roteiro toma como objecto os trabalhos produzidos nas áreas da etnografia e da antropologia, ou com afinidades evidentes com estas, sobre os catorze concelhos que integram a Associação de Municípios do Oeste: Alcobaça, Alenquer, Arruda dos Vinhos, Azambuja, Bombarral, Cadaval, Caldas da Rainha, Lourinhã, Nazaré, Óbidos, Peniche, Rio Maior, Sobral de Monte Agraço e Torres Vedras.

Tendo como objectivos principais a sistematização e a divulgação dessa produção científica, pretende ainda poder vir a constituir-se em instrumento de trabalho com vista ao desenvolvimento de estudos etnográficos e antropológicos sobre a região, de acordo com as próprias linhas programáticas do Museu Regional do Oeste, em cujo projecto de instalação se enquadra, particularmente com a organização da sua biblioteca e do seu arquivo de imagem.

Pretendemos aqui reunir, o mais exaustivamente possível, as obras que facultem ao leitor elementos informadores sobre os aspectos susceptíveis de ser abordados em pesquisas etnográficas sobre as comunidades da região, desde a sua história, as suas actividades económicas, vida social, tecnologias tradicionais, formas de expressão artística, festividades cíclicas, práticas e crenças mágico-religiosas, entre muitos outros, independentemente do facto de os autores desses trabalhos possuírem ou não formação académica na área da antropologia. Assim, foram registados documentos de autores de diversos quadrantes científicos e profissionais, tais como agrónomos, arquitectos, artistas, escritores, estudantes, fotógrafos, geógrafos, historiadores, jornalistas, professores, entre muitos outros, dada a relevância dos seus trabalhos para o domínio de análise em questão.

Trata-se, no entanto, de um trabalho destinado a um público muito amplo, desejando desde já destacar que, na sua concepção, tivemos presente particularmente o público estudantil – estudantes do ensino secundário a realizar trabalhos sobre o seu concelho ou a sua freguesia natais no âmbito de projectos da área-escola, e os estudantes do ensino universitário buscando objectos e terrenos de estudo na região do Oeste –, e todos aqueles que desenvolvem ou pretendem desenvolver as suas investigações sobre a região nas áreas dos estudos etnológicos, pensando especificamente, de entre estes, naqueles que o fazem em instituições locais, tais como museus e associações de desenvolvimento ou estudo do património.

Metodologia e organização interna

Em termos cronológicos, as recolhas e análises bibliográficas aqui publicadas referem-se, na sua grande maioria, a obras efectuadas no decurso no século XX, período que corresponde igualmente ao da principal produção científica que encerra informação do tipo da que se pretende dar a conhecer, nomeadamente no que respeita à região em causa. Ainda que a maior parte da documentação agora reunida corresponda a trabalhos publicados sob a forma de livro, recorreremos igualmente à análise de textos policopiados ou dactilografados existentes em dossiers constituídos pelas próprias bibliotecas para enriquecimento dos seus fundos locais. Embora em reduzido número, analisaram-se igualmente algumas teses e outros estudos produzidos em contexto académico, ao qual não será alheio a forma restrita como este tipo de documentação circula e é divulgado e disponibilizado a um público interessado. Não existe a prática generalizada da obrigatoriedade deste tipo de documentação fazer parte integrante das colecções das bibliotecas

locais. Por tudo isto, privilegiou-se a sua consulta na biblioteca do Departamento de Antropologia da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (Universidade Nova de Lisboa), com maior tradição na promoção de estudos de terreno.

A quase totalidade das obras consultadas são monografias, tendo-se dado menor relevo às publicações periódicas, nomeadamente à tão fundamental imprensa regional, que, pelas suas características específicas, justificaria um trabalho individualizado, porém recolhendo e classificando a informação através de uma grelha de análise diversa da aqui utilizada.

As consultas foram realizadas em diferentes tipos de instituições, detentoras de fundos e colecções relevantes para a temática principal deste Roteiro, ao nível dos concelhos, da própria região e a nível nacional: museus locais; todas as bibliotecas municipais, biblioteca distrital de Santarém, bibliotecas universitárias, bibliotecas especializadas e Biblioteca Nacional. A selecção dos documentos consultados e incluídos neste levantamento é resultado não apenas da bibliografia disponibilizada pelos catálogos dessas bibliotecas, como também, em casos pontuais, procedemos à análise de documentos suscitados pela leitura de informação bibliográfica cruzada de diversas obras consultadas.

A par da recolha bibliográfica propriamente dita, procedemos igualmente ao levantamento da iconografia considerada mais relevante publicada nos documentos analisados, tendo sido destacadas gravuras, ilustrações, desenhos, ou mesmo pinturas, mas também reproduções de cartazes e programas de festas e romarias e, com maior representatividade, fotografias. Tratando-se de um género de documentação de particular importância para as investigações nos domínios da etnografia e da antropologia, a sua análise e referência neste Roteiro constituiu-se, desde o primeiro momento, em metodologia assumida em articulação com a organização do próprio arquivo de imagem do Museu Regional do Oeste, com vista à identificação da iconografia de interesse etnográfico publicada sobre a região.

Encontrando-se o corpus principal de informação reunida neste roteiro organizado e distribuído pelos catorze concelhos que formam a Associação de Municípios do Oeste, optámos, contudo, por reunir em capítulo independente, designado por “A Região”, os casos em que os documentos consultados pareceram conter informações menos específicas ao nível de cada um dos concelhos, apontando para uma abordagem mais abrangente da região, ou devido à inexistência de quaisquer dados pormenorizados sobre um dos desses concelhos em particular. Pela mesma razão aí incluímos os casos das referências bibliográficas em que alguns ou mesmo todos os concelhos apareciam aí uniformemente abordados.

O facto de a informação publicada neste Roteiro se encontrar organizada geografica e administrativamente, correspondendo cada um dos seus capítulos aos concelhos que integram a Associação de Municípios do Oeste traduz uma clara opção: a de privilegiar os agentes e os grupos locais no processo de conhecimento do seu próprio território. Apenas por esta razão não utilizámos aqui a metodologia adoptada por Benjamim Pereira na *Bibliografia Analítica de Etnografia Portuguesa* (Instituto de Alta Cultura, 1965), importantíssimo marco no panorama dos estudos etnológicos em Portugal, cuja sistematização da bibliografia produzida sobre Portugal foi efectuada não de acordo com unidades geográficas, mas com um conjunto de temas específicos, tais como as festividades cíclicas, a vida individual, a vida social, a cultura material, entre muitos outros. No entanto, consideramos esta obra como um momento ímpar e inspirador do historial da bibliografia etnológica, que naturalmente influenciou o nosso percurso pessoal e profissional, e na qual este trabalho é também directamente inspirado.

Com vista à elaboração deste Roteiro efectuámos sistematicamente uma leitura transversal, contudo integral, dos documentos aqui referenciados, bem como o levantamento das questões principais analisadas em cada um, a estrutura dos seus capítulos, o peso que cada tema apresentava no cômputo global, e assim construímos cada análise de conteúdo, que se pretendeu também neutra e isenta de juízos valorativos. Tentámos ainda acautelar a maior homogeneidade possível quanto às análises de conteúdo efectuadas, tais como apontamentos históricos, geográficos, demográficos ou económicos, destacando obviamente com maior incidência os aspectos de carácter etnográfico.

Para cada concelho e, como tal, em cada capítulo deste livro, as referências bibliográficas encontram-se organizadas do seguinte modo: (1.) sequenciadas alfabeticamente, ora (1.1.) identificadas pelos apelido principal do seu autor (ou, no caso de vários autores, pelos seus apelidos principais), ora (1.2.) pelo título, no caso de se tratar de obra de autoria colectiva (ou cuja autoria principal se desconhece); (2.) a data de edição; (3.) o título, capítulo ou artigo de periódico (e inserção deste numa obra global); (4.) local de edição; (5.) editora ou impressor (ou paginação para os trabalhos de

menores dimensões). Quando a uma referência bibliográfica corresponde documentação iconográfica considerada relevante (gravuras, desenhos, fotografias, etc.), são indicados, sempre que possível os dados referentes à sua data, autoria, ou espólio a que pertence, sendo dado particular destaque às legendas dessas imagens.

Tal como qualquer sistematização bibliográfica, este Roteiro caracteriza-se pelo facto de se encontrar desactualizado logo no momento da sua impressão, por mais actualizações que nele tenham sido feitas até ao momento da sua paginação definitiva – e muitas o foram, a cada momento que tínhamos conhecimento de mais um livro publicado, de mais um catálogo de exposição num museu local, etc. –, não considerando, obviamente, e para além da consciente selecção de títulos de que ele resulta, as quase certas omissões – esperemos que escassas – que possam ter ocorrido. Por todas as razões acima enunciadas, este livro, entendido como um trabalho inacabado, permanentemente em aberto, apresenta no final de cada capítulo algumas páginas em branco, pautadas, que o próprio leitor poderá preencher, ora colmatando essas eventuais omissões, ora acrescentando títulos ulteriormente publicados, ora ainda estudos não considerados neste Roteiro, mas que o leitor considere essenciais para as suas pesquisas.

E permitimo-nos expressar aqui o nosso desejo de que as primeiras páginas em branco a ser preenchidas sejam precisamente aqueles anexos aos dos concelhos sobre os quais menos informação etnográfica foi produzida, de modo a que o acentuado, e por muitos motivos evidente, desequilíbrio quantitativo dos capítulos deste livro possa de algum modo ser atenuado. Assim como expressamos aqui o nosso desejo, resultado do nosso périplo pelas bibliotecas da região, e inspirado pela própria organização do Museu Regional do Oeste, de que projectos idênticos aos de que resultou este Roteiro possam ser promovidos e desenvolvidos relativamente a outros domínios de estudo, tais como a Arqueologia, a História, a Geografia ou as Ciências do Ambiente.

Agradecimentos

Desejamos agradecer, em primeiro lugar, a todos os bibliotecários das bibliotecas da região, aproveitando para partilhar algumas constatações em torno da ideia da função social das bibliotecas e da evidência da sua importância para as comunidades que servem, nomeadamente no que concerne às bibliotecas municipais e locais. Podemos observar que a maioria dos edifícios onde estão sediadas são novos e funcionais, e de ambiente de leitura agradável; em algumas delas planeava-se mesmo, a curto ou a médio prazo, a melhoria nas instalações que ocupavam. Contudo, é de salientar como, prevalecendo em muitos casos a escassez de recursos humanos, se apoiam os diferentes tipos de utilizadores, nomeadamente os infantis, de uma forma eficaz e notável, sugerindo e orientando leituras, realizando acções de animação e formação, aconselhando temas de estudo, ensinando a operar com as novas tecnologias da informação, ajudando a realizar as tarefas escolares, aqui se substituindo à própria família dos pequenos leitores.

Agradecemos o apoio prestado pelo Centro de Antropologia Cultural e Social à realização deste trabalho, bem como à administração da Associação de Municípios do Oeste, responsável pelo seu financiamento e edição. Um agradecimento também para o Dr. José Alberto Sardinha. As suas sempre bem vindas e oportunas informações bibliográficas, bem como a disponibilização da sua biblioteca pessoal foram-nos preciosas.

Uma palavra final para agradecer o convite que o Dr. Paulo Ferreira da Costa me dirigiu no sentido de integrar este Roteiro no programa editorial do Museu Regional do Oeste. Os seus conselhos e apoio foram inestimáveis para a realização deste trabalho.

Branca Rolão Morís
Dezembro de 2001





< Cisterna com cobertura em abóbada. A cruz que remata o topo da cisterna evidencia a importância que o armazenamento de água assumia tradicionalmente nestas terras calcárias do sopé da Serra dos Candeeiros. Casais de Santa Teresa, Alcobça, 1998.

Alcobaça

ABREU, Maurício de; FERNANDES, José Manuel. 1987. *O homem e o mar: o litoral português*, Lisboa, Círculo de Leitores

Integrado em capítulo intitulado *Póvoas de marítimos e pescadores – Estremadura*, faz-se uma referência de carácter histórico aos coutos de Alcobaça e à sua importância a nível agrícola. Utilização do porto de Alfeizerão, Salir e S. Martinho para movimento de mercadorias provenientes dos coutos. A lenda do lago recordada num painel de azulejos da capela de Santo António em S. Martinho do Porto (p. 82-84). Destaca-se uma foto legendada da autoria de Maurício de Abreu sobre a baía de S. Martinho do Porto (p. 83).

ABREU, Maurício; FERNANDES, José Manuel. 1994. *Serras de Portugal*, Lisboa, Círculo de Leitores

Referências às características geológicas das Serras de Aire e Candeeiros. O maciço calcáreo estremenho e as formações ímpares de algares, grutas, rios subterrâneos, vales. As razões do reduzido aproveitamento agrícola da região, a escassez de água e a sua infiltração nos solos. Os terrenos pedregosos e a prática de erguer muros de pedra solta. Destaque para duas fotografias de Maurício de Abreu, focando os muros característicos da região (p. 20), um pastor e as grutas (p. 22).

“**Alcobaça**”, *Grande Enciclopédia Portuguesa-Brasileira*, Lisboa, Editorial Enciclopédia, vol. 1, p. 798-805
Informações de carácter geral sobre o concelho e suas localidades

ALCOBAÇA E AS SUAS ÁGUAS MINERO-MEDICINAIS DA PIEDADE. 1928. Alcobaça, Tip. de António M. de Oliveira (Herdeiros)

O valor das águas termais da Piedade. Localização e acessibilidades. Outros pontos de interesse turístico. Uma análise químico-bacteriológica revelou a excelente qualidade das águas. Estabelecimentos hoteleiros existentes e meios de transporte disponíveis.

ALDEMIRA, Luis Varela. 1940. *Alcobaça ilustrada: um estudo crítico/programa, relatório e estampas*, Lisboa, Terceira Missão Estética de Férias

Algumas obras plásticas realizadas durante a Terceira Missão Estética de Férias (Alcobaça, 1939) referiram-se a Alcobaça e Nazaré. Foram tratados alguns aspectos patrimoniais, paisagísticos, etnográficos, conforme fotografias legendadas no final do trabalho.

ALMEIDA, António de. 1964. “**Museu de Alcobaça**”, *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa*, Lisboa, Tomo IX

A propósito de uma visita à região de Alcobaça, o autor, acompanhado por J. Vieira Natividade, toma novamente contacto com a colecção de objectos de índole arqueológica e etnográfica, recolhidos por M. Vieira Natividade, todos eles necessitando de instalações que os acolham. Fala-se da obra de Vieira Natividade, principais referências bibliográficas e assuntos abordados. O autor refere o local onde à época estava guardado o espólio das suas inúmeras investigações e a bibliografia de que dispunha, e novamente acentua a urgente conveniência em alojá-los condignamente. Anuncia o apoio da Academia das Ciências de Lisboa para a fundação do novo museu, mas lembra os encargos financeiros que uma obra deste tipo acarreta e a implicação que o Estado e a Fundação Calouste Gulbenkian poderão dar a esta causa.

- ALMEIDA, Carlos Casimiro de.** 1995. *Alfeizerão: apontamentos para a sua história*, Alfeizerão, Junta de Freguesia de Alfeizerão
Origem toponímica de Alfeizerão. Aspectos históricos: o período pré-árabe; os alvares da nacionalidade. Alfeizerão como porto de mar.
- ALMEIDA, Fausto de.** 1949. “Cerâmica e ceramistas portugueses”, *Ver e Crer*, n.º 52, p. 93-97
A velha Fábrica do Juncal em Alcobaça (fundada em 1770) de entre as fábricas de grande tradição cerâmica em Portugal. O autor refere também as modernas fábricas de cerâmica pintada à mão, e como exemplo as de Alcobaça.
- ANDRADE, A. M.** 1940. “As comemorações nos concelhos da província de Estremadura”, *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, p. 62-74
As comemorações do duplo centenário em Alcobaça (p. 64-65).
- ARRIAGA, Noel de.** 1962. *Alcobaça, Nazaré, Batalha, Leiria, Fátima*, Lisboa, Olisipo Editorial de Publicações Turísticas
Roteiro turístico de um itinerário de Lisboa a Alcobaça, Nazaré, Batalha, Leiria e Fátima. Aspectos históricos, paisagísticos e arquitectónicos relacionados com estes locais.
Anexo fotográfico sobre o património monumental.
- ATHAÍDE, Alfredo de.** [s/d]. “Trajo”, *A Arte Popular em Portugal*, vol. 3, Lisboa, Verbo, p. 171-255
Numa fotografia intitulada *Alcobaça*, de autoria desconhecida, surgem duas mulheres de capote, uma delas com uma canasta à cabeça (p. 247).
- BAPTISTA, Isabel Aldegundes da Silva.** 1942. *A bacia do Alcôa* (policopiado)
Dissertação de licenciatura em Ciências Geográficas na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Nas duas partes iniciais efectua-se um levantamento das condições naturais da região. Seguem-se-lhe os recursos do solo e sub-solo (a agricultura, os recursos hidrológicos). Evolução demográfica do concelho. As migrações.
- BARBOSA, Pedro Gomes.** 1992. *Povoamento e estrutura agrícola na Estremadura central: século XII a 1325*, Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica
Aspectos históricos relacionados com a fundação dos coutos de Alcobaça. A produção agrícola na região (património fundiário, localização das granjas cistercienses, locais de incultos, criação de gado). Outros tipos de património construído de cariz económico (moinhos, metalurgia, fornos de cal). Pesca e salinicultura (p. 137-151).
- BASTO, Cláudio.** 1916. “Nomes das ‘agulhas’ secas”, *Revista Lusitana*, vol. 19 (1-4), p. 258-269
Glossário de termos regionais, indicando diversas designações das agulhas secas de pinheiro. “Borganhiço” (termo de Turquel) (p. 260).
- BASTO, Cláudio.** 1920. “Medicina popular”, *Revista Lusitana*, vol. 23 (1-4), p. 96-103
Artigo dedicado a crenças e práticas relacionadas com a raiva. O lamber de sangue humano como causa da raiva nos cães em Turquel (p. 97). O autor reenvia para o vol. 20 da Revista Lusitana.
- BASTO, Cláudio.** 1934. “Sortes amorosas no S. João”, *Revista Lusitana*, vol. 32 (1-4), p. 161-233
Quadra popular referenciada por José Diogo Ribeiro em *Turquel Folclórico* (1931) alusiva ao S. João (p. 161).
- BECKFORD, William.** 1956. *Excursion a Alcobaça et Batalha*, Paris, Les Belles Lettres; Lisbonne, Bertrand
Edição bilingue inglês-francês. Impressões do autor por ocasião da sua estadia em Portugal, nomeadamente nas regiões de Alcobaça e Batalha, em finais do século XVIII, tendo resultado segundo o prefaciador de um misto de memória e imaginação. Inclui reprodução de uma carta corográfica de um geógrafo inglês do séc. XVIII com indicações das zonas da Estremadura por onde o autor terá passado durante a sua viagem e outras reproduções de gravuras da época de autores estrangeiros, com alusões a paisagens e costumes da região.
- BERNARDA, João da.** 2001. *A loiça de Alcobaça*, Porto, ASA
Catálogo de exposição patente no Museu Nacional do Azulejo (Outubro 2001 a Janeiro 2002). Estudo da faiança de Alcobaça enquadrando historicamente esta actividade no todo nacional e na própria região.

Caracterização da designada “loja de feira”. Aspectos tecnológicos da sua produção com recurso a terminologia específica. Num dos capítulos traça-se um perfil de cariz histórico de alguns estabelecimentos fabris da faiança alcobacense. Segue-se a particularização de alguns casos desde 1875 a 2000: José dos Reis, Manuel Ferreira da Bernarda, Olaria de Alcobaça e Raúl Ferreira da Bernarda. Analisam-se igualmente os factores de transformação ocorridos nesta actividade económica (sua reabilitação e adulteração). Efectua-se uma descrição pormenorizada das peças apresentadas. Acompanhando as fotografias, as legendas referem a designação da peça, uma breve caracterização da sua forma/função, medidas, número de inventário, colecção de pertença, fábrica e marca de oleiro/fábrica. Conclui com um glossário de termos, bibliografia temática, e localização das fábricas citadas no texto. Trata-se de uma obra profusamente ilustrada. As fotografias são de Jorge Ricardo. Alguns desenhos, gravuras e fotografias mais antigas não contêm indicação expressa da sua autoria.

BOBONE, Conde de. 1926. “**A Sociedade Pomológica Portuguesa: bases, fins da sua constituição e funcionamento**”, 2.º Congresso Nacional de Pomologia, Lisboa, Ministério da Agricultura
Comunicação apresentada em Alcobaça (1926).

O autor lembra a proposta do Prof. Joaquim Rasteiro para a criação de juntas regionais semelhantes à Junta de Reconstituição dos Pomares de Alcobaça, cujo papel fiscalizador pretendia manter a boa qualidade dos frutos produzidos.

Boletim da Junta de Província de Estremadura. 1939.

Brasão d'Armas de Alcobaça (p. 86).

Boletim da Junta de Província de Estremadura. 1947, n.º 14

Destaque para uma fotografia sem indicação de autor, mas intitulada “Costumes estremenhos – Moleiro de Alcobaça”(p. 125).

BONIFÁCIO, Luís. 1948. “**O Bário e a Cela: curiosas freguesias do concelho de Alcobaça**”, *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, n.º 18, p. 255-262

Principais edifícios religiosos das duas freguesias. A toponímia segundo Vieira Natividade. As festas de S.Gregório, padroeiro de Bário. Destacam-se algumas fotografias, sem indicação de autor, mostrando alguns moinhos do concelho (p. 259).

BRAGA, Teófilo. 1907. *Romanceiro geral portuguez*, vol. II, 2.ª ed., Lisboa, J. A. Rodrigues & C.ª

A Padeira de Aljubarrota inserida num ciclo de romances portugueses tradicionais e semi-literários (p. 347).

BRASIL, Jaime. [s/d]. “**Escultura**”, *A Arte Popular em Portugal*, Vol. 2, Lisboa, Verbo, p. 11-81

A implementação da escultura de barro enfeitado nos conjuntos tumulares medievais da Abadia de Alcobaça (p. 58-63).

BRITO, António Salustiano Lopes de. 1973. *Lar Residencial de Alcobaça: alguns indicadores para o estudo da assistência social aos idosos*, Lisboa, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas (policopiado)

Dissertação de licenciatura integrado no projecto *Mudança social em Portugal* (Instituto de Alta Cultura). Trabalho baseado em inquérito local destinado a obter informações sobre a imagem e a percepção de um lar de idosos em Alcobaça. Permite avaliar uma série de estereótipos e ideias pré-concebidas sobre o tipo de utentes e funcionários de um estabelecimento de assistência social, assim como das implicações que uma infra-estrutura destas características tem na comunidade. Reconhece-se igualmente a imagem do Lar transmitida nos órgãos de comunicação social local. Numa segunda parte do trabalho, efectua-se a caracterização do universo inquirido e analisam-se alguns juízos de valor e o tipo de conhecimento deste, assim como as reacções dos utilizadores do Lar à forma como o estabelecimento era referenciado pelos órgãos de comunicação social.

BRITO, Nogueira de. 1943. “**Alcobaça e as suas curiosas rocas**”, *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, n.º 1, p. 71-75

As rocas e a sua ornamentação no âmbito da arte pastoril portuguesa. Alusão aos estudiosos do tema como Vieira Natividade e dois exemplos de pastores que aprofundou. As rocas como oferta cerimonial. Motivos artísticos do naturalismo vegetal e animal.

BRITO, Soeiro de. 1887-89. “*Miscellanea*”, *Revista Lusitana*, vol. 1, p. 378-385

O autor descreve alguns aspectos etnográficos relativos aos carvoeiros da Estremadura e Alentejo. História ocorrida nas proximidades de Alcobaça entre um grupo de carvoeiros e o rei D. José (p. 385).

CALDEIRA, António Balbino. 1993. *Uma ideia para Alcobaça*, Alcobaça, imp. Tip. Alcobacense

Pequenas crónicas, escritas ao longo de 1992 e 1993, apresentando além de uma caracterização de vários aspectos do concelho, propostas para o desenvolvimento do concelho em várias frentes: ambiental, urbanística, educacional, industrial, associativa, agrícola, turística, museológica, comercial e desportiva. O autor identifica algumas forças que poderão dissociar a unidade do concelho e quais as interinfluências concelhias que se verificam em vários sectores. A elevação de Alcobaça a cidade: suas contingências e consequências. O caso do Lar Residencial: sua reconversão. A importância da formação profissional extra-empresarial. As instituições de ensino superior. Propostas de criação de núcleos museológicos.

CALIXTO, Tito Lívio Garcia. 1972. “*Cerâmica de Alcobaça: algumas marcas e datas*”, *Arquivos do Centro Cultural Português*, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian

História da cerâmica desde a época dos coutos de Alcobaça. Referências em documentação de carácter histórico. O Mosteiro e a arte cerâmica. Fotografias de peças de cariz religioso e decorativo da colecção do autor, por António Saraiva Sequeira. Cerâmica recente. Artistas e fábricas. *Algumas marcas e datas*.

CAMPAGNOLO, Maria Olímpia Lameiras; CAMPAGNOLO, Henri. 1996. “*Uma forma renovada de entidade museal: uma rede de núcleos na área dos coutos cistercienses de Alcobaça*”, *Actas do 1.º Seminário do Património da Região Oeste*, Caldas da Rainha, Património Histórico, p. 252-266

Segundo os autores, defende-se a hipótese de criação de um museu de Alcobaça, articulando uma rede de núcleos museais com a figura do “museu-monumento”. Esta articulação aprofundaria a compreensão das relações entre a abadia cisterciense e a região dos coutos de Alcobaça, que ainda hoje são sem sombra de dúvida, um dos principais suportes da produção material e simbólica da região.

CAMPAGNOLO, Maria Olímpia Lameiras; BRANCO, António Sanches; MENDONÇA, A. Carlos; MONTEIRO, João Oliva. 1996. “*Continuar Cister: conhecer, memorizar, compartilhar os valores patrimoniais dos coutos cistercienses*”, *Espaços*, n.º 1, Alcobaça, ADEPA, p. 40-51

A relação histórica de Alcobaça com a sua abadia. Pretende-se analisar qual será a melhor estratégia de implementação de uma entidade museal que encerrasse em si a unidade que constituiu a região dos coutos de Alcobaça. A criação de uma rede de núcleos associados ao Museu de Alcobaça, é a figura que melhor se enquadra neste tipo de propósitos. Detectam-se quais os agentes que podem potenciar e coordenar uma intervenção deste teor na comunidade. Caracterização dos vários núcleos pertinentes. O artigo termina com fotografias dos vários núcleos referidos no texto.

CARDOSO, Carlos Lopes. 1979. “*Moringues: algumas questões linguísticas e morfológicas*”, *Boletim Cultural da Junta Distrital de Lisboa*, n.º 85, p.181-259

Comunicação apresentada no Museu José Malhoa sobre cerâmica das Caldas da Rainha, por ocasião da Expo Caldas 77. As bilhas designadas moringues. Apresentação de fotografia de uma das peças referidas no texto, adquirida no Porto em 1971 (p. 242).

CARDOSO, Jorge Manuel Vieira. 1999. *O património edificado na caracterização do Parque Natural das serras de Aire e Candeeiros: reflexão para a preservação da identidade da paisagem*, Lisboa, Universidade Técnica de Lisboa (policopiado)

Dissertação de mestrado em Planeamento Regional e Urbano. Indicação das principais fontes consultadas. O conceito de parque natural e a situação das áreas protegidas em Portugal. O caso das serras de Aire e Candeeiros. Aspectos históricos, caracterização física, climática, demográfica, económica, recursos urbanísticos, a arquitectura. Aprofundam-se as questões arquitectónicas (as construções: aspectos gerais, técnicas, processos e elementos construtivos diversos, as cores). No mesmo sentido, o autor estabelece o que designa por “guião de referência” para apoio à construção de edifícios naquela área protegida. Trabalho profusamente ilustrado com plantas e cortes de diversos exemplos de arquitectura local. Inclui um conjunto de fotografias legendadas, possivelmente do autor.

- CARDOSO, Nuno Catharino.** 1944. “Armas municipais do distrito de Leiria e a evolução que sofreram”, *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, n.º 8, p.127-134
 Descrição dos vários elementos constituintes das armas antigas e das armas, à data da edição do artigo. Listagem alfabética dos elementos integrantes. Reproduções de alguns brasões d’armas sem indicação de proveniência.
- CARVALHO, Alberto Santos.** 1950. “Alguns aspectos dos valores de Alcobaça e seu concelho”, 2.º Congresso das *Actividades do Distrito de Leiria*, Leiria, Casa do Distrito de Leiria, p. 65-73
 Focam-se alguns estabelecimentos comerciais e industriais do concelho. Destaque para a *Companhia de Fiação e Tecidos de Alcobaça* e *Louça Artística de Alcobaça*. Fundadores, datas de fundação, volume de operários e tipo de produção. As *Águas da Piedade* e seus efeitos terapêuticos e a praia de S. Martinho do Porto, sob o ponto de vista de potencialidade turística. A produção vinícola. As instituições de assistência social.
- CAVACO, Carminda.** 1992. *Portugal rural: da tradição ao moderno*, Lisboa, Direcção Geral de Planeamento e Agricultura
 A opinião de Orlando Ribeiro sobre a região dos relevos calcáreos (serras de Aire, Candeeiros e Montejuento) (p. 96). As culturas pomaríferas (cerejas, pessegos, ameixas e alperces) da região das Caldas da Rainha a Alcobaça (p. 99). Os campos de experimentação frutícola. Investimentos nas construções de tipo agrícola nalgumas plantações de Alcobaça (p. 101). Algumas características do Parque Natural das Serras de Aire e Candeeiros (p. 101). Destaque para fotografia de J. M. Simões sobre o aproveitamento do solo para utilização agrícola no planalto de Santo António (p. 97).
- “Os centenários: a Estremadura e as suas festas na cidade das Caldas da Rainha”. 1939. *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, p. 23
 Destaque de fotografia, sem indicação de autor, onde figura o castelo de Alcobaça, num padrão, de entre o conjunto de castelos portugueses (1940), por ocasião da Exposição do Mundo Português.
- CERÂMICA DE ALCOBAÇA: DUAS GERAÇÕES.** 1992. Alcobaça, Museu de Alcobaça
 Catálogo de uma exposição coordenada por Maria Augusta Trindade Ferreira, com textos de Jorge A. F. Ferreira Sampaio e Raul J. Silveira da Bernarda. Retrospectiva da cerâmica decorativa alcobacense. Tecnologias relacionadas com a arte da olaria. Aspectos históricos relacionados com a cerâmica local. A produção das diversas fábricas. Apresentação de diversos exemplos: estilos, artistas, formas. O catálogo culmina com a reprodução das principais marcas de fábricas e siglas de pintores. As fotografias que acompanham o catálogo são da autoria de Henrique Fernandes Ruas.
- CHAVES, Luís.** 1938. “Pantomimas, danças e bailados populares”, *Revista Lusitana*, vol. 36 (1-4), p. 218-235
 Breve referência às fogaceiras de Alcobaça (p. 229).
- CHAVES, Luís.** 1943. “Cruzeiros e pelourinhos estremenhos”, *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, n.º 2, p. 149-154
 Refere-se a existência de pelourinho em Turquel, Maiorga e Santa Catarina da Serra.
- COELHO, Adolpho.** 1993. *Obra etnográfica I: festas, costumes e outros materiais para uma etnologia de Portugal*, Lisboa, Dom Quixote
 Práticas masculinas associadas ao dia de Todos-os-Santos na vila de Alpedriz (o pedido da esmola aos lavradores mais abastados) (p. 318). Superstições relacionadas com interditos quaresmais (p. 302). Relatos de Frei Bernardo de Brito em *Elogios dos Reis de Portugal* sobre almas penadas entre os monges do Mosteiro. O autor preconiza uma Exposição Etnográfica Portuguesa, propondo numa das áreas temáticas (Jogos e belas-artes populares infantis. A escrita) a apresentação de sinais lagareiros recolhidos em Alcobaça, como elementos populares da escrita (p.733).
- COELHO, Adolfo.** 2000. *Digressões gastronómicas no país das uvas*, [Lisboa], Publicações Chaves Ferreira
 Compilação de textos do autor, originalmente integrando a publicação *Informação Vinícola* (1938-1939), propriedade da Junta Nacional do Vinho, a convite de António Batalha Reis. Os artigos referem-se ao enquadramento paisagístico e económico de vários concelhos do país, nomeadamente da região oeste. O trabalho inclui igualmente um conjunto de fotografias recolhidas, segundo a nota introdutória, pelo Serviço de

Informação da Junta Nacional do Vinho. Estas não se encontram legendadas, nem contextualizadas, mas referem-se possivelmente ao período no qual a *Informação Vinícola* foi publicada (1938-62). Informação sobre Alcobaça (p. 51-55).

COMO TRAJAVA O POVO PORTUGUÊS. 1991. Lisboa, INATEL

Catálogo de exposição realizada no âmbito do 5.º Festival Internacional de Folclore. O traje nas Caldas, Óbidos, Bombarral, Torres Vedras e Alcobaça.

CORREIA, J. Diogo. 1956. “**Toponímia estremenha**”, *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, n.º 41-42-43, p. 37-45

Origem etimológica de um lugar da freguesia de Cela designado Melgaço (p.43).

CORREIA, Vergílio. 1917. “**O carro rural português**”, *A Terra Portuguesa*, n.º 21-23, p. 193-208

Referência a descrições do carro estremenho na obra de artistas estrangeiros, em documentos sobre Portugal, dando o exemplo de *Alcobaça and Batalha* de W. Beckford (p. 201-207).

COSTA, Alexandre Carvalho. 1966. “**Lendas, historietas, etimologias populares e outras etimologias respeitantes às cidades, vilas, aldeias e lugares de Portugal continental II**”, *Boletim Cultural da Junta Distrital de Lisboa*, n.º 65-66, p.233-303

Origem etimológica de Alfeizerão (p.250).

COSTA, Alexandre Carvalho. 1967. “**Lendas, historietas, etimologias populares e outras etimologias respeitantes às cidades, vilas, aldeias e lugares de Portugal continental**”, *Boletim Cultural da Junta Distrital de Lisboa*, n.º 67-68, p.275-328

Origem etimológica de Bárrio (p.286) e Benedita (p.300-301) de acordo com uma referência de Guilherme Felgueiras, publicada em 1950, neste mesmo Boletim (n.º 23, p. 99-100).

COSTA, Alexandre Carvalho. 1968. “**Lendas, historietas, etimologias populares e outras etimologias respeitantes às cidades, vilas, aldeias e lugares de Portugal continental**”, *Boletim da Junta Distrital de Lisboa*, n.º 69-70, p. 149-270

Origem etimológica do monte de Cabeço de Louco (p.154).

COSTA, Jorge Felner da. 1958. “**O problema regional de turismo das Caldas da Rainha**”, *Perspectivas do Turismo Regional*, Caldas da Rainha, [Museu Provincial José Malhoa]

A hipótese de criação da Região de Turismo das Caldas da Rainha e quais os concelhos a integrá-la (Óbidos, Peniche, Nazaré, Alcobaça e Bombarral).

DIAS, Jorge. 1969. “**Occatio**”, *Revista de Etnografia*, n.º 24, p. 275-293

Utilização do maço de desterroar no concelho de Alcobaça (p. 286-288). Destaque para algumas fotografias onde surgem mulheres a desterroarem com os maços (Benedita) (p. 285). Apresentação do desenho de autor não identificado, de um maço de desterroar (p. 287).

EÇA, Maria Natália Almeida d’. 1995. *Roteiro artesão português: Estremadura*, Porto, ed. do autor

Roteiro das artes e ofícios tradicionais existentes na Estremadura e organizado por concelhos. Inúmeras fotografias retratando interiores das oficinas, peças, matéria-prima, os artesãos a trabalhar. Referências aos nomes dos artesãos e contactos dos seus locais de trabalho.

ESPAÇOS, Alcobaça, Associação para a Defesa e Valorização do Património Cultural da Região de Alcobaça, n.º 1

Inclui fotografias de índole etnográfica de várias colecções como é o caso da A.D.E.P.A e Casa da Cultura de Pataias.

ESTREMADURA. [s/d.]. Lisboa, Livraria Bertrand

Trechos compilados por Urbano Tavares Rodrigues. O Mosteiro de Alcobaça segundo Manuel Teixeira Gomes. Descrição do tipo arquitectónico (p. 88-90) e de acordo com a obra de Luiz Forjaz Trigueiros (p. 205-208). J. Vieira Natividade faz algumas referências aos monges agrónomos do Mosteiro (p. 160-161) e discorre sobre alguns aspectos históricos da região e sobre a serra dos Candeeiros, nomeadamente no que diz respeito à

agricultura dos coutos (p. 163-165). Retomam-se alguns aspectos da história dos monges de Alcobaça, segundo os estudos do Padre Mário Martins (p. 168-169).

- EVANGELISTA, João.** 1962. *A-dos-Negros: uma aldeia da Estremadura*, Lisboa, Centro de Estudos Geográficos
Monografia na área da geografia humana, sobre uma aldeia do concelho de Óbidos. Demonstram-se algumas causas para o êxodo rural e dão-se exemplos de migrações sazonais de carácter laboral (para a cava da vinha vinham pessoas de Famalicão da Nazaré e Cela do concelho de Alcobaça – os *malteses*).
- FEIO, Paulo Areosa.** 1996. **“Uma perspectiva sobre a fileira da cerâmica: dinâmicas territoriais e formas de internacionalização”**, *Sociedade e Território*, n.º 23, p. 106-114
A cerâmica no quadro produtivo nacional. O caso das Caldas e Alcobaça como os dois pólos mais importantes da zona centro, e de tradição antiga, contudo possuindo já dinâmicas inovadoras empresariais e em acentuado crescimento.
- FELGUEIRAS, Guilherme.** 1939. **“O traje regional estremenho”**, *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, p. 39-43
Descrição de vários aspectos do traje e acessórios tradicionais da Estremadura. Indicação de regionalismos relacionados com o tema.
- FELGUEIRAS, Guilherme.** 1939. **“Miscelânea”**, *Revista Lusitana*, vol. 37 (1-4), p. 300-313
Ao salientar um conjunto de práticas ligadas ao fabrico do pão, o autor refere alguns apontamentos recolhidos em Turquel (p. 301, 304 e 307).
- FELGUEIRAS, Guilherme.** 1947. **“O estudo da literatura popular e das tradições orais estremenhas”**, *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, n.º 14, p. 127-139
Cita-se J. Diogo Ribeiro como referenciador de algumas práticas relacionadas com o casamento (o acto de ir buscar a noiva a casa dos seus pais). Apresentação de quadras relativas aos santos populares em Turquel; cantigas dos ranchos de azeitona e quadras religiosas em Vestiaria e Turquel. Rífões relacionados com os meses do ano.
- FELGUEIRAS, Guilherme.** 1948. **“O estudo da literatura popular e das tradições orais estremenhas”**, *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, n.º 18, p. 289-299
A *Serração da Velha* como prática comum em Turquel conforme referido por J. Diogo Ribeiro. Apresentação de alguns elementos participantes no cortejo (forma como a figura da velha vai vestida; leitura do testamento; consumo de castanha; *zurzir* as crianças com paus de vime). Referências das mesmas práticas em Moita de Pataias. Também se alude à existência de um grupo de rapazes tocando instrumentos musicais e fazendo um grande alarido (p. 295-296).
- FELGUEIRAS, Guilherme.** 1948. **“O estudo da literatura popular e das tradições orais estremenhas: romanceiro estremenho V”**, *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, n.º 19, p. 409-423
Transcrição do romance de aventuras *A Infanta Castigada* segundo uma versão recolhida em Vestiaria. Quadras do cancionero popular. Cantigas ao despique. Interpretações da tradição popular em relação ao som dos sinos de igrejas de diversas aldeias do concelho.
- FELGUEIRAS, Guilherme.** 1949. **“O estudo da literatura popular e das tradições orais estremenhas VI”**, *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, n.º 22, p. 395-404
Quadras do cancionero popular (Vestiaria); adivinhas (Maiorga).
- FELGUEIRAS, Guilherme.** 1950. **“O estudo da literatura popular e das tradições orais estremenhas VII”**, *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, n.º 23, p. 95-102
Relata-se a lenda da fundação da igreja da Benedita e da fundação de Alcobaça como exemplos de lendas de cariz religioso, histórico e cavalheiresco. No caso de Alcobaça trata-se de uma versão recolhida em Turquel.
- FELGUEIRAS, Guilherme.** 1950. **“O estudo da literatura popular e das tradições orais estremenhas VIII”**, *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, n.º 24-25, p. 365-396
Uma adivinha numa versão de Vestiaria (p. 375). Quadras do cancionero popular de Vestiaria (p. 380-383) e Turquel (p. 385-387).

- FELIZARDO, Casimiro Maria.** 1989. *Benedita, quem me dera*, Porto de Mós, imp. Santos & Costa
Compilação de relatos, crenças, práticas e tecnologias relacionadas com a freguesia da Benedita. Aspectos arquitectónicos, a celebração das festividades. Alusão a algumas mudanças nas tecnologias tradicionais (electrificação dos moinhos por exemplo). Inúmeras fotografias antigas e recentes, legendadas e algumas mesmo datadas, contudo sem informação da sua autoria.
- FERREIRA, A. Martins.** 1962. “S. Martinho do Porto que os ribatejanos frequentam na época balnear”, *Vida Ribatejana*, n.º especial, p. 159
Visão jornalística das potencialidades turísticas da praia de S. Martinho do Porto.
- FESTAS EM HONRA DE SANTO ANTÓNIO.** 1995. [s/l.], [s/n.]
Programa das festas de Santo António em S. Martinho do Porto (Junho 1995). História da povoação de S. Martinho do Porto. A lenda do Lago a propósito da calma do mar frente à povoação. Outros edifícios de cariz religioso na freguesia. Diversos anúncios de estabelecimentos comerciais e industriais da região. Apresenta-se a fotografia da capela de Santo António.
- FILGUEIRAS, Octávio Lixa.** [s/d]. “*Barcos*”, *A Arte Popular em Portugal*, vol. 3, Lisboa, Verbo, p. 341-403
Os barcos, netas e lanchinhas da Nazaré e S. Martinho do Porto (p. 383-385), assim como os barcos de fundo chato (lanchinhas p. 398).
- FILGUEIRAS, Octávio Lixa.** 1980. “*Barcos de pesca de Portugal*”, *Revista da Universidade de Coimbra*, Coimbra, vol. 28, p. 343-426
Caracterização do porto de pesca de S. Martinho do Porto.
- GALLOP, Rodney.** 1961. *Portugal: a book of folkways*, Cambridge, Cambridge University Press
Lenda de moura encantada recolhida em Turquel (p. 78). Apresentação de várias fotografias do autor e ilustrações de Marjorie Gallop.
- GANDRA, Manuel J.** 1996. “Os Círios ou aspectos do culto da Grande Deusa na Estremadura”, *Jornadas sobre Cultura Saloia*, Loures, Câmara Municipal de Loures, p. 85-119
Integração das localidades de Bário (Cela), Casal do Paido (Alfeizerão) e Macarca no círio de Santa Susana em Famalicão da Nazaré (p. 111). Indicação da existência de um círio em Turquel (p. 111). Círio de Santa Rita em Pataias (p. 111).
- GARCIA, Eduíno Borges.** 1966. “Etnografia da Região dos Coutos de Alcobaça - I: bênçãos de gado - Festas de Santa Susana em Famalicão da Nazaré”, *Ethnos*, vol. V, p. 299-312
(ver GARCIA, Eduíno Borges. 1970).
- GARCIA, Eduíno Borges.** 1969. “Etnografia da Região dos Coutos de Alcobaça – Santa Susana, Padroeira do gado nos Coutos de Alcobaça”, *Ethnos*, vol. VI, p. 159-194.
(ver GARCIA, Eduíno Borges. 1970).
- GARCIA, Eduíno Borges.** 1970. “Descoberta e estudo de imagens religiosas em S. Gião, Famalicão da Nazaré e Alfeizerão (Estremadura)”, *Actas das I Jornadas Arqueológicas*, Lisboa, p. 1-28
Estudo e caracterização de imagens religiosas surgidas em escavações arqueológicas em diversos templos nos concelhos de Alcobaça e Nazaré. Anexo fotográfico das imagens e dos santuários onde foram encontradas.
- GARCIA, Eduíno Borges.** 1970. *Santa Susana, padroeira do gado nos coutos de Alcobaça*, Lisboa, ed. de autor
Corresponde, com ligeiras adaptações, ao artigo publicado nos vols. V e VI da revista *Ethnos*. Aspectos etnográficos relacionados com práticas nas quais intervém o gado (bençãos). Santa Susana como santa padroeira, protectora do gado. Os festejos dedicados a Santa Susana em Turquel (fases e participantes). Identificação da origem histórica destas festas na região dos coutos de Alcobaça. Reprodução de cartaz das festas de 1967.

GARCIA, Eduíno Borges. 1976. *Sugestões práticas para o estudo etnográfico das alfaias agrícolas nos coutos de Alcobaça*, Alcobaça, [s/n] (policopiado)

O autor apresenta a metodologia a seguir, por alunos do ensino secundário, para a implementação de um inquérito para apurar informações sobre as actividades agrícolas na região dos coutos de Alcobaça. O trabalho é dividido em duas grandes partes intituladas: perspectiva antropológica da agricultura e estudo etnográfico das alfaias agrícolas. Em primeiro lugar aborda-se a actividade agrícola nas diversas épocas da história do Homem e sua articulação com as outras actividades humanas (caça, domesticação animal). A utilização de alfaias agrícolas. A agricultura na região antes, durante e depois do período cisterciense. Principais produções e construções agrícolas, anexos e sistemas de conservação e armazenagem de água. A habitação rural. Na segunda parte explicitam-se mais longamente alguns conceitos sobre alfaias utilizadas nas actividades agrícolas na região, articulando a sua caracterização com a implementação do inquérito. Este estudo toma assim alguns contornos de cariz metodológico (e mesmo didáctico), propondo pistas de orientação e de análise do terreno onde se procederá à aplicação do inquérito (ficha de cultivo). Destaque para elementos relativos a algumas tarefas agrícolas a observar (e registar), tipo de plantas existentes, utilização dos produtos agrícolas, sistemas de mobilização da terra. Apresenta-se uma classificação das alfaias, indicando a sua designação específica, função principal, desenhos respectivos e normas de preenchimento das fichas. Em seguida, estabelece algumas regras a cumprir na aplicação do inquérito no terreno, principais actividades e produções a abordar e o material a usar nas recolhas a efectuar.

GARCIA, Eduíno Borges. 1978. “A medicina popular, o museu e a escola”, *Boletim da Associação para a Defesa do Património Cultural da Região de Alcobaça*, n.º 1, p. 14-18

O conceito de medicina popular em vários autores (Leite de Vasconcelos, Luís de Pina). Fontes históricas: almanaques, reportórios e lunários (Pedro Hispano e Arnaldo de Vilanova). O ramo da etnomedicina e os estudos etnográficos. A presença da medicina popular em museus. Exemplos de objectos e crenças relacionados com a medicina popular (amuletos, objectos de carácter religioso), adagiário. Alusão ao projecto de criação do Museu dos Coutos de Alcobaça com o apoio de estudantes da escola secundária.

GARCIA, Eduíno Borges. 1978. “O problema da água no espaço físico e humano da região dos coutos de Alcobaça”, *Actas do I Congresso Internacional para a Defesa e Investigação do Património*, Alcobaça, Associação para a Defesa e Valorização do Património da Região de Alcobaça, p. 389-392

Esboço de um programa provisório para o estudo do problema da água na região dos coutos de Alcobaça. Os aspectos físicos, hidrográficos, humanos, tecnológicos e económicos deste elemento. Indicação das principais fontes de abastecimento, acessórios correlacionados (terminologia e funções), os engenhos de elevar água. O problema da poluição. Histórias, adagiário, crenças e toponímia que dizem respeito à água.

GARCIA, Eduíno Borges. 1978. “Proposta de um esquema de organização para o futuro Museu de Alcobaça”, *Actas do Congresso Internacional para a Investigação e Defesa do Património de Alcobaça*, Alcobaça, Associação para a Defesa e Valorização do Património Cultural da Região de Alcobaça, p. 299-318

Razões da necessidade de criação de um museu da região em Alcobaça. Enumeram-se os objectivos do museu, conteúdos, possível localização, formas de funcionamento, gestão administrativa. Inclui uma secção sobre a Etnografia, na qual explicita alguns elementos a considerar e a aprofundar (p. 306). Conclui com uma lista onde esquematiza a organização do espólio a integrar no futuro museu. Inclui algumas fotografias de áreas a preservar fora do âmbito físico das portas do Museu, como é o caso de um espigueiro em Póvoa de Cós (p. 317).

GARCIA, Eduíno Borges. 1986. “A área cultural de Alcobaça”, *Revista História*, Lisboa, n.º 95, p. 50-66

Último trabalho escrito do autor. Introdução de carácter histórico para uma definição da área cultural de Alcobaça. Os primórdios da agricultura e da cerâmica na região, de acordo com o espólio arqueológico encontrado. A técnica de construção em falsa cúpula. Inscrições em esteios de pedra. A importância da toponímia. Os diversos períodos de ocupação (romano, visigótico e árabe). O estabelecimento da Ordem de Cister e a colonização agrícola da região. Introdução de alfaias e técnicas agrícolas e pecuárias nos coutos de Alcobaça. O recurso à energia hidráulica. O uso do ferro. Inovação e progresso na economia local: elementos da tradição cisterciense (azenhas, cutelaria, a oliveira, os pomares, valor dos campos) e elementos de origem diversa (poços e eiras de poço, o milho, os espigueiros, as eiras, alguns ofícios). O configurar da mudança: locais e razões. A definição da área cultural da região de Alcobaça. Diversos desenhos de eiras do lugar de Carvalhal (Turquel) e de um pote para armazenamento de vinho, da autoria de Luís Carlos (p. 52-57; 63). Outros desenhos referem-se a um trilho (p. 59) e a mobiliário de cozinha (Casal do Rei p. 61).

- GIACOMETTI, Michel.** 1981. *Cancioneiro popular português*, Lisboa, Círculo de Leitores
Trabalho realizado em colaboração com o compositor Fernando Lopes Graça. Apresentação da letra e transcrição musical de: *Ó lô, ó lô, ó lô* (cantiga de boieiro) recolhida na região de Turquel (p. 143; nota p. 317); *Meu rico Senhor da Pedra* (cantiga de boieiro) recolhida na região de Alcobaça (p. 144; nota p. 317); *Fandangos* recolhida em Ataija (p. 219-220; nota p. 325); *Música de arraial*, recolhida em Ataija (p. 221-222; nota p. 325).
- GOUVEIA, Horácio Bento de.** 1936. *Alcobaça monumental touristique*, Alcobaça, Comissão de Iniciativa e Turismo
Pequeno roteiro turístico do concelho. Edição trilingue (português-francês-inglês). As ilustrações apresentadas são de Santos Figueira, destacando-se alguns aspectos do traje, olaria e arquitectura tradicional.
- GUIMARÃES, Vieira.** [1929]. “*A Estremadura*”, *Portugal: Exposição Portuguesa em Sevilha*, p. 5-43
Alcobaça e o Mosteiro (p. 18-21). Descrição da paisagem envolvente das estações dos caminhos-de-ferro de Celas e de Nazaré- Valado-Alcobaça (p. 42).
- INSTITUTO NOSSA SENHORA DA ENCARNAÇÃO 25.º ANIVERSÁRIO: EXTERNATO COOPERATIVO DA BENEDITA.** 1990. Benedita, Instituto N.º Sr.ª da Encarnação
A propósito do 25.º aniversário da fundação desta cooperativa de ensino, realizou-se uma pequena mostra etnográfica (1986) no âmbito da formação de professores, visando expôr alguns ofícios tradicionais em desuso (sapateiro, habitação tradicional e mobiliário, fição e tecelagem). Fotografias da mostra.
- LAMAS, Maria.** 1948. *As mulheres do meu país*, Lisboa, Actuális, p. 277-300
Destaque para uma fotografia de Serra Ribeiro do mercado semanal de Alcobaça (p. 279).
- LEÇA, Armando.** 1946. “*Do cancioneiro músico-estremenho V*”, *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, n.º 12, p. 215-234
Transcrição musical de loa associada ao círio da Senhora da Nazaré. O cancioneiro recolhido por José Diogo Correia, colaborador de Vieira Natividade (cânticos sacros, romance da alma, embalo, Sr.ª das Dores, S. João). Outros exemplos referentes ao concelho de Alcobaça (gaiteiros, viras, reinadios e bailaricos).
- LEÇA, Armando.** 1964. “*Motivos ensoados pelo povo: amor, amoricos X*”, *Boletim Cultural da Junta Distrital de Lisboa*, n.º 61-62, p. 319-336
Quadra de temática amorosa recolhida em Turquel (p. 331).
- LEIRIA: TERRA DE PROGRESSO E INICIATIVA.** 1999. Leiria, NERLEI
Trabalho organizado por Francisco J. Mafrá retrata os vários concelhos do distrito com base em estatísticas do I.N.E. (1996). Dados gerais sobre agricultura, pecuária, silvicultura e pesca, indústria, comércio e serviços, turismo e infra-estruturas de apoio.
- LIMA, Rui de Abreu de.** 2000. *Artesanato tradicional português: VI – Beiras e Centro de Portugal*, Lisboa, ed. do autor
Identificação dos principais ofícios tradicionais do concelho.
- O LINHO EM PORTUGAL: SUBSÍDIOS PARA O FOMENTO DA SUA CULTURA.** 1943. Lisboa, Direcção-Geral dos Serviços Agrícolas
Apresentação dos resultados do inquérito de 1940 às zonas do país onde se cultiva o linho (área ocupada; n.º de teares; tipo de planta).
- LOPES, David.** 1921-22. “*Toponímia árabe de Portugal*”, *Revista Lusitana*, vol. 24 (1-4), p. 257-273
Origem toponímica árabe da povoação de Alfeizerão (p. 259).
- LOUREIRO, Adolfo.** 1904. *Os portos marítimos em Portugal e ilhas adjacentes*, vol. 2, Lisboa, Imprensa Nacional
Aspectos históricos relacionados com a costa portuguesa. O porto de S. Martinho. Suas características naturais, hidrográficas e meteorológicas (p. 277-288). As obras do porto (projectos de diversos responsáveis). O movimento comercial (produtos transaccionados, número de navios, tripulação).

LUDOVICE, Lúcia da Conceição. 1951. "Subsídios para o estudo do cancionero popular alenquerense III", *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, n.º 27-28, p.201-207

Destaque para duas fotografias, a primeira, de Luís Bonifácio, retratando um boieiro em Bárrio, a segunda, de Joaquim Vieira Natividade, apresenta um aspecto do abastecimento de água na Lagoa Ruiva, em Ataija.

MACHADO, José Luís. 1980. *Tempo imemorial: Benedita e a sua história*, Benedita, ed. de autor

Apreciação da freguesia nos seus aspectos históricos, geográficos, demográficos e toponímicos. A lenda de N.ª Sr.ª a Benedita. O património religioso e artístico. Levantamento da arte sacra. Anexo fotográfico sobre igrejas da freguesia e arte sacra em geral.

MADURO, António Valério; PEREIRA, Maria da Trindade Silva F. 1993. *A água, a serra e os homens: gestão da água no espaço humano e geográfico da serra dos Candeeiros*, Lisboa, Estação Produções Ld.ª

Caracterização climática, geomorfológica e hidrográfica da região (p. 17-22). Tipologia regional dos edifícios relacionados com o processo de captação e armazenamento de água (p. 23-28). Sistemas de elevação de águas. O uso da água: ofícios e tarefas (p. 29-38). A posse da água (p. 39-41). O transporte da água para consumo doméstico (p. 42-46). A água e o imaginário popular (p. 47-52). Inventário das fontes, poços públicos e lagoas. Balanço hídrico, bacias hidrográficas, divisão administrativa e zonas orohidrográfico-geológicas (p. 57-65). Apresentação das fichas de trabalho lançadas aos informantes para recolha de informação sobre a gestão da água pelas comunidades rurais da região (p. 67-75) e de fotografias da autoria de António Valério Maduro e Joaquim Maurício Pereira.

MADURO, António Valério. 1996. "Cisternas e poços no sopé da Serra dos Candeeiros", *Espaços ADEPA Revista de Património*, n.º 1, p. 55-60

A problemática da água tem implicações em todos os domínios da vida das comunidades da Serra dos Candeeiros. O autor descreve pormenorizadamente o património construído associado ao aprisionamento dos recursos hídricos, estabelecendo uma tipologia e especificando as técnicas de construção utilizadas e a função que desempenham. O artigo é acompanhado de diversos desenhos dos exemplos descritos.

MADURO, António Valério. 1997. *O problema da água na serra dos Candeeiros*, Alcobaça, ADEPA

Partindo de uma contextualização geomorfológica, hidrográfica, climática, histórica e económica da região, o autor efectuou um completo levantamento das problemáticas relacionadas com a captação, armazenagem, posse, pesquisa, consumo e comercialização da água na região da serra dos Candeeiros. Não foram esquecidos, elementos associados à construção de locais de armazenagem da água, acessórios e engenhos com o objectivo de a elevar. A construção de uma tipologia de construções deste tipo beneficia a compreensão desta temática. Importantes referências retomam o problema das questões sociais, conflitualidade e formas de acessibilidade a este bem tão importante para as populações. O trabalho conclui com um glossário de terminologia específica, bibliografia, fichas de trabalho de campo (aplicadas a diferentes tipos de informantes), índice de mapas e fotografias com pormenorização dos elementos constantes no texto.

MADURO, António Valério. 2000. *O problema da água na cultura material e simbólica das comunidades do sopé oeste da serra dos Candeeiros*, Lisboa, ed. de autor (policopiado)

Dissertação de mestrado em Espaço Lusófono: Cultura, Economia e Política, da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. O autor incide a sua investigação nas tecnologias associadas ao armazenamento e gestão dos recursos hídricos da região localizada no sopé oeste da serra dos Candeeiros e na necessidade, sentida desde sempre pelos seus habitantes, em constituir reservas para seu usufruto quotidiano. Caracterizam-se as actividades de produção na região e consequentes interrelações sociais, apresenta-se uma tipologia das construções associadas ao armazenamento de água, sua localização, artefactos específicos, difusão, cronologias e explica-se a componente tecnológica e material deste tipo de edifícios. É analisado um factor importante, como o da transição de uma apropriação comunitária da água para a esfera do domínio privado e o surgimento de diversas situações de conflito aliadas a este fenómeno, bem como a necessidade de estabelecimento de contratos de abastecimento daquele precioso bem. A água no quotidiano da população (sistemas de transporte, itinerários para a sua obtenção). As principais mudanças ocorridas na agricultura (abandono das formas de exploração tradicionais, a fuga dos jovens para fora da comunidade ou para outras actividades produtivas, difusão da rede de água canalizada e abertura de furos para obtenção de água para rega). Apresentam-se algumas fotografias das diferentes formas de gestão dos recursos hídricos.

MANGORRINHA, Jorge. 2000. *O lugar das termas: património e desenvolvimento regional: as estâncias termais na região oeste*, Lisboa, Livros Horizonte

Trabalho realizado no âmbito de uma tese de Mestrado em História Regional e Local, variante de Património, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Como objectivo fundamental, o estudo do património relacionado com as principais estâncias termais da região e a perspectivização do termalismo como potenciador de desenvolvimento a nível local e nacional, quer em espaços rurais, quer em espaços urbanos. Os casos das Caldas da Rainha, Termas dos Cucos, Piedade, Vimeiro e Águas de Salir. O autor começa por nos informar acerca das orientações metodológicas, cronológicas, bibliográficas e geográficas do seu trabalho. O papel da administração local e da iniciativa privada no que concerne à construção e gestão das termas. Os diferentes padrões de planeamento das termas da região ao longo dos tempos. Caracterização dos principais tipos de equipamento que constituem as infra-estruturas do que o autor designa por microcosmo termal. O papel das termas como determinantes do dimensionamento morfológico das estâncias, lugar simultaneamente estância de saúde, e local associado a festas e rituais muito próprios. Em capítulo específico estabelecem-se quais as vertentes patrimoniais das termas, que urge identificar, caracterizar, salvaguardar e valorizar (recursos aquíferos, paisagísticos, entre outros), quais as potencialidades a aproveitar ao nível turístico. Seguidamente adiantam-se algumas propostas concretas para as estâncias termais mais importantes da região, inventariando-se os aspectos mais importantes do seu património e indicam-se para alguns casos formas futuras de actuação. Bibliografia extensa e fontes consultadas. Profusamente ilustrado com fotografias antigas e recentes, com indicação de autoria.

MARQUES, Maria Zulmira Albuquerque Furtado. 1994. *Por terras dos antigos coutos de Alcobaça*, Alcobaça, imp. Tip. Alcobacense

O espaço físico da região (geomorfologia, flora, hidrografia). A lenda associada aos rios Alcôa e Baça. As treze vilas do couto de Alcobaça: lendas de fundação, arquitectura civil e religiosa, figuras ilustres, festividades principais e etimologia.

MARQUES, Maria Zulmira Albuquerque Furtado. 2000. *Toponímia alcobacense*

Reedição de trabalho publicado em 1992 e enriquecido com 29 aditamentos, devidos ao crescimento da malha urbana. Explicação sobre a toponímia de algumas ruas de Alcobaça, permitindo reconhecer aspectos pertinentes para a compreensão da história local.

MARTINS, Mário. 1950. "Da vida e da morte dos monges de Alcobaça", *Brotéria*, Lisboa, vol. LI (2-3)

Práticas levadas a cabo pelos monges cistercienses segundo as fases do calendário litúrgico e da sua vida conventual, de acordo com os códices do mosteiro, assim como algumas notas referentes aos regimentos dos sacristãos e suas obrigações. Castigos e penitências. A linguagem por sinais. As orações rezadas enquanto trabalhavam na lavoura das granjas.

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA. 1939. *Reconhecimento dos baldios do continente*, vol. 2 (parte 2), Lisboa, Junta de Colonização Interna

Estatísticas permitem a caracterização dos baldios em Portugal. Apreciação distrital, por concelhos e freguesias (número, área por tipo de aproveitamento agro-florestal, designação, características geológicas, agrológicas, oro-hidrográficas, economico-sociais, localização aproximada). Dados sobre Alcobaça (p. 476-483).

MOREIRA, Carlos Diogo. 1987. *Populações marítimas em Portugal*, Lisboa, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas

Publicação correspondente a dissertação de doutoramento em Antropologia apresentada pelo autor à Universidade Técnica de Lisboa. Estudo sobre as populações marítimas do litoral português na década de 80. Destaque para alguns dados a nível concelhio (S. Martinho do Porto).

Apresentação e análise de estatísticas diversas:

- N.º de marítimos matriculados em embarcações de pesca por porto e tipo de pesca exercido.
- N.º de embarcações pesqueiras por tipo de embarcação e tipo de pesca.
- N.º de sinistros ocorridos.

Constituição de amostra de estudo em várias zonas do litoral. Caracterização ambiental das zonas marítimas e hidrográficas em causa, espécies aí existentes, artes e processos de pesca. Designação dos portos de pesca por Capitánias (Zona Centro). Peso das transacções em cada porto de pesca considerado. Rendimento

e distribuição ao longo do ano das principais espécies capturadas. Levantamento da situação histórica da actividade pesqueira em Portugal. Desenvolvimento dos portos durante as várias épocas. Rede de acessibilidades face ao interior (rios e lagoas navegáveis). O abastecimento às comunidades interiores. A região dos coutos de Alcobça (p. 154; 165). Tributos impostos à actividade pesqueira ao longo dos tempos. Os portos de pesca marítima no século XVII segundo Carvalho Costa (p. 193). As zonas de pesca fluvial (séc. XVII) segundo Mendez Silva (p. 194). A situação da pesca na década de 80 do séc. XX (p. 217-386). Estado actual das populações da costa litoral (p. 247-334). Distribuição dos marítimos matriculados em embarcações de pesca por tipos de pescaria (p. 255-257). Qualificação profissional do mestre/arrais e do pescador (p. 397); categorias profissionais (p. 309-309; 313). Conflitualidade e redes de solidariedade social interligadas com as populações marítimas (p. 335-377). Em apêndice, e sem demasiadas alusões de carácter local, apresentam-se as características dos principais tipos de embarcação, processos e utensílios de pesca, terminologia específica (p. 389-459). Extensa bibliografia sobre a pesca e litoral português.

MUSEUS: SUBSÍDIOS PARA O ENQUADRAMENTO HISTÓRICO DOS CONCELHOS. 1998. Lisboa, Comissão de Coordenação da Região de Lisboa e Vale do Tejo

Os museus e casas-museu da região de Lisboa e Vale do Tejo. Características, colecções e horário de funcionamento.

NASCIMENTO, José Manuel Cordeiro R. 1997. *Santuário de N.ª Sr.ª dos Remédios*, Peniche, [ed. apoiada pela Câmara Municipal de Peniche]

Identifica histórica e teologicamente o santuário e o culto a N.ª Sr.ª dos Remédios. Os principais círios da região oeste. Lista dos círios que ainda na actualidade realizam peregrinações a este santuário.

NATIVIDADE, J. Vieira. [s/d.]. “*Bernardo de Villa Nova: um alcobacense ilustre que desaparece*”, *Obras Várias*, Alcobça, Comissão Promotora das Cerimónias Comemorativas do I Aniversário da Morte do Prof. J. Vieira Natividade, vol. 2, p. 149-152

Publicado no jornal *O Alcoa* (1967), refere aspectos bio-bibliográficos da vida e obra de Bernardo Villa Nova e a sua importância na história alcobacense.

NATIVIDADE, J. Vieira. [s/d.]. “*As granjas do mosteiro de Alcobça*”, *Obras Várias*, Alcobça, Comissão Promotora das Cerimónias Comemorativas do I Aniversário da Morte do Prof. J. Vieira Natividade, vol. 2, p. 57-79

A valorização da agricultura entre os monges cistercienses. O papel das granjas e os melhoramentos técnicos utilizados em terras dos coutos de Alcobça, bem como o ensino prestado aos colonos das mesmas. Localização das principais granjas e sua evolução. Principais produções. Construções agrícolas.

NATIVIDADE, J. Vieira. [s/d.]. “*No centenário de Manuel Vieira Natividade*”, *Obras Várias*, Alcobça, Comissão Promotora das Cerimónias Comemorativas do I Aniversário da Morte do Prof. J. Vieira Natividade, vol. 2, p. 123-129

Conferência proferida pelo autor em homenagem ao nascimento de seu pai Manuel Vieira Natividade (1960). Referências à sua vida e obra (estudos arqueológicos, etnográficos e históricos).

NATIVIDADE, J. Vieira. [s/d.]. “*Por amor da fruticultura*”, *Obras Várias*, Alcobça, Comissão Promotora das Cerimónias Comemorativas do I Aniversário da Morte do Prof. J. Vieira Natividade, vol. 2, p. 141-148

Conferência proferida numa homenagem ao autor, promovida pelos Fruticultores do Oeste e do Ribatejo (Nazaré, 1966). O autor refere a sua devoção à causa frutícola nacional e regional. A história desta cultura em terras de Alcobça. As principais figuras e eventos no panorama local e regional no âmbito da fruticultura.

NATIVIDADE, J. Vieira. [s/d.]. “*A região a Oeste da serra dos Candeeiros*”, *Obras Várias*, Alcobça, Comissão Promotora das Cerimónias Comemorativas do I Aniversário da Morte do Prof. J. Vieira Natividade, vol. 5, p. 231-236

Artigo publicado no *Diário Popular* (1962). A propósito da crise agrícola no país, o autor discorre sobre um estudo de economia agrícola levado a cabo pelo Centro de Estudos de Economia Agrária da Fundação Calouste Gulbenkian e intitulado *A região a Oeste da serra dos Candeeiros*.

NATIVIDADE, J. Vieira. [s/d.]. “A região de Alcobaça: algumas notas para o estudo da sua agricultura, população e vida rural”, *Obras Várias*, Alcobaça, Comissão Promotora das Cerimónias Comemorativas do I Aniversário da Morte do Prof. J. Vieira Natividade, vol. 1, p. 11-193

Reedição do relatório final do curso de engenheiro agrónomo (1922). A agricultura da região: aspectos históricos, climáticos, demográficos. Caracterização da produção agrícola. As indústrias relacionadas com a agricultura. O equipamento agrícola. Criação de gado. A propriedade agrícola. Associativismo agrícola.

NATIVIDADE, J. Vieira. 1944. “As granjas do Mosteiro de Alcobaça”, *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, n.º 5, p. 35-60

Destaque para uma importante série de fotografias, sem indicação de autoria, onde são focados alguns aspectos da agricultura cisterciense: a Quinta da Granja onde no século XIV existiu a Granja da Maiorga, fica sobranceira a férteis campinas (p. 37); aspecto da actual Quinta do Vimeiro, que foi no século XIII uma Granja cisterciense (p. 37); lagar da Lagoa (Turquel), reconstruído pelos monges em 1743 (p. 45); os lagares de algumas granjas conservam ainda uma acentuada fisionomia medieval. Quinta da Granja (Turquel) (p. 45); os extensos olivais que revestem as faldas da Serra dos Candeeiros foram plantados, por iniciativa do Mosteiro de Alcobaça, nos séculos XVII e XVIII (p. 51); núcleo urbano da Quinta da Granja (Turquel) (p. 51); a Lagoa Ruiva na Ataija. No segundo plano: a cerca e as ruínas do lagar de azeite do Mosteiro de Alcobaça (p. 53); residência do monge-lagareiro, no lagar de Ataija (séc.XVIII) (p. 53); o colmeal da Quinta de Vale de Ventos onde se produzia, segundo a tradição cisterciense, “o mais claro mel de Portugal” (p. 55); depósitos para recolher a água das chuvas na Quinta de Vale de Ventos. Construção cisterciense do século XVIII (p. 55); pátio, a Capela de N.ª Sr.ª da Serra, na Quinta de Vale de Ventos (séc.XVIII) (p. 57); trecho do olival da Quinta de Vale de Ventos. Plantação fradesca do séc.XVIII (p. 57). Um mapa, sem indicação de autoria, representa a distribuição das Granjas cistercienses, nos Coutos de Alcobaça, no período medieval (p. 41).

NATIVIDADE, J. Vieira. 1966. *O pomar ribatejano: anseios, realidades, possibilidades*, [Lisboa], Direcção-Geral dos Serviços Agrícolas

Conferência proferida em Santarém. A importância da fruticultura na Europa e as grandes mudanças tecnológicas. O caso português e o II Plano de Fomento. Caracterização geo-hidrológica e climática da região e as culturas frutícolas. As diferentes culturas em presença e a influência regional.

NATIVIDADE, J. Vieira. 1971. “Cartas de J. Vieira Natividade a Eduíno Borges Garcia: arqueologia e etnografia dos coutos de Alcobaça 1962-1968”, *J. Vieira Natividade: honrando a sua memória*, Alcobaça, Comissão Promotora das Cerimónias Comemorativas do 1.º Aniversário da Morte do Prof. J. Vieira Natividade.

Correspondência enviada por J. Vieira Natividade a Eduíno Borges Garcia. As temáticas principais são a Arqueologia e a Etnografia relativas às regiões de Alcobaça e Nazaré. Trabalho anotado e prefaciado por Eduíno Borges Garcia. Apresentam-se diversas fotografias de Jorge Vasco relacionadas com a obra de J. Vieira Natividade e M. Vieira Natividade, bem como uma reprodução de pintura de Sousa Lopes intitulada *O Círio*.

NATIVIDADE, Manoel Vieira. 1906. *Alcobaça d’ outro tempo: notas sobre indústria e agricultura*, Alcobaça, imp. Typ. e Pap. António Miguel d’ Oliveira

Caracterização dos artefactos e vivências do concelho em diversos períodos da História. A importância económico-agrícola dos coutos de Alcobaça. As indústrias de maior destaque: ferraria, fição e tecelagem de lã e linho, olaria, telha, tijolo, cal. Sua apresentação mais desenvolvida, consoante o tipo de documentos e referências de que o autor dispôs. Os panos, seu papel, referências às actividades na toponímia, olaria, lençaria, quinquilharia, chapéus, curtumes, fósforos, cutelaria, pedreiras e minas, asfalto, cimento. As indústrias tradicionais e caseiras (fição, tecelagem e tingidura de lã, linho e algodão; objectos em malha; os processos de secagem e conservação de fruta; o queijo de ovelha e cabra; a doçaria de origem conventual). Lista completa dos expositores e seus produtos. Apresentação de algumas fotografias do autor.

NATIVIDADE, M. Vieira. 1912. *As frutas d’ Alcobaça*, Alcobaça, [Câmara Municipal de Alcobaça]

Aspectos históricos relacionados com o cultivo frutícola na região de Alcobaça. Alusão a documentos antigos dos monges cistercienses e outros autores, como Gil Vicente. Locais de produção mais importantes no concelho. Terminologia associada à fruta nos forais (jardim, granja). Legislação destes aplicada aos frutos: pagamento de impostos, preços. O papel do porto de S. Martinho como centro exportador daquele tipo de produção durante vários séculos. As culturas pomaríferas face à cultura vinícola. Introdução de castas mal adaptadas ao nosso país. Atitudes dos agricultores face a este tipo de culturas. Necessidade de divulgação

das frutas de Alcobça. Valores de importação e exportação. Castas produzidas. Propostas de reconversão dos pomares: aspectos técnicos a inovar e a melhorar (plantação, podas, formação da árvore, tratamento, floração). A valorização das frutas secas.

NATIVIDADE, M. Vieira. 1917. “O povo da minha terra: notas e registos de etnografia alcobacense”, *Terra Portuguesa*, Lisboa, imp. Typ. Anuario Commercial, n.º 17-20, p. 9-78

Aspectos históricos da região. A importância da ordem cisterciense na economia (os coutos) (p. 7-15). Crenças populares de cariz religioso (p. 15-20). Crenças populares relacionadas com o amor: acessórios bordados, capas de casamento, camisa de noivado, cantigas (p. 21-26). Formas de solidariedade vicinal, medicina popular, presentes de noivado (p. 26-28). Superstições associadas a elementos da Natureza (p. 29-34). Culto das pedras (p. 35-38). Crenças relacionadas com o fogo, a água, os animais, os vegetais (p. 39-56). O som, a cor e a forma como aspectos influenciadores da arte popular (p. 57-62). Manifestações de arte popular (p. 63-65). A habitação, o traje, tecelagem e bordados, arte pastoril (p. 57-70). Instrumentos para enfeitar doçaria. Os panos com que se decoravam cerimonialmente as casas (p. 71-73). Romarias e círios (transcrições musicais de algumas canções) (p. 73-78). Apresentação de algumas fotografias, sem indicação de autor e reproduções de desenhos e aguarelas de Alberto Sousa: “Serrano” (rapaz) (p. 10); “Casa de Turquel” (p. 11); “Moinho do Casal do Rei” (p. 13); “Casa de Chiqueda, com pinturas a cal” (p. 16); “Ganchos de meia e bicos de descamisar onde se vêem diversos motivos sobre que incide a superstição popular” (p. 18); “Gancho de meia de intuição religiosa” (p. 20); “Saca de farnel”; “Bolsa de relógio” (p. 22); “Capa ou bioco de casamento – Turquel” (p. 23); “Camisa de noivado” (p. 24); “Bolo dos noivos” – dois exemplos (p. 27); “Velho traje da região serrana (1850) (p. opp. 40); “Lagoa de Ferro – Casal do Rei”; “Rapaz guarda dois bois; mulheres lavam roupa na lagoa (p. 45); “Mulher de Alpedriz” (p. 51); “Vendedeira de cal – Pataias” (p. 55); “Casa de Chiqueda” (p. 57); “Casa de Turquel” (p. 58); “Casa de Cós” – alpendre (p. 59); “Casa dos Montes” (p. 60); “Casa dos Covões” (p. 61). Carro de bois em primeiro plano; “Casa do Casal do Rei” (p. 62); “Fechadura da porta na região serrana” (p. 62); “Tear – Montes” (p. 63); “Roda de fiar lã – região serrana” (p. 64); “Interior de cozinha – Casal do Rei” (p. opp. 64); “Consciência de tecedeira” (p. 65); “Antônio Genovevo, o último *samicador*” (p. 66); “*Samicos* ou marcas de bolos” (p. 67); “Pano de armar – em linda renda de linho” (p. 68); “Pano de armar – em renda de linho” (p. 69); “Círio da Senhora dos Enfermos” (p. 70); “Pedindo para a festa da Senhora dos Enfermos; Círio de Santa Suzana” (p. 71); “Fogaças” (p. 72); “Coscorões – peças de algumas fogaças; A entrega das fogaças na Senhora dos Enfermos” (p. 73).

NATIVIDADE, Manuel Vieira. 1960. *Mosteiro e coutos de Alcobça: alguns capítulos extraídos dos manuscritos inéditos do autor e publicados no centenário do seu nascimento*, Alcobça, imp. Typ. Alcobacense

História da região desde o Renascimento ao século XIX: vestígios arqueológicos encontrados, a formação do povoamento na região dos coutos (agricultura, pecuária e indústria). Os portos de mar. A obra possui diversas fotografias do autor e de António e J. Vieira Natividade: “Bancadas de calcário Jurássico na grande Estação Neolítica do Carvalhal de Aljubarrota” (anexo p. 16-grav.I); “Lagoa de Ferro” (Ataíja-mulheres lavam roupa) grav.II; “Lagoa Ruiva e ruínas do Lagar dos Frades – Ataíja” (anexo p. 52-grav-XIII); “Quinta do Vimeiro-Alcobça: uma das granjas cistercienses do século XIII” (anexo p. 52-grav.XIV); “Campos da Maiorga, fundos da antiga lagoa” (anexo p. 112-grav.XXXI).

OLIVEIRA, Ernesto Veiga de; GALHANO, Fernando. [s/d]. “Arquitectura”, *A Arte Popular em Portugal*, vol. 1, Lisboa, Verbo, p. 15-137

Destaque para uma fotografia, sem indicação de autoria: “Moinhos de madeira assentes num soco de pedra. A cobertura é movida por um “sartilho” instalado no interior. Notem-se as cantarinhas das velas” (p. 120), Alcobça, Turquel.

OLIVEIRA, Ernesto Veiga de; GALHANO, Fernando; PEREIRA, Benjamim. 1975. *Actividades agro-marítimas em Portugal*, Lisboa, Centro de Estudos de Etnologia

Tecnologias relacionadas com a apanha das algas marinhas (sargaço e pilado). Aspectos sociais relacionados com as actividades agro-marítimas em diversos concelhos da região estremenha. Inúmeras informações especificadas ao nível local. A divisão sexual do trabalho. Ferramentas utilizadas (terminologia específica e funções). Tecnologias de recolha e processos de secagem. O consumo. Embarcações utilizadas. Arquitectura relacionada com a recolha de alfaia para apanha do sargaço. Traje do sargaceiro. Utilizações agrícolas dos produtos marítimos. Portos e informações relativas à apanha do sargaço segundo Baldaque da Silva.

- OLIVEIRA, Ernesto Veiga de; GALHANO, Fernando; PEREIRA, Benjamim.** 1983. 2.^a ed. *Alfaia agrícola portuguesa*, Lisboa, INIC, Centro de Estudos de Etnologia
O tipo de relha de arado que se encontra em Alcobaça (p. 169). Os arados de tracção humana são referidos num documento do século XV do Mosteiro de Alcobaça (cavões) (p. 207). O desterroamento a braço ainda subsiste na região (Benedita) (p. 229). Em Turquel, uso de maço de desterroar nas terras baixas (p. 229). Tipos de foices (Moita) (fig. da p. 265; 267). Ancinho de ferro (Moita) (fig. da p. 287). Trilho (Évora de Alcobaça) (fig. da p. 308). Cabaz para transporte de fruta (fig. da p. 339). Destaque para uma fotografia de Benjamim Pereira: "Benedita. Partir dos torrões a maço, num campo semeado de milho e feijão" (foto 183).
- OLIVEIRA, Ernesto Veiga de; GALHANO, Fernando; PEREIRA, Benjamim.** 1991. *Tecnologia tradicional portuguesa: o linho*, Lisboa, INIC, Centro de Estudos de Etnologia
Tipologia das rocas em Portugal. O caso de Alcobaça (p. 91). Destaque para um desenho de Fernando Galhano, reproduzindo uma roca decorada, pertencente às colecções do Museu de Etnologia (p. 99).
- ORTIGÃO, Ramalho.** 1918. *As nossas praias: indicações gerais para uso de banhistas e turistas*, Lisboa, Sociedade de Propaganda de Portugal
Como introdução, o autor exalta os benefícios dos banhos de mar. Fornece algumas informações gerais sobre cada praia da costa portuguesa, sua localização, acessibilidades, principais festividades, hotelaria e restauração, locais a visitar, património arquitectónico. Praia de S. Martinho do Porto. Inclui foto (p. 63-64).
- ORTIGÃO, Ramalho.** 1943. *As praias de Portugal: guia do banhista e do viajante*, Lisboa, Livraria Clássica A. M. Teixeira e C. ^a (Filhos)
A praia de S. Martinho do Porto. Rede de acessibilidades, localização, características da povoação. A presença dos turistas espanhóis (p. 250-252).
- PATRÍCIO, Maria Madalena Martel.** 1944. "Poemas da Estremadura", *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, n.º 5, p.121-123
Texto poético sobre as tecedeiras de Alcobaça. Breve alusão aos motivos artísticos dos trabalhos executados (p. 122-123).
- PATRIMÓNIO ARQUITECTÓNICO E ARQUEOLÓGICO CLASSIFICADO: DISTRITO DE LEIRIA.** 1993. Lisboa, IPPAR
Apresentação dos imóveis classificados em todos os concelhos do distrito de Leiria (Alcobaça, Bombarral, Caldas da Rainha, Nazaré, Óbidos e Peniche). Fotografias de Henrique Fernandes Ruas e legendas contendo a localização do imóvel, seu historial e legislação aplicável à sua classificação.
- PEIXOTO, Rocha.** 1990. *Etnografia portuguesa: obra etnográfica completa*, Lisboa, Dom Quixote
Os barristas que criaram os motivos das peças de Alcobaça (p. 121).
- PENTEADO, Pedro.** 1999. "Para uma história dos santuários portugueses", *Colóquio A Piedade Popular*, Lisboa, Universidade Nova de Lisboa, Centro de História da Cultura, p. 43-55
Comunicação a um colóquio, apresentando importantes pistas para a compreensão da história dos santuários portugueses devotados ao culto mariano, do séc. XIV aos nossos dias. O Senhor Jesus de Turquel e Alcobaça (séc.XVIII).
- PEREIRA, Benjamim.** 1985. *Têxteis: tecnologia e simbolismo*, Lisboa, IICT, Museu de Etnologia
Catálogo de exposição sobre tecnologias tradicionais associadas aos têxteis. De entre o conjunto de objectos expostos encontravam-se quatro cunhos e uma colcha, cuja proveniência era Alcobaça. Os primeiros relacionam-se com a decoração das colchas (por estampagem com motivos fitográficos) (p. 94-95; 98).
- PEREIRA, José de Campos.** 1915. *A propriedade rústica em Portugal*, Lisboa, Imprensa Nacional
Características das sub-regiões agrícolas (principais culturas)(p. 34-35) em princípios do séc. XX.
- PESSANHA, Sebastião.** 1958. "Pás de moleiro", *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, n.º 47-48-49, p. 179-198
Apresentação de fotografias de Luís Bonifácio: "Cela (Alcobaça) - grupo de moinhos (p. 180); "Bárrio (Alcobaça) - O moinho de cúpula giratória de Cabeço do Louco" (p. 180).

PIMENTA, Eliseu Ribeiro. 1996. *Benedita futuro concelho?: caracterização geral da freguesia. Análise da Lei-Quadro da criação de municípios*, Benedita, ed. de autor

Integração da freguesia no concelho e seu enquadramento a nível físico, demográfico e económico. Os pólos de desenvolvimento da vila e a análise dos diversos sectores de actividade. Diferentes tipos de equipamentos, infra-estruturas e recursos naturais e patrimoniais de que dispõe. Apresentação da hierarquia funcional dos seus lugares e estudo da sua trama urbanística. Em conclusão, aprecia-se as vertentes e condicionantes que podem permitir a criação do concelho de Benedita. Inclui anexo fotográfico com aspectos actuais da vila.

PIMENTEL, Alberto. 1888. *Chronicas de viagem*, Porto, imp. Tip. de Motta Ribeiro

Roteiros de viagem de cariz literário, que o autor realizou em conjunto com o Conselheiro António Maria Pereira Carrilho em 1888. Dados relativos a Alcobaça (p. 25-40).

PIMENTEL, Alberto. 1908. *A Extremadura portuguesa: I O Ribatejo*, Lisboa, Empreza da História de Portugal Soc. Ed.

Caracterização do concelho. Aspectos históricos. Destaque para o Mosteiro de Alcobaça e pormenores históricos e arquitectónicos a ele associados. Pequenas referências a outras freguesias do concelho: Alfeizerão, Aljubarrota, Alpedriz, Benedita, Coz, Évora de Alcobaça, Maiorga, Pataias, Turquel, Vestiaria, Vimeiro (p. 389-411). A agricultura em Alcobaça (p. 394, 399), em Alfeizerão (p. 402), Aljubarrota (p. 406), Alpedriz (p. 406), Évora de Alcobaça (p. 407) e S. Martinho do Porto (p. 410). Plantações de arroz (p. 401). Assoreamento em Alfeizerão (p. 402), Pataias (p. 408) e S. Martinho do Porto (p. 410). Fábricas de louça (p. 390). Fábrica de têxteis do séc. XIX movida a energia hidráulica em Alcobaça (p. 400). Festa da Encamisada em Maiorga (p. 407). Festas do Espírito Santo em Alpedriz (p. 406). Criação de gado bravo em Alfeizerão (p. 402). A praia de S. Martinho do Porto (p. 409-410). A Serra de Albardos e o Arco da Memória como centro "mítico" dos Coutos de Alcobaça (p. 387, 391). Ditos relacionados com a previsão do tempo em Turquel (p. 411). Nascente de águas termais em Fervença (p. 389), Alcobaça (p. 399) e S. Martinho do Porto (p. 410). Apresentação de fotografia, sem indicação de autor, retratando uma vista geral de Alcobaça (p. 391).

PIRES, A.Thomaz. 1909. "Investigações ethnograficas", *Revista Lusitana*, vol. 12 (1-2), p. 171-203

Na parte referente à crendice popular indica-se a existência na vila de Aljubarrota de uma imagem de N.ª Sr.ª com a característica de poder facilitar os partos (p. 172-173).

PRATT, Óscar de. 1917. "Nomes de ventos", *Revista Lusitana*, vol. 20 (1-4), p. 119-128

Designações de nomes de ventos recolhidas em Turquel (p. 119, 122, 124-125, 127).

PRESENÇA DE CISTER EM PORTUGAL: EXPOSIÇÃO. 1984. Alcobaça, Comissão Organizadora do Museu de Alcobaça

Caracterização da Ordem Cisterciense e sua presença em território português (terras de colonos, povoações e reservas de exploração directa do mosteiro: granjas, matas, águas, moinhos, minas, lagares e fornos). Produtos cultivados, indústrias extractivas desenvolvidas (minas de ferro e salinas), pesca e conservas salgadas, pecuária (calçado e curtumes). A produção dos coutos permitia ainda o envio de excedentes para feiras e mercados e mesmo para exportação.

RASQUILHO, Rui. 1979. "Alcobaça: centro cultural, um monumento, um museu, um centro de documentação e animação cultural", *Boletim da Associação para a Defesa e Valorização do Património Cultural de Alcobaça*, Alcobaça, n.º 2, p. 7-9

A vocação dos museus e monumentos como factores de animação cultural e de educação permanente. Apresentação esquemática das diversas alas, sectores e actividades previstas no Projecto de Reaproveitamento do Mosteiro de Alcobaça. Destaque para uma fotografia sem indicação de autor, no qual figura a Praça 25 de Abril, na viragem do século, em dia de feira (p. 24).

RASQUILHO, Rui. 1979. "O Museu de Alcobaça", *Actas do Colóquio APOM 76*, Lisboa, APOM, p. 119-125

Em comunicação apresentada ao colóquio *Panorama Museológico Português: carências e potencialidades*, o autor enumera alguns pontos fundamentais da história local e a omnipresença da ordem cisterciense. A importância da criação de um museu da região e a valorização do património do mosteiro, bem como do espólio de Vieira Natividade. O museu de Alcobaça e a dinamização da vida local.

- REAL, Mário Guedes.** 1945. “**Toponímia árabe da Estremadura II**”, *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, série II, n.º 10, p. 289-304
Explicações sobre a etimologia de Alfeizerão (p. 294).
- RÊGO, Artur de Figueirôa.** 1950. “**Breve notícia sobre a economia agrária do distrito de Leiria**”, *2.º Congresso das Actividades do Distrito de Leiria*, Leiria, Casa do Distrito de Leiria, p. 177-187
A agricultura como actividade dominante do distrito de Leiria. A população agrícola. Superfície média da propriedade. Agricultura de tipo familiar. Principais produções agrícolas. A vitivinicultura. Pomares e florestas. O azeite. A criação de gado.
- REIS, Vera Maria de Oliveira.** 1971. “**O meio rural português: o concelho de Alcobaça**”, *Geographica*, Lisboa, Sociedade de Geografia de Lisboa, n.º 27, p. 49-69
Após uma apreciação breve das condições climatéricas, geológicas e outras que indiciam a formação de várias regiões no país, a autora caracteriza o concelho de Alcobaça, no que diz respeito a aspectos de grande importância, como a estrutura e rendimento da propriedade, limites naturais, climatologia, tipos de solos, índices demográficos, infra-estruturas (transportes, comunicações), estrutura agrária (apontamentos históricos, superfície ocupada), pecuária, indústria (segundo as freguesias), culturas agrícolas (tipo e área), o vinho e as castas (freguesias), a oliveira e a produção de azeite, culturas hortícolas, culturas arvenses, produção frutícola, o papel das cooperativas agrícolas. Em conclusão, são cruzados os itens supra indicados e identificadas as características gerais da região. Inclui a apresentação de inúmeros quadros estatísticos. Glossário de termos aplicados à agricultura.
- RIBEIRO, Armando.** 1933. *Terras fradescas*, Lisboa, Livraria Central de Gomes de Carvalho
Relato de viagem do autor pelo país. Lugares visitados, impressões diversas e aspectos históricos de vários pontos do concelho. Dados sobre Alcobaça e S. Martinho do Porto.
- RIBEIRO, Graça Caldeira.** 1999. “**Os chintz de Alcobaça**”, *Evasões*, Lisboa, n.º 14, p. 90-94
Aspectos históricos relacionados com as designadas *chitas de Alcobaça*. Influências dos motivos e cores dos têxteis indianos. Alusão a estes tecidos num auto de Gil Vicente *A Farsa dos Almoceves*, na qual se refere a existência, na cidade, de uma indústria de fição e tecelagem. Atribuição da designação “de Alcobaça”, mais possivelmente devido ao consumo do que propriamente ao seu fabrico na região.
- RIBEIRO, João.** 2001. “**Um roteiro cultural em Alcobaça: por terras de Cister**”, *Vilas e Cidades*, Lisboa, n.º 52, p. 26-30
Aspectos históricos relacionados com a região dos coutos de Alcobaça. Extensão da zona que integrava esta região. A agricultura praticada pelos monges. As marcas da ordem cisterciense naquele território. Caracterização das principais áreas do Mosteiro de Santa Maria. Outros elementos do património monumental do concelho. Apresentação de algumas fotografias de Rui Cunha/RCL.
- RIBEIRO, José Diogo.** 1908. *Memórias de Turquel*, Porto, imp. Typ. Universal
Numa primeira parte o autor caracteriza a freguesia de Turquel na sua componente pré-histórica e histórica. A composição da freguesia e os limites administrativos. Levantamento demográfico do antigo concelho de Turquel e seus lugares no séc. XVIII. Conflitos do povo com os monges de Alcobaça. Descrição das várias povoações da freguesia: localização, características paisagísticas, equipamentos colectivos, principais vias, explicação etimológica, descrição dos edifícios religiosos (igreja matriz, capelas, ermidas), arquitectura civil (fontes, fontenários, poços, lagoas e lendas associadas). A geologia, a flora. As principais produções agrícolas. Animais selvagens, aquícolas e domésticos. O carácter dos naturais de Turquel, religiosidade (cultos, confrarias, rogações). As festividades. Os conceitos de moral. O último capítulo é dedicado à enumeração de aspectos etnográficos que o autor focará em trabalhos posteriores.
- RIBEIRO, José Diogo.** 1917. “**Turquel folclórico: superstições**”, *Revista Lusitana*, vol. 19 (1-4), p. 54-80
Reeditado em separado, posteriormente em 1927. Artigo dedicado exclusivamente ao mundo do sobrenatural e práticas terapêuticas: bruxas e feiticeiras, lobisomens, mours encantadas, almas errantes, espíritos e visões, agoiros, malefícios, presságios, práticas recomendáveis, medicina popular e amuletos.

- RIBEIRO, José Diogo.** 1918. “Turquel Folclórico: usos e costumes”, *Revista Lusitana*, vol. 21 (1-4), p. 280-315
Reeditado em separado, posteriormente, em 1928. Numa primeira parte apresenta informações sobre o Natal, Ano-Bom e Reis, Quaresma, Ascensão, Santo António, Santa Suzana, procissões diversas, promessas, vigílias e oferendas e actos de culto diversos, relevantes para o conhecimento destes aspectos em Alcobaça (p. 280-286). Seguidamente, foca a vida no âmbito doméstico e social: o papel da mulher, o fabrico do pão e a alimentação, e alguns ritos importantes na vida dos indivíduos e da própria comunidade: nascimento, baptizado, casamento, rituais funerários e formas de civilidade mais comuns (p. 287-296). Num terceiro momento, desenvolve as práticas de cariz agrário, relacionando-as com o período do ano em que se realizam e com as próprias festividades que acontecem, a pastorícia, os lavradores e os jornaleiros, diversas operações agrícolas, actos contratuais que envolvam alienação da propriedade, cooperação e assistência (p. 296-304). Segue-se a habitação e o vestuário (p. 304-310). Culmina o artigo, um capítulo sobre diversões e folias como o Entrudo, o Cuco, os Reis, os Maios, o Pão por Deus, as escamisadas, entre outras (p. 310-315).
- RIBEIRO, José Diogo.** 1919. “Turquel folclórico IV: lendas”, *Revista Lusitana*, vol. 22 (1-4), p. 115-137
Lendas de perfil religioso com a intervenção dos santos ou de Nossa Senhora (p. 115-122). Lendas de carácter profano (p. 122-125). Parlendias infantis (canções de berço, a flora e a fauna, nomes de pessoas, entre outros) (p. 126-137).
- RIBEIRO, José Diogo.** 1930. *Aditamento às Memórias de Turquel*, Braga, Tipografia da Pax
O autor retoma alguns aspectos sobre a povoação de Turquel, já focados nas *Memórias de Turquel*. Os temas são apresentados alfabética e cronologicamente e referem-se a inúmeros aspectos da comunidade: adagiário, multas por infracção de posturas, mapas da região, edifícios públicos e religiosos, figuras ilustres, antigas designações de ruas e lugares, repartição dos baldios em 1914, património das confrarias, as feiras.
- RIBEIRO, José Diogo.** 1930. “Linguagem popular de Turquel”, *Revista Lusitana*, vol. 28 (1-4), p. 87-244
Apresentação por ordem alfabética de vocábulos (p. 87-133), frases e expressões (p. 133-172), exemplos de ditados (p. 172-220). Apresentação de alterações fonéticas e termos antigos ainda em uso na linguagem regional (p. 221-242). Conclui-se com a transcrição exemplificativa de um texto com recurso à linguagem regional (p. 242-244).
- RIBEIRO, José Diogo.** 1941. *Segundo aditamento às Memórias de Turquel*, Leiria, imp. Oficinas da Gráfica
De novo o autor salienta uma série de aspectos sobre Turquel, dos quais se destaca: N. Sr.^a de Turquel, a feira de Maio, as festas de Santa Susana, melhoramentos públicos (luz, água), figuras ilustres, edifícios religiosos, o Duplo Centenário e as suas comemorações, resultados na freguesia do recenseamento populacional de 1940. Uma cantiga da debulha e uma desgarrada; canções de berço.
- ROTEIRO CULTURAL DA REGIÃO DE ALCOBAÇA: A OESTE DA SERRA DOS CANDEEIROS.** 2001. Alcobaça, Câmara Municipal de Alcobaça
Trabalho coordenado por Carlos Mendonça da Silva (A.D.E.P.A.). Este roteiro constitui-se por diversos artigos, nomeadamente sobre o Mosteiro de Alcobaça, o sistema hidráulico cisterciense, o património natural e arqueológico e algumas informações pertinentes para a caracterização da região a Oeste da Serra dos Candeeiros. Para além deles, deverão salientar-se duas contribuições de António Valério Maduro, a primeira das quais em co-autoria com Américo Sousa Sabino. Em *Etnografia da Serra dos Candeeiros* (p. 137-163) pretende-se dar a conhecer, sob o ponto de vista etnográfico, a região situada no sopé da serra dos Candeeiros. Identificam-se as características físicas e agrícolas. Especial enfoque para os processos de abastecimento, armazenagem, transporte e consumo de água. Terminologia e processos de construção de cisternas, poços e eiras de poço. As casas como espaço residencial e económico com funções diversificadas. Técnicas de construção. As diferentes áreas componentes e acessórias. Os espaços interiores e exteriores. A divisão da propriedade. Processos e terminologia associada. A actividade oleícola e pastoril. Algumas fotografias, com indicação de autor, salientam aspectos do texto. Em *Os fornos de cal de Pataias* (p. 165-185) referem-se os fornos de produção de cal na freguesia de Pataias, segundo investigações em documentos históricos. A importância deste tipo de património como espaço museológico. Tecnologia de construção dos fornos. Os fornos e os seus anexos (abastecimento de combustível, a pedra). As tarefas relacionadas com o fabrico de cal. Terminologia específica. Razões para a decadência da actividade. Diversas fotografias, com indicação de autoria, retratam detalhes do texto.

ROTEIRO DE MUSEUS: COLECÇÕES ETNOGRÁFICAS LISBOA E VALE DO TEJO. 1997. Lisboa, Olhachim Edições

O Museu Nacional do Vinho. Aspectos históricos e caracterização da colecção etnográfica (e de arqueologia industrial). Principais exposições (p.87-89). Bibliografia e publicações. O Museu Agrícola da Escola Profissional de Agricultura de Cister. Aspectos históricos. Colecções. Exposições. Actividades (p.89-90). O Núcleo Museológico do Rancho Folclórico das Papoilas do Campo. Aspectos históricos. Colecções. Exposição. Actividades. Museu da Indústria de Cutelaria da Benedita (objectos relacionados com a indústria) (p.120).

SABINO, Américo Sousa; MADURO, António Valério. 1993. *A arquitectura popular tradicional da serra dos Candeeiros*, Alcobaça, Associação para a Defesa e Valorização do Património Cultural da Região de Alcobaça
Levantamento etnográfico realizado em Ataija de Cima, freguesia de S. Vicente de Aljubarrota, que em articulação com estabelecimentos de ensino e associações locais, pretendeu documentar diversos aspectos da cultura material e do imaginário daquela região. Caracterização geológica e económica. A importância da agricultura e da pecuária de pequena escala. A habitação (estrutura, terminologia, materiais, técnicas, os espaços, sua função e características dominantes; a casa no quotidiano e nos momentos rituais, os anexos, alfaias agrícolas).

SAMPAIO, Jorge Pereira de. 1997. *Faiança de Alcobaça de 1875 a 1950*, Lisboa, Estar Editora
Notas históricas sobre a faiança de Alcobaça. Os diversos artistas e fábricas desde o séc. XIX até 1947. As fotografias apresentadas, da autoria de João Krull, representam inúmeras peças da faiança local com a designação do tipo de objecto, fábrica, dimensões e colecionador. Reproduz-se igualmente uma série de marcas de oleiros e siglas de pintores.

SAMPAIO, Jorge Pereira de. 2000. *A faiança da Raul da Bernarda & F. ºs., Lda. fundada em Alcobaça em 1875*, [s/l.], imp. SocTip-Sociedade Tipográfica
Enquadramento cronológico, biográfico e histórico da Fábrica Raul da Bernarda e dos nomes com ela relacionados. Num segundo capítulo referem-se as formas e aspectos decorativos (pratos, travessas, terrinas, jarros, entre outros objectos). O trabalho termina com a reprodução de marcas e siglas de pintores. Apresentação de fotografias de Bernardo Saraiva Lobo com algumas peças com a indicação da sua designação, dimensões, inscrições incluídas, características técnicas e de alguns ceramistas.

SANTA MARIA, Frei Agostinho de. [1707-1723]. *Santuário mariano e história das imagens milagrosas de Nossa Senhora, e das milagrosamente aparecidas, em graça dos pregadores, e dos devotos da mesma Senhora*, Lisboa, Off. António Pedrozo Galvão

No vol. 2 (1707) o autor referencia a história da imagem e milagres de N. º Sr. º da Consolação de Chão de Parada (p. 130-132); N. º Sr. º da Ajuda de Cela (p. 173-179); N. º Sr. º do Livramento em S. Martinho do Porto (p. 179-181); N. º Sr. º do Claustro do Real Convento de Alcobaça da Ordem de Cister ou de S. Bernardo (p. 181-183) e de N. º Sr. º da Conceição no mesmo local (p. 184-186); N. º Sr. º da Conceição de Turquel (p. 188-194); N. º Sr. º a Benedicta (p. 194-199); N. º Sr. º do Convento de Cós (p. 199-200); N. º Sr. º da Piedade e N. º Sr. º da Buraquinha do Convento de Cós (p. 200-203); N. º Sr. º da Conceição venerada no Convento de S. Bernardo de Cós (p. 203-206); N. º Sr. º da Vitória, N. º Sr. º de Monserrate (p. 206-209) e N. º Sr. º da Rosa do Convento de Cós (p. 210-213).

SARAIVA, José Hermano. 1986. *O tempo e a alma: itinerário português*, vol. 1, Lisboa, Círculo de Leitores
Roteiro de aspectos históricos e paisagísticos das regiões visitadas. O Mosteiro e o episódio de D. Inês de Castro (p. 148-150). Destaque para uma fotografia legendada de Jorge de Barros: "Campos de Turquel, terrenos lavrados dentro dos limites dos coutos de Alcobaça reflectem ainda a acção colonizadora dos monges cistercienses" (p. 149).

SARDINHA, José Alberto. [1988]. *Recolhas musicais da tradição oral*, [s/l], Contradança, Edição discográfica
Disco acompanhado de texto e fotografias sobre vários contextos musicais estremenhos. Introdução à música e dança da região. Geralmente surge a ideia incorrecta que a Estremadura é uma região considerada pobre em tradições musicais. Menor influência da música vocal. Caracterização de cada tipo de música recolhida (contextualização, concelho e lugar de recolha, intérprete, data da recolha e fotografia). Recolhas efectuadas em Alcobaça (Rimance da Juliana).

- SARDINHA, José Alberto.** 1996. “Contribuições para o estudo do fandango”, 5.º Congresso de Folclore do Ribatejo, Santarém, Região de Turismo do Ribatejo, p. 87-96
 Informações sobre o fandango. J. Vieira Natividade assinala a sua ocorrência nos círios de Alcobaça para a Senhora dos Enfermos e Armando Leça refere-os por ocasião da passagem dos círios de Alcobaça para a Nazaré.
- SILVA, A. A. Baldaque da.** 1908. *Estado actual das pescas em Portugal*, Lisboa, Ministério da Marinha e Ultramar
 O porto de pesca de S.Martinho e as estatísticas de movimento e número de trabalhadores nos anos de 1885 e 1886 (p. 126). O movimento do porto de pesca de S.Martinho em 1886 (p. 419).
- SILVA, Carlos da; ALARCÃO, Alberto; CARDOSO, António Poppe Lopes.**1961. *A região a oeste da serra dos Candeeiros: estudo económico-agrícola dos concelhos de Alcobaça, Nazaré, Caldas da Rainha, Óbidos e Peniche*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian
 Numa primeira parte aprofundam-se as relações entre o homem e o meio, nomeadamente no que diz respeito à caracterização física (geomorfológica, geológica, oro-hidrográfica, climática e pedológica) dos concelhos em estudo (Óbidos, Peniche, Alcobaça, Nazaré e Caldas da Rainha). Sob o ponto de vista histórico, esclarece-se a situação das instituições e das técnicas na região, sobretudo no domínio dos coutos e as povoações que aí se inseriam. O conceito de casal ligado a um tipo específico de exploração fundiária. Analisam-se os contornos da evolução demográfica da região, mesmo ao nível das freguesias. Efectuou-se igualmente o levantamento das infra-estruturas (transportes, comunicações, electricidade, gás, água e saneamento, obras de hidráulica agrícola). De salientar também os capítulos sobre a estrutura da propriedade e sobre a agricultura regional: dimensões, dispersão, os baldios, número de prédios por proprietário, tipologia das empresas agrícolas, suas formas de exploração, utilização do solo, tipos de culturas em regadio e em sequeiro, áreas agro-florestais. Estabelece-se ainda a carta agrícola e florestal segundo áreas bem definidas para as diversas culturas em presença (oliveira, pinhal, áreas de incultos, vinha, culturas arvenses, hortícolas e frutícolas) e refere-se a criação de gado consoante as espécies exploradas. Investigou-se igualmente a composição social da população agrícola e as diferentes hierarquias de relações (idade, sexo, estrutura profissional, regime laboral, remuneração). Alguma preocupação relacionada com o trabalho familiar e sazonal e com as organizações de tipo cooperativo. Desenvolvem-se os processos técnicos de cultivo das diversas espécies e os cuidados a ter com elas (mobilizações do solo, fertilizantes). Alguma atenção prestada à colheita, debulha e tarefas na eira, aos transportes e equipamento, ao armazenamento e à conservação da produção. Em seguida, destaque para as indústrias de transformação agro-pecuária correlacionadas (adegas, lagares, unidades fabris) e comercialização. O trabalho conclui-se com uma perspectiva do desenvolvimento regional (levantamento das potencialidades e heterogeneidades, propostas de intervenção, os pólos de desenvolvimento e as zonas de atracção).
- SOARES, Maria Micaela.** 1982. “A mudança na cultura rural portuguesa”, *Boletim Cultural da Assembleia Distrital de Lisboa*, Lisboa, III Série, vol. 88 (2), p. 145-400
 Versos referentes a jogo popular (p. 324) e parlenga infantil (p. 342) recolhidos por José Diogo Ribeiro em Turquel.
- SOARES, Mário.** 1998. “Região do Oeste: Alcobaça”, *Jornal das Caldas*, n.º 1, p. 13
 Síntese de vários aspectos do concelho. Situação geográfica, panorama económico, dados históricos, freguesias que o integram, executivo municipal, feriado municipal, principais monumentos, locais de lazer e turismo, gastronomia, vinhos e artesanato.
- SOUSA, J. P. Saldanha Oliveira e.** 1929. *Subsídios para a história da agricultura em Portugal: os coutos de Alcobaça*, Lisboa, Tip. Inglesa
 Relatório final do curso de engenheiro-agrónomo. Estado de incultura da região anterior ao estabelecimento da Ordem Cisterciense. A fundação de povoações. Análise dos forais de S. Martinho, Beringel, Cela Nova e Alfeizerão. Imposição de determinadas condições aos colonos das terras dos coutos. Caracterização dos bens do Mosteiro e seu domínio.
- TAINHA, Manuel M.; MOREIRA, C. A. Gil; GOUVEIA, Adelino.** 1979. *Plano geral de urbanização da vila de Alcobaça: objectivos e propostas*, Alcobaça, Câmara Municipal de Alcobaça
 Levantamento da situação demográfica, do emprego, da habitação, dos diversos sectores de actividade

económica (a posição da agricultura e da pecuária, o comércio, o turismo). A rede de transportes e acessibilidades. Os equipamentos sociais e os espaços públicos. A rede de saneamento básico. Perfil do crescimento da vila. O centro e as zonas periféricas. A protecção ambiental. Propostas de intervenção em vários planos.

O TRABALHO E AS TRADIÇÕES RELIGIOSAS NO DISTRITO DE LISBOA: EXPOSIÇÃO DE ETNOGRAFIA.

1991. Lisboa, Governo Civil de Lisboa

Catálogo de exposição. Identificação das peças expostas. A Serração da Velha (p. 463) por Teresa Caetano e Elisa Frugnoli.

VASCONCELOS, J. Leite de. 1930. “Etnografia geográfica: I coutos de Alcobaça, II: campos de Coimbra”, *Biblos*, vol.6 (3-4), Coimbra, Coimbra Editora, p. 131-162

A primeira parte refere-se aos coutos de Alcobaça. Surge também publicado no primeiro volume de *Etnografia Portuguesa*.

VASCONCELOS, J. Leite de. 1932. “Círios estremenhos: subsídios para o seu estudo”, *Revista Lusitana*, vol. 30 (1-4), p. 5-97

Transcrição de loas recitadas em Alcobaça por ocasião do Círio de N.ª Sr.ª da Nazaré (p. 66-67).

VASCONCELOS, J. Leite de. 1933. *Etnografia portuguesa I: tentame de sistematização*, Lisboa, Imprensa Nacional
Mapa extraído de um *Diário Eclesiástico para o Reino de Portugal* pelo Padre Vicente Ferreira (1840) (fig. 2 entre as p.10-11).

VASCONCELOS, J. Leite de. 1936. *Etnografia portuguesa II: tentame de sistematização*, Lisboa, Imprensa Nacional
Demarcação do couro e fundação do Mosteiro. Alguns aspectos históricos (p.490-492). Atribuição de forais pelas abades de Alcobaça. Descrição das povoações pertencentes aos coutos de Alcobaça (p.496-502). Indicação das principais fontes para o estudo do mosteiro de Alcobaça. Extinção das ordens religiosas atinge o mosteiro em 1834 (p. 646).

VASCONCELOS, J. Leite de. 1942. *Etnografia portuguesa III: tentame de sistematização*, Lisboa, Imprensa Nacional
Distinção de várias sub-regiões segundo a *História de Portugal* (1846) de Alexandre Herculano. Considerava a Alta Estremadura ou Estremadura Alta, incluída na Estremadura Cistagana e à qual pertencia Alcobaça (p. 418-419). Por último, como sub-região menor o couro ou coutos de Alcobaça (na Estremadura Cistagana) (p. 422-426). Enumeração das localidades do Couto de Alcobaça segundo um texto do séc.XVII.

VASCONCELOS, J. Leite de. 1975. *Cancioneiro popular português I*, Coimbra, Universidade de Coimbra
Quadras recolhidas em diversas freguesias do concelho de Alcobaça. Árvores, frutos e ervas (Turquel) (p. 27). Cantigas do trabalho (Turquel) (p. 218; 227; 243; 257; 264-265). Cantigas de temática amorosa (Turquel) (p. 386; 628), (Vimieiro) (p. 649).

VASCONCELOS, J. Leite de. 1979. *Cancioneiro popular português II*, Coimbra, Universidade de Coimbra
Quadras recolhidas em diversas freguesias do concelho de Alcobaça. Cartas (Turquel) (p. 87). Cantigas de temática amorosa (Turquel) (p. 205; 217; 219). A terra amada (Turquel) (p. 233-234). Cantigas *conceituosas* (Turquel) (p. 250).

VASCONCELOS, J. Leite de. 1980. *Etnografia portuguesa VII: tentame de sistematização*, Lisboa, Imprensa Nacional
Índice dos principais assuntos relativos a entidades míticas tratados neste volume. Notícia retirada do periódico *De Alcobaça* (1893) sobre um episódio no qual intervieram residentes em Bário e uma bruxa (p. 18). Esconjuro contra bruxas (p. 141). Representação do diabo no túmulo de D. Inês de Castro (p. 272).

VASCONCELOS, J. Leite de. 1982. *Etnografia Portuguesa V: tentame de sistematização*, Lisboa, Imprensa Nacional
De acordo com informações de José Diogo Ribeiro recolhidas em Turquel, o autor refere estridulações de alguns animais (p. 459; p. 464).

VASCONCELOS, J. Leite de. 1983. *Cancioneiro popular português III*, Coimbra, Universidade de Coimbra
Quadras recolhidas em diversas freguesias do concelho de Alcobaça. Cantigas geográficas e tópicas (Turquel)

(p. 4; 30; 99; 113; 139; 150; 153). Cantigas religiosas (Turquel) (p. 222; 224). S. João (Turquel) (p. 348), Senhora do Livramento (Turquel) (p. 357-358), Senhora da Nazaré (Turquel) (p. 381), Senhora das Areias (Turquel) (p. 420).

VASCONCELOS, J. Leite de. 1983. *Etnografia portuguesa VI: tentame de sistematização*, Lisboa, Imprensa Nacional Índice dos principais assuntos tratados neste volume. Designações relacionadas com o moinho de vento (p. 29-33). Os lenços de Alcobaça (p. 113). Habitação tradicional (p. 239). Designação de recipiente para guardar o tabaco de cheirar (p. 430). Vestuário (p. 493; 518). Cantigas referenciando caminhos (p. 639; 642; 650-651).

VASCONCELOS, J. Leite de. 1985. *Etnografia portuguesa IX: tentame de sistematização*, Lisboa, Imprensa Nacional Índice dos principais assuntos tratados neste volume. Crenças relacionadas com alguns animais (p. 20-21). Contagem pelos dedos (p. 129). Símbolos representados em tijolos (p. 235; fig. 57-58) e em jugos de bois (p. 283; fig. 115). O Círio de Santa Maria de Cós (p. 314). Algumas localidades de Alcobaça deslocam-se ao Círio da capela da Senhora dos Remédios (p. 355-356). As deslocções de algumas aldeias do concelho ao Círio de N. ^ª Sr. A da Nazaré (p. 360). Os sinos do mosteiro (p. 447; 456). Tauromaquia (p. 569).

VASCONCELOS, J. Leite de. 1988. *Etnografia portuguesa X: tentame de sistematização*, Lisboa, Imprensa Nacional Fórmulas de tratamento entre familiares (Alfeizerão) (p. 496). Rivalidades entre aldeias (Benedita e Santa Catarina) (p. 574).

VASCONCELOS, João. 1996. *Romarias I: um inventário dos santuários de Portugal*, Lisboa, Olhagam Edições A Romaria da Senhora da Luz em Coz (p. 227-228).

VASCONCELOS, Joaquim. 1983. *Indústrias portuguesas*, Lisboa, Instituto Português do Património Cultural O Museu Industrial e Comercial do Porto em finais do século XIX. Em capítulo dedicado aos tecidos de algodão e mistos refere-se a pronta comparação da Companhia Fiação e Tecidos de Alcobaça na apresentação das indústrias nacionais. O impacto social dos tecidos de algodão na indústria nacional (p. 46-47). O autor insiste na qualidade dos tecidos das fábricas portuguesas, nomeadamente a de Alcobaça, e no facto de ser desnecessária a importação de tecidos (p. 50).

“A vida dos concelhos: Alcobaça”. 1940. *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, Lisboa, Junta de Província de Estremadura, p. 158

Dados diversos sobre o concelho: imprensa local, Casa do Povo, secções do Sindicato Nacional, Grémios, Sociedades de Recreio, composição do executivo municipal e acção da Câmara.

VIEIRA, Alice. 1997. *As praias de Portugal*, Lisboa, Caminho

Alusões ao quotidiano das localidades que têm as praias como pano de fundo. S. Martinho do Porto (p. 148-149). Trabalho profusamente ilustrado com fotografias de Maurício de Abreu.

VILLANOVA, Bernardo de. 1926. *Guia de Alcobaça*, Alcobaça, Tip. de António Miguel de Oliveira Herdeiros

Roteiro do concelho de Alcobaça, de carácter turístico. Destaque para o levantamento do património monumental (igrejas e Mosteiro) e outras indicações sobre a vida económica e infra-estruturas existentes no local.

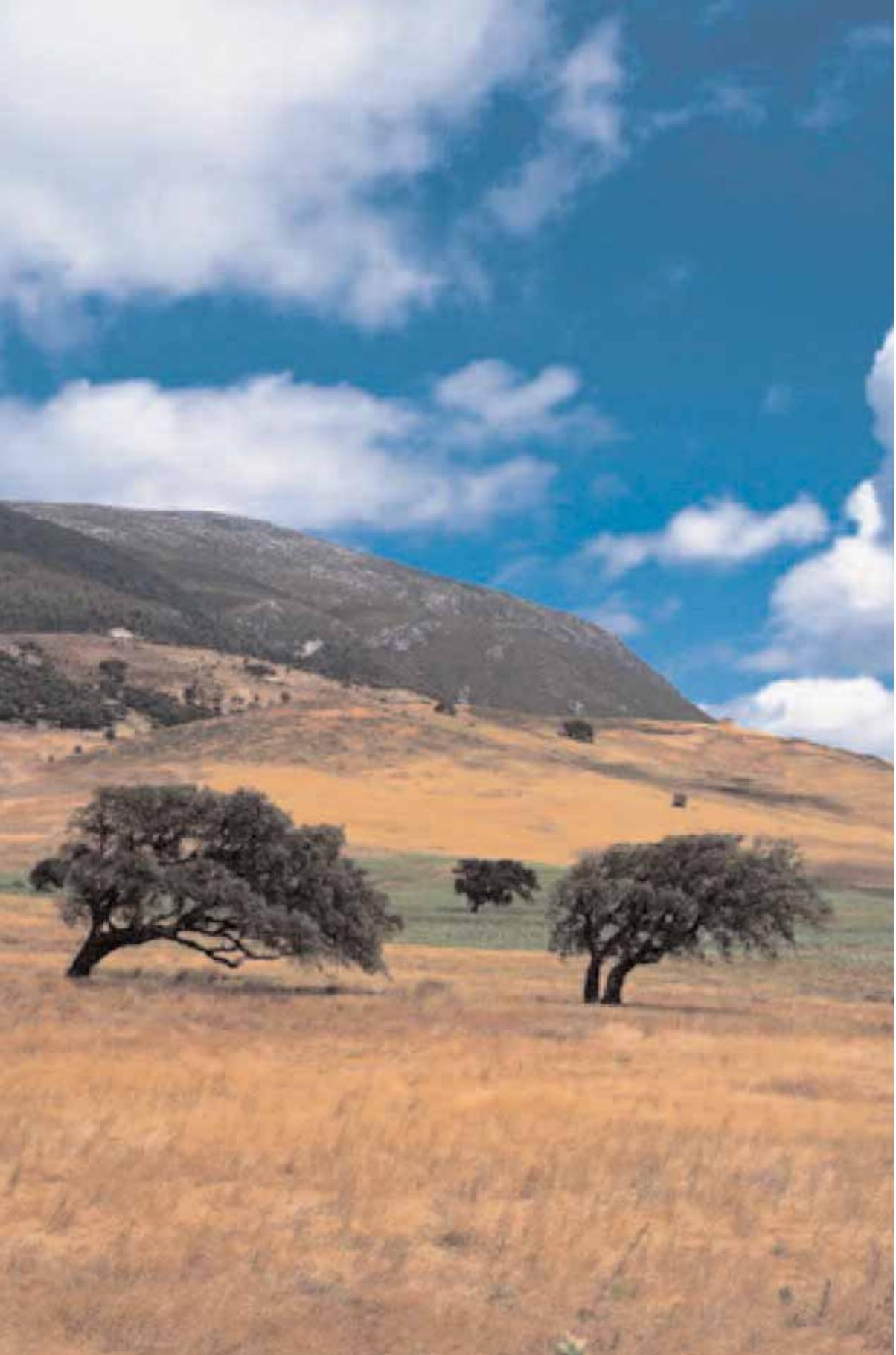
VILLANOVA, Bernardo. 1940. *Alcobaça através do Arquivo da sua Câmara Municipal (1836-1902)*, Alcobaça, Câmara Municipal de Alcobaça

Através do recurso a documentos existentes no arquivo municipal, o autor traça cronologicamente em dois períodos distintos (1836-44; 1844-1915) algumas informações pertinentes para a compreensão da história de Alcobaça (evolução urbanística, construção de edifícios públicos, infra-estruturas viárias e ferroviárias, construção de celeiros comuns, toponímia, estabelecimentos de ensino, epidemias, melhoramentos públicos, feiras e mercados, figuras ilustres).

VILLANOVA, Bernardo. 1951. **“Alcobaça e arredores: nota sobre o passado”**, *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, n.º 27-28, p. 159-165

Pequena história relacionada com a aldeia de Maiorga e intitulada *Terras onde o burro toca o sino* (p.161). A propósito de Évora de Alcobaça relata-se uma breve história designada *Terra onde o burro bebeu a lua* (p.162).

- VILLANOVA, Bernardo.** 1954. *Épocas e factos de Alcobaça*, Alcobaça
Principais factos históricos alcobacenses organizados cronologicamente de acordo com os reinados ou presidências nos quais aconteceram (1185-1954).
- VILLANOVA, Bernardo.** 1956. *Subsídios para a história de Alcobaça*, Alcobaça
Destaque para a etimologia da palavra Alcobaça. História dos lenços (panos) de Alcobaça. Referências na obra de Gil Vicente. A lenda de D. Pedro e D. Inês de Castro. A extinção das ordens religiosas e o abandono do mosteiro pela ordem cisterciense.
- VILLANOVA, Bernardo.** 1958. *Notas etimológicas e outras sobre Alcobaça e sua região*, Alcobaça, imp. Tip. Alcobacense
Origem etimológica dos nomes das várias povoações e locais importantes da região de Alcobaça com recurso a documentação histórica. Referência a alguns episódios da história local (concelhos extintos (1836), os pelourinhos – p.30-36, lenda associada a Maiorga – p.36).
- VILLANOVA, Bernardo.** 1959. *Figuras de Alcobaça e sua região*, Alcobaça, vol. 1
Aspectos biográficos relativos às principais figuras da região em várias vertentes.
- VILLANOVA, Bernardo.** 1960. *Figuras de Alcobaça e sua região*, Alcobaça, vol. 2
Aspectos biográficos relativos às principais figuras da região em várias vertentes.
- VILLANOVA, Bernardo.** 1961. *Figuras de Alcobaça e sua região*, Alcobaça, vol. 3
Aspectos biográficos relativos às principais figuras da região em várias vertentes.
- VILLANOVA, Bernardo.** 1962. *Mais subsídios para a história de Alcobaça (excerto de Jornais de Alcobaça)*
Título, cronologia histórica e figuras associadas, de todos os jornais que existiram em Alcobaça.
- VILLANOVA, Bernardo Henriques; VILLANOVA, Silvino Alberto.** 1976. *Subsídios para uma bibliografia alcobacense*, Alcobaça, imp. Alcobacense
Bibliografia cronológica sobre Alcobaça com base em livros e artigos da imprensa local (séc. XV-1974).
- VILLANOVA, Bernardo de.** 1995. *Breve história de Alcobaça*, Alcobaça, Tip. Alcobacense
Reedição da obra do autor *Antes dos frades* (1947) e *Épocas e factos de Alcobaça*. Aditamentos de Silvino Villa Nova e arranjos fotográficos de Josezinha Vasco. Inclui fotografias antigas de Alcobaça.
- VISITAÇÃO DOS CAMPOS (1 - Roteiro da Água na Serra dos Candeeiros).** 1998. Lisboa, Museu Nacional de Etnologia; ADEPA
Roteiro de viagens organizadas no âmbito da exposição “O Voo do Arado”. Circuito pelas diversas freguesias do concelho, nomeadamente as da Serra dos Candeeiros. Especial atenção às construções relacionadas com a captação, distribuição e armazenagem de água e interrelacionamento deste problema com o tipo de agricultura praticado. Inúmeras ilustrações de Carla Ferreira e Henrique Aranda.
- ZAGALLO, Francisco Baptista.** 1906. *Relatório da Exposição Alcobacense realizada de 1 a 13 de Maio de 1906*, Alcobaça, imp. Typ. e Pap. António Miguel d’ Oliveira
Descrição de uma exposição sobre as actividades económicas mais relevantes da região. Estiveram patentes os produtores de maior destaque do concelho. A indústria têxtil, a latoaria e zincoaria, as máquinas de acetilene e outros motores, marcenaria artística, tanoaria, azeite, vinho, conservas de frutas, pintura e também alguns exemplos designados por arte histórica e pré-histórica. Outro tipo de artefactos expostos prenderam-se com outras actividades como é o caso dos bordados, crochet, pintura, rendas, doçaria e lacticínios. Identificação da proveniência dos expositores. Fotografias com autoria e comentários de Manoel Vieira Natividade e Fernando Alípio Carneiro e Sá.





< A Serra de Montejunto, um dos dois principais marcos da paisagem da Região do Oeste. Abridada, Alenquer, 1996.

Alenquer

ADRIÃO, José Maria. 1934. “Retalhos de um adagiário”, *Revista Lusitana*, vol. 32 (1-4), p. 5-55

A propósito de um adágio que faz menção ao culto do Santo Espírito de Alenquer, o autor demonstra a sua importância (p. 51-52).

“Alenquer”. 1934. *A Hora*, Lisboa, n.º 7, n.º 8 (policopiado)a

Número especial dedicado ao concelho de Alenquer. Versão bilingue (português-inglês) com textos de autores diversos, nomeadamente Santos Vaz. A história do concelho. Caracterização genérica de vários aspectos da vila e suas freguesias. Informações sobre a imprensa local. Os principais melhoramentos públicos e o executivo municipal. Referências sobre o hospital, os caminhos- de- ferro, a Quinta da Carnota. As freguesias em destaque. Visitas de Estado. Paralelamente inclui-se alguma publicidade de vários estabelecimentos comerciais, agrícolas e industriais do concelho. Diversas fotos com vistas gerais das sedes de freguesia. Destaque para o açude (p. 13).

“Alenquer”, *Grande Enciclopédia Portuguesa-Brasileira*, Lisboa, Editorial Enciclopédia, vol. 1, p. 862-863

Dados de carácter geral sobre o concelho e suas localidades.

ALENQUER. 1951. Porto, ROTEP

Texto da autoria de Luciano Ribeiro. Planta do principal aglomerado populacional do concelho e dos principais pontos de interesse. Informações diversas como classificação administrativa, população, serviços públicos, feriado municipal, existência ou não de hotelaria, especialidade culinária, feiras, romarias e monumentos nacionais. Algumas fotografias.

ANDRADE, A. M. 1940. “As comemorações nos concelhos da província estremenha”, *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, p. 62-74

As comemorações do duplo centenário em Alenquer (p. 65-66).

ARROYO, António José. 1916. *Relatórios sobre a reorganização do ensino elementar, industrial e comercial em Setúbal e Alenquer*, Lisboa, Imprensa Nacional (policopiado)

Apreciação deste inspector de educação sobre a reabertura de escolas do ensino técnico-profissional. O caso da Escola Damião de Góis. A necessidade de criação de um curso elementar de Agricultura e de apoio à indústria de fiação e tecelagem local. Estatísticas relativas à indústria no concelho. Os trabalhadores e os proprietários. Disciplinas a implementar. Pessoal, alunos e projecto arquitectónico.

AZEVEDO, Pedro A. d'. 1896. “As festas dos Imperadores”, *Revista Lusitana*, vol. 4, p. 134-142

A história destas festividades desde tempos remotos (D. Isabel e D. Dinis) e a sua importância em Alenquer e noutros pontos do país. Exploração dos registos da Chancelaria de D. Manuel. Transcrição dos documentos arquivados na Torre do Tombo.

BARBOSA, Pedro Gomes. 1992. *Povoamento e estrutura agrícola na Estremadura central : século XII a 1325*, Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica

Caracterização das diversas regiões pertencentes ao termo de Óbidos: aldeias, explicações toponímicas e antroponímicas, localização geográfica, formas de povoamento. Os principais proprietários fundiários e o tipo

de propriedade que detinham (dimensões e tipo de culturas). Práticas marítimas e transporte de mercadorias. O caso das vinhas. Engenhos de moagem (p. 207-244). As propriedades existentes na serra de Montejunto prendem-se com a decadência duma pequena nobreza (p. 232-236).

BASTO, Cláudio. 1921-22. “**Medicina popular**”, *Revista Lusitana*, vol. 24 (1-4), p. 5-28

Artigo dedicado às crenças e práticas relacionadas com a raiva. O autor indica uma informação retirada da obra de António Augusto Pereira de Matos em *Algumas palavras sobre a raiva em Portugal* (1897) (p. 66), na qual o azeite da lâmpada de Santa Quitéria de Meca é utilizado para curar a ferida de cão raivoso (p. 16).

Boletim da Junta de Província de Estremadura. 1939. Lisboa, Junta de Província de Estremadura
Brasão d’Armas de Alenquer (p. 87).

Boletim da Junta de Província de Estremadura. 1944, n.º 5

Destaque para duas fotografias, sem indicação de autoria, que mostram as igrejas de N.ª Sr.ª dos Prazeres e do Espírito Santo em Aldegalega da Merceana.

Boletim da Junta Província de Estremadura. 1945, série II, n.º 9

Destaque para fotografia, sem indicação de autor do Convento Igreja de S. Francisco em Alenquer (p. 183).

Boletim da Junta de Província de Estremadura. 1945, série II, n.º 9

Desenho de autoria desconhecida, sobre uma litografia de 1861, onde se pode apreciar a Ermida da Redonda (Alenquer) (p. 187).

BOLSA INDUSTRIAL DE ALENQUER: 1802-1985. [s/d.]. [s/l.], [s/n.] (policopiado)

Estrutura populacional do concelho. Funções da vila. A indústria no concelho. Referências históricas em diversos autores.

BOUTETIÈRE, Germaine de la. 1932. *Un mois dans l’ Estrémadure portugaise*, Paris, Revue du Centre

Impressões de um estrangeiro a propósito de uma curta estadia de um mês em Portugal. Capítulo dedicado a Alenquer (história e situação).

BRAGA, Teófilo. 1913. *Cancioneiro popular portuguez*, vol. II, 2.ª ed., J. A. Rodrigues & C.ª

Canção infantil de cariz geográfico. Uma das quadras é alusiva a Alenquer (p. 316).

O CAMINHO DE FERRO REVISITADO: O CAMINHO DE FERRO EM PORTUGAL DE 1856 A 1996. 1996. Lisboa, C.P.

Catálogo de exposição sobre a história do caminho-de-ferro em Portugal. Informação cronológica sobre a conclusão das principais linhas férreas (Lisboa-Carregado).

CANADAS, Maria João. 1996. “**O trabalho agrícola na vitivinicultura do Oeste**”, *O Voo do Arado*, Lisboa, Museu Nacional de Etnologia, p. 471-485

Observação das mudanças ocorridas nas tarefas agrícolas, nomeadamente na vitivinicultura, através da quantificação dos tempos dedicados ao trabalho, conteúdo dos processos que o constituem e tipo de mão-de-obra que o efectua. Tipologia das explorações agrícolas existentes e relacionamento com os volumes de produção de vinho. Estudo comparativo das operações de cultivo da vinha nos anos 50 e na actualidade (gráficos: equipamento utilizado nas diferentes operações; operações efectuadas para a instalação da vinha por hectare e n.º de horas empregues; operações anuais na vinha por hectare e n.º de horas empregues). Estudo dos diferentes tipos de mão-de-obra. A introdução de elementos exógenos à exploração, relativamente a equipamentos e mão-de-obra, vinificação, comercialização, vindima e enxertia, aquisição de outros bens e serviços (contabilista, esteios fabricados com novos materiais, aumento do consumo de adubos e fertilizantes orgânicos). Destaque para fotografias da autora (1995) sobre dois tipos de vindima.

CÂNCIO, Francisco. [s/d]. *Notas dum ribatejano*, Lisboa, imp. Barreiro

Aspectos históricos relacionados com o Convento de Montejunto (p. 71-76) e Convento de S. Francisco. Uma lenda associada à igreja de Aldegalega da Merceana (p. 92-94). Lenda associada ao Convento de S. Francisco (p. 119-120). Os frades de Montejunto (p. 130-132). Santa Quitéria de Meca (p. 159-160). As festas em honra de Santa Quitéria de Meca (p. 187-188). As festas de S. Sebastião (p. 219-222). As “Janeiras” em

Penedos (p. 223-224). A benção das vinhas em Aldegalega da Merceana (p. 247). A freguesia da Ventosa (p. 303-304). Destaque para fotografias de António Garcez da Silva com uma vista parcial de Alenquer (p. 168) e de Mário Pires, retratando outro plano da vila (p. 223).

CÂNCIO, Francisco. 1935. *Ribatejo: monografia ilustrada*, [s/l.], ed. do autor

Caracterização da província do Ribatejo. Os recursos naturais, a tecnologia e as actividades agrícolas, aspectos etnográficos variados (cultos, crenças e festividades). A devoção ao Espírito Santo. A instituição das festas (p. 119-121). Lenda de Alão, associada à vila (p. 130-135). A lenda da igreja da Merceana (p. 156-157). Edificação da fábrica de papel pelo príncipe D. João (1802). O conto de Santa Quitéria de Meca (p. 296-302). Algumas impressões do autor sobre a vila (p. 303-306).

CÂNCIO, Francisco. 1939. “Alenquer”, *Ribatejo histórico e monumental*, vol. 2 [Santarém], Junta de Província do Ribatejo, p. 97-175 (policopiado)

Aspectos históricos ligados à vila. Características geográficas e administrativas (descrição das várias freguesias). O património construído do concelho (edifícios públicos, palácios e igrejas). Características artísticas e apontamentos históricos. Igual tratamento é dado ao estudo de cada uma das freguesias do concelho. Alusão a romarias, cultos e círios. Informação sobre factos históricos importantes e figuras ilustres. Algumas lendas de carácter histórico ou religioso. Locais de culto. A serra de Montejunto. A Senhora das Neves e o convento de Montejunto. A produção vinícola. História dos principais edifícios religiosos. O caso da igreja de Santa Quitéria de Meca. Recolha de informações em vários autores. Fotos cedidas pela Câmara Municipal de Alenquer, representam o convento de Santana da Carnota (p. 149) e o pelourinho de Aldeia Galega da Merceana (p. 172).

CÂNCIO, Francisco. 1944. *Subsídios para a história económica do Ribatejo*, Lisboa, imp. Baroeth

Obra em fascículos editada com o patrocínio da Junta de Província do Ribatejo. Os rios de Alenquer (p. 10). O rio Triana (foto p. 31). Fotografia legendada de Reis Sousa representa a Vala do Carregado (p. 96).

CÂNCIO, Francisco. 1946-47. “Nossa Senhora da Piedade da Merceana”, *Ribatejo, casos e tradições*, fasc. 1, p. 29-30

A história do achado e da devoção à imagem de Nossa Senhora da Piedade.

CÂNCIO, Francisco. 1946-47. “Cantares e danças do Ribatejo”, *Ribatejo, casos e tradições*, fasc. 2-3, p. 65-83

A influência das danças da zona saloia (bailarico, vira afandangado) nos concelhos de Alenquer, Azambuja e Arruda dos Vinhos.

CÂNCIO, Francisco. 1946-47. “Nas velhas estalagens do Ribatejo”, *Ribatejo, casos e tradições*, fasc. 3, p. 92-101

Referências a uma estalagem de Alenquer nos trabalhos de Sanches de Frias (p. 97-99). Referências à vila de Alenquer em *A Musa de Alenquer* de Júlio César Machado (p. 99-101).

CÂNCIO, Francisco. 1946-47. “Cabanas de Torres”, *Ribatejo, casos e tradições*, fasc. 6, p. 197-198

A fundação da povoação de Cabanas de Torres.

CÂNCIO, Francisco. 1946-47. “Milagres da Rainha Santa”, *Ribatejo, casos e tradições*, fasc. 7, p. 211-216

A Rainha Isabel de Aragão e a instituição dos festejos do Espírito Santo em Alenquer. A procissão do Rolo.

CÂNCIO, Francisco. 1946-47. “Doces e pratos regionais”, *Ribatejo, casos e tradições*, fasc. 9, p. 285-302

Referências à excelência do vinho, das maçãs e cerejas de Alenquer (p. 299; 301).

CÂNCIO, Francisco. 1946-47. “Casamento e mortalha”, *Ribatejo, casos e tradições*, fasc. 11, p. 375-397

Costumes relacionados com o casamento e a morte nos concelhos de Arruda e Alenquer, conforme citações de Joaquim Fontes (p. 377), Tito de Bourbon e Noronha (p. 380; 390).

CÂNCIO, Francisco. 1946-47. “No rodar do ano”, *Ribatejo, casos e tradições*, fasc. 12-15, p. 398-484

Referências de Guilherme Felgueiras ao costume de *deitar pulhas* na Quinta-Feira das Comadres, nos concelhos de Arruda dos Vinhos e Alenquer (p. 399-400). As pulhas pelo S. Vicente na Abrigada (p. 401). A Romaria de Santa Quitéria de Meca (p. 424).

- CÂNCIO, Francisco.** 1948. "Fontes do Ribatejo", *Ribatejo, casos e tradições*, [Lisboa], [s/n], fasc. 12, p. 388-408
O autor refere Alberto Pimentel em *A Estremadura Portuguesa* sobre a acção terapêutica das águas. A água e as fontes no concelho: referências encontradas em vários autores. Banhos terapêuticos nas águas da fonte da ermida de S. Braz.
- CÂNCIO, Francisco.** 1949. "Mais algumas tradições do Ribatejo", *Ribatejo, casos e tradições*, fasc. 26-27, p. 353-365
Apodos tópicos e crenças populares referentes a alguns locais: Arruda, Alenquer.
- CÂNCIO, Francisco.** 1949. "A procissão da fogaceira", *Ribatejo, casos e tradições*, fasc. 29, p. 437-438
A devoção a Nossa Senhora do Zambujeiro em Cadafais e a história do aparecimento da sua imagem. A procissão da fogaceira por ocasião da festa da santa.
- CÂNCIO, Francisco.** 1956. "Etnografia ribatejana", *Notas dum Ribatejano*, vol. 1
Queima de erva pinheira na véspera de S. João para as raparigas saberem se os seus amores são correspondidos (p. 95-96). Esconjurar o nevoeiro (p. 126). Várias adivinhas recolhidas em Cortegana (p. 127). As festas do Espírito Santo (p. 219-222). O cantar das Janeiras em Penedos (p. 223-224). A benção das vinhas em Aldegalega da Merceana (p. 247). Cantigas geográficas: Penedos (p. 250; 318); Atalaia, Santana da Carnota (p. 251-253), Penafirme (p. 286; 318) e Alenquer (p. 317-318). Ver índice das gravuras no final do volume.
- CARDOSO, Nuno Catharino.** 1944. "Armas municipais do distrito de Lisboa e a evolução que sofreram", *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, n.º 7, p. 275-281
Descrição dos vários elementos constituintes das armas antigas e à data da edição do artigo. Listagem alfabética dos elementos que surgem nas armas. Reprodução de alguns brasões d'armas sem indicação de proveniência.
- CHAVES, Luís.** 1939. "Páginas folclóricas", *Revista Lusitana*, vol. 37 (1-4), p. 32-100
Inicialmente publicado no *Jornal A Voz* em Dezembro de 1937, este artigo traça algumas considerações sobre a igreja, o culto e a festa do Espírito Santo em Alenquer e a intervenção da Rainha Santa Isabel, segundo um texto de Correia de Lacerda (p. 45-46). Mais adiante, faz-se a comparação daquele culto e daquelas festividades noutros locais do país (p. 48).
- CHAVES, Luís.** 1943. "Cruzeiros e pelourinhos estremenhos", *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, n.º 2, p. 149-154
Refere-se a existência de pelourinho na aldeia de Merceana e uma notícia histórica da existência de outro em Alenquer.
- CIPRIANO, Rui Marques.** 2000. *Lourinhã nos caminhos de Santiago*, Lourinhã, Centro de Estudos Históricos da Lourinhã
Os caminhos de Santiago na região oeste. Referências a Santiago em Alenquer (iconografia e simbologia). Fotografia de cruz processional do antigo Círio da Lourinhã a Santa Quitéria de Meca (p. 36).
- COELHO, Adolfo.** 1993. *Obra etnográfica I: festas, costumes e outros materiais para uma etnologia de Portugal*, Lisboa, Dom Quixote
O relacionamento da Rainha Santa e do rei D. Dinis com as festas do Espírito Santo em Alenquer. Descrição das diferentes etapas e participantes e outras práticas associadas à festa (o domingo de fogaréus e a procissão da candeia) (p. 306-307). Referência à água miraculosa da fonte da Triana em Alenquer, onde se terá lavado a Rainha Santa segundo a lenda (p. 334). O rolo de cera da festa do Espírito Santo deverá segundo o autor integrar a Exposição Etnográfica Portuguesa de acordo com o preconizado no seu programa (p. 735).
- COELHO, Adolfo.** 2000. *Digressões gastronómicas no país das uvas*, [Lisboa], Publicações Chaves Ferreira
Compilação de textos do autor, originalmente integrando a publicação *Informação Vinícola* (1938-1939), propriedade da Junta Nacional do Vinho, a convite de António Batalha Reis. Os artigos referem-se ao enquadramento paisagístico e económico de vários concelhos do país, nomeadamente da região oeste. O trabalho inclui igualmente um conjunto de fotografias recolhidas, segundo a nota introdutória, pelo Serviço de

Informação da Junta Nacional do Vinho. Estas não se encontram legendadas, nem contextualizadas, mas referem-se possivelmente ao período no qual a *Informação Vinícola* foi publicada (1938-62). Informação sobre Alenquer (p. 47-50).

- CONFRARIA DE SANTA QUITÉRIA DE MECA.** 1993. *Basílica de Santa Quitéria de Meca: fé, culto e património*, Olhalvo, Centro Pastoral da Merceana
 Origem histórica do culto na aldeia de Meca. A vida de Santa Quitéria. Aspectos históricos relacionados com a Basílica. O papel da Confraria na recuperação e preservação do património da Basílica. O Regulamento de 1894 da Real Igreja de Santa Quitéria de Meca expõe os objectivos daquele templo. Por último refere-se o projecto de criação do Museu Etnográfico de Meca, impulsionado pelo pároco Carlos Branco. Diversas fotografias da comunidade durante os festejos da romaria de Santa Quitéria: a benção do gado no exterior da Basílica, a procissão, a quermesse, os “pãezinhos de Santa Quitéria”, a reunião do gado no adro.
- CORREIA, J. Diogo.** 1955. “**Toponímia estremenha**”, *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, n.º 38-39-40, p. 29-35
 Origens etimológicas de Alenquer.
- CORREIA, J. Diogo.** 1956. “**Toponímia estremenha**”, *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, n.º 41-42-43, p. 37-45
 Origem etimológica do casal de Cesar; Arneiro (p. 38-39) e Labrugeira (p. 41).
- COSTA, Alexandre de Carvalho.** 1965. “**Lendas, historietas, etimologias populares e outras etimologias respeitantes às cidades, vilas, aldeias e lugares de Portugal continental (cidades e vilas-sedes de concelho)**”, *Boletim Cultural da Junta Distrital de Lisboa*, n.º 63-64, p. 221-351
 Origem etimológica da palavra Alenquer (p. 225-228).
- COSTA, Alexandre de Carvalho.** 1968. “**Lendas, historietas, etimologias populares e outras etimologias respeitantes às cidades, vilas, aldeias e lugares de Portugal continental**”, *Boletim Cultural da Junta Distrital de Lisboa*, n.º 69-70, p.149-270
 Origem etimológica de Cadafais (p. 162).
- COSTA, Alexandre de Carvalho.** 1969. “**Lendas, historietas, etimologias populares e outras etimologias respeitantes às cidades, vilas, aldeias e lugares de Portugal continental**”, *Boletim Cultural da Junta Distrital de Lisboa*, n.º 71-72, p.161-247
 Origem etimológica de Labrugeira (p. 162).
- COSTA, Alexandre de Carvalho.** 1971. “**Lendas, historietas, etimologias populares e outras etimologias respeitantes às cidades, vilas, aldeias e lugares de Portugal continental**”, *Boletim Cultural da Junta Distrital de Lisboa*, n.º 75-78, p.165-199
 Origem etimológica de Vale de Ossa, freguesia de Meca (p. 183).
- COSTA, Paulo Ferreira da.** 1999. *Montejunto: imaginários e celebrações de uma serra*, Cadaval, Leader Oeste
 Localização e divisão administrativa na serra de Montejunto. História da presença humana no local e o reduzido vigor do património edificado na região. O papel da agricultura na zona ao longo dos tempos (principais produções). A pastorícia. A Reserva Ecológica Educativa da serra de Montejunto. O conhecimento do espólio arqueológico e paleozoológico. Diferentes formas de mitologia popular. O caso das lendas, reprodutoras do imaginário popular, associam-se a elementos naturais locais como rios, fontes, poços, grutas, entre outros. As lendas das mouras encantadas e os tesouros na tradição oral e na toponímia das aldeias daquela região. Histórias de lobisomens. Origens históricas e relatos semelhantes noutros contextos geográficos. Análise de narrativas locais. As forças do mal na cultura popular e as figuras que se lhe associam (cobras, bruxas, sapos, gatos pretos). Vítimas e efeitos deste nas sociedades tradicionais (as crianças, as grávidas). Processos rituais relacionados com estas manifestações. Os dois grandes momentos do ciclo festivo local: a celebração dos Reis no Inverno nalgumas freguesias dos concelhos de Alenquer e Cadaval e diversos eventos celebrados desde finais da Primavera até ao Verão (espera do Cuco, a Quinta-Feira de Ascensão, benções do gado, S. João, e outras festas de cariz religioso). Anexo fotográfico do autor com fotografias legendadas dos principais locais, práticas e eventos analisados no texto.

COSTA, Sousa. 1946. “O campino: pastor de gado bravo”, *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, n.º 12, p. 183-196

Destaque para fotografia, sem indicação de autoria, retratando grupo de campinos (Alenquer) (p. 187).

EÇA, Maria Natália Almeida d'. 1995. *Roteiro artesanato português: Estremadura*, Porto, ed. do autor
Roteiro das artes e ofícios tradicionais existentes na Estremadura e organizado por concelhos. Referências aos nomes dos artesãos e contactos dos seus locais de trabalho. Inúmeras fotografias retratando interiores das oficinas, peças, matéria-prima, os artesãos a trabalhar.

FELGUEIRAS, Guilherme. 1947. “O estudo da literatura popular e das tradições orais estremenhas”, *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, n.º 14, p. 127-139

As pulhas como forma de vindicta popular associada ao Entrudo (Abrigada). Referências a Ota e Alenquer no capítulo dedicado a apodos tópicos. Quadras relativas ao S. João em Cabanas de Torres. Quadras religiosas de Abrigada e Penedos. A Romaria de Santa Quitéria de Meca advogada dos animais hidrófobos. Rífões relacionados com os meses do ano.

FELGUEIRAS, Guilherme. 1948. “O estudo da literatura popular e das tradições orais estremenhas”, *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, n.º 18, p. 289-299

Mencionam-se algumas práticas associadas aos cantares do Dia de Reis em Penedos. Transcrição da letra das canções (p. 292). A Serração da Velha (coro de rapazes cantam em frente à casa de uma idosa tocando instrumentos musicais em grande alarido (p. 297). São transcritas também algumas canções de índole geográfica (Penedos e Atalaia) (p. 298).

FELGUEIRAS, Guilherme. 1948. “O estudo da literatura popular e das tradições orais estremenhas V. Romanceiro estremenho”, *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, n.º 19, p. 409-423

Transcrição do romance heróico *A Bela Infanta* segundo uma versão recolhida em Penafirme da Ventosa. Quadras do cancionero popular. Cantigas ao despique segundo uma versão recolhida em Cortegana.

FELGUEIRAS, Guilherme. 1949. “O estudo da literatura popular e das tradições orais estremenhas VI”, *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, n.º 22, p. 395-404

Esconjurar o nevoeiro segundo uma versão recolhida em Penafirme da Ventosa. Quadras do cancionero (Cortegana). Adivinhas (Cortegana).

FELGUEIRAS, Guilherme. 1950. “O estudo da literatura popular e das tradições orais estremenhas VII”, *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, n.º 23, p. 95-102

Em Abrigada foram recolhidas algumas quadras de músicas de dança (*Ó Vale, Valentim; Seu Manuel dos calções azuis*).

FELGUEIRAS, Guilherme. 1950. “O estudo da literatura popular e das tradições orais estremenhas VIII”, *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, n.º 24-25, p. 365-396

Duas quadras religiosas a propósito da Romaria de Santa Quitéria de Meca (p. 368) Diversas cantigas de tipo geográfico recolhidas em aldeias do concelho: Santana da Carnota e Penedos (p. 371); modinhas das danças de roda (*Ao passar o ribeirinho; Olha a doiradinha*) (p. 373-374) segundo versão de Abrigada. No capítulo das adivinhas indicam-se alguns exemplos de Cortegana. Grande parte do artigo é composto por quadras do cancionero de temática diversa recolhidas em Atalaia, Santana da Carnota, Abrigada, Cortegana, Labrujeira, Camarnal e Cabanas de Torres. Conclui o artigo uma versão do conto do *Cuco e do Chasco* recolhida em Cortegana (p. 396).

FELGUEIRAS, Guilherme. 1959. “Do gorro da nobreza ao garruço da plebe”, *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, n.º 50-51-52, p. 175-188

Destaque para uma fotografia de Eduardo Portugal, apresentando alguns campinos descansando (Alenquer) (p. 187).

FERREIRA, Jayme A. 1896. *Almanach provinciano*, [s/l.], [s/n.] (policopiado)

Intercalando informações de carácter geral e alguma poesia, surgem alguns dados sobre figuras ilustres do concelho, património edificado e dados económicos. É o caso por exemplo da indústria de lanifícios (p. 64-66).

- FERREIRA, Olegário A. Vieira; FERREIRA, Jorge M. Rodrigues; FALCÃO, José António.** 1981. *Subsídios para o cancioneiro popular da Merceana (Alenquer)*, Santiago de Cacém, Gabinete de Estudos Históricos
Compilação de 48 quadras, efectuada em Merceana, povoação da freguesia de Aldeia Galega da Merceana.
- FIGUEIREDO, Albino d' Abranches Freire de.** 1851. *Memória sobre alguns melhoramentos possíveis da vila e concelho de Alenquer*, Lisboa, [s/n.]
O autor propõe ao governo alguns melhoramentos para a vila e concelho de Alenquer, a nível administrativo, eclesiástico, da instrução e nalgumas vias públicas. Referência ao mau estado destas últimas com efeitos a nível económico, e propostas para o combater. O caso das sessões derivadas do estado do Paúl do Bunhal. As inundações frequentes.
- FREIRE, Natércia.** [s/d.]. *O Ribatejo*, Lisboa, Livraria Bertrand
A lenda da igreja da Merceana na monografia de João Carlos Henriques *Alenquer e o seu concelho* (p. 60-61).
- FREITAS, Maria das Neves Lopes do Monte e.** 1958-9. *Monografia de Vila Verde dos Francos*, Lisboa, ed. de autor (policopiado)
Trabalho realizado no âmbito do curso de Serviço Social. Introdução histórica: origens, donatários e figuras ilustres. O património edificado (igrejas, palácios, conventos, pontes e fontes). A comunidade em finais dos anos 50. Aspectos geográficos e estrutura da população em várias épocas. A composição da freguesia. A estrutura produtiva: agricultura (tipos de propriedade, a vinha, os cereais, os produtos hortícolas e frutícolas, o azeite, a pecuária, as alfaias utilizadas, principais tarefas levadas a cabo). O papel do comércio. As profissões e a divisão sexual do trabalho. Condições sociais (a alimentação, o trabalho, a habitação, o vestuário). A vida religiosa. Conceitos morais. As festividades religiosas. Características da família. Os estabelecimentos de ensino. Situação cultural da freguesia. As sociabilidades vicinais e familiares. Redes de acessibilidades. A assistência social. Estratégias de intervenção no meio. Apresentação de algumas fotografias, sem indicação de autoria.
- GALHOZ, Maria Aliete.** 1997. "Um Romance de Reis da tradição oral do concelho de Alenquer e um Romance de Reis de um folheto setecentista – seguirão um mesmo protótipo?", *Revista Lusitana*, nova série, n.º 16, p. 39-53
Análise semântica dos dois tipos de discurso fazendo referência a características temporais, sociais e geográficas. No que diz respeito à versão de Alenquer, trata-se de uma recolha efectuada nos anos 70 por Michel Giacometti. Transcrição e identificação das partes principais.
- GALLOP, Rodney.** 1961. *Portugal: a book of folkways*, Cambridge, Cambridge University Press
Referências às festas do Império (Espírito Santo) instituídas pela Rainha Santa Isabel. Coroação de um imperador e dois reis na igreja, tendo o imperador do ano anterior, o direito de libertar um condenado (p. 104). O culto de N.ª Sr.ª da Piedade de Merceana (p. 128-129). Fotografias do autor e desenhos de Marjorie Gallop.
- GANDRA, Manuel J.** 1996. "Os círios ou aspectos do culto da Grande Deusa na Estremadura", *Jornadas sobre Cultura Saloia*, Câmara Municipal de Loures, p. 85-119
Nesta comunicação o autor considera os círios como elemento regional por excelência, e vai buscar explicações a estudos de filósofos e geógrafos da época clássica. O Círio da Ameixoeira no concelho de Alenquer é referido em memórias paroquiais setecentistas (p. 89). Círio de N.ª Sr.ª da Piedade na Merceana (p. 100). Santa Quitéria de Meca (advogada do gado muar e vacum) (p. 110). Círio de S. Jorge na Labrugeira. A participação da povoação de Vila Chã (Ventosa) no círio de N.ª Sr.ª da Misericórdia em Moita dos Ferreiros (Lourinhã) (p. 111).
- GIACOMETTI, Michel.** 1981. *Cancioneiro Popular Português*, Lisboa, Círculo de Leitores.
Trabalho realizado em colaboração com o compositor Fernando Lopes Graça. Apresentação de letra e transcrição musical de: *Partiram nos três Reis Magos* (Canto de peditário pelos Reis) recolhida em Cabanas de Torres (p. 54-55; nota p. 306).
- GOMES, João José Fernandes; DOMINGOS, José Batista Barreto.** 1983. *Comunicação social, escrita, no concelho de Alenquer*, 2.ª ed., Alenquer, Museu Municipal Hipólito Cabaço (policopiado)
Acompanhou a exposição com a mesma designação, realizada no Museu Municipal Hipólito Cabaço.

Informações diversas sobre a imprensa local por ocasião da Feira da Ascensão de 1983. Apresenta-se o título da publicação, reprodução de uma das capas, ficha técnica e locais onde os diferentes números poderão ser consultados.

GOMES, Maria Alice Rosa. 1995. 2.ª ed. *Vila Verde dos Francos e o espírito de Camões*, Lisboa, imp. Espaço Gráfico

Se bem que o enfoque da obra seja o provável nascimento do poeta Luis de Camões em Vila Verde dos Francos, este trabalho refere igualmente outros aspectos como o património edificado, características gerais da vila, as festividades, as procissões dos Passos, elementos artísticos diversos. Destaque para a reprodução de um conjunto de medidas-padrão oferecidas à vila por D. Manuel I (e actualmente fazendo parte das colecções do Museu Municipal Hipólito Cabaço). A Fábrica do Gelo. Inúmeras fotografias antigas e recentes com enquadramentos paisagísticos e monumentais da região.

GUAPO, Ana Isabel dos Santos Rodrigues. 1990. “Romaria de Santa Quitéria de Meca”, *Boletim Cultural - Assembleia Distrital de Lisboa*, Lisboa, n.º 91, 1.º tomo, p. 83-124.

Perspectiva geográfica, demográfica e agrícola do concelho de Alenquer. As principais festividades ao longo do ano (p. 85-91). Realização da romaria de Santa Quitéria de Meca: diversos momentos, participantes, a festa profana e a festa religiosa. A romaria conforme descrições de vários autores. Ex-votos. Rituais de protecção (benção do gado). A igreja de Santa Quitéria. A vida da Santa. Os peditérios e as confrarias. Círios a Santa Quitéria. Os cânticos. O arraial. Anexo fotográfico da romaria realizada em 1985.

GUAPO, António Rodrigues. 1996. “Falemos do concelho de Alenquer”, *Actas do 1.º Seminário do Património da Região Oeste*, Caldas da Rainha, Património Histórico, p. 84-89

Breve caracterização do concelho de Alenquer em várias vertentes. Os projectos de recolha e preservação do património realizados pela Associação de Defesa do Património de Alenquer (levantamento fotográfico do património construído, levantamento bibliográfico de documentos relativos a Alenquer existentes nas principais bibliotecas portuguesas). Por outro lado, efectuaram-se algumas recolhas sobre a região, nomeadamente no que diz respeito ao Círio de Olhalvo à Senhora de Nazaré, a benção do gado na romaria de Santa Quitéria de Meca, os Reis, a Fábrica do Gelo. A Associação propõe-se igualmente divulgar o estado das investigações através da difusão em colóquios, exposições, através dos órgãos da imprensa regional e da publicação de edições pertinentes para o aprofundar dos conhecimentos sobre o concelho. Colabora com a Câmara Municipal no processo de classificação da serra do Montejunto.

GUIMARÃES, Vieira. [1929]. “A Estremadura”, *Portugal: Exposição Portuguesa em Sevilha*, p. 5-43

Descrição da estação dos caminhos-de-ferro do Carregado. Paisagem envolvente (p. 37).

HENRIQUES, Guilherme João Carlos. 1873. *Alenquer e o seu concelho*, Lisboa, Typ. Universal (policopiado)

Estudo de um dos principais autores que incidiram as suas investigações sobre o concelho. Introdução à topografia, mineralogia e hidrologia do concelho. Evolução histórica. Aprofundamento de todas as freguesias, tendo em conta os seus aspectos históricos e administrativos. Estatísticas de população, de cariz económico, principais quintas agrícolas, seus proprietários e características, povoações e figuras relevantes, património edificado aí situado, número de fogos.

INQUÉRITO INDUSTRIAL DE 1890: INDÚSTRIAS FABRIS E MANUFACTUREIRAS. 1891. Lisboa, Imprensa Nacional (policopiado)

Estatísticas relativas ao concelho sobre os estabelecimentos industriais em finais do séc. XIX. Principais ofícios. Duração do trabalho. Características sazonais. Dimensão do estabelecimento. Sexo e número dos trabalhadores. Sua proveniência. Remunerações. Mecanização das tarefas. Matéria-prima.

JÚLIO CÉSAR MACHADO: ESTÓRIAS E PAPAROCAS. 2000. Bombarral, Museu Municipal de Bombarral Vasco P. da Conceição/Maria Barreira

Colectânea de textos de Júlio César Machado, seleccionados por Vitor Wladimiro Ferreira, sobre gastronomia portuguesa. Referem-se somente os dados relacionados com a região. Referências ao vinho de Olhalvo bebido nas tabernas lisboetas (p. 62).

- LEÇA, Armando.** 1944. “Do cancioneiro músico-estremenho II”, *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, n.º 6, p. 251-256
O autor lamenta-se no final do artigo, não ter constatado a existência de canções relacionadas com os trabalhos vitivinícolas na região estremenha, como por exemplo no que diz respeito ao período das vindimas, ao contrário do que se passa no resto do país (casos exemplificados e identificados no próprio artigo). A Redacção do *Boletim da Junta de Província de Estremadura* acrescenta em nota final a transcrição de canções que ritmam a medição vínica numa aldeia da freguesia de Ventosa.
- LEÇA, Armando.** 1958. “Motivos ensoados pelo povo: ofícios V”, *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, n.º 47-48-49, p. 211-223
Apresentação de fotografia do autor, representando as lavadeiras de Alenquer (p. 217).
- LEÇA, Armando.** 1964. “Motivos ensoados pelo povo: amor, amoricos X”, *Boletim Cultural da Junta Distrital de Lisboa*, n.º 61-62, p. 319-336
Quadra respeitante ao período do namoro (p. 330).
- LOPES, Aurélio.** 1995. *Religião popular no Ribatejo*, Santarém, Assembleia Distrital de Santarém
Aspectos etnográficos relacionados com as vivências do sagrado no quotidiano e em tempo de festa. As formas de religiosidade popular (cultos, santos, promessas, ex-votos). As festas, romarias e festividades cíclicas anuais. A crença no sobrenatural; os elementos naturais. Aspectos da mitologia popular. Medicina popular. O concelho de Alenquer como um dos concelhos-padrão no estudo da região ribatejana (p. 16). Orações a Santo António (p. 82). Santa Quitéria de Meca (p. 108; p. 132-133; p. 147-148). A lenda de N.ª Sr.ª do Zambujeiro em Cadafais, Carregado (p. 112). A lenda da origem da aldeia da Merceana associada a N.ª Sr.ª da Piedade (p. 113-114). Em relação com a Abrigada, surge uma lenda na qual aparece igualmente a figura de Nossa Senhora (p. 115). O cantar das Janeiras (p. 158; 160). O Entrudo e a Sociedade do Porco (p. 164). *Deitar as pulhas* na Abrigada (p. 165). Cegadas carnavalescas (p. 167). *O cavaleiro do Carnaval*, uma forma de crítica social (p. 169). Enterro do Entrudo (p. 170). As comadres e os compadres (p. 173); Labrugeira (p. 174). A Serração da Velha (p. 186). O Julgamento do Bacalhau (p. 193). A Espiga (p. 198); Cabanas de Torres (p. 199). A Quinta-Feira de Ascensão (p. 199). O Dia da Bela Cruz (p. 200). Levantar cedo no dia 1.º de Maio (p. 201). Quadras alusivas ao S. João (p. 211). Tronos de S. João (p. 216). Maus agoiros (p. 232). Amuletos para protecção dos animais (p. 239). Cuidados a observar durante o período menstrual (p. 244). Fontes de águas santas (p. 248). Crenças relacionadas com os animais (p. 258). Previsões do tempo (p. 268-269). Feitiços (p. 308). Medicina popular (p. 334; 336; 338; 340; 361).
- LUDOVICE, Licínia da Conceição.** 1950. “Subsídios para o estudo do cancioneiro popular alenquerense”, *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, n.º 23, p. 89-94
Numa primeira parte apresentam-se diversas quadras sem enquadramento temático, nem indicação do local de recolha. Para finalizar apresentam-se cantares, bailaricos e modinhas de roda. Apresentação de uma fotografia, sem indicação de autor, representando a faina rural.
- LUDOVICE, Licínia da Conceição.** 1950. “Subsídios para o estudo do cancioneiro popular alenquerense II”, *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, n.º 24-25, p. 325-396
Quadras do cancioneiro popular. Ênfase nas quadras referentes ao período das vindimas e tarefas correlacionadas. Duas quadras religiosas a propósito da Romaria de Santa Quitéria de Meca (p. 368). Diversas cantigas de tipo geográfico recolhidas em aldeias do concelho: Santana da Carnota e Penedos (p. 371); modinhas das danças de roda. Fotografia sobre os momentos de descanso da vindima, sem indicação de autor (p. 331).
- LUDOVICE, Licínia da Conceição.** 1951. “Subsídios para o estudo do cancioneiro popular alenquerense III”, *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, n.º 26-28, p. 201-207
Extenso conjunto de quadras recolhidas em Alenquer. Nalgumas delas faz-se alusão a nomes de aldeias como Penedos, Penafirme, Torre, Castanheira, Carregado, Povos.
- LUDOVICE, Licínia da Conceição.** 1956. “Subsídios para o estudo do cancioneiro popular alenquerense IV”, *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, n.º 41-42-43, p. 135-150
Referências à prática da *diafa* efectuada por ocasião da conclusão das tarefas relacionadas com a apanha da

azeitona. Apresentação de um extenso conjunto de quadras cantadas ao desafio durante esses festejos. O conto do *Conde de Montealbar*.

MACEDO, Maria da Conceição Ermida Machado de. [s/d.]. *Penafirme da Ventosa no concelho de Alenquer*, [s/l], [s/n.] (policopiado)

Aspectos históricos e administrativos do concelho de Alenquer. O património monumental. A topografia e o relevo. O caso da *Serra das Neves*. Estudo das diversas zonas agrárias e suas designações específicas. Hidrografia e recursos hídricos. Aspectos climáticos. Os tipos de propriedade e as formas de exploração da terra. Caracterização agrícola do concelho. A especificidade da cultura da vinha. Processos e técnicas. Movimentos migratórios associados a esta actividade. A comercialização de produtos agrícolas. Estudo dos outros tipos de culturas existentes. Apontam-se os principais recursos de que a população necessita para a prossecução das tarefas agrícolas e dão-se algumas informações sobre as indústrias locais ao serviço da agricultura como (aluguer de maquinaria, moinhos e azenhas, caldeiraria, albardaria, ferradores, tanoaria). Factores exógenos necessários para a agricultura (maquinaria, adubos, fungicidas). Principais pesos e medidas. A área de floresta. Baldios e incultos. Dedica-se um capítulo ao comércio e indústria. Indicação das principais feiras, mercados e estabelecimentos industriais. O associativismo de tipo agrícola e a assistência social. A estrutura demográfica. Condições medico-sanitárias e a assistência social. Características físicas da população e conceitos morais. As condições sociais da população. Vida religiosa. Principais manifestações festivas. Formas de distração. Costumes e crenças diversas. Medicina popular. A literatura oral. O traje. A arquitectura no concelho. Apenas se dedica um capítulo, de menor importância, à comunidade que dá título ao trabalho (história, divisão administrativa, património monumental, população, economia, comércio e indústria, principais propriedades agrícolas e assistência medico-sanitária).

MACEDO, Maria da Conceição Ermida Machado de. [s/d.]. *Análise da vida da população do lugar de Penafirme de Ventosa*, [s/l], [s/n] (policopiado)

Estudo dos elementos geo-climáticos, hidrográficos e topográficos do lugar. Aspectos históricos. Algumas figuras notáveis. O relacionamento com as outras freguesias do concelho. Transportes, rede viária e comunicações. A estrutura populacional. Características demográficas e físicas. Conceitos morais. Esboço de uma família-síntese, detentora das características gerais da população. O trabalho agrícola e não-agrícola. Divisão sexual do trabalho. As actividades agrícolas. A importância da viticultura. Operações e técnicas. Outras culturas produzidas. Utilização agrícola e algumas tarefas realizadas. A criação de gado. A assistência social aos trabalhadores agrícolas. Estabelecimentos comerciais. Comércio ambulante. Principais feiras e mercados. A pequena indústria. Apresentação de algumas fotografias.

MARÇAL, Elga. 1988. *O Círio de Olhalvo à Senhora da Nazareth*, Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (policopiado)

Dissertação de licenciatura em Antropologia. Caracterização da freguesia de Olhalvo: localização, dados sobre a população, principais actividades económicas (agricultura, vitivinicultura), crenças e tradições, factores de conflito. Importância dos círios na região estremenha. O culto mariano e os círios à Senhora da Nazareth. Diferentes fases e momentos da organização do círio (a comissão de festas, peditórios, preparativos). A peregrinação ao santuário mariano (momentos religiosos e profanos). O encerramento do círio. Seu significado para a comunidade. Inclui algumas fotografias legendadas.

MARIZ, José. 1997. "O Regimento dos moleiros de Alenquer", *Revista de Alenquer*, Alenquer, vol. I, p. 114-116

Importância dos códigos e posturas municipais oitocentistas na criação de um conjunto coerente de regras, que regulamentavam os domínios de actividade económica mais importantes, como era o caso dos moinhos e moleiros, estabelecendo uma série de direitos e deveres associados àquelas unidades produtivas. Como exemplo, salienta-se a determinação da existência de algumas unidades de medida, pagamento de fianças à Câmara, multas por danos aos grãos de outrém e prazos de entrega da farinha.

MATEUS, José. 1997. "A basílica de Santa Quitéria de Meca na história e na arte", *Estudos de Alenquer*, Alenquer, n.º 1, p. 82-89

Aspectos históricos relacionados com este importante templo. Caracterização artística. Os principais artistas envolvidos. Fotografias de alguns elementos interiores e exteriores.

MELO, António de O.; GUAPO, António R.; MARTINS, José E. 1986. *O Concelho de Alenquer: subsídios para um roteiro de Arte e Etnografia*, Vol. 3., Comissão Municipal da Feira da Ascenção de Alenquer, Associação para o Estudo e Defesa do Património de Alenquer

Levantamento dos principais conventos do concelho e figuras notáveis a eles associados. A extinção das ordens religiosas em Portugal.

MELO, António de O.; GUAPO, António R.; MARTINS, José E. 1987. *O Concelho de Alenquer: subsídios para um roteiro de Arte e Etnografia*, Vol. 4., Comissão Municipal da Feira da Ascenção de Alenquer, Associação para o Estudo e Defesa do Património de Alenquer

Este volume caracteriza fundamentalmente o concelho no que diz respeito às quintas e solares como forma específica de povoamento, de propriedade, modo de exploração próprio e pedaços de história relacionado com estes tipos de estrutura. A descrição, efectuada em todas as freguesias pormenorizadamente, além de conter inúmeras fotografias, estabelece o perfil histórico das suas construções de cariz civil e religioso, indica documentos pertinentes e transcreve lápides (p. 9-222). Destaca-se o capítulo dedicado às ganaderias do concelho: principais proprietários, ferros. Transcreve-se a letra de um fado da autoria do poeta Francisco de Figueiredo. Termina com a reprodução de dois cartazes de tourada: uma em benefício da Real Capela de N.ª Sr.ª da Piedade na Merceana, em 1879, outra da inauguração da praça da Labrugeira, em 1889 (p. 223-230). Seguidamente apresentam-se diversos aspectos biográficos de figuras de destaque na vida do concelho, com as respectivas fotos ou gravuras (p. 231-250). A genealogia dos habitantes de algumas quintas ao longo dos tempos (p. 251-308). Para finalizar uma parte é dedicada aos forais, baldios e posturas municipais (p. 309-334).

MELO, António de O.; GUAPO, António R.; MARTINS, José E. (1984) 1989. *O Concelho de Alenquer: subsídios para um roteiro de Arte e Etnografia*, Vol. 1., 2.ª ed., Câmara Municipal de Alenquer, Associação para o Estudo e Defesa do Património de Alenquer

Numa primeira parte apresentam-se dados de caracterização histórica, geográfica e geológica do concelho (p. 15-18). Seguidamente são descritas uma a uma todas as freguesias, no que diz respeito à sua área geográfica, povoações que a constituem, população, actividades económicas principais, estabelecimentos de ensino, associativismo cultural e desportivo, festividades e património religioso construído de destaque (p. 19-177). Descreve-se alguns aspectos da história da vila, vestígios de épocas passadas, através do património arquitectónico civil e religioso. O museu municipal Hipólito Cabaço e as suas colecções arqueológicas. Arquitectura industrial (p. 178-222). Outros aspectos de relevo no concelho: cruzeiros (p. 223-236); fontes e chafarizes (p. 237-246); lápides e brasões (p. 247-279). O livro conclui com um capítulo dedicado à serra de Montejuento com particular referência aos *neveiros da serra* (p. 280-286). Profusamente ilustrado com fotografias, sem indicação de autor, de vários aspectos do concelho referidos no texto.

MELO, António de O.; GUAPO, António R.; MARTINS, José E. (1985) 1991. *O Concelho de Alenquer: subsídios para um roteiro de Arte e Etnografia*, Vol. 2., 2.ª ed., Câmara Municipal de Alenquer, Associação para o Estudo e Defesa do Património de Alenquer

Capítulo dedicado às principais festividades e algumas diversões do concelho (arraiais, leilões, cargos). Aspectos etnográficos. Momentos das festas e seus participantes. O estudo prossegue com o levantamento das principais manifestações do calendário festivo anual (Carnaval, Serração da Velha, pulhas, período quaresmal, Bela Cruz, Ascensão, santos populares, Todos-os-Santos e S. Martinho). O caso especial da celebração dos Reis no concelho (p. 37-64). Reprodução de pinturas e transcrições musicais dos cantos realizados em várias povoações do concelho. Destaca-se igualmente o estudo dos círios e a romaria de Santa Quitéria de Meca (p. 64-88). Com menor incidência, referem-se igualmente as características de outras festividades como as Procissões dos Passos e as festas do Espírito Santo (p. 89-98). Uma segunda parte do trabalho fornece elementos sobre as diversas artes e ofícios tradicionais (tanoaria, cantaria, cestaria e latoaria). Não são esquecidos os aspectos da tecnologia tradicional moageira e engenhos de elevação de água de rega (moinhos, azenhas, lagares, noras e picotas), os pesos e medidas, os transportes e comunicações (p. 141-159). O trabalho conclui com importantes referências à literatura de expressão oral: lendas, contos, canções de trabalho, quadras diversas, crenças e superstições recolhidas em diversas freguesias (p. 161-179). Foca-se também a medicina popular e a gastronomia local (p. 180-184), assim como as previsões do tempo (p. 184-186). Inúmeras fotografias legendadas sobre as principais festividades (p. 13-23; p. 24-36). Outras fotografias mostram aspectos de práticas agrícolas e alfaias diversas, bem como de artes e ofícios tradicionais (p. 111-140).

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA. 1939. *Reconhecimento dos baldios do continente*, vol. 2 (parte 2), Lisboa, Junta de Colonização Interna

Estatísticas permitindo a caracterização dos baldios em Portugal. Apreciação distrital, por concelhos e freguesias (número, tipos de aproveitamento agro-florestal consoante a área, designação, características geológicas, agrológicas, oro-hidrográficas e económico-sociais, sua localização aproximada). Dados sobre Alenquer (p. 668-673).

MONUMENTOS E EDIFÍCIOS NOTÁVEIS DO DISTRITO DE LISBOA: ALENQUER, ARRUDA DOS VINHOS, AZAMBUJA, CADAVAL. 1962. Lisboa, Junta Distrital de Lisboa

As armas do concelho. Mapa com a localização do concelho na região e indicação das freguesias que o compõem. Origem histórica e etimológica. Apresentação do património edificado de cariz religioso e civil por freguesia de localização. Ilustrações e fotografias de alguns aspectos interiores e exteriores.

MOREIRA, Carlos Diogo. 1987. *Populações marítimas em Portugal*, Lisboa, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas

Publicação correspondente a dissertação de doutoramento em Antropologia apresentada pelo autor à Universidade Técnica de Lisboa. As zonas de pesca fluvial em Alenquer (séc. XVII) segundo Mendez Silva (p. 194).

MUSEUS: SUBSÍDIOS PARA O ENQUADRAMENTO HISTÓRICO DOS CONCELHOS. 1998. Lisboa, Comissão de Coordenação da Região de Lisboa e Vale do Tejo

Os museus e casas-museu da região de Lisboa e Vale do Tejo. Características, colecções e horário de funcionamento.

PAVIANI, Aldo. 1968. "Alenquer: aspectos geográficos de uma vila portuguesa", *Finisterra*, Lisboa, vol. 3, n.º 5, p. 32-78

Enquadramento natural do concelho de Alenquer. Constituição e localização da vila. Evolução histórica e intervenções urbanísticas. O comportamento dos cursos de água. Aspectos demográficos: efectivo populacional, estrutura dos sectores de actividade. Observação mais rigorosa das freguesias que compõem a vila. Sua caracterização económica. Rede de acessibilidades. Apresentação de diversas gravuras representando sucessivos períodos da evolução da vila. Em anexo, apresenta-se a planta funcional, e várias fotografias retratam aspectos paisagísticos, urbanísticos, económicos e arquitectónicos da vila.

PEDROSO, Consiglieri. 1988. *Contribuições para uma mitologia popular portuguesa e outros escritos etnográficos*, Lisboa, Dom Quixote

Práticas realizadas por ocasião da noite de S. João (p. 114).

PEIXOTO, Rocha. 1990. *Etnografia portuguesa: obra etnográfica completa*, Lisboa, Dom Quixote

Referência a um alvará do séc.XVII que determina a residência de ciganos afastados da corte (p. 47). Explicações sobre a onomástica de Cabanas de Torres (p. 76).

"Pela província: ideias e factos". 1945. *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, série II, n.º 9, p. 271-285

Notícia-se o reatar da realização das Festas do Divino Espírito Santo em Alenquer. Conjunto de fotografias com diversos momentos das referidas festividades: "Saída do andor com a Rainha Santa" (p. 273); "Aspecto da procissão" (p. 273); "Figurantes na procissão do Divino Espírito Santo em Alenquer (p.275); "O imperador (ao centro) entre reis e outros figurantes (p. 278); "Aspectos do bodo" (p. 283).

PENTEADO, Pedro. 1999. "Para uma história dos santuários portugueses", *Colóquio A Piedade Popular*, Lisboa, Universidade Nova de Lisboa, Centro de História da Cultura, p. 43-55

Comunicação a um colóquio, apresenta importantes pistas para a compreensão da história dos santuários portugueses devotados ao culto mariano, do séc. XIV aos nossos dias. O posicionamento dos santuários face à extinção das ordens religiosas (o caso da Real Casa de N.ª Sr.ª da Piedade da Merceana).

PEREIRA, José de Campos. 1915. *A propriedade rústica em Portugal*, Lisboa, Imprensa Nacional

A produção vitivinícola em finais do séc. XIX e em princípios do séc.XX no concelho.

PESSANHA, Sebastião. 1954. “Crenças e superstições ligadas ao gado no concelho de Sintra”, *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, n.º 35-36-37, p. 143-150
Apresentação de fotografia (INSTANTA) com bolinhos de Santa Quitéria de Meca (Alenquer), contra a raiva.

PINTAR E CANTAR OS REIS: O PERCURSO DE UMA TRADIÇÃO. 2000. Cadaval, LeaderOeste
Origens históricas da celebração dos Reis nos concelhos de Alenquer e Cadaval. Aspectos etnográficos associados (pinturas, simbologia dos motivos pintados, momentos mais importantes e participantes). O cantar dos Reis (temática dos versos, o apontador e o coro; momentos de sociabilidade comunitária). Exemplos dos festejos de algumas aldeias dos concelhos supra-citados. Diversas fotografias legendadas das celebrações referidas no texto, no entanto não se indica a sua proveniência.

PORTUGAL, E. 1945. *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, série II, n.º 9
Apresentação de fotografia do autor, representando um trecho de um típico recanto no Sítio das Águas (Alenquer) (p. 255).

“**Quem não come carne não tem coração**”. 1991. *A Cidade e as Terras*, n.º 1, p. 34-35
As festas da Quinta-Feira de Ascensão (Espiga) e a sua importância nos concelhos de Alenquer e Arruda dos Vinhos. A sua origem histórica e os festejos na actualidade (a apanha do ramo, as cruces nos campos, os piqueniques, a procissão e a missa campal).

RECOLHA DE TRADIÇÕES ORAIS DA REGIÃO OESTE. [s/d.]. [s/l.], [s/n.] (policopiado)
Recolha efectuada por alunos do ensino básico para a disciplina de História. Apresentação de lendas, poesias, provérbios, rezas, superstições, várias crenças e aspectos relacionados com a medicina popular.

REIS, Maria José da Cunha Porém. 1993. *Crianças abandonadas e expostas no concelho de Alenquer (1866-1891)*, [Lisboa], ed. de autor (policopiado)
Tese de Mestrado em História dos séculos XIX e XX da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (Universidade Nova de Lisboa). Além da temática específica a que o trabalho se refere, podem encontrar-se informações sobre a comunidade, nomeadamente o conceito de família, os cuidados com as crianças, alguns dados sobre a economia do concelho naquele período, as condições sociais que levavam ao abandono infantil, as características da mortalidade e inúmeros dados estatísticos.

REIS, Maria José da Cunha Porém. 1997. “Crianças abandonadas e expostas no concelho de Alenquer no séc. XIX”, *Estudos de Alenquer*, Alenquer, n.º 1, p. 27-68
A prática do abandono e exposição das crianças no período oitocentista em Alenquer. Algumas informações sobre a vida familiar e os cuidados com as crianças. Alguma legislação que foca esta temática. Principais causas e estatísticas diversas. O destino das crianças. Relação com as amas. Inúmera bibliografia.

RIBEIRO, Luciano. 1936. *Alenquer: subsídios para a sua história*, Lisboa, Câmara Municipal de Alenquer
Estudo de carácter histórico sobre o concelho de Alenquer. Fundação e forais das diversas freguesias e nestes inúmeras referências de cariz económico. O castelo. Bibliografia específica. Trabalho posteriormente reeditado em versão facsimilada pela Caixa de Crédito Agrícola Mútuo de Alenquer (1999).

RIBEIRO, Luciano. 1942. “A Casa do Espírito Santo em Alenquer”, *Damianus a Goes*, Lisboa, Grupo de Amigos de Alenquer, p. 65-72 (policopiado)
História do culto do Espírito Santo através da transcrição de um documento seiscentista.

RIBEIRO, Luciano. 1943. *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, n.º 4
Fotografia do autor retrata o largo medieval e o pelourinho manuelino de Aldegalega da Merceana (p. 399).

RIBEIRO, Luciano. 1945. “Reconstituição das festas do Espírito Santo em Alenquer”, *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, série II, n.º 9, p. 163-179
Aspectos históricos e etnográficos das festas do Espírito Santo. Tradicionalmente realizadas em Alenquer por ocasião das cerimónias religiosas do Pentecostes. O artigo refere-se a uma série de quadras de Manuel Ferreira da Silva integradas nos festejos de 1945 e que contam o sonho da Rainha Santa Isabel numa noite em que dormia na vila de Alenquer.

- RIBEIRO, Luciano.** 1951. “A benção das vinhas em Aldegalega da Merceana”, *Terra Lusa*, n.º 1, p. 10-11
 Descrição da benção das vinhas, costume realizado no primeiro Domingo de Abril. Fotografia, sem indicação de autoria, representando o largo e pelourinho quinhentista em Aldegalega da Merceana.
- RIBEIRO, Luciano.** 1962. “A igreja de Nossa Senhora da Assunção de Triana, em Alenquer”, *Vida Ribatejana*, n.º especial, p. 15
 A Rainha Santa e a edificação da igreja de Nossa Senhora da Assunção de Triana em Alenquer. A realização da procissão do Rolo na véspera do Espírito Santo.
- ROGEIRO, Filipe Soares.** 1997. “Toponímia alenquerense”, *Estudos de Alenquer*, Alenquer, n.º 1, p. 69-80
 Estudo da toponímia alenquerense, por ordem alfabética. Localização de cada troço e pequeno historial da figura, facto ou instituição a que se reporta.
- ROTEIRO DE MUSEUS: COLEÇÕES ETNOGRÁFICAS LISBOA E VALE DO TEJO.** 1997. Lisboa, Olhapiim Edições O Museu Municipal Hipólito Cabaço. Aspectos históricos. Coleções. Exposição. Actividades (p. 92-93). A Coleção Etnográfica do Rancho Folclórico de Alenquer. Aspectos históricos. Coleções. Exposição. Actividades (p.93).
- RUSSO, Jorge; MARTINHO, Paulo.** 1994-5. *Alão Quer*, [Lisboa], ed. de autor (policopiado)
 Trabalho realizado no âmbito de um seminário em Planeamento Integrado, no Departamento de Geografia da Faculdade de Letras de Lisboa. Enquadramento físico e apontamentos históricos. Aspectos demográficos. Problemas habitacionais. Estrutura da população activa. O acesso a bens e serviços. Levantamento dos principais aspectos ligados à caracterização socio-económica do concelho (agricultura, indústria, comércio e serviços). Os aglomerados urbanos. A rede escolar, a assistência social e sanitária. Equipamentos culturais e desportivos. A estrutura viária. O saneamento básico. Principais estratégias para o desenvolvimento. O caso do novo Aeroporto Internacional de Lisboa.
- SÁ, José Corrêa de.** 1939. *A freguesia de Aldeia Galega da Merceana: notas para um inquérito económico-agrícola*, Lisboa, Instituto Superior de Agronomia (policopiado)
 Relatório final de curso de engenharia agrónoma. Aplicação no terreno do *Inquérito Económico Agrícola* elaborado pelo Prof. Lima Basto. Caracterização de zonas agrícolas do concelho de Alenquer, integrado na região de Torres Vedras, fundamentalmente vitivinícola. Enquanto que numa primeira área subsiste a vinha a par com as culturas arvenses e arbóreas em terrenos incultos arroteados (zona Este), numa segunda área (a Oeste ou alto concelho) predomina fortemente a vinha em encostas. Quanto à freguesia em estudo é delimitada face às freguesias vizinhas. Principais povoações (número de fogos e número de habitantes). Rede de acessibilidades (transportes e vias de comunicação). Dedicar-se um capítulo à produção agrícola: o trigo e o milho (produção em vários anos), operações a eles associadas, indicação de terminologia agrícola, receitas e despesas efectuadas com o cultivo destes cereais, consoante as várias tarefas referidas. Traçam-se igualmente algumas considerações sobre as leguminosas, as culturas horto-frutícolas e as silvícolas. A presença constante da vinha em mais de metade da sua superfície agrícola. A produção vinícola do concelho e da freguesia em vários anos, de acordo com diferentes espécies de vinho. As castas. As diferentes operações efectuadas na vinha e o necessário combate às pragas. Processos de vinificação. Análise de receitas e despesas relativas ao cultivo da vinha, de acordo com as operações realizadas. Reduzida importância da cultura oleícola. Identificação dos lagares de azeite da freguesia. Locais de proveniência de bens e equipamentos de uso agrícola na freguesia. A comercialização da produção agrícola. O associativismo agrícola. Feiras às quais acorre a população da freguesia: S. Pedro e Feira Nova em Torres Vedras e Santo Quintino em Sobral de Monte Agraço, principalmente para negociar gado. Mercado de Torres Vedras, Sobral e Merceana para aquisição de vestuário, calçado, louças e artigos agrícolas. Estabelecimento de uma tipologia de vitivinicultores, dos quais predomina na freguesia, uma categoria que não tem qualquer contrato prévio com o comprador, ou seja o pequeno produtor. Daí a necessidade de existência de adegas cooperativas. A criação de gado na freguesia e no concelho, de acordo com as diferentes espécies existentes. No terceiro capítulo, o autor apresenta estatísticas demográficas, o peso e categorias da população agrícola na freguesia e no concelho e a taxa de analfabetismo. Em relação às categorias de trabalhadores agrícolas, estes encontram-se agrupados em duas grandes classes (pessoal fixo e jornaleiros), sejam eles feitores, caseiros, abegãos e jornaleiros. Caracteriza-se cada categoria. Estudo de caso de famílias das várias categorias acima apontadas, tendo em conta os elementos constituintes da família, locais de proveniência dos conjugues, grau de instrução,

ocupações, capitais, receitas e despesas. Revelam-se alguns dados interessantes relativamente à composição das refeições e mobiliário da casa. O caso dos contratos de trabalho agrícola na freguesia (estipulação de prazos, horários e salários). O papel de assistência social levado a cabo pela Federação de Vinicultores do Centro e Sul de Portugal e da Junta Nacional do Vinho (colónias de férias para filhos de trabalhadores rurais, parques infantis). Locais de origem dos trabalhadores. Recurso a população oriunda do Norte do país (*ratinhos* e *malteses*). No quarto capítulo estuda-se a propriedade agrícola: formas de exploração (arrendamento, parceria ou conta própria).

SANTA MARIA, Frei Agostinho de. [1707-1723]. *Santuário mariano e história das imagens milagrosas de Nossa Senhora, e das milagrosamente aparecidas, em graça dos pregadores, e dos devotos da mesma Senhora*, Lisboa, Off. António Pedrozo Galvão

No vol. 2 (1707) o autor referencia a história da imagem e milagres de N.ª Sr.ª da Conceição da Quinta da Messejana (p. 97-105); N.ª Sr.ª das Neves de Montejunto (p. 213-217); N.ª Sr.ª do Bom Sucesso na Carnota (p. 325-326); N.ª Sr.ª da Piedade da Merceana (p. 326-330); N.ª Sr.ª do Capítulo e N.ª Sr.ª da Escada do Convento dos Frades Menores (p. 334-340); Nossa Senhora do Socorro da igreja do Espírito Santo (p. 340-341); N.ª Sr.ª da Piedade do Convento de S. Francisco (p. 341-342); N.ª Sr.ª a Rotunda ou a Redonda (p. 342-344); N.ª Sr.ª da Assunção de Triana (p. 344-348); N.ª Sr.ª da Ameixoira (p. 348-353) e N.ª Sr.ª da Assunção de Cadafais ou do Zambujeiro (p. 391-394).

SANTA MARIA, Frei Agostinho de. [1707-1723]. *Santuário mariano e história das imagens milagrosas de Nossa Senhora, e das milagrosamente aparecidas, em graça dos pregadores, e dos devotos da mesma Senhora*, Lisboa, Off. António Pedrozo Galvão

No vol. 7 (1721) o autor referencia as imagens de N.ª Sr.ª dos Remédios e N.ª Sr.ª da Piedade, venerada no lugar da Espicandeira (?) (p. 227-232). A imagem e os milagres de N. Sr.ª do Zambujeiro do lugar de Cadafais (p. 247-249).

SANTUÁRIO DE NOSSA SENHORA DA PIEDADE DA MERCEANA. 1980. Alenquer, Confraria de N.ª Sr.ª da Piedade da Merceana

História da fundação do santuário, características arquitectónicas, os interiores. O culto de Nossa Senhora da Piedade e o papel das confrarias.

SILVA, Fernando Pinto da. 1997. *Colectividades do concelho de Alenquer: apontamentos para a sua história*, Alenquer, Câmara Municipal de Alenquer

Historial de todos os exemplos de associativismo local. Informações genéricas sobre a situação jurídica e funcional, características das instalações, principais actividades desenvolvidas, fundadores e festejos em que estão envolvidas estas instituições. Inclui estudos sobre a heráldica de cada freguesia da autoria de Bénard Guedes.

SILVA, Manuel Ferreira da. 1945. "Tradições da Estremadura: a benção das vinhas em Aldegalega", *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, série II, n.º 9, p. 193-195

Descrição da cerimónia de benção das vinhas em Domingo de Pascoela (dia de N.ª Sr.ª dos Prazeres) na aldeia de Merceana, e que foi retomada em 1943. Referência à escolha dos participantes locais na cerimónia. Transcrição de um documento do século XVI que faz alusão a este ritual propiciatório, de cunho religioso.

SILVA, Maria Luisa dos Santos Cardoso. 1998. *A vinha e o vinho, renovação e continuidade: um estudo sobre a centralidade da vinha e do vinho nas relações socio-económicas de uma Quinta em Alenquer*, Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

Estudo sobre a vitivinicultura e as suas implicações sociais no concelho de Alenquer, nomeadamente na freguesia de Vila Verde dos Francos e na Quinta do Porto Solagre. Processos tecnológicos da produção viti-vinícola na região do Ribatejo e Oeste. Inclui anexo fotográfico de diversos aspectos paisagísticos e tecnológicos.

SILVEIRA, Joaquim da. 1941. "Toponímia portuguesa: esboços", *Revista Lusitana*, vol. 38 (1-4), p. 269-302

Alusão a documentos históricos sobre a toponímia de Alenquer (p. 279-280).

SOARES, Fernando A. de Freitas Mota Luso. 1941. *A vila de Alenquer: ensaio historiográfico*, Lisboa, imp. Tip. Couto Martins (policopiado)
Origem toponímica. Caracterização física e administrativa. Aspectos demográficos. As produções agrícolas. Definição de proprietário. Alguns costumes locais. A casa, a alimentação, a vida familiar, o traje. As feiras. Principais aspectos históricos, o património monumental. Figuras ilustres.

SOARES, Maria Micaela. 1982. “A mudança na cultura rural portuguesa”, *Boletim Cultural da Assembleia Distrital de Lisboa*, Lisboa, III Série, vol. 88 (2), p. 145-400
Práticas relacionadas com os Reis no concelho de Alenquer (p. 220-235). Diversas fotografias revelam alguns aspectos importantes: “Santa Quitéria de Meca. Benção dos gados” (1982) e “Regresso a casa” (fotos 38-39); “Pintura dos Reis em Alenquer” (fotos 42-47) e ferreiro em Olhalvo (1982) (foto 56).

SOARES, Maria Micaela. 1999. “As ermidas de Nossa Senhora da Guia, no lugar de Serreira”, *Boletim Cultural da Assembleia Distrital de Lisboa*, Lisboa, vol. 93 (1), p. 167-176
A deslocação de círios à ermida de N. Sr.^a da Guia (Serreira, Sobral de Monte Agraço) provenientes de Palhacana e Palaios do concelho de Alenquer.

SOARES, Mário. 1998. “Região do Oeste: Alenquer”, *Jornal das Caldas*, n.^o 12, p. 13
Síntese de vários aspectos do concelho. Situação geográfica, panorama económico, dados históricos, freguesias que o integram, executivo municipal, feriado municipal, principais monumentos, locais de lazer e turismo, gastronomia, vinhos e artesanato.

SOUSA, Dora Alexandra. 1991. *Senhora da Nazaré: descrição e análise de devoções*, Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (policopiado)
A participação do círio de Olhalvo nos festejos a N.^a Sr.^a da Nazaré. Caracterização da sua integração nos festejos.

O TRABALHO E AS TRADIÇÕES RELIGIOSAS NO DISTRITO DE LISBOA: EXPOSIÇÃO DE ETNOGRAFIA. 1991. Lisboa, Governo Civil de Lisboa
Catálogo de exposição. Identificação das peças expostas. No capítulo dedicado ao vinho e à vinha António Nabais refere as características das diversas regiões vinhateiras do distrito de Lisboa (p. 133-139). O Círio de N.^a Sr.^a da Nazaré entre o conjunto de círios celebrados na Estremadura. Destacam-se as participações dos círios provenientes de Alenquer, Caldas da Rainha e Nazaré (p. 325). António de Oliveira Melo, António Rodrigues Guapo e José Eduardo Martins em “Pintar os Reis no concelho de Alenquer” (p. 341-357) discorrem sobre as diversas práticas associadas à celebração dos Reis no concelho. A importância das benções de gado e a romaria de Santa Quitéria de Meca (p. 369-370). O Dia da Bela Cruz correspondente ao culto das maias (p. 459). A Serração da Velha (p. 463) por Teresa Caetano e Elisa Frugnoli. Destacam-se algumas fotografias: “Círio de Olhalvo a N.^a Sr.^a da Nazaré – 1984” (foto 431); desenhos e transcrições musicais dos cânticos (fotos 441-444); benções de gado na romaria de Santa Quitéria de Meca (fotos 459-462); dia da Bela Cruz (fotos 560-563).

VASCONCELOS, J. Leite de. 1882. *Tradições populares de Portugal*, Porto, Livraria Portuense de Clavel & C.^a
Práticas rituais do S. João (p. 111).

VASCONCELOS, J. Leite de. 1917. “Coisas velhas”, *Archeologo Português*, 22, p. 107-169
Referência à existência de antas em Alenquer.

VASCONCELOS, J. Leite de. 1942. *Etnografia portuguesa III: tentame de sistematização*, Lisboa, Imprensa Nacional
Amorim Girão acrescenta o concelho de Alenquer à sub-região de Torres Vedras (p. 427). O Pe. Luis Cardoso (séc. 18) considera como ribatejana a vila de Alenquer (p.463). A serra de Montejunto, caracterização dos territórios designados por trás da serra e borda da serra. Limites geográficos das freguesias que a serra abrange (p. 650-653).

VASCONCELOS, J. Leite de. 1958. *Etnografia portuguesa IV: tentame de sistematização*, Coimbra, Imprensa da Universidade
Apreciação dos focos de população moçárabe em território português, nomeadamente tendo em conta alguns vestígios na toponímia de lugares e aldeias (Aldeia Gavinha) (p. 282).

- VASCONCELOS, J. Leite de.** 1958. *Romanceiro Português I*, Coimbra, Universidade de Coimbra
Romance de *D. Martinho* (donzela guerreira) (p. 244-246) e de *D. Clara* (p. 382-383) recolhidos em Aldeia Galega da Merceana.
- VASCONCELOS, J. Leite de.** 1960. *Romanceiro Português II*, Coimbra, Universidade de Coimbra
Romance intitulado *Cara Linda não havia* (p. 38-39), versão do *Romance D. Silvana* (p. 73-74), *O Moiro de Argel* (p. 194-195).
- VASCONCELOS, J. Leite de.** 1967. *Etnografia portuguesa V: tentame de sistematização*, Lisboa, Imprensa Nacional
Rituais terapêuticos a realizar na noite de S. João em crianças, com o objectivo de curar as quebrasuras (p. 25). O poço dos Santos Mártires (p. 135). As festas do Império, instituídas por D. Dinis e Santa Isabel (p. 406). A romaria de Santa Quitéria de Meca (p. 414). Quadra alusiva ao trabalho dos assalariados rurais (p. 652).
- VASCONCELOS, J. Leite de.** 1969. *Contos populares e lendas II*, Coimbra, Universidade de Coimbra
Compilação da autoria de José Leite de Vasconcelos e posterior coordenação de Alda e Paulo Soromenho. Anedotas aplicadas à aldeia de Vila Verde da Franca (p. 148-151).
- VASCONCELOS, J. Leite de.** 1975. *Cancioneiro popular português I*, Coimbra, Universidade de Coimbra
Quadras recolhidas em diversas freguesias de Alenquer. Cantigas de temática amorosa (p. 339; 500; 609; 652; 658).
- VASCONCELOS, J. Leite de.** 1979. *Cancioneiro popular português II*, Coimbra, Universidade de Coimbra
Quadras recolhidas em diversas freguesias de Alenquer. Cantigas definidas como “crepúsculo e ocaso da vida” (p. 438).
- VASCONCELOS, J. Leite de.** 1980. *Etnografia portuguesa VII: tentame de sistematização*, Lisboa, Imprensa Nacional
Benção dos cães e pessoas, por ocasião da Romaria de Santa Quitéria de Meca (p. 161-162; p. 489)
- VASCONCELOS, J. Leite de.** 1982. *Etnografia portuguesa VIII: tentame de sistematização*, Lisboa, Imprensa Nacional
O enterro e julgamento do bacalhau (Entrudo) (p. 228). A festa do Imperador do Espírito Santo (p. 321; 328-330). A instituição desta na vila de Alenquer (p. 340). A festa de Santa Quitéria de Meca (p. 350-351).
- VASCONCELOS, J. Leite de.** 1983. *Cancioneiro popular português III*, Coimbra, Universidade de Coimbra
Quadras recolhidas em diversas freguesias do concelho de Alenquer. Cantigas geográficas e tópicas (p. 90; 140; 161).
- VASCONCELOS, J. Leite de.** 1983. *Etnografia portuguesa VI: tentame de sistematização*, Lisboa, Imprensa Nacional
A habitação no Carregado (p. 222). O fabrico dos barretes ou carapuços (p. 517).
- VASCONCELOS, J. Leite de.** 1985. *Etnografia portuguesa IX: tentame de sistematização*, Lisboa, Imprensa Nacional
Índice dos principais assuntos tratados neste volume. Santa Quitéria de Meca (p. 31-32). Crenças diversas (p. 79). Práticas relativas ao Entrudo (p. 133). Cantigas populares (p. 190). O círio de S. João a Meca (p. 314). A romaria da Senhora da Atalaia em Aldeia Galega da Merceana (p. 318-320). Os festejos do Espírito Santo (p. 315). O círio dos Bacalhoeiros de Lisboa a Santana da Carnota (p. 348). O Círio do Pão e Água (N.ª Sr.ª das Mercês) a Merceana (p. 350). Círios a N.ª Sr.ª da Nazaré (Santana da Carnota em 1840) (p. 361). O Círio de Abrigada em Mafra (p. 361). Descrição da passagem por Pragança (Cadaval) do círio da Ventosa rumo à Senhora da Ameixoeira, onde se realizava o arraial (p. 363).
- VASCONCELOS, J. Leite de.** 1988. *Etnografia portuguesa X: tentame de sistematização*, Lisboa, Imprensa Nacional
As *bexigas* (p. 65). A justiça popular (p. 406). Designação dos trabalhadores rurais migrantes (gambozinos, bimbos) (p. 570-571). Rivalidades viciniais entre os habitantes do Vilar (Cadaval) e os de Rechaldeira (p. 599).

VASCONCELOS, João. 1996. *Romarias I: um inventário dos santuários de Portugal*, Lisboa, Olhachim Edições
Aspectos históricos associados à romaria da Senhora da Ameixoeira, realizada na Abrigada
(p. 243).

“A vida dos concelhos: Alenquer”. 1940. *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, Lisboa, Junta de Província de Estremadura, p. 158-159
Dados diversos sobre o concelho: imprensa, Casa do Povo, secção do Sindicato Nacional, Grémios, Sociedades de Recreio, composição do executivo municipal e acção da Câmara.

ZONA NORTE DO DISTRITO DE LISBOA: BASE DE DADOS. [s/d.]. Torres Vedras, Câmara Municipal de Torres Vedras, Gabinete de Estudos e Planeamento (policopiado)
Estatísticas diversas sobre a região norte do distrito de Lisboa, ou seja os concelhos de Alenquer, Arruda, Cadaval, Lourinhã, Mafra, Sobral e Torres Vedras.





< Pormenor de coluna de altar da Igreja Matriz de Arruda dos Vinhos, 2000.

Arruda dos Vinhos

ANDRADE, A. M. 1940. “As comemorações nos concelhos da província estremenha”, *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, p. 62-74
Comemorações do duplo centenário em Arruda dos Vinhos no ano de 1940 (p. 66).

ANUARIO DA FOLHA DE TORRES VEDRAS COMMERCIAL, BUROCRATICO E AGRÍCOLA COMPREHENDENDO OS CONCELHOS DE ARRUDA, CADAVAL, LOURINHÃ, MAFRA, ÓBIDOS, PENICHE, SOBRAL DE MONT' AGRAÇO E TORRES VEDRAS. 1907. Torres Vedras, Livraria Editora Júlio Vieira

Apresentação do calendário do ano, calendário agrícola para os diversos meses, santos de cada dia, publicidade a diversos produtos, serviços e estabelecimentos comerciais. Em cada concelho são apresentadas as estatísticas de população, distâncias em relação às principais localidades; aspectos históricos; pontos de maior interesse. Para as vilas-sedes de concelho, referem-se também alguns dados administrativos, serviços públicos, transportes, estabelecimentos de ensino, hospitais, associativismo local, ofícios tradicionais e respectivos artesãos e outros serviços. Nomes dos principais agricultores. Composição das freguesias: lugares, quintas e casais. Apresentação dos principais dados relativos às freguesias dos concelhos visados. Cada concelho é introduzido por uma fotografia de uma vista panorâmica da vila-sede.

ARRUDA DOS VINHOS. [s/d.]. [s/l] (policopiado)

Situação geográfica da vila e aspectos históricos mais relevantes. Caracterização socio-económica do concelho (levantamento da situação nas várias freguesias que o constituem, no que diz respeito à sua população, saúde, assistência, economia e emprego). A gastronomia. Património construído religioso e civil. Outros locais de relevo (praça de touros, fortificações, a Senhora do Monte, a casa da Bruxa d' Arruda). Festividades (Nossa Senhora da Salvação: diferentes momentos; Festa do Vinho e da Vinha). O desporto. Actividades culturais propostas pela autarquia. O associativismo. Alojamento turístico.

“Arruda dos Vinhos”, *Grande Enciclopédia Portuguesa-Brasileira*, Lisboa, Editorial Enciclopédia, vol. 3, p. 389-390
Dados de carácter geral sobre o concelho e suas localidades.

ARRUDA DOS VINHOS. 1951. Porto, ROTEPE

Planta do principal aglomerado populacional do concelho e dos principais pontos de interesse em todo o concelho. Informações diversas como classificação administrativa, população, serviços públicos, feriado municipal, existência ou não de hotelaria, especialidade culinária, feiras e romarias e monumentos nacionais. Algumas fotografias.

Boletim da Junta de Província de Estremadura. 1939.
Brasão d'Armas de Arruda dos Vinhos (p. 88).

Boletim da Junta de Província de Estremadura. 1948, n.º 18

Fotografias, sem indicação de autoria, retratam um episódio taurino no largo do chafariz (p. 263) e o chafariz servindo de redondel (p. 271).

BORGES, António Vitorino França. 1931. *Região de Torres Vedras*, Torres Vedras, Tip. e Pap. Fernando d' Almeida
O original deste trabalho pode ser encontrado no Museu Hipólito Cabaço em Alenquer. Reúne artigos publicados no início da década de 30 no *Jornal de Torres Vedras*. Outras autarquias, como Sobral de Monte Agraço, Arruda dos Vinhos e Cadaval apoiavam a criação da região preconizada pelo autor.

- BRAGA, Teófilo.** 1913. *Cancioneiro popular portuguez*, vol. II, 2.^a ed., J. A. Rodrigues & C.^a
Canção infantil de cariz geográfico. Uma das quadras é alusiva a Arruda dos Vinhos (p. 317).
- CÂNCIO, Francisco.** [s/d]. *Notas dum ribatejano*, Lisboa, imp. Barreiro
Na Serra do Barrado surge uma erva designada balsaminho que tem eficácia terapêutica na erisipela (p. 179).
O S. Sebastião na capela de S. Sebastião da Serra (p. 125; p. 219). Fotografia de Eduardo Gajeiro retrata nos arredores de Arruda dos Vinhos, uma ribeira pitoresca (p. 29).
- CÂNCIO, Francisco.** 1944. *Subsídios para a história económica do Ribatejo*, Lisboa, imp. Baroeth
Obra em fascículos editada com o patrocínio da Junta de Província do Ribatejo. As mercadorias agrícolas (cereais e vinho) provenientes de Arruda dos Vinhos, Sobral de Monte Agraço, Torres Vedras e Lourinhã, eram embarcadas no porto de Alhandra, movimento que se manteve mesmo após a implantação do caminho-de-ferro. Vinham em carro de bois, pelas estradas, em péssimo estado de conservação (p. 54).
- CÂNCIO, Francisco.** 1946-47. “*Cantares e danças do Ribatejo*”, *Ribatejo, casos e tradições*, fasc. 2-3, p. 65-83
A influência das danças da zona saloia (bailarico, vira afandangado) nos concelhos de Alenquer, Azambuja e Arruda dos Vinhos.
- CÂNCIO, Francisco.** 1946-47. *Ribatejo, casos e tradições*, fasc. 4
Fotografia de toiro fugido em dia de toirada (Arruda dos Vinhos) (p. 122).
- CÂNCIO, Francisco.** 1946-47. “*Crendices e superstições*”, *Ribatejo, casos e tradições*, fasc. 10, p. 307-336
As bruxas de Arruda (p. 322).
- CÂNCIO, Francisco.** 1946-47. “*Casamento e mortalha*”, *Ribatejo, casos e tradições*, fasc. 11, p. 375-397
Costumes relacionados com o casamento e a morte nos concelhos de Arruda e Alenquer, conforme citados por Joaquim Fontes (p. 377), Tito de Bourbon e Noronha (p. 380; 390).
- CÂNCIO, Francisco.** 1946-47. “*No rodar do ano*”, *Ribatejo, casos e tradições*, fasc. 12-15, p. 398-484
Referências de Guilherme Felgueiras ao costume de *deitar pulhas* na Quinta-Feira das Comadres nos concelhos de Arruda dos Vinhos e Alenquer (p. 399-400). O jogo do pau conforme mencionado por Tito de Bourbon e Noronha no concelho de Arruda (p. 412). O culto de Nossa Senhora da Salvação e o traje regional (p. 462-465).
- CÂNCIO, Francisco.** 1948. “*Fontes do Ribatejo*”, *Ribatejo, casos e tradições*, [Lisboa], [s/n], fasc. 12, p. 388-408
O chafariz de três bicas na vila e referências acerca do seu historial em vários autores. Outras fontes no concelho. Uma planta com aplicações na medicina popular.
- Fasc. 13** (1948)
Fotografia da procissão da Senhora da Salvação (p. 413).
- Fasc. 14** (1948)
Fotografias, sem indicação de autor, retratam momentos e participantes da procissão da Senhora da Salvação (o juiz, o andor, cortejo) (p. 443-445; 447).
- Fasc. 15** (1948)
Fotografia, sem indicação de autor, de uma pega durante uma largada de toiros, em Arruda dos Vinhos (p. 511).
- CÂNCIO, Francisco.** 1949. “*Pequena monografia de Arruda dos Vinhos*”, *Ribatejo, casos e tradições*, fasc. 24-25, p. 262-304
Monografia da vila de Arruda dos Vinhos. São retratados os principais momentos históricos, aspectos etnográficos e económicos.
- CÂNCIO, Francisco.** 1949. “*Mais algumas tradições do Ribatejo*”, *Ribatejo, casos e tradições*, fasc. 26-27, p. 353-365
Apodos tópicos e crenças populares referentes a alguns locais: Arruda, Alenquer. Presença de um grupo designado por Folhões da Arruda na procissão do Corpo de Deus em Lisboa.

- CÂNCIO, Francisco.** 1956. “Etnografia ribatejana”, *Notas dum Ribatejano*, vol. 1
Ver índice das gravuras no final do volume. Algumas fotografias são legendadas. Lenda associada ao monte designado Cova do Gigante (p. 125). O bodo de S. Sebastião realizado pelo Espírito Santo (p. 125). Esconjurar as trovoadas (p. 125). Remédio para a erisipela (p. 179). Cantigas geográficas (p. 319).
- CARDOSO, Nuno Catharino.** 1944. “Armas municipais do distrito de Lisboa e a evolução que sofreram”, *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, n.º 7, p. 275-281
Descrição dos vários elementos constituintes das armas antigas e das armas à data da edição do artigo. Listagem alfabética dos elementos que surgem nas armas. Reproduções de alguns brasões d'armas sem indicação de proveniência.
- CAVACO, Carminda.** 1992. *Portugal rural: da tradição ao moderno*, Lisboa, Direcção Geral de Planeamento e Agricultura
Fotografia, sem indicação de autor, do edifício da Adega Cooperativa de Arruda dos Vinhos (p. 42).
- CHAVES, Luís.** 1943. “Cruzeiros e pelourinhos estremenhos”, *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, n.º 2, p. 149-154
Refere-se a existência de pelourinho em Arruda dos Vinhos.
- “**Concelho, vila e freguesias de Arruda dos Vinhos**”. 1956. *A Hora* (policopiado)
Dados estatísticos relativos à economia do concelho de Arruda dos Vinhos (cereais, associativismo agrícola). A história, a composição do executivo municipal, as infra-estruturas, o saneamento, o comércio e os serviços públicos, a toponímia, as quintas, as diversas povoações, o património edificado, os órgãos do associativismo local e de assistência social, são alguns dos elementos focados.
- CORREIA, J. Diogo.** 1956. “Toponímia estremenha”, *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, n.º 41-42-43, p. 37-45
Origem etimológica do casal de Cesar (p.39).
- COSTA, Alexandre de Carvalho.** 1965. “Lendas, historietas, etimologias populares e outras etimologias respeitantes às cidades, vilas, aldeias e lugares de Portugal continental (cidades e vilas-sedes de concelho)”, *Boletim Cultural da Junta Distrital de Lisboa*, n.º 63-64, p. 221-351
Origem etimológica da palavra Arruda (p. 230).
- COSTA, Alexandre de Carvalho.** 1966. “Lendas, historietas, etimologias populares e outras etimologias respeitantes às cidades, vilas, aldeias e lugares de Portugal continental II”, *Boletim Cultural da Junta Distrital de Lisboa*, n.º 65-66, p. 233-303
Origem etimológica de Arranhó (p. 275).
- CUNHA, Jorge da.** 1997. *Criações do génio popular: elementos da literatura oral do concelho de Arruda dos Vinhos*, Arruda dos Vinhos, Associação para a Recuperação do Património de Arruda dos Vinhos
A importância da literatura popular de transmissão oral. Recolha efectuada por todas as freguesias do concelho. Contos, histórias sobre a origem toponímica de lugares, lendas históricas, religiosas e provérbios.
- CUNHA, Jorge da.** 1997. *A festa de N.ª Sr.ª da Salvação*, Arruda dos Vinhos, Associação para a Recuperação do Património de Arruda
Data de realização da festa: o tempo sagrado e o tempo profano, seus momentos específicos. Origem toponímica de Arruda dos Vinhos. As diferentes fases dos festejos: os preparativos, a procissão, a *pamplona* no chafariz, as touradas. Apresentação de diversas fotografias, cedidas por Argentina Henriques, Teresa Mariano e Luisa Val-Flores, retratando diversos aspectos das festas da Senhora da Salvação (procissão, tourada) (p. 7; 9; 26; 31; 35; 37; 39-41; 43; 45; 48; 50).
- “**Dia da espiga: quem não come carne não tem coração**”. 1991. *A Cidade e as Terras*, n.º 1, p. 34-35
As festas da Quinta-Feira de Ascensão (Espiga) e a sua importância nos concelhos de Alenquer e Arruda dos Vinhos. A sua origem histórica e os festejos na actualidade (a apanha do ramo, as cruces nos campos, os piqueniques, a procissão e a missa campal).

- EÇA, Maria Natália Almeida d'.** 1995. *Roteiro artesanato português: Estremadura*, Porto, ed. do autor
Roteiro das artes e ofícios tradicionais existentes na Estremadura e organizado por concelhos. Referências aos nomes dos artesãos e contactos dos seus locais de trabalho. Inúmeras fotografias retratando interiores das oficinas, peças, matéria-prima, os artesãos a trabalhar.
- FELGUEIRAS, Guilherme.** 1939. "O traje regional estremenho", *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, p. 39-43
Descrição de vários aspectos do traje e acessórios tradicionais da Estremadura. Indicação de regionalismos relacionados com o tema.
- FELGUEIRAS, Guilherme.** 1947. "O estudo da literatura popular e das tradições orais estremenhas", *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, n.º 14, p. 127-139
As pulhas como forma de vindicta popular associada ao Entrudo (Arranhó). Um exemplo refere algumas interdições alimentares quaresmais. No capítulo consagrado aos apodos tópicos existem várias referências a Arruda dos Vinhos. Rifões relacionados com os meses do ano.
- FELGUEIRAS, Guilherme.** 1948. "O estudo da literatura popular e das tradições orais estremenhas", *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, n.º 18, p. 289-299
Transcrição de cantiga de índole geográfica (p. 298).
- FELGUEIRAS, Guilherme.** 1948. "O estudo da literatura popular e das tradições orais estremenhas V. Romanceiro estremenho", *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, n.º 19, p. 409-423
Quadras do cancionero popular segundo uma versão recolhida em Arranhó.
- FELGUEIRAS, Guilherme.** 1949. "O estudo da literatura popular e das tradições orais estremenhas VI", *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, n.º 22, p. 395-404
Esconjurar as trovoadas (oração de St.ª Bárbara) segundo uma versão recolhida em Arruda dos Vinhos. Quadras do cancionero popular (Arranhó).
- FELGUEIRAS, Guilherme.** 1950. "O estudo da literatura popular e das tradições estremenhas VIII", *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, n.º 24-25, p. 365-396
Quadras do cancionero popular de acordo com a versão recolhida em Arranhó (p. 381; p. 388).
- FERREIRA, Orlando.** 1992. *Arruda dos Vinhos: para uma monografia fotográfica dos finais do século XIX aos anos 40*, Alverca, ed. de autor
Compilação de documentação fotográfica ilustradora de vários aspectos da vila em diversas épocas. Pequenos textos contextualizam as imagens. Faz-se também alusão, por vezes aos intervenientes nas fotografias. Salientam-se fotografias sobre o património construído, as Quintas, seus proprietários e trabalhadores. Pode observar-se também o traje, algumas alfaias agrícolas, trechos de paisagem, locais de recrutamento dos trabalhadores rurais, as festividades (Carnaval, Festas de N.ª Sr.ª da Salvação, largada de touros, a adiafa após as colheitas), famílias ilustres, aspectos do associativismo local, tauromaquia e edifícios públicos e religiosos.
- FERREIRA, Paula; CÂMARA, Paulo.** 1999. *Arruda: uma viagem no tempo*, Arruda dos Vinhos, Câmara Municipal de Arruda dos Vinhos
Com o apoio da documentação utilizada na exposição documental *Arruda dos Vinhos: uma viagem no tempo* caracterizam-se os momentos históricos mais marcantes do concelho. Destaca-se, da autoria de Irene Lisboa, e inserida na sua obra *Apointamentos* de 1943, o artigo sobre a festa de N.ª Sr.ª da Ajuda na povoação de Arranhó (p. 67-68).
- FERREIRA, Paula; CÂMARA, Paulo.** 2000. *Quintas do concelho: Arruda dos Vinhos*, Arruda dos Vinhos, Câmara Municipal de Arruda dos Vinhos
Aspectos socio-económicos característicos do concelho. As quintas como conjunto arquitectónico e a sua importância como estrutura simbólica de poder. A definição do conceito de quinta e a sua integração nos diferentes momentos do ciclo agrícola anual. As diferentes áreas de uma quinta. As quintas do concelho: designação, localização, características, proprietários, ilustração. A apresentação de cada quinta é acompanhada por uma pintura da autoria de Luís Pereira.

- LOPES, Aurélio.** 1995. *Religião popular no Ribatejo*, Santarém, Assembleia Distrital de Santarém
Aspectos etnográficos relacionados com as vivências do sagrado no quotidiano e em tempo de festa. As formas de religiosidade popular (cultos, santos, promessas, ex-votos). Festas, romarias e festividades cíclicas anuais. A crença no sobrenatural; os elementos naturais, aspectos da mitologia popular. Medicina popular. O concelho de Arruda dos Vinhos, como concelho limítrofe à zona ribatejana (p. 16). *Deitar as pulhas* (p. 165-166). Protecção das trovoadas (p. 271). Oração a Santa Bárbara (p. 274). Medicina popular (p. 334; 355-356).
- MATEUS, Isabel.** 1991. “Onde a peste não chegava”, *A Cidade e as Terras*, Lisboa, Governo Civil de Lisboa, n.º 1, p. 54-55
Aspectos históricos e arquitectónicos de Arruda dos Vinhos. Fotografias de panorâmica da vila e principais edifícios históricos.
- MINISTÉRIO DA AGRICULTURA.** 1939. *Reconhecimento dos baldios do continente*, vol. 2 (parte 2), Lisboa, Junta de Colonização Interna
Estatísticas permitindo a caracterização dos baldios em Portugal. Apreciação distrital, por concelhos e freguesias (número, tipos de aproveitamento agro-florestal, designação, características geológicas, agrológicas, oro-hidrográficas, economico-sociais, localização aproximada). Dados sobre Arruda dos Vinhos (p. 675-677).
- MITOS, LENDAS E CRENÇAS EM ARRUDA DOS VINHOS.** [s/d.]. [s/l.], [s/n.] (policopiado)
Trabalho realizado no âmbito da Área-Escola do Externato Irene Lisboa, por alunos do 11.º ano. Situação histórica do concelho. Compilação de mitos, lendas e crenças recolhidos na região de Arruda dos Vinhos. Explicações sobre a *bruxa d' Arruda*. Orações e benzeduras. Práticas de medicina popular.
- MONUMENTOS E EDIFÍCIOS NOTÁVEIS DO DISTRITO DE LISBOA: ALENQUER, ARRUDA DOS VINHOS, AZAMBUJA, CADAVAL.** 1962. Lisboa, Junta Distrital de Lisboa
As armas do concelho. Mapa com a localização do concelho na região e indicação das freguesias que o compõem. Origem histórica e etimológica. Apresentação do património edificado de cariz religioso e civil por freguesia de localização. Ilustrações e fotografias de alguns aspectos interiores e exteriores.
- NORONHA, Tito de Bourbon e.** 1944. “Arruda dos Vinhos e as suas lendas: a Cova do Gigante”, *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, n.º 7, p.391-393
Lenda sobre a configuração de um outeiro existente num local acidentado do concelho de Arruda dos Vinhos.
- NORONHA, Tito de Bourbon e.** 1946. “O concelho de Arruda dos Vinhos: apontamentos para a sua monografia”, *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, n.º 11, p. 101-104
O artigo inicia-se por alusões à arquitectura de tipo erudito (solares e igrejas). A arquitectura popular caracteriza-se pela ausência de condições de habitabilidade. Pequenas referências a objectos da crença popular existentes nalgumas casas. O traje regional (domingueiro e de trabalho) para os homens, mulheres e jovens raparigas.
- NORONHA, Tito de Bourbon e.** 1946. “O concelho de Arruda dos Vinhos: apontamentos para a sua monografia”, *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, n.º 12, p. 197-204
Aspectos diversos com enfoque nas relações entre os sexos: namoro, noivado; nas tarefas agrícolas, na alimentação, tempos livres (os bailes). Por último tecem-se algumas considerações sobre a higiene.
- NOTAS SOBRE A HISTÓRIA LOCAL DO CONCELHO DE ARRUDA DOS VINHOS.** [s/d.]. Arruda dos Vinhos, Câmara Municipal de Arruda dos Vinhos (policopiado)
Algumas informações de carácter histórico sobre o concelho.
- PEREIRA, José de Campos.** 1915. *A propriedade rústica em Portugal*, Lisboa, Imprensa Nacional
A produção vitivinícola em finais do séc. XIX e em princípios do séc. XX no concelho.
- PIMENTEL, Alberto.** 1908. *A Extremadura Portuguesa: I O Ribatejo*, Lisboa, Empresa da História de Portugal Soc. Ed.
Caracterização do concelho. Aspectos históricos e geográficos (p. 85-89). Agricultura no concelho (p. 86-87). Feiras e mercados (p. 87). Rivalidades e disputas de território entre Arruda dos Vinhos e Sobral de Monte

Agraço (p. 89). A Semana Santa em Arruda dos Vinhos (p. 87). Apresentação de fotografias, sem indicação de autor, sobre aspectos patrimoniais de Arruda dos Vinhos (p. 86-87).

PIMENTEL, Paulo. 1999. *Maria Ruça e outros contos*, Lisboa, Nova Arrancada

Inclui o conto *Maria Ruça d' Arruda*, que tem Arruda como pano de fundo da narrativa. Fala dos seus lugares, história, gentes, romarias (p. 9-18). Editado originalmente em 1977 (com ilustrações de Maria Caldas), o conto *Serafina* integra igualmente esta colectânea (p. 29-41) e menciona aspectos relacionados com o trabalho, as festas, crenças e costumes das gentes de Arruda.

REAL, Mário Guedes. 1945. "Toponímia árabe da Estremadura II", *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, série II, n.º 10, p. 289-304

Explicações sobre a etimologia de Arruda dos Vinhos (p.294).

RIBEIRO, Armando Vítorino. 1955. *A igreja matriz de Arruda dos Vinhos*

Folheto publicado por ocasião de uma visita de estudo do Grupo de Amigos de Lisboa à vila em 26 de Junho de 1955. Caracterização do templo. O culto a Nossa Senhora da Salvação. Fotografias cedidas por Guilherme Felgueiras.

ROGEIRO, Filipe Soares. 1997. *Arruda dos Vinhos: das origens à restauração do concelho em 1898*, Arruda dos Vinhos, Arruda Editora

Aspectos geográficos, históricos, administrativos e judiciais do concelho. As actividades económicas (agricultura, vitivinicultura, feiras, ofícios, comércio e indústria). A estrutura social. A religião (edifícios e festividades), condições de saúde, cultura e educação, o associativismo. As crenças populares e lendas. Composição das freguesias. Bibliografia do concelho.

SALES, Ana Cristina da Silva Oliveira Trovão. [s/d.]. *Palácio do Morgado: monografia histórica*, [s/l.], [s/n.] (policopiado)

Aspectos históricos relacionados com o concelho de Arruda dos Vinhos e com o Palácio do Morgado. Sua arquitectura e elementos exteriores e interiores. A propriedade agrícola que o palácio integra. Inúmeras fotografias.

SANTA MARIA, Frei Agostinho de. [1707-1723]. *Santuário mariano e história das imagens milagrosas de Nossa Senhora, e das milagrosamente aparecidas, em graça dos pregadores, e dos devotos da mesma Senhora*, Lisboa, Off. António Pedrozo Galvão

No vol. 2 (1707) o autor referencia a história e milagres da imagem de N.ª Sr.ª da Salvação (p. 387-391).

SOARES, Mário. 1998. "Região do Oeste: Arruda dos Vinhos", *Jornal das Caldas*, n.º 3, p. 13

Síntese de vários aspectos do concelho. Situação geográfica, panorama económico, dados históricos, freguesias que o integram, executivo municipal, feriado municipal, principais monumentos, locais de lazer e turismo, gastronomia, vinhos e artesanato.

O TRABALHO E AS TRADIÇÕES RELIGIOSAS NO DISTRITO DE LISBOA: EXPOSIÇÃO DE ETNOGRAFIA. 1991.

Lisboa, Governo Civil de Lisboa

Catálogo de exposição. Identificação das peças expostas. No capítulo dedicado ao vinho e à vinha António Nabais refere as características das diversas regiões vinhateiras (p. 133-139) do distrito de Lisboa. Na ficha técnica são indicados os autores das fotografias. Destaque para a fotografia de uma vinha em Arruda dos Vinhos (foto 165).

VASCONCELOS, J. Leite de. 1925. *A figa: estudo de etnografia comparativa, precedido de algumas palavras a respeito do sobrenatural na medicina popular portuguesa*, Porto, Araujo & Sobrinho

De acordo com um desenho de Francisco Valença reproduzem-se três posições de uma figa, feita em corno, alegadamente oferecida pela Bruxa da Arruda a uma mulher do concelho do Cadaval, a qual terá oferecido o objecto ao autor (p. 132-133). Caracteriza-se o objecto no que diz respeito ao seu material, decoração e simbologia.

- VASCONCELOS, J. Leite de.** 1942. *Etnografia portuguesa III: tentame de sistematização*, Lisboa, Imprensa Nacional
Divisão do território dos saloios em duas zonas distintas segundo Alberto Pimentel. Inclusão do concelho de Arruda dos Vinhos numa zona de penetração e irradiação (p. 437). Opinião do autor segundo a qual os habitantes de Arruda dos Vinhos não se consideram saloios (p. 437).
- VASCONCELOS, J. Leite de.** 1958. *Etnografia portuguesa IV: tentame de sistematização*, Coimbra, Imprensa da Universidade
No que diz respeito à caracterização da índole dos habitantes das províncias de Portugal, destaca-se os habitantes de Arruda dos Vinhos (p. 581).
- VASCONCELOS, J. Leite de.** 1975. *Cancioneiro popular português I*, Coimbra, Universidade de Coimbra
Quadras recolhidas em diversas freguesias do concelho de Arruda dos Vinhos. Cantigas ao desafio (p. 192). Cantigas de divertimento (p. 205). Cantigas da milícia (p. 277). Cantigas de temática amorosa (p. 317; 360-361; 432; 558-559; 564; 599; 664).
- VASCONCELOS, J. Leite de.** 1979. *Cancioneiro popular português II*, Coimbra, Universidade de Coimbra
Quadras recolhidas em diversas freguesias do concelho de Arruda dos Vinhos. Cantigas de temática amorosa (p. 28; 54; 94). A família (p. 127; 129). Casamento (p. 154). A casa (p. 175). O vinho (p. 182). Dinheiro e pobreza (p. 193). Cantigas conceituosas (p. 261). Jogos verbais (p. 285). Nas bocas do mundo (p. 293). Cantigas satíricas (p. 373).
- VASCONCELOS, J. Leite de.** 1980. *Etnografia portuguesa VII: tentame de sistematização*, Lisboa, Imprensa Nacional
O autor referencia uma obra publicada pela Livraria João Carneiro & C. ^a, intitulado *Manual da Bruxa da Arruda*. Notícias informativas retiradas do *Almanaque da Bruxa da Arruda* (1905). Opinião de Tito de Noronha sobre a existência desta. Referências diversas sobre esta figura (p. 21-26; p. 116).
- VASCONCELOS, J. Leite de.** 1983. *Cancioneiro popular português III*, Coimbra, Universidade de Coimbra
Quadras recolhidas em diversas freguesias do concelho de Arruda dos Vinhos. Cantigas geográficas e tópicas (p. 15; 30; 156). Santo António (p. 328; 330). São Romão (p. 360).
- VASCONCELOS, J. Leite de.** 1983. *Etnografia portuguesa VI: tentame de sistematização*, Lisboa, Imprensa Nacional
O vinho na toponímia (p. 382). O vinho nos ditos populares (p. 394).
- VASCONCELOS, João.** 1996. *Romarias I: um inventário dos santuários de Portugal*, Lisboa, Olhachim Edições
Em Arranhó realiza-se a principal romaria do concelho (Sr.^a da Ajuda) (p. 243-244).





< Imagem de N. Senhora do Rosário. Igreja Matriz de Azambuja, 2000.

Azambuja

“A acção dos corpos administrativos da província do Ribatejo: Azambuja”. 1938. *Boletim da Junta de Província do Ribatejo*, Santarém, p. 787-788
Brasão d' armas do concelho. Discriminação dos membros do executivo e dos seus projectos e aspirações.

ARENQUE, Sebastião Mateus. 1980-1991. *Subsídios para o cancioneiro popular de Azambuja*, 2 vols., Azambuja, Câmara Municipal de Azambuja
Recolha de diversos aspectos da tradição oral de Azambuja. Histórias, lendas e quadras ouvidas e contadas em Azambuja. Indica-se por vezes a data da recolha, formas de actuação para as danças, local e/ou ocasião em que era executada. O segundo volume inclui ainda algumas fotos legendadas do autor com vários aspectos relativos ao trabalho agrícola, aspectos arquitectónicos e paisagísticos.

ARENQUE, Sebastião Mateus. 1990. **“O pão nos hábitos tradicionais da minha terra”**, 1.º Congresso de Folclore do Ribatejo, Santarém, Região de Turismo do Ribatejo, p. 33-40
O papel do pão na alimentação tradicional azambujense. Práticas rituais relacionadas com a confecção e consumo do pão.

ARENQUE, Sebastião Mateus. 1992. *Histórias que rimam*, 2.ª ed., Azambuja, Gráfica Um
Poesia popular cuja temática incide sobre alguns aspectos da região como: festividades, danças, paisagens naturais, tauromaquia.

ARENQUE, Sebastião Mateus. 1994. *Memorial Grupo Tradicional Os Casaleiros*, [Azambuja], [s/n.]
Pequena compilação de elementos recolhidos em Casais da Azambuja por ocasião do aniversário do Grupo Tradicional Os Casaleiros da Azambuja em 1994. Outros aspectos do associativismo local. Trajes e músicas do grupo. Diversas fotografias com aspectos do traje em princípios do século XX sem indicação de autor. Apenas numa se refere o fotógrafo Anselmo de Matos.

ARENQUE, Sebastião Mateus. 1994. **“A flor da murta”**, 3.º Congresso de Folclore do Ribatejo, Santarém, Região de Turismo do Ribatejo
Comunicação a propósito de um exemplo do cancioneiro azambujense. Lenda relativa à origem da canção. Transcrição musical. A canção relaciona-se com a migração sazonal de trabalhadores para os campos da Azambuja.

ARENQUE, Sebastião Mateus. 1996. **“Hábitos alimentares tradicionais dos camponeses da Azambuja”**, 5.º Congresso de Folclore do Ribatejo, Santarém, Região de Turismo do Ribatejo, p. 97-102
O *torricado*, elemento gastronómico mais conhecido da alimentação tradicional da Azambuja. Ingredientes utilizados e formas de confecção. Alusão a produtos alimentares e seu relacionamento com o calendário agrícola. Terminologia específica. Relação com a conjuntura social do seu consumo.

ARENQUE, Sebastião Mateus. 1996. **O Largo**, [Azambuja], ed. de autor
História em verso do largo (Praça Serpa Pinto) como local de comércio, lazer, vida religiosa, entre outras funções. Diversas fotografias do autor.

ARENQUE, Sebastião Mateus. 1996. *O poucochinho que eu sei*, vol. 1, imp. Agir Produções Gráficas
Comunicação apresentada ao 5.º Congresso de Folclore do Ribatejo (Chamusca, 10 a 12 de Fevereiro de 1995). Escritos de Alves Redol sobre a Azambuja (p. 13). Diferenças entre o lavrador da Azambuja e o de Riachos (p. 36). A produção de cereal, o fabrico de pão e algumas tarefas e rituais associados a estes elementos (p. 39-46). Os homens e as mulheres: espaços de sociabilidade; o trabalho assalariado, contratos sazonais, horários, a *lezíria* e o *bairro*, os gaibéus (p. 53-58). Os campinos e a cultura tauromáquica (p. 63-68). Os cantos de trabalho (p. 82-85). A cava da vinha (p. 83-84). A alimentação (p. 89-94).

ARENQUE, Sebastião Mateus. 1999. *A nódoa*, Azambuja, ed. de autor
Notas autobiográficas com a indicação de inúmeros aspectos relevantes para a compreensão do quotidiano na Azambuja. A participação do autor na vida do *Rancho Folclórico Ceifeiras e Campinos da Azambuja*. Apresentação de inúmeras fotografias de várias épocas alusivas ao historial do Rancho: viagens ao estrangeiro, desfiles, comemorações, visitas de figuras ilustres. Menção à realização de um documentário sobre a Azambuja por Rui Ferrão (RTP) em 1985.

ARENQUE, Sebastião Mateus. 2000. *Foguetes de lágrimas*, Santarém, O Mirante
Relato de pequenos episódios sobre a vida quotidiana em Azambuja, que permitem ao leitor um aclarar do conhecimento sobre as suas gentes e costumes. Destaque, por exemplo, para as questões relacionadas com a agricultura na lezíria ribatejana.

“Azambuja”, *Grande Enciclopédia Portuguesa-Brasileira*, Lisboa, Editorial Enciclopédia, vol. 3, p. 884-885
Dados de carácter geral sobre o concelho e suas localidades.

AZAMBUJA. 1951. Porto, ROTEP
Planta do principal aglomerado populacional do concelho e dos principais pontos de interesse em todo o concelho. Informações diversas como classificação administrativa, população, serviços públicos, feriado municipal, existência ou não de hotelaria, especialidade culinária, feiras, romarias e monumentos nacionais. Algumas fotografias.

BASTO, Cláudio. 1931. “Retalhos de um adagiário”, *Revista Lusitana*, vol. 29 (1-4), p. 107-158
A propósito do *pinhal da Azambuja*, ao qual se atribui ser um local onde se praticam inúmeros roubos, o autor discorre sobre essas razões, baseado em documentos históricos e literários (p. 153).

BEJA, Nuno. 1962. “O Tejo: enfeitador de poetas...”, *Vida Ribatejana*, n.º especial, p. 195-200
Fotografia de J. Martins do rio Tejo perto de Azambuja (p. 200), onde surgem, em primeiro plano, algumas mulheres dentro de um barco levantando redes.

BOTELHO, Américo Cardoso. 1998. *Azambuja: os lugares da memória e a memória dos lugares*, Azambuja, Museu de Azambuja
O volume maior de informação é de cariz arqueológico. Referências a objectos da alfaia agrícola em motivos constantes da figuração de estelas funerárias encontradas no concelho (p. 67). A história da vitivinicultura em Alqueidão, incluindo algumas fotografias (p. 72-78). Em anexo fotográfico além de uma panorâmica de Azambuja (p. 109), encontramos também uma fotografia da actuação do *Rancho de Ceifeiras e Campinos de Azambuja* (p. 112).

O CAMINHO DE FERRO REVISITADO: O CAMINHO DE FERRO EM PORTUGAL DE 1856 A 1996. 1996. Lisboa, C.P.
Catálogo de exposição sobre a história do caminho-de-ferro em Portugal. Informação cronológica sobre a conclusão das principais linhas férreas (Lisboa-Carregado). Destaque para projectos de melhoria específicos na rede de caminhos-de-ferro como é o caso da travessia ferroviária da Grande Lisboa.

CÂNCIO, Francisco. [s/d]. *Notas dum ribatejano*, Lisboa, imp. Barreiro
Fotografia legendada de Baltazar Ferreira sobre o pinhal de Azambuja (p. 115).

CÂNCIO, Francisco. 1935. *Ribatejo: monografia ilustrada*, [s/l.], ed. do autor
Caracterização da província do Ribatejo. Os recursos naturais, a tecnologia e as actividades agrícolas,

aspectos etnográficos variados (cultos, crenças e festividades). Identificação do local designado por *Obras da Azambuja* (p. 14-15). Tipos de embarcações encontradas no rio Tejo até à Azambuja (p. 16). O papel de Pina Manique. Plantação de oliveiras à beira de algumas estradas. Aspectos históricos associados a Azambuja (p. 321-323).

- CÂNCIO, Francisco.** 1939. “Azambuja”, *Ribatejo histórico e monumental*, vol. 2, Santarém, p. 237-251
 História da fundação do concelho. Figuras ilustres. O pinhal e a vala da Azambuja. Caracterização das freguesias do concelho.
- CÂNCIO, Francisco.** 1944. *Subsídios para a história económica do Ribatejo*, Lisboa, imp. Baroeth
 Obra em fascículos editada com o patrocínio da Junta de Província do Ribatejo. A abertura da vala da Azambuja. As Obras Novas (p. 27-28). A navegabilidade do canal e suas implicações agrícolas (p. 39-40). O papel de Vila Nova da Rainha (p. 44-45). Episódio relatado em *Viagens na minha terra* de Almeida Garrett. Seu declínio após implantação do caminho-de-ferro. Viagem até às Caldas de carroça conforme relatos de Francisco Gomes de Amorim em 1887 (p. 46-49). Fotografia legendada de A. P. Amaral retrata a vala do estreito na Azambuja (p. 84).
- CÂNCIO, Francisco.** 1946-47. “Cantares e danças do Ribatejo”, *Ribatejo, casos e tradições*, fasc. 2-3, p. 65-83
 A influência das danças da zona saloia (bailarico, vira afandangado) nos concelhos de Alenquer, Azambuja e Arruda dos Vinhos.
- CÂNCIO, Francisco.** 1946-47. “Os salteadores do pinhal da Azambuja”, *Ribatejo, casos e tradições*, fasc. 2, p. 47-56
 As dificuldades em empreender viagens por via terrestre em Portugal no séc. XVIII. Histórias de assaltos no pinhal da Azambuja. Referências em vários autores.
- CÂNCIO, Francisco.** 1946-47. “Nas velhas estalagens do Ribatejo”, *Ribatejo, casos e tradições*, fasc. 3, p. 92-101
 Referências à vila de Azambuja na crónica *Viagens na minha terra* de Almeida Garrett (p. 96).
- CÂNCIO, Francisco.** 1946-47. “No rodar do ano”, *Ribatejo, casos e tradições*, fasc. 12-15, p. 398-484
 A celebração das festas de Nossa Senhora do Paraíso no concelho de Azambuja (p. 475).
- CÂNCIO, Francisco.** 1948-1949. *Ribatejo, casos e tradições*, [Lisboa], [s/n]
 Fasc. 4 (1948) Fotografia, sem indicação de autor, apresenta Campinos d’Azambuja (p. 115). Fasc.2 (1948) Fotografia, sem indicação de autor, do Rancho Folclórico de Campinos da Azambuja (p. 68). Fasc. 8 (1948) Fotografias, sem indicação de autor, do Rancho Folclórico de Casais dos Penedos (p. 249); o Rancho Folclórico de Aveiras de Baixo, desfilando em Azambuja (p. 253); o Rancho de Casais da Alagôa, da freguesia de Aveiras de Baixo (p. 259); o Rancho de Maçussa, desfilando no cortejo de oferendas (p. 261).
- CÂNCIO, Francisco.** 1949. “Barcos, barcas e barqueiros: o comércio da palha”, *Ribatejo, casos e tradições*, [Lisboa], [s/n], fasc. 18-20, p. 84-118
 Breves alusões sobre a profissão de barqueiro no rio Tejo, nomeadamente algumas referências que dizem respeito a Azambuja. O Regimento da profissão. O comércio da palha de cereais na região.
- CÂNCIO, Francisco.** 1949. “Barcos, barcas e barqueiros: o comércio da palha”, *Ribatejo, casos e tradições*, [Lisboa], [s/n], fasc. 20, p. 119-130
 O comércio da palha de cereais na região da Estremadura via rio Tejo. Fotografias, sem indicação de autoria, sobre dois aspectos da vala (p. 139; 141).
- CÂNCIO, Francisco.** 1949. “Barcos, barcas e barqueiros: o comércio da palha”, *Ribatejo, casos e tradições*, [Lisboa], [s/n], fasc. 23
 Fotografia, sem indicação de autor, do canal da Vala Nova, em Azambuja (p. 251).
- CÂNCIO, Francisco.** 1949. “A Senhora das Virtudes”, *Ribatejo, casos e tradições*, fasc. 28, p. 410-412
 O achado da imagem de Nossa Senhora das Virtudes no Pinhal da Azambuja.

- CÂNCIO, Francisco.** 1949. **“A Senhora do Paraíso”**, *Ribatejo, casos e tradições*, fasc. 30, p. 463-465
O surgimento da imagem da Senhora do Paraíso relaciona-se com a fundação do lugar de Vale do Paraíso, na freguesia de Aveiras de Cima. O recurso das populações à devoção pela Virgem (salvação das calamidades, pedidos de chuva).
- CÂNCIO, Francisco.** 1956. **“Etnografia ribatejana”**, *Notas dum Ribatejano*, vol. 1
Cantigas geográficas: Vila Nova de S. Pedro (p. 251); Vila Nova da Rainha (p. 350). O traje tradicional (p. 316). Ver índice das gravuras no final do volume. Algumas fotografias são legendadas.
- CARDOSO, Nuno Catharino.** 1944. **“Armas municipais do distrito de Lisboa e a evolução que sofreram”**, *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, n.º 7, p. 275-281
Descrição dos vários elementos constituintes das armas antigas, e à data da edição do artigo. Listagem alfabética dos elementos que surgem nas armas. Reproduções de alguns brasões d'armas sem indicação de proveniência.
- CHAVES, Luís.** 1943. **“Cruzeiros e pelourinhos estremenhos”**, *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, n.º 2, p. 149-154
Refere-se a existência de pelourinho em Azambuja.
- “Comemorações centenárias provinciais do Ribatejo: Azambuja”.** 1937-40. *Boletim da Junta de Província do Ribatejo*, Santarém, p. 835-843
A participação dos diversos concelhos ribatejanos nas comemorações. O programa das comemorações. A Exposição-Parada agrícola-pecuária. O cortejo do trabalho. Reportagem fotográfica do acontecimento da autoria de Ivo Ribeiro, Joaquim Mata, António Amado e Pinto de Albuquerque.
- COSTA, Carla Sofia Queirós da.** 2000. ***Sinais do tempo: a actividade vitivinícola em transformação numa freguesia do bairro***, Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
Dissertação de licenciatura em Antropologia. A autora propõe-se estudar o perfil da vitivinicultura no concelho de Azambuja e quais os reflexos da mudança que se tem vindo a operar neste sector. Avalia as condições demográficas, económicas, bem como as infra-estruturas de apoio à população, nas várias freguesias do concelho. A distinção de duas zonas charneira (o campo e o bairro). A bibliografia de âmbito etnográfico sobre o concelho. O papel de Sebastião Mateus Arenque na recolha de peças de valor etnográfico. Outros estudiosos da Azambuja. Em capítulo próprio, desenvolve-se o peso da vitivinicultura a nível nacional e na região Oeste. Contudo, a autora vai centrar e aprofundar a sua análise na freguesia de Aveiras de Cima. Observou os ritmos anuais da produção agrícola, os processos tecnológicos envolvidos e os factores sociais correlacionados. A importância dos estudos da cultura material. Autores e trabalhos fundamentais. Mudanças ocorridas nos processos tecnológicos associados à cultura vitivinícola e consequentes reflexos sociais. O núcleo museológico de Aveiras de Cima. Os elementos vitivinícolas na iconografia tumular da freguesia. Em conclusão, questiona-se o papel das transformações ocorridas na actividade em apreciação, quais os seus principais motores e protagonistas. O papel das mulheres e dos jovens na comunidade. Algumas incertezas quanto ao futuro. Em apêndice, reproduzem-se algumas fotografias legendadas da autora, revelando aspectos paisagísticos, várias fases da actividade agrícola e epigrafia tumular. Incluem-se igualmente fotografias do espólio cedido por Sebastião Mateus Arenque ao Museu Regional do Oeste complementadas por legendas do próprio.
- COSTA, Luiz Giraldes da.** 1937-40. **“Azambuja: o concelho. Aspectos económicos”**, *Boletim da Junta de Província do Ribatejo*, Santarém, n.º 1, p. 202-205; p. 341-359
Dados referentes à estrutura populacional. Salienta-se a produção de uva de mesa para exportação e maçã. Madeira de pinho para as minas de carvão inglesas. A cerealicultura, a orizicultura e a vitivinicultura. A produção de azeite. Na pecuária destaca-se a criação de gado cavalar. Dados a nível concelhio e a nível de freguesia.
- F., A.** 1967. **“As valas de drenagem e rega nos campos de Azambuja”**, *Notícias de Azambuja* (policopiado)
Importância da drenagem da vala de Azambuja. Aspectos históricos desta. Algumas informações sobre a agricultura dos campos junto à vala. O paludismo na região. Os projectos de rega e drenagem.

- “Freguesias do concelho de Azambuja”.** 1938. *Boletim da Junta de Província do Ribatejo*, Santarém, p. 341-359
Dados estatísticos, administrativos e económicos referentes a cada uma das freguesias que compõem o concelho de Azambuja. Caracterizam-se igualmente as freguesias no que diz respeito à sua geografia, existência de feiras e mercados, festas, rede viária, distâncias entre povoações, transportes públicos, estabelecimentos comerciais, associativismo local, informações de carácter histórico, bibliografia relevante, o património construído, o traje, lendas, quadras, doçaria. Destaque para a indicação de elementos agrícolas e pecuários (número de moinhos e azenhas, fornos de cal, lagares de azeite, pequenas indústrias; tipo de produtos cultivados; tipo de contratos feitos com os trabalhadores; forma como se designam as propriedades; nomes das propriedades mais importantes; designação das principais alfaias agrícolas utilizadas). Fotografias de um trecho de cada aldeia.
- FREIRE, Natércia.** [s/d.]. *O Ribatejo*, Lisboa, Livraria Bertrand
Em *Imagens do Tejo e Viagens na minha terra*, Almeida Garrett revela-nos alguns aspectos de Azambuja (p. 35-36). Ramalho Ortigão em *As Farpas* descreve as debulhas e outros elementos interessantes para o conhecimento da região (p. 48-49).
- GUIMARÃES, Vieira.** [1929]. “A Estremadura”, *Portugal: Exposição Portuguesa em Sevilha*, p. 5-43
Descrição da paisagem envolvente da estação dos caminhos-de-ferro de Azambuja (p. 37).
- LEITE, José Virgílio.** 1996. “O paraíso perdido da Azambuja”, *Volta ao Mundo*, Lisboa, Agosto
As ruínas do designado Palácio das Obras Novas ou Palácio Real.
- LOPES, Aurélio.** 1995. *Religião popular no Ribatejo*, Santarém, Assembleia Distrital de Santarém
Aspectos etnográficos relacionados com as vivências do sagrado no quotidiano e em tempo de festa. As formas de religiosidade popular (cultos, santos, promessas, ex-votos). Festas, romarias e as festividades cíclicas anuais. A crença no sobrenatural; os elementos naturais. Aspectos da mitologia popular. Medicina popular. O concelho de Azambuja como um dos concelhos-padrão no estudo da região ribatejana (p. 16). Rituais de casamento (p. 39-40; 42-43). Lenda religiosa associada à fundação do lugar de Virtudes (p. 114). Rifas e ofertas realizadas por ocasião da festa dos Compadres e das Comadres (p. 173-174). Quinta-Feira de Ascensão (p. 199-200). Tronos de S. João (p. 216). Previsão do tempo (p. 267; 270). Oração a Santa Bárbara (p. 275). Rogar pragas (p. 311).
- MARQUES, Maria da Conceição Santos.** 1987. *Diogo Inácio de Pina Manique: quem foi?: aspectos da sua vida e obra*, Caldas da Rainha, ed. de autor (policopiado)
Biografia de Pina Manique (o Intendente). Sua intervenção nos melhoramentos públicos em Portugal. Seu papel no que diz respeito ao povoamento, desenvolvimento agrícola e protecção do pescado. A formação da vila de Manique do Intendente.
- MATEUS, Isabel.** 1991. “Onde a peste não chegava”, *A Cidade e as Terras*, Lisboa, Governo Civil de Lisboa, n.º 1, p. 54-55
Aspectos históricos e arquitectónicos de Arruda dos Vinhos. Fotografias de panorâmica da vila e principais edifícios históricos.
- MINISTÉRIO DA AGRICULTURA.** 1939. *Reconhecimento dos baldios do continente*, vol. 2 (parte 2), Lisboa, Junta de Colonização Interna
Estatísticas permitindo a caracterização dos baldios em Portugal. Apreciação distrital, por concelhos e freguesias (número, tipos de aproveitamento agro-florestal, designação, características geológicas, agrológicas, oro-hidrográficas, económico-sociais, sua localização aproximada). Dados sobre Azambuja (p. 679-681).
- MONUMENTOS E EDIFÍCIOS NOTÁVEIS DO DISTRITO DE LISBOA: ALENQUER, ARRUDA DOS VINHOS, AZAMBUJA, CADAVAL.** 1962. Lisboa, Junta Distrital de Lisboa
As armas do concelho. Mapa com a localização do concelho na região e indicação das freguesias que o compõem. Origem histórica e etimológica. Apresentação do património edificado de cariz religioso e civil por freguesia de localização. Ilustrações e fotografias de alguns aspectos interiores e exteriores.

MOREIRA, Carlos Diogo. 1987. *Populações marítimas em Portugal*, Lisboa, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas
Publicação correspondente a dissertação de doutoramento em Antropologia apresentada pelo autor à Universidade Técnica de Lisboa. As zonas de pesca fluvial em Azambuja (séc. XVII) segundo Mendez Silva (p. 194).

MUSEUS: SUBSÍDIOS PARA O ENQUADRAMENTO HISTÓRICO DOS CONCELHOS. 1998. Lisboa, Comissão de Coordenação da Região de Lisboa e Vale do Tejo
Os museus e casas-museu da região de Lisboa e Vale do Tejo. Características, coleções e horário de funcionamento.

“O palácio das Obras Novas e a Vala Real de Azambuja”. 1995. *Navegando no Tejo*, Lisboa, Comissão de Coordenação da Região de Lisboa e Vale do Tejo, p. 131-133
Elementos históricos associados à navegabilidade da vala da Azambuja. O palácio das Obras Novas situado junto ao Tejo. Projectos de recuperação.

“Palácio para futuro em cenário do passado”. 1991. *A Cidade e as Terras*, Lisboa, n.º 1, p. 58-60
História do edifício que serviu de estação de carreira dos vapores e entreposto de pessoas e mercadorias que ligavam Lisboa a Constância e que se encontra em estado de abandono. O papel económico do rio Tejo e as obras de beneficiação fluvial setecentistas.

PEREIRA, José A. M. 1998. *Francisco de Almeida Grandella: Aveiras de Cima: o homem e a obra: breve contributo histórico e biográfico*, Azambuja, Câmara Municipal de Azambuja (policopiado)
Aspectos biográficos ligados à figura de Grandella, nascido na freguesia de Aveiras de Cima. Cedência de edifícios destinados à instrução.

PEREIRA, José de Campos. 1915. *A propriedade rústica em Portugal*, Lisboa, Imprensa Nacional
A produção vitivinícola em finais do séc. XIX e em princípios do séc. XX no concelho.

PONTES, António Martins. 1958. *“Azambuja ignorada: Corte dos Cavalos”*, *Vida Ribatejana* (policopiado)
Artigo publicado por ocasião da morte do lavrador azambujense João Gerardo da Maia. A criação de cavalos na região. Aspectos históricos. Fotografia de Baltazar Ferreira retrata os campos de Azambuja (p. 121).

PONTES, António Martins. 1962. *“Azambuja nos tempos e na vida: o paço”*, *Vida Ribatejana*, n.º especial, p. 187-189
O património construído na vila de Azambuja. Aspectos históricos e genealógicos. Transcrição de um programa das festas do Senhor Jesus da Misericórdia. Fotografia, sem indicação de autor retrata aspectos da Feira Anual de Gados de Azambuja.

PONTES, António Martins. 1972. *Vila de Azambuja: elementos para a sua história*, [s/l.], [s/n.] (policopiado)
Aspectos da história da vila e da região envolvente. Edifícios civis, religiosos e económicos de prestígio no perímetro da vila. Influência das cheias no quotidiano. Os comportamentos sociais do agricultor e do industrial. O Marco da Léguas. Melhoramentos na rede viária.

PONTES, António Martins. 1986. *“Retalhos da vida da Azambuja: as feiras de Azambuja”*, *A Nossa Caixa*, Azambuja (policopiado)
Resenha histórica sobre as feiras de Azambuja de acordo com a compilação de alguns elementos fornecidos pelo autor ao jornal.

QUEIRÓS, Carla. 2001. *Campino: do mito ao homem*, Azambuja, Câmara Municipal de Azambuja
Editado por ocasião duma Exposição com idêntica designação e do Mês da Cultura Tauromáquica, subordinado ao tema do campino. O campino como figura mítica da região ribatejana. A construção de uma rede de relações sociais em torno desta figura (hierarquização social; aspectos de conflitualidade e sociabilidade). Os momentos de festa na comunidade e o papel do campino. A Feira de Maio. O seu traje em momentos festivos e no quotidiano. Aspectos da mudança na percepção social da figura do campino. Integram a publicação uma série de fotografias, com origem devidamente identificada (por vezes datadas)

respeitantes aos anos 50 e a um período mais recente sobre o campino e muitos dos aspectos mencionados no catálogo e patentes na Exposição.

REAL, Mário Guedes. 1945. “*Toponímia árabe da Estremadura II*”, *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, série II, n.º 10, p. 289-304

Explicações sobre a etimologia de Azambuja (p. 293).

“**Região de Turismo do Ribatejo: Azambuja**”. 1997. *Turiexpo*, p. 7-9

Publicado por ocasião de *Alimentaria* (Salão Internacional de Alimentação, Lisboa, 10-14 Maio 1997). Origens históricas da vila. A produção vitivinícola. Gastronomia regional. Calendário das principais feiras e festas do concelho.

RIBATEJO: RECEITUÁRIO REGIONAL TRADICIONAL. 2000. Santarém, Região de Turismo do Ribatejo

Inserem diferentes capítulos de gastronomia e escolhas vinícolas para os vários concelhos da região ribatejana. Para a Azambuja (p. 120-127) recolheram-se os principais exemplos da gastronomia local (sopas, caldeiradas, carne de porco e queijadinhas de amêndoa). Apresentação de um texto relevando a importância do pão, da autoria de Sebastião Mateus Arenque, apresentado por ocasião do I Congresso de Folclore do Ribatejo (1987).

RODRIGUES, António José. 1982. *Manique do Intendente: contributo para a sua história e do seu povo: etnografia, lendas, contos e poesia*, Manique do Intendente, Associação Recreativa e Cultural de Manique do Intendente

Compilação de aspectos diversos relacionados com a história da freguesia de Manique do Intendente. Famílias ilustres. Património edificado (pontes, fontes, pelourinho, o palácio de Pina Manique, a Casa da Câmara). Aspectos demográficos e políticos. Num segundo capítulo apresentam-se exemplos de contos populares, peças de teatro, uma sátira carnavalesca e poesia de autores do concelho.

ROTEIRO DE MUSEUS (COLEÇÕES ETNOGRÁFICAS) LISBOA E VALE DO TEJO. 1997. Lisboa, Olhapim Edições

O Museu Municipal da Azambuja-Museu Etnográfico Sebastião Mateus Arenque. Aspectos históricos. Coleção etnográfica. Exposição (p. 130-132). O Museu de Arte Africana da Azambuja-AGROVIL. Aspectos históricos. Exposição (p. 132-133).

SANTA MARIA, Frei Agostinho de. [1707-1723]. *Santuário mariano e história das imagens milagrosas de Nossa Senhora, e das milagrosamente aparecidas, em graça dos pregadores, e dos devotos da mesma Senhora*, Lisboa, Off. António Pedrozo Galvão

No vol. 2 (1707) o autor referencia a história da imagem e milagres de N.ª Sr.ª das Virtudes (p. 319-325) e N.ª Sr.ª do Paraíso de Aveiras (p. 361-367).

SOARES, Maria Micaela. 1984-88. “*Varinos: o Tejo, pesca e pescado. Pescadores e peixeiras*”, *Boletim Cultural da Assembleia Distrital de Lisboa*, n.º 90 (1-2), p. 211-275

Diversas referências em documentos históricos sobre a prática da pesca na Azambuja, a vinda de populações oriundas de Ovar, Murtosa e Ilhavo para aquela região (os varinos). As embarcações tradicionais. O vestuário. Características da habitação. A representação da varina na literatura popular (poesia, orações, benzeduras). Fotografias de A. Moutinho, Jorge Pereira e Mafalda Rodrigues apresentam elementos iconográficos ligados ao mar e à pesca e alguns pescadores.

SOARES, Maria Micaela. 1985. *A terra e o rio: o concelho de Azambuja*, Azambuja, [s/n.]

Catálogo de exposição, a propósito da necessidade de criação de um museu municipal em Azambuja. Referências em documentos históricos. Constante alusão a terminologia específica e exemplos do cancionero. Elementos fundamentais agro-pecuários (trigo, arroz, viticultura, criação de gado). A alfaia agrícola (exemplos dos diferentes tipos de tracção). Os valados, o Tejo. A importância da pesca.

SOARES, Maria Micaela. 1990-1998. “*Epigrafia tumular moderna no concelho de Azambuja*”, *Boletim Cultural da Assembleia Distrital de Lisboa*, n.º 92 (1), p. 155-200

Análise de epigrafia tumular nos vários cemitérios do concelho da Azambuja. Concepções da morte e o seu valor social. Alguma iconografia ligada a ofícios e profissões específicas (pescador, lavrador). Apêndice fotográfico de alguns dos exemplos focados.

SOARES, Mário. 1998. “Região do Oeste: Azambuja”, *Jornal das Caldas*, n.º 4, p. 12

Síntese de vários aspectos do concelho. Situação geográfica, panorama económico, dados históricos, freguesias que o integram, executivo municipal, feriado municipal, principais monumentos, locais de lazer e turismo, gastronomia, vinhos e artesanato.

SOLEDADE, Arnaldo Ferreira da. 1979. *De S. Pedro da Arrifana a Manique do Intendente: subsídios para a sua história*, Manique do Intendente, Comissão de Festas

Aspectos históricos ligados ao estabelecimento de S. Pedro de Arrifana. Principais actividades da época. Terminologia associada ao estabelecimento das populações. A importância da figura de Pina Manique. Diversos exemplos do cancioneiro popular de Manique do Intendente. Análise de alguns elementos constantes em quadras populares. A urbanização da vila e a sua posição judiciária e eclesiástica a partir do séc. XIX. A diligência. Nome dos principais comerciantes, lavradores, médicos, párocos e outros funcionários. Aspectos da medicina popular.

O TRABALHO E AS TRADIÇÕES RELIGIOSAS NO DISTRITO DE LISBOA: EXPOSIÇÃO DE ETNOGRAFIA. 1991.

Lisboa, Governo Civil de Lisboa

Catálogo de exposição. Identificação das peças expostas. Nos capítulos Pesca e Aveiros (p. 263-307) Micaela Soares explica as razões do estabelecimento de emigrantes vindos da bacia do Vouga nas zonas ribeirinhas do Tejo, e seus costumes, nomeadamente na Azambuja. Reprodução de postal ilustrado foca Foz do Canal na Azambuja (foto 292) e varino na vala de Azambuja (foto 342).

VASCONCELOS, J. Leite de. 1942. *Etnografia portuguesa III: tentame de sistematização*, Lisboa, Imprensa Nacional

O geólogo Ferraz de Carvalho inclui como sub-região estremenha, o Ribatejo, à qual pertence na margem direita também o concelho de Azambuja (p. 464). Caracterização de vários tipos de propriedades no meio rural do Ribatejo. Destacam-se os latifúndios de Alqueidão (p.474).

VASCONCELOS, J. Leite de. 1975. *Cancioneiro popular português I*, Coimbra, Universidade de Coimbra

Variante de uma quadra de temática marítima, recolhida em Alcoentre (p. 273).

VASCONCELOS, J. Leite de. 1983. *Etnografia portuguesa VI: tentame de sistematização*, Lisboa, Imprensa Nacional

O pinhal da Azambuja (p. 731).

VASCONCELOS, J. Leite de. 1988. *Etnografia portuguesa X: tentame de sistematização*, Lisboa, Imprensa Nacional

Índice dos principais assuntos tratados neste volume. Aritmética relacionada com a venda de pães (p. 14). Medicina popular (p. 52; 76; 85; 149; 151). Práticas associadas ao casamento (p. 275). O comércio – tabuletas (p. 355).





< Uma pequena selecção do espólio de ex-votos da Igreja Paroquial do Bom Jesus e S. Pedro, acumulado ao longo de várias gerações que aí buscaram protecção na doença e na guerra. Carvalho, Bombarral, 1997.

Bombarral

- ALMEIDA, Avelino de.** 1925. “**A farsa do alfaiate: recensão crítica**”, *Revista Lusitana*, vol. 25, p. 318-322
Inicialmente publicada no *Diário de Notícias* de 11 de Maio do mesmo ano, esta recensão de uma peça de teatro de Anrique da Mota analisa uma reedição de 1924, anotada e prefaciada por J. Leite de Vasconcelos. A peça faz alusões a um judeu convertido residente no Bombarral ao qual roubaram um cruzado e é aconselhado a dirigir-se ao templo do Santo Espírito para resolver o seu problema.
- ANDRADE, A. M.** 1940. “**As comemorações nos concelhos da província estremenha**”, *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, p. 62-74
As comemorações levadas a cabo no concelho de Bombarral (p. 67-68).
- ANDRÉ, Bruno José de Oliveira; RODRIGUES, José Carlos Bernardo; SOUSA, Maria Arminda Oliveira de.** [1995]
. *Vila do Bombarral*, [s/l.], [s/n.] (policopiado)
Trabalho de Antropologia realizado no âmbito da cadeira de Ciências Sociais da Universidade Autónoma de Lisboa (pólo de Caldas da Rainha). Localização e formação histórica do concelho. A vida quotidiana no início do século. Aspectos ligados ao namoro, casamento e relações entre os sexos. Capítulo dedicado às tarefas agrícolas. A importância da vindima, ceifa, apanha da batata, fabrico do vinho, o pão e o azeite. Ritualidade associada à contagem do vinho para venda (garrafada). As festividades. Melhoramentos públicos e mudanças ocorridas na agricultura.
- BAPTISTA, Carlos Manuel Maximiano.** 1997. “**Casas rurais de interesse patrimonial: um exemplo, a Quinta dos Loridos**”, *Boletim da Associação de Defesa do Património Cultural do Concelho do Bombarral*, Bombarral, n.º 4-5, p. 30-32
Chama-se a atenção para a importância social, económica e simbólica dos solares e quintas rurais, para além do seu valor, meramente histórico e arquitectónico. As várias dependências da quinta (funções económicas e sociais). Os espaços religiosos. A produção agrícola da quinta.
- BAPTISTA, Carlos Manuel Maximiano.** 1998. “**Uma mentalidade nova fará ressurgir Portugal: os significados sociais do material de ensino nas salas de aula durante o Estado Novo**”, *Boletim da Associação de Defesa do Património Cultural do Concelho do Bombarral*, Bombarral, n.º 6, p. 6-7
Investigam-se quais os significados sociais do material de ensino e outros elementos existentes nas salas de aula do concelho nos anos 40 (Cartas de Portugal e do Império Colonial, retrato do Chefe de Estado, a bandeira nacional).
- BAPTISTA, Carlos Manuel Maximiano; CLÍMACO, Teresa Paula Fernandes.** 1998. *Traje tradicional da Estremadura portuguesa: contributos para a sua caracterização*, Bombarral, Museu Municipal do Bombarral Vasco P. da Conceição/Maria Barreira
Catálogo de exposição sobre as formas de vestir tradicional na Estremadura, com especial incidência no concelho do Bombarral. Dimensão histórica do traje em Portugal. O traje associado a algumas tarefas agrícolas, à vida quotidiana no meio rural, aos momentos festivos, às diferentes classes sociais e grupos etários. A última parte encerra diversas fotografias e gravuras onde surgem diferentes formas de traje tradicional e um glossário dos principais termos associados à temática em estudo.

BAPTISTA, Carlos Manuel Maximiano. 1999. “O fogo e a luz: subsídios para o estudo da iluminação popular”, *Boletim da Associação de Defesa do Património Cultural do Concelho do Bombarral*, Bombarral, n.º 8, p. 16-19
A importância da iluminação popular nos estudos etnográficos. Tipos de combustível. O azeite e a iluminação. A iluminação doméstica e a iluminação pública. Antigos candeeiros do Carvalhal adaptados a luz eléctrica. Deliberações municipais associadas à questão da iluminação no Bombarral. Glossário relativo à iluminação.

BAPTISTA, Carlos. 1999. *Da serra do Picoto à várzea de S. Mamede: roteiro patrimonial e arqueológico*, Bombarral, Câmara Municipal do Bombarral
Breve roteiro do património arquitectónico e arqueológico de uma região do concelho, entrando em linha de conta com diversos aspectos como a arquitectura civil e religiosa, o património natural e paisagístico, as festividades, os moinhos, os principais eventos anuais e alguns equipamentos de hotelaria. Diversas fotografias de Celestino Ferreira dos Santos e Vitor de Sousa.

Boletim da Junta de Província de Estremadura. 1939.

Brasão d'Armas de Bombarral (p. 89).

“Bombarral”, *Grande Enciclopédia Portuguesa-Brasileira*, Lisboa, Editorial Enciclopédia, vol. 4, p. 874-875
Dados de carácter geral do concelho e suas localidades.

BOMBARRAL. 1951. Porto, ROTEP

Texto extraído de *Monografia do Bombarral* de Augusto José Ramos. Planta do principal aglomerado populacional do concelho e dos principais pontos de interesse em todo o concelho. Informações diversas como classificação administrativa, população, serviços públicos, feriado municipal, existência ou não de hotelaria, especialidade culinária, feiras e romarias e monumentos nacionais. Algumas fotografias.

CÂMARA, Teresa Bettencourt da. 1995. “Solares quinhentistas no antigo concelho de Óbidos: A Quinta dos Loridos”, *Il Colóquio sobre História de Leiria e da sua Região*, Leiria, vol. 1, p. 79-83

A Quinta dos Loridos como construção paladiana e quinta rural de origem quinhentista com diversas dependências: residência, capela, casa dos caseiros, instalações agrícolas, cavalariças, entre outras. As influências venezianas. Fotografia da fachada por José Bettencourt da Câmara.

CÂNCIO, Francisco. [s/d]. *Notas dum ribatejano*, Lisboa, imp. Barreiro

Fala-se do aparecimento da linha do caminho de ferro que ligou Lisboa ao Carregado e contrastando conta-se um episódio ocorrido na aldeia “Durruivos” relatado por Júlio César Machado em data anterior à chegada do comboio à região (p. 175-176).

CARDOSO, Leonel de Parma. [1940]. *Por terras do Bombarral*, Bombarral, Câmara Municipal do Bombarral

Conferência realizada numa festa de homenagem ao concelho em Maio de 1940, e proferida pelo autor, escritor e caricaturista. Apontamentos históricos sobre o concelho: figuras ilustres, melhoramentos públicos. As romarias do Senhor Jesus do Carvalhal, a feira de S. Braz. A lenda da Cabeça Santa. Edifícios de cariz religioso. Instituições públicas do concelho. Associativismo local. Principais empresas (as empresas vitivinícolas e agrícolas). Diversas fotografias sem indicação de autoria com destaque para o “Armazém da Companhia Agrícola do Sanguinhal” (p. 28) onde se destacam filas de tonéis de vinho. Fotografias do Grupo Folclórico do Bombarral e dos Pauliteiros do Bombarral. Caricatura de uma feira pelo autor.

CARDOSO, Nuno Catharino. 1945. “Armas municipais do distrito de Leiria e a evolução que sofreram”, *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, n.º 7, p. 275-281

Descrição dos vários elementos constituintes das armas antigas, e à data de edição do artigo. Listagem alfabética dos elementos que surgem nas armas. Reproduções de alguns brasões d'armas sem indicação de proveniência.

CARINHAS, José Joaquim Nunes; FERREIRA, Vitor Wladimiro. 1996. *Júlio César Machado: aspectos da vida, obra e época*, Bombarral, Museu Municipal do Bombarral Vasco P. da Conceição/Maria Barreira

Catálogo de exposição patente ao público em 1996. Aspectos biográficos (p. 2-3). A-dos-Ruivos e a região, vida social, viagens, vida literária e os suicídios são os restantes capítulos que completam este pequeno catálogo.

CARVALHO, Delmar D. 1999. "As canções populares portuguesas e a região do Bombarral", *Boletim da Associação de Defesa do Património Cultural do Concelho do Bombarral*, Bombarral, n.º 8, p. 12-15

A importância das canções populares na preservação do património cultural do concelho. Rodney Gallop recolheu grande parte dos seus testemunhos de canções da Estremadura no Bombarral. Outros autores fizeram igualmente no concelho importantes recolhas (Giacometti, Leite de Vasconcelos, José Alberto Sardinha, José Ferreira Ventura). O papel especial de Armando Leça na análise das cantigas recolhidas no concelho. Tipologia das canções recolhidas (quadras de amor, saudade, embalo, queixume, dança, improviso, trabalho, mítico-religiosas, entre outras). Transcrição de alguns exemplos. Sugestões para a preservação deste tipo de património cultural.

CAVACO, Cláudio Filipe de Almeida. 1998. "Desamortização", *Boletim da Associação de Defesa do Património Cultural do Concelho do Bombarral*, Bombarral, n.º 6, p. 4-11

Os processos de divisão dos baldios no antigo concelho de Óbidos em finais do séc. XIX. Gráficos indicam as datas da divisão, freguesias envolvidas, povoações beneficiadas, baldios/charnecas, número de glebas distribuídas. Valor das glebas e dos foros anuais. Surgimento de diversos conflitos, associados à divisão dos baldios, entre diferentes localidades e concelhos (Olho Marinho-Óbidos; Serra d' El-Rei-Peniche). Lista de moradores da Roliça interessados na divisão do baldio daquele lugar.

CAVACO, Cláudio Filipe de Almeida. 1999. *O Bombarral e os seus baldios na segunda metade do séc. XIX*, Bombarral, Museu Municipal Vasco P. Conceição/Maria Barreira

Publicação editada por ocasião do 85.º aniversário do município. O estudo dos baldios como espaços com funções específicas. As comunidades e a luta pela defesa do seu papel. A importância das instituições de poder local enquanto intermediárias. Os arroteamentos dos incultos e baldios durante a segunda metade do séc. XIX em Portugal (1869 e a Lei de Desamortização dos Baldios). Da posse comunitária à apropriação individual das terras e à alienação dos baldios municipais. Evolução demográfica no antigo concelho de Óbidos. Caracterização social e agrícola na segunda metade do séc. XIX. A desamortização dos baldios: conflitos e consequências na economia agrícola. Transcrição de documentos históricos sobre a temática dos baldios (Cadaval, Óbidos, Caldas). Fotografias de diversos aspectos da Charneca dos Baraçais (resultante da divisão do baldio municipal em 1879) (p. 67; p. 71) da autoria de Carlos Mota.

CLÍMACO, Teresa Paula Fernandes. 1994. *A festa de S. Pedro no santuário do Senhor Jesus do Carvalho: uma análise antropológica do sagrado e do profano*, Lisboa, ed. de autor

Trabalho apresentado no âmbito do Seminário de Investigação da licenciatura em Antropologia (Universidade Nova de Lisboa). A festa de S. Pedro (ou Festa do Bolo) no santuário do Senhor Jesus do Carvalho. O santuário (origem histórica e lenda). O espaço e o tempo da festa. Características do recinto (composição e ornamentação). Diferentes momentos da festa. As alterações ocorridas na festa ao longo dos tempos. O Círio de Ferrel (Peniche) ao Senhor Jesus do Carvalho, que terá sido recolhido nas praias de Peniche, considerando-se assim protector dos pescadores. Os momentos da preparação da festa. Sua composição (o culto e os rituais que se lhe associam). O sagrado e o profano. Locais de proveniência dos participantes. A deslocação em tractores ou camionetas de caixa aberta (em substituição dos carros de bois). Os leilões, as cerimónias oficiais, o pagamento das promessas, a procissão. O almoço, o baile, as cantigas, as modas e o arraial. Em anexo, localização do Carvalho no mapa do concelho. Apresenta-se um esquema do interior da igreja, um esquema dos trajectos dos carros, dos participantes, dos locais da romaria, da procissão e de inúmeros elementos relevantes para a compreensão da festa.

COMO TRAJAVA O POVO PORTUGUÊS. 1991. Lisboa, INATEL

Catálogo de exposição realizada no âmbito do 5.º Festival Internacional de Folclore. O traje nas Caldas, Óbidos, Bombarral, Torres Vedras e Alcobaça.

CORTES, Padre José Maria; CARINHAS, José Joaquim; SANTOS, Dóris Joana Simões. 1997. *São Brás em Bombarral: culto, história, tradição e arte*, Bombarral, Associação Juvenil Salvator Mundi

Evoca-se a figura de S. Brás no concelho do Bombarral. A feira e a ermida. Aspectos históricos e biográficos ligados à figura do santo. S. Brás presente na arte do concelho (igreja de N.ª Sr.ª da Purificação da Roliça e ermida de S. Brás no cemitério do Bombarral). Motivos artísticos e registos de santos (milagres). Diversas fotografias de Celestino Santos.

COSTA, Jorge Felner da. 1958. “O problema regional de turismo das Caldas da Rainha”, *Perspectivas do Turismo Regional*, Caldas da Rainha, [Museu Provincial José Malhoa]

A hipótese de criação da Região de Turismo das Caldas da Rainha e quais os concelhos a integrá-la (Óbidos, Peniche, Nazaré, Alcobaça e Bombarral).

CRESPO, Miguel Ângelo. 1998. “Contributo para a caracterização sócio-económica do concelho do Bombarral (1959-60)”, *Boletim da Associação de Defesa do Património Cultural do Concelho do Bombarral*, Bombarral, n.º 7, p. 13-16

O surgimento, em Portugal, em inícios do séc. XX das caixas de crédito agrícola. O caso do Bombarral (1911). O peso económico do concelho naquela época anteriormente às mudanças ocorridas nos anos 60, isto é, a progressiva diminuição da importância do sector primário. Investigação baseada na apreciação de dados constantes nos Relatórios e Contas da Caixa de Crédito Agrícola Mútuo do Bombarral. Em finais dos anos 50, efeitos na produção viti-vinicola provocados por alterações nas condições climáticas e pela necessidade de introdução de melhoramentos técnicos. Redução do volume de depósitos efectuado pelos agricultores e do volume de empréstimos concedidos. Dificuldades devidas à inexistência de cadastros geométricos das terras. A intervenção da Adega Cooperativa e da Junta Nacional dos Vinhos. Necessidades de melhoria na qualidade dos vinhos e de uma progressiva mecanização dos processos. Benefícios fiscais recuperados pelas Caixas de Crédito Agrícola para o desbloqueamento das suas funções. Oscilações nos movimentos de depósitos. A estabilidade directiva. Dados socialmente relevantes, respeitantes aos associados serão tratados posteriormente para um profundo conhecimento da situação económica do concelho no séc. XX.

CRESPO, Miguel Ângelo. 1999. *Augusto José Ramos: um republicano de esquerda*, Bombarral, Museu Municipal Vasco P. Conceição/Maria Barreira

Trabalho elaborado no âmbito da exposição comemorativa do 50.º aniversário da morte de A. J. R. Aspectos biográficos da vida e obra de Augusto José Ramos.

EÇA, Maria Natália Almeida d'. 1995. *Roteiro artesão português: Estremadura*, Porto, ed. do autor

Roteiro das artes e ofícios tradicionais existentes na Estremadura e organizado por concelhos. Referências aos nomes dos artesãos e contactos dos seus locais de trabalho. Inúmeras fotografias retratando interiores das oficinas, peças, matéria-prima, os artesãos a trabalhar.

EVANGELISTA, João. 1962. *A-dos-Negros: uma aldeia da Estremadura*, Lisboa, Centro de Estudos Geográficos
Monografia na área da geografia humana, sobre uma aldeia do concelho de Óbidos. Demonstram-se algumas causas para o êxodo rural e dão-se exemplos de migrações sazonais de carácter laboral (os abegões iam para o Bombarral durante as vindimas). É dado, como o exemplo ideal em relação ao associativismo de tipo agrícola, o caso da Adega Cooperativa do Bombarral e o seu importante papel na economia do concelho.

EXPOSIÇÃO DE ARTE SACRA DO CONCELHO DO BOMBARRAL. 1977. Bombarral, Museu Municipal do Bombarral
Catálogo de exposição de peças (pinturas, esculturas, cálices, crucifixos, custódias, relicários) de diversas igrejas e capelas de algumas freguesias do concelho. As legendas mencionam a designação da peça, material e local de proveniência.

“A farsa do alfaiate”. 1996. *Boletim da Associação de Defesa do Património Cultural do Concelho do Bombarral*, Bombarral, n.º 2, p. 7-13

Transcrição e análise dos estudos de José Leite de Vasconcelos publicados na *Revista Lusitana* sobre a *Farsa do Alfaiate* de Anrique da Mota. Trabalho compilado por Emídio Ferreira Mil-Homens.

FURTADO, Antero Rodrigues; VERGIKOSK, Francisco Carlos. 1997. *O Salvador do Mundo: antiga igreja matriz do Bombarral (1548-1924)*, Bombarral, Museu Municipal Vasco P. Conceição/Maria Barreira

História da antiga igreja matriz do Bombarral, construída no séc. 16 e demolida em 1924. O surgimento de problemas políticos e conseqüente profanação do templo. Caracterização da igreja (elementos exteriores e interiores). Várias fotografias legendadas do Bombarral nos anos 20 e da igreja em causa.

GALLOP, Rodney. 1961. *Portugal: a book of folkways*, Cambridge, Cambridge University Press

Canção recolhida pelo autor no Bombarral, de melodia semelhante ao fado (transcrição musical), e a outras

canções camponesas cantadas por ocasião das fogueiras anuais de Verão (p. 259). Fotos do autor e desenhos de Marjorie Gallop.

GONÇALVES, João Ludgero Marques. 1999. *Pó: história e património*, Pó, Junta de Freguesia de Pó
Aspectos históricos e arqueológicos. A capela de Santa Catarina. As azenhas do vale do Reguengo.

GUIMARÃES, Vieira. [1929]. *“A Estremadura”, Portugal: Exposição Portuguesa em Sevilha*, p. 5-43
Descrição da paisagem envolvente das estações de caminhos-de-ferro de Bombarral e S. Mamede (p. 41-42).

INFORMAÇÃO SOBRE BIBLIOGRAFIA E DOCUMENTAÇÃO DO CONCELHO DO BOMBARRAL. [1997]. [Leiria],
[Arquivo Distrital de Leiria] (policopiado)
Bibliografia sobre o concelho do Bombarral e documentação histórica relativa a vários aspectos (registos paroquiais: assentos de nascimento, casamento e óbitos) e documentação diversa existente no Arquivo Distrital de Leiria respeitante a diversas freguesias do concelho do Bombarral, séc. XIX-XX (Bombarral, Carvalhal, Roliça): correspondência, escrituras e inventários.

JÚLIO CÉSAR MACHADO NO OESTE: ANTOLOGIA DE TEXTOS DE JÚLIO CÉSAR MACHADO. 1996. Bombarral,
Museu Municipal do Bombarral Vasco P. da Conceição/Maria Barreira
Trabalho organizado por Vítor Wladimiro Ferreira Diversos textos literários no qual se relatam inúmeros aspectos da vida social, económica e religiosa da região. Em A-dos-Ruivos a ida de um rapaz para a tropa (p. 62-65); a chegada de um grupo de recrutas ao destacamento (p. 127). Os moinhos de vento marcando a paisagem da aldeia (p. 81). A agricultura caracterizada pela produção cerealífera e vitivinícola (p. 81). O Inverno no campo (p. 122-123). Referências à prática de bruxaria, feitiçaria e medicina popular (p. 123-125). A religiosidade popular e os círios ao Senhor Jesus do Carvalhal (as aldeias participantes) (p.81-82). Importância da Quinta dos Loridos: o pinhal (p. 81); protecção dos cachos de uva e a aguardente de medronho (p. 133).

LEÇA, Armando. 1946. *“Do cancionero músico-estremenho V”*, *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, n.º 12, p. 215-234
Discorre-se sobre aspectos históricos de vários tipos de danças com influências europeias. No Bombarral destaca-se a moda ou valsa dos dois passos, a carreirinha, chicote, viras de autoria e modas de roda. Referência a 5 solfas encontradas no cancionero de Rodney Gallop (*Amora madura; No alto daquela serra; cantiga de embalar; Oliveira da Serra e cantiga de S.João*).

LEIRIA: TERRA DE PROGRESSO E INICIATIVA. 1999. Leiria, NERLEI
Trabalho organizado por Francisco J. Mafra retrata os vários concelhos do distrito com base em estatísticas do I.N.E. (1996). Dados gerais sobre agricultura, pecuária, silvicultura e pesca, indústria, comércio e serviços, turismo e infra-estruturas de apoio.

O LINHO EM PORTUGAL: SUBSÍDIOS PARA O FOMENTO DA SUA CULTURA. 1943, Lisboa, Direcção-Geral dos Serviços Agrícolas
Apresentação dos resultados do inquérito de 1940 às zonas do país onde se cultiva o linho (área ocupada; n.º de teares; tipo de planta).

MACATRÃO, Humberto Sousinha. 1996. *“Autores da região do Bombarral”*, *Boletim da Associação de Defesa do Património Cultural do Concelho do Bombarral*, Bombarral, n.º 3, p. 6-12
Bibliografia e notas biográficas de diversos autores que versaram o concelho do Bombarral na sua obra.

MACATRÃO, Humberto Sousinha. 1996. *“Trecho da feira do gado realizado por alguns anos nos Picaus, mais propriamente na rua Moinho do Arneiro-Bombarral”*, *Boletim da Associação de Defesa do Património Cultural do Concelho do Bombarral*, Bombarral, n.º 3
Fotografia de capa.

MACATRÃO, Humberto Sousinha. 1997. *“Autores da região do Bombarral II”*, *Boletim da Associação de Defesa do Património Cultural do Concelho do Bombarral*, Bombarral, n.º 4-5, p. 21-25
Continuação da bibliografia e notas biográficas de diversos autores que estudaram o concelho do Bombarral.

MARIA BARREIRA. 1999. Bombarral, Museu Municipal de Bombarral Vasco P. da Conceição/Maria Barreira
Notícia biográfica e detalhes sobre a obra plástica da artista bombarralense Maria Barreira (esculturas, desenho, gravuras, medalhística). Catálogo retrospectivo organizado por Ana Margarida Martins.

MARTINS, Alexandra de Oliveira. 2001. “Moinhos do concelho do Bombarral numa perspectiva de desenvolvimento rural”, 2.º *Seminário do Património da Região do Oeste*, Sobral de Monte Agraço, p. 147-153
Após ter realizado um trabalho de inventariação dos moinhos, azenhas e lagares de varas do concelho, a autora, nesta comunicação, expõe-nos algumas reflexões e coloca problemas em torno da recuperação e reutilização deste tipo de edifícios. Em anexo, apresenta-se uma lista de topónimos relacionados com os moinhos do Bombarral e a legenda de alguns diapositivos onde se refere o local do moinho, seu proprietário, número da ficha de inventário, apreciações sobre o seu estado de conservação e algumas características dos engenhos (como por exemplo, novas utilizações).

MEMÓRIAS HISTÓRICAS E DIFERENTES APONTAMENTOS, ACERCA DAS ANTIGUIDADES DE ÓBIDOS. 1985. Lisboa, Imprensa Nacional; Óbidos, Câmara Municipal de Óbidos
História de alguns locais do termo de Óbidos: Bombarral, casas nobres mais importantes e outros lugares (Carvalho, Roliça, S. Mamede, Amoreira).

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA. 1939. *Reconhecimento dos baldios do continente*, vol. 2 (parte 2), Lisboa, Junta de Colonização Interna
Estatísticas permitindo a caracterização dos baldios em Portugal. Apreciação distrital, por concelhos e freguesias (número, tipos de aproveitamento agro-florestal, designação, características geológicas, agrológicas, oro-hidrográficas, economico-sociais, localização aproximada). Dados sobre o Bombarral (p. 507-509).

MOURA, Antonieta. 1989. *Povo do Carvalho: falas e crenças*, Carvalho, Biblioteca-Museu António Moura
Trabalho editado por ocasião do 75.º aniversário da criação do concelho. Recolha de diversas lendas, crenças e práticas de protecção e terapêutica tradicionais (p. 3-15). Adagiário popular e explicação do seu significado (p. 17-22).

MOURA, Antonieta Gonçalves Leal de; Francisco Carlos Vergikosk. [s/d.]. *Roteiro religioso do concelho do Bombarral*
Roteiro ilustrado, organizado pelas freguesias do concelho, descreve todo o património construído de carácter religioso e a realização de algumas festividades. O S. Brás e a feira de gado (p. 4). N.ª Sr.ª das Candeias e a importância do azeite (p. 11; 22; 49). A festa da cabrinha (p. 12). Mobiliário estremenho (p. 20). Práticas de medicina popular: o uso de rasps das imagens de santos (p. 21). O Senhor Jesus do Carvalho (p. 24-25). Festas de S. Pedro (p. 26), S. José(Carvalho) (p. 36). Procissões para pedir chuva (p. 41). Círios contra as bexigas e pneumónica (p. 44). As visitas pascais e o enfeite das ruas (p. 49). Santo Antão ou a festa do Santo Chouriço (p. 52). Uma lenda da descoberta de água (p. 55). Diversas ilustrações e fotografias.

MUSEUS: SUBSÍDIOS PARA O ENQUADRAMENTO HISTÓRICO DOS CONCELHOS. 1998. Lisboa, Comissão de Coordenação da Região de Lisboa e Vale do Tejo
Os museus e casas-museu da região de Lisboa e Vale do Tejo. Características, colecções e horário de funcionamento.

PATRIMÓNIO ARQUITECTÓNICO E ARQUEOLÓGICO CLASSIFICADO: DISTRITO DE LEIRIA. 1993. Lisboa, IPPAR
Apresentação dos imóveis classificados em todos os concelhos do distrito de Leiria (Alcobaça, Bombarral, Caldas da Rainha, Nazaré, Óbidos e Peniche). Fotografias de Henrique Fernandes Ruas e legendas contendo a localização do imóvel, seu historial e legislação aplicável à sua classificação.

PATULEIA, Manuel. 1999. *O concelho do Bombarral das brumas da pré-história aos finais do séc. XX*, Bombarral, Museu Municipal do Bombarral Vasco P. da Conceição/Maria Barreira
Aspectos históricos relacionados com a vida do concelho. A elevação da vila a concelho. O esboçar do poder local. Cronologia e biografia dos autarcas. Diversas fotografias de infra-estruturas municipais, igrejas e equipamentos colectivos, de Joaquim José Martins Abreu, Arquivo Municipal do Bombarral e Vitor de Sousa.

- PEREIRA, José de Campos.** 1915. *A propriedade rústica em Portugal*, Lisboa, Imprensa Nacional
Características das sub-regiões agrícolas (principais culturas) (p. 34-35) em princípios do séc. XX.
- PIMENTEL, Alberto.** 1908. *A Extremadura portuguesa: I O Ribatejo*, Empresa da História de Portugal Soc. Ed.
Caracterização da freguesia do Bombarral e do lugar do Carvalho, incluído no então concelho de Óbidos (p. 360-370). A agricultura no concelho (p. 369). O Sindicato Agrícola do Bombarral (p. 361). O desenvolvimento de cabeças de concelho, como é o caso do Bombarral a partir de núcleos mais pequenos, devido à importância dos caminhos-de-ferro. Feiras e mercados (p. 362). Destaque para fotografias, sem indicação de autor, apresentando um trecho do Bombarral (p.361) e a feira de 1 de Agosto (p. 363).
- POVO DO CARVALHAL: USOS E COSTUMES.** 1990. Cadaval, Biblioteca-Museu António Moura
Dispersos sobre aspectos etnográficos da povoação: meteorologia popular, festividades (em particular o uso das luminárias), religião, alimentos, o forno, práticas agro-pecuárias, as medidas, o comércio, cancionero, artefactos não utilitários e rituais funerários.
- RAMOS, Augusto José.** [1939]. 1982. *Bombarral e seu Concelho: subsídios para a sua História*, 2.^a ed.[facsimilada], Bombarral, Grafibom.
Lenda da Cabeça Santa do Bombarral referenciada no *Agiologio Lusitano* (século XVII) de George Cardoso. Aplicações na área da medicina popular.
- RÊGO, Artur de Figueirôa.** 1950. “Breve notícia sobre a economia agrária do distrito de Leiria”, 2.^o Congresso das *Actividades do Distrito de Leiria*, Leiria, Casa do Distrito de Leiria, p. 177-187
A agricultura como actividade dominante do distrito de Leiria. População agrícola. Superfície média da propriedade. Agricultura de tipo familiar. Principais produções agrícolas. A vitivinicultura. Pomares e florestas. O azeite. A criação de gado.
- ROSA, Maria Adelaide C.** [s/d.]. *Bombarral: Centro de Saúde*, Lisboa, Universidade Técnica de Lisboa
Relatório de estágio em Política Social. Enquadramento geográfico, demográfico e económico do concelho. Principais festividades. Elementos históricos relevantes de algumas freguesias. Desenvolvimento dos aspectos associados às condições medico-sanitárias e infra-estruturas de assistência social do concelho. O Centro de Saúde do Bombarral: caracterização material, recursos humanos e técnicos, actividades desempenhadas e projectadas de apoio à comunidade. Inquérito à população para auscultar a imagem desta, face ao centro de saúde em causa e grau de conhecimento da comunidade sobre este (serviços prestados, localização, instalações). Caracterização do estabelecimento: estatísticas das consultas e internamentos e dos seus recursos humanos e técnicos. Opinião dos utentes sobre os serviços e quais as suas motivações para a eles recorrerem. Os serviços de saúde pública (opinião e serviços prestados). Ausculta-se o relacionamento do Centro de Saúde do Bombarral com outros tipos de equipamento social existentes no concelho (autarquia, bombeiros, escolas). Em anexo apresenta-se o inquérito na sua totalidade e alguma legislação sobre saúde.
- SABERES DA VIDA: MEMÓRIAS DE ANTIGAS PROFISSÕES.** 2000. Bombarral, Museu Municipal de Bombarral Vasco P. da Conceição/Maria Barreira
Catálogo de exposição etnográfica. Integra textos sobre as diversas artes e ofícios tradicionais presentes no concelho do Bombarral e na própria região Oeste, e a sua importância para a comunidade (barbeiros, cesteiros, ferreiros, moleiros, padeiros, oleiros, sapateiros, taberneiros). Alusão aos utensílios utilizados, técnicas, aspectos históricos, terminologia específica, adágios correlacionados, principais estabelecimentos e nomes de antigos artesãos. Listagem alfabética de artes e ofícios com descrição das suas principais funções.
- SANTOS, Dóris Joana.** 1998. “Azulejos da estação de caminho-de-ferro do Bombarral”, *Boletim da Associação de Defesa do Património Cultural do Concelho do Bombarral*, Bombarral, n.º 6, p. 8-13
A importância do caminho-de-ferro no desenvolvimento do Bombarral. Os azulejos no âmbito dos melhoramentos introduzidos na estação. A representação de actividades agrícolas, trajes e figuras regionais e a promoção da sua divulgação. A integração deste tipo de azulejaria nas correntes artísticas da época. A problemática da autoria dos azulejos. O papel de Abel Pereira da Fonseca. Fotografias dos diversos painéis sem indicação de autor. O artigo conclui com uma reprodução de um postal do edifício da estação (ed. da Tip. Caldense de José da Silva Dias): “Estação de CF do Bombarral em foto de finais do século passado”

datada do início do século XX. Podem ver-se os azulejos-padrão com que foi construída. Na contracapa deste Boletim pode encontrar-se uma fotografia da estação nos dias de hoje.

SANTOS, Dóris Joana. 1999. “Os azulejos marianos da ermida de N.ª Sr.ª do Socorro no Carvalho”, *Boletim da Associação de Defesa do Património Cultural do Concelho do Bombarral*, Bombarral, n.º 8, p. 20-25

A azulejaria portuguesa setecentista. O culto mariano em Portugal. A ermida de N.ª Sr.ª do Socorro (características históricas, artísticas e iconográficas). Caracterização dos diversos painéis. A problemática da sua autoria.

SANTOS, Dóris Joana. 2000. *A casa de Abel Pereira da Fonseca no Bombarral*, Bombarral, Museu Municipal de Bombarral Vasco P. da Conceição/Maria Barreira

Edição de trabalho originalmente realizado no âmbito do Seminário de História de Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (1977) intitulado *A casa de Abel Pereira da Fonseca na Quinta das Cerejeiras*. Tendo como pano de fundo o estudo da arquitectura em Portugal, a autora começa por traçar o panorama económico e social do Bombarral em inícios do século XX (a importância de elementos como a produção vinícola no país e na região, e a própria figura e percurso de Abel Pereira da Fonseca como uma das peças fundamentais do motor económico e social do concelho e até do país na época em referência). Numa segunda parte adiantam-se algumas hipóteses sobre os protagonistas dos projectos de arquitectura relacionados com a construção da Quinta das Cerejeiras, local de residência de Abel Pereira da Fonseca, ao mesmo tempo que se fornecem elementos importantes para a compreensão da arquitectura daquela época no país. Norte Júnior surge como autor quase certo do projecto da Quinta das Cerejeiras, sendo então analisadas as principais etapas da sua obra, não perdendo de vista a necessidade de caracterizar um certo estilo da designada *casa portuguesa*. São igualmente analisados outros elementos arquitectónicos como os azulejos, os vitrais, os interiores e termina-se com uma apreciação do espaço exterior envolvente (jardins e complexo agrícola). Dedicam-se um capítulo aos armazéns vinícolas do Poço do Bispo também da autoria de Norte Júnior. Extensa bibliografia. Fotografias da autora e de Celestino Ferreira dos Santos, Emanuel Vilaça, Luísa Lopes e Mário Franca.

SANTOS, Machado dos. 1997. “Bombarral: com vinho se tece o destino”, *Vilas e Cidades*, n.º 9, p. 7-15

A importância da viticultura como actividade paradigmática do concelho. Impressões do autor bombarralense sobre aquela localidade. Alguns comentários sobre os motivos representados nos azulejos da estação dos caminhos-de-ferro. O património edificado na vila (aspectos históricos). Impressões sobre alguns aspectos de mudança na vila. Explicações sobre a origem histórica e etimológica do concelho. O património religioso (caracterização de aspectos interiores e exteriores). Destaque para o santuário do Bom Jesus do Carvalho. O Museu Municipal (história e acervo). O vinho na história do Bombarral. Eventos culturais mais relevantes (Festival do Vinho e da Pera Rocha).

SARDINHA, José Alberto. [1988]. *Recolhas musicais da tradição oral*, [s/l], Contradança, Edição discográfica

Introdução à música e dança da região. Geralmente surge a ideia incorrecta que a Estremadura é uma região considerada pobre em tradições musicais. Menor influência da música vocal. Caracterização de cada tipo de música recolhida (contextualização, concelho e lugar de recolha, intérprete, data da recolha e fotografia). Recolhas efectuadas no Bombarral (cântico ao Menino Jesus, Janeiras). Disco acompanhado de texto e fotografias sobre vários contextos musicais estremenhos.

SARDINHA, José Alberto. 1996. “Contribuições para o estudo do fandango”, *5.º Congresso de Folclore do Ribatejo*, Santarém, Região de Turismo do Ribatejo, p. 87-96

Informações sobre o fandango. Fandango coreografado recolhido em Pó.

SARDINHA, José Alberto. 1997. “Portugal, raízes musicais”, *Jornal de Notícias*, C. D. n.º 5, p. 49-60

Os peditórios por ocasião dos Reis eram realizados por grupos de homens cantando e tocando guitarra (p. 60) Destaque para fotografia, possivelmente do autor, representando o cantar das Janeiras, à guitarra, no Bombarral (p. 52).

SEQUEIRA, Matos. 1925. “A farsa do alfaiate: recensão crítica”, *Revista Lusitana*, vol. 25, p. 322-327

Inicialmente publicada no *Diário da Tarde* de 14 de Agosto do mesmo ano, esta recensão, de uma peça de teatro de Anrique da Mota, reeditada em 1924, foi anotada e prefaciada por J. Leite de Vasconcelos. O tema da peça é o roubo de um cruzado a um alfaiate judeu convertido residente no Bombarral.

- SILVA, Manuela Santos.** 1997. *Terras do Bombarral no concelho medieval de Óbidos*, Bombarral, Museu Municipal Vasco P. Conceição/Maria Barreira
Trabalho de cariz histórico relativo a terras do actual concelho do Bombarral, apresentado por ocasião das comemorações dos 500 anos da freguesia de Roliça. Na capa apresenta-se a reprodução de uma estela pertencente ao Museu Municipal do Bombarral, representando os instrumentos do ofício de lavrador (canga, machado, arado e carreta). O Bombarral no período medieval (Bombarral). Os limites do antigo concelho de Óbidos. O Bombarral durante o período cisterciense. A adaptação das suas terras à agricultura praticada nas granjas dos coutos de Alcobaca. A fertilidade das suas terras e as principais produções (cultivo de trigo, vinha, horticultura, pomares, oliveiras, silvicultura). As herdades e a monocultura da vinha. O crescimento da vila. A instalação de famílias de Óbidos no período quatrocentista. Estatísticas populacionais e dados diversos relacionados com algumas aldeias do período medieval até ao séc. XVI. A dependência da agricultura. As epidemias. A assistência social. A religiosidade das populações. Melhoramentos públicos (abastecimento de água, fornos). As primeiras estruturas urbanas. As ordens religiosas e o seu património. A importância do papel da Roliça. Ofícios tradicionais aí existentes.
- SOARES, Mário.** 1998. “Região do Oeste: Bombarral”, *Jornal das Caldas*, n.º 5, p. 12
Síntese de vários aspectos do concelho. Situação geográfica, panorama económico, dados históricos, freguesias que o integram, executivo municipal, feriado municipal, principais monumentos, locais de lazer e turismo, gastronomia, vinhos e artesanato.
- TRANCOSO, Vasco.** 1999. *Caldas da Rainha: um contributo iconográfico através do bilhete postal ilustrado editado até meados do século XX*, Lisboa; Mafra, Edição Elo
Destaque para um postal retratando o mercado do Bombarral – 1912 (p. 153).
- VASCONCELOS, J. Leite de.** 1925. “Nomes de ventos”, *Revista Lusitana*, vol. 25, p. 162-163
O vento Xarôco e alguns versos sobre ele, recolhidos pelo autor em 1899 no Bombarral (p. 163).
- VASCONCELOS, J. Leite de.** 1942. *Etnografia portuguesa III: tentame de sistematização*, Lisboa, Imprensa Nacional Amorim Girão acrescenta o concelho de Bombarral à sub-região de Torres Vedras (p. 427).
- VASCONCELOS, J. Leite de.** *Etnografia portuguesa V: tentame de sistematização*, Lisboa, Imprensa Nacional
Adágio recolhido na Columbeira (p. 137). O consumo de alho e as formas de ser preparado como protecção contra o mal (p. 143). O consumo e forma de preparação de um cogumelo designado *capão* (p. 145). O feijão (p. 146). O consumo de papas de milho na Quinta-feira das Comadres e Compadres; as *pútegas* (fruto silvestre), a salada de *rabaça* (p. 148-150). Os caracóis (p. 158). As formas de evitar incendiar por atrito, o eixo dos carros de bois (p. 165). O candeio dos lagares (p. 182). Os bois *coados* na Columbeira (p. 403). Um objecto utilizado pelos agricultores para afiar as gadanhas (p. 411 e fig. 103). O costume de ter vinho na adega para dar aos trabalhadores (*comada* p. 420). A criação de coelhos (p. 448). A marcação dos animais de um mesmo proprietário (p. 524). Os instrumentos de debulha (*desmoinhadeira* p. 550). A cultura do milho (*escapula* p. 598). Cantiga a propósito dos malteses que trabalhavam na Columbeira (p. 663).
- VASCONCELOS, J. Leite de.** 1975. *Cancioneiro popular português I*, Coimbra, Universidade de Coimbra
Quadras recolhidas no concelho do Bombarral de temática diversa: amor (p. 332; 448).
- VASCONCELOS, J. Leite de.** 1979. *Cancioneiro popular português II*, Coimbra, Universidade de Coimbra
Quadras recolhidas no Bombarral de temática diversa: amor (p. 177; 429). *Subtilezas* (p. 276).
- VASCONCELOS, J. Leite de.** 1980. *Etnografia portuguesa VII: tentame de sistematização*, Lisboa, Imprensa Nacional
Índice dos principais assuntos relativos a entidades míticas tratados neste volume. A bruxa da Boa Vista (p. 37). Práticas para protecção dos animais (p. 151; p. 163-164). O cuco (p. 219; 221; 223; 228). Ensalmos (p. 309). Os gatos (p. 353-354).
- VASCONCELOS, J. Leite de.** 1983. *Cancioneiro popular português III*, Coimbra, Universidade de Coimbra
Quadras recolhidas no Bombarral de temática diversa. Cantigas tópicas e geográficas (p. 16; 23; 49; 139-140). A freguesia da Columbeira (p. 38; 86; 99; 151). Emigração (p. 200; 203).

- VASCONCELOS, J. Leite de.** 1983. *Etnografia portuguesa VI: tentame de sistematização*, Lisboa, Imprensa Nacional
Índice dos principais assuntos tratados neste volume. Designações relacionadas com o azeite (p. 4). Engenhos de moagem de cereais (p. 15). A farinha (p. 35; 37). Instrumentos relacionados com o fabrico de pão (p. 48). Os pisões de moinho (p. 88). Habitação tradicional (p. 223-224; 236). Os espelhos de fechadura da porta da fonte do lavabo, da capela do Senhor Jesus da Columbeira (p. 246; fig. 183). Superstições associadas ao pão (p. 411). Designação de recipiente para guardar o tabaco de cheirar (p. 430). Designações de peças de roupa (p. 521). Designações de caminhos urbanos e rurais (p. 650). Jugos e cangas (p. 700).
- VASCONCELOS, J. Leite de.** 1985. *Etnografia portuguesa IX: tentame de sistematização*, Lisboa, Imprensa Nacional
Índice dos principais assuntos tratados neste volume. Bocejar (p. 54). Medicina popular (p. 119). Protecção mágica de algumas plantas (p. 236). Passagem do Círio da Prata Grande pelo Bombarral (p. 356).
- VASCONCELOS, João.** 1996. *Romarias I: um inventário dos santuários de Portugal*, Lisboa, Olhapi Edições
A Romaria do Senhor Jesus do Carvalhal na localidade de Carvalhal. Descrição dos círios e das povoações dos vários concelhos da região oeste que os cumprem visitando o santuário (p. 229-230).
- VENTURA, José Ferreira (Venutra).** [1968]. *Das cantigas ao desafio no oeste da Estremadura: cancioneiro de amor. Quadras de Venutra*, Bombarral, Ecos do Bombarral
As romarias, o canto e a dança a elas associadas. O caso do Senhor Jesus do Carvalhal. Diversos exemplos que foram recolhidos pelo autor, mas outros serão possivelmente de sua autoria. Cantigas ao desafio, cantigas de desfolhada, cantigas satíricas, cantigas de saudade, de tristeza, cantigas masculinas e femininas.
- VERGIKOSK, Francisco Carlos.** [s/d.]. *Exposição de rótulos de vinhos do Bombarral*, Bombarral, Delfos-Cooperativa de Comunicação e Cultura
Editado por ocasião do 8.º Festival do Vinho Português. Aspectos históricos ligados ao vinho em Portugal e na região do Bombarral. O vinho do Bombarral na documentação histórica. Incluem-se os rótulos com a indicação da empresa produtora correspondente, data, locais de exportação, prémios em concursos, fundadores da empresa.
- VERGIKOSK, Francisco Carlos.** 1995. *Roliça: a influência do Rio Real no desenvolvimento da região no séc. XV*, Bombarral, Câmara Municipal de Bombarral; Junta de Freguesia de Roliça
Por ocasião do 5.º Centenário da criação da freguesia de Roliça. Aspectos históricos da freguesia e do rio Real que o autor considera como motor fundamental no estabelecimento de quintas caracterizadas por uma determinada dimensão e culturas específicas. Com o recurso a diversos documentos históricos traça-se o historial e a genealogia das famílias proprietárias dessas quintas. Apresentam-se diversas fotos legendadas, sem indicação de autor, das localidades de Columbeira, Reguengo Grande, Roliça, S. Mamede.
- VERGIKOSK, Francisco Carlos.** 1996. "Bombarral: uma comunicação da Associação de Defesa do Património Cultural", *Actas do 1.º Seminário do Património da Região Oeste*, Caldas da Rainha, Património Histórico, p. 90-96
Breve caracterização do concelho do Bombarral em várias vertentes. Levantamento de situações representativas da necessidade de defesa do património cultural do concelho e de quais as entidades a quem cabe a sua protecção.
- VERGIKOSK, Francisco Carlos.** 1996. "A feira de S. Braz", *Boletim da Associação de Defesa do Património Cultural do Concelho do Bombarral*, Bombarral, n.º 3, p. 3-13
Referências históricas à feira de S. Braz. O santo como advogado das doenças de garganta. Crenças populares portuguesas associadas a S. Braz. A epidemia e o culto ao santo. O santo e a toponímia. A feira o mercado de gado.
- VERGIKOSK, Francisco Carlos.** 1996. "Funerária medieval", *Boletim da Associação de Defesa do Património Cultural do Concelho do Bombarral*, Bombarral, n.º 2, p. 5-6
Presença de moedas junto a vestígios arqueológicos de sepulturas medievais. Prática relacionada com ritual funerário de origem grega, no qual se colocava uma moeda na boca dos cadáveres (diferenças no valor das moedas relacionada provavelmente com a morte de jovens).

VERGIKOSK, Francisco Carlos. 2000. **“O caminho de ferro no Bombarral”**, *Boletim da Associação para a Defesa do Património Cultural do Concelho do Bombarral*, Bombarral, n.º 9-10, p. 12-13

A propósito do aniversário da inauguração do caminho-de-ferro no concelho, salienta-se a real importância deste transporte para a história social e económica do município, assim como as razões do seu declínio.

“A vida dos concelhos : Bombarral”. 1940. *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, Lisboa, Junta de Província de Estremadura

Dados diversos sobre o concelho: imprensa, Casas do Povo, secções do Sindicato Nacional, Grémios, Sociedades de Recreio, composição do executivo municipal e acção das câmaras. (p. 161-162).





< Agricultor e tanoeiro à porta de uma adega em vésperas de uma vindima, preparando os barris para receber o vinho novo. Vilar, Cadaval, 2000.

Cadaval

ADRIÃO, José Maria. 1900-1901. “Tradições populares colhidas no concelho do Cadaval”, *Revista Lusitana*, vol. 6, p. 97-129

Principais temas abordados neste artigo. Superstições relacionadas com os seguintes temas: festas (p. 98-99), agricultura (p. 99; 101), medicina popular (p. 99-100; 107), casamento (p. 97, 98, 100, 102, 103, 106), animais (p. 100, 101, 105), bruxas (p. 102, 104, 105, 106, 107), diabo (p. 101, 102, 104, 108-109), mau-olhado (p. 102, 104-106), maldicência (p. 99), fortuna (p. 98-99, 100-101, 107), pão (p. 99, 103-104), azeite (p. 99), água (p. 102-103), morte (p. 101, 103), lua (p. 104, 106-107), tempo (meteorológico) (p. 100, 102), cães (p. 105). Ensalmos (p. 106-107), amuletos (p. 107-108), Natal (p. 110-111), adivinhas (p. 111-114), ditos (p. 114-119), rimas (p. 119-122), sermão (p. 123).

ADRIÃO, José Maria. 1920. “Retalhos de um adagiário”, *Revista Lusitana*, vol. 23 (1-4), p. 107-130

Crença na eficácia da locução de umas frases quando se vê um coxo (p. 108). Adágio sobre a raridade da existência de olhos verdes, expressa numas quadras recolhidas no Cadaval (p. 113). Oração contra o quebranto ouvida pelo autor no Cadaval (p. 120). Cantiga popular baseada em ditado (p. 123). Crença da existência segura de um pouco de sol, todos os sábados, por ser dia de Nossa Senhora (p. 124).

ADRIÃO, José Maria. 1925. “Retalhos de um adagiário”, *Revista Lusitana*, vol. 25 (1-4), p. 75-127

A propósito de adágios sobre o rosmaninho e a arruda, o autor refere algumas virtudes destas plantas (p. 77, 117).

ADRIÃO, José Maria. 1931. “Retalhos de um adagiário”, *Revista Lusitana*, vol. 29 (1-4), p. 107-158

A propósito de um adágio, o autor discorre sobre alguns alimentos e produtos tradicionais de determinados locais. Destaca um deles, o chá do Cercal, que os passageiros das diligências, anteriormente à construção da linha do Oeste, consumiam por ocasião das paragens para repouso naquela localidade. Referências a documentos onde se podem encontrar mais elementos sobre essa prática (p. 152-153).

ANDRADE, A. M. 1940. “As comemorações nos concelhos da província estremenha”, *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, p.62-74

As comemorações no concelho de Cadaval (p. 68).

ANUARIO DA FOLHA DE TORRES VEDRAS COMMERCIAL, BUROCRATICO E AGRÍCOLA COMPREHENDENDO OS CONCELHOS DE ARRUDA, CADAVAL, LOURINHÃ, MAFRA, ÓBIDOS, PENICHE, SOBRAL DE MONT' AGRAÇO E TORRES VEDRAS 1907. 1907. Torres Vedras, Livraria Editora Júlio Vieira

Apresentação do calendário do ano, calendário agrícola para os diversos meses, santos de cada dia, publicidade a diversos produtos, serviços e estabelecimentos comerciais. Em cada concelho são apresentadas as estatísticas de população, distâncias em relação às principais localidades; introdução à história; pontos de maior interesse. Para as vilas-sedes de concelho refere-se também alguns dados administrativos, serviços públicos, transportes, estabelecimentos de ensino, hospitais, associativismo local, ofícios tradicionais, respectivos artesãos e outros serviços. Nomes dos principais agricultores. Composição das freguesias: lugares, quintas e casais. Apresentação dos principais dados relativos às freguesias dos concelhos. Cada concelho é introduzido por uma fotografia de uma vista panorâmica da vila-sede.

- BARBOSA, Pedro Gomes.** 1992. *Povoamento e estrutura agrícola na Estremadura central: século XII a 1325*, Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica
Caracterização das diversas regiões pertencentes ao termo de Óbidos: aldeias, explicações toponímicas e antroponímicas, localização geográfica, formas de povoamento. Os principais proprietários fundiários e o tipo de propriedade que detinham (dimensões e tipo de culturas). Práticas marítimas e transporte de mercadorias. O caso das vinhas. Engenhos de moagem (p. 207-244). As propriedades existentes na serra de Montejuento prendem-se com a decadência duma pequena nobreza (p. 232-236).
- BASTO, Cláudio.** 1931. “Raiva”, *Revista Lusitana*, vol. 29 (1-4), p. 33-49
Oração dita no Cadaval quando uma pessoa é atacada por um cão (p. 38).
- BASTO, Cláudio.** 1934. “Sortes amorosas no S. João”, *Revista Lusitana*, vol. 32 (1-4), p. 161-233
Práticas recolhidas no Cadaval e associadas ao dia de S. João (p. 182-183; 197).
- Boletim da Junta de Província de Estremadura.** 1939.
Brasão d’ Armas de Cadaval (p. 89).
- BORGES, António Vitorino França.** 1931. *Região de Torres Vedras*, Torres Vedras, Tip. e Pap. Fernando d’Almeida
O original deste trabalho pode ser encontrado no Museu Hipólito Cabaço em Alenquer. Reúne artigos publicados no início da década de 30 no *Jornal de Torres Vedras*. Outras autarquias, como Sobral de Monte Agraço, Arruda dos Vinhos e Cadaval apoiavam a criação da região preconizada pelo autor.
- BRAGA, Teófilo.** 1913. *Cancioneiro popular português*, vol. II, 2.ª ed., J. A. Rodrigues & C.ª
Versão do Cadaval da oração para o deitar na cama (p. 218). Esconjurar o *cobrelo* (p. 267). Parlandas e lenga-lengas do cancionero infantil numa versão de Carvalho (p. 281). O sinal da cruz (cancioneiro infantil) (p. 290-291).
- CABRAL, Carlos.** 1996. “*Lourinhã: do cereal à hortícola*”, *O Voo do Arado*, Lisboa, Museu Nacional de Etnologia, p. 487-493
Destaque para duas fotografias de Paulo Costa: “Cadaval, Murteira. Desgranando grão-de-bico com motocultivador (1996)” e “Cadaval-Lamas. Carregando forragem de milho para vacas (1996)”.
- “**Cadaval**”, *Grande Enciclopédia Portuguesa-Brasileira*, Lisboa, Editorial Enciclopédia, vol. 5, p. 365
Dados de carácter geral sobre o concelho e suas localidades.
- CADAVAL.** 1951. Porto, ROTEP
Texto de Leonel Ribeiro. Planta do principal aglomerado populacional do concelho e dos principais pontos de interesse em todo o concelho. Informações diversas sobre classificação administrativa, população, serviços públicos, feriado municipal, existência ou não de hotelaria, especialidade culinária, feiras, romarias e monumentos nacionais. Algumas fotografias.
- CANADAS, Maria João.** 1996. “*O trabalho agrícola na vitivinicultura do Oeste*”, *O Voo do Arado*, Lisboa, Museu Nacional de Etnologia, p. 471-485
Observação das mudanças ocorridas nas tarefas agrícolas, nomeadamente na vitivinicultura, através da quantificação dos tempos dedicados ao trabalho, conteúdo dos processos que o constituem e tipo de mão-de-obra que o efectua. Tipologia das explorações agrícolas existentes e relacionamento com os volumes de produção de vinho. Estudo comparativo das operações de cultivo da vinha nos anos 50 e na actualidade (gráficos: equipamento utilizado nas diferentes operações; operações efectuadas para a instalação da vinha por hectare e n.º de horas empregues; operações anuais na vinha por hectare e n.º de horas empregues). Estudo dos diferentes tipos de mão-de-obra. A introdução de elementos exógenos à exploração, relativamente a equipamentos e mão-de-obra, vinificação, comercialização, vindima e enxertia, aquisição de outros bens e serviços (contabilista, esteios fabricados com novos materiais, aumento do consumo de adubos e fertilizantes orgânicos). Destaque para um conjunto de fotografias sobre diversos momentos da actividade agrícola, da autoria de Carlos Ladeira (1981) (Cadaval - amarração das vinhas, pausa para refeição), de Paulo Costa (1994) (as adegas cooperativas da Vermelha e do Cadaval recebendo produções de concelhos limítrofes) e de Benjamin Pereira (1968) (cava das vinhas no Cadaval).

- CÂNCIO, Francisco.** 1935. *Ribatejo: monografia ilustrada*, [s/l.], ed. do autor
Caracterização da província do Ribatejo. Os recursos naturais, a tecnologia e as actividades agrícolas, aspectos etnográficos variados (cultos, crenças e festividades). As ruínas de Montejunto (p. 116-119).
- CÂNCIO, Francisco.** 1946-47. “**No rodar do ano**”, *Ribatejo, casos e tradições*, fasc. 12-15, p. 398-484
Quadras ditas no concelho de Cadaval para afastar os cães raivosos (p. 430).
- CÂNCIO, Francisco.** 1948. “A serra da Neve”, *Ribatejo, casos e tradições*, [Lisboa], [s/n], fasc. 3, p. 84-99
Aspectos históricos relacionados com a importância da neve desde o séc. XVII na serra de Montejunto. A devoção a Nossa Senhora das Neves. A Fábrica da Neve.
- CÂNCIO, Francisco.** 1948. “**Fontes do Ribatejo**”, *Ribatejo, casos e tradições*, [Lisboa], [s/n], fasc. 12, p. 388-408
Referências a fontes na serra de Montejunto.
- CÂNCIO, Francisco.** 1951. “**O fornecimento de neve a Lisboa**”, *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, n.º 27-28, p.71-79
Os poços existentes na serra de Montejunto. Aspectos históricos do abastecimento de gelo à capital na era de seiscentos. Intervenção da Coroa neste processo. Formas de extracção, acondicionamento e transporte do gelo. O comércio de gelo no séc. XVIII e seus adjudicantes.
- CARDOSO, Nuno Catharino.** 1944. “**Armas municipais do distrito de Lisboa e a evolução que sofreram**”, *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, n.º 7, p. 275-281
Descrição dos vários elementos constituintes das armas antigas, e à data da edição do artigo. Listagem alfabética dos elementos que surgem nas armas. Reproduções de alguns brasões d’ armas sem indicação de proveniência.
- CARVALHO, Emanuel.** 1996. “**Real Fábrica de Gelo de Montejunto: seu estudo e preservação**”, *Actas do I Seminário do Património da Região Oeste*, Caldas da Rainha, Património Histórico - Grupo de Estudos, p. 137-151.
Trabalhos realizados no concelho do Cadaval para a preservação do que resta do edifício da Real Fábrica de Gelo. Início do processo de classificação do edifício. Caracterização das áreas do complexo sob o ponto de vista tecnológico. A produção, armazenagem e transporte do gelo. Alusões a documentação histórica. Índice cronológico dos principais acontecimentos ligados ao fabrico e comercialização da neve em Portugal (séc. XVII-XIX).
- CHAVES, Luís.** 1938. “**Pantomimas, danças e bailados populares**”, *Revista Lusitana*, vol. 36 (1-4), p. 218-235
A Caça ao Cuco em Pragança (p. 234).
- CHAVES, Luís.** 1939. “**Páginas folclóricas**”, *Revista Lusitana*, vol. 37 (1-4), p. 32-100
Inicialmente publicado no jornal *A Voz*, em Dezembro de 1937, este artigo contém referências a festividades religiosas e crenças populares. Apresentação de duas quadras recolhidas no Cadaval sobre a castanha (p. 34-35) e de uma oração de Natal (p. 84-85).
- COELHO, Adolpho.** 1993. *Obra etnográfica I: festas, costumes e outros materiais para uma etnologia de Portugal*, Lisboa, Dom Quixote
Rituais associados ao casamento (p. 461-462). Utilização do vinho e da madeira da imagem de St.º Estevão para a cura de problemas de saúde na povoação de Sobrena (p. 466).
- CORREIA, J. Diogo.** 1955. “**Toponímia estremenha**”, *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, n.º 38-39-40, p. 29-35
Origens etimológicas do Cadaval.
- COSTA, Alexandre de Carvalho.** 1965. “**Lendas, historietas, etimologias populares e outras etimologias respeitantes às cidades, vilas, aldeias e lugares de Portugal continental (cidades e vilas-sedes de concelho)**”, *Boletim Cultural da Junta Distrital de Lisboa*, n.º 63-64, p. 221-351
Origem etimológica de Cadaval (p. 233-234).

COSTA, Alexandre de Carvalho. 1969. "Lendas, historietas, etimologias populares e outras etimologias respeitantes às cidades, vilas, aldeias e lugares de Portugal continental (cidades e vilas-sedes de concelho)", *Boletim Cultural da Junta Distrital de Lisboa*, n.º 71-72, p. 161-247
Origem etimológica de Ponte de Linhares, freguesia de Lamas (p. 234).

COSTA, Paulo Ferreira da. 1990. *A aldeia e a casa no sistema de representações das classes populares do concelho do Cadaval*, Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (policopiado)
Dissertação de licenciatura em Antropologia (ver COSTA, Paulo F. 1995)

COSTA, Paulo Ferreira da; GALANTE, Maria Helena. 1995. *Cadaval: contributos para o estudo da memória de um concelho*, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda
Panorama socio-económico do concelho. O papel da vila como pólo de atracção do sector terciário, a dimensão da propriedade, principais produções, a actividade comercial exercida nas feiras e mercados mensais e semanais. As alcunhas pessoais e grupais como formas de demarcar a identidade colectiva no espaço da aldeia (processos de atribuição, dicotomia sexual). Apodos tópicos (alguns exemplos). O papel do sino na comunidade (como expressão dos conflitos entre diferentes aldeias, como símbolo da identidade comunitária, como demarcação acústica e visual). As origens da aldeia (mitos fundadores e toponímia). Reprodução e celebração da aldeia (identidades, rivalidades, fronteiras). Arquitectura e simbólica do espaço doméstico (tipologia das casas; tarefas relacionadas com a casa e a dicotomia sexual; rituais no espaço doméstico). O espaço doméstico e a reprodução social (namoro, casamento, fecundidade, gravidez, nascimento e pós-parto). Crenças relacionadas com o período da infância. O domínio do tempo (cosmologias, previsões, tempo profano e tempo sagrado, tempo meteorológico). A alimentação (bens consumidos e dicotomia sexual). A divisão sexual do trabalho agrícola e os alimentos. O ciclo do pão. Moinhos e azenhas. O pão. A vitivinicultura (aspectos históricos) e a sua importância contemporânea na economia do concelho.

COSTA, Paulo Ferreira da. 1996. "Projecto de constituição do Museu Municipal do Cadaval", *Actas do I Seminário do Património da Região Oeste*, Caldas da Rainha, Património Histórico - Grupo de Estudos, p. 240-251.
Apresentação de um programa de acção para a constituição de um museu municipal no Cadaval. Qual a importância da preservação do património. Tipologia do património concelho (Montejunto, património etnográfico móvel e imóvel). Exemplos diversos de cada tipo. Como é que um museu intervém sobre o património. As funções do museu. Formas de incrementar a sua operacionalidade efectiva.

COSTA, Paulo Ferreira da. 1996. "Pomares na várzea, vinhas na encosta", *O Voo do Arado*, Lisboa, Museu Nacional de Etnologia
Observação do quotidiano agrícola em várias épocas numa quinta com características de grande exploração no concelho. Alterações nas produções e no volume requerido de mão-de-obra. Recurso a trabalhadores temporários. Introdução de novas tecnologias. Expansão da silvicultura. A canalização da produção vinícola para as adegas cooperativas. Emigração e diminuição dos efectivos no sector primário. A monocultura da vinha. As potencialidades do associativismo. Perda de autonomia do agricultor em relação à gestão da terra. A dependência em relação aos subsídios oriundos da C.E. Marcas da mudança na paisagem do Cadaval. Destaque para um significativo conjunto de fotografias do autor: "Cadaval, Pereiro. Campos de trigo recém-ceifados (1991)"; "Cadaval, Murteira. Rebanho de cabras pastando no restolho (1996)"; "Cadaval, Murteira. Limpeza do grão-de-bico ao vento (1996)"; "Cadaval, Murteira. Ceifeira mecânica num campo de trigo (1996)"; "Cadaval, Dagorda. Tractor com grade de discos num pomar (1996)"; "Cadaval, Figueiros. Grupo de homens fazendo a empa de uma vinha (1991)"; "Cadaval. A velha prensa de vara defronte de uma adega cooperativa (1996)"; "Cadaval, Peral. Irrigação pelo sistema de gota-a-gota num pomar jovem (1996)".

COSTA, Paulo Ferreira da. 1997. "O sino: voz da aldeia, voz de Deus", *Sítios e Memórias*, Lisboa, n.º 4, p. 8-15
A importância do sino em momentos decisivos da vida da comunidade. Práticas e crenças associadas ao carácter sagrado dos sinos. Tecnologias de fabrico. Terminologia específica. O sino e os ritos de passagem na vida do indivíduo. O sino como expressão identitária nas várias freguesias do concelho do Cadaval. Função social do sino. Alteração da paisagem sonora das aldeias. Fotografias do autor retratam o campanário da igreja de S. Simão – Vermelha (p. 8) e a torre sineira da igreja de S. Vicente – Cercal (p. 13).

COSTA, Paulo Ferreira da. 1998. "Notas sobre os Reis e as Janeiras no concelho do Cadaval", *Sítios e Memórias*, Lisboa, n.º 5, p. 10-17

O cantar dos Reis e das Janeiras nalgumas aldeias do concelho do Cadaval. Diversas referências de J. Leite de Vasconcelos em finais do séc. XIX e de Guilherme Felgueiras em finais dos anos 40. As recolhas musicais de Michel Giacometti. A composição do grupo de cantadores e tocadores. Uma tentativa falhada de recuperação do *cantar os Reis* no lugar de Alguber, observada pelo autor, em 1989 pelo Natal, Ano Novo e Reis. Locais de proveniência dos cantadores, percurso percorrido e versões cantadas (transcrição das letras), refeições rituais, peditório e esmolas, as pinturas dos Rezes, a intervenção feminina e sua significação. Completam o artigo algumas fotografias do autor, representando um grupo de homens cantando e tocando e pormenores de pinturas alusivas aos Reis em diversos tipos de edifícios.

COSTA, Paulo Ferreira da. 1999. *Montejunto: imaginários e celebrações de uma serra*, Cadaval, LeaderOeste

Localização e divisão administrativa na serra de Montejunto. História da presença humana no local e o reduzido vigor do património edificado na região. O papel da agricultura na zona ao longo dos tempos (principais produções). A pastorícia. A Reserva Ecológica Educativa da serra de Montejunto. O conhecimento do espólio arqueológico e paleozoológico. Diferentes formas de mitologia popular. O caso das lendas, reprodutoras do imaginário popular, associam-se a elementos naturais locais como (rios, fontes, poços, grutas, entre outros). As lendas das mouras encantadas e os tesouros na tradição oral e na toponímia das aldeias daquela região. Histórias de lobisomens. Origens históricas e relatos semelhantes noutros contextos geográficos. Análise de narrativas locais. As forças do mal na cultura popular e as figuras que se lhe associam (cobras, bruxas, sapos, gatos pretos). Vítimas e efeitos deste nas sociedades tradicionais (as crianças, as grávidas). Processos rituais relacionados com estas manifestações. Os dois grandes momentos do ciclo festivo local: a celebração dos Reis no Inverno, nalgumas freguesias dos concelhos de Alenquer e Cadaval, e diversos eventos celebrados desde finais da Primavera até ao Verão (espera do Cuco, a Quinta-Feira de Ascensão, bênçãos do gado, S. João, e outras festas de cariz religioso). Anexo fotográfico do autor com fotografias legendadas dos principais locais, práticas e eventos analisados no texto.

DIAS, Jorge. 1969. "Occatio", *Revista de Etnografia*, n.º 24, p. 275-293

O autor refere um malho de desterroar em Peral, registado por Leite de Vasconcelos (p. 286).

EÇA, Maria Natália Almeida d'. 1995. *Roteiro artesão português: Estremadura*, Porto, ed. do autor

Roteiro das artes e ofícios tradicionais existentes na Estremadura e organizado por concelhos. Referências aos nomes dos artesãos e contactos dos seus locais de trabalho. Inúmeras fotografias retratando interiores das oficinas, peças, matéria-prima, os artesãos a trabalhar.

FELGUEIRAS, Guilherme. 1939. "Miscelânea", *Revista Lusitana*, vol. 37 (1-4), p. 300-313

Ao salientar um conjunto de práticas ligadas ao fabrico do pão, o autor refere um apontamento recolhido na Murteira (p. 303).

FELGUEIRAS, Guilherme. 1947. "O estudo da literatura popular e das tradições orais estremenhas", *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, n.º 14, p. 127-139

Quadras de cariz religioso para evitar o contacto com cães raivosos. Transcrição de uma parlenda recolhida em Ventosa.

FELGUEIRAS, Guilherme. 1948. "O estudo da literatura popular e das tradições orais estremenhas", *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, n.º 18, p. 289-299

Breve apresentação da lenda da Ponte de Linhares na qual intervém uma rapariga natural da Ventosa. São também referidas algumas práticas associadas aos cantares do Dia de Reis na aldeia de Figueiros (transcrição das letras) (p. 290; p. 293). Serração da Velha (p. 296).

FELGUEIRAS, Guilherme. 1948. "O estudo da literatura e das tradições orais estremenhas V: romanceiro estremenho", *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, n.º 19, p. 409-423

Transcrição do romance sacro *A Infância de Jesus* segundo uma versão recolhida em Figueiros.

- FELGUEIRAS, Guilherme.** 1949. “O estudo da literatura popular e das tradições orais estremenhas VI”, *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, n.º 22, p. 395-404
Esconjuro relacionado com alguns elementos da meteorologia popular recolhido em Alguber. Oração de St.ª Bárbara (Ventosa). Onomatopeias (exemplo do miar dos gatos) recolhida em Figueiros.
- FELGUEIRAS, Guilherme.** 1950. “O estudo da literatura popular e das tradições orais estremenhas VII”, *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, n.º 23, p. 95-102
Apresenta-se uma quadra popular de cariz religioso, alusiva aos encontros amorosos junto da capela da Sr.ª das Neves. Breve referência a um apodo tópico sobre o Cadaval.
- FELGUEIRAS, Guilherme.** 1950. “O estudo da literatura popular e das tradições orais estremenhas VIII”, *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, n.º 24-25, p. 365-396
Referências a cantigas geográficas recolhidas no Cadaval (p. 372). A lenda das *Bruxas da Quinta do Brigadeiro* segundo uma versão recolhida por M. Cardoso Martha no Cadaval (p. 376-377). Quadras do cancionero popular conforme versões recolhidas em Alguber (p. 385), Figueiros (p. 386; p. 392), Ventosa (p. 387), Vermelha e Painho (p. 389-390). Conta-se uma versão da história *A raposa e o sapo* recolhida no Cadaval (p. 394-395).
- GALANTE, Helena Sanches.** 1993. “Real Fábrica do Gelo: a fábrica que vendia frio”, *Sábado*, p. 52-55
A Real Fábrica do Gelo representa na serra de Montejunto um exemplar original do património arqueológico industrial de maior destaque. Razões da sua edificação na época setecentista (mudanças nos hábitos de consumo alimentares, a vulgarização do consumo de gelo na corte filipina em Portugal, a grande distância dos outros centros fornecedores de neve). A concessão da fábrica de gelo na serra de Montejunto (concessão de privilégios reais). A aldeia limítrofe de Pragança como possível fornecedora de mão-de-obra para a fábrica. Caracterização das diversas partes do edifício e explicação das principais tarefas. A existência de um forno de cal junto ao edifício aponta para possíveis funções de conservação do gelo nos poços. Meios de transporte do gelo até às zonas de abastecimento. A situação actual e algumas tarefas de preservação já efectuadas.
- GALANTE, Helena Sanches.** 1996. “O património do concelho do Cadaval: uma acepção alargada de património e perspectivas de intervenção”, *Actas do I Seminário do Património da Região Oeste*, Caldas da Rainha, Património Histórico - Grupo de Estudos, p. 173-179.
Perspectivação do conceito de património. Uma tipologia do património do concelho (vestígios de diferentes épocas). Propostas e possibilidades de intervenção no património. O exemplo da Real Fábrica de Gelo. As responsabilidades da autarquia.
- GALLOP, Rodney.** 1961. *Portugal : a book of folkways*, Cambridge, Cambridge University Press
Em Pragança realiza-se a *espera do cuco*, o qual depois de capturado é colocado numa carroça, ladeada por duas mulheres, e trazido até à aldeia, acompanhado por um cortejo de homens a cavalo (p. 118). Fotos do autor e desenhos de Marjorie Gallop.
- GIACOMETTI, Michel.** 1981. *Cancioneiro Popular Português*, Lisboa, Círculo de Leitores
Trabalho realizado com a colaboração do compositor Fernando Lopes Graça. Apresentam-se as letras e transcrições musicais de: “Deus nos dê as Boas Festas” – canto do peditório (do Natal aos Reis) recolhido em Alguber (p. 48, 50-51; nota p. 306). Destaque para uma fotografia do autor “Cantando as Boas-Festas” no Cadaval (p. 50).
- GONÇALVES, João Ludgero Marques.** 2000. *Moinhos do concelho do Cadaval*, Cadaval, Câmara Municipal de Cadaval
Levantamento e inventariação dos sistemas de moagem tradicional existentes no concelho do Cadaval. Recurso a documentação histórica e cartográfica. De referir igualmente a preocupação em registar os moinhos já desaparecidos e a situação, em termos de conservação, dos que ainda se podem observar. As sínteses apresentadas de cada moinho têm em conta a freguesia onde se insere (ou inseria), a sua designação, localização, causas da demolição, estado de conservação e modificações introduzidas. São integrados em grandes tipologias de carácter técnico: alvenaria, madeira, armação metálica e azenhas. Apresenta inúmeras fotografias recentes, indica o autor das mais antigas. Em anexo inclui um mapa dos moinhos referidos no texto, por tipologia.

“Grutas e Mouras” [Trabalho do Espéleo Clube de Torres Vedras]. 1989. *Torres Cultural*, n.º 2, Edição do Sector da Cultura da Câmara Municipal de Torres Vedras, p.18-22

Artigo redigido por Ana Cláudio a propósito das lendas de mouras encantadas que habitam grutas, fontes, penedos, minas, poços, e recolhidas em relatos de informantes da zona de Maceira/Vimeiro e serra de Montejunto. Referem-se alguns exemplos como a *Moira de Guifões*, a *Gruta da Cova da Moira*, a *Moira Parturiente de Safara de Tolosa*, a *Parteira das Moiras*, o *Cabeço Velho*, e faz-se uma breve análise da significação de cada um deles.

GUAPO, António R.; MARTINS, José E.; MELO, António de O. 1985. *O concelho de Alenquer: subsídios para um roteiro de Arte e Etnografia*, Vol. 2., Alenquer, Comissão Municipal da Feira da Ascensão de Alenquer e da Associação para o Estudo e Defesa do Património de Alenquer (Consulte-se o capítulo referente aos festejos do dia de Reis em Alenquer).

JÚLIO CÉSAR MACHADO NO OESTE: ANTOLOGIA DE TEXTOS DE JÚLIO CÉSAR MACHADO. 1996. Bombarral, Museu Municipal do Bombarral

Trabalho organizado por Vítor Wladimiro Ferreira. Textos literários referentes a diversos aspectos da vida social, económica e religiosa do Cadaval. O papel do barbeiro como terapeuta popular na vila (p. 30-31). A paisagem da charneca (p. 31). A valorização da roupa de linho como bem de prestígio pelos camponeses da aldeia de Painho (p. 65). No Cercal situavam-se as hospedarias onde descansavam os passageiros das diligências (p. 76-77). Júlio C. Machado desce da diligência na Palhoça (p. 80-81). Em Vale-Canada realizou-se uma batida ao lobo com recurso a armadilhas (p. 87-88). Descrição do Inverno na Serra de Montejunto (p. 76-77) e panorâmica da mesma serra (p. 125-126).

LEÇA, Armando. 1946. **“Do cancionero músico-estremenho V”**, *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, n.º 12, p. 215-234

Discorre-se sobre aspectos históricos de vários tipos de danças com influências europeias. No Cadaval, destaca-se a moda ou valsa dos dois passos, a carreirinha, chicote, viras de autoria e modas de roda.

LEITÃO, Gonçalo Rodrigo de Coito Soares Goulart. 1998. *Os aspectos geológicos na definição de uma “área protegida” (o caso da serra de Montejunto)*, Lisboa, Faculdade de Ciências (policopiado)

Relatório de estágio. Aspectos geográficos, litostratigráficos, hidrogeológicos e geomorfológicos da serra de Montejunto. Destaque para a constituição de algares, lapas e abrigos subterrâneos e toponímia dos locais. Anexo fotográfico com planos de alguns dos locais citados.

LOURENÇO, Fernando Severino. 1991. **“Os sorvetes do séc. XVIII”**, *A Cidade e as Terras*, Lisboa, Governo Civil de Lisboa, n.º 1, p. 40-41

História do consumo de gelo em Portugal desde o séc. XVII. Problemas surgidos com as dificuldades na sua obtenção, conservação e distribuição. As técnicas utilizadas nas estruturas construídas na serra de Montejunto, que ainda hoje podem ser observadas no local, ainda que muito degradadas. A protecção de N.º Sr.ª das Neves.

MARTHA, M. Cardoso. 1918. **“Cartas etnográficas”**, *Lusa*, n.º 40, p. 124-126

Carta dirigida ao Director da revista, Cláudio Basto. Texto literário com algumas impressões do autor sobre o casario da Murteira, a serra de Montejunto, as paisagens, os frutos, as cores. Fala-nos também da figura do ti' Costantino como detentor de diversas formas de sabedoria popular (contos, orações, adivinhas, medicina popular, encantamentos).

MARTHA, M. Cardoso. 1919. **“Cartas etnográficas III: a “espinhela-caída”**, *Lusa*, n.º 43-44, p. 150-153

Carta dirigida ao director da revista, Cláudio Basto. Práticas relacionadas com o tratamento da *espinhela-caída* na aldeia da Murteira (o curandeiro). Descrição do interior de uma casa.

MARTHA, M. Cardoso. 1919. **“Cartas etnográficas IV: Quinta-Feira da Ascensão”**, *Lusa*, n.º 48, p. 23-24

Publicação de carta do autor, subordinada ao tema da Quinta-Feira de Ascensão (ou Dia da Espiga) na Murteira. O vestuário que os aldeões envergam nesse dia. Adagiário. Estado dos campos. Práticas a respeitar (não trabalhar, não cozer pão, apanhar ervas medicinais, refeições rituais, cruzeiros decorados com flores). As ladainhas celebradas na véspera em Peral.

- MARTHA, M. Cardoso.** 1919. “*Cartas etnográficas V: uma poesia culta e uma quadra popular*”, *Lusa*, n.º 50-51, p. 68-70
Publicação de carta do autor, que inclui alusão a uma quadra de temática amorosa recolhida na Murteira e posteriormente publicada no jornal alenquerense *A Verdade* (24.10.1919).
- MARTHA, M. Cardoso.** 1921. “*A trouxe-mouxe: notas etnográficas e folclóricas*”, *Lusa*, n.º 57-60, p. 28
Cura para bolhas nas mãos ou pés.
- MARTHA, M. Cardoso.** 1934. *Folclóre do Cadaval: mancheia de apontamentos*, Espozende, Tipografia Espozendense
Compilação de vários aspectos etnográficos do Cadaval. Cancioneiro (p. 11-49); orações e ensalmos (p. 50-63). Adivinhações (p. 65-78); episódios tradicionais (p. 79-83). Usos, costumes e superstições (p. 84-110); breve adagiário (p.111-113). Contos tradicionais (p. 114-224); glossário de vozes populares (p. 225-256).
- MARTHA, M. Cardoso.** 1944. “*Literatura dos contos tradicionais estremenhos: o povo e as mulheres teimosas*”, *Boletim da Junta de Província da Estremadura*, n.º 5 [série II], p. 117-119
Conto inédito, recolhido nos anos 30, pelo autor, em Pragança: *Branca ou Rosa* (p. 118-119).
- MINISTÉRIO DA AGRICULTURA.** 1939. *Reconhecimento dos baldios do continente*, vol. 2 (parte 2), Lisboa, Junta de Colonização Interna
Estatísticas permitindo a caracterização dos baldios em Portugal. Apreciação distrital, por concelhos e freguesias (número, tipos de aproveitamento agro-florestal, designação, características geológicas, agrológicas, oro-hidrográficas, economico-sociais, localização aproximada). Dados sobre o Cadaval (p. 683-685).
- MONUMENTOS E EDIFÍCIOS NOTÁVEIS DO DISTRITO DE LISBOA : ALENQUER, ARRUDA DOS VINHOS, AZAMBUJA, CADAVAL.** 1962. Lisboa, Junta Distrital de Lisboa
As armas do concelho. Mapa com a localização do concelho na região e indicação das freguesias que o compõem. Origem histórica e etimológica. Apresentação do património edificado de cariz religioso e civil, por freguesia de localização. Ilustrações e fotografias de alguns aspectos interiores e exteriores.
- MUSEUS: SUBSÍDIOS PARA O ENQUADRAMENTO HISTÓRICO DOS CONCELHOS.** 1998. Lisboa, Comissão de Coordenação da Região de Lisboa e Vale do Tejo
Os museus e casas-museu da região de Lisboa e Vale do Tejo. Características, coleções e horário de funcionamento.
- NOSSA SENHORA DE NAZARÉ NA ICONOGRAFIA MARIANA.** 1982.
Catálogo de exposição realizada no Museu Etnográfico e Arqueológico do Dr. Joaquim Manso, por ocasião do 8.º Centenário de Devoção a N.ª Sr.ª de Nazaré. Apresentação de frases de alguns ex-votos associados à realização de milagres no Cadaval (p. 120).
- OLIVEIRA, Ernesto Veiga de.** 1960. “*Manjares e refeições cerimoniais em Portugal: Todos-os-Santos e Fiéis Defuntos*”, *Estudos e Ensaios Folclóricos em Homenagem a Renato Almeida*, Rio de Janeiro, Ministério das Relações Exteriores, p. 345-365
Composição da esmola do Dia dos Finados (p. 354).
- PEDROSO, Consiglieri.** 1988. *Contribuições para uma mitologia popular portuguesa e outros escritos etnográficos*, Lisboa, Dom Quixote
Breves referências a entes sobrenaturais de acordo com uma versão de Painho e uma outra de Vidais (p. 277; p. 293).
- PEREIRA, José de Campos.** 1915. *A propriedade rústica em Portugal*, Lisboa, Imprensa Nacional
A produção vitivinícola em finais do séc. XIX e em princípios do séc. XX no concelho.
- PESSANHA, Sebastião.** 1958. “*Pás de moleiro*”, *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, n.º 47-48-49, p. 179-198
Fotografia do autor referente a pás de moleiro - Cadaval (p. 184).

PIMENTEL, Alberto. 1908. *A Extremadura Portuguesa: I O Ribatejo*, Lisboa, Empreza da História de Portugal Soc. Ed.

Caracterização do concelho. Aspectos históricos, geográficos, económicos e arquitectónicos (p. 23-30). Principais produtos agrícolas (cereais, vinho, azeite e fruta – p. 30). Feiras e mercados (p. 25). Criação de gado e pastoreio (p. 28). O Santo Estevão e a medicina popular na Sobrena (p. 29). O uso do alecrim no aquecimento dos fornos (p. 28). O desenvolvimento de sedes de concelho a partir de núcleos populacionais pequenos, como por exemplo o Cadaval, já no séc. XIX (p. 413). Destaque para duas fotografias, sem indicação de autor: “Vista geral da vila” (p. 25) e “Encaixotamento de uva ferral na Quinta D.Amiga, propriedade do sr. José do Nascimento Pereira” (p. 29).

PINTAR E CANTAR OS REIS: O PERCURSO DE UMA TRADIÇÃO. 2000. Cadaval, LeaderOeste

Origens históricas da celebração dos Reis nos concelhos de Alenquer e Cadaval. Aspectos etnográficos associados (pinturas, simbologia dos motivos pintados, momentos mais importantes e participantes). O cantar dos Reis (temática dos versos, o apontador e o coro; momentos de sociabilidade comunitária). Exemplos dos festejos em algumas aldeias dos concelhos supra-citados. Diversas fotografias legendadas das celebrações referidas no texto, não se indicando, no entanto, a sua proveniência.

SABERES DA VIDA: MEMÓRIAS DE ANTIGAS PROFISSÕES. 2000. Bombarral, Museu Municipal de Bombarral Vasco P. da Conceição/Maria Barreira

Catálogo de exposição etnográfica. Quadra sobre o trajar recolhida no Cadaval (p. 12). Glossário sobre peças do vestuário, alusão ao tipo de pessoas e sexo que as envergavam (p. 9-12).

SANTA MARIA, Frei Agostinho de. [1707-1723]. *Santuário mariano e história das imagens milagrosas de Nossa Senhora, e das milagrosamente aparecidas, em graça dos pregadores, e dos devotos da mesma Senhora*, Lisboa, Off. António Pedrozo Galvão

No vol. 2 (1707) o autor referencia a história da imagem e milagres de N.ª Sr.ª do Carril (p. 217-221).

SANTOS, Dóris Joana F. 1998. *Carvalhal: roteiro*, Carvalhal, Núcleo de Cultura, Desporto e Melhoramentos do Carvalhal

Aspectos históricos do concelho. Criação, origem toponímica. Principais exemplos da arquitectura religiosa e civil do concelho. O património natural. Principais festas e romarias. Destacam-se algumas fotos referentes à procissão na noite de S.José, na qual se acendem igualmente as luminárias (cascas de caracóis cheias de azeite e fixas às paredes).

SARDINHA, José Alberto. 1996. “Contribuições para o estudo do fandango”, 5.º Congresso de Folclore do Ribatejo, Santarém, Região de Turismo do Ribatejo, p. 87-96

Informações sobre o fandango. Fandango coreografado recolhido em Goucharia.

SOARES, Maria Micaela. 1982. “A mudança na cultura rural portuguesa”, *Boletim Cultural da Assembleia Distrital de Lisboa*, 2.º tomo, n.º 88 [série III], p. 145-400

Práticas relacionadas com os Reis no concelho do Cadaval (p. 202-235). Destaque para duas fotografias onde surgem: a feira do Cadaval em 1905 e um sapateiro de Avenal em 1982.

SOARES, Mário. 1998. “Região do Oeste: Cadaval”, *Jornal das Caldas*, n.º 6, p. 12

Síntese de vários aspectos do concelho. Situação geográfica, panorama económico, dados históricos, freguesias que o integram, executivo municipal, feriado municipal, principais monumentos, locais de lazer e turismo, gastronomia, vinhos e artesanato.

O TESOURO DA SERRA DE MONTEJUNTO. 2000. Cadaval, LeaderOeste

Esta publicação resulta de um projecto pedagógico liderado pelas professoras Isabel Pereira Rosa e Carmen Vivas. À laia de pequeno conto, e conjugando elementos ficcionais e reais, relatam-se aspectos relativos ao património natural e arquitectónico da Serra de Montejunto. É dedicado fundamentalmente a um público infantil.

O TRABALHO E AS TRADIÇÕES RELIGIOSAS NO DISTRITO DE LISBOA: EXPOSIÇÃO DE ETNOGRAFIA. 1991. Lisboa, Governo Civil de Lisboa

Catálogo de exposição. Identificação das peças expostas. António de Oliveira Melo, António Rodrigues

Guapo e José Eduardo Martins (p. 176-179) no capítulo sobre as actividades industriais referem os neveiros da serra de Montejunto e a introdução da sua prática nesta região no séc. XVIII. Em anexo, algumas fotografias revelam-nos vestígios desta actividade ainda hoje (fotos 225 a 228).

- VASCONCELOS, J. Leite de.** 1882. “A poesia das aldeias”, *Encyclopedia Republicana*, Lisboa, p. 125-126
Reeditado com o título *Versos das Ruas em Ensaios Etnográficos* (vol. IV, p. 57-60). As Janeiras e os Reis.
- VASCONCELOS, J. Leite de.** 1882. *Tradições populares de Portugal*, Porto, Livraria Portuense de Clavel & C. ^a
Práticas relacionadas com as crianças (p. 207).
- VASCONCELOS, J. Leite de.** 1884-1886. “Linguagem popular do Peral”, *Revista de Estudos Livres*, Porto, Tip. de Silva Teixeira, II, p. 543-551; p.583-597; III, p. 63-73
Aspectos da linguagem popular, recolhidos em Peral.
- VASCONCELOS, J. Leite de.** 1885. *Dialectos estremenhos: contribuições para o estudo da dialectologia portuguesa. 1 - Lingoagem popular do Peral*, Porto, Typographia de A.J. da Silva Teixeira
Estudo da linguagem e do vocabulário do Peral. Transcrição de quadras populares e cancionero (p. 24-27); romanceiro (p. 18-23); os pães na acepção popular (p. 35); Santo António casamenteiro (p. 19, 21); o Diabo (p. 21-23, 31, 36); as Invasões Francesas (p. 33); amor e casamento (p. 19, 21, 24-27, 34); sexualidade (p. 24); rivalidades vicinais (p. 25, 31); adivinhas (p. 26-28); tempo (p. 27, 31); moagem (azenas) (p. 29); superstições: pragas (p. 31); magia imitativa (p. 32).
- VASCONCELOS, J. Leite de.** 1907. “Miscellanea”, *Revista Lusitana*, vol. 10(1-2), p. 161-167
Explicação sobre a toponímia da localidade de Martim Joanes (p. 165).
- VASCONCELOS, J. Leite de [Redactor].** 1917. *O Archeologo Português*, Vol. XXII, nº 1-12, Lisboa, Imprensa Nacional, p. 121-122, 127.
Referências sobre o Convento da Serra da Neve, *antigualhas* do Cadaval e Pero Moniz.
- VASCONCELOS, J. Leite de.** 1920. “Chaminés da Estremadura e do Algarve”, *Boletim de Etnografia*, n.º 1, Lisboa, Imprensa Nacional, p.39
Destaque para um desenho de Avelino Pereira (1918) a propósito de uma chaminé do Cadaval.
- VASCONCELOS, J. Leite de.** 1920. “Os pinhões na Etnografia”, *Boletim de Etnografia*, n.º 1, p. 44-50
Designações dos pinheiros e seus derivados na Estremadura Cistagana. Em relação ao Cadaval, refere a prática de apanhar pinhas em cima das árvores, ou no chão, deitando-lhes lenha por cima e ateando fogo, para facilitar a sua quebra (britagem), com o auxílio de pedras ou martelos (p. 47).
- VASCONCELOS, J. Leite de.** 1923. “Etnografia estremenha”, *Boletim de Etnografia*, n.º 2, Lisboa, Imprensa Nacional, p. 44-51
Fotografia de uma capela ribatejana, cujo alpendre é semelhante ao de algumas casas antigas do concelho do Cadaval (p. 46).
- VASCONCELOS, J. Leite de.** 1924. “Boneca de chaminé”, *Boletim de Etnografia*, n.º 3, Lisboa, Imprensa Nacional, p. 11-12; 28-29
Costume observado pelo autor no Cadaval, que consiste na colocação de uma boneca fixa à parede da cozinha. Desenho de um exemplo encontrado no Peral.
- VASCONCELOS, J. Leite de.** 1924. “Medição poética do vinho”, *Boletim de Etnografia*, n.º 3, p. Lisboa, Imprensa Nacional, p. 21-26
Práticas e terminologia associadas à medida do vinho nos tonéis.
- VASCONCELOS, J. Leite de.** 1924. “Maquia”, *Boletim de Etnografia*, n.º 3, Lisboa, Imprensa Nacional, p. 28-29
Medida de ferro associada a grãos e farinha recolhida no Peral. Destaque para desenho de F. Valença.

- VASCONCELOS, J. Leite de.** 1925. *A figa: estudo de etnografia comparativa, precedido de algumas palavras a respeito do «sobrenatural» na medicina popular portuguesa*, Porto, Araujo & Sobrinho
 Conferência lida pelo autor por ocasião do I Centenário da Régia Escola de Cirurgia do Porto. Exemplos de canções populares onde se faz alusão a figas. Transcrição de uma canção recolhida no Cadaval (p. 49). De acordo com um desenho de Francisco Valença reproduzem-se três posições de uma figa, feita em corno, alegadamente oferecida pela Bruxa da Arruda a uma mulher do concelho do Cadaval, a qual a terá oferecido ao autor (p. 132-133). Caracteriza-se o objecto no que diz respeito ao seu material, decoração e simbologia.
- VASCONCELOS, J. Leite de.** 1929. "Etnografia do Cadaval", *Boletim de Etnografia*, n.º 4, Lisboa, Imprensa Nacional, p. 31-38
 De acordo com observações feitas no Peral pelo autor. Abrigos construídos com materiais vegetais leves para os guardas das propriedades dormirem, ou como arrumos de apetrechos agrícolas (p. 31-32). Pormenores de arquitectura tradicional e terminologia a ela associada: casas, telhados, telheiros (p. 32-35). Tanoaria (p. 35-36). Carro e canga de bois (p. 36). Sistema de transporte de matéria-prima para a construção e/ou agricultura (p. 37). Alfaia agrícola (p. 37-38). Destaque para desenhos da autoria de João Herculano Pereira.
- VASCONCELOS, J. Leite de.** 1929. "Desmanteia", *Boletim de Etnografia*, n.º 4, Lisboa, Imprensa Nacional, p. 43-49
 O trabalho da cava, terminologia e práticas associadas. Fotografias de António Leite Pereira de Melo.
- VASCONCELOS, J. Leite de.** 1931. *Opúsculos*, vol. 3 (Onomatologia), Coimbra, Imprensa da Universidade
 Reedita-se este trabalho, originalmente publicado em 1922 no jornal *Comércio de Viseu*, no qual o autor organizava as recolhas relativas a nomes geográficos, posteriormente publicados em *Toponímia portuguesa*. De acordo com as investigações filológicas de J. J. Nunes, o autor refere alguns nomes de pessoas presentes na toponímia: Pragança (p. 259).
- VASCONCELOS, J. Leite de.** 1937. "Necrologia", *Revista Lusitana*, vol. 35 (1-4), p. 317-320
 Notícia da morte de José Maria Adrião. O autor refere o seu gosto pelos estudos etnográficos e salienta a publicação na *Revista Lusitana*, de um artigo intitulado *Tradições populares do Cadaval*. Indicação da bibliografia do falecido.
- VASCONCELOS, J. Leite de.** 1938. "Espécimes de etnografia por províncias", *Boletim de Etnografia*, n.º 5, Lisboa, Imprensa Nacional, p. 30-70
 Alguns apontamentos sobre marcas de propriedade de objectos recolhidas em Alguber (p. 46-50).
- VASCONCELOS, J. Leite de.** 1939. "Ementas gramaticais para a história da língua portuguesa", *Revista Lusitana*, vol. 37 (1-4), p. 5-31
 Particularidade linguística recolhida em Pragança (p. 20).
- VASCONCELOS, J. Leite de.** 1942. *Etnografia portuguesa III: tentame de sistematização*, Lisboa, Imprensa Nacional
 Quadras a propósito de vários aspectos geográficos (p. 398; 426-427; 437; 651). A importância da vitivinicultura no Cadaval, pertencente à sub-região de Torres Vedras (p. 427). Inclusão do concelho de Cadaval numa zona de penetração e irradiação do território dos saloios, segundo Alberto Pimentel (p. 437). No entanto, o autor considera que os habitantes do Cadaval não são saloios (p. 437). A serra de Montejunto, caracterização dos territórios designados por *trás da serra* e *borda da serra*. Limites geográficos das freguesias que a serra engloba (p. 650-653). Apodos tópicos (p. 398; 651). Agricultura (p. 652). Alimentação (p. 470). Quadras a propósito de vários aspectos geográficos (p. 398; 426-427; 437; 651). Vinho. Rivalidades vicinas (p. 651-652). S. Tomé do lugar de Lamas (p. 651).
- VASCONCELOS, J. Leite de.** 1958. *Cartas de Leite de Vasconcelos a Martins Sarmento: arqueologia e etnografia 1879-1899*, Guimarães, Sociedade Martins Sarmento
 Correspondência dirigida pelo autor a Martins Sarmento. Referências à existência de propriedades do autor no Cadaval (p. 79) e da sua ocupação profissional como subdelegado de saúde nessa localidade. Contrariedades em relação à sua permanência no Cadaval e aspirações duma transferência para a Biblioteca Nacional (p. 86-87). Espólio encontrado pelo autor em pesquisas na região (p. 150). Considerações arqueológicas sobre Pragança (p. 177).

- VASCONCELOS, J. Leite de.** 1958. *Romanceiro Português I*, Coimbra, Universidade de Coimbra
Integrado no capítulo de romances novelescos, o autor transcreve duas variantes do *romance de D. Silvana* (p. 205-208) recolhido no Cadaval. *Romance da donzela guerreira (D. Marcos)* (p. 243-244). Variantes do *romance de D. Infanta* (p. 379-382).
- VASCONCELOS, J. Leite de.** 1960. *Romanceiro Português II*, Coimbra, Universidade de Coimbra
Versões do *conde de Vila Flor* (p. 69-73). *Romance O Cego* recolhido em Pragança (p. 101). Canção de temática religiosa (p. 349-350). No capítulo dos romances narrativos, transcreve-se *O Lavrador*, recolhido em Peral (p. 379), *Menina que vai passando* (Alguer, p. 438-439).
- VASCONCELOS, J. Leite de.** 1964. *Contos populares e lendas I*, Coimbra, Universidade de Coimbra
Compilação da autoria de José Leite de Vasconcelos e posterior coordenação de Alda e Paulo Soromenho. Contos sobre animais: *A Raposa* (p. 23); *O Cortiço* (p. 48-49); *O Sapó* (p. 103). S. Tomé do lugar de Lamas (p. 249). Entes Sobrenaturais: *A Turca* (p. 371-373); *O Diabo-Gato* (p. 373); *O Corvo* (p. 439-440).
- VASCONCELOS, J. Leite de.** 1967. *Etnografia Portuguesa V: tentame de sistematização*, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda
Índice dos principais assuntos abordados neste volume. Quadras (p. 85). O aborto (p. 6). Bruxas (p. 34-35; 272). Enjeitados (p. 43). O namoro (p. 598). Dicotomia sexual (p. 195; 19; 12). St.^o Estevão (Sobrena – p. 56; 227). Alimentação (p. 159; 143; 217; 519-529; 609; 671). Lugar de Lamas (p. 272). Iluminação em cascas de caracóis no Paíño (p. 180). Padres (p. 272). Recolecta (p. 195-196; 609). A lua (p. 32-33). Medicina popular e amuletos (p. 32-33; 175; 272; 376; 381; 413; 521). O mau-olhado (p. 402; 413-417; 521). Infância (p. 32-35; 43; 56; 69). Aleitamento (p. 56). Jogos (p. 69; 104). Água (p. 113-114). Pedra-de-raio (p. 229-230). Vestuário (p. 513). Loíça (p. 238; 247; 256). Habitação (p. 256). Silvicultura (p. 213). Caça (p. 279; 311-312; 314; 317; 334; 342; 348-349). Pesca (p. 354-355; 376). Animais (p. 86; 156; 217; 381; 402; 413-415; 423; 434- 437; 451; 458; 460-461; 487; 521). Agricultura (p. 155-156). Propriedade (p. 541). Pastorícia (p. 481; 513; 519-520; 523). Alfaia agrícola (p. 544; 548; 550-553; 598). Vinho (p. 635). Os trabalhadores temporários (p. 653). A linguagem e o mundo rural (p. 671).
- VASCONCELOS, J. Leite de.** 1969. *Contos Populares e Lendas II*, Coimbra, Universidade de Coimbra
S. Tomé do lugar de Lamas (p. 146).
- VASCONCELOS, J. Leite de.** 1975. *Cancioneiro Popular Português I*, Coimbra, Universidade de Coimbra
Cantiga: Peral (p. 13 ; aves- p. 31). Cadaval- rimas onomásticas (p. 51-53), frases e respostas estereotipadas (p. 56-57). Rimas infantis – Peral (p. 76; p. 95-96). A criança e a natureza (p. 101). Modas (p. 121; p. 135; p. 163). Lavadeira (p. 235); lavrador (p. 236); maltês (p. 240); moleiro (p. 242); mondadeira (p. 244); pastor (p. 246); vindimador (p. 262), trabalhadores do mar (p. 266). Temática amorosa (p. 332; p. 351; p. 362; p. 373; p. 376-377; p. 382-383; p. 425; p. 462; p. 554; p. 557). Antroponímica poética (p. 602-603). Cabelos (p. 627), coração e olhos (p. 648; p. 654-655).
- VASCONCELOS, J. Leite de.** 1979. *Cancioneiro Popular Português II*, Coimbra, Universidade de Coimbra
Quadras recolhidas no concelho do Cadaval de temática amorosa (p. 7; 18, 27, 29), lamentações (p. 51), cartas (p. 97, 98), pedidos (p. 110), conselhos a namorados (p. 136, 140), a vida quotidiana (p. 171, 173-174, 176, 188), o traje (p. 199), a terra amada (p. 232, 234, 238), sutilezas (p. 277-278), graças (p. 306, 308, 318, 323, 325, 331), satíricas (p. 344, 355), auto-crítica (p. 377), dotes gorados (p. 379), classes sociais (p. 381), superstições (p. 402), a sereia (p. 409), ensalmos (p. 410, 415), ocaso da vida (p. 430), invasões francesas (p. 490).
- VASCONCELOS, J. Leite de.** 1980. *Etnografia Portuguesa VII: tentame de sistematização*, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda
Principais assuntos abordados neste volume. Água (p. 512). Almas penadas (p. 53-55; 487). Adivinhação (p. 180). Amor (p. 541). Bruxas (p. 38; 53; 105; 112; 118; 120; 127; 296; 489). O lugar de Peral (p. 120; 526; 541; 547; 578). Pragança (p. 52; 54; 221-222; 263; 296; 484). Dom-Durão (p. 120). Igreja (p. 180). Cobras (p. 190). Festa do Cuco (p. 221-222). Dicotomia sexual (p. 487). Lua (p. 399). Mau-olhado (p. 127). Padres exorcistas (p. 52-55; 489). Medicina popular (p. 38; 95; 105; 163; 399; 526). Tempo (p. 90; 180; 484; 547; 578). St. ^o Estevão (p. 526). Resposos (p. 263). Seres fantásticos (p. 540-541). Sol (p. 547). A benção das vinhas por um padre e a protecção destas contra a lagarta e o pulgão (p. 489).

VASCONCELOS, J. Leite de. 1982. *Etnografia Portuguesa VIII: tentame de sistematização*, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda
Principais assuntos abordados neste volume. Contratos (Quaresma – p. 176; 214). Casamento (p. 367-368). Entrudo (p. 151-153; 173; 225). Janeiras (p. 51-52). Queima do Judas (p. 225). Namoro (p. 24). Pulhas (p. 151-153). Pão por Deus (p. 476; 478). Quaresma (p. 223). Quadras (p. 24; 244). Serração da Velha (p. 199). S. João (p. 394). Santos Populares (p. 367; 394). Tempo (p. 20; 24; 27; 244).

VASCONCELOS, J. Leite de. 1983. *Cancioneiro Popular Português III*, Coimbra, Universidade de Coimbra
Cantigas geográficas (p. 2, 9, 57, 62, 78-79, 82, 84, 86, 95, 99, 124, 139-140, 156, 161-162), serras (p. 164, 167), ditados tópicos (p. 185), grupos étnicos (p. 188), emigração (p. 202), festividades (p. 251), cantiga dos Reis (p. 278-279), boas-festas (p. 293), mastros de S. João (p. 341, 348), N. ^a Sr. ^a das Neves (p. 360).

VASCONCELOS, J. Leite de. 1983. *Etnografia Portuguesa VI: tentame de sistematização*, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda
Principais assuntos abordados neste volume. Água (p. 17). Alimentação (p. 362-364; 413; 574). Amuletos (p. 615-625; 700). Bruxaria (p. 615-625; 700). Cestaria (p. 133). Azeite (p. 4). Gado (p. 87; 277). Louça (p. 315; 328-329). Lã (p. 87). Linho (p. 86). Namoro (p. 634). Moagem (p. 17; 34). Habitação (p. 226-241). Ofícios (p. 56; 59-60; 73; 133). Pastorícia (p. 601). Pão (p. 34-51; 411). Mau-olhado (p. 617; 623 ; 700). Rivalidades viciniais (p. 524; 600). Transportes (p. 650-651). Trabalho (p. 137). Vinho (p. 372-376; 378). Vestuário (p. 73; 517-518; 520-521; 524-527; 593; 598-601; 604).

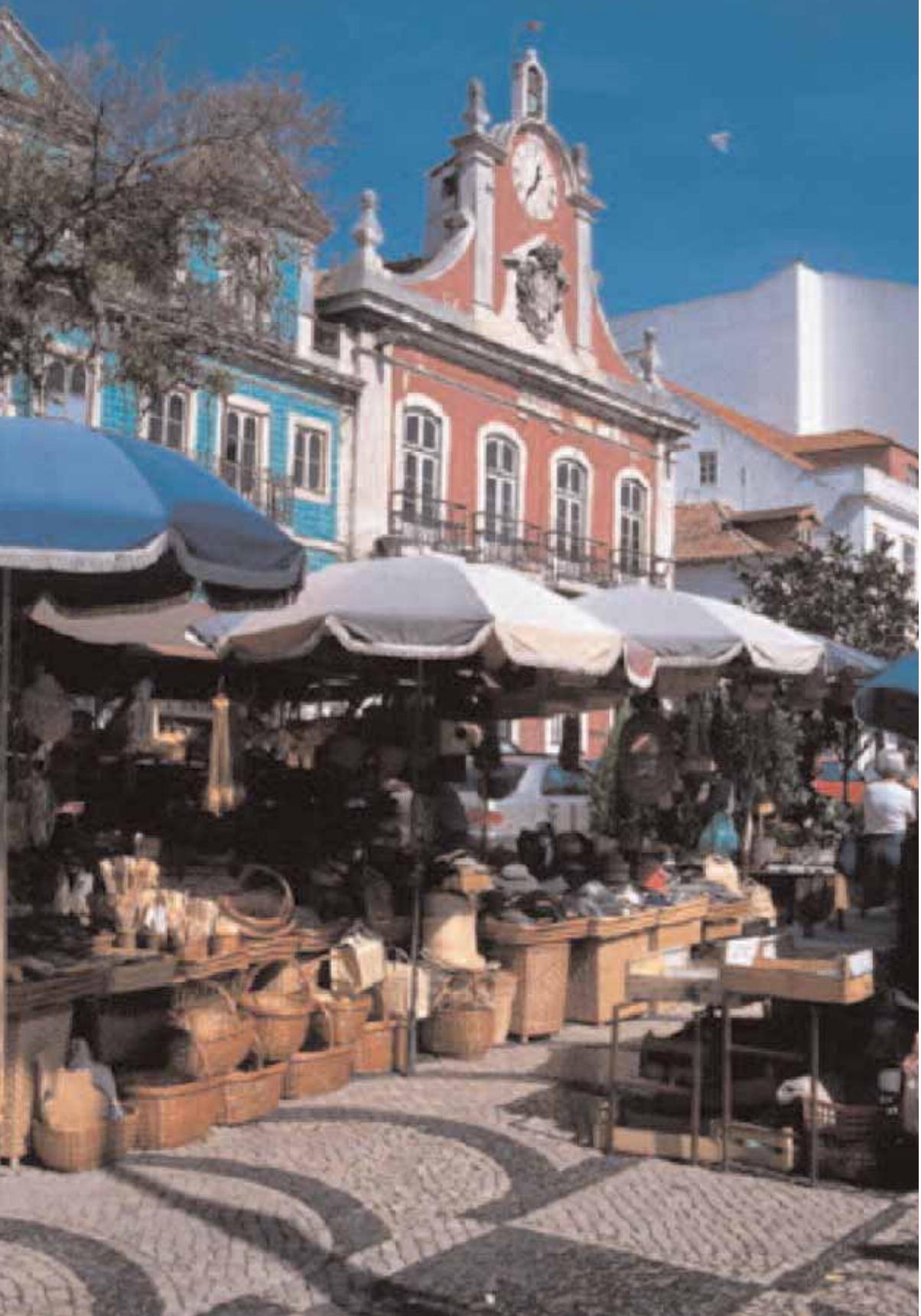
VASCONCELOS, J. Leite de. 1985. *Etnografia Portuguesa IX: tentame de sistematização*, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda
Principais assuntos abordados neste volume. Ano Novo (p. 475). Amuletos e mau-olhado (p. 99; 187; 202; 236; 244; 248; 252; 253; 260). Animais (p. 120; 124-125). Bruxaria (p. 87; 93; 98; 99). Contratos (Quaresma – p. 459-460). Círios (p. 312; 357; 361-363). Cavalhadas (p. 362). Ex-votos (p. 497; 500). Descrição da passagem por Pragança (Cadaval) do círio da Ventosa rumo à Senhora da Ameixoeira, onde se realizava o arraial (p. 363). Festas (p. 362; 369). Igreja (p. 141; 438; 457). Infância (p. 234; 281). Janeiras (p. 475). Lua (p. 253; 281). Namoro (p. 460). Natal (p. 475). Pastorícia (p. 125). Padres exorcistas (p. 368; 476-477). Quadras (p. 248; 438). Rivalidades viciniais (p. 363). Sangue (feminino) (p. 60). Serra de Todo o Mundo (p. 417). Tempo (p. 487). Vinho (p. 60).

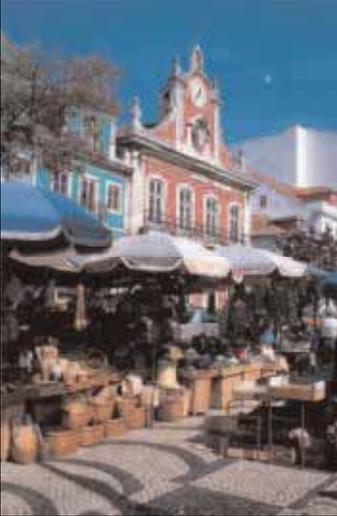
VASCONCELOS, J. Leite de. 1988. *Etnografia Portuguesa X: tentame de sistematização*, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda
Principais assuntos abordados neste volume. Vinho (p. 10). Agricultura (p. 30). Adivinhação (p. 79-80; 132; 134). Amor/Namoro (p. 35; 144; 190; 238; 400-401). Água (p. 92). Azeite (p. 4; 27). Bruxaria (p. 79; 114). Casamento (p. 199; 266; 275; 281; 283; 285; 400; 274; 284). Chave do sacrário (p. 171). Infância (p. 122-124; 156). Lua (p. 122-124). Mau-olhado/Quebranto (p. 132-134; 144-145). Medicina popular (p. 79-80; 114; 119; 122-124; 132-134; 156; 171; 177). Morte (p. 325). Fortuna (p. 395). Pulhas (p. 413). Pão por Deus (p. 325). Quadras (p. 35; 144; 285; 400-401). Pastorícia (p. 92). Janeiras/Reis (p. 395). Rivalidades viciniais entre os habitantes do Vilar e de Rechaldeira (Alenquer) (p. 597-599; 614).

VASCONCELOS, João. 1996. *Romarias I: um inventário dos santuários de Portugal*, Lisboa, Olhagam Edições
Brevíssima alusão à romaria da Sr.^a. das Neves realizada na serra do Montejunto (p. 244).

“A vida dos concelhos: Cadaval”. 1940, *Boletim da Junta de Província de Estremadura*
Dados diversos sobre o concelho: imprensa, Casas do Povo, secções do Sindicato Nacional, Grémios, Sociedades de Recreio, composição do executivo municipal e a açação das câmaras.

ZONA NORTE DO DISTRITO DE LISBOA: BASE DE DADOS. [s/d.]. Torres Vedras, Câmara Municipal de Torres Vedras, Gabinete de Estudos e Planeamento (policopiado)
Estatísticas diversas sobre a região norte do distrito de Lisboa, ou seja os concelhos de Alenquer, Arruda, Cadaval, Lourinhã, Mafra, Sobral e Torres Vedras.





< Cesteira de Alfeizerão vendendo os seus cestos no mercado semanal das Caldas da Rainha, 2000.

Caldas da Rainha

ABREU, Marta Teresa S. de. [s/d.]. *O papel da comunicação na gestão da formação profissional no CENCAL*, Lisboa, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas
Relatório de estágio da licenciatura em Política Social. Alguns dados pertinentes para a compreensão da implementação e acção do centro de formação profissional de indústria cerâmica nas Caldas da Rainha e do tipo de formação aí leccionada.

ALVORNINHA DOS ANTIGOS COUTOS DE ALCOBAÇA. 1989. Alvorninha, Junta de Freguesia de Alvorninha
Trabalho compilado por José Eduardo Martins Pereira. A povoação de Alvorninha. Situação geográfica, demográfica, elementos históricos, estudo toponímico, arquitectura religiosa e personalidades ilustres da freguesia. Pequeno roteiro da zona envolvente (capelas, vistas panorâmicas). Transcrição de exemplos do cancioneiro popular: quadras, romances, orações e ensalmos. O associativismo. Quadro das principais actividades: a indústria, a instrução, a assistência social, volume da dispersão das terras de exploração, regimes de exploração, tipos de culturas e área abrangida, a florestação. Diversas fotografias legendadas, da autoria de Valter Vinagre, referem aspectos relacionados com a arquitectura civil, religiosa, casas de habitação rural e moinhos.

ANTÓNIO MONTÊS: MUSEU DE JOSÉ MALHOA. 1996. Caldas da Rainha, Museu de José Malhoa
Catálogo da exposição comemorativa do centenário do nascimento de António Montês, coordenado por Paulo Henriques. Figura de destaque, que dotou a cidade de um museu dedicado às Belas Artes (1933), mais tarde ampliado com uma secção de cerâmica. Artigos de contribuição diversa para a compreensão da obra de António Montês: Museu de José Malhoa, António Montês como museólogo, aspectos cronológicos e biográficos. Completam o catálogo duas extensas bibliografias: a primeira inclui toda a obra de António Montês (p. 178-187) por ordem cronológica, inclusivamente a sua importante participação em artigos da imprensa local, e a segunda relacionada com a sua presença no Museu de José Malhoa (p. 188-207).

ARAÚJO, Maria José de. 1997. *“Os comerres: uma família da Lagoa de Óbidos, a outra de São Gregório”*, *Sítios e Memórias*, Lisboa, n.º 1, p. 16-25
Estudo comparativo das práticas alimentares, hábitos e ideologias face à alimentação, recolhidos em Nadadouro (Óbidos) e São Gregório (Caldas). Os produtos consumidos. O peixe e a carne. Representações da morte dos animais. Sociabilidades relacionadas com a temática do consumo alimentar. Analogias homem/animal. O calendário anual através dos alimentos. A comensalidade nas várias datas festivas anuais. Solidariedades a propósito da alimentação.

ARAÚJO, Maria José de. 1998. *“As cavacas das Caldas”*, *Sítios e Memórias*, Lisboa, n.º 6, p. 90-95
As cavacas como o elemento mais representativo da doçaria local. O carácter do caldense. Caracterização das cavacas. Possíveis explicações da sua origem, forma e designação. Elementos históricos. Aspectos relacionados com o seu consumo e comercialização.

ARTISTAS DO GRUPO DO LEÃO. 1981. Caldas da Rainha, Museu José Malhoa
Catálogo da exposição do Centenário do Grupo do Leão, onde se encontraram expostas obras de Silva Porto, Columbano, Malhoa, António Ramalho, Rafael Bordalo, João Vaz, Moura Girão, Henrique Pinto, Ribeiro Cristino, Rodrigues Vieira e Cipriano Martins. Finaliza com inúmeras reproduções de obras destes artistas. Particular ênfase aos quadros de temática rural, marítima e religiosa. Como exemplos, salienta-se: *A volta do mercado*, *Condução do rebanho*, *A mata das Caldas*, *O viático ao termo* e *As promessas*.

- BAPTISTA, Maria Isabel Xavier.** 1993. *Cinquenta fotografias dos anos 50: José Neto Pereira, Caldas da Rainha*, Caldas da Rainha, Património Histórico
Catálogo de exposição. O importante papel das Caldas da Rainha no panorama nacional. O espólio de José Neto Pereira. Biografia. Panorama político-económico português nos anos 50. Destaques da imprensa local na década de 50 no que diz respeito à vida urbana, desportiva, religiosa e associativa (p. 34-58). Cronologia histórica das Caldas (1950-59) (p. 59-64). Apresentam-se, em dimensão reduzida, as fotografias patentes na exposição e respectivas legendas (p. 65-71).
- BARBOSA, Pedro Gomes.** 1992. *Povoamento e estrutura agrícola na Estremadura central: século XII a 1325*, Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica
Caracterização das diversas regiões pertencentes ao termo de Óbidos: aldeias, explicações toponímicas e antroponímicas, localização geográfica, formas de povoamento. Os principais proprietários fundiários e o tipo de propriedade que detinham (dimensões e tipo de culturas). Práticas marítimas e transporte de mercadorias. O caso das vinhas. Engenhos de moagem (p. 207-244).
- BASTO, Cláudio.** 1934. “Sortes amorosas no S. João”, *Revista Lusitana*, vol. 32 (1-4), p. 161-233
Práticas recolhidas nas Caldas e associadas ao dia de S. João (p. 179-180). Prática relacionada com o dia de Santo António (p. 197).
- BASTOS, Mário Silva.** 1997. *Retalhos de terra e de vidas: causas do abandono da agricultura numa freguesia das Caldas da Rainha: contributo para a compreensão da mudança socio-económica na área rural da região Oeste*, Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
As causas do abandono da agricultura na freguesia de Alvorninha. Enquadramento histórico, geográfico e agrário da região e da freguesia em questão. Evolução demográfica. Apresentação de entrevistas indagando os diferentes tipos de implicação dos habitantes da freguesia no que diz respeito às práticas agrícolas.
- BASTOS, Mário Silva.** 1999. “Retalhos de terra: causas do abandono da agricultura numa freguesia da Região do Oeste”, *Congresso Práticas e Terrenos da Antropologia*, Lisboa
Trabalho que teve por base o seminário de investigação da licenciatura em Antropologia. Aspectos históricos, geográficos, demográficos, sociais e económicos. O caso particular do sector agrícola nos dias de hoje.
- Boletim da Junta de Província de Estremadura.** 1956.
Boletim exclusivamente dedicado às comemorações realizadas nas Caldas da Rainha pelo Centenário do Nascimento de José Malhoa. Conferências, discursos inaugurais, destaques na imprensa da época, constituição da comissão promotora do evento. Destaque para as fotografias com a reprodução de quadros famosos de José Malhoa: *O Viático ao Termo*, *Menina Laura Sauvinet*, *Seara invadida* e *O Emigrante*.
- Boletim da Junta de Província de Estremadura.** 1939.
Brasão d'Armas de Caldas da Rainha (p. 85).
- BRAGA, Teófilo.** 1906. *Romanceiro geral português*, vol. 1, 2.ª ed., Lisboa, J. A. Rodrigues & C.ª
O *Rei Traquilha* em versão recolhida nas Caldas da Rainha é inserido no ciclo de romances da mulher perseguida (p. 597-598).
- BRASIL, Jaime.** [s/d.]. “Escultura”, *A Arte Popular em Portugal*, Vol. 2, Lisboa, Verbo, p. 11-81
A arte dos barristas populares e a sua vocação para a industrialização. O papel de Rafael Bordalo Pinheiro na cerâmica caldense (p. 75). Apresentação de fotografias, sem indicação de autor, de vários trabalhos de cerâmica caldense, barros pintados e barros vidrados, a imitação de *pélo* (p. 60-61; 66-67).
- CALDAS DA RAINHA.** 1934. Caldas da Rainha, Comissão de Turismo
Pequeno guia turístico com a apresentação de fotografias de Júlio Matias sobre alguns pontos de maior destaque no concelho (mercado, parque, Lagoa, igrejas).
- “Caldas da Rainha”, *Grande Enciclopédia Portuguesa-Brasileira*, Lisboa, Editorial Enciclopédia, vol. 5, p. 470-474
Dados de carácter geral sobre o concelho e suas localidades.

- O CAMINHO DE FERRO REVISITADO: O CAMINHO DE FERRO EM PORTUGAL DE 1856 A 1996.** 1996. Lisboa, C.P.
Catálogo de exposição sobre a história do caminho-de-ferro em Portugal. Alusão a uma fotografia de Joshua Benoliel (1909) onde surge a Feira das Caldas da Rainha, pertencente ao Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Lisboa (p. 402).
- CÂNCIO, Francisco.** 1935. *Ribatejo: monografia ilustrada*, [s/l.], ed. do autor
Caracterização da província do Ribatejo. Os recursos naturais, a tecnologia e as actividades agrícolas, aspectos etnográficos variados (cultos, crenças e festividades). Referência à realização de toiradas na Quinta das Varandas em 1866.
- CÂNCIO, Francisco.** 1944. *Subsídios para a história económica do Ribatejo*, Lisboa, imp. Baroeth
Obra em fascículos editada com o patrocínio da Junta de Província do Ribatejo. Viagem de carroça de Azambuja até às Caldas (1887) conforme descrita por Francisco Gomes de Amorim (p. 46-49).
- CÂNDIDO, Paula.** 1993. “Caldas da Rainha 1927-1981: uma cronologia”, *Terra de Águas*, Caldas da Rainha, Património Histórico, p. 465-488
Cronologia histórica das Caldas da Rainha. Indicação dos momentos mais marcantes da vida da comunidade com base em registos da imprensa local. Destacam-se alguns dados relativos a festividades como o Carnaval e as infra-estruturas económicas e culturais.
- CARDOSO, Carlos Lopes.** 1979. “Moringues: algumas questões linguísticas e morfológicas”, *Boletim Cultural da Junta Distrital de Lisboa*, n.º 85, p. 181-259
Comunicação apresentada no Museu José Malhoa, sobre cerâmica das Caldas da Rainha, por ocasião do evento Expo Caldas 77. As bilhas designadas moringues. Destaque para um conjunto de fotografias, sem indicação de autor, com as seguintes legendas: “Moringue das Caldas da Rainha, com cabeça de chinês. Marca “F.B.P.” col.A.Freitas segundo o catálogo “Expo Caldas 77” (p. 243). “Moringue das Caldas da Rainha, com a cabeça de Gungunhana. Marca “F.F.C.R., 1897” Museu Bordalo Pinheiro segundo o catálogo Expo Caldas 77” (p. 243). “Moringue das Caldas da Rainha, sem marca.Col. Capucho segundo o catálogo Expo Caldas 77” (p. 244). “Moringue das Caldas da Rainha, da Fábrica Rafael B.Pinheiro” (p. 244). “Caldas da Rainha. Marca: José A. Cunha Sucessor/Caldas. Adquirido em Lisboa, em 1975” (p. 245).
- CARDOSO, Leonel P.** 1936. “A minha terra”, *Ferro Velho*, Lisboa, imp. Lucas e C.ª, p. 129-162
Impressões literárias sobre o mercado de fruta das Caldas, as pessoas que o frequentavam, ou aí vendiam os seus produtos. O mercado do peixe (p. 146-148). Destaque para a apresentação de algumas fotografias do autor sobre aspectos das feiras e mercados nas Caldas.
- CARDOSO, Nuno Catharino.** 1945. “Armas municipais do distrito de Leiria e a evolução que sofreram”, *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, n.º 8, p. 127-134
Descrição dos vários elementos constituintes das armas antigas, e à data da edição do artigo. Listagem alfabética dos elementos que surgem nas armas. Reproduções de alguns brasões d'armas sem indicação de proveniência.
- CATÁLOGO.** 1960. Caldas da Rainha, Museu de José Malhoa
Catálogo com a indicação dos quadros, esculturas, desenhos, aquarelas e cerâmicas expostos nas várias salas do Museu. Destaque para as gravuras de camponeses de José Malhoa e para o teor rural de algumas peças que podem indiciar temática etnográfica.
- CAVACO, Carminda.** 1992. *Portugal rural: da tradição ao moderno*, Lisboa, Direcção Geral de Planeamento e Agricultura
Diversidade de frutas pomaríferas (cerejas, pêsegos, ameixas e alperces) de Caldas a Alcobaça (p. 99). Investimentos nas construções de tipo agrícola e plantações na zona agrária de Torres Vedras e Caldas da Rainha. Destaque para duas fotografias da Direcção Geral de Planeamento e Agricultura, mostrando aspectos da diversidade de culturas, dispersão do povoamento e as culturas no perímetro de rega (p. 19, 98).

“Os Centenários: a Estremadura e as suas festas na cidade das Caldas da Rainha”. 1939. *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, p. 20-23

Apresentação dos cartazes e programa alusivo às Comemorações Centenárias realizadas durante o Verão de 1940. São transcritos trechos da autoria do jornalista do *Diário de Notícias* Aprógio Mafra sobre a cidade e concelhos limítrofes. Inclui cartaz e programa das Comemorações Centenárias na Província da Estremadura realizadas de 11 de Agosto a 15 de Setembro de 1940.

A CERÂMICA DAS CALDAS DA RAINHA DO SÉC.XIX, MINIATURISTAS DO SÉC.XX. [s/d.]. Macau, Leal Senado de Macau

Catálogo bilingue (português-macaense) de exposição sobre cerâmica portuguesa das Caldas da Rainha do séc. XIX e miniaturistas do séc. XX, apresentada em Macau. Os diferentes períodos da olaria caldense; principais oleiros e peças. O caso de Rafael Bordalo Pinheiro. Bibliografia específica. A participação do Museu de Cerâmica (historial, características das coleções e épocas representadas). Evolução e percurso histórico da cerâmica das Caldas da Rainha até inícios do séc. XX. Das olarias às fábricas. A história do Museu José Malhoa. A arte da miniatura barrística em Portugal (história, épocas, influências). O catálogo encerra com uma série de fotografias das peças e respectivas legendas, incluindo referência à sua designação, descrição, técnica utilizada, dimensões, número de inventário, marca de oleiro.

CERÂMICAS: revista de cerâmica artística, técnica, industrial e artesanal, Caldas da Rainha, CENCAL

Publicação periódica, com doze anos, da responsabilidade do Centro de Formação Profissional para a Indústria Cerâmica. As cerâmicas e o seu panorama nacional e internacional. Eventos, técnicas, formação, museus, empresas.

CHAVES, Luís. [s/d.]. “Cerâmica”, *A Arte Popular em Portugal*, Vol. 2, Lisboa, Verbo, p. 181-253

De entre as peças de cerâmica representativas da olaria caldense, destaca-se o *cantil*, em barro vermelho, liso, não decorado (p. 185). De entre os tipos especiais de recipientes para transporte de líquidos em viagem, salienta-se um vaso bojudo, com asas verticais (p. 216). As fases da louça das Caldas (p. 230-232) e as vasilhas antropomórficas (p. 240).

CHAVES, Luís. 1930. “A grei portuguesa: notas para um programa de Etnografia portuguesa”, *Revista Lusitana*, vol. 28 (1-4), p. 42-86

Breve alusão à olaria em vermelho liso e os barros vidrados das Caldas (p. 46).

CHAVES, Luís. 1939. “Páginas folclóricas”, *Revista Lusitana*, vol. 37 (1-4), p. 32-100

Inicialmente publicado no jornal *A Voz*, em Dezembro de 1937, este artigo faz uma breve referência aos barristas e santeiros das Caldas e à produção de pequenas figuras e presépios, e no seu apoio à divulgação das personagens sacras (p. 99).

CHAVES, Luís. 1943. “Cruzeiros e pelourinhos estremenhos”, *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, n.º 2, p. 149-154

Refere-se a existência de um pelourinho nas Caldas da Rainha e outro na aldeia de Alvorninha.

CHAVES, Luís. 1946. “Rafael Bordalo Pinheiro: oleiro e barrista (ceramista)”, *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, n.º 11, p. 43-48

Salienta-se alguns aspectos de cariz etnográfico na obra de Bordalo (o ferro-velho, o casamento aldeão, o fadista, a ama). Os costumes e práticas populares como grandes inspiradores do seu trabalho artístico. As duas vias artísticas (louça comum e de decoração e escultura de figurado popular). Outros motivos artísticos (vegetais e animais). Bordalo retoma a tradição da família barrista Mafra. Por último, destacam-se algumas das suas obras-primas: as jarras Beethoven e Manuelina, e os Passos das capelas do Buçaco.

COELHO, Adolpho. 1993. *Obra etnográfica I: festas, costumes e outros materiais para uma etnologia de Portugal*, Lisboa, Dom Quixote

Breve referência ao lugar de Aldeias do Campo sobre o qual se descrevem algumas práticas de cariz terapêutico (p. 466). De entre as práticas cumpridas na noite de S. João, salienta-se a ostentação de um molho de erva cidreira e o consumo de chá desta erva, com intuitos de protecção mágica (p. 312). O autor

relaciona o topónimo de um lugar da freguesia das Caldas da Rainha com a possível existência de homens designados *imaginários* que efectuavam prognósticos de tipo agrícola (p. 363).

- COELHO, Adolfo.** 2000. *Digressões gastronómicas no país das uvas*, [Lisboa], Publicações Chaves Ferreira
Compilação de textos do autor, originalmente integrando a publicação *Informação Vinícola* (1938-1939), propriedade da Junta Nacional do Vinho, a convite de António Batalha Reis. Os artigos referem-se ao enquadramento paisagístico e económico de vários concelhos do país, nomeadamente da região oeste. O trabalho inclui igualmente um conjunto de fotografias recolhidas, segundo a nota introdutória, pelo Serviço de Informação da Junta Nacional do Vinho. Estas não se encontram legendadas, nem contextualizadas, mas referem-se possivelmente ao período no qual a *Informação Vinícola* foi publicada (1938-62). Informação sobre Caldas da Rainha (p. 51-55).
- COMO TRAJAVA O POVO PORTUGUÊS.** 1991. Lisboa, INATEL
Catálogo de exposição realizada no âmbito do 5.º Festival Internacional de Folclore. O traje nas Caldas, Óbidos, Bombarral, Torres Vedras e Alcobaça.
- CORTEZ, Russell.** 1945. “A propósito da primitiva louça das Caldas: achegas para o esclarecimento dum problema ceramológico”, *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, série II, n.º 10, p. 383-391
Considerações técnicas e históricas sobre a cerâmica caldense. Problemas na determinação da origem de algumas peças encontradas nas ruínas do convento de Madre de Deus do período quinhentista. Comparações com outros centros oleiros portugueses. Necessidade de reequacionar a proveniência de peças existentes nas coleções de alguns museus portugueses.
- COSTA, Jorge Felner da.** 1958. “O problema regional de turismo das Caldas da Rainha”, *Perspectivas do Turismo Regional*, Caldas da Rainha, [Museu Provincial José Malhoa]
Conferência proferida no Museu José Malhoa a propósito das potencialidades do turismo da região das Caldas. A hipótese de criação da Região de Turismo das Caldas da Rainha e quais os concelhos a integrar (Óbidos, Peniche, Nazaré, Alcobaça e Bombarral). As acessibilidades.
- DUARTE, António Júlio; VINAGRE, Valter** (fotos de). 1990. *Almofala*, Caldas da Rainha, Associação do Desenvolvimento Rural e Social da Freguesia de Alvorninha
Fotografias a preto e branco de Almofala, aldeia da freguesia de Alvorninha, do concelho de Caldas da Rainha. Diversos pedaços da aldeia: casas, ruas, caminhos, pessoas, mós abandonadas, prensa de lagar, altar de capela.
- EÇA, Maria Natália Almeida d'.** 1995. *Roteiro artesão português: Estremadura*, Porto, ed. do autor
Roteiro das artes e ofícios tradicionais existentes na Estremadura e organizado por concelhos. Referências aos nomes dos artesãos e contactos dos seus locais de trabalho. Inúmeras fotografias retratando interiores das oficinas, peças, matéria-prima, os artesãos a trabalhar.
- ELIAS, Herculano.** 1996. *Técnicas tradicionais da cerâmica das Caldas da Rainha*, Caldas da Rainha, Património Histórico
Caracterização das tecnologias tradicionais da cerâmica das Caldas da Rainha, os locais de trabalho (oficinas-fábricas), o material utilizado, os diferentes tipos de produção, as ferramentas, as operações e técnicas de fabrico, os acabamentos e a decoração das peças, sua comercialização (p. 7-23). Apresentam-se também algumas fotografias de processos, peças, ferramentas e conclui-se com um breve glossário (p. 31).
- ESTREMADURA.** [s/d.]. Lisboa, Livraria Bertrand
Informações compiladas por Urbano Tavares Rodrigues. A Fábrica das Caldas da Rainha segundo Ramalho Ortigão. A cerâmica das Caldas como produtora de acessórios ornamentais inspirados em motivos de outras culturas e da fauna e flora locais (p. 50-51).
- EXPO CALDAS 77: RETROSPECTIVA DE CERÂMICA.** 1977. Caldas da Rainha, Museu Malhoa
Catálogo de exposição retrospectiva da cerâmica caldense, por ocasião do 50.º aniversário da elevação de Caldas da Rainha a cidade. A história da faiança das Caldas. Principais pesquisas realizadas. Ceramistas de maior nomeada. As legendas das peças contêm a designação da peça, descrição, dimensões, marca,

número de inventário e colecção de origem. O catálogo é composto por áreas tão distintas quanto a produção arcaica, principais barristas, o período de Rafael Bordalo Pinheiro e os seus continuadores, a olaria, miniaturas, fábricas contemporâneas e algumas reproduções das marcas.

EXPOSIÇÃO CERÂMICA DAS CALDAS. 1978. [Lisboa], Museu Nacional de Arte Antiga

Catálogo de exposição de cerâmica inaugurada no ano anterior, no Museu José Malhoa, e posteriormente inserida na programação do Museu Nacional de Arte Antiga (ver *Expo Caldas 77*). Fotografias das várias peças e respectivas legendas, incluindo a sua designação, descrição genérica, dimensões, fábrica que a produziu e colecionador. Encerra com a lista dos fabricantes representados, reproduções e características de algumas marcas registadas.

EXPOSIÇÃO DE CERÂMICA E OLARIA DAS CALDAS DA RAINHA: MARIA DOS CACOS A COSTA MOTA. [1963].

[Lisboa], [S.N.I.]

Catálogo de exposição realizada no Museu José Malhoa. A faiança das Caldas. História. Principais ceramistas. A relevância de Rafael Bordalo Pinheiro. Apresentação de peças de faiança das Caldas, proveniente de diversas colecções particulares, da Fábrica de Faianças Bordalo Pinheiro, da Fundação Ricardo Espírito Santo Silva, do Museu José Malhoa e do Museu Nacional de Arte Antiga. As legendas contêm a designação da peça, descrição, dimensões e características das marcas. Um segundo capítulo reproduz graficamente um conjunto de marcas, recolhidas por José Queirós em *Cerâmica Portuguesa* (1948) e integra também as marcas de cerâmica caldense. Algumas fotografias de peças sem indicação de autor, intercalam o texto do catálogo.

FEIO, Paulo Areosa. 1996. “Uma perspectiva sobre a fileira da cerâmica: dinâmicas territoriais e formas de internacionalização”, *Sociedade e Território*, n.º 23, p. 106-114

A cerâmica no quadro produtivo nacional. O caso das Caldas e Alcobaça como os dois pólos mais importantes da zona centro e de tradição antiga, contudo possuindo já dinâmicas inovadoras empresariais e um acentuado crescimento.

FELGUEIRAS, Guilherme. 1943. “Tradições religiosas: os círios estremenhos”, *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, n.º 1, p. 77-86

Localidades de proveniência dos círios que acorriam à romaria da Senhora da Nazaré. Aspectos históricos. Transcrição de uma crónica de 1886 da autoria de Mariano Pina sobre a antiguidade de um círio que se deslocava das Caldas da Rainha para a Nazaré.

FERRÃO, Julieta. 1933. *Rafael Bordalo Pinheiro e a faiança das Caldas*, Gaia, Ed. Pátria

Importância da figura do caricaturista Rafael Bordalo Pinheiro na faiança das Caldas e na faiança nacional. Integração da faiança das Caldas na tipologia das faianças portuguesas. Tecnologia tradicional associada à fabricação da faiança das Caldas. Algumas ideias sobre a decoração e a concepção das faianças. A acção de Rafael Bordalo Pinheiro no melhoramento das peças produzidas. Aspectos biográficos ligados à sua vida e obra. Principais estudos sobre a cerâmica das Caldas no panorama português. História dos principais barristas das Caldas e a intervenção de Rafael Bordalo Pinheiro. Várias fotografias de peças de faiança sem indicação de autorias. Estudo da faiança de Rafael Bordalo Pinheiro: peças produzidas e os diferentes períodos. Em anexo, apresentação de documentação histórica relacionada com a fundação da Fábrica de Faiança das Caldas. Destaque para algumas fotografias, sem indicação de autor, de peças de faiança como: “Figuras de movimento” (entre p. 32 e 33); “Jarra tipo Sèvres”; “Jarra Foz”; “Talha manuelina” (entre p. 32 e 33).

FERRÃO, Julieta. 1944. “A loiça das Caldas”, *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, n.º 5, p. 71-77

Dados históricos sobre a produção cerâmica das Caldas da Rainha (possíveis datas de criação). Figuras de destaque (D. Maria dos Cacos séc. XIX). A obra de José Queirós *A cerâmica portuguesa* e as pesquisas do ceramista Avelino Belo, como instrumentos de estudo sobre aquele tipo de cerâmica. Os diferentes períodos da cerâmica caldense (D. Maria dos Cacos, Manuel Mafra e suas irmãs Mariana da Conceição Gomes e Luísa Gomes). Formas de difusão das técnicas e produtos através de contactos entre os ceramistas. As feiras, mercados e a venda de produtos cerâmicos. O apoio prestado à loiça das Caldas pelo rei D. Fernando e o estatuto da Fábrica como fornecedora da Casa Real. Fotografia de duas peças de faiança das Caldas da Rainha: um cesto, de Luísa Mafra e uma mulher tocando guitarra, de fabrico Mafra (p. 73). Desenho não identificado representando uma barraca de loiça das Caldas e o fabricante Manuel Mafra (p. 75).

FERRÃO, Julieta. 1944. “Rafael Bordalo e a louça das Caldas”, *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, n.º 7, p. 343-354

Historial da fábrica de faiança das Caldas da Rainha e ideia da sua criação pela família Bordalo Pinheiro. Aspectos biográficos do ceramista Rafael Bordalo Pinheiro e alusão a algumas das suas principais peças, representadas nas colecções de museus nacionais e estrangeiros. Caracterização da sua produção cerâmica, de acordo com as linhas propostas pelo próprio ceramista (materiais de construção; louça comum; louça artística). O químico francês Bernardo Palissy como inspirador da obra de Rafael Bordalo. Os períodos históricos da cerâmica rafaalina e suas características. Fotografia de uma faiança policromada - borracha *Taborda* (p. 347). O ceramista junto da jarra *Beethoven* (p. 351) e um tinteiro de faiança policromada (*Zê Povinho* e *Maria da Paciência*) (p. 354).

FERRARI, António de Melo; FERRARI, Manuel de Melo; CORREIA, Fernando da Silva. 1930. *O Hospital Termal das Caldas da Rainha: a sua história, as suas águas, as suas curas*, Caldas da Rainha

Estudo de hidrologia médica. Enquadramento do balneário termal em diversas épocas e com recurso a documentação histórica. A importância das termas e dos seus banhos nos anos 30. Acção terapêutica das águas. Práticas associadas aos tratamentos termais. Outras águas *santas* no concelho. Conselhos aos aquistas. As Caldas da Rainha sob o ponto de vista turístico. Designação de algumas figuras ilustres que têm vindo a recorrer ao hospital caldense e nomes de médicos associados a este estabelecimento.

FERREIRA, Maria Fernanda Guilherme. 1972. *Caldas da Rainha: elementos para a história do aglomerado urbano*, Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Aspectos históricos relacionados com o desenvolvimento das Caldas e da sua inserção na região ao longo dos tempos. Destaque para os capítulos V a VII (séc. XIX até inícios da década de 70 do séc. XX). Inúmeras informações relativas ao estabelecimento termal e aspectos sociais que se lhe interligavam. A questão do turismo e a sua influência na comunidade. O segundo volume apresenta fotografias legendadas da autora com incidência sobre os aspectos arquitectónicos urbanos (arquitectura religiosa e civil).

FORMAS DA OLARIA DAS CALDAS DA RAINHA. 1997. Caldas da Rainha, Câmara Municipal das Caldas da Rainha

Catálogo de exposição integrado no âmbito do programa Caldas 97, organizado pela autarquia, coordenado por Herculano Elias e Helena Gonçalves Pinto. As Caldas como centro oleiro e posterior declínio nos anos 80. Um capítulo é dedicado à tipologia das formas, no qual os objectos são descritos e identificados na terminologia local (p. 9-14). Síntese das principais olarias do século XX, sua identificação, localização e famílias de oleiros que aí trabalham (p. 15-17). O catálogo prossegue com algumas fotos (a cores) das peças expostas e respectivas legendas. Estas contêm informações sobre a designação da peça, sua forma, material de fabrico, dimensões, função, colecção a que pertence e n.º de inventário a elas associado (p. 19-37). Um pequeno glossário conclui o catálogo, interpretando objectos, ferramentas de trabalho e tecnologias relacionadas com a olaria caldense (p. 39-41).

GANDRA, Manuel J. 1996. “Os Círios ou aspectos do culto da Grande Deusa na Estremadura”, *Jornadas sobre Cultura Saloia*, Loures, Câmara Municipal de Loures, p. 85-111

Participação da localidade de Landal no círio de Santa Susana em Famalicão da Nazaré (p. 111).

GARCIA, Eduíno Borges. 1970. *Santa Susana, padroeira do gado nos coutos de Alcobça*, Lisboa, ed. de autor

Corresponde, com ligeiras adaptações, ao artigo publicado nos vols. V e VI da revista *Ethnos*. Aspectos etnográficos relacionados com práticas nas quais intervém o gado (bençãos). Santa Susana como santa padroeira, protectora do gado. O Círio de Santa Susana no Landal (organização, momentos e participantes, origens e decadência).

GERMANO, Maria Aurora Ferreira. 1949. *Da origem e desenvolvimento das Caldas da Rainha*, Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Dissertação de licenciatura em Ciências Geográficas. Localização, caracterização geo-morfológica e climática. Vários autores estudaram a região. A constituição do aglomerado populacional. Informações de carácter histórico. A importância das suas águas e do hospital termal. Evolução urbanística da vila. Sua elevação a cidade. Identificação de diferentes zonas. Suas funções. Planos de urbanização. Estudo do estabelecimento termal. A actividade comercial desenvolvida em diversos pólos: festas, feiras e mercados,

praça e comércio quotidiano. Produtos transaccionados. A componente agrícola: utilização dos solos, culturas existentes, actividades correlacionadas. A indústria e o relevo do sector da cerâmica. Caracterização demográfica da região. Os sectores profissionais. O povoamento do concelho. A rede viária e as acessibilidades.

GUIMARÃES, Vieira. [1929]. “*A Estremadura*”, *Portugal: Exposição Portuguesa em Sevilha*, p. 5-43
Descrição da paisagem envolvente da estação dos caminhos-de-ferro de Caldas da Rainha (p. 42).

HENRIQUES, Paulo. 1997. *José Malhoa*, Lisboa, Círculo de Leitores
Aspectos da vida e obra de José Malhoa e sua relação com a cidade das Caldas da Rainha. A oferta do quadro *Rainha D. Leonor* dedicado ao povo da sua cidade natal. Cresce nesta ocasião, igualmente a ideia da criação de um museu com o seu nome. Em 1928, por ocasião das homenagens nacionais ao pintor, a *Gazeta das Caldas* dedica-lhe um número especial. Em 1932 oferece ao museu, entretanto criado, algumas obras de sua autoria e outras da sua colecção particular. O museu, no entanto, só viria a ser inaugurado, em instalações provisórias, em 1934. Diversas fotografias legendadas sobre Malhoa e o museu (p. 23). As Caldas da Rainha na sua obra: *Mata das Caldas* (1873) segundo uma foto de Carlos Monteiro (p. 28-29). O quadro é um dos poucos exemplos da representação paisagística daquela região na sua obra. Descrevem-se algumas das suas principais pinturas e alguns elementos informativos mais significativos: dimensões, características, assinatura, data, museu de pertença, número de inventário e exposições em que esteve patente. Retrato da Rainha D. Leonor (p. 120-121). Fotografia da inauguração do busto do artista nas Caldas (1928) (p. 50). Mesmo sem alusão concreta à região das Caldas, muitas das suas obras concerteza se lhe referem nalguns elementos figurativos. Análise artística da sua obra. Notícia biográfica (1855-1933). Bibliografia específica.

HENRIQUES, Paulo. 2001. “*O Museu do Hospital e das Caldas: historial, projecto e desenvolvimento*”, 2.º *Seminário do Património da Região do Oeste*, Sobral de Monte Agraço, p. 191-202
O papel do Hospital Termal Rainha D. Leonor ao longo dos séculos. A necessidade imperiosa de musealizar condignamente o património (bens móveis e imóveis) que constituem o seu espólio. Apresentam-se as linhas condutoras desse projecto de musealização e sua implantação na comunidade onde se vai inserir.

HORTA, Cristina Ramos. 1999. *A produção do atelier cerâmico Visconde de Sacavém*, Caldas da Rainha, Museu de Cerâmica, p. 6-9
Apresentação de peças de cerâmica integrantes na exposição *Atelier Cerâmico Visconde de Sacavém Caldas da Rainha* (1892-1896). Caracterização da produção cerâmica daquele atelier. A corrente naturalista. Aspectos biográficos relativos ao Visconde.

HORTA, Cristina Ramos. 1999. *Percursos da azulejaria de interior no concelho das Caldas da Rainha*, [Lisboa], [Faculdade de Ciências Sociais e Humanas]
Dissertação de Mestrado em Museologia e Património. Estudo do azulejo no panorama nacional, e em particular no concelho de Caldas da Rainha, em diversas épocas históricas. Diferentes colecções de azulejaria. O caso dos museus locais. A importância patrimonial do azulejo. Critérios de classificação e inventariação, preservação e tratamento. Formas de divulgação. A azulejaria como potencialidade turístico-cultural da região. O segundo volume é inteiramente dedicado à inventariação e registo fotográfico dos diferentes tipos de património onde o azulejo intervém de alguma maneira. As fichas incluem a designação do edifício, sua localização, tipo (religioso, civil), data, caracterização arquitectónica e bibliografia relacionada. Em conclusão acrescentam-se ainda dados relativos ao estado de conservação dos azulejos.

JÚLIO CÉSAR MACHADO: ESTÓRIAS E PAPAROCAS. 2000. Bombarral, Museu Municipal de Bombarral Vasco P. da Conceição/Maria Barreira
Colectânea de textos de Júlio César Machado, seleccionados por Vitor Wladimiro Ferreira, sobre gastronomia portuguesa. Referem-se somente os dados relacionadas com a região. As hospedarias nas Caldas (p. 24).

KATZ, Marshall P. 1999. *Cerâmica das Caldas da Rainha: estilo Palissy 1853-1920*, Lisboa, Edições INAPA
Aspectos históricos da influência do ceramista francês Bernard Palissy nas fábricas de louça das Caldas da Rainha. O estilo naturalista.

- LAMAS, Maria.** 1948. *As mulheres do meu país*, Lisboa, Actuais, p. 277-300
Fotografia de Joel Mira retrata o mercado semanal das Caldas da Rainha (p. 289). Uma fotografia da autora revela camponesas na Foz do Arelho (p. 290).
- LEÇA, Armando.** 1946. “Do cancionero músico-estremenho V”, *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, n.º 12, p. 215-234
Discorre-se sobre aspectos históricos de vários tipos de danças com influências europeias. Transcrição musical do bailarico.
- LEÇA, Armando.** 1950. *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, série II, n.º 23
Destaque para uma fotografia do autor intitulada: “Caldas da Rainha - Casal das *Terras Mornas* no mercado” (p. 87).
- LEIRIA: TERRA DE PROGRESSO E INICIATIVA.** 1999. Leiria, NERLEI
Trabalho organizado por Francisco J. Mafra, retrata os vários concelhos do distrito com base em estatísticas do I.N.E. (1996). Dados gerais sobre agricultura, pecuária, silvicultura e pesca, indústria, comércio, serviços, turismo e infra-estruturas de apoio.
- O LINHO EM PORTUGAL: SUBSÍDIOS PARA O FOMENTO DA SUA CULTURA.** 1943. Lisboa, Direcção-Geral dos Serviços Agrícolas
Apresentação dos resultados do inquérito de 1940 às zonas do país onde se cultiva o linho (área ocupada; n.º de teares; tipo de planta).
- LOPES, Aurélio.** 1995. *Religião popular no Ribatejo*, Santarém, Assembleia Distrital de Santarém
Aspectos etnográficos relacionados com as vivências do sagrado no quotidiano e em tempo de festa. As formas de religiosidade popular (cultos, santos, promessas, ex-votos). Festas, romarias e as festividades cíclicas anuais. A crença no sobrenatural; os elementos naturais. Aspectos da mitologia popular. Medicina popular. Prática do banho santo pelos habitantes de Vale de Santarém, que se deslocavam às Caldas da Rainha na noite de S. João (p. 214).
- MACHADO, Júlio César.** 1862. “Peniche”, *Scenas da minha terra*, Lisboa, José Maria Correa Seabra, p. 209-227
Alusão à conflitualidade entre os habitantes de Peniche e os de Caldas da Rainha.
- MADUREIRA, Nuno Luís.** 1990. *Lisboa: luxo e distinção (1750-1830)*, Lisboa, Fragmentos
Integrado no capítulo sobre a importância social da água refere-se um trecho da obra de Henry L' Evêque, *Costume of Portugal* (1814) sobre os banhos termais das Caldas da Rainha, assim como uma gravura destes (p. 49).
- MAGALHÃES, M. M. Calvet de.** 1970. *Bordados e rendas de Portugal*, Lisboa, Campanha Nacional de Educação de Adultos
O autor classifica os bordados manuais portugueses quanto à sua execução. Insere os bordados das Caldas da Rainha no grupo de bordados sem fios contados, ou bordados livres (de fantasia) (p. 22). O bordado das Caldas da Rainha e as suas influências históricas e principais características. Pontos utilizados. Reprodução de canto de bordado (p. 127-128).
- MANGORRINHA, Jorge.** 2000. *O lugar das termas: património e desenvolvimento regional: as estâncias termais na região oeste*, Lisboa, Livros Horizonte
Trabalho realizado no âmbito de uma tese de Mestrado em História Regional e Local, variante de Património, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Como objectivo fundamental, o estudo do património relacionado com as principais estâncias termais da região e a perspectivização do termalismo como potenciador de desenvolvimento a nível local e nacional, quer em espaços rurais, quer em espaços urbanos. Os casos das Caldas da Rainha, Termas dos Cucos, Piedade, Vimeiro e Águas de Salir. O autor começa por nos informar acerca das orientações metodológicas, cronológicas, bibliográficas e geográficas do seu trabalho. O papel da administração local e da iniciativa privada no que concerne à construção e gestão das termas. Os diferentes padrões de planeamento das termas da região ao longo dos tempos. Caracterização dos principais tipos de equipamento que constituem as infra-estruturas do que o autor designa por

microcosmo termal. O papel das termas como determinantes do dimensionamento morfológico das estâncias, lugar simultaneamente estância de saúde, e local associado a festas e rituais muito próprios. Em capítulo específico estabelecem-se quais as vertentes patrimoniais das termas, que urge identificar, caracterizar, salvaguardar e valorizar (recursos aquíferos, paisagísticos, entre outros), quais as potencialidades a aproveitar ao nível turístico. Seguidamente adiantam-se algumas propostas concretas para as estâncias termais mais importantes da região, inventariando-se os aspectos mais importantes do seu património e indicam-se para alguns casos formas futuras de actuação. Bibliografia extensa e fontes consultadas. Profusamente ilustrado com fotografias antigas e recentes, com indicação de autoria.

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA. 1939. *Reconhecimento dos baldios do continente*, vol. 2 (parte 2), Lisboa, Junta de Colonização Interna

Estatísticas permitindo a caracterização dos baldios em Portugal. Apreciação distrital, por concelhos e freguesias (número, tipos de aproveitamento agro-florestal, designação, características geológicas, agrológicas, oro-hidrográficas, economico-sociais e localização aproximada). Dados sobre Caldas da Rainha (p. 511-515).

MOITA, Irisalva. 1990-98. *“Rafael Bordalo Pinheiro: artista plástico de tipos e costumes”*, *Boletim Cultural da Assembleia Distrital de Lisboa*, Lisboa, vol. 92 (2), p. 5-9

Aspectos biográficos ligados à figura de Rafael Bordalo Pinheiro. Anexam este artigo, reproduções de alguns dos seus trabalhos mais representativos (pinturas e faianças).

MONTÊS, António. 1940. *“Museu Provincial de José Malhoa”*, *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, p. 56-57

Aspectos biográficos da figura do pintor José Malhoa. A criação do Museu Provincial de José Malhoa nas Caldas da Rainha, por ocasião das Comemorações do Duplo Centenário. Descrição das peças que fazem parte do espólio do museu e designação de alguns quadros do pintor ali existentes.

MONTÊS, António. 1943. *“Museus regionais”*, *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, n.º 2, p. 155-160

Os museus regionais portugueses no período do Estado Novo. O caso do Museu Provincial de José Malhoa (o porquê da sua designação e explicações sobre a inexistência de peças de cerâmica). Opinião do autor sobre o papel dos museus regionais no panorama nacional. Ideia da criação de um Museu de Cerâmica nas Caldas da Rainha.

MONTÊS, António. 1956. *“Duas palavras sobre Mestre Malhoa”*, *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, p. 17-21

O director do Museu Provincial José Malhoa esboça a biografia do artista, por ocasião das comemorações nas Caldas da Rainha do I Centenário do seu nascimento.

MOURA, Maria Clementina Carneiro de. [s/d.]. *“Tapeçarias e bordados”*, *A Arte Popular em Portugal*, vol. 3, Lisboa, Verbo, p. 51-105

Referências a bordados das Caldas da Rainha realizados com fio de linho, cor de canela. Detectam-se influências indianas e de bordados espanhóis. Motivos e pontos utilizados. Importações venezianas no século XVII. Tipo de fios utilizados, sua resistência e locais de venda (p. 84-86).

MUSEUS: SUBSÍDIOS PARA O ENQUADRAMENTO HISTÓRICO DOS CONCELHOS. 1998. Lisboa, Comissão de Coordenação da Região de Lisboa e Vale do Tejo

Os museus e casas-museu da região de Lisboa e Vale do Tejo. Características, colecções e horário de funcionamento.

NASCIMENTO, José Manuel Cordeiro R. 1997. *Santuário de N.ª Sr.ª dos Remédios*, Peniche, [ed. apoiada pela Câmara Municipal de Peniche]

Identifica histórica e teologicamente o santuário e o culto a N.ª Sr.ª dos Remédios. Os principais círios da região oeste. Lista dos círios que ainda na actualidade realizam peregrinações a este santuário.

NATIVIDADE, J. Vieira. [s/d.]. *“A região a Oeste da serra dos Candeeiros”*, *Obras Várias*, Alcobaça, Comissão Promotora das Cerimónias Comemorativas do I Aniversário da Morte do Prof. J. Vieira Natividade, vol. 5, p. 231-236

Artigo publicado no *Diário Popular* (1962). A propósito da crise agrícola no país, o autor discorre sobre um estudo de economia agrícola levado a cabo pelo Centro de Estudos de Economia Agrária da Fundação Calouste Gulbenkian e intitulado *A região a Oeste da serra dos Candeeiros*.

NOSSA SENHORA DE NAZARÉ NA ICONOGRAFIA MARIANA. 1982.

Catálogo de exposição realizada no Museu Etnográfico e Arqueológico do Dr. Joaquim Manso, por ocasião do 8.º Centenário de Devoção a N.ª Sr.ª de Nazaré. Apresentação de frases de alguns ex-votos associados à realização de milagres na Nazaré (p. 120).

NOVO LITORAL OESTE. S. Martinho do Porto, prop. Andrade e Silva, Ld.ª

Revista mensal de índole jornalística, com a direcção de Fróis Fiandeiro. Pequenas notícias e artigos breves sobre diversos aspectos da Nazaré, Alcobça e Caldas da Rainha (desfiles carnavalescos, feiras, concursos, inaugurações e associações de carácter local). Muitas referências ao comércio local em anúncios publicitários e artigos de opinião.

OLIVEIRA, Ernesto Veiga de; GALHANO, Fernando; PEREIRA, Benjamim. 1975. *Actividades agro-marítimas em Portugal*, Lisboa, Centro de Estudos de Etnologia

Tecnologias relacionadas com a apanha das algas marinhas (sargaço e pilado). Aspectos sociais relacionados com as actividades agro-marítimas em diversos concelhos da região estremenha. Inúmeras informações especificadas a nível local. A divisão sexual do trabalho. Ferramentas utilizadas (terminologia específica e funções). Tecnologias de recolha e processos de secagem. O consumo. Embarcações utilizadas. Arquitectura relacionada com a recolha de alfaia para apanha do sargaço. Traje do sargaceiro. Utilizações agrícolas dos produtos marítimos. Portos e informações relativas à apanha do sargaço, segundo Baldaque da Silva.

OLIVEIRA, Ernesto Veiga de; GALHANO, Fernando; PEREIRA, Benjamim. 1983. *Alfaia agrícola portuguesa*, Lisboa, INIC, Centro de Estudos de Etnologia

O costume, nas Caldas da Rainha, de desterroar a terra da vinha com a enxada de pontas (p. 229). Enxada (Serra) (fig. da p. 243). Ferramenta de apanha de limos (Lagoa de Óbidos) (fig. da p. 285 ; p. 286). O cabaz (fig. da p. 342). Cesto para transporte sobre gado asinino (fig. da p. 346).

OLIVEIRA, José Carlos de. 1995. *Etnografia das regiões: a renda, o bordado e o azulejo na tradição portuguesa*, [Óbidos], ed. de autor

A polémica sobre a origem do bordado das Caldas da Rainha/Óbidos e o seu historial. Pormenores dos bordados.

“O que disse a imprensa sobre as festas da Estremadura”. 1940. *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, p. 59-61

Impressões da imprensa local e nacional sobre as comemorações do Duplo Centenário.

ORTIGÃO, Ramalho. 1918. *As nossas praias: indicações gerais para uso de banhistas e turistas*, Lisboa, Sociedade de Propaganda de Portugal

Como introdução, o autor exalta os benefícios dos banhos de mar. Fornece algumas informações gerais sobre cada praia da costa portuguesa, sua localização, acessibilidades, principais festividades, hotelaria e restauração, locais a visitar e património arquitectónico. Destaque para uma fotografia da praia da Foz do Arelho (p. 50-51).

ORTIGÃO, Ramalho. 1944. *Banhos de caldas e águas minerais*, 2.ª ed., Lisboa, Livraria Clássica A. M. Teixeira & C.ª (Filhos)

Reedição de obra original de 1875. Estudo sobre os estabelecimentos termais e respectivas águas de todas as regiões do país. Alusão aos seus efeitos terapêuticos. Pequenas crónicas de cariz literário. Destaca-se o capítulo referente à Estremadura. Acesso às termas (transportes, estações e preços das deslocações); potencialidades turísticas (hotelaria e percursos turísticos na região); práticas correntes entre os banhistas nos seus tempos de lazer (p. 187-208). Caracterização das águas das caldas de Águas Santas (a 2 Km de Caldas da Rainha) (p. 215-219).

ORTIGÃO, Ramalho. 1957. *A fábrica das Caldas da Rainha*, Caldas da Rainha, [Museu Provincial de José Malhoa]

Artigo destinado originalmente a publicação na *Gazeta de Notícias* (1891). Impressões a propósito de uma visita à fábrica de faiança Rafael Bordalo Pinheiro. Descrição pormenorizada do edifício, das zonas envolventes, de algumas zonas interiores. Designação específica das principais peças produzidas. Alusões a aspectos tecnológicos do fabrico da louça.

PATRIMÓNIO ARQUITECTÓNICO E ARQUEOLÓGICO CLASSIFICADO: DISTRITO DE LEIRIA. 1993. Lisboa, IPPAR
Apresentação dos imóveis classificados em todos os concelhos do distrito de Leiria (Alcobaça, Bombarral, Caldas da Rainha, Nazaré, Óbidos e Peniche). Fotografias de Henrique Fernandes Ruas e legendas contendo a localização do imóvel, seu historial e legislação aplicável à sua classificação.

PATULEIA, Joana Isabel Pina. 1986. *Relatório de estágio*, Lisboa, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas
Relatório de estágio do curso de Política Social. As questões relacionadas com a assistência social vocacionada para a população idosa da zona urbana de Caldas da Rainha. Estatísticas e problemática social dos idosos. Inquérito e análise da sua situação social. Auscultação dos equipamentos de índole assistencial da cidade.

PEDROSO, António dos Santos. 1940. “As festas oficiais da Estremadura nas Caldas da Rainha”, *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, p. 49-55
Fotografias retratam alguns aspectos dos pavilhões e desfiles nas festas oficiais comemorativas do Duplo Centenário nas Caldas da Rainha. Descrição dos pavilhões que integraram a Exposição da Estremadura nas Caldas da Rainha.

PEDROSO, Consiglieri. 1897-99. “Contos populares portugueses”, *Revista Lusitana*, vol. 5, p. 81-88
O conto das *Três Pedrinhas Azuis*, recolhido nas Caldas (p. 84-87).

PEDROSO, Consiglieri. 1988. *Contribuições para uma mitologia popular portuguesa e outros escritos etnográficos*, Lisboa, Dom Quixote
Costumes relacionados com o casamento (p. 82). Práticas realizadas por ocasião da noite de S. João (p. 118; p. 120; 219). Relatos recolhidos nas Caldas da Rainha sobre a presença e comportamento de lobisomens (p. 189; p. 191; p. 192; p. 247). As mouras encantadas (p. 219). Alusão à transformação das bruxas em moscas (p. 242). Romance recolhido na tradição oral das Caldas da Rainha *O Rei Traquilha* (p. 387).

PEIXOTO, Luís Correia. 1999. *Casos lembrados e “gentes”*, Peniche, ed. de autor
Álbúm de fotografias de diferentes épocas do autor. Destaque para duas fotografias, uma tirada por ocasião da inauguração da Casa do Povo da Foz do Arelho (p. 16) e outra no mesmo local, em 1974, na qual figuram em primeiro plano dois velhos com barrete (p. 141).

PEIXOTO, Rocha. 1990. *Etnografia portuguesa (obra etnográfica completa)*, Lisboa, Dom Quixote
Os barristas das Caldas e a difusão das figuras cómicas e de costumes (p. 121). Referência contida na obra *Cerâmica portuguesa* de Joaquim Vasconcelos, à venda de loiça das Caldas (p. 127). Deste autor, Rocha Peixoto cita igualmente o *Guia do Museu Municipal do Porto* no qual se referem peças, outrora fabricadas nas Caldas e decoradas com micas (p. 219).

“Pela província: ideias e factos”. 1944. *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, n.º 6, p. 263-266
Alusão à realização de uma sessão no Museu Provincial José Malhoa, na qual o seu director António Montês, proferiu um discurso evocador de Mestre José Malhoa. Transcrição do discurso. Referência a aspectos históricos das Caldas da Rainha, a importância do centro oleiro, figuras ilustres como Josefa d’ Óbidos, Cristovão de Figueiredo, alguns aspectos biográficos da vida e obra de José Malhoa, Rafael Bordalo Pinheiro, António Duarte e João Fragoso. Por último, refere-se o quadro *Véspera de Boda*, um óleo de Portela Júnior, cedido ao Museu pelo colecionador Agostinho Fernandes. Fotografia do referido óleo (p. 265).

PERALTA, Libertina. 1989. “Da olaria nas Caldas”, *Actas das I Jornadas de Antropologia e Etnologia*, Leiria, Escola Superior de Educação de Leiria, p. 31-37
Origens históricas da actividade da olaria nas Caldas da Rainha. Análise de diversos autores e documentos históricos. Os oleiros que mais se destacaram desde o séc. XIX. Introdução de novas técnicas. O caso de Rafael Bordalo Pinheiro. Principais características e tipologia da sua obra. Exemplos das principais peças produzidas. O artigo conclui com o estudo de uma olaria (processos de fabrico, tipologia da produção, utensílios usados, decoração, cozedura, vidragem, destino da produção, informações relativas aos trabalhadores do sector). Como se delinea o futuro da actividade.

PEREIRA, José de Campos. 1915. *A propriedade rústica em Portugal*, Lisboa, Imprensa Nacional
Características das sub-regiões agrícolas (principais culturas) (p. 34-35) em princípios do séc. XX.

PERGAMINHOS DAS CALDAS. 1995. Caldas da Rainha, Património Histórico

Textos seleccionados e anotados por Fernando da Silva Correia, de vários autores encontrados em documentação histórica diversa sobre as Caldas da Rainha. As Caldas na literatura e na imprensa local. O trabalho conclui-se com uma bibliografia, elaborada em 1948, intitulada *Subsídios para a história da bibliografia das Caldas da Rainha e do seu concelho* (p. 207-225).

PESSANHA, Sebastião. 1958. “Pás de moleiro”, *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, n.º 47-48-49, p. 179-198
Destaque para fotografia retratando moinhos de vento, em Chão da Parada (Caldas da Rainha) (p. 189).**PIMENTEL, Alberto.** 1888. *Chronicas de viagem*, Porto, imp. Tip. de Motta Ribeiro

Roteiros de viagem de cariz literário, que o autor realizou em conjunto com o Conselheiro António Maria Pereira Carrilho em 1888. Informações relativas a Caldas da Rainha (p. 7-14; 41-51; 53-57).

PIMENTEL, Alberto. 1908. *A Extremadura Portuguesa: I O Ribatejo*, Lisboa, Empreza da História de Portugal Soc. Ed. Caracterização do concelho. Aspectos históricos e económicos (p. 377-388). Actividades agro-marítimas em Salir do Porto (p. 386). Plantações de arroz em Vidais (p. 388). Construção naval em Salir do Porto (p. 386). Desenvolvimento das Caldas de Rainha como cabeça de concelho, devido à importância das termas. As fábricas de louça das Caldas da Rainha (p. 382-383). Feiras e mercados nas Caldas da Rainha (p. 380, 384) e Landal (p. 386). Rituais de protecção do gado em Landal, durante a feira de Santa Susana, e na qual o gado que é acabado de comprar deve dar três voltas em torno da capela. A pesca em Salir do Porto (p. 386-388). A praia de Salir do Porto (p. 386). Extração do sal em Salir do Porto (p. 388). As termas e nascentes de águas termais na Foz do Arelho (p. 353), Salir do Porto (p. 386) e Caldas da Rainha (p. 377-382; 384, 387).**PINTO, Helena Gonçalves.** 1994. *Caldas da Rainha no principio do século: fotografias de Alfredo Pinto (Sacavém)*, Caldas da Rainha, Património Histórico

Bio-bibliografia de Alfredo Pinto (Sacavém) (p. 13-16). O fotógrafo (p. 17-18) e o seu trabalho (p. 19-54). Retratam-se diversos aspectos da vida caldense: “A entrada da Quinta do Visconde de Sacavém”, em primeiro plano um carro de bois (p. 22); “Ajuntamento popular junto à capela de S. Sebastião” (p. 26); “Aspecto do mercado, Praça da República” (p. 35); “A chegada do cirio, Praça da República” (p. 36); “O carro dos anjos e a berlinda - passagem do cirio, Praça da República” (p. 37); “Carro do Pe. Rosário Dias, passagem do cirio” (p. 38). “O cantar das loas” (p. 39); “Burrizada a Óbidos” (p. 46); “Passando um ribeiro arredores das Caldas” (p. 53). Sobre as fotografias relacionadas com o cirio, atente-se igualmente na p. 56.

POETAS POPULARES: FOMENTAR EXPRESSÕES DA TRADIÇÃO ORAL. 1999. [s/l], Coordenação Concelhia de Educação Recorrente e Extra-Escolar de Caldas da Rainha e Óbidos

Recolha de quadras de poetas populares dos concelhos de Caldas da Rainha e Óbidos. Alusões à toponímia, aspectos do património, vida económica, entre outras. Biografias dos autores (nome, fotografia, idade, profissão, local de residência e nível de formação).

RÊGO, Artur de Figueirôa. 1950. “Breve notícia sobre a economia agrária do distrito de Leiria”, 2.º Congresso das Actividades do Distrito de Leiria, Leiria, Casa do Distrito de Leiria, p. 177-187

A agricultura como actividade dominante do distrito de Leiria. População agrícola. Superfície média da propriedade. Agricultura de tipo familiar. Principais produções agrícolas. A vitivinicultura. Pomares e florestas. O azeite. A criação de gado.

REIS, Deolinda; FONSECA, Maria Lucinda. 1981. *Caldas da Rainha: estrutura funcional e áreas sociais*, Lisboa, Centro de Estudos Geográficos

Estudo geográfico da cidade, nomeadamente no que diz respeito à sua origem, evolução urbana, estrutura funcional (localização e identificação das unidades de comércio, serviços e indústria) e diferenciação social do espaço. Permite a compreensão de vectores da comunidade tão diversos quanto os padrões de determinados comportamentos das populações (deslocações), o reconhecimento de acessibilidades e toda a trama de sectores económicos, de serviços e infra-estruturas aí existentes.

RIBEIRO, Armando. 1933. *Terras fradescas*, Lisboa, Livraria Central de Gomes de Carvalho

Relato de viagem do autor pelo país. Lugares visitados, impressões diversas e aspectos históricos de vários pontos do concelho.

RIBEIRO, Graça Caldeira. 1999. “As rainhas das Caldas”, *Evasões*, Lisboa, n.º 17, p. 92-96

Artigo complementado por fotografias de Ricardo Polónio. Foca os aspectos mais significativos da história e características artísticas da cerâmica nas Caldas da Rainha, nomeadamente o papel de Rafael Bordalo Pinheiro e a sua função inovadora para a época que se atravessava.

RIBEIRO, Margarida. 1969. “Instrumentos auxiliares de modelação: subsídios para o estudo da olaria portuguesa”, *O Archeólogo Português*, série III, vol.3, p. 217-234

Explicação técnica sobre cinco instrumentos auxiliares de modelação (manuais), recolhidos nos anos 60, nas Caldas da Rainha. Terminologia específica e função técnica. Artigo complementado por fotografias de Ricardo Polónio, mostra diversos instrumentos em acção. Em conclusão, apresentam-se alguns esquemas das peças citadas no texto, da autoria de Dário.

RODRIGUES, Henrique António Costa; REBELO, Francisco Félix. 1996. “O olival, o azeite e o lagar: breve análise ao estado de declínio de um sector de centenária tradição na área do concelho das Caldas da Rainha e do património arquitectural remanescente”, *Actas do 1.º Seminário do Património da Região Oeste*, Caldas da Rainha, Património Histórico, p. 97-122

A expansão da cultura oleícola no concelho das Caldas da Rainha e nalgumas freguesias do concelho de Peniche. Razões da decadência dessa cultura e processos de mudança. Aspectos tecnológicos sob o ponto de vista histórico. A situação da oliveira na freguesia de Alvorninha. O papel da vinha e da fruticultura. Produção de azeite no concelho e na freguesia. Inventariação dos lagares aí existentes e no resto do concelho.

RODRIGUES, Luís Nuno. 1996. “Apresentação dum centro local de estudo e defesa do património: a Associação Património Histórico das Caldas da Rainha”, *Actas do 1.º Seminário do Património da Região Oeste*, Caldas da Rainha, Património Histórico, p. 221-225

Criação de uma importante estrutura local de realização de estudos do património local e regional (Associação Património Histórico). Listas das publicações editadas. Colaboração com outras instituições locais e empresas. A Associação e o serviço que presta à comunidade e às instituições, dotando-as de informação e/ou capacidades técnicas.

ROTEIRO DO MUSEU DE JOSÉ MALHOA. 1962. 3.ª ed. Caldas da Rainha, Museu de José Malhoa

Roteiro das várias salas do Museu. Destaque para a reprodução do óleo de Portela Júnior, *Véspera de Boda*, no qual surge um grupo de homens e mulheres em preparativos para os festejos de um casamento. Numa cozinha uma mulher deperna um pato e no chão encontra-se um caldeirão de cobre e várias vasilhas de barro. De notar o traje que envergam: lenços, coletes e barretes. Um dos homens segura uma viola, outro fuma.

SÁ, Mário Vieira de. 1951. *Sal comum: a técnica das marinhas*, vol. II, Lisboa, Livraria Sá da Costa

Aspectos tecnológicos associados à extracção salinícola na marinha da Foz do Arelho ou marinha da Lagoa de Óbidos (p. 53-54). Indicação da sua época de formação e dimensões. Analogias com as marinhas da Figueira da Foz (vide p. 49-52). Identificação de algumas tarefas e capacidade de produção. Destaque para uma fotografia, sem indicação de autor, mas comentada por Mário Vieira de Sá: “Marinha da Foz do Arelho, no Carregal, também chamada Marinha da Lagoa de Óbidos” – Carregadeiras e gamelas para o transporte do sal. Em segundo plano, vê-se o marnoteiro com dois punhos, um em cada mão, que servem para encher de sal as gamelas (p. 53).

SANTA MARIA, Frei Agostinho de. [1707-1723]. *Santuário mariano e história das imagens milagrosas de Nossa Senhora, e das milagrosamente aparecidas, em graça dos pregadores, e dos devotos da mesma Senhora*, Lisboa, Off. António Pedrozo Galvão

No segundo volume (1707) o autor referencia a história da imagem e milagres de N.ª Sr.ª dos Mártires da Serra do Bouro (p. 129-130).

SANTA MARIA, Frei Agostinho de. [1707-1723]. *Santuário mariano e história das imagens milagrosas de Nossa Senhora, e das milagrosamente aparecidas, em graça dos pregadores, e dos devotos da mesma Senhora*, Lisboa, 10 vols., Off. António Pedrozo Galvão

No sétimo volume (1721) o autor referencia a imagem de N.ª Sr.ª do Póculo do Hospital de Caldas (p. 219-224) e a de N.ª Sr.ª da Graça (p. 224-225).

- SARAIVA, José Hermano.** 1986. *O tempo e a alma: itinerário português*, vol. 1, Lisboa, Círculo de Leitores
Roteiro de aspectos históricos e paisagísticos das regiões visitadas. As Caldas da Rainha: algumas informações sobre aspectos agrícolas, a cerâmica e as termas (p. 177-182).
- SARDINHA, José Alberto.** [1988]. *Recolhas musicais da tradição oral*, [s/l], Contradança, Edição discográfica
Disco acompanhado de texto e fotografias relativas a vários contextos musicais estremenhos. Introdução à música e dança da região. Geralmente surge a ideia incorrecta que a Estremadura é uma região considerada pobre em tradições musicais. Menor influência da música vocal. Caracterização de cada tipo de música recolhida (contextualização, concelho e lugar de recolha, intérprete, data da recolha e fotografia). Recolhas efectuadas nas Caldas (o fandango e a contradança).
- SARDINHA, José Alberto.** 1996. “Contribuições para o estudo do fandango”, 5.º Congresso de Folclore do Ribatejo, Santarém, Região de Turismo do Ribatejo, p. 87-96
Informações sobre o fandango. O fandango cantado, recolhido pelo autor em 1984, nas Cruzes e o fandango para cantar à desgarrada, de Relvas e Alvorninha.
- SERRA, João B.** 1988. “Arte e indústria na transição para o século XX: a fábrica dos Bordalos (1884-1924)”, *Análise Social*, Lisboa, n.º 100, p. 275-311
Analisam-se as razões do insucesso, e com recurso a fontes da época, da articulação da Fábrica de cerâmica e faiança com a Escola de Desenho Industrial Rainha D. Leonor. O papel da importância da Linha do Oeste no estabelecimento da fábrica. A celebração de protocolos e acordos de financiamentos públicos para a articulação entre as duas unidades. Dados diversos sobre os operários da fábrica e os alunos da escola. A fábrica na opinião dos estudiosos e escritores da época. A imprensa local.
- SERRA, João B.** 1995. *Introdução à história das Caldas da Rainha*, 2.ª ed., Caldas da Rainha, Património Histórico
Enquadramento histórico, geográfico e político das Caldas no contexto regional. A agricultura no período de oitocentos. A criação e ascensão do centro termal e as transformações ocorridas. Os períodos cronológicos mais importantes na história das Caldas. Bibliografia de história local. Perspectiva demográfica do concelho.
- SERRA, João B.** 1998. “Caldas da Rainha: estratigrafia urbana”, *Sítios e Memórias*, Lisboa, n.º 6, p. 64-69
A cidade em diferentes períodos. Planificação urbana.
- SILVA, A. A. Baldaque da.** 1908. *Estado actual das pescas em Portugal*, Ministério da Marinha e Ultramar
Integra alguns dados sobre a Foz do Arelho.
- SILVA, Carlos da; ALARCÃO, Alberto; CARDOSO, António Poppe Lopes.** 1961. *A região a oeste da serra dos Candeeiros: estudo económico-agrícola dos concelhos de Alcobaça, Nazaré, Caldas da Rainha, Óbidos e Peniche*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian
Numa primeira parte aprofundam-se as relações entre o homem e o meio, nomeadamente no que diz respeito à caracterização física (geomorfológica, geológica, oro-hidrográfica, climática e pedológica) dos concelhos em estudo (Óbidos, Peniche, Alcobaça, Nazaré e Caldas da Rainha). Sob o ponto de vista histórico, esclarece-se a situação das instituições e das técnicas na região, sobretudo no domínio dos coutos e as povoações que aí se inseriam. O conceito de *casal* ligado a um tipo específico de exploração fundiária. Analisam-se os contornos da evolução demográfica da região, mesmo ao nível das freguesias. Efectuou-se igualmente o levantamento das infra-estruturas (transportes, comunicações, electricidade, gás, água e saneamento e obras de hidráulica agrícola). De salientar também os capítulos sobre a estrutura da propriedade e agricultura regional: dimensões, dispersão, os baldios, número de prédios por proprietário, tipologia das empresas agrícolas, suas formas de exploração, utilização do solo, tipos de culturas em regadio e em sequeiro, áreas agro-florestais. Estabelece-se ainda a carta agrícola e florestal segundo áreas bem definidas para as diversas culturas em presença (oliveira, pinhal, áreas de incultos, vinha, culturas arvenses, hortícolas e frutícolas) e refere-se a criação de gado consoante as espécies exploradas. Investigou-se igualmente a composição social da população agrícola e as diferentes hierarquias de relações (idade, sexo, estrutura profissional, regime laboral, remunerações). Alguma preocupação relacionada com o trabalho familiar e sazonal e com as organizações de tipo cooperativo. Explicitam-se os processos técnicos de cultivo das diversas espécies e os cuidados a ter com elas (mobilizações do solo, fertilizantes). Alguma atenção prestada à colheita, debulha e tarefas na eira, transportes e equipamento, armazenamento e conservação da produção. Em seguida, destaque para as indústrias de

transformação agro-pecuária correlacionadas (adegas, lagares, unidades fabris) e comercialização. O trabalho conclui-se com uma perspectivização do desenvolvimento regional (levantamento das potencialidades e heterogeneidades, propostas de intervenção, os pólos de desenvolvimento e as zonas de atracção).

SOARES, Maria Micaela. 1982. “A mudança na cultura rural portuguesa”, *Boletim Cultural da Assembleia Distrital de Lisboa*, Lisboa, III Série, vol. 88 (2), p. 145-400
Quadra referente a jogo popular, recolhida nas Caldas da Rainha (p. 301).

SOARES, Mário. 1998. “Região do Oeste: Caldas da Rainha”, *Jornal das Caldas*, n.º 7, p. 12
Síntese de vários aspectos do concelho. Situação geográfica, panorama económico, dados históricos, freguesias que o integram, executivo municipal, feriado municipal, principais monumentos, locais de lazer e turismo, gastronomia, vinhos e artesanato.

S. PAULO, Jorge de. 1959. *Antiguidades das Caldas da Rainha e do tempo da Rainha D. Leonor*, Caldas da Rainha, [Junta de Província de Estremadura]
Estudo de carácter histórico que compila manuscritos setecentistas do autor, levados ao prelo por ocasião do 5.º Centenário do nascimento da Rainha D. Leonor. As ermidas e confrarias da vila das Caldas e os oratórios do Hospital. Descrição do seu património. Algumas devoções. A festa de N.ª Sr.ª do Pópulo. Legados e doações diversas para usufruto do Hospital. Destaque para o capítulo que refere alguns costumes antigos do hospital, nomeadamente os banhos de S. João e S. Pedro. As profissões dos primeiros residentes das Caldas, a produção de vinho da Cerca do Hospital, um glossário de termos agrícolas, produtos que se entregavam no hospital (para a preparação de remédios), são outros dos tópicos focados na obra.

TAVARES, Mário. 1999. *O bordado das Caldas ou bordado da Rainha D. Leonor*, Caldas da Rainha, Património Histórico
Origens históricas do bordado das Caldas. Maria Margarida Franco dos Santos como responsável pelo renascimento deste bordado. Cores, motivos artísticos, desenhos, técnicas e pontos utilizados. Formas de preservar e difundir o bordado.

TAVARES, Mário de Sousa. 1999. *Caldas da Rainha, do séc. XIX para o séc. XX: a década de 1880 e os anos finisseculares, população, sociedade e economia*, Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
Dissertação de Mestrado em História Regional e Local. Análise de carácter histórico sobre a evolução das Caldas da Rainha. A importância das termas ao longo dos tempos. A partir das duas últimas décadas do séc. XIX, o autor destaca alguns factores de desenvolvimento social e económico a nível local: a via férrea da Linha do Oeste, mutações ao nível da cerâmica (fábrica Bordalo Pinheiro), a reforma das termas, o associativismo, o papel da imprensa regional na movimentação política. Numa terceira parte assiste-se a uma observação atenta dos aspectos demográficos, dos quais se destaca as Caldas da Rainha como pólo de migrações internas e internacionais.

TEIXEIRA, Luiz. 1954. *Crónica dos tempos idos*, Lisboa, imp. Tip. Empresa Nacional de Publicidade
Palestra subordinada às Caldas da Rainha. Evocação dos escritos de Júlio César Machado, Ramalho Ortigão, Eduardo Coelho, Pinheiro Chagas, Alberto Pimentel. Alusão ao círio com destino à Senhora da Nazaré (p. 27), à procissão de Tornada e às romarias de Santo Antão e S. Brás (p. 30).

TEIXEIRA, Luiz. 1957. *Pequena Pátria*, Caldas da Rainha, Gazeta das Caldas
Quatro crónicas literárias sobre diversos aspectos das Caldas da Rainha. Destaque para os capítulos “Ressurgimento turístico” (p. 21-53) e “O incomparável mercado” (p. 55-76). A importância turística e o seu declínio. Aspectos propiciatórios do ressurgimento do seu vigor (as festas locais). O papel do autor na criação e delimitação das zonas de turismo a nível nacional. Comenta-se a possibilidade da criação de um mercado ao ar livre e salienta-se a Praça como pólo de atracção de forasteiros. Prenúncios de mudança em vários aspectos. Esboço genérico da economia do concelho (número de explorações, área cultivada, regimes de exploração, culturas, grau de mecanização).

TERRA DE ÁGUAS: CALDAS DA RAINHA, HISTÓRIA E CULTURA. 1993. Caldas da Rainha, Câmara Municipal de Caldas da Rainha
Diversos artigos de interesse para o aprofundar de conhecimentos sobre a cidade das Caldas, coordenados por Luís Nuno Rodrigues, Mário Tavares e João B. Serra. “Indústria e industrialização na cerâmica caldense:

o caso da faiança utilitária dos Bordalos" (p. 259-275). Em finais da década de oitenta do séc. XIX é inaugurado o sector de louça utilitária na fábrica de faiança dos Bordalos. Aspectos históricos da criação deste sector, pessoas envolvidas, principais crises, a gestão da fábrica, tipo de respostas às solicitações do mercado, considerações críticas sobre alguns aspectos técnicos da produção daquele tipo de cerâmica. "Caldas da Rainha um século atrás: cronologia do ano caldense de 1892". Análise de vários aspectos da vida social, económica e política das Caldas no ano de 1892. Panorama demográfico, grau de instrução da população, esboço da rede de acessibilidades ao concelho, o comércio. Cronologia dos principais acontecimentos naquele ano com recurso às notícias da imprensa local (p. 345-365). "Caldas da Rainha, 1887-1927: expansão e modernidade" (p. 367-464). Evolução demográfica das Caldas segundo as freguesias que compunham o concelho. Análise da produção e consumo agrícolas: principais culturas, crises. Caracterização das principais indústrias. As vias de comunicação. As termas e a necessidade de reorganizar urbanisticamente a cidade: a política de obras públicas. Principais associações locais. O movimento republicano. A Exposição Agrícola, Pecuária, Industrial e de Automóveis, em 1927 (reprodução da respectiva capa do catálogo). A gestão municipal. A imprensa local. "Para a história do concelho das Caldas da Rainha: roteiro de fontes impressas e bibliografia" (p. 491-509) Bibliografia organizada segundo o tipo de documento: publicações periódicas nacionais e locais, e bibliografia geral e local.

O TRABALHO E AS TRADIÇÕES RELIGIOSAS NO DISTRITO DE LISBOA: EXPOSIÇÃO DE ETNOGRAFIA. 1991. Lisboa, Governo Civil de Lisboa

Catálogo de exposição. Identificação das peças expostas. O Círio de N. ^ã Sr. ^ã da Nazaré entre o conjunto de círios celebrados na Estremadura. Destacam-se as participações dos círios provenientes de Alenquer, Caldas da Rainha e Nazaré (p. 325).

TRANCOSO, Vasco. 1994. *Grandela e a Foz do Arelho*, Caldas da Rainha, Património Histórico

Percurso de Francisco de Almeida Grandela (1853-1934) e os seus projectos relacionados com o melhoramento das infra-estruturas. Recolha de inúmera documentação gráfica, bibliográfica e iconográfica, assim como de testemunhos orais. O autor investiga a relação entre Grandela e a Foz do Arelho nas suas várias facetas.

TRANCOSO, Vasco Rui R. Noronha. 1999. *Caldas da Rainha: um contributo iconográfico através do bilhete postal ilustrado editado até meados do século XX*, Lisboa; Mafra, Edição Elo

O autor salienta o mérito do postal ilustrado enquanto fonte histórica. Retratam-se os caldenses e os visitantes entre finais do século XIX e os inícios dos anos 60 do século XX. Preâmbulo sobre os editores de postais (caldenses e não caldenses). Predominam os pormenores de arquitectura urbana, civil e religiosa. Cada postal indica na sua legenda explicativa a autoria e respectivo editor. Destacam-se: "Mercado do peixe na Praça 5 de Outubro – anos 20" (p. 65); "Feira de porcos/burros/bois – 1.ª década do séc. XX" (p. 103); "Moinho da Ribeira"; "Lavadeiras no rio do Fiel Amigo" (p. 109); "Feira do gado – 1940" (p. 127); "Mercado na Praça da República – anos 40" (p. 130); "Pormenor do mercado da fruta – anos 40" (p. 131); "O mercado" – pormenores de vendedores – anos 30 (p. 140); "Debulha de cereais Quinta das Gaeiras" – com utilização de locomóvel (p. 141); "A feira dos porcos – 1912" (p. 149); "O Zé Santo transportando uma carga de caruma para os fornos de cerâmica – 1904" (p. 155); "Regato do Fiel Amigo" – lavadeiras 1911 (p. 160); "Visita da imagem peregrina de N. ^ã Sr. ^ã de Fátima às Caldas da Rainha transportada em carrinha da Legião Portuguesa, em 27 de Novembro de 1946" (p. 171); "Vendedeiras de cavacas – 1951" (p. 173); "Transporte de lenha para os fornos de cerâmica em carro de bois – anos 50" (p. 175).

VASCONCELOS, J. Leite de. 1895. "Museu ethnographico português", *Revista Lusitana*, vol. 3, p. 193-250

Destaque para as Caldas da Rainha de entre os centros oleiros portugueses (p. 239).

VASCONCELOS, J. Leite de. 1925. *A figa: estudo de etnografia comparativa, precedido de algumas palavras a respeito do «sobrenatural» na Medicina popular portuguesa*, Porto, Araujo & Sobrinho

Os materiais nos quais as figas são manufacturadas. O caso dos presos da cadeia das Caldas da Rainha que executavam figas em osso e as vendiam através das grades às pessoas que passavam na rua (p. 68).

VASCONCELOS, J. Leite de. 1958. *Romanceiro Português I*, Coimbra, Universidade de Coimbra

Romance de D. Infanta recolhido nas Caldas da Rainha (p. 377-379).

- VASCONCELOS, J. Leite de.** 1960. *Romanceiro Português II*, Coimbra, Universidade de Coimbra
Versão do romance *D. Silvana* (p. 68-69) e *Na Fonte* (romance narrativo recolhido em Vídais) (p. 416).
- VASCONCELOS, J. Leite de.** 1967. *Etnografia portuguesa V: tentame de sistematização*, Lisboa, Imprensa Nacional
Rimas infantis recolhidas nas Caldas (p. 85). Caldas como centro oleiro (p. 237). Nome de peças de louça doméstica (p. 239). O figurado de barro (p. 245; fig. 57 e 58). Crenças relacionadas com a caça (p. 342) e com a criação de animais (p. 409). A benção dos bois na feira de Santa Susana (p. 414-415). A manufactura de bicos de escapular o milho pelos presos das Caldas (p. 598). A praça dos malteses onde se recrutavam trabalhadores agrícolas temporários (p. 663). Desenhos de cangirão e moringue das Caldas (modelo de Rafael).
- VASCONCELOS, J. Leite de.** 1969. *Contos populares e lendas II*, Coimbra, Universidade de Coimbra
Compilação da autoria de José Leite de Vasconcelos e posterior coordenação por Alda e Paulo Soromenho. Contos a propósito do relacionamento entre os esposos (p. 49-50; 71). Facécias (p. 94; 100; 110; 158; 166-168; 178-180; 195-196). O *Pedro das Malas-Artes* (p. 421). O *Cabouqueiro* (p. 457-458).
- VASCONCELOS, J. Leite de.** 1975. *Cancioneiro popular português I*, Coimbra, Universidade de Coimbra
Quadras recolhidas nas Caldas, de temática diversa. O amor (p. 343; 386; 388; 455; 477; 479; 500; 510).
- VASCONCELOS, J. Leite de.** 1979. *Cancioneiro popular português II*, Coimbra, Universidade de Coimbra
Quadras recolhidas nas Caldas, de diversas temáticas. Lamentos (p. 55). Cartas (p. 93). Pedidos (p. 107). Conselhos a namorados (p. 137). Trajo (p. 204). *Subtilezas* (p. 280).
- VASCONCELOS, J. Leite de.** 1980. *Etnografia portuguesa VII: tentame de sistematização*, Lisboa, Imprensa Nacional
Benções do gado. Esmolas a Santa Susana (Landal) (p. 489).
- VASCONCELOS, J. Leite de.** 1983. *Cancioneiro popular português III*, Coimbra, Universidade de Coimbra
Quadras recolhidas nas Caldas de temáticas diversas. Cantigas tópicas e geográficas (Landal p. 2 e Santa Susana p. 56). Emigração (p. 198).
- VASCONCELOS, J. Leite de.** 1983. *Etnografia portuguesa VI: tentame de sistematização*, Lisboa, Imprensa Nacional
Índice dos principais assuntos tratados neste volume. A deslocação de cardadores de lã às Caldas, provenientes de Minde (p. 87). A louça das Caldas na constituição do recheio das casas tradicionais estremenhas e alentejanas (p. 228; 248). Designações de peças de olaria (p. 328).
- VASCONCELOS, J. Leite de.** 1985. *Etnografia portuguesa IX: tentame de sistematização*, Lisboa, Imprensa Nacional
Festa de Santa Susana em Landal (p. 417-418).
- VASCONCELOS, J. Leite de.** 1988. *Etnografia portuguesa X: tentame de sistematização*, Lisboa, Imprensa Nacional
Índice dos principais assuntos tratados neste volume. Mealheiros (p. 402-403; fig. 58). Rivalidades entre aldeias (Benedita e Santa Catarina) (p. 574). Ditado tópico (p. 576).
- VIEIRA, Alice.** 1997. *As praias de Portugal*, Lisboa, Caminho
Foz do Arelho (p. 149-150).
- XAVIER, Isabel.** 1998. "Técnicas tradicionais de cerâmica das Caldas", *Sítios e Memórias*, Lisboa, n.º 6, p. 70-75
A coexistência das técnicas tradicionais com unidades inovadoras, verdadeiramente industrializadas. Principais unidades produtoras de cerâmica na cidade ao longo dos anos. Mudanças nos padrões de consumo e nas formas de escoamento e comercialização. Formação profissional/transmissão tradicional de saberes. Explicação de algumas técnicas tradicionais (verguinha, a obtenção dos vidrados, a atafona, a cozedura). Fotografias de José Neto Pereira retratam várias das técnicas relativas à cerâmica caldense (p. 71-73).





< O pastor Francisco Pereira, ou “Chico Moita”, num intervalo da líde do seu rebanho de ovelhas junto a um moinho de vento. Sobral, Moita dos Ferreiros, Lourinhã, 2000.

Lourinhã

ANDRADE, A. M. 1940. “As comemorações nos concelhos da província estremenha”, *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, p. 62-74

As comemorações do Duplo Centenário na Lourinhã (p. 68-69).

ANUARIO DA FOLHA DE TORRES VEDRAS COMMERCIAL, BUROCRATICO E AGRÍCOLA COMPREHENDENDO OS CONCELHOS DE ARRUDA, CADAVAL, LOURINHÃ, MAFRA, ÓBIDOS, PENICHE, SOBRAL DE MONT' AGRAÇO E TORRES VEDRAS 1907. 1907. Torres Vedras, Livraria Editora Júlio Vieira

Apresentação do calendário do ano, calendário agrícola para os diversos meses, santos de cada dia, publicidade a diversos produtos, serviços e estabelecimentos comerciais. Em cada concelho são apresentadas as estatísticas de população, distâncias em relação às principais localidades; introdução à história; pontos de maior interesse. Para as vilas-sedes de concelho referem-se também alguns dados administrativos, serviços públicos, transportes, estabelecimentos de ensino, hospitais, associativismo local, ofícios tradicionais e respectivos artesãos e outros serviços. Nomes dos principais agricultores. Composição das freguesias: lugares, quintas e casais. Apresentação dos principais dados relativos às freguesias dos concelhos. Cada concelho é introduzido por uma fotografia de uma vista panorâmica da vila-sede.

BARBOSA, Pedro Gomes. 1992. *Povoamento e estrutura agrícola na Estremadura central: século XII a 1325*, Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica

Caracterização das diversas regiões pertencentes ao termo de Óbidos: aldeias, explicações toponímicas e antroponímicas, localização geográfica, formas de povoamento. Os principais proprietários fundiários e o tipo de propriedade que detinham (dimensões e tipo de culturas). Práticas marítimas e transporte de mercadorias. O caso das vinhas. Engenhos de moagem (p. 207-244).

BECOS, ALCUNHAS E TRAVESSAS OU CADA PLACA UMA HISTÓRIA. 1994. [s./l.], [Junta de Freguesia de Marteleira]

Trabalho realizado por alunos da Escola Primária da Marteleira. São focados aspectos que se prendem com a toponímia da freguesia, acompanhados por fotografias dos locais citados no texto.

Boletim da Junta de Província de Estremadura. 1939.

Brasão d' armas da Lourinhã (p. 91).

CABRAL, Carlos. 1996. “Lourinhã: do cereal à hortícola”, *O Voo do Arado*, Lisboa, Museu Nacional de Etnologia, p. 487-493

Mudanças ocorridas no sector agrícola no concelho: introdução de novas culturas em detrimento de outras, e inovações tecnológicas. Diminuição progressiva da cerealicultura em oposição à cultura da vinha, que foi incrementada. Aumento mais lento da área dedicada às árvores de fruto. Transformação das culturas hortícolas de uma situação de autoconsumo para uma cultura de mercado. Na década de 70, progressiva valorização da cultura de pomar em conjugação com a vinha. Nos anos 80, dá-se o arranque da vinha e pomares e expande-se a horticultura, mais compensadora e com menor necessidade de tratamento e mão-de-obra, e uma maior rentabilidade. Destaque para duas fotografias, venda de albardas e arreios na Feira da Misericórdia em Moita de Ferreiros (1962) de Benjamim Pereira e de um pulverizador de tracção animal (1955) de Artur Pastor.

- CÂNCIO, Francisco.** 1944. *Subsídios para a história económica do Ribatejo*, Lisboa, imp. Baroeth
Obra em fascículos editada com o patrocínio da Junta de Província do Ribatejo. As mercadorias agrícolas (cereais e vinho) provenientes de Arruda dos Vinhos, Sobral de Monte Agraço, Torres Vedras e Lourinhã, eram embarcadas no porto de Alhandra, movimento que se manteve mesmo após a implantação do caminho-de-ferro. Vinham em carro de bois, pelas estradas, em péssimo estado de conservação (p. 54).
- CARDOSO, Nuno Catharino.** 1944. “Armas municipais do distrito de Lisboa e a evolução que sofreram”, *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, n.º 7, p. 275-281
Descrição dos vários elementos constituintes das armas antigas, e à data da edição do artigo. Listagem alfabética dos elementos que surgem nas armas. Reproduções de alguns brasões d’ armas sem indicação de proveniência.
- CARVALHO, Albino de.** 1998. “Identificação anatómica e caracterização física e mecânica das madeiras utilizadas no fabrico de quartolas para produção de aguardentes velhas de qualidade-denominação Lourinhã”, *Ciência e Técnica Vitivinícola*, [s/l.], [s/n.], vol. 13 (1-2), p. 71-105
Estudo de carácter técnico salientando a importância do tipo de madeiras utilizadas para o vasilhame de envelhecimento de aguardentes e vinhos. O carvalho e o castanheiro. Técnicas de tanoaria.
- CAVACO, Carminda.** 1992. *Portugal rural: da tradição ao moderno*, Lisboa, Direcção Geral de Planeamento e Agricultura
O eixo Torres Vedras-Lourinhã com um dos maiores índices de superfície agrícola com ocupação hortícola, frutícola e vinícola. Acentuada monocultura enquadrada em grandes quintas ou explorações pequenas e médias, integradas em adegas cooperativas. Abertura a novas culturas (tomate e pimento em estufas) em Torres Vedras e Lourinhã (p. 100).
- CIPRIANO, Rui Marques; CARVALHO, Rodrigo José.** [1995]. *Vamos falar da Lourinhã: sua história, sua gente, seus usos e costumes: Vimeiro*, [Lourinhã], [Rádio Clube da Lourinhã] (policopiado)
Publicação resultante de programa radiofónico local sobre diversas temáticas do concelho. Aspectos históricos relacionados com a freguesia de Vimeiro. Breve alusão às produções agrícolas e turismo.
- CIPRIANO, Rui Marques; CARVALHO, Rodrigo José.** [1995]. *Vamos falar da Lourinhã: sua história, sua gente, seus usos e costumes: Lourinhã e a extinção do seu concelho*, [Lourinhã], [Rádio Clube da Lourinhã] (policopiado)
Publicação resultante de programa radiofónico local sobre diversas temáticas do concelho. Algumas mudanças administrativas, nomeadamente a breve passagem da Lourinhã para o concelho de Peniche, provocaram diversos motins populares e o retomar das funções do executivo da Lourinhã em Janeiro de 1868.
- CIPRIANO, Rui Marques; CARVALHO, Rodrigo José.** [1995]. *Vamos falar da Lourinhã: sua história, sua gente, seus usos e costumes: Reguengo Grande*, [Lourinhã], [Rádio Clube da Lourinhã] (policopiado)
Publicação resultante de programa radiofónico local sobre diversas temáticas do concelho. Aspectos históricos relacionados com a freguesia de Reguengo Grande. Estatísticas de população dos diversos lugares em diferentes períodos. Capelas e igrejas.
- CIPRIANO, Rui Marques.** 2000. *Lourinhã nos caminhos de Santiago*, Lourinhã, Centro de Estudos Históricos da Lourinhã
Integrado na série Cadernos Culturais que assim se iniciou. Trabalho revisto e resultante de uma primeira apresentação nas 1.ªs Jornadas de História e Cultura da Lourinhã (1993). A lenda e o culto de Santiago. Iconografia do santo. O caminho de Lisboa a Santiago terá passado pela região oeste. Referências associadas a Santiago (iconografia e simbologia) na Lourinhã. Reprodução de uma pintura quinhentista de Francisco de Campos, onde figura Santiago Peregrino, existente na Misericórdia da Lourinhã (p. 33). Fotografia de cruz processional do antigo Círio da Lourinhã a Santa Quitéria de Meca (Alenquer) (p. 36).
- COELHO, Adolpho.** 1993. *Obra etnográfica I: festas, costumes e outros materiais para uma etnologia de Portugal*, Lisboa, Dom Quixote
Em capítulo dedicado aos ditados tópicos deste país, o autor dá exemplos de nomes ou características comuns atribuídos aos habitantes de um dado lugar ou aldeia (p. 175-176). Compara-se tipologias de

tradições populares orais de vários países europeus com os portugueses. Retoma o exemplo dos ditados tópicos que atribuem determinadas características a diversos locais. (p. 629).

- COELHO, Adolfo.** 2000. *Digressões gastronómicas no país das uvas*, [Lisboa], Publicações Chaves Ferreira
Compilação de textos do autor, originalmente integrando a publicação *Informação Vinícola* (1938-1939), propriedade da Junta Nacional do Vinho, a convite de António Batalha Reis. Os artigos referem-se ao enquadramento paisagístico e económico de vários concelhos do país, nomeadamente da região oeste. O trabalho inclui igualmente um conjunto de fotografias recolhidas, segundo a nota introdutória, pelo Serviço de Informação da Junta Nacional do Vinho. Estas não se encontram legendadas, nem contextualizadas, mas referem-se possivelmente ao período no qual a *Informação Vinícola* foi publicada (1938-62). Informação sobre Lourinhã (p. 47-50).
- COSTA, Maria da Glória Martins da.** 1993. “Para a história das rendas de bilros na Póvoa de Varzim II”, *Póvoa de Varzim: Boletim Cultural*, Póvoa de Varzim, vol. XXX (1-2), p. 35-101
Inclusão do concelho de Lourinhã como centro rendeiro da zona Centro do país (Terras do Interior) (p. 52).
- EÇA, Maria Natália Almeida d’.** 1995. *Roteiro artesão português: Estremadura*, Porto, ed. do autor
Roteiro das artes e ofícios tradicionais existentes na Estremadura e organizado por concelhos. Inúmeras fotografias retratando interiores das oficinas, peças, matéria-prima, os artesãos a trabalhar. Referências aos nomes dos artesãos e contactos dos seus locais de trabalho.
- ESTREMADURA.** [s/d.]. Lisboa, Livraria Bertrand
Trabalho compilado por Urbano Tavares Rodrigues destaca dois poemas de Sidónio Muralha sobre a praia da Areia Branca recolhidos de *Passagem de Nível* (p.217).
- FELGUEIRAS, Guilherme.** 1949. “O estudo da literatura popular e das tradições orais estremenhas VI”, *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, n.º 22, p. 395-404
Esconjurar as trovoadas e o arco-íris segundo versões recolhidas em Seixal. Quadras do cancioneiro popular (versão recolhida em S. Bartolomeu).
- FELGUEIRAS, Guilherme.** 1950. “O estudo da literatura popular e das tradições orais estremenhas VII”, *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, n.º 23, p. 95-102
A moda da carrasquinha e uma parlenda infantil, conforme recolhidas em Seixal.
- FELGUEIRAS, Guilherme.** 1950. “O estudo da literatura popular e das tradições orais estremenhas VIII”, *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, n.º 24-25, p. 365-396
Quadras do cancioneiro popular de S. Bartolomeu (p. 378-379; p. 381-382; p. 384; p. 388), Seixal (p. 383), Vimeiro (p. 390). Conta-se a história do *Padre Avarento* (p. 393-394) conforme recolha efectuada em S. Bartolomeu.
- GANDRA, Manuel J.** 1996. “Os Círios ou aspectos do culto da Grande Deusa na Estremadura”, *Jornadas sobre Cultura Saloia*, Loures, Câmara Municipal de Loures, p. 85-111
O Círio de N.ª Sr.ª da Misericórdia em Moita de Ferreiros (p. 111).
- LEÇA, Armando.** 1946. “Do cancioneiro músico-estremenho V”, *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, n.º 12, p. 215-234
Discorre-se sobre aspectos históricos de vários tipos de danças com influências europeias. Na Nazaré, Lourinhã, Cadaval e Bombarral destaca-se a moda ou valsa dos dois passos, a carreirinha, chicote, viras de autoria e modas de roda.
- “Lourinhã”, *Grande Enciclopédia Portuguesa-Brasileira*, Lisboa, Editorial Enciclopédia, vol. 15, p. 509-512
Dados de carácter geral sobre o concelho e suas localidades.
- LOURINHÃ.** 1951. Porto, ROTEPE
Planta do principal aglomerado populacional do concelho e dos principais pontos de interesse em todo o concelho. Informações diversas como classificação administrativa, população, serviços públicos, feriado

municipal, existência ou não de hotelaria, especialidade culinária, feiras, romarias e monumentos nacionais. Algumas fotografias.

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA. 1939. *Reconhecimento dos baldios do continente*, vol. 2 (parte 2), Lisboa, Junta de Colonização Interna

Estatísticas permitindo a caracterização dos baldios em Portugal. Apreciação distrital, por concelhos e freguesias (número, tipos de aproveitamento agro-florestal, designação, características geológicas, agrológicas, oro-hidrográficas, económico-sociais e localização aproximada). Dados sobre a Lourinhã (p. 717-719).

MONUMENTOS E EDIFÍCIOS NOTÁVEIS DO DISTRITO DE LISBOA : TORRES VEDRAS, LOURINHÃ, SOBRAL DE MONTE AGRAÇO. 1963. Lisboa, Junta Distrital de Lisboa

As armas do concelho. Mapa com a localização do concelho na região e indicação das freguesias que o compõem. Origem histórica e etimológica. Apresentação do património edificado de cariz religioso e civil por freguesia de localização. Ilustrações e fotografias de alguns aspectos interiores e exteriores.

MUSEUS: SUBSÍDIOS PARA O ENQUADRAMENTO HISTÓRICO DOS CONCELHOS. 1998. Lisboa, Comissão de Coordenação da Região de Lisboa e Vale do Tejo

Os museus e casas-museu da região de Lisboa e Vale do Tejo. Características, colecções e horário de funcionamento.

NASCIMENTO, José Manuel Cordeiro R. 1997. *Santuário de N.ª Sr.ª dos Remédios*, Peniche, [ed. apoiada pela Câmara Municipal de Peniche]

Identifica histórica e teologicamente o santuário e o culto a N.ª Sr.ª dos Remédios. Os principais círios da região oeste. Lista dos círios que ainda na actualidade realizam peregrinações a este santuário.

ORTIGÃO, Ramalho. 1918. *As nossas praias: indicações gerais para uso de banhistas e turistas*, Lisboa, Sociedade de Propaganda de Portugal

Como introdução, o autor exalta os benefícios dos banhos de mar. Fornece algumas informações gerais sobre cada praia da costa portuguesa, sua localização, acessibilidades, principais festividades, hotelaria e restauração, locais a visitar e património arquitectónico. Praia da Areia Branca (p. 41).

ORTIGÃO, Ramalho. 1944. *Banhos de caldas e águas minerais*, 2.ª ed. Lisboa, Livraria Clássica A. M. Teixeira & C.ª (Filhos)

Reedição da obra original de 1875. Estudo sobre os estabelecimentos termais e respectivas águas de todas as regiões do país. Alusão aos efeitos terapêuticos. Pequenas crónicas de cariz literário. O capítulo referente à Estremadura destaca-se. As águas das Fontes do Vimeiro. Fontes, temperatura e composição química.

PEIXOTO, Luís Correia. 1999. *Casos lembrados e “gentes”*, Peniche, ed. de autor

Albúm de fotografias do autor, de diferentes épocas. Destaque para alguns aspectos do concelho como é o caso de diversas fotografias retratando a vida na Quinta do Rol em diversos momentos e situações com particular incidência para a agricultura e trabalhos domésticos (p. 77, 92, 118, 127). Documenta-se igualmente a festa de S. Bartolomeu (p. 143-148).

PEIXOTO, Rocha. 1990. *Etnografia portuguesa: obra etnográfica completa*, Lisboa, Dom Quixote

Referências à gruta de Cesareda onde o geólogo Nery Delgado revelou a existência de conchas usadas como amuleto em épocas pré-históricas (p. 6).

PERDIGÃO, Fr. Henrique. 1992. *Subsídios para a história da Ribeira de Palheiros*, Braga, ed. de autor

Caracterização de algumas freguesias do concelho de Lourinhã (a vila, Joaria, Miragaia, Marteleira, S. Leonardo dos Francos), particularmente os aspectos de cariz religioso (igrejas e capelas: imagens, cultos, irmandades, festas, alfaias litúrgicas, figuras ilustres) e as principais quintas. Numa segunda parte do trabalho, o autor incide o seu estudo na freguesia de Ribeira de Palheiros (a freguesia, a igreja, alguns equipamentos sociais, aspectos económicos e culturais). Finalmente conclui com uma resenha de carácter etnográfico (festividades e elementos com elas relacionados), expressões e “ditos” locais e conta alguns episódios sobre a Lourinhã. Diversas fotografias do autor (?), reproduções de cartazes (procissões, cruzeiros, igrejas, tarefas agrícolas, aspectos de preparação das festas, peditórios, círios, entre outras). Foram pormenorizados aspectos como os que a seguir

se indica: achados de espólio arqueológico durante a lavoura (pedras de raio, telhas e dinheiro p. 68-69; p. 566); a Quinta-Feira de Ascensão (p. 125-127; p.478-480; p. 570); benção dos campos (p. 126-127); malteses (trabalhadores temporários p. 158; p. 562); ex-votos/promessas à Senhora da Piedade (p. 193-196); procissões em anos de falta de água (p. 197); sinos/relogio/torre sineira (p. 206-212); cemitério/corpos incorruptos (p. 333; 536-538); *medidas* de cheias na ponte do Rio Grande (p. 359); moagem (p. 366-368); utilização dos derivados da uva (folhelho, grinha e engaço p. 369); devoções populares (p. 455, 458); a Lua e as crianças (p. 459-460); medicina popular (p. 460); peditário para as festas da santa padroeira (p. 475); os Reis (p. 477, 499-501); Dia da Santa Cruz (p. 477-478); compadrio ritual na Quaresma (p. 494-496); presépios (p. 496-498); fogueira de Natal (p. 498-500); círios (p. 501-510); pevideiras e preparação culinária das pevides (p. 510-511); *feira do velhote* (desde 1975 p. 512-516); descamisar o milho (p. 516-522); Carnaval e gigantones (p. 522-525); os caminhos-de-ferro (p. 538); adiafa da vindima (p. 548); as *mouras encantadas* (p. 561); práticas relativas ao casamento (p. 562-563); pão por Deus (p. 565); peixeiro (p. 565); interditos e requisitos rituais relacionados com a morte (p. 566); fertilizantes das terras (p. 567); vinho e outras práticas agrícolas (p. 568); interditos rituais relativos à Quinta-Feira de Ascensão e período da Quaresma (p. 570).

PEREIRA, José de Campos. 1915. *A propriedade rústica em Portugal*, Lisboa, Imprensa Nacional
A produção vitivinícola em finais do séc. XIX e em princípios do séc. XX no concelho.

PEREIRA, Mário Baptista. 1988. *Lourinhã: subsídios para uma monografia*, Lourinhã, Câmara Municipal da Lourinhã
Os dois primeiros capítulos referem-se na íntegra aos documentos existentes no Arquivo da Torre do Tombo e Biblioteca Nacional sobre o concelho. Na última parte salienta-se uma descrição da vida social e económica do concelho em 1904, conforme o *Almanach da Folha de Torres Vedras*: designação dos detentores dos principais cargos públicos e agricultores, comerciantes e industriais das várias freguesias. História da criação das freguesias. Evolução do número de habitantes e flutuações demográficas. O censo de 1911 e as povoações do concelho. Surgem também as perguntas e respostas de um curioso inquérito promovido nos anos 60 pelo jornal local *A Alvorada*. José Leite de Vasconcelos e Américo Costa adiantam as explicações sobre a origem toponímica da vila. Um exemplo de arquitectura tradicional local, no caso uma habitação no Reguengo Pequeno, segundo um levantamento de José Leite de Vasconcelos. Referências a uma monografia sobre o Reguengo Grande de António Lopes Ribeiro. O património natural. A festa dos "Remédios" e o cirio de 1888 segundo uma notícia do jornal de Torres Vedras *A Semana*. A electrificação do concelho (principais fases). O património arqueológico. O poder local (detentores dos principais órgãos autárquicos após o 25 de Abril de 1974 (resultados eleitorais). O cancionero popular do concelho segundo referências recolhidas em artigos de Guilherme Felgueiras publicadas no Boletim da Junta de Província de Estremadura. A poesia popular de António Filipe. A história do *Padre Avarento* conforme publicada no Boletim da Junta de Província de Estremadura.

PEREIRA, Mário Baptista. 1990. *Lourinhã: os moinhos do seu concelho*, Lourinhã, Câmara Municipal da Lourinhã
Numa primeira parte caracterizam-se os moinhos de vento: tipologia, partes técnicas componentes e terminologia a eles associada. Outros artefactos relacionados com a tecnologia tradicional moageira. Aspectos sociais do ofício de moleiro. O moinho na mitologia popular. Legislação aplicada aos moinhos. Num segundo capítulo, revela-se um levantamento de todos os moinhos do concelho, segundo as freguesias em que se localizavam e de acordo com as informações constantes nos arquivos históricos consultados e fornecidas pelas Juntas de Freguesia. Indicação dos proprietários, rendimento, características técnicas e estado de conservação. Situação em três momentos específicos (séc.XIX, anos 60 e 1990). Tabela informativa dos parâmetros dos ventos dominantes, segundo as estações meteorológicas da região. Indicação da informação relativa à celebração de escrituras de moinhos. Legislação de protecção dos moinhos. O aproveitamento turístico dos moinhos. Apresentação de algumas fotografias, sem indicação de autor, explicitam alguns detalhes. Um conjunto de fotografias de Casimiro António Nogueira identifica os moinhos ainda em actividade, segundo os locais em que se encontram.

PEREIRA, Mário Baptista. 1991. *Lourinhã: contribuições para a sua história*, Lourinhã, Câmara Municipal da Lourinhã
Destaque para elementos constantes nos forais da vila: gado do vento, cereais, vinho, carne, pescado e mós (p. 83-86). Em capítulo sobre notícias diversas, transcreve-se um poema de Sidónio Muralha sobre a praia da Areia Branca e discorre-se sobre a história das praias do concelho (p. 109).

PEREIRA, Mário Baptista. 1999. *Atalaia: elementos para a sua história*, Lourinhã
A criação da freguesia: seus limites e localização. N. ^o Sr. ^o da Guia. Os lugares da freguesia. Apresentação

de alguns usos e costumes relacionados com a agricultura, práticas sociais, ensino, festividades e lazer. Análise de documentação diversa sobre a posse da terra no séc. XIX, referente a terras compradas, herdadas e testamentos na freguesia de Atalaia.

PEREIRA, Mário Baptista. 2000. *Lourinhã: memórias da sua região*, Lourinhã, Câmara Municipal da Lourinhã
Investigação baseada no estudo de documentação histórica referente ao período que decorreu entre os séculos XVIII e XIX, fundamentalmente no que diz respeito aos pedidos efectuados aos soberanos para obtenção da solução de diversos problemas sentidos pelas populações. Enfoque nas diversas freguesias do concelho. Encontram-se referidos, ainda que esporadicamente, acontecimentos do séc. XX. Os documentos analisados versam temas como por exemplo: obras públicas, impostos, assuntos do foro religioso, propriedades e aforamentos, consequências de fogos e inundações, actos do foro criminal, estatísticas, ofícios e doações de bens patrimoniais. Por outro lado, salientam-se informações sobre usos e costumes de determinados lugares, colhidos pelo autor noutra tipo de fontes: costumes da vindima (José Leite de Vasconcelos p. 66-67), autorização para a realização de uma feira anual (p. 73), processos de escolha do nome de uma criança (José Leite de Vasconcelos p. 102), a festa de S. Miguel no Vrmeiro (Fernanda Costa p. 135-137).

PERSPECTIVAS PARA O DESENVOLVIMENTO DA ZONA DA LOURINHÃ. 1997. Lisboa, Instituto do Emprego e Formação Profissional
Enquadramento da região na área em que se insere. Caracterização económica dos vectores considerados mais importantes para o conhecimento do concelho: espectro demográfico (condições sanitárias, educacionais e culturais). Perspectivação da população activa e panorama do mercado de trabalho. Caracterização da estrutura dos diferentes sectores de actividade. Vicissitudes e potencialidades do modelo de desenvolvimento da região da Lourinhã. Por fim, são delineadas as estratégias de desenvolvimento de acordo com os vários sectores económicos. Reproduzem-se igualmente os vários guiões de entrevista aplicados a diferentes quadrantes: escolas, cooperativas, agricultores, comerciantes, entre outros.

PIMENTEL, Alberto. 1908. *A Extremadura Portuguesa: I O Ribatejo*, Lisboa, Empreza da História da Soc. Ed.
Caracterização do concelho. Aspectos históricos, geográficos, económicos e arquitectónicos (p. 31-54). Destaque para a freguesia de Moledo a propósito da qual se refere a lenda de D. Inês de Castro. Actividades mineiras e extracção da pedra no concelho (p. 37). Agricultura p. 34, 36). Feiras e mercados (p. 38). A pesca (p. 35). Praias (p. 35). Termas e nascentes de águas termais (p. 38). Tesouros em Moledo (p. 51). Destaque para algumas fotografias, sem indicação de autor, resumindo dois aspectos da vila (p. 33; 41), o lavadouro do Poço Novo (p. 44) e a eira de Mulhelho (p. 49).

PONTE, Angela M. Almeida da; ALVES, Maria José T. da Costa. 1984. “Uma nova geração de agricultores em Torres Vedras e Lourinhã: expectativa ou realidade?”, *Estudos de Geografia Rural de Portugal*, vol. 2, Lisboa, Centro de Estudos Geográficos, p. 1-67
Trabalho coordenado por Carminda Cavaco, pretende identificar as problemáticas associadas ao futuro da actividade agrícola nos concelhos em causa. Elabora-se uma caracterização dos diferentes estratos socio-económicos presentes na região (população activa, peso da actividade comercial e dos serviços, superfície arável existente e tipo de culturas). Estudo comparativo dos dois concelhos, e destes na sua inserção na região Oeste. Levantamento da situação agrícola nas diversas freguesias, nomeadamente no que diz respeito ao número de explorações, suas dimensões, parcelamento, problemas sociais em relação ao acesso dos jovens ao património fundiário e as formas de comercialização da produção agrícola. Atitudes e comportamentos dos jovens face ao trabalho na agricultura, com base em entrevistas. Factores de mudança. O problema geracional neste sector de actividade. Apresentação de guião de entrevista e inquérito no qual este estudo se baseou. Incluem-se inúmeras fotografias com enquadramentos paisagístico-agrícolas.

RIBEIRO, António Lopes. 1940. “Monografia da freguesia do Reguengo Grande (concelho da Lourinhã)”, *Anais do Instituto Superior de Agronomia*, XI, Lisboa, Universidade Técnica de Lisboa
Trabalho premiado pelo Instituto Superior de Agronomia no ano lectivo de 1939-40, versando a agricultura da freguesia do Reguengo Grande. Estudam-se as condições económicas da freguesia, nomeadamente sob o ponto de vista agrícola, e com maior incidência ainda o frutícola (macieira). Confrontações administrativas da freguesia e sua situação privilegiada, de fácil acessibilidade a mercados como: Lourinhã, Bombarral, Óbidos, Caldas, Peniche, Torres Vedras e finalmente distando 80 Km da cidade de Lisboa. A rede de transportes que serve a freguesia. O autor salienta o exemplar aproveitamento da terra nesta freguesia. Condições orográficas

e proximidade do mar. Formas de transporte dos produtos agrícolas (gado bovino, muar e cavalari), a camioneta e o comboio. Recursos hidrológicos e sistemas de elevação de água. Utilizações diversas da água. Diferenciação entre a zona sul e a zona norte da freguesia. As áreas efectivas de cultivo. Diferenças em relação às dimensões das propriedades agrícolas. Aspectos históricos. A freguesia em vários documentos, episódios e lendas. A agricultura e as questões meteorológicas. Climatologia, temperaturas, pluviosidade, humidade, evaporação, insolação, ventos, geadas e orvalhos. Condições geológicas e pedológicas. Apresentação de elementos estatísticos recolhidos nalguns anos da década de 30. A estrutura demográfica da freguesia, sua comparação em relação ao concelho. Alguns dados referentes aos lugares da freguesia (Casal Serrano, Cezaredas, Fontelo e Reguengo Grande). Composição etária e profissional. Número e composição dos agregados familiares, taxa de analfabetismo. Caracterização do trabalho agrícola (categorias, salários, horário de trabalho, descrição de uma jornada de trabalho). Movimentos de população. Trabalhadores agrícolas provenientes de Pó (Óbidos). A estrutura e número de propriedades (por proprietário). A questão dos baldios. Modos de exploração da terra e condições de arrendamento. Tipos de exploração agrícola (vinha, trigo, milho, feijão, batata e macieiras). Desenvolvimento da questão frutícola. Observação e caracterização de diversos pomares da freguesia. Afolhamentos e rotações das culturas. Descrições das principais operações agrícolas e despesas com elas efectuadas. Exemplos da vinha, trigo, milho e batata. Lista de plantas espontâneas encontradas. As alfaias agrícolas mais utilizadas. Construções agrícolas. Criação de gado. Produtividade e preços agrícolas. A comercialização. O associativismo e a assistência técnica. Exemplos de contabilização de algumas culturas, entrando em linha de conta com as despesas realizadas e o tipo de operações levadas a cabo (trigo e vinha). Caracterização de algumas unidades economico-sociais para conhecimento do nível de vida de alguns trabalhadores agrícolas (trabalhador temporário, permanente, proprietário-jornaleiro, pequeno proprietário). Estudaram-se as condições da casa, tipo de alimentação, composição do agregado, orçamento familiar (alimentação, habitação, vestuário e calçado, aquecimento e iluminação, outras despesas). A necessidade de criação de uma unidade cooperativa vocacionada para a fruticultura. Trinta fotografias legendadas (provavelmente do autor) ilustram inúmeros aspectos agrícolas da freguesia. Destaque para a fig. 18: "As «ferrelejas» vêm ao Reguengo comprar a fruta do chão" (p. 149) onde surge um grupo de mulheres, possivelmente de Ferrel (?), que se encontram à beira da estrada com cestos e cabazes, apanhando alguma fruta do chão.

ROTEIRO DE MUSEUS (COLEÇÕES ETNOGRÁFICAS) LISBOA E VALE DO TEJO. 1997. Lisboa, Olhapim Edições O Centro de Exposições e Estudos do GEAL. Aspectos históricos. Coleções. Exposição. Bibliografia (p. 94-95). O Centro de Arte e Cultura (Museu Rural). Aspectos históricos. Coleção etnográfica. Exposição. O Museu Rural Agrícola - Casa do Oeste. Aspectos históricos. Coleção etnográfica. Exposição (p. 96-97).

ROTEIRO DO PATRIMÓNIO LOCAL: CONTRIBUTOS PARA O CONHECIMENTO DO PATRIMÓNIO DO CONCELHO DA LOURINHÃ. [1998], Lourinhã, Centro de Formação da União de Escolas da Lourinhã Realizado no âmbito de uma acção de formação contínua de professores, traduziu-se na observação dos vários tipos de património do concelho (móvel e imóvel) com o objectivo da sua divulgação. Em apreciação os edifícios de carácter religioso (caracterização, história e fotografias de elementos exteriores e interiores) e o Forte de Paimogo.

SANTA MARIA, Frei Agostinho de. [1707-1723]. *Santuário mariano e história das imagens milagrosas de Nossa Senhora, e das milagrosamente aparecidas, em graça dos pregadores, e dos devotos da mesma Senhora*, Lisboa, Off. António Pedrozo Galvão No segundo volume (1707) o autor referencia a história da imagem e milagres de N.^ª Sr.^ª dos Anjos (p. 107-110).

SANTA MARIA, Frei Agostinho de. [1707-1723]. *Santuário mariano e história das imagens milagrosas de Nossa Senhora, e das milagrosamente aparecidas, em graça dos pregadores, e dos devotos da mesma Senhora*, Lisboa, 10 vols., Off. António Pedrozo Galvão No sétimo volume (1721) o autor referencia a história da imagem e os milagres de N.^ª Sr.^ª da Piedade (p. 284-286).

SARDINHA, José Alberto. [1988]. *Recolhas musicais da tradição oral*, [s/l], Contradança, Edição discográfica Disco acompanhado de texto e fotografias sobre vários contextos musicais estremenhos. Introdução à música e dança da região. Geralmente surge a ideia incorrecta que a Estremadura é uma região considerada pobre em tradições musicais. Menor influência da música vocal. Caracterização de cada tipo de música recolhida

(contextualização, concelho e lugar de recolha, intérprete, data da recolha e fotografia). Recolhas efectuadas na Lourinhã (Serração da Velha, verde-gaio, loas a N.^a Sr.^a dos Remédios).

- SARDINHA, José Alberto.** 1996. “Contribuições para o estudo do fandango”, 5.º Congresso de Folclore do Ribatejo, Santarém, Região de Turismo do Ribatejo, p. 87-96
Informações sobre o fandango. Versão instrumental (fandango da ronda) e versão coreografada, gravadas pelo autor em Reguengo Grande. Transcrição da letra.
- SARDINHA, José Alberto.** 1997. “Portugal: raízes musicais”, *Jornal de Notícias*, C.D. n.º 5, p. 49-60
Recolhas musicais efectuadas no concelho. Designação do trecho, local e data de recolha e ocasiões em que é cantado (e/ou tocado). Por vezes, indicam-se quais os instrumentos musicais utilizados.
- SILVA, A. A. Baldaque da.** 1908. *Estado actual das pescas em Portugal*, Lisboa, Ministério da Marinha e Ultramar
Estatísticas do movimento de pesca em Porto Novo no ano de 1888 (p. 129). O movimento de pesca em 1886 (p. 419).
- VARELA, José de Sousa.** 1937. *Notas sobre a Lourinhã e o seu concelho*, Lourinhã, Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Lourinhã
Resultou duma conferência proferida pelo autor na sede da Sociedade de Propaganda Nacional. Aspectos históricos relacionados com o concelho até aos anos 30. Episódios e figuras de destaque. Os melhoramentos públicos levados a cabo por alguns autarcas, em princípios do séc. XX. Referências à forte componente agrícola do concelho, aos seus vales férteis, ao cultivo das terras “...até à crista das suas encostas...”. Os serranos da região de Cezareda. A inexistência de incultos. O trabalho apresenta diversas fotografias legendadas de aspectos patrimoniais e paisagísticos da autoria de Eduardo José de Sousa Varela e Manuel Lourenço da Luz.
- VASCONCELOS, J. Leite de.** 1931. *Opúsculos*, vol. 3 (Onomatologia), Coimbra, Imprensa da Universidade
Reedita-se este trabalho, originalmente publicado em 1922, no jornal *Comércio de Viseu*, no qual o autor organizava as recolhas relativas a nomes geográficos, posteriormente publicados em *Toponímia portuguesa*. De acordo com as investigações filológicas de J. J. Nunes, o autor refere alguns nomes de pessoas presentes na toponímia: Vimeiro (p. 398-399).
- VASCONCELOS, J. Leite de.** 1936. *Etnografia portuguesa II: tentame de sistematização*, Lisboa, Imprensa Nacional
Origem etimológica de Lourinhã (p. 623). Capítulo reeditado na Revista Lusitana (vol. 35) em 1937, inserido no artigo intitulado “Matéria filológica”.
- VASCONCELOS, J. Leite de.** 1937. “Matéria filológica”, *Revista Lusitana*, vol. 35, p. 310-316
Etimologia de Lourinhã.
- VASCONCELOS, J. Leite.** 1938. “Espécimes de etnografia por províncias”, *Boletim de Etnografia*, n.º 5, p. 30-70
Costumes relacionados com as tarefas da vindima no concelho: técnicas e rituais. Desenho de uma haste em vide na qual se marcam o número de tinas que vão para o lagar, e onde posteriormente se indicam as que efectivamente entraram no lagar (p. 57). Fotografia legendada de Mário Braga (filhos de) representa um tonel em cuja frente estão inscritos traços que indicam o número de tinas entradas no lagar. Após o seu enchimento com vinho, é feita também a marcação dos cascos vendidos (p. 58).
- VASCONCELOS, J. Leite de.** 1942. *Etnografia portuguesa III: tentame de sistematização*, Lisboa, Imprensa Nacional
A Lourinhã como parte integrante da sub-região de Torres Vedras (p. 427). A importância da vitivinicultura. Inclusão do concelho de Lourinhã numa zona de penetração e irradiação do território dos saloios segundo Alberto Pimentel (p. 437). Opinião do autor segundo a qual os habitantes da Lourinhã não se consideram saloios (p. 437-438). Designação atribuída a camponeses com determinadas características (termo pejorativo).
- VASCONCELOS, J. Leite de.** 1967. *Etnografia portuguesa V: tentame de sistematização*, Lisboa, Imprensa Nacional
Escolha do nome da criança pelos padrinhos (p. 54). O uso da pedra (p. 220). Crenças relacionadas com a criação avícola (p. 272). A caça (p. 312). Protecção dos animais (p. 415). Aspectos relacionados com as vindimas (p. 634).

- VASCONCELOS, J. Leite de.** 1980. *Etnografia portuguesa VII: tentame de sistematização*, Lisboa, Imprensa Nacional
A procissão da chuva recolhido pelo autor em Pinho Leal (vol. 8: p. 181; 376) (p. 179).
- VASCONCELOS, J. Leite de.** 1983. *Etnografia portuguesa VI: tentame de sistematização*, Lisboa, Imprensa Nacional
As pombas de telhado (p. 244).
- VASCONCELOS, J. Leite de.** 1985. *Etnografia portuguesa IX: tentame de sistematização*, Lisboa, Imprensa Nacional
O círio da Lourinhã para a Senhora dos Remédios em Peniche (p. 351; 353; 355).
- VASCONCELOS, J. Leite de.** 1988. *Etnografia portuguesa X: tentame de sistematização*, Lisboa, Imprensa Nacional
Numerais (p. 14). Alcnhas étnicas (p. 600).
- VASCONCELOS, João.** 1996. *Romarias I: um inventário dos santuários de Portugal*, Lisboa, Olhachim Edições
Em Moita de Ferreiros realiza-se em Setembro a romaria da Senhora da Misericórdia (p. 245).
- “A vida dos concelhos: Lourinhã”.** 1940. *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, Lisboa, Junta de Província de Estremadura
Dados diversos sobre o concelho: imprensa, Casas do Povo, secções do Sindicato Nacional, Grémios, Sociedades de Recreio, composição dos executivos municipais e acção das Câmaras (p. 165-166).
- VIEIRA, Alice.** 1997. *As praias de Portugal*, Lisboa, Caminho
Alusões ao quotidiano das localidades que têm as praias como pano de fundo: Porto das Barcas, Vimeiro, Santa Rita (p. 165-168). Trabalho profusamente ilustrado com fotografias de Maurício de Abreu.
- ZONA NORTE DO DISTRITO DE LISBOA: BASE DE DADOS.** [s/d.]. Torres Vedras, Câmara Municipal de Torres Vedras, Gabinete de Estudos e Planeamento (policopiado)
Estatísticas diversas sobre a região norte do distrito de Lisboa, ou seja os concelhos de Alenquer, Arruda, Cadaval, Lourinhã, Mafra, Sobral e Torres Vedras.





< Encenando a *arte xávega*, por ocasião do festival anual que afirma este tipo de pesca tradicional como marca da identidade local da Nazaré. Praia da Nazaré, 2000.

Nazaré

- ABREU, Maurício; FERNANDES, José Manuel.** 1987. *O homem e o mar: o litoral português*, Lisboa, Círculo de Leitores
No capítulo intitulado *Póvoas de marítimos e pescadores - Estremadura* mencionam-se inúmeros aspectos relacionados com a Nazaré como comunidade dependente do mar e dos seus produtos. Refere-se igualmente uma lagoa (Pederneira), outrora existente, a norte da Nazaré que também terá servido para escoar os produtos provenientes dos coutos de Alcobaça (p. 83-87). Destaque para um conjunto de fotografias, da autoria de Maurício de Abreu – a vila, o mar, a pesca.
- ALÃO, Manuel de Brito.** 2001. *Antiguidade da sagrada imagem de Nossa Senhora de Nazaré*, Lisboa, Colibri; Confraria de N.ª Sr.ª de Nazaré
Edição literária da responsabilidade de Pedro Pentead, duma obra publicada originalmente em 1628. Contribuição importante para a memória associada à história do santuário de N.ª Sr.ª de Nazaré. Segundo o editor, a obra de Brito Alão permite como nenhuma outra analisar o conjunto das motivações orientadoras dos peregrinos e seu relacionamento com o sagrado, práticas e rituais festivos e as formas de poder associadas aos santuários, além de se constituir como uma inegável fonte sobre o quotidiano do santuário e da própria comunidade.
- ALDEMIRA, Luis Varela.** 1940. *Alcobaça ilustrada: um estudo crítico/programa, relatório e estampas*, Lisboa, Terceira Missão Estética de Férias
Algumas obras realizadas durante a Terceira Missão Estética de Férias (Alcobaça, 1939) referem-se a Alcobaça e Nazaré. Foram tratados alguns aspectos patrimoniais, paisagísticos, etnográficos, conforme fotografias legendadas no final do trabalho.
- ALGUNS NÚMEROS DEMONSTRATIVOS DA NECESSIDADE DE CONSTRUÇÃO DE UM PORTO DE ABRIGO NA NAZARÉ**
Estatísticas das pescas (número de pescadores, dias de trabalho, pescadores inscritos, valor do pescado e número de embarcações).
- ALMEIDA, Raul de.** 1953. “Círios estremenhos: o Círio de N.ª Sr.ª da Nazaré: Círio da Prata Grande”, Mensário das Casas do Povo, n.º 90, p. 8-9
Relato do aparecimento da imagem de N.ª Sr.ª da Nazaré e sobre a origem histórica do círio a ela associado (povoações integrantes). As festas durante os anos 50 (momentos e participantes). Ordem actual dos intervenientes no círio.
- ANDRADE, A. M.** 1940. “As comemorações nos concelhos da província estremenha”, *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, p. 62-74
As comemorações do Duplo Centenário na Nazaré (p. 69).
- ARRIAGA, Noel de.** 1962. *Alcobaça, Nazaré, Batalha, Leiria, Fátima, Lisboa*, Olisipo Editorial de Publicações Turísticas
Roteiro turístico de um itinerário de Lisboa a Alcobaça, Nazaré, Batalha, Leiria e Fátima. Aspectos históricos, paisagísticos e arquitectónicos relacionados com estes locais. Anexo fotográfico sobre o património monumental e algumas fotografias da praia da Nazaré e da faina da pesca com ela interligada.

BAITEL, Esaias. 1980. *Nazaré*, Laholm, Trydells

Album de fotografias sobre a Nazaré com texto dinamarquês do antropólogo Jan Brogger. O artista pertence à escola do fotógrafo Cartier-Bresson. Predomina o elemento humano nas fotografias. Deu-se igualmente atenção à faina da pesca e ao quotidiano dos pescadores e suas mulheres, na praia e em locais de sociabilidade (tabernas, a própria praia como espaço de lazer do pescador, os festejos carnavalescos). Apesar de ter consultado um exemplar policopiado, fui informada da existência de original na Biblioteca da Fundação Calouste Gulbenkian.

BAPTISTA, Isabel Aldegundes da Silva. 1942. *A bacia do Alcôa* (policopiado)

Dissertação de licenciatura em Ciências Geográficas na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Nas duas partes iniciais efectua-se um levantamento das condições naturais da região. Segue-se-lhe os recursos do solo e sub-solo (a agricultura e os recursos hidrológicos). Foca-se a pesca na Nazaré (sua evolução e características). Principais técnicas de pesca, valores do pescado, espécies capturadas, locais de venda do produto e situação do sector na década de 40. Evolução demográfica do concelho. As migrações. Dados sobre as características físicas do pescador, condições de vida, relações entre os sexos, tempos de trabalho e de lazer, a habitação tradicional, o traje e a alimentação. Redes de acessibilidade. Inúmeras fotografias legendadas da década de 40 (da autora ?).

“Barcos de Portugal”, *Vida e Arte do Povo Português*. 1940, Lisboa, Secretariado de Propaganda Nacional, p. 53-63

Referência ao desaparecimento das últimas companhias da sardinha em algumas localidades, como a Nazaré, devido às traineiras a gasolina e arrastões (p. 56). O catraio ou chata da xávega como embarcação característica da costa da Nazaré (p. 62).

BARNELL, J. D. 1957. **“Barcos de Nazaré”, *Seleções do Reader's Digest***, tomo XXXI, n.º 184

Fotografia de capa cuja legenda pode ser encontrada na contracapa da mesma revista. Alusão à lenda e milagre de N.ª Sr.ª da Nazaré.

BOGA, Pe. Mendes. 1934. *D. Fuas Roupinho e o santuário da Nazaré*, Lisboa, imp. Lucas & C.ª

Trabalho sucessivamente reeditado, contando mesmo com uma tradução em língua francesa (1961). Atento à importância que o culto a N.ª Sr.ª da Nazaré tem para a população daquele local, o autor conta o milagre de D. Fuas Roupinho associado à Virgem da Nazaré. Refere autores que se dedicaram ao estudo do santuário, caracteriza a capela-mor e o seu património, discorre sobre os círios e o Sítio.

Boletim da Junta de Província de Estremadura. 1939.

Brasão d' armas da Nazaré (p. 92).

Boletim da Junta de Província de Estremadura. 1948. n.º 17

Fotografia da autoria de Eduardo Portugal: “Nazaré - gente do mar” (p. 129).

BORGES, António. 1960. *Ai Nazaré, Nazaré!...*, Nazaré, Tip. Borges

Versos ilustrados por António Rafael sobre a Nazaré.

BORGES, António. 1992. *O neto do faroleiro*, 2.ª ed., Alcobça, Tip. Alcobacense

Romance com a praia da Nazaré por palco da narrativa.

BRANDÃO, Raúl. 1923. *Os pescadores*, Paris; Lisboa, Aillaud e Bertrand

Texto de estilo literário, exaltando memórias do autor sobre o mar, os pescadores e a faina da pesca. Relato sobre a Nazaré (1923 p. 219-241): sua paisagem humana, casario, a Pederneira, o Sítio e a faina da pesca (o carrego do peixe na praia, as juntas de bois a puxar os batéis, as armações à valenciana, as chatas, netas, lanchas, os nomes das embarcações, número de batéis matriculados na capitania, o rendimento do peixe, as redes, o traje da Nazaré, os nomes dos pescadores, benzeduras dos barcos, naufrágios, assistência e solidariedade social, espécies capturadas). Terminologia e técnica associadas à pesca com as embarcações designadas por chata e neta (a participação de todos: homens, mulheres, crianças), a arte xávega. O papel da mulher: o traje, o trabalho, o carácter, a preparação dos alimentos e concepções sobre a vida e a morte. O Sítio, silencioso devido à ida dos homens para a pesca do bacalhau.

- BRAZÃO FILHO, Eduardo.** 1928. *Maria do Mar*, Lisboa, J. Rodrigues e C.³
Romance cuja narrativa decorre na Nazaré. Ilustrações de Arlindo Vicente. Terá inspirado o filme de Leitão de Barros (1930) com o mesmo nome.
- BRILHANTE, António.** 1903. *Vida do mar*, Alcobaça, imp. Typ. de António Miguel d' Oliveira
Romance sobre pescadores da Nazaré.
- BROGGER, Jan.** 1990. *Pre-bureaucratic europeans: a study of a portuguese fishing community*, Oxford, Oxford University Press
Estudo de Antropologia Social sobre a comunidade piscatória da Nazaré, centrada tradicionalmente num sistema familiar dominado pela mulher. A história da Nazaré. Aspectos da mudança a partir dos anos 70. No capítulo sobre o casamento e a estrutura familiar focam-se diversos aspectos, como a dominância da mulher, o estabelecimento do grupo doméstico, o tipo de residência e a vida familiar. Seguidamente, analisa-se o comportamento social (atitudes sociais, o traje, as crianças, o Carnaval). A crença no sobrenatural e a matrilinearidade. A cura e a crença (a modernização das crenças). As artes da pesca (organização social das companhias; atitudes face às organizações formais). Fig. 4/9 Desenhos sobre a tipologia das embarcações, a rede da arte xávega, vários tipos de rede para pesca e o espinéu. Indicação de terminologia específica. Fig. 11 Chifres usados, presos aos radares, como talismã nas traineiras (p. 114). Exemplo da coexistência das crenças tradicionais com as novas tecnologias.
- BROGGER, Jan.** 1992. *Pescadores e pés-calçados*, Nazaré, Livraria Susy
Tradução da obra do mesmo autor (1990).
- BROGGER, Jan; GILMORE, David D.** 1997. "The matrifocal family in Iberia: Spain and Portugal compared", *Ethnology*, Pittsburgh, vol.36(1), p. 13-30
Estudo comparativo sobre a matrifocalidade na Nazaré e na Andaluzia. Dominância feminina em todas as esferas do quotidiano público da Nazaré. Divisão sexual do espaço na comunidade (mar/terra). O traje da nazarena (mulher e mãe de pescadores) como demarcação identitária. Confrontos na rua, ao contrário da Andaluzia, são usuais entre mulheres. A casa é um domínio feminino, assim como a gestão do dinheiro. A estrutura familiar característica é a família extensa matrilinear. A residência após o casamento também é vulgarmente matrilinear. Os padrões emigratórios das zonas relacionadas com a pesca caracterizam-se por serem projectos familiares (e não individuais). Conclui-se que a forte posição da mulher e a sua autoridade na Nazaré tem a ver com a insegurança da pesca e com o desemprego sazonal imposto aos pescadores pelos rigores climáticos do Inverno, além da mulher exercer um controle dos recursos e de deter uma razoável rede de contactos. A divisão sexual do trabalho esboça estereótipos de género. O referente ecológico/económico parece ser o mais relevante para a força das mulheres também exteriormente ao espaço doméstico.
- CAETANO, Orlando.** 1989. "Manifestações culturais de tristeza e de alegria na praia da Nazaré", *Jornadas de Antropologia e Etnologia*, Leiria, Escola Superior de Educação de Leiria, p. 103-108
Comunicação resultante da entrevista a três nazarenos em 1980 sobre o conceito de tristeza, morte e rituais funerários, alegria e crenças relacionadas com a pesca. Algumas festividades e jogos tradicionais (S. Brás, Carnaval, Quinta-Feira de Ascensão, santos populares e ida ao Bom Jesus do Carvalhal).
- CANECO, José António.** 1996. "Receita preventiva", 4.^{as} *Jornadas de Cuidados de Saúde Primários de Alcobaça/Nazaré*, Nazaré, Núcleo Coordenador dos Médicos da Carreira de Clínica Geral do Distrito de Leiria
Episódio relacionado com atitudes e comportamentos face à saúde e à doença na sociedade tradicional.
- CANECO, José António.** 1998. "As sementes da bicha", 5.^{as} *Jornadas de Cuidados de Saúde Primários de Alcobaça/Nazaré*, Nazaré, Núcleo Coordenador dos Médicos da Carreira de Clínica Geral do Distrito de Leiria
Relato de episódio relacionado com cuidados de saúde durante a década de 40, permitindo vislumbrar atitudes e comportamentos face à saúde e à doença na sociedade tradicional.
- CANECO, José António.** 1999. *Nazaré: tradição e história*
Aspectos históricos ligados ao estabelecimento da população da Nazaré, a chegada dos ilhavs. Homens e mulheres: duas realidades sociais. Importância da pesca na comunidade. Tecnologia tradicional associada à faina pesqueira (embarcações, armações e diferentes tipos de espécies capturadas). Outros locais de pesca

não marítima. Relação dos nazarenos com Peniche e Matosinhos. Tempos de lazer, espaços de sociabilidade. *Fazer as contas*. Primeiras formas de assistência social. Lista de efemérides. Lista de autores das fotografias (p. 56).

CARDOSO, Leonel P. 1936. “A minha terra”, *Ferro Velho*, Lisboa, imp. Lucas e C.^a, p. 129-162

O mercado do peixe (p. 146-148). Destaque para duas fotografias do autor, focando aspectos como o mercado do peixe e o processo feminino de amanho do peixe na praia.

CARDOSO, Nuno Catharino. 1945. “Armas municipais do distrito de Leiria e a evolução que sofreram”, *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, n.º 8, p. 127-134

Descrição dos vários elementos constituintes das armas antigas e à data da edição do artigo. Listagem alfabética dos elementos que surgem nas armas. Reproduções de alguns brasões d'armas sem indicação de proveniência.

CARNAVAL DA NAZARÉ 1980: QUEM TIVER PERNAS É QUE AGUENTA. 1980. Nazaré, [s/n.]

Roteiro da vila, indicação dos principais locais a visitar, património, belezas paisagísticas. Referências publicitárias a inúmeros estabelecimentos, serviços e programa dos festejos carnavalescos.

CARVALHO, Maria Helena de. 1962. “Um fim de semana por terras da Estremadura”, *Vida Ribatejana*, n.º especial, p. 153-158

A lenda de D. Fuas Roupinho. O trajar da Nazaré. Várias fotografias sem indicação de autor, com destaque para algumas imagens da vida da Nazaré.

CARVALHO, Maria João Correia Andrade de. 1975. *A lota da Nazaré: tradição e mudança*, Lisboa, [Faculdade de Ciências Sociais e Humanas] (policopiado)

Dissertação de licenciatura em Antropologia. Aspectos histórico-geográficos da Nazaré mais interligados com a faina da pesca. A pesca tradicional. A evolução da lota: da praia a edifício próprio. Pormenores da comercialização do pescado ao longo do tempo. Terminologia específica. A pesca do bacalhau. A apanha do meixão. Intervenção da autarquia na compra do terreno para a instalação da lota. Interligação entre a lota e o pescador. Os compradores. Redes de sociabilidade associadas à lota. O produto comercializado (quantidades, valores, espécies). Variações mensais e anuais. Adagiário relacionado com a pesca. Superstições e crenças ligadas ao mar. A construção das embarcações. Os pescadores e suas companheiras. Associativismo na pesca. Rivalidades entre os habitantes das diferentes zonas da Nazaré. A lota nova: redefinição do funcionamento tradicional (diferentes fases do processo até à comercialização). A questão da construção do porto de abrigo. Factores de mudança: tecnologia e política pesqueira. As potencialidades do turismo e a sua influência na vida económica da vila. O trabalho inclui originalmente diversas fotografias cuja legendagem ainda pode ser observada, mas que foram posteriormente retiradas do exemplar consultado.

CASTILHO, António Feliciano de. [1987]. *A Senhora da Nazareth*, Nazaré, Xácara, Biblioteca da Nazaré (policopiado)

Poemas sobre a Sr.^a da Nazareth extraídos do livro *O Outono* (Lisboa, Livraria Moderna, 1905).

CATÁLOGO DO MUSEU ETNOGRÁFICO E ARQUEOLÓGICO DO DR. JOAQUIM MANSO. 1976. Nazaré, Museu Etnográfico e Arqueológico do Dr. Joaquim Manso

Coordenado por João Saavedra Machado. Descrição das peças exibidas nos vários sectores do Museu (vida infantil, religião, superstição, alimentação, casa e seu arranjo, trajos da Nazaré, profissões várias, vida social, vida intelectual, a pesca, espólio arqueológico). Em relação ao património etnográfico destaque para os artefactos da pesca (redes, miniaturas de embarcações e outros). As peças foram identificadas com a sua designação genérica, número de inventário, material, data de aquisição e dimensões, e estão organizadas segundo o seu doador. Em anexo apresenta-se a lista de diapositivos disponíveis no Museu, uma nota biográfica de Joaquim Manso, lista de doadores e reproduções fotográficas de peças e salas de exposição.

CHAVES, Luís. 1937. “Pantomimas, danças e bailados populares”, *Revista Lusitana*, vol. 35 (1-4), p. 140-154

As loas dos cirios ao santuário de N.^a Sr.^a da Nazaré, inseridas no conjunto de clamores salientados pelo autor a nível nacional (p. 146).

- CHAVES, Luís.** 1943. “Etnografia estremenha: o lenço na cabeça”, *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, n.º 4, p. 407-413
Breve referência às formas do chapéu envergado pela mulher nazarena.
- CHAVES, Luís.** 1944. “Políptico estremenho da virgem”, *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, n.º 5, p. 83-97
A imagem da Senhora da Nazaré: iconografia, aspectos históricos e mitologia.
- CHAVES, Luís.** 1969. “A gente do Tejo e a gente do mar”, *Boletim Cultural da Junta Distrital de Lisboa*, n.º 71-72, p. 47-81
Em capítulo específico disserta-se sobre diversas comunidades piscatórias, nomeadamente a Nazaré e Peniche. Referências em autores portugueses. Tipos de embarcações. As praias. Nossa Senhora da Nazaré e o sítio da Pederneira. Aspectos históricos (p. 71-81). Destaque para um conjunto de fotografias cedidas pela Comissão Municipal de Turismo da Nazaré onde são retratadas diversas capelas da Nazaré e uma representação tradicional da Sr.ª da Nazaré (p. 73-78).
- COELHO, Adolfo.** 2000. *Digressões gastronómicas no país das uvas*, [Lisboa], Publicações Chaves Ferreira
Compilação de textos do autor, originalmente integrando a publicação *Informação Vinícola* (1938-1939), propriedade da Junta Nacional do Vinho, a convite de António Batalha Reis. Os artigos referem-se ao enquadramento paisagístico e económico de vários concelhos do país, nomeadamente da região oeste. O trabalho inclui igualmente um conjunto de fotografias recolhidas, segundo a nota introdutória, pelo Serviço de Informação da Junta Nacional do Vinho. Estas não se encontram legendadas, nem contextualizadas, mas referem-se possivelmente ao período no qual a *Informação Vinícola* foi publicada (1938-62). Informação sobre Nazaré (p. 51-55).
- COELHO, P. M. Laranjo.** 1924. “A Pederneira: apontamentos para a história dos seus mareantes, pescadores, calafates e das suas construções navais nos séculos XV a XVII”, *O Archeólogo Português*, Lisboa, vol.25, p. 3-54
História da comunidade da Pederneira. A importância da construção naval local. O trabalho finaliza com algumas explicações sobre a decadência da Pederneira e o crescimento da importância da Praia com o fervilhar da faina pesqueira (designações das embarcações, terminologia da pesca, técnicas e espécies capturadas). Diversas fotografias, sem indicação de autor, revelam aspectos da praia da Nazaré, a antiga vila da Pederneira, pescadores e embarcações na faina da pesca (barca, batel, companhia de xávega), e paisagens marítimas.
- COMO TRAJAVA O POVO PORTUGUÊS.** 1991. Lisboa, INATEL
O quotidiano na Nazaré (p. 108-109).
- CORREIA, Maria Leonor Cardoso Leão.** 1965. *Nazaré: a pesca e o homem*, Lisboa, ed. de autor (policopiado)
Dissertação de licenciatura em Geografia. Monografia sobre a Nazaré. Geomorfologia, clima, oceano. A história e a lenda. A pesca e a indústria de conservas de pescado. Processos de pesca, equipamentos, as artes de pesca. Evolução da actividade. A indústria associada à pesca. O comércio e o turismo (factores com alguma relevância económica). Aspectos demográficos. A habitação. Alimentação e vestuário.
- COSTA, Jorge Felner da.** 1958. “O problema regional de turismo das Caldas da Rainha”, *Perspectivas do Turismo Regional*, Caldas da Rainha, [Museu Provincial José Malhoa]
A hipótese de criação da Região de Turismo das Caldas da Rainha e quais os concelhos a integrá-la (Óbidos, Peniche, Nazaré, Alcobaça e Bombarral).
- COSTA JÚNIOR.** 1943. “Pescadores da Nazaré”, *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, n.º1, p. 65-69
Alguns apontamentos sobre a vida dos pescadores da Nazaré (forma de vestir, crenças, o estatuto da mulher do pescador e a morte). Identificam-se os vários tipos de embarcações e algumas técnicas de pesca. Numa fotografia de Manuel Seixas retrata-se duas gerações de pescadores da Nazaré (p. 67).
- CRESPINO, António Lucas Tavares.** 1871. *Cambiantes de amor*, Porto, Typ. do Commercio do Porto
Romance oitocentista com diversas alusões a Alcobaça, Pederneira e Sítio da Nazareth.

CRUZ, Frederico. 1946. *Fainas do mar*, Lisboa, Clássica Editora

Se bem que não seja dedicado especificamente ao estudo da pesca na Nazaré, interessará a quem pretender aprofundar aspectos ligados aos diferentes processos de pesca e situação desta na década de 40.

DIEUZAIDE, Jean. 1998. *Portugal 1950*. Toulouse, En Vues

Album fotográfico/catálogo de exposição com texto de Eduardo Lourenço. As fotografias do autor retratam um pouco da sua vivência em Portugal da década de 50. São focados aspectos fundamentalmente ligados à pesca na Nazaré. Encontram-se fotografias sobre a Nazaré nas seguintes páginas (32, 37, 45, 47-48, 59-60, 62-64, 66, 68, 71, 73, 92).

EÇA, Maria Natália Almeida d'. 1995. *Roteiro artesão português: Estremadura*, Porto, ed. do autor

Roteiro das artes e ofícios tradicionais existentes na Estremadura e organizado por concelhos. Referências aos nomes dos artesãos e contactos dos seus locais de trabalho. Inúmeras fotografias retratando interiores das oficinas, peças, matéria-prima, os artesãos a trabalhar.

EÇA, Vicente M. M. C. Almeida d'. 1908. "As pescas em Portugal: as salinas", *Notas sobre Portugal I*, Lisboa, Imprensa Nacional, p. 269-286

A situação das pescas e salinas em Portugal. Classificação dos diferentes tipos de pesca. Técnicas de pesca. Os trabalhadores. Principais espécies capturadas. Designação das principais embarcações. Estatísticas dos pescadores. Aspectos ligados às condições sociais em que estes vivem (emigração e trabalho sazonal). A indústria pesqueira (estatísticas). Os principais portos de pesca no início do séc. XX em Portugal. A preparação industrial do pescado e sua comercialização. A salinicultura. Partes componentes de uma salina. Tipologia das salinas. Os trabalhadores. A pesca fluvial (principais rios, espécies capturadas e estações aquícolas).

ELEVAÇÃO DA POVOAÇÃO DE VALADO DOS FRADES A VILA. 1991. Valado dos Frades, Junta de Freguesia de Valado dos Frades; Câmara Municipal de Nazaré

Brochura comemorativa da elevação da povoação a vila. Pequena resenha histórica, etimológica, demográfica e económica. As infra-estruturas de apoio à população. Textos e legendas de Hélio Coelho Matias. Fotografias de António Balau.

EMBARCAÇÕES TRADICIONAIS DA NAZARÉ: EXPOSIÇÃO. 1988. Nazaré, Museu da Nazaré

Catálogo em versão policopiada da exposição de miniaturas patente no Museu da Nazaré de 18 de Maio a 30 de Setembro de 1988. Apresenta-se a designação da embarcação, o tipo de pesca a que se destina, o número de registo na Capitania, nome, dimensões, cor, características gerais, escala e alguns apontamentos históricos.

ENCONTROS COM O MAR: ARTES DE PESCA. 2000. Lisboa, IPM

Catálogo de exposição realizada no Museu Etnográfico e Arqueológico do Dr. Joaquim Manso. A cultura marítima portuguesa nos seus mais diversos aspectos. A actividade da pesca e as mutações no quadro económico da Nazaré, nos processos tradicionais de captura e na mecanização das suas artes. As embarcações tradicionais (designação própria) e as artes que se lhe relacionam. Acessórios diversos. A Pederneira como centro histórico da construção naval. Legendas das peças expostas, constando o tipo de embarcação, nome, características principais, artes de pesca em que era utilizada, dimensões e carga, colecção de proveniência e número de inventário. Confecção e tipologia das redes. Espécies capturadas e outras formas de capturar alternativamente às redes. Ilustrações de J. Almeida e B. d' Oliveira. Fotografias de diferentes fases da faina da pesca nos princípios do séc. XX, por Álvaro Laborinho e António de Almeida.

ENCONTROS COM O MAR: MARCAS DO MAR. 2000. Nazaré, Museu Etnográfico e Arqueológico Dr. Joaquim Manso

Catálogo integrado no ciclo de exposições *Encontros com o Mar*, pretende salientar o valor do património cultural de cariz marítimo em Portugal, nas suas várias vertentes: arqueológica, etnográfica, artística, científica e técnica. O mar na obra de diversos autores e em diferentes épocas. Apresentação de diversos trechos do livro de Miguel Torga *Diário* (1943). A filmografia nacional contou ainda com alguns exemplos de películas que versaram sobre a Nazaré (p. 6-7). Peças do domínio arqueológico encontradas no concelho (p. 8-9). Festividades marítimas (p. 10). Milagres e registos de santos associados à Nazaré (p. 11-12). A construção

naval: aspectos históricos, os estaleiros, o espólio do Museu da Nazaré (p. 13-21). O traje tradicional nazareno: designação das peças expostas, características, doador, último utilizador, dimensões, número de inventário (p. 22-28). Artistas plásticos que retrataram o mar (p. 29-30). Miniaturas de embarcações (p. 30-31): designação da peça, material, dimensões e número de inventário. O mar na azulejaria. Exemplos de edifícios com esse tipo de decoração. Das diversas fotografias patentes na exposição, o catálogo destaca, de Álvaro Laborinho, uma imagem do Forte de S. Miguel (1930) (p. 6) e fotografias sobre a pesca na Nazaré, publicadas no *Notícias Ilustrado* em 1928 e 1930.

ESCALLIER, Christine. [1995 ?]. *L' empreinte de la mer: identité des pêcheurs de Nazaré-Portugal. Ethnologie d' une communauté de pêcheurs*, Nanterre, Univ. Paris-Nanterre, 4 vols. (policopiado)

Tese de doutoramento em Etnologia na Universidade Paris X-Nanterre com cerca de 1000 páginas organizadas em 4 volumes. A observação do seu índice permitiu identificar os seguintes aspectos abordados. Pretende analisar-se a interligação das técnicas com as estruturas sociais. Aspectos históricos relacionados com o estabelecimento da Nazaré, dos seus diversos núcleos populacionais e das migrações dos pescadores oriundos de Ilhavo. Caracterização do meio marinho e das espécies que o povoam. Completo levantamento da frota de pesca, desde finais do séc. XIX até aos nossos dias (embarcações, métodos de construção, modos de identificação, decoração), terminologia marítima, as influências estrangeiras no vocabulário marítimo português. Formas evolutivas das técnicas e processos de pesca (mecanização). A constituição e organização das tripulações (formas de recrutamento, proveniência, mobilidade, sociabilidade e conflitos). Práticas associadas à remuneração do trabalho dos pescadores. Sistemas de assistência social. Técnicas de pesca (recurso a terminologia específica). Os usos e as representações como formas de identificação e apropriação do espaço marinho. Transmissão de saberes: tipos de aprendizagem. Evolução e mudança nos processos de pesca (pesca da sardinha, captura de peixes nobres, crustáceos, a pesca fluvial e a pesca de lazer). Grandes mutações no espaço portuário (a construção do porto de abrigo). As crises, as flutuações do mercado e as políticas pesqueiras. As profundas alterações na Nazaré induzidas por uma nova política de pesca: relançamento da actividade, a aprendizagem da pesca em meio escolar. A redistribuição dos papéis no domínio económico. Alterações no estatuto social da mulher. O surgimento do turismo. Este extenso trabalho é apoiado por inúmeras fotografias, documentação anexa, mapas, quadros, gráficos e uma bibliografia sobre pesca em Portugal, além de ter resultado de uma demorada estadia da autora na comunidade de estudo. Encontra-se neste momento em fase de tradução para português.

ESCALLIER, Christine. 1999. "O papel das mulheres da Nazaré na economia haliêutica", *Etnográfica*, vol. 3(2), p. 293-308

Salienta-se o papel histórico da mulher na economia da pesca. Predomínio das tarefas relacionadas com o mar, embora realizadas em terra, e fora da esfera do homem (desembarque, transformação e comercialização do pescado). Obtenção de rendimentos mais estáveis como apanágio do trabalho das mulheres. Recurso a outras actividades complementares, como é o caso do turismo.

ESTREMADURA. [s/d.]. Lisboa, Livraria Bertrand

Trabalho compilado por Urbano Tavares Rodrigues. Sobre a pesca e os pescadores escreveu Raul Brandão. "A chata e a neta" caracteriza estes tipos de embarcação (p. 98-102). Seguem-se-lhe duas crónicas, uma sobre o papel da mulher nas comunidades piscatórias e outra sobre o Sítio. Branquinho da Fonseca em *Mar Santo* retoma o assunto dos barcos da Nazaré (p. 192-196). Inclui uma fotografia de um aspecto da praia, vista do Sítio (p. 193).

EXPOSIÇÃO INVASÕES FRANCESAS E A NAZARÉ: UM MOMENTO TRÁGICO PARA O PATRIMÓNIO NACIONAL. 1997. Nazaré, Museu Etnográfico e Arqueológico do Dr. Joaquim Manso (policopiado)

Textos da exposição realizada no Museu da Nazaré (1997-98). A exposição refere-se ao período conturbado das Invasões Francesas e suas conseqüências para a região da Nazaré. O saque ao santuário de N.ª Sr.ª da Nazaré. Integrou a exposição, espólio do Museu da Nazaré e do Museu Militar de Lisboa, nomeadamente fotografias, gravuras e mapas. Descrição cronológica dos principais factos históricos relativos a este período. Transcrição de alguma documentação histórica e reproduções de fotos exibidas na exposição.

FELGUEIRAS, Guilherme. [s/d.]. "Teatro", *A Arte Popular em Portugal*, vol. 2, Lisboa, Verbo, p. 281-324

De entre os cirios mais importantes destaca-se o de Nossa Senhora da Nazaré (ou da Prata Grande). Caracterização de alguns momentos e participantes (p. 310).

- FELGUEIRAS, Guilherme.** 1939. “O traje regional estremenho”, *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, p. 39-43
Descrição de vários aspectos do traje e acessórios tradicionais da Estremadura. Indicação de regionalismos linguísticos relacionados com o tema. Inclui fotografia de pescadores da Nazaré (p. 43).
- FELGUEIRAS, Guilherme.** 1943. “Tradições religiosas: os círios estremenhos”, *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, n.º 1, p. 77-86
Descrição geral de um círio através da indicação dos elementos componentes (juiz, tesoureiro, mordomos, pendões, procissões, as loas e o arraial). História dos três círios estremenhos mais representativos (N.ª Sr.ª da Nazaré, N.ª Sr.ª da Atalaia e N.ª Sr.ª do Cabo). Localidades de proveniência dos círios que acorrem à romaria da Senhora da Nazaré. Aspectos históricos. Transcrição de uma crónica de 1886, da autoria de Mariano Pina, sobre a deslocação de um círio das Caldas da Rainha para a Nazaré.
- FELGUEIRAS, Guilherme.** 1948. “O estudo da literatura popular e das tradições orais estremenhas”, *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, n.º 18, p. 289-299
Breve apresentação da lenda de D. Fuas Roupinho entre outras lendas religiosas, históricas e cavaleirescas (p. 290). Transcrição de cantiga de índole geográfica (p. 298).
- FELGUEIRAS, Guilherme.** 1948. “O estudo da literatura popular e das tradições orais estremenhas V: romanceiro estremenho”, *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, n.º 19, p. 409-423
Transcrição de quadra para cantiga ao despique recolhida em Valado de Frades.
- FELGUEIRAS, Guilherme.** 1950. “O estudo da literatura popular e das tradições orais estremenhas VIII”, *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, n.º 24-25, p. 365-396
Quadras do cancioneiro popular recolhidas em Casal do Bispo (p. 391).
- FELGUEIRAS, Guilherme.** 1959. “Do gorro da nobreza ao garrucho da plebe”, *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, n.º 50-51-52, p. 175-188
Estudo de um adereço do vestuário popular. Aspectos históricos. Referência aos pescadores da Nazaré (p. 186). Destaque para fotografia, sem indicação de autoria, dum pescador envergando um barrete, do qual Guilherme Felgueiras, denota o exagero da borla (p. 185).
- FERNANDES, Ana Cristina D.** 1991. *A cegada nazarena: análise de um discurso crítico*, Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (policopiado)
Trabalho de investigação apresentado no âmbito do Seminário de Investigação da licenciatura em Antropologia da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Aspectos históricos e geográficos da vila da Nazaré. O Carnaval na Nazaré. O fenómeno das cegadas (espaços, elementos, composição e personagens). Quadro social: os homens, as mulheres, os espaços de sociabilidade, o poder feminino na esfera familiar e económica.
- FERNANDES, Vasco da Gama.** [s/d.]. “A Nazaré e o seu porto”, *Seara Nova*, Lisboa, n.º 961
Razões da necessidade da construção de um porto de abrigo na Nazaré.
- FERREIRA, Vitor Wladimiro.** 1996. *Júlio César Machado no Oeste: antologia de textos de Júlio César Machado*, Bombarral, Museu Municipal do Bombarral
Textos literários de Júlio C. Machado onde se relata a vida social, económica e religiosa da região. Impressões sobre um grupo de banhistas no areal da Nazaré (p. 8); a praia da Nazaré e a moda dos banhos (p. 16-17); as famílias ilustres passam o Verão a banhos na Nazaré (p. 86); a praia, a venda de peixe e os banhistas (p. 90). O Sítio e a lenda a ele associada (p. 11). O jogo do pau e as lições dadas durante o Verão (p. 11; p. 88). O uso do varapau pelos homens (p. 13). As festividades na Nazaré ao longo do ano: romarias, representação de autos (p. 9-18; 21-24). O Círio da Prata Grande (p. 10; 86; 88-90; 109-112). As loas cantadas por ocasião do círio (p. 12; 89). As promessas a N.ª Sr.ª da Nazaré (p. 90). Relata-se um encontro de Júlio César Machado com uma companhia de teatro ambulante que se deslocava em cortejo (p. 13; 17-18). O teatro da Nazaré e o hábito de os espectadores assistirem às peças com o varapau na mão e serem muito barulhentos (p. 13; 89). As touradas (p. 14; 89). O mercado de peixe (p. 17; 90). Os ofícios ambulantes de arrieiro, almocreve e peixeiro (p. 17; 134). Uma bebida designada sangria (p. 134). O mito de origem da qualidade da sardinha da Nazaré e sua relação com a qualidade da sardinha de Peniche (p. 134-138).

FESTAS DE S. SEBASTIÃO, FESTAS DAS CHOURIÇAS. 1999. Valado dos Frades, [s/n.]

Programa das festas celebradas anualmente no mês de Janeiro em Valado dos Frades.

IV FESTIVAL DO TRAJE DA NAZARÉ. 1962. Nazaré, Comissão Municipal de Turismo

Programa do Festival do Traje nazareno (habitualmente realizado na Páscoa). Indicação das principais actividades (concurso aberto a toda a população, desfile de *actividades típicas* e outras actuações). Festival patrocinado pelo Secretariado Nacional de Informação. A biblioteca consultada possui ainda os programas relativos aos anos de 1963 e 1964.

FILGUEIRAS, Octávio Lixa. [s/d.]. “**Barcos**”, *A Arte Popular em Portugal*, vol. 3, Lisboa, Verbo, p. 341-403

Os barcos, netas e lanchinhas da Nazaré e S. Martinho do Porto (p. 383-385), assim como os barcos de fundo chato (lanchinhas p. 398). Salienta-se duas fotografias, sem indicação de autor, relativas a embarcações (proa de netinha p. 382) e barco do candil (p. 383).

FILGUEIRAS, Octávio Lixa. 1980. “**Barcos de pesca de Portugal**”, *Revista da Universidade de Coimbra*, Coimbra, vol. 28, p. 343-426

A pesca em Portugal (elementos históricos, geográficos e ambientais). Profissões relacionadas. Caracterização regional. A zona central (os casos da Nazaré e Lagoa de Óbidos). Tipos de embarcações (designações locais, dimensões, tonelagem, número de elementos, tipo de pesca onde é utilizada). Caracterização dos portos de pesca (Nazaré, S. Martinho do Porto e Peniche). Os barcos de pesca do alto.

FILGUEIRAS, Octávio Lixa. 1981. *Os barcos da Nazaré no panorama da nossa Arqueologia Naval: pré-aviso sobre acções cautelares a promover nas zonas portuárias dos coutos de Alcobaça*, Lisboa, Centro de Estudos de Marinha

Resultado de algumas palestras e conferências sobre investigação do património da região de Alcobaça. As fronteiras entre a Arqueologia Naval e a documentação etnográfica. As embarcações tradicionais em vários autores e seu historial (Baldaque da Silva e Laranjo Coelho). Tecnologia associada à construção de embarcações. Hibridismo com outras regiões mediterrânicas. Transcrição de notícia de 1977 sobre os projectos governamentais para beneficiar os portos de Peniche e Nazaré. Notícias sobre vestígios de Arqueologia Naval encontrados em vários locais da região. Versão em inglês e francês. Em anexo podem apreciar-se alguns planos de diversas embarcações, com a informação da sua designação e algumas fotografias legendadas do autor. Surgem também nas fotografias alguns pescadores.

FONSECA, Branquinho da. [s/d.]. *Mar santo*, Mem Martins, Publicações Europa-América

Texto de cariz literário, contendo alusões à Nazaré.

FONSECA, Isabel. [s/d.]. *Uma terra no tempo e no espaço. O porto de abrigo: a velha aspiração da Nazaré*, [s/l.], [s/n.]

As comunidades marítimas da região e o estabelecimento recente do núcleo urbano da vila da Nazaré. Alguns portos extintos pelo assoreamento das águas. História da fundação da Pederneira e a sua importância devido ao facto de ter sido local de construção de naus. A criação do concelho da Nazaré em 1912. Os pescadores habitam a praia desde inícios do séc. XIX. O aparecimento dos primeiros banhistas. Importância e decadência da actividade pesqueira. A necessidade da construção de um porto de abrigo.

FONSECA, Isabel Maria Carvalho. 1979. *Impacto do mar na socio-economia da vida da Nazaré*, 2 vols. (policopiado)

Aspectos históricos e geográficos. Localização. Evolução demográfica das freguesias do concelho. Os recursos naturais da praia da Nazaré. A economia. A importância do mar. Os naufrágios. A pesca e a sua decadência nos anos 30. A pesca até à actualidade. Embarcações tradicionais e tripulação. A comercialização do pescado. Razões do abandono. Consequências do turismo. O segundo volume é inteiramente dedicado à questão do porto de abrigo (documentação histórica e notícias da imprensa local).

FRANCO, A. Bento. 1953. “**O velho círio da Prata Grande**”, *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, n.º 32-33-34, p. 167-179

Círio integrado nas festas de N.ª Sr.ª da Nazaré. Comparação com o círio dedicado a N.ª Sr.ª do Cabo (número de freguesias implicadas, participantes e trajes envergados, elementos constitutivos da procissão). Aspectos

históricos. Alusão a alguns documentos dos sécs. XV a XVIII e a dois artigos, um da autoria de Joaquim Fontes e outro de Paulo Freire. As Confrarias.

“Freguesias do concelho de Rio Maior”. 1938. *Boletim da Junta de Província do Ribatejo*, Santarém, p. 485-504
Integrado na caracterização dos aspectos produtivos da freguesia de Rio Maior, refere-se a participação de grupos de trabalhadores vindos da Nazaré, para a apanha da azeitona (os praieiros – p. 496).

FREITAS, Célia Dias de. 1973. *Nazaré: sua gente e seus costumes*, Lisboa, Centro de Estudos Geográficos (policopiado)

Dissertação para a Universidade Técnica de Lisboa. Monografia sobre a Nazaré, com especial incidência sobre os pescadores, nos seus aspectos sociais e económicos. Aspectos físicos da vila, introdução histórica, a lenda relacionada com o milagre de Nossa Senhora da Nazaré. Os pescadores e os equipamentos de saúde. A pesca (embarcações, técnicas, comercialização do pescado). O turismo como pólo de desenvolvimento económico. O artesanato local. A emigração. A família, o namoro, o casamento e as relações de vizinhança. A arquitectura. A alimentação. Divertimentos. Crenças e rituais (ex-votos, culto dos antepassados, superstições e medicina popular). Os ranchos folclóricos. Música e dança.

GALLOP, Rodney. 1961. *Portugal: a book of folkways*, Cambridge, Cambridge University Press

O círio de N. ^ã Sr. ^ã da Nazaré (p. 160-162), no qual participam cerca de 28 paróquias, que visitam a Nazaré de 5 de Agosto a 15 de Setembro. Cada uma delas tem a honra de albergar a imagem sacra durante um ano, apenas durante 3 ou 4 vezes por século. Descrição dos cortejos e participantes. O cantar das loas (hinos louvando a Virgem). O advento do automóvel veio roubar o brilho ao Círio da Prata Grande e a muitos outros na região estremenha. Referência à existência na Nazaré, de uma estátua da Virgem que com a aproximação de uma tempestade, é publicamente amaldiçoada e ameaçada, com o objectivo de nada de mau acontecer aos pescadores. Fotos do autor e desenhos de Marjorie Gallop.

GANDRA, Manuel J. 1996. **“Os Círios ou aspectos do culto da Grande Deusa na Estremadura”**, *Jornadas sobre Cultura Sabóia*, Loures, Câmara Municipal de Loures, p. 85-119

A lenda de D. Fuas Roupinho e o Círio da Nazaré. Aspectos históricos e etnográficos. Descrição pormenorizada (p. 102-104). O Círio de Santa Susana em Famalicão de Nazaré é igualmente referido, nomeando-se as localidades participantes (p. 111).

GARCIA, Eduíno Borges. 1970. **“Descoberta e estudo de imagens religiosas em S. Gião, Famalicão da Nazaré e Alfeizerão (Estremadura)”**, *Actas das I Jornadas Arqueológicas*, Lisboa, p. 1-28

Estudo e caracterização de imagens religiosas surgidas em escavações arqueológicas em diversos templos nos concelhos de Alcobaça e Nazaré. Anexo fotográfico das imagens e dos santuários onde foram encontradas.

GARCIA, Eduíno Borges. 1970. ***Santa Susana, padroeira do gado nos coutos de Alcobaça***, Lisboa, ed. de autor

Corresponde, com ligeiras adaptações, ao artigo publicado nos vols. V e VI da revista *Ethnos*. Aspectos etnográficos relacionados com práticas nas quais intervém o gado (bençãos). Santa Susana como santa padroeira, protectora do gado. A realização das festividades de Santa Susana em Famalicão da Nazaré (origens históricas, momentos e participantes). Apresentação de diversos esquemas dos cortejos e elementos constituintes do culto por A. Pereira da Costa. Reprodução de programa da festa (p. 37). Anexo fotográfico com fotografias do autor, na sua grande maioria realizados por ocasião dos festejos de 1965.

GIACOMETTI, Michel. 1981. ***Cancioneiro popular português***, Lisboa, Círculo de Leitores

Trabalho realizado com a colaboração do compositor Fernando Lopes Graça. Apresentação de letra e transcrição musical de: *Ai, ajuda-me, ó camarada* (cantiga dos batedores de água) recolhida em Valado dos Frades (p. 146; nota p. 317).

GONÇALVES, Alda Sales Machado. 2000. **“O traje típico da Nazaré: subsídios para a história da sua origem e das suas alterações”**, *III Colóquio sobre a História de Leiria e da sua Região*, Leiria

A história da Nazaré em diversos autores. Caracterização pormenorizada do traje nazareno (materiais, pessoas e sexos que os envergam, técnicas de confecção, formas de uso e nomes locais). O traje representado na bibliografia local. Reprodução de postais ilustrados antigos com a indicação de proveniência.

GRANADA, João António Godinho. 1996. *Nazareth: Pederneira, Sítio, Praia*

Estudo de carácter histórico sobre todos os aspectos sociais e humanos da Nazaré. O estabelecimento da população nas diversas zonas. Interpretação do foral (dados agrícolas e ofícios diversos). A história relacionada com a fundação da Real Casa de N.ª Sr.ª da Nazareth (culto e devoção). Importância dos círios. Recurso ao estudo de registos paroquiais e genealogias, a partir do séc. XVII. Observação mais pormenorizada de algumas famílias. A estratificação social na Nazaré até ao séc. XIX (principais estratos: clero e cargos ligados à Real Casa de N.ª Sr.ª, cargos administrativos, militares e judiciais, almocreves). Os nomes da gente comum (as alcunhas). Os movimentos da população (emigração e migrações). A vinda dos primeiros estrangeiros. Outras situações (peregrinos, enjeitados, escravos e prisioneiros). O estabelecimento do Santo Ofício na Pederneira. Diversos episódios que possibilitam um maior conhecimento das vivências quotidianas dos antepassados na Nazaré. Análise de topónimos de várias famílias. Os principais órgãos da imprensa local. Listagem dos documentos históricos e da bibliografia utilizada nestas investigações.

GRANADA, João António Godinho. 1997. *Nazaré: notas de história, de música e de etnografia*

A divulgação de alguns géneros musicais para as camadas populares através dos monges cistercienses na região dos coutos de Alcobaça. As facilidades no estabelecimento de populações de origem diversa nesta região, trouxe igualmente influências divergentes na área musical. A Pederneira como um dos principais povoados dos coutos de Alcobaça. A evolução do culto a N.ª Sr.ª de Nazaré do Sítio ao longo dos tempos e o engrandecimento dos Círios que ali acorrem, entoando inúmeros cânticos religiosos e profanos. A presença da música associada à progressiva grandiosidade do santuário. A fundação da primeira filarmónica na Nazaré e a importância da música na Nazaré do séc. XX. O associativismo local. Lista de figuras ilustres na área da música na Nazaré. Transcrição e reprodução do documento de escritura de criação da filarmónica.

GRANADA, João António Godinho. 1998. *Nazaré, Nossa Senhora e D. Fuas: lenda, história e tradição*

Aspectos históricos relacionados com a lenda e o milagre de N.ª Sr.ª da Nazaré e D. Fuas Roupinho. Principais autores e escritos sobre o tema. Polémicas surgidas em redor deste assunto. A posição da Igreja Católica face ao milagre. Apresentação de vários autores que versaram este assunto. Estudo comparativo do culto de N.ª Sr.ª da Nazaré e N.ª Sr.ª do Cabo Espichel (devotos ao culto, locais de difusão e desenvolvimento dos círios). Em apêndice, caracterização dos coutos de Alcobaça, do culto mariano em Portugal e do de Santiago em Espanha. Uma tábua votiva do séc. XVI adquirida pelo autor, da autoria do Mestre António Reis. O estudo da sua obra parece relevante para a compreensão da lenda e do milagre de N.ª Sr.ª da Nazaré.

GRESSENBAUER, Georg; HAIPL, Markus. [s/d.]. *Nazaré-Portugal: um estudo urbanístico*, [s/l.], [s/n.]

As mutações ocorridas a nível urbanístico e arquitectónico na Nazaré. Evolução cronológica da vila. Apresentação de diferentes tipologias de desenvolvimento urbano em várias épocas. As diversas zonas-pivot. Apontam-se os principais problemas e propõem-se alguns objectivos a prosseguir e novas propostas de utilização dos espaços. Apêndice fotográfico sobre elementos arquitectónicos (fachadas, estilos, portas e janelas). Desenhos de ruas, praças, lojas, vida quotidiana, trajés, elementos domésticos.

GRUPO DE DANÇAS E CANTARES MAR ALTO DO CÍRCULO CULTURAL DA NAZARÉ. [s/d.]. Nazaré, Tip. Borges

Repertório do grupo de danças e cantares Mar Alto. Versos de cariz popular alusivos ao mar, à pesca e a alguns tipos de danças tradicionais.

IMBOURG, Pierre. 1961. *Paul Giroi*, Malakoff, imp. Art et Travail

A obra do artista plástico que se debruçou sobre a Nazaré e Óbidos no seu trabalho artístico.

JORGE, João Miguel Fernandes. 1998. "As fronteiras trazem por marca o ritmo do coração", *Linha do Oeste:*

Óbidos e momentos artísticos circundantes, Lisboa, Assírio & Alvim, p. 13-26

A presença do mar na Nazaré. O Sítio da Nazaré e a lenda.

I JORNADAS SOBRE CULTURA MARÍTIMA. 1995. Nazaré, Câmara Municipal da Nazaré

Actas das Jornadas promovidas pelo Museu Etnográfico e Arqueológico do Dr. Joaquim Manso. O painel *Identidade e Turismo* referiu-se à Nazaré como área temática na sua totalidade. Abel da Silva (p. 85-95) falou sobre a tecnologia tradicional da pesca e sobre algumas figuras ilustres da Nazaré. José Soares (p.

97-103) realizou algumas reflexões sobre a vertente turística da Nazaré, desde o séc. XVI à actualidade. Reprodução de um postal da praia com pescadores, uma aguarela de Raquel Roque Gameiro representando mulheres a escolher peixe e um banho de mar em 1905. João L. Saavedra Machado (p. 105-113) desenha um roteiro museográfico da Nazaré (o museu e alguns elementos do património civil e religioso). Fotografias de vários espaços de sociabilidade masculina na Nazaré. Adriano Monteiro (p. 115-151) esboça, com recurso a vários autores, as características geo-físicas que enquadram a Nazaré. Refere também os aspectos históricos e naturais que presidiram ao estabelecimento da população nos diferentes núcleos populacionais. A Lagoa da Pederneira e seu posterior assoreamento segundo alguns documentos históricos. Evolução dos tipos de habitação dos pescadores ao longo dos tempos e do estado da marinha de pesca na Praia. Influências trazidas pelas gentes de Ilhavo no que diz respeito às artes de pesca. Reproduções de mapas, ilustrações antigas e fotografias do início do século sobre a Nazaré (pesca, arquitectura popular, traje, entre outros). Este artigo foi também publicado pelo Centro de Estudos Nazarenos para o Museu Dr. Joaquim Manso no mesmo ano. João Oliva Monteiro (p. 153-168) traça o percurso histórico da vila, a partir da evolução dos seus três núcleos populacionais. A influência dos coutos de Alcobaça e da Lagoa da Pederneira. A vila da Nazaré como nova entidade urbanística a partir dos anos 30 do séc. XX e a criação de novos núcleos urbanos. O Plano Director Municipal e a identificação de várias áreas envolventes da vila. A Nazaré e a sua componente turística. Apêndice fotográfico com a reprodução de vários postais ilustrados (vistas gerais, largos históricos). Autoria e origem das figuras (p. 168). João Sales Grilo (p. 169-173) salienta a importância de algumas artes de pesca para o aproveitamento turístico (*candil* e *xávega*). Caracterização das suas técnicas e intervenientes. Inclusão de dois planos fotográficos, sem indicação de autor, sobre a arte xávega na praia da Nazaré. Maria Olímpia Lameiras Campagnolo e Henri Campagnolo (p. 175-198) encaram de novo o aproveitamento turístico de algumas das artes da pesca tradicional (*candil* e *xávega*). Definem-se os instrumentos conceptuais utilizados e os processos técnicos a observar e realizou-se uma análise das artes de pesca em causa. Esclarecem-se as várias opções para uma valorização deste tipo de património (revitalizar, reconstituir, musealizar, documentar). Apresentação esquematizada das duas técnicas e ilustrações diversas, com indicação de autor. Pedro Penteado (p. 207-208) apresenta alguns dados históricos sobre a Confraria de Nossa Senhora da Nazaré e as suas consequências no esboçar de formas de diferenciação social na Pederneira dos séc. XVII e XVIII. No painel *A literatura e o mar*, Ana Maria Lopes (p. 213-214) salienta alguns autores importantes para o conhecimento do litoral português e da problemática da pesca no que diz respeito a questões linguísticas. Utiliza alguns excertos da obra de Raul Brandão *Os Pescadores*, no qual se caracterizam, por exemplo, as embarcações tradicionais da Nazaré. Maria Antónia Graça Saavedra Machado realiza um estudo sobre a questão da morte na época seiscentista na Pederneira, através do recurso a registos paroquiais e outros documentos de carácter histórico (naufrágios, combates navais, emigrantes).

LAMAS, Maria. 1948. *As mulheres do meu país*, Lisboa, Actuais, p. 277-300

Destaque para uma fotografia de A. Laborinho onde surge retratada uma padeira de Águas Belas (p. 289).

LEÇA, Armando. 1946. "Do cancioneiro músico-estremenho V", *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, n.º 12, p. 215-234

Discorre-se sobre aspectos históricos de vários tipos de danças com influências europeias. Na Nazaré, Lourinhã, Cadaval e Bombarral destaca-se a moda ou valsa dos dois passos, a carreirinha, chicote, viras de autoria e modas de roda.

LEIRIA: TERRA DE PROGRESSO E INICIATIVA. 1999. Leiria, NERLEI

Trabalho organizado por Francisco J. Mafra retrata os vários concelhos do distrito com base em estatísticas do I.N.E. (1996). Dados gerais sobre agricultura, pecuária, silvicultura e pesca, indústria, comércio, serviços, turismo e infra-estruturas de apoio.

LIMA, A. Bentes de. 1891. *Breve notícia histórica da aparição de Nossa Senhora da Nazareth, relatando a sua origem, e a sua vinda para a Hespanha em 705; de como veio parar ao Sítio, e por quem foi encontrada, referindo-se também seus muitos milagres*, Coimbra, Imprensa Académica

Episódios históricos relacionados com a aparição da imagem de Nossa Senhora da Nazaré no Sítio. O episódio de D. Fuas Roupinho. Alguns milagres de Nossa Senhora da Nazaré. Devoções e venerações. Os Círios. Bens do santuário. A igreja e adornos da capela de Nossa Senhora da Nazaré.

- LIMA, Augusto César Pires de.** 1944. “Nossa Senhora padroeira dos navegantes”, *Douro Litoral*, Porto, 2.ª série, I, p. 3-24
O culto de Nossa Senhora em Portugal, nomeadamente como protectora dos mareantes e pescadores. Nossa Senhora da Nazaré na designação de embarcações e ermidas, mesmo fora de Portugal.
- LIMA, Rui de Abreu de.** 2000. *Artisanato tradicional português: VI – Beiras e Centro de Portugal*, Lisboa, ed. do autor
Identificação dos principais ofícios tradicionais do concelho (p. 19). Localização (p. 25-37). Listagem dos artesãos com indicação do seu endereço e contacto telefónico p. 61), por ofício. Resenha histórica, económica e etnográfica de cada ofício (p. 65-111). Entidades (escolas, associações, oficinas, regiões de turismo) que podem informar sobre as actividades referenciadas (p. 113-117). Bibliografia (p. 119-125).
- O LINHO EM PORTUGAL: SUBSÍDIOS PARA O FOMENTO DA SUA CULTURA.** 1943. Lisboa, Direcção-Geral dos Serviços Agrícolas
Apresentação dos resultados do inquérito de 1940 às zonas do país onde se cultiva o linho (área ocupada; número de teares; tipo de planta).
- “**Lista de naufrágios, com mortes na Nazaré**”. 1939. Leiria, *Jornal O Mensageiro* (policopiado)
Apresentação cronológica dos naufrágios mais graves ocorridos na costa da Nazaré (1901-74). Breve relato do acontecido e pessoas falecidas.
- LOAS A NOSSA SENHORA DA NAZARÉ CANTADAS NA DESPEDIDA EM S. PEDRO DA CADEIRA.** [1965]. [s/l.], [s/n.]
Transcrição de loas cantadas em diferentes momentos do cirio a N. Sr.ª da Nazaré à partida em S. Pedro da Cadeira (Torres Vedras).
- LOPES, Helena; LOPES, Paulo Nuno.** [s/d.]. *A safra*, [s/l.], Livros Horizonte
Trabalho sobre a arte xávega na praia da Vagueira (concelho de Murtosa) e complementado com um filme. Apesar de grande parte da informação não se referir directamente a esta zona de enfoque, para os interessados no estudo da pesca na região da Nazaré, torna-se uma obra muito pertinente. Inclui inúmeras fotografias de diferentes épocas, cuja autoria e origem se indica nos agradecimentos prévios (créditos fotográficos p. 105). Evolução do número de embarcações dedicadas à arte xávega (1886/1994) (p.9). História do povoamento da Nazaré (p. 48-49). Fotografia da praia da Nazaré (p. 62); fotografia de embarcações na praia (p. 87).
- LOUREIRO, Adolfo.** 1904. *Os portos marítimos de Portugal e ilhas adjacentes*, vol. 2, Lisboa, Imprensa Nacional
Aspectos históricos relacionados com a costa litoral portuguesa. Os portos da Pederneira, Nazaré (p. 245-252). Algumas informações sobre as características naturais dos locais, sua hidrografia e condições meteorológicas. Melhoramentos (p. 258-276). Referências em vários autores. As obras do porto da Nazaré (rendimento, recursos humanos a exercer a actividade pesqueira, impostos, valor do pescado comercializado e tipos de aparelhos de pesca utilizados (p. 274-276).
- MACATRÃO, Armando Salles.** [1988]. *Expressões da Nazareth*, Viseu, imp. Tip. Ocidental
Levantamento de expressões e ditos populares recolhidos na Nazaré agrupados em várias categorias: povo, faina do mar, o mar, barcos, o tempo, pragas, expressões interjeccionais, expressões diversas e vocábulos. Apresentação da expressão (forma oral) e pequena explicação do seu significado.
- MACATRÃO, Armando Salles.** 2000. *O ermitão*, Leiria, Magno Edições
Texto de ficção baseado em investigação histórica a propósito do monte de S. Braz.
- MACHADO, João Saavedra.** 1978. “Contribuição do Museu Dr. Joaquim Manso para a defesa e conservação do património cultural”, *Actas do Congresso Internacional para a Investigação e Defesa do Património de Alcobaca*, p. 455-456
Resumo da comunicação apresentada ao Congresso. Aprovação do plano de organização do Museu da Nazaré pela Secretaria de Estado da Cultura em 1976, e sua inauguração no mesmo ano. Colaboração prestada por Octávio Lixa Filgueiras. O estabelecimento do Roteiro Museográfico da Nazaré pressupõe a valorização e classificação de imóveis importantes do concelho, assim como a sua necessária preservação.

MACHADO, João Saavedra. 1982. *O Museu do Dr. Joaquim Manso e o artesanato local: a última olaria da Nazaré*, Coimbra, Serviços Municipais de Cultura e Turismo de Coimbra

A cerâmica local resumiu-se a uma olaria de carácter doméstico e utilitário. Já no que diz respeito aos azulejos, a Nazaré poderá assumir-se numa posição de relevo na história da arte em Portugal (veja-se Manuel Borges e as suas intervenções no santuário de N. ^a Sr. ^a da Nazaré). Margarida Ribeiro em *Engenhos de amassar barro: subsídios para o estudo das técnicas de olaria popular* (1972) fala da Nazaré e da sua velha tradição cerâmica. A construção dos fornos no Sítio pela Real Casa da Nazareth. Boa qualidade do barro da região. Alguns ceramistas locais e a sua inclusão nas colecções do Museu Dr. Joaquim Manso. Fotografias de aspectos interiores e exteriores de olarias locais, assim como de apetrechos de trabalho (moldes, rodas, cunhos, gamelas, foice e peças de carácter utilitário). Em conclusão, o autor refere a destruição da última olaria e o conjunto de artigos surgidos na imprensa local e regional a propósito desse episódio.

MACHADO, Júlio César. 1987. *As festas da Nazareth 1860*, Nazaré, Biblioteca da Nazaré (policopiado)

O autor relata-nos as suas impressões sobre as festas de N. Sr. ^a da Nazaré, realizadas no ano de 1860. Descrição dos principais momentos religiosos e profanos e seu contacto com a população.

MACHADO, Maria Antónia G. Saavedra; MACHADO, João L. Saavedra. 1991. *O Círio de Nossa Senhora da Vitória*, Nazaré (policopiado)

A ermida da Senhora da Vitória perto do Sítio e a celebração do círio. Aspectos históricos e referências em vários autores. Características arquitectónicas e artísticas da ermida. O círio: momentos, participantes e sua proveniência. As loas do círio. Reprodução do programa das festas de 1991. Gravuras e fotografias legendadas referentes à ermida e celebração do círio.

MARIA BARREIRA. 1999. Bombarral, Museu Municipal de Bombarral Vasco P. da Conceição/Maria Barreira

Catálogo de exposição retrospectiva sobre a obra da artista plástica bombarralense Maria Barreira, organizado por Ana Margarida Martins. Destaque para os trabalhos que realizou, por ocasião da sua estada na Nazaré, caracterizados pela presença da figura feminina nazarena: *Mulher da Nazaré*, *Mulher da Praia*, *Três Mulheres na Praia*, entre outras (1959-66) (p. 22-27). Fotografias de Joaquim António Silva incluem as características das esculturas.

MARQUÊS DE RIO MAIOR. 1961. *Nossa Senhora de Nazaré; a lenda, o tesoiro de Nossa Senhora*, 8.^a ed., Lisboa, Tip. da Liga dos Combatentes da Grande Guerra

A história da imagem de Nossa Senhora da Nazaré. História e importância do culto em Portugal. Os bens patrimoniais existentes no interior do templo e da Real Casa. Trabalhos de melhoramento realizados no templo.

MASCARENHAS, J. A. d' Oliveira. [s/d.]. *A novella historica D. Fuas Roupinho*, Lisboa, F. A. de Miranda e Sousa

Novela de D. Fuas Roupinho e o episódio da Virgem da Nazaré. O milagre. A novela conclui com a transcrição de um extracto de uma doação de um pedaço de terra por D. Fuas à Igreja de Santa Maria da Nazaré em 1182.

MECA, Jacinto Remígio. 1996. "Rua da Paleca", 4. ^{as} *Jornadas de Cuidados de Saúde Primários de Alcobça/Nazaré*,

Nazaré, Núcleo Coordenador dos Médicos da Carreira de Clínica Geral do Distrito de Leiria, p. 22-24
Episódio relacionado com atitudes e comportamentos face à saúde e à doença na sociedade tradicional.

MELLO, Thomaz de. 1958. *Nazaré*, [s/l.], Ática

A obra plástica de Thomaz de Mello (Tom) retrata inúmeros aspectos humanos da Nazaré, nomeadamente o quotidiano da pesca. Contém um prólogo de António Lopes Ribeiro e um estudo por Suzanne Chantal.

MEMÓRIAS HISTÓRICAS E DIFERENTES APONTAMENTOS, ACERCA DAS ANTIGUIDADES DE ÓBIDOS. 1985.

Lisboa, Imprensa Nacional; Óbidos, Câmara Municipal de Óbidos
O círio de N. ^a Sr. ^a da Nazaré.

MENDONSA, Eugene L. 1982. "Turismo e estratificação na Nazaré", *Análise Social*, Lisboa, vol.18 (n.^o 71), p. 311-329

Determina-se o impacto do turismo sobre o rendimento familiar. A estratificação social. A importância dos espaços disponíveis na habitação, e aplicados ao turismo, permite às famílias um aumento significativo dos

seus rendimentos, mesmo que não tenha provocado uma alteração de forma global na estratificação social daquela comunidade.

MESQUITA, Marcelino. 1913. *A Nazareth: Sítio e Praia, lenda, história, casos*, Lisboa, Typ. A Editora Lda.

Texto de tipo literário sobre os locais paradigmáticos da Nazaré. O Sítio e o templo de Nossa Senhora da Nazaré e o seu enquadramento paisagístico. O estabelecimento dos pescadores de Ilhavo e a introdução de novas práticas de pesca. O turismo como responsável pelo desenvolvimento da Nazaré e o que poderia ter acontecido se a pesca tivesse continuado a predominar, segundo o autor. Diversos episódios relacionados com a história da Nazaré. O milagre da aparição da imagem de Nossa Senhora da Nazaré. Os círios e as festas (procissões e loas: etapas e participantes). Nazaré é poupada à vaga das invasões francesas. A fome e o retomar dos círios em 1817. Apreciação do rendimento das esmolas em vários anos. O temporal de 1873. A apropriação da lenda de N.ª Sr.ª da Nazaré noutros locais e épocas. Refutação de outras lendas e críticas diversas. O quotidiano na vila: os diferentes núcleos e as três freguesias. Os pontos mais interessantes para visitar (monumentos e paisagens). A história da Nazaré e a lenda de D. Fuas Roupinho. A Praia e a sua ocupação sazonal pelos visitantes. Versão em francês e inglês. Anexo fotográfico dos diversos aspectos mencionados no texto. Fotografias do autor. Destaque para uma panorâmica da Pederneira, ao longo dos tempos.

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA. 1939. *Reconhecimento dos baldios do continente*, vol. 2 (parte 2), Lisboa, Junta de Colonização Interna

Estatísticas permitindo a caracterização dos baldios em Portugal. Apreciação distrital, por concelhos e freguesias (número, tipos de aproveitamento agro-florestal, designação, características geológicas, agrológicas, oro-hidrográficas, economico-sociais e localização aproximada). Dados sobre Nazaré (p. 551-555).

MONTÊS, António. 1944. "Bonifácio Lázaro: o pintor da Nazaré", *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, n.º 5, p. 79-81

Enumeram-se os principais artistas que têm retratado a vida da Nazaré. O caso do pintor Bonifácio Lázaro e do seu quadro *Lobo do Mar* oferecido ao Museu Provincial José Malhoa. O artigo conclui com uma fotografia do referido óleo (p. 81).

MOREIRA, Carlos Diogo. 1987. *Populações marítimas em Portugal*, Lisboa, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas

Publicação correspondente a dissertação de doutoramento em Antropologia apresentada pelo autor à Universidade Técnica de Lisboa. Estudo sobre as populações marítimas do litoral português na década de 80. Destaque para alguns dados a nível concelhio. Apresentação e análise de estatísticas diversas: número de marítimos matriculados em embarcações de pesca por porto e tipo de pesca exercido; número de embarcações pesqueiras por tipo de embarcação e tipo de pesca; número de sinistros ocorridos. Constituição de amostra de estudo em várias zonas do litoral. Caracterização ambiental das zonas marítimas e hidrográficas em causa, espécies aí existentes, artes e processos de pesca. Designação dos portos de pesca por Capitánias (Zona Centro). Peso das transacções em cada porto de pesca considerado. Rendimento e distribuição, ao longo do ano, das principais espécies capturadas. Levantamento da situação histórica da actividade pesqueira em Portugal. Desenvolvimento dos portos durante as várias épocas. Rede de acessibilidades com o interior (rios e lagoas navegáveis). O abastecimento às comunidades interiores. Tributos impostos à actividade pesqueira ao longo dos tempos. Os portos de pesca marítima no século XVII segundo Carvalho Costa (p. 193). As zonas de pesca fluvial (séc. XVII) segundo Mendez Silva (p. 194). A situação da pesca na década de 80 do séc. XX (p. 217-386). Estado actual das populações da costa litoral (p. 247-334). Distribuição dos marítimos matriculados em embarcações de pesca por tipos de pescaria (p. 255-257). Qualificação profissional do mestre/arraís e do pescador (p. 397); categorias profissionais (p. 309-309; 313). Movimentos populacionais na costa litoral (p. 325-326). Conflitualidade e redes de solidariedade social interligadas com as populações marítimas (p. 335-377). Em apêndice e sem demasiadas alusões de carácter local, apresentam-se as características dos principais tipos de embarcação, processos e utensílios de pesca, terminologia específica (p. 389-459). Barco da Nazaré (p. 400). Extensa bibliografia sobre a pesca e litoral português.

MORREU A NAZARÉ DO PESCADOR, VIVA O PESCADOR DA NAZARÉ, Lisboa, ed. de autor (policopiado)

Trabalho realizado por alunos de Antropologia do ISCTE sobre o Carnaval da Nazaré. Em que é que o quotidiano da Nazaré interfere nas práticas colectivas e públicas. Como é que uma vila de pescadores foi sofrendo progressivas mudanças, urbanizada e interpenetrada por gentes de diferentes estratos sociais,

permitindo o descortinar de conflitos sociais. A produção das práticas carnavalescas pelos pescadores. O Carnaval (etapas e participantes), permanências e mutações.

MURRAÇAS, António Júlio da Copa. 1979-80. *Jornais da Nazaré (de 1899 a Maio de 1926)*, [s/l.], [s/n]

Trabalho realizado no âmbito da cadeira de História Contemporânea de Portugal. Enquadramento histórico da imprensa em Portugal e na região da Nazaré. Apresentação dos títulos publicados e períodos de publicação. Selecção de artigos permite a compreensão daquele período histórico. O partido republicano na Nazaré e as eleições. Quadras publicadas sobre esta temática na imprensa local.

MUSEUS: SUBSÍDIOS PARA O ENQUADRAMENTO HISTÓRICO DOS CONCELHOS. 1998. Lisboa, Comissão de Coordenação da Região de Lisboa e Vale do Tejo

Os museus e casas-museu da região de Lisboa e Vale do Tejo. Características, colecções e horário de funcionamento.

NATIVIDADE, J. Vieira. [s/d.]. “A região a Oeste da serra dos Candeeiros”, *Obras Várias*, Alcobaça, Comissão Promotora das Cerimónias Comemorativas do I Aniversário da Morte do Prof. J. Vieira Natividade, vol. 5, p. 231-236

Artigo publicado no *Diário Popular* (1962). A propósito da crise agrícola no país, o autor discorre sobre um estudo de economia agrícola levado a cabo pelo Centro de Estudos de Economia Agrária da Fundação Calouste Gulbenkian e intitulado *A região a Oeste da serra dos Candeeiros*.

NATIVIDADE, J. Vieira. 1971. “*Cartas de J. Vieira Natividade a Eduíno Borges Garcia: arqueologia e etnografia dos coutos de Alcobaça 1962-1968*”, *J. Vieira Natividade: honrando a sua memória*, Alcobaça, Comissão Promotora das Cerimónias Comemorativas do 1.º Aniversário da Morte do Prof. J. Vieira Natividade

Correspondência enviada por J. Vieira Natividade a Eduíno Borges Garcia. As temáticas principais são a Arqueologia e a Etnografia relativas às regiões de Alcobaça e Nazaré. Trabalho anotado e prefaciado por Eduíno Borges Garcia. Diversas fotografias como: “J. Vieira Natividade”; “A este recanto agreste da serra dos Candeeiros”; “Casal do Rei. Casa onde nasceu Manuel Vieira Natividade”; “Campo da Cela, fundo da antiga Lagoa da Pederneira”; “Cabeço da Guarita”, da autoria de Jorge Vasco, reprodução de pintura de Sousa Lopes “O Círio” e “Anforeta de Évora de Alcobaça” de J. Vieira Natividade.

NATIVIDADE, Manuel Vieira. 1960. *Mosteiro e coutos de Alcobaça: alguns capítulos extraídos dos manuscritos inéditos do autor e publicados no centenário do seu nascimento*, Alcobaça, imp. Typ. Alcobacense

História da região desde o Renascimento ao século XIX: vestígios arqueológicos encontrados, a formação do povoamento na região dos coutos (agricultura, pecuária e indústria). Os portos de mar. O porto e vila da Pederneira: referências históricas. A obra possui diversas fotografias do autor, de António Vieira Natividade e de J. Vieira Natividade.

“Nazaré”, *Grande Enciclopédia Portuguesa-Brasileira*, Lisboa, Editorial Enciclopédia, vol. 18, p. 505-511

Dados de carácter geral sobre o concelho e suas localidades.

NAZARÉ, Maria da. 1997. *Gente e mar: poesia*, Nazaré, [s/n.]

De acordo com o prefácio de Álvaro Laborinho Lúcio, as poesias da autora referem tempos especiais da vida das populações da região da Nazaré (Santo Amaro, S. Braz, N.ª Sr.ª da Vitória, os santos populares, o jogo da pela), e o próprio quotidiano da faina do mar.

A NAZARÉ NA OBRA DE ALVES REDOL

Catálogo de exposição bio-bibliográfica sobre Alves Redol e a Nazaré realizada pelo Museu Etnográfico e Arqueológico do Dr. Joaquim Manso. Evocação de Alves Redol por algumas figuras da Nazaré (Abel Silva, José Peixe e Manuel Vagos). Subsídios para uma biografia de Alves Redol. Impressões deste sobre a Nazaré e suas gentes: o mar, a pesca, os barcos, o pescador em terra. Excertos da obra de Redol sobre a Nazaré (*Uma fenda na muralha*, *O Lago das Viúvas*). O Carnaval, as cegadas, a romaria de S. Braz. Opinião da crítica sobre o romance *Uma fenda na muralha*. Manuscritos diversos de Redol sobre a temática nazarena. Reprodução de alguns deles. O filme *Nazaré* (1952) com argumento, sequência e diálogos de Alves Redol. Fotografias por ocasião da rotação do filme e após a sua estreia. Várias críticas. Bibliografia de Alves Redol.

A NAZARÉ: O POVO E A VIDA: 100 ANOS DE POSTAL ILUSTRADO. 1990. Nazaré, Museu Etnográfico e Arqueológico do Dr. Joaquim Manso (policopiado)

Guia da exposição cuja temática incide sobre a Nazaré, retratada pelos postais ilustrados da coleção do seu Museu. Dados sobre a paisagem, a componente humana, arquitectónica, utensilagem diversa, transportes, agricultura e pesca, costumes e crenças, música e dança, diversões e traje. As legendas indicam somente o título do postal e o seu número de inventário.

NAZARÉ: PRAIA DE PESCADORES E TURISMO. [s/d.]. Coimbra, [s/n]

Relatório de curso do Centro de Estudos e Formação Autárquica. As obras com alguma importância no panorama da vila (o paredão-cais, o porto de abrigo, entre outros melhoramentos efectuados e necessários).

NAZARETH: PORTUGAL. [1913]. Nazaré, imp. Typ. Freire (policopiado)

Trabalho de carácter turístico sobre a Nazaré dos princípios do séc. XX. Textos de Vieira Guimarães, Manoel Ariaga e Charles Lepierre. A praia de banhos, o Sítio da Nazareth e as festas de Setembro, as águas do areal. Paisagens naturais e história local. Sugestões de percursos turísticos: Sítio, Pederneira, monte de S. Bartolomeu, o rio Alcôa. Anúncios de estabelecimentos comerciais, industriais e hotelaria diversa. As infra-estruturas ao dispor do visitante. Textos literários e poesias por Epiphânio de Figueiredo e Souza. Fotografias da época.

NOSSA SENHORA DA NAZARÉ DO CÍRIO DA PRATA GRANDE: HISTÓRIA E LENDA. 1959-60. [s/l.], [s/n.]

O Círio da Prata Grande em Mafra. Inclui textos de Bento Franco e A. Vilhena. Pequena história do culto à Sr.^a da Nazaré, do próprio círio e dos locais que lhe estão associados. Lista dos cargos (nomes, oragos e localidades participantes) (1732). Apresentação de loas. Mapa do percurso (giro) do círio durante 17 anos.

NOSSA SENHORA DA NAZARÉ: ORAÇÃO PARA AS SUAS ESMOLAS, O SEU HOSPITAL, A SUA CASA. [1943],

Lisboa, A Triografica

Pequeno folheto com oração e gravura alusiva ao culto da Virgem na Nazaré.

NOSSA SENHORA DE NAZARÉ NA ICONOGRAFIA MARIANA. 1982.

Catálogo de exposição realizada no Museu Etnográfico e Arqueológico do Dr. Joaquim Manso, por ocasião do 8.º Centenário de Devoção a N.ª Sr.ª de Nazaré. Foram expostas peças tão diversas quanto: escultura, pintura, desenho, gravura, medalhística, ourivesaria e esmaltes, cerâmica, cobs, mobiliário, entre outras. Aspectos históricos relacionados com o culto a N.ª Sr.ª de Nazaré em Portugal e na região. O Sítio da Nazaré como local secular do culto. O sagrado e o profano. Locais de proveniência dos diversos círios. A importância da iconografia mariana em Portugal: alguns exemplos importantes. O espólio do Museu Etnográfico e Arqueológico do Dr. Joaquim Manso. Principais coleccionadores e artistas relacionados com esta temática. Da legenda das 167 peças consta, por áreas temáticas, além da designação que lhe é atribuída, as características (material, forma, descrição, aspectos históricos, estado de conservação, data), dimensões, opinião sobre a peça e local onde se encontra. Em apêndice alguns dados caracterizando a coleção de ex-votos marítimos que o museu tem em depósito. Apresentação de frases de alguns ex-votos associados à realização de diversos milagres (séc.XVIII-XIX). Bibliografia específica e anexo fotográfico. Catálogo profusamente ilustrado com fotografias da autoria do Estúdio Mário Novais e de António Tomás.

OLIVEIRA, Ernesto Veiga de; GALHANO, Fernando; PEREIRA, Benjamim. 1975. *Actividades agro-marítimas em Portugal*, Lisboa, Centro de Estudos de Etnologia

Tecnologias relacionadas com a apanha das algas marinhas (sargaço e pilado). Aspectos sociais relacionados com as actividades agro-marítimas em diversos concelhos da região estremenha. Inúmeras informações especificadas a nível local. A divisão sexual do trabalho. Ferramentas utilizadas (terminologia específica e funções). Tecnologias de recolha e processos de secagem. O consumo. Embarcações utilizadas. Arquitectura relacionada com a recolha de alfaías para apanha do sargaço. Traje do sargaceiro. Utilizações agrícolas dos produtos marítimos. Portos e informações relativas à apanha do sargaço segundo Baldaque da Silva. Desenhos com diversas perspectivas de barco de bico da Nazaré (p. 167-170) e fotografia (n.º 166) de Álvaro Laborinho retrata o mesmo tipo de embarcação, igualmente utilizada na pesca do pilado.

OLIVEIRA, José M. Pereira de. 1955. *O porto de pesca da Nazaré: subsídio para o estudo de um problema de economia regional*, Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Dissertação de licenciatura em Geografia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

- OLIVEIRA, J. M. Pereira de.** 1976. “*Actividades de pesca da Nazaré*”, *Biblos*, Coimbra, vol. 52, p. 335-364
A pesca na Nazaré: esboço de algumas apreciações de carácter geral. Influência do turismo. Designação das áreas de pesca, embarcações e técnicas utilizadas. As companhas. Terminologia local relacionada com as várias artes de pesca.
- ORTIGÃO, Ramalho.** 1918. *As nossas praias: indicações gerais para uso de banhistas e turistas*, Lisboa, Sociedade de Propaganda de Portugal
Como introdução, o autor exalta os benefícios dos banhos de mar. Fornece algumas informações gerais sobre cada praia da costa portuguesa, sua localização, acessibilidades, principais festividades, hotelaria e restauração, locais a visitar e património arquitectónico. Praia da Nazaré (p. 54-55). Alusão aos nomes atribuídos pelos pescadores às suas embarcações. Inclui foto.
- ORTIGÃO, Ramalho.** 1943. *As praias de Portugal: guia do banhista e do viajante*, Lisboa, Livraria Clássica A. M. Teixeira e C.ª (Filhos)
A praia da Nazaré. Locais de proveniência dos banhistas, localização, festividades, lenda associada ao Sítio da Nazaré, principais estabelecimentos hoteleiros. Milagres ocorridos por intervenção de N.ª Sr.ª da Nazaré e registados por Manuel de Brito Alão (p. 217-229).
- PASTOR, Artur.** 1958. *Nazaré: Portugal*, Lisboa, Livraria Portugal
Texto literário sobre a Nazaré, a sua localização junto ao mar, as gentes. Os pescadores e as artes da pesca (p. 9-14). A vinda de pescadores de Ilhavo introduziram novas práticas de pesca. O progressivo estabelecimento da população na zona da Praia. A linguagem. Impressões sobre a mulher e o seu trajar, as crianças. As festas populares. Diversos costumes e práticas.
- PATRIMÓNIO ARQUITECTÓNICO E ARQUEOLÓGICO CLASSIFICADO: DISTRITO DE LEIRIA.** 1993. Lisboa, IPPAR
Apresentação dos imóveis classificados em todos os concelhos do distrito de Leiria (Alcobaça, Bombarral, Caldas da Rainha, Nazaré, Óbidos e Peniche). Fotografias de Henrique Fernandes Ruas e legendas contendo a localização do imóvel, seu historial e legislação aplicável à sua classificação.
- PEDRO, José.** [1942-49]. *Nazaré: coisas ouvidas, lidas e vistas*, [s/l.], [s/n.] (policopiado)
Compilação de recortes de imprensa de notícias relativas à Nazaré e publicadas no Jornal *O Mensageiro* de Leiria.
- PEDROSO, Consiglieri.** 1988. *Contribuições para uma mitologia popular portuguesa e outros escritos etnográficos*, Lisboa, Dom Quixote
Pequenas referências a entes sobrenaturais, recolhidas na Nazaré (p. 278).
- PEIXOTO, Rocha.** 1990. *Etnografia portuguesa: obra etnográfica completa*, Lisboa, Dom Quixote
Alusão à reedificação da lapa relacionada com a lenda do séc. XII de D. Fua Roupinho (p. 190) e da existência de duas inscrições lapidares do tipo *tabulae votivae*. No mesmo artigo, recorda-se o milagre da lenda da Nazaré (p. 203).
- PENTEADO, Pedro.** 1986. “*Origens de Famalicão: tentativa de enunciado*”, *Jornadas Grudo-Culturais de Famalicão*, Nazaré, Biblioteca da Nazaré
Explicações sobre as origens de Famalicão da Nazaré.
- PENTEADO, Pedro Manuel Pereira.** 1991. *Nossa Senhora de Nazaré: contribuição para a história de um santuário português (1600-1785)*, 2 vols., Lisboa, ed. de autor (policopiado)
Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Letras de Lisboa. Análise histórica do período setecentista e oitocentista das várias narrativas sobre o culto e o santuário de N.ª Sr.ª de Nazaré e de todos os elementos que permitiram a construção da memória sobre o santuário. Cronistas. Iconografia. As peregrinações: fenómeno individual e colectivo. Motivações dos peregrinos. A área de influência do santuário (localidades com círios a N.ª Sr.ª de Nazaré; localidades de origem dos peregrinos; eixos de peregrinação). O local de culto propriamente dito (deslocações para o santuário; apresentação do espaço sagrado). Práticas associadas à peregrinação (carácter profano e religioso). A Confraria (composição e administração). Pessoal

religioso afecto ao culto e ao santuário. Bens patrimoniais. Formas de administração do património. Num segundo volume, identificam-se os documentos consultados, a lista dos componentes da Confraria, os comerciantes do santuário e outros afectos ao culto e ao santuário. Extensa bibliografia. Inúmeras ilustrações.

PENTEADO, Pedro. 1996. “Tesouros do santuário da Nazaré: estudo de um inventário de bens de 1608”, *Museu*, IV Série, n.º 5, p. 43-72

De acordo com investigações em arquivos e documentação diversa, o autor aprofunda o conhecimento dos bens patrimoniais do santuário de N.ª Sr.ª de Nazaré em inícios do período seiscentista (paramentos, ourivesaria e outra alfaia litúrgica, imagens sacras, pinturas). Transcrevem-se algumas partes de um inventário de 1608.

PENTEADO, Pedro. 1997. “A construção da memória nos centros de peregrinação”, *Communio*, Lisboa, vol. XIV (4), p. 329-344

A importância do conhecimento do fenómeno da religiosidade popular em todas as suas vertentes. Considerações históricas e teológicas sobre os centros de peregrinação. O caso do santuário de N.ª Sr.ª da Nazaré. A lenda do aparecimento da imagem. O culto em diversos documentos históricos. A construção da memória no caso do santuário da Nazaré, como exemplo de que mesmo sem comprovação histórica, mas satisfazendo algumas exigências de ordem social, é possível ter-se constituído como um centro de peregrinação de algum sucesso. O processo de construção da monumentalidade de um local deste tipo. O papel dos museus na preservação deste tipo de património, com o objectivo de manutenção da identidade religiosa de um povo.

PENTEADO, Pedro. 1998. *Peregrinos da memória: o santuário de Nossa Senhora de Nazaré 1600-1785*, Lisboa, Universidade Católica Portuguesa

Edição de tese já mencionada nesta bibliografia. O autor acrescenta algumas fotografias, como por exemplo, a do arraial do Sítio, da autoria de Adriano Monteiro (p. 179).

PENTEADO, Pedro. 1999. “Para uma história dos santuários portugueses”, *Colóquio A Piedade Popular*, Lisboa, Universidade Nova de Lisboa, Centro de História da Cultura, p. 43-55

Comunicação a um colóquio, apresenta importantes pistas para a compreensão da história dos santuários portugueses devotados ao culto mariano, do séc. XIV até aos nossos dias. Inúmeras referências ao círio de N.ª Sr.ª da Nazaré.

PENTEADO, Pedro. 1999. *A Senhora da Berlinda: devoção e aparato do Círio da Prata Grande à Virgem de Nazaré*, Ericeira, Mar de Letras

O círio e o culto a Nossa Senhora de Nazaré. O período seiscentista e oitocentista. O milagre como factor impulsionador da construção do santuário. O surgimento da confraria e a estruturação das práticas festivas. O círio: do séc. XIX até à actualidade. O círio e a decadência da monarquia. O círio pós-República. O círio e as festas na Ericeira. Inúmeras ilustrações e fotografias antigas.

PEREIRA, José de Campos. 1915. *A propriedade rústica em Portugal*, Lisboa, Imprensa Nacional

Características das sub-regiões agrícolas (principais culturas) (p. 34-35) em princípios do séc. XX.

PEREIRA, Nuno Teotónio; FREITAS, António Pinto de; DIAS, Francisco da Silva. 1961. *Arquitectura popular em Portugal*, vol. 2, Lisboa, Sindicato Nacional dos Arquitectos

As características das habitações dos pescadores (p. 91). Algumas fotografias destacam vários aspectos do quotidiano da Nazaré: pescadores na rua (p. 22); mulheres vendem na rua (p. 32); pescadores na praia (p. 91); igreja do Sítio (p. 114).

A PESCA COM A ARTE DE XÁVEGA. 1996. Lisboa, IPIMAR

Caracterização da pesca realizada através da arte de xávega. Algumas indicações técnicas e estatísticas. Destaque para o porto da Nazaré e S. Martinho do Porto no que diz respeito ao número de embarcações envolvidas nesta arte. Os restantes dados e explicações deste estudo referem-se à arte de xávega na sua generalidade.

PIMENTEL, Alberto. 1888. *Chronicas de viagem*, Porto, imp. Tip. de Motta Ribeiro

Roteiros de viagem de cariz literário, que o autor realizou em conjunto com o Conselheiro António Maria Pereira Carrilho em 1888. Nazaré (p. 15-24).

PIMENTEL, Alberto. 1908. *A Extremadura portuguesa: I O Ribatejo*, Lisboa, Empreza da História de Portugal Soc. Ed. Caracterização do então designado concelho de Pederneira. Aspectos históricos e económicos. Destaque para a praia da Nazareth. Lenda de D. Fuas Roupinho. O Sítio. O círio da Prata Grande (p. 420). Desenvolvimento da Nazaré como cabeça de concelho a partir de um pequeno núcleo populacional (p. 413). A pesca (p. 413). A feira de Valado dos Frades (p. 421). A Romaria de S. Braz (p. 413-422). Agricultura no concelho (p. 421). Cerimonial popular do casamento (p. 414-415). A festa dos saloios (p. 420). A Romaria de S. Bartolomeu no dia 24 de Agosto (p. 422). A Romaria de S. Braz em 3 de Fevereiro e o roubo de telhas em Valado dos Frades (p. 422).

PINTO, Helena Gonçalves. 1994. *Caldas da Rainha no princípio do século: fotografias de Alfredo Pinto (Sacavém)*, Caldas da Rainha, Património Histórico

Uma fotografia refere um “Ajuntamento popular junto à capela de S. Sebastião”. Note-se nas paredes da capela cartazes colados anunciando touradas na Nazaré (p. 26).

PINTO, Maria José Passos. 1984. *Nossa Senhora da Nazaré: história e lenda*

Trabalho resultante da síntese de alguns extractos de *Monografia de Mafra* e do trabalho de A. Vilhena *Nossa Senhora da Nazaré: do Círio da Prata Grande* (1959-60). Aspectos históricos do culto a N.ª Sr.ª de Nazaré segundo diversos cronistas. D. Rodrigo e o aparecimento da imagem da Senhora da Nazaré. A monarquia portuguesa e a devoção à Virgem. A construção seiscentista do templo. As romarias e a participação das diversas localidades que acorriam ao Sítio. O Círio da Prata Grande e o ciclo das 17 freguesias, desde o período de setecentos. O cortejo, a entrega da imagem, as loas, os mordomos, os anjos, o mestre, a berlinda. A irmandade e as ofertas. As Pragmáticas que regulamentaram a realização do Círio. Transcrição de algumas loas. Fotografias da autora.

POÇAS JR., J. C. 1901. *A praia da Nazareth: o seu passado e descrição da actualidade acompanhada de nota dos melhoramentos introduzidos nos últimos tres annos e de indicações úteis ao banhista*, Alcobaça, Typ. de António M. de Oliveira

Calendário da época balnear com a indicação dos santos de cada dia para os meses de Agosto a Outubro. Informação das luas. Localização geográfica da Nazaré. História associada ao culto da Virgem. O Monte de S. Bartolomeu. A aparição da imagem. D. Fuas Roupinho e o milagre. A construção do santuário e o culto na actualidade. A Pederneira (orago, população no séc. XIX, origem etimológica, igrejas, pelourinho, enquadramento paisagístico). Caracterização da praia: melhoramentos introduzidos. O quotidiano dos banhistas. Impostos pagos pelos pescadores cerca de 1832. Algumas fotografias antigas legendadas sem indicação de autor (paisagens diversas, estação, praia, banhistas, hotel).

POMBO, Capitão. [s.d.]. *História da sagrada imagem de Nossa Senhora da Nazareth*, 2.ª ed., Tomo 1.º, Nazareth, Typ. Borges (policopiado)

Factos históricos associados à imagem de N.ª Sr.ª da Nazareth.

POMBO, Capitão. 1929. *Reparo à honra da Virgem da Nazareth*, tomo 2.º, Nazaré, Tip. Borges

História da imagem da Senhora da Nazareth. Indicação de alguns documentos importantes para a sua compreensão. Vários milagres. O círio (localidades que o compõem, anos a que corresponde a estada da imagem (p. 149-157).

REBELO, Domingos José Soares. 1997. *Valado dos Frades: da 1.ª carta de Povoação (1259) ao final do séc. XX*, Valado dos Frades, Junta de Freguesia de Valado dos Frades

Pequena monografia da vila. Caracterização histórica, administrativa, demográfica, económica, as questões da habitação e do ensino, as infra-estruturas de apoio à comunidade e o associativismo. Inclui fotografias recentes e antigas, sem indicação de autoria: “Mulher rural a caminho do campo” (p. 33); “Procissão das festas das chouriças. Cestos com ofertas” (p. 37); “Grupo de jovens dos anos 40 com traje de Carnaval” (p. 39).

RÊGO, Artur de Figueirôa. 1950. “Breve notícia sobre a economia agrária do distrito de Leiria”, 2.º Congresso das *Actividades do Distrito de Leiria*, Leiria, Casa do Distrito de Leiria, p. 177-187

A agricultura como actividade dominante do distrito de Leiria. População agrícola. Superfície média da propriedade. Agricultura de tipo familiar. Principais produções agrícolas. A vitivinicultura. Pomares e florestas. O azeite. A criação de gado.

- REMÍGIO, Manuel.** 1950. *O porto de pesca da Nazaré*, Nazaré, Câmara Municipal da Nazaré
Razões da necessidade de construção de um porto de abrigo na Nazaré. Estatísticas diversas (número de embarcações, valor do pescado em diversas épocas). Aspectos técnicos.
- RIBAS, Tomaz.** 1985. *Alguns aspectos originais das danças e canções tradicionais da Nazaré*, Nazaré, Instituto Português do Património Cultural
Conferência proferida por ocasião do Dia Internacional dos Museus. Breve caracterização das danças e canções tradicionais da Nazaré (roda-aos-pares, vira e vira-valseado). O papel dos Grupos *Tá-Mar* e *Mar Alto*. Transcrição da letra e música da canção “Não vás ao mar Tónho” (p. 8). Aspectos históricos relacionados com a importância da Nazaré como núcleo populacional. Influências de outras regiões nos esquemas coreográficos locais.
- RIBEIRO, Armando.** 1933. *Terras fradescas*, Lisboa, Livraria Central de Gomes de Carvalho
Relato de viagem do autor pelo país. Lugares visitados, impressões diversas e aspectos históricos de vários pontos do concelho.
- RIBEIRO, Graça Caldeira.** 2000. “Um escocês bem português”, *Evasões*, n.º 21, p. 76-79
A história dos tecidos *tipo escocês* da Nazaré. Usos dos tecidos e a faina da pesca. Os novos tecidos e padrões. Fotos de Ricardo Polónio.
- RIBEIRO, Margarida.** 1972. “Engenho de amassar barro: subsídios para o estudo das técnicas da olaria popular”, *O Arqueólogo Português*, Lisboa, série III, vol. VI, p. 289-306
Processos tecnológicos associados à amassadura do barro. Introdução na Nazaré (1965) de um engenho para amassar barro (p. 290). A autora, após visita a vários centros oleiros, nomeadamente o de Nazaré, salienta a existência de dois engenhos no lugar de Sítio, apesar de apenas um se encontrar em funcionamento e se destinar à indústria de tijolo (p. 293). Caracterização técnica do engenho, com a indicação de terminologia específica (p. 294-295); dimensões (p. 296); antiguidade na utilização daquele acessório segundo o oleiro (p. 298, 301); outros elementos técnicos. Em anexo reproduz-se uma ilustração do engenho (estampa III) e a sua fotografia (estampa V).
- ROCHA, Jaime.** 1984. *Tonho e as almas*. Lisboa, Relógio d' Água (policopiado)
Romance cuja temática incide sobre a vida de um pescador. O autor é natural da Nazaré, local onde escreveu a obra. Conclui com um glossário de termos associados à pesca.
- ROCHA, Joaquim António Veríssimo.** 1999. *Quando o mar fala*, [s/l.], [s/n.]
Inúmeras referências no texto às artes da pesca local (xávega, candil), a pesca da sardinha, do bacalhau, algumas figuras locais, lendas e crenças dos pescadores, toponímia e locais de encontro.
- ROTEIRO DE MUSEUS: COLEÇÕES ETNOGRÁFICAS LISBOA E VALE DO TEJO.** 1997. Lisboa, Olhapi Edições
O Museu Etnográfico e Arqueológico Dr. Joaquim Manso. Aspectos históricos. Coleção etnográfica. Exposição. Publicações/Bibliografia (p. 110-111).
- SABERES DA VIDA: MEMÓRIAS DE ANTIGAS PROFISSÕES.** 2000. Bombarral, Museu Municipal de Bombarral Vasco P. da Conceição/Maria Barreira
Catálogo de exposição etnográfica. Glossário sobre peças de vestuário (p. 9-12), alusão ao tipo de pessoas e sexo que as envergavam.
- SANTA MARIA, Frei Agostinho de.** [1707-1723]. *Santuário mariano e história das imagens milagrosas de Nossa Senhora, e das milagrosamente aparecidas, em graça dos pregadores, e dos devotos da mesma Senhora*. Lisboa, Off. António Pedrozo Galvão
No segundo volume (1707) o autor referencia a história da imagem e dos milagres de N.ª Sr.ª de Nazareth da Pederneira (p. 143-173).
- SANTOS, Ana Margarida.** 1993. *As loas no cirio da Prata Grande: análise de um discurso*, Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
Trabalho apresentado à cadeira do curso de Mestrado em Antropologia / Teoria Antropológica Aprofundada: tipos de racionalidade. As loas como momentos ritualizados, por ocasião dos festejos do cirio a N.ª Sr.ª da

Nazaré. Conceptualiza-se a prática de recitação de loas, como uma forma de marcar acontecimentos marcantes para as comunidades envolvidas. Analisa-se a estrutura da linguagem utilizada em relação com o tipo de performance a que se interliga. Traça-se um fio condutor entre o conteúdo do cário e a visão camponesa do mundo. Diferentes formas de autoria das loas. A interligação entre as sequências do ritual, os temas focados e as emoções. Diferenças sociais entre os diversos participantes. O papel fundamental dos *anjos*.

SANTOS, Machado dos. 1997. "Nazaré: a lenda, a tragédia e o turismo", *Vilas e Cidades*, n.º 5, p. 5-14
Alterações sociais e económicas que provocaram profundas mudanças no perfil da Nazaré. Aspectos históricos, os primeiros habitantes (gandaréus). A faina da pesca e a participação da mulher no amanho e venda do peixe. O Museu e a obra do pintor Mário Bota. O Sítio da Pederneira, monumentos e elementos da História dos locais envolventes. Proposta de um roteiro pela Nazaré. O santuário, a lenda e o milagre de Nossa Senhora da Nazaré. A Ermida da Memória. O Museu Etnográfico e Arqueológico Dr. Joaquim Manso. O Rancho Folclórico *Tá-Mar*. A pesca e as atividades femininas de comércio ambulante são retratadas em fotografias, sem indicação de autoria (p. 7-9).

SEQUEIRA, Gustavo de Mattos. [1944]. *Estremadura*, Lisboa, Shell Portuguesa
Pequeno roteiro da região. Caracterização física, aspectos paisagísticos e humanos, os principais núcleos populacionais. Apresentam-se algumas fotografias sem indicação de autor, apenas mencionando o local. Destaque para uma fotografia do baptizado de um barco na Nazaré, no qual um grupo de raparigas (?) colocava um ramo de flores, na proa, por ocasião da sua viagem inaugural (p. 15).

SILVA, A. A. Baldaque da. 1908. *Estado actual das pescas em Portugal*, Lisboa, Ministério da Marinha e Ultramar
O porto de pesca e a praia da Nazaré. Apresentação de estatísticas de 1885 e 1886, sobre o movimento de pesca e trabalhadores da costa da Nazaré (p. 125). O movimento do porto de pesca em 1886 (p. 419).

SILVA, Abílio Leal de Mattos e. 1970. *O traje da Nazaré*, Lisboa, Astória
Texto literário ilustrado pelo próprio autor. O quotidiano da pesca, os dias de festa. Ressaltam outros elementos para lá do traje tradicional, como por exemplo a arquitectura, as alfaias da pesca. Caracterização de várias facetas do traje feminino e masculino: blusa, corpete, saia, avental, capa, lenço, chapéu, camisola, camiseta, ceroulas, casaco, barrete, cinta e calçado. Contém ilustrações e esquemas com dimensões para a confecção. Versão do texto em francês e inglês.

SILVA, Carlos da; ALARCÃO, Alberto; CARDOSO, António Poppe Lopes. 1961. *A região a oeste da serra dos Candeeiros: estudo económico-agrícola dos concelhos de Alcobaça, Nazaré, Caldas da Rainha, Óbidos e Peniche*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian
Numa primeira parte aprofundam-se as relações entre o homem e o meio, nomeadamente no que diz respeito à caracterização física (geomorfológica, geológica, oro-hidrográfica, climática e pedológica) dos concelhos em estudo (Óbidos, Peniche, Alcobaça, Nazaré e Caldas da Rainha). Sob o ponto de vista histórico, esclarece-se a situação das instituições e das técnicas na região, sobretudo no domínio dos coutos e das povoações que aí se inseriam. O conceito de casal ligado a um tipo específico de exploração fundiária. Analisam-se os contornos da evolução demográfica da região, mesmo ao nível das freguesias. Efectuou-se igualmente o levantamento das infra-estruturas (transportes, comunicações, electricidade, gás, água e saneamento, obras de hidráulica agrícola). De salientar também os capítulos sobre a estrutura da propriedade e sobre a agricultura regional: dimensões, dispersão, os baldios, número de prédios por proprietário, tipologia das empresas agrícolas, suas formas de exploração, utilização do solo, tipos de culturas em regadio e em sequeiro, áreas agro-florestais. Estabelece-se ainda a carta agrícola e florestal segundo áreas bem definidas para as diversas culturas em presença (oliveira, pinhal, áreas de inultos, vinha, culturas arvenses, hortícolas e frutícolas) e refere-se a criação de gado, consoante as espécies exploradas. Investigou-se igualmente a composição social da população agrícola e as diferentes hierarquias de relações (idade, sexo, estrutura profissional, regime laboral e remuneração). Alguma preocupação com o trabalho familiar e sazonal e com as organizações de tipo cooperativo. Desenvolvem-se os processos técnicos de cultivo das diversas espécies e os cuidados a ter com elas (mobilizações do solo e fertilizantes). Alguma atenção prestada à colheita, debulha e tarefas na eira, aos transportes e equipamento, ao armazenamento e à conservação da produção. Em seguida, destaque para as indústrias de transformação agropecuária correlacionadas (adeegas, lagares, unidades fabris) e comercialização. O trabalho conclui-se com uma perspetivação do desenvolvimento regional (levantamento das potencialidades e heterogeneidades, propostas de intervenção, pólos de desenvolvimento e as zonas de atracção).

- SILVA, Joaquim Francisco Couto; FERNANDES, Pedro Jorge Marques; LOURENÇO, Vitor da Cruz.** 1988. "Práticas testamentárias na Nazaré (entre 1850-1875)", *Actas das 1.ªs Jornadas de Antropologia e Etnologia Regional*, Leiria, Escola Superior de Educação de Leiria, p. 113-114
 Pretende-se analisar a natureza da transmissão dos diferentes tipos de património e alguns rituais funerários (componente material e componente espiritual).
- SILVA, José Lucas da.** 1892. *A Senhora da Nazareth: história da imagem desde a sua vinda da Palestina até ao presente acrescentada com muitas notas históricas, uma pequena notícia da vila da Pederneira, do sítio e do templo da Nazareth e com a origem do Círio da Prata Grande*, Mafra, Typ. Mafrense
 Situação histórica ligada ao aparecimento da imagem da Senhora da Nazareth. A figura de D. Fuas Roupinho e a descoberta da imagem. O milagre. Construção do templo. Rebeliões na Nazaré contra os invasores franceses. O desaparecimento da imagem e o seu reaparecimento em 1810. Durante a III Invasão, a imagem de N.ª Sr.ª da Nazaré é posta a salvo secretamente no Pendão (Belas), tendo pernoitado em Azambujeira dos Carros (concelho de Óbidos) e passado alguns dias em Mafra. Trasladação para a Real Capela de Queluz. Viagem de regresso da imagem ao templo na Nazaré. Descrição da vila da Pederneira, o Sítio e o santuário de N.ª Sr.ª da Nazareth. Os círios. O Círio da Prata Grande descrito por Júlio César Machado. As 17 freguesias participantes no giro do círio.
- SILVA, Silvino Pais da.** 1999. *Das Vidas e dos Medos*, [s/l.], Edições Margem
 Compilação de histórias e episódios vividos pelo autor, natural da Nazaré. Contributos para a compreensão da memória da Praia.
- SOARES, José.** [s/d]. *Ventania*, [s/l.], [s/n.]
 Poesias acompanhadas de ilustrações de Paul Girol. Algumas alusões ao mar e à pesca.
- SOARES, José.** [1982]. *A romaria de S. Brás*. Nazaré, Serviços de Cultura e Turismo da Nazaré.
 Pequena descrição da romaria celebrada a 3 de Fevereiro no monte com o mesmo nome, a 3 Km da vila.
- SOARES, José.** 1997. *José da Beca: etnobiografia*
 Notas biográficas de José da Beca, personagem nazareno. Inúmeras fotografias do biografado em várias fases da sua vida.
- SOARES, José.** 1998. *Cem anos de naufrágios (de 1860 a 1979) na costa da Nazaré*, Nazaré, Câmara Municipal da Nazaré
 Compilação das principais tragédias ligadas ao mar na região da Nazaré com recurso na sua maioria a recortes da imprensa local e documentos de carácter histórico. Reproduções das notícias de imprensa. Lista de embarcações nacionais e estrangeiras naufragadas no litoral da Nazaré. Glossário de termos relacionados com a pesca e o mar. Fotografias de personagens locais mortos em naufrágios.
- SOARES, Maria Micaela.** 1994. "Romarias, procissões, círios", *Dicionário da História de Lisboa*, Sacavém, Carlos Quintas e Associados Consultores, p. 779-782
 O fenómeno das romarias, procissões e círios na região da Estremadura. Caracterização do círio da Prata Grande (ou de N.ª Sr.ª da Nazaré) como um dos mais importantes da tradição estremenha.
- SOARES, Mário.** 1998. "Região do Oeste: Nazaré", *Jornal das Caldas*, n.º 9, p. 9
 Síntese de vários aspectos do concelho. Situação geográfica, panorama económico, dados históricos, freguesias que o integram, executivo municipal, feriado municipal, principais monumentos, locais de lazer e turismo, gastronomia, vinhos e artesanato.
- SOUSA, Dora Alexandra.** 1991. *Senhora da Nazaré: descrição e análise de devoções*, Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (policopiado)
 Dissertação de licenciatura em Antropologia. Contextualização geográfica e histórica da Nazaré. Questões relacionadas com a lenda do aparecimento da imagem de Nossa Senhora. Caracterização dos festejos realizados, durante o mês de Setembro, a N.ª Sr.ª da Nazaré (momentos principais e participantes). A chegada dos círios e a vinda de populações oriundas do exterior da Nazaré, e as representações sociais da conflitualidade daí advinda. A participação do círio de Olhalvo (Alenquer) nos festejos a N.ª Sr.ª da Nazaré.

Caracterização da sua integração dos festejos. A constituição do Círio da Prata Grande. Localidades participantes e suas funções. A ruptura do quotidiano das populações agrícolas. Questões sociais associadas às práticas católicas patentes no círio. Análise dos momentos mais representativos da comunidade nazarena ao longo do ano (festividades) e seus tempos de lazer. A importância do mês de Setembro. Redes de solidariedade associadas aos festejos de N.ª Sr.ª da Nazaré. Objectos de devoção (quadros e lâminas) e protecção. Transcrição de loas. Em anexo apresentam-se fotografias não legendadas da autora (?), alguns postais do Sítio, do santuário, dos festejos, de objectos de devoção, traje de festa e programas de festas de vários anos.

SOUZA, Epiphany de Figueiredo e. 1899. *Brizas da Nazareth*, Lisboa, Tip. de Eduardo Rosa (policopiado)

O autor deste conjunto de poesias era natural da Nazaré. Algumas delas aludem a determinados locais desta.

TEIXEIRA, Vasco A. Valadares. 1991. "*Círios da Estremadura*", *Portugal Moderno: tradições*, Lisboa, Pomo Edições, p. 103-113

Os círios estremenhos como uma das manifestações mais importantes da religiosidade na região. Destaque para os três principais: N.ª Sr.ª da Atalaia, N.ª Sr.ª do Cabo e N.ª Sr.ª da Nazaré. Em relação a este último, identificam-se os principais momentos: localização, aldeias participantes, aspectos históricos da fundação do culto, o ciclo de 17 anos, as confrarias, o ritual, as figuras e os cargos, a celebração litúrgica, objectos ligados ao culto – insígnias, registos. Conclui o artigo uma bibliografia específica (p. 107-113). Reproduz-se uma fotografia publicada na *Ilustração Portuguesa* (1912) na qual se podem observar romeiros a caminho da Nazaré (p. 107). Inclui também fotografias do autor: berlinda que transporta a imagem (p. 110); anjos (p. 111); medalhas (p. 112).

TORGA, Miguel. 1943. "Nazaré", *Diário*

Obra literária com capítulo contendo informações sobre a Nazaré.

O TRABALHO E AS TRADIÇÕES RELIGIOSAS NO DISTRITO DE LISBOA: EXPOSIÇÃO DE ETNOGRAFIA. 1991.

Lisboa, Governo Civil de Lisboa

Catálogo de exposição. Identificação das peças expostas. O Círio de N.ª Sr.ª da Nazaré entre o conjunto de círios celebrados na Estremadura. Destacam-se as participações dos círios provenientes de Alenquer, Caldas da Rainha e Nazaré (p. 325).

TRAJE POPULAR. 1977. Lisboa, Museu de Etnologia

Catálogo de exposição sobre os traços fundamentais do traje popular nas diversas regiões do país. Explicação das características de uma saia da Nazaré exposta na mesma exposição (peça n.º 31). Destacam-se duas fotografias de Benjamim Pereira, que retratam uma mulher vestida com o traje da Nazaré (foto n.º 70) e homens envergando gabão (foto n.º 71).

TRAJO TRADICIONAL DA NAZARÉ: EXPOSIÇÃO DIA INTERNACIONAL DOS MUSEUS. 1981. Nazaré, Museu

Etnográfico e Arqueológico Dr. Joaquim Manso

Guia da exposição realizada no Museu em 1981. Designação da peça, pequena descrição e caracterização, dimensões e número de inventário (traje de festa feminino e masculino, traje de trabalho). Algumas fotografias da exposição.

TRAJE TRADICIONAL DA NAZARÉ. 1994. Nazaré, Museu Etnográfico e Arqueológico do Dr. Joaquim Manso

Guia de exposição sobre o traje tradicional. Designação das peças expostas, material, data de confecção, dimensões, número de inventário e breve caracterização.

TRINDADE, José Maria dos Santos. 1990. *A comunidade piscatória da Nazaré*, Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (policopiado)

Dissertação de licenciatura. Pretende analisar-se a importância da matrifocalidade na comunidade piscatória da Nazaré e o modo como esta estrutura a personalidade e a visão do mundo pelos pescadores. Aspectos históricos relacionados com a vila, população activa vivendo da pesca, principais autores, a história dos diferentes núcleos populacionais e a progressiva importância da zona da praia. Os primórdios da actividade turística. A construção do porto de abrigo e a diminuição do número de pescadores. Razões para algum acréscimo de movimento na lota. As diferentes técnicas de pesca, embarcações utilizadas, terminologia

específica, apresentação de algumas ilustrações. Capítulo dedicado às relações e organização familiar e ao tipo de personalidade feminina e masculina. Diferenças entre os sexos nas atitudes e comportamentos. O prosseguir das diferenças nas diferentes fases da vida (infância, adolescência, velhice). Inquérito aos jovens para apuramento das características mais importantes na formação da sua personalidade. Diferenciação social associada aos festejos carnavalescos. As cegadas e a crítica social (principais temáticas). Inclui postais ilustrados sobre a pesca na Nazaré e fotografias relativas às cegadas carnavalescas.

- VASCONCELOS, J. Leite de.** 1923. "Etnografia estremenha", *Boletim de Etnografia*, n.º 2, p. 44-51
Composição do traje do pescador da Nazaré: formas e materiais (p. 48). Fotografia de um pescador, sem indicação de autor.
- VASCONCELOS, J. Leite de.** 1932. "Círios estremenhos: subsídios para o seu estudo", *Revista Lusitana*, vol.30(1-4), p. 5-97
Diversa informação sobre os principais santuários onde ocorrem círios na Estremadura. O círio, o santuário e a lenda da Senhora da Nazaré na literatura ao longo dos tempos (p. 6-8). Coleção de loas do autor relacionados com este círio (p. 8-11). Transcrição de algumas loas, louvores e hinos sagrados.
- VASCONCELOS, J. Leite de.** 1935. "Círios estremenhos: subsídios para o seu estudo", *Revista Lusitana*, vol. 33 (1-4), p.269-300
Transcrição de loas relacionadas com o Círio de N.ª Sr.ª da Nazaré.
- VASCONCELOS, J. Leite de.** 1936. *Etnografia portuguesa II: tentame de sistematização*, Lisboa, Imprensa Nacional
Num capítulo dedicado a povoações criadas à custa do estabelecimento de vias terrestres (caminhos-de-ferro), nomeia-se a estação de Cela Nova perto da praia da Nazaré (p. 578). Designação das principais praias portuguesas, entre as quais a de Nazaré (p. 563). Tipos de povoamento. O caso específico da Nazaré (p. 661).
- VASCONCELOS, J. Leite de.** 1938. "Círios estremenhos: subsídios para o seu estudo", *Revista Lusitana*, vol. 36 (1-4), p. 246-262
Transcrição de loas relacionadas com o Círio de N.ª Sr.ª da Nazaré.
- VASCONCELOS, J. Leite de.** 1942. *Etnografia portuguesa III: tentame de sistematização*, Lisboa, Imprensa Nacional
Inclusão da Pederneira entre as vilas do couto de Alcobaça referidas num texto do séc. XVII citado pelo autor (p. 423).
- VASCONCELOS, J. Leite de.** 1967. *Etnografia portuguesa V: tentame de sistematização*, Lisboa, Imprensa Nacional
Índice dos principais assuntos tratados neste volume. Rimas infantis (p. 85). Práticas e crenças relacionadas com a água (p. 126; 133). Pesos de rede para a pesca (p. 158). A caça (p. 296; 319). Pesca de arrasto (p. 360); os galeões (ou armações valencianas) (p. 372); as netas (embarcações) (p. 374); as redes de arrasto (p. 375); rede para a pesca da lagosta (p. 377). Outras informações relativas à pesca na Nazaré (p. 386).
- VASCONCELOS, J. Leite de.** 1980. *Etnografia portuguesa VII: tentame de sistematização*, Lisboa, Imprensa Nacional
Índice dos principais assuntos relativos a entidades míticas tratados neste volume. Episódio ocorrido no templo de N.ª Sr.ª da Nazaré, no qual algumas pessoas da freguesia de Vale de Óbidos (Rio Maior) aí se dirigiram para excomungar um espírito (p. 44-45). História sobre a aparição de entes sobrenaturais recolhida pelo autor a propósito da praia da Nazaré (p. 292).
- VASCONCELOS, J. Leite de.** 1983. *Cancioneiro popular português III*, Coimbra, Universidade de Coimbra
Diversas quadras sobre o círio da Senhora da Nazaré (p. 380-381).
- VASCONCELOS, J. Leite de.** 1983. *Etnografia portuguesa VI: tentame de sistematização*, Lisboa, Imprensa Nacional
Índice dos principais assuntos tratados neste volume. Obtenção de seixos rolados da praia da Nazaré para

a cerâmica de Estremoz (p. 64). Registos de N.^a Sr.^a de Nazaré na decoração das casas estremenhas (p. 228). Espelho de fechadura da igreja de N.^a Sr.^a da Nazaré (p. 246; fig. 182). Cantiga alusiva ao vestuário (p. 526). Embarcações (p. 721).

VASCONCELOS, J. Leite de. 1985. *Etnografia portuguesa IX: tentame de sistematização*, Lisboa, Imprensa Nacional

Índice dos principais assuntos tratados neste volume. Festa de S. Bartolomeu (p. 39). Mau-olhado (p. 49). Amuletos (p. 209). As romarias (p. 302). O círio de N.^a Sr.^a da Nazaré (p. 307-308). Referências bibliográficas relativas a este círio (p. 311-312). Informações diversas relativas ao Círio da Prata Grande (p. 322-323). Loas (p. 355). Itinerário deste círio (p. 356). Rima popular (p. 357). Lista dos círios da Senhora da Nazaré (p. 359-360). Registos de santos (p. 361). Arrendamento da praça de touros (p. 599).

VASCONCELOS, J. Leite de. 1988. *Etnografia portuguesa X: tentame de sistematização*, Lisboa, Imprensa Nacional

Índice dos principais assuntos tratados neste volume. Numerais (p. 14). O arremesso de dentes (p. 256). Trabalhadores agrícolas temporários (p. 571).

VASCONCELOS, João. 1996. *Romarias I: um inventário dos santuários de Portugal*, Lisboa, Olhachim Edições

No Monte de S. Bartolomeu sobranceiro à Nazaré realiza-se anualmente no mês de Fevereiro a romaria de S. Brás (p. 235). Outra romaria de destaque no concelho é a da Senhora da Nazaré, em Setembro. Descrição pormenorizada do local (o Sítio) onde se realiza a festa. Aspectos históricos. A Lenda de D. Fuas Roupinho. A importância do Círio. Freguesias e povoações participantes (p. 235-238).

“A vida dos concelhos: Nazaré” 1940. *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, Lisboa, Junta de Província de Estremadura

Dados diversos sobre o concelho: imprensa, Casas do Povo, secções do Sindicato Nacional, Grémios, Sociedades de Recreio, composição do executivo municipal e acção das Câmaras (p.168).

VIEIRA, Alice. 1997. *As praias de Portugal*, Lisboa, Caminho

Alusões ao quotidiano das localidades que têm as praias como pano de fundo. Praia da Nazaré (p. 138-144). Trabalho profusamente ilustrado com fotografias de Maurício de Abreu.

VIEIRA, João Correia. 1958. *Nazaré*, [s/l.], Edições Paulistas

Poesias inspiradas na Nazaré (a pesca, o mar, as lendas religiosas, o milagre de D. Fuas, entre outros aspectos).

YBARRA, Fernando. [s/d.]. *Teatro*, Nazaré, ed. do autor

Peças de teatro representadas pelo Grupo Cénico Académico da Nazaré. Trabalho reeditado.





< Jovem membro da Banda Filarmónica no Largo da Praça de Óbidos, após a procissão da Bênção dos Ramos, cujo percurso se desenrola sobre um tapete de alecrim. 2000.

Óbidos

ABREU, Madalena Fernandes de. 1980. *Monografia de Óbidos*, Vila Nova de Ourém, Câmara Municipal de Vila Nova de Ourém

Monografia sobre diversos aspectos da vila. Desde as formas de habitação ao traje, passando pelo caracterizar das diferentes tarefas e alfaías agrícolas, o cancionero, ofícios tradicionais e utensilagem doméstica. Pequeno capítulo sobre crenças, usos e costumes: casamentos, dia da Espiga, dia de S. João, dia do Bolinho, festa da Sesta, Serração da Velha, Carnaval e matança do porco. Algumas fotografias sem indicação de autor.

ABREU, Maurício de; FERNANDES, José Manuel. 1987. *O homem e o mar: o litoral português*, Lisboa, Círculo de Leitores

Integrado no capítulo intitulado *Póvoas de marítimos e pescadores: Estremadura* alude-se à Lagoa de Óbidos e ao seu historial de actividades pesqueiras, hoje porém, em decadência (p. 80-82). Destaque para uma fotografia de Maurício de Abreu, onde surge a Lagoa de Óbidos (p. 82).

AMORIM, José Amâncio Branco de. [1909]. *Vau de Óbidos*, [imp. Lisboa]

Trabalho realizado com o objectivo de recolher fundos para a aquisição de um relógio para a torre da igreja de Vau. Caracterização da freguesia nos princípios do séc. XX, nas suas componentes administrativa, demográfica, histórica, económica e de construção do património. Numa segunda parte é publicada a cópia de um manuscrito setecentista existente nos arquivos paroquiais, da autoria do Padre João de Torres Ribeiro, sobre as origens históricas do Vau, o estabelecimento da aldeia, relatos sobre a sua delimitação administrativa, sobre o orago da freguesia (N.ª Sr.ª da Piedade) e Santa Quitéria. Publica-se ainda o alvará de D. Maria I acerca da pesca na Poça da Abufeira e transcrevem-se as loas para o Círio dos Casaes do Val-Bemfeito a Santa Quitéria da freguesia do Vau. Fotografias da época, incidindo sobre vários aspectos da freguesia (jogos tradicionais, a escola primária).

ANDRADE, A. M. 1940. "As comemorações nos concelhos da província estremenha", *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, p. 62-74

As comemorações do Duplo Centenário em Óbidos (p. 69).

ANUARIO DA FOLHA DE TORRES VEDRAS COMMERCIAL, BUROCRATICO E AGRÍCOLA COMPREHENDENDO OS CONCELHOS DE ARRUDA, CADAVAL, LOURINHÃ, MAFRA, ÓBIDOS, PENICHE, SOBRAL DE MONT' AGRAÇO E TORRES VEDRAS 1907. 1907. Torres Vedras, Livraria Editora Júlio Vieira

Apresentação do calendário do ano, calendário agrícola para os diversos meses, santos de cada dia, publicidade a diversos produtos, serviços e estabelecimentos comerciais. Em cada concelho são apresentadas as estatísticas de população, distâncias em relação às principais localidades; introdução à história ; pontos de maior interesse. Para as vilas-sedes de concelho, referem-se também alguns dados administrativos, serviços públicos, transportes, estabelecimentos de ensino, hospitais, associativismo local, ofícios tradicionais e respectivos artesãos e outros serviços. Nomes dos principais agricultores. Composição das freguesias: lugares, quintas e casais. Apresentação dos principais dados relativos às freguesias dos concelhos. Cada concelho é introduzido por uma fotografia de uma vista panorâmica da vila-sede.

ARAÚJO, Maria José de. 1997. “Os comerres: uma família da Lagoa de Óbidos, a outra de São Gregório”, *Sítios e Memórias*, Lisboa, n.º 1, p. 16-25

Estudo comparativo das práticas alimentares, hábitos e ideologias face à alimentação recolhidos em Nadadouro (Óbidos) e São Gregório (Caldas). Os produtos consumidos. O peixe e a carne. Representações da morte dos animais. Sociabilidades relacionadas com a temática do consumo alimentar. Analogias homem/animal. O calendário anual através dos alimentos. A comensalidade nas várias datas festivas anuais. Solidariedades a propósito da alimentação.

BAPTISTA, Alberto Vieira. 1987-1988. “O Santo Antão de Óbidos”, *Revista de Guimarães*, Guimarães, vol. XCVII-XCVIII

Trabalho reeditado em 1993 pela Comissão Organizadora das Festas de Santo Antão de Óbidos. Enquadramento da festividade no panorama regional, nacional e europeu. Outros santos protectores dos animais. Localização do templo. A lenda da sua origem. Os principais momentos da festa. O papel do santo protector. A compra dos chouriços na casa das esmolas e o leilão. Alguma confusão estabelecida entre o Santo Antão e o Santo António de Lisboa. Iconografia. Diversas fotografias.

BAPTISTA, Alberto Vieira. 1988. “O Santo Chouriço de Óbidos: Santo Antão”, *Revista de Guimarães*, Guimarães, vol. XCVII-XCVIII, p. 3-22

Santo Antão e a realização da sua romaria. Integração no panorama social, económico e cultural da região. Os santos protectores dos animais. A devoção a Santo Antão em localidades próximas. A localização da ermida. A lenda da origem. Importância da festa e do culto. Aspectos iconográficos. Os registos de santos. Diversas fotografias, sem indicação de autor, sobre pormenores da romaria e da imagem do santo.

BAPTISTA, Alberto Vieira. 1989. “As barracas dos pescadores da Lagoa de Óbidos”, *Revista de Guimarães*, Guimarães, vol. XCVI, p. 3-13

Localização e origem histórica da Lagoa. Estabelecimento das primeiras populações (os varinos). A construção das *barracas* e sua localização actual. Caracterização deste tipo de arquitectura (aspectos interiores e exteriores). Apresentação de alguns desenhos com pormenores diversos.

BARBOSA, Pedro Gomes. 1992. *Povoamento e estrutura agrícola na Estremadura central: século XII a 1325*, Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica

Caracterização das diversas regiões pertencentes ao termo de Óbidos: aldeias, explicações toponímicas e antroponímicas, localização geográfica, formas de povoamento. Os principais proprietários fundiários e o tipo de propriedade que detinham (dimensões e tipo de culturas). Práticas marítimas e transporte de mercadorias. O caso das vinhas. Engenhos de moagem (p. 207-244).

Boletim da Junta de Província de Estremadura. 1939.

Brasão d' armas de Óbidos (p. 92). Reprodução de cartaz anunciando os festejos realizados em Óbidos por ocasião das comemorações do Duplo Centenário (p. 21).

BOTELHO, Joaquim da Silveira. 1996. *Óbidos: vila museu*, 2.ª ed., Óbidos, Câmara Municipal de Óbidos

Apontamentos sobre o património construído civil e religioso da vila e arredores, acompanhados das respectivas fotografias. A história do concelho. Composição das freguesias. Referências sobre as águas termais e jazidas minerais (p. 73-74). Destaque para informações gerais sobre procissões e romarias (p. 75-76). Património em ruínas (p. 81-83). Figuras ilustres do concelho (p. 84-91). Exemplos de poesia sobre Óbidos (p. 93-98). As freguesias (p. 99-108). Desenho de Pedro Jorge Pinto, no qual surgem em primeiro plano dois agricultores que passam na estrada com as enxadas aos ombros (p. 18-19); desenho do Prof. Bénard Guedes, representando a ponte sobre o rio Arnóia (ca.1920) (p. 40); postal (anónimo) de um grupo de mulheres apanhando ameijoas na Lagoa de Óbidos (p. 53); postal (anónimo) da apanha de limo na Lagoa de Óbidos (p. 54); fotografias da feira de Santa Iria e de uma berlinda do Cirio da Nazaré (p. 76).

BRANDÃO, Raúl. 1923. *Os pescadores*, Paris; Lisboa, Aillaud e Bertrand

Texto de estilo literário, exaltando memórias do autor sobre o mar, os pescadores e a faina da pesca. O cenário de Óbidos visto pelo autor (p. 195). Breve alusão à pesca na Foz do Arelho e Lagoa de Óbidos. As construções provisórias designadas *barracas* (1922 p. 243).

CADERNOS DO DISTRITO DE LEIRIA. 1979. Ano 1, n.º 1

Número temático dedicado ao concelho de Óbidos. Um dos artigos refere-se à Lagoa de Óbidos e à sua progressiva agonia.

CARDOSO, Nuno Catharino. 1945. “*Armas municipais do distrito de Leiria e a evolução que sofreram*”, *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, n.º 8, p. 127-134

Descrição dos vários elementos constituintes das armas antigas, e à data da edição do artigo. Listagem alfabética dos elementos que surgem nas armas. Reproduções de alguns brasões d'armas sem indicação de proveniência.

CASTELO DE ÓBIDOS. [s/d.]. [s/l], [s/n] (policopiado)

Se bem que esta obra se refira principalmente a uma caracterização dos principais aspectos do património construído da vila, poder-se-ão encontrar focadas informações sobre usos e costumes, paisagem, lazer, etnografia, artesanato, gastronomia, equipamentos municipais, turismo, festividades e associativismo local. Apresentam-se as principais feiras e romarias (fixas e móveis) do concelho.

CASTELO BRANCO, Fernando. 1957. “*Alguns aspectos da evolução do litoral português: da ilha de Peniche à península de Peniche*”, *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, n.º 7-9, p. 337-354

Referências históricas em diversos autores sobre a evolução de alguns locais da costa litoral portuguesa. Diversas transformações ocorridas na Lagoa de Óbidos (p. 343-344).

CASTELO BRANCO, Fernando. [s/d.]. “*Culinária e doçaria*”, *A Arte Popular em Portugal*, vol.1, p. 297-333

Quadro de Josefa d' Óbidos identificado com a legenda: “Cesto com pão” - séc. XVII. Trata-se da reprodução a cores de um cesto com alguns pães e folares, decorados com ovos, possivelmente para consumo durante as festividades pascais (p. 320).

CHAVES, Luís. 1939. “*Páginas folclóricas*”, *Revista Lusitana*, vol. 37 (1-4), p. 32-100

Inicialmente publicado no jornal *A Voz*, em Dezembro de 1937, este artigo contém diversos exemplos de festividades religiosas e crenças populares. Apresenta duas quadras recolhidas em Óbidos, uma alusiva a Nossa Senhora na Sagrada Família (p. 68), a outra à Senhora do Socorro (p. 77).

CHAVES, Luís. 1943. “*Cruzeiros e pelourinhos estremenhos*”, *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, n.º 2, p. 149-154

Refere-se a existência de pelourinho em Óbidos. Ilustração do referido pelourinho.

COELHO, Adolpho. 1993. *Obra etnográfica I: festas, costumes e outros materiais para uma etnologia de Portugal*, Lisboa, Dom Quixote

Referências à realização, outrora, da festa dos Cavaleiros na véspera e dia de S. João (p. 315). No séc. XVIII, de entre a lista dos indivíduos processados pela Inquisição de Lisboa, assinala-se a existência de uma mulher de 27 anos, designada como a *beata de Óbidos*, e pela qual o rei D. João V terá intercedido (p. 417).

COELHO, Adolfo. 2000. *Digressões gastronómicas no país das uvas*, [Lisboa], Publicações Chaves Ferreira

Compilação de textos do autor, originalmente integrando a publicação *Informação Vinícola* (1938-1939), propriedade da Junta Nacional do Vinho, a convite de António Batalha Reis. Os artigos referem-se ao enquadramento paisagístico e económico de vários concelhos do país, nomeadamente da região oeste. O trabalho inclui igualmente um conjunto de fotografias recolhidas, segundo a nota introdutória, pelo Serviço de Informação da Junta Nacional do Vinho. Estas não se encontram legendadas, nem contextualizadas, mas referem-se possivelmente ao período no qual a *Informação Vinícola* foi publicada (1938-62). Informação sobre Óbidos (p. 47-50).

COMO TRAJAVA O POVO PORTUGUÊS. 1991. Lisboa, INATEL

Catálogo de exposição realizada no âmbito do 5.º Festival Internacional de Folclore. O traje nas Caldas, Óbidos, Bombarral, Torres Vedras e Alcobaça.

CONSTRUÇÕES I: ARQUITECTURA POPULAR. [s/d.]. [s/l], [s/n] (policopiado)

Trabalho elaborado por diversos alunos da Universidade Lusíada. Localização e importância da Lagoa de

Óbidos. O estabelecimento das populações. As barracas (aspectos técnicos associados à sua construção). Desenhos, alçados e perspectivas. Inúmeras fotografias com diferentes fases do processo de construção.

CORREIA, J. Diogo. 1956. “**Toponímia estremenha**”, *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, n.º 41-42-43, p. 37-45

Origem etimológica da aldeia de Sancheira (p. 45).

CORREIA, Maria Filomena; MOREIRA, Carla; CAMPOS, Carlos. [s/d.]. *A caldeirada da Lagoa de Óbidos*, Portimão, ed. de autor (policopiado)

Trabalho realizado no âmbito da disciplina de Etnografia Portuguesa da Escola Superior de Gestão, Hotelaria e Turismo. Enquadramento da *caldeirada* no âmbito da alimentação nacional e regional. Aspectos relacionados com a sua confecção e consumo a nível doméstico e turístico. Outros aspectos da gastronomia local e dos vinhos regionais. Apresentação de receitaário. Reprodução de postais antigos representando a actividade piscícola na Lagoa.

COSTA, Alexandre de Carvalho. 1970. “**Lendas, historietas, etimologias populares e outras etimologias respeitantes às cidades, vilas, aldeias e lugares de Portugal continental**”, *Boletim Cultural da Junta Distrital de Lisboa*, n.º73-74, p. 201-251

Origem etimológica de Sancheira (p. 216).

COSTA, Jorge Felner da. 1958. “**O problema regional de turismo das Caldas da Rainha**”, *Perspectivas do Turismo Regional*, Caldas da Rainha, [Museu Provincial José Malhoa]

A hipótese de criação da Região de Turismo das Caldas da Rainha e quais os concelhos a integrá-la (Óbidos, Peniche, Nazaré, Alcobaça e Bombarral).

CRESPINO, Albertino; FURTADO, Antero R. 1982. *Várzea da Rainha: subsidios para o estudo de um latifúndio no concelho de Óbidos (séculos XVI-XIX)*, Bombarral, [s/n.]

Reprodução de colecção de documentos oitocentistas a propósito de um contencioso envolvendo propriedades régias. Permite observarem-se as formas como evoluiu a propriedade rural, o seu usufruto ao longo dos tempos, a sua permeabilidade em relação às mudanças ocorridas naquela época pela sociedade portuguesa e as implicações sociais que as relações de poder, associadas à posse da terra suscitavam.

CUNHA, Rui. 1989. *Óbidos: um convite ao olhar*, [Parede], Portugal à Vista

Edição trilingue (português-inglês-francês). Obra de cariz fundamentalmente fotográfico, encerra pormenores interessantes de cunho arquitectónico do casario da vila: muros, telhados, sacadas, portadas, janelas, iluminação pública, ruas, varandas, alpendres, chaminés e aldravas. Em anexo, algumas fotografias a p.b. salientam o património edificado religioso e alguma simbologia encontrada em edifícios (cruzes, insculpturas e signos-saimão).

DESCOBRIR ÓBIDOS. [s/d.]. [Óbidos], Associação de Defesa do Património do Concelho de Óbidos; Museu Municipal de Óbidos (policopiado)

Integrado no programa *Descobrir Óbidos*. Compilação dos principais eventos realizados com o objectivo de promover e divulgar o património do concelho (conferências, passeios, exposições) e de recortes da imprensa local e nacional sobre diversos aspectos do concelho.

DUARTE, José Alberto. 1998. “**Viver n(o) património**”, *Cadernos Culturais*, Óbidos, Câmara Municipal de Óbidos, n.º 1, p. 9-14

Comunicação apresentada ao 1.º Fórum do Património do Oeste (Bombarral, 1995). A defesa, preservação e divulgação do património do concelho de Óbidos.

EÇA, Maria Natália Almeida d'. 1995. *Roteiro artesão português: Estremadura*, Porto, ed. do autor

Roteiro das artes e ofícios tradicionais existentes na Estremadura e organizado por concelhos. Referências aos nomes dos artesãos e contactos dos seus locais de trabalho. Inúmeras fotografias retratando interiores das oficinas, peças, matéria-prima, os artesãos a trabalhar.

EVANGELISTA, João. 1962. *A-dos-Negros: uma aldeia da Estremadura*, Lisboa, Centro de Estudos Geográficos

Monografia na área da geografia humana, sobre uma aldeia do concelho de Óbidos. Localização geográfica

e administrativa. Historial do aproveitamento da terra. O papel fulcral da agricultura e pecuária. Terminologia, principais actividades, processos de cultivo, operações agrícolas (a vinha, o trigo, o milho, a batata e a oliveira), alfaias utilizadas, localização das culturas. Em seguida, analisam-se as oscilações demográficas da aldeia ao longo dos tempos. São focados também os aspectos da vida social (sociabilidades, hábitos, carácter, vestuário, refeições, tempos de lazer e festividades). Demonstram-se algumas causas para o êxodo rural e dão-se exemplos de migrações sazonais de carácter laboral (aldeões deslocam-se para a apanha da azeitona no Ribatejo); para a cava da vinha vêm pessoas de Famalicao da Nazaré e Cela do concelho de Alcobaça – os *malteses*; os *abegões* vão para o Bombarral durante a vindima. A arquitectura tradicional e a vida familiar. Traçam-se os padrões de povoamento na aldeia. As condições económicas na aldeia (tipos de exploração agrícola, o rendimento agrícola, o associativismo agrícola). É dado como exemplo ideal o caso da Adegua Cooperativa do Bombarral e o seu importante papel na economia do concelho. Finaliza-se com uma pormenorizada análise de uma exploração de tipo familiar, apreciando-se as actividades de cada um dos seus membros, as culturas realizadas, a distribuição do rendimento familiar e sua aplicação, o custo económico de cada tarefa realizada, e dos bens de uso agrícola adquiridos. Apresentação de planta de casas de taipa (p. 65-66) e de instalações de exploração agrícola de tipo familiar (p. 92). Anexo fotográfico, sem indicação de autor, para a maioria das fotografias, à excepção de algumas de José Pereira, mostrando vários aspectos da aldeia: paisagens, tipos de povoamento, alfaias agrícolas, culturas agrícolas, arquitectura tradicional e tarefas agrícolas.

EXPOSIÇÃO ARQUEOLÓGICA E ETNOGRÁFICA. 1987. Óbidos, [Câmara Municipal de Óbidos]

Exposição realizada por ocasião das comemorações da tomada de Óbidos aos Mouros por D. Afonso Henriques. Estiveram representadas todas as freguesias do concelho nas suas componentes arqueológica e etnográfica. Lista dos artesãos presentes por freguesia. Diversos objectos relacionados com a actividade piscatória, agrícola, doméstica, o domínio mágico-religioso, o traje popular e os ofícios tradicionais.

FELGUEIRAS, Guilherme. 1939. “O traje regional estremenho”, *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, p. 39-43

Descrição de vários aspectos do traje e acessórios tradicionais da Estremadura. Indicação de regionalismos linguísticos relacionados com o tema.

FELGUEIRAS, Guilherme. 1947. “O estudo da literatura popular e das tradições orais estremenhas”, *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, n.º 14, p. 127-139

Referência à obra de Teófilo Braga *O Povo Português nos seus costumes, crenças e tradições*, na qual se indica entre outras, a prática da colocação de um estandarte pela Câmara no convento de S. Miguel de Gaeiras, em vésperas do S. João. Apresentação de quadras de temática religiosa.

FELGUEIRAS, Guilherme. 1948. “O estudo da literatura popular e das tradições orais estremenhas V: romanceiro estremenho”, *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, n.º 19, p. 409-423

Inclui uma fotografia de um moinho de vento em Óbidos.

FERREIRA, Vitor Wladimiro. 1996. *Júlio César Machado no Oeste: antologia de textos de Júlio César Machado*, Bombarral, Museu Municipal do Bombarral

Textos literários de Júlio César Machado relatando a vida social, económica e religiosa da região. A lenda do *Milagre do Senhor da Pedra* e a edificação da capela (p. 33-34). Em A-dos-Negros, aparição da imagem de St.ª Maria Madalena a um pastor (p. 31). Origem toponímica (p. 31). Caracterização do *ethos* social local (p. 31). A caça em Dagorda (p. 69-70). Origem toponímica da aldeia (p. 70-72).

FIGUEIREDO, Ilda Maria Nuno da Cruz. 1997. *Lagoa de Óbidos: ecomuseu*, Caldas da Rainha, Escola Técnica Empresarial do Oeste (policopiado)

Prova de aptidão profissional do curso técnico de turismo. A evolução da Lagoa de Óbidos como fonte de património ambiental, ecológico, etno-cultural, socio-económico e turístico, ao longo dos tempos. Referências à Lagoa de Óbidos em vários autores. Diversas lendas e factos a ela associadas. As festividades, as embarcações tradicionais As técnicas e utensílios da pesca. Arquitectura tradicional (as barracas). Outras actividades na Lagoa (apanha de bivalves e marisco). O turismo. A gastronomia local. Alguns percursos turísticos. Exposições temáticas sobre a lagoa realizadas recentemente. A opinião do público. Destaque para um conjunto de desenhos e esquemas de Pereira da Silva e diversas fotografias de fases de construção de uma bateira.

- FILGUEIRAS, Octávio Lixa.** [s/d.]. “**Barcos**”, *A Arte Popular em Portugal*, vol. 3, Lisboa, Verbo, p. 341-403
Inclui fotografia, sem indicação de autor, de uma bateira na Lagoa de Óbidos (p. 386).
- FILGUEIRAS, Octávio Lixa.** 1980. “**Barcos de pesca de Portugal**”, *Revista da Universidade de Coimbra*, Coimbra, vol. 28, p. 343-426
A pesca em Portugal (elementos históricos, geográficos e ambientais). Profissões relacionadas. Caracterização regional. A zona central (os casos da Nazaré e Lagoa de Óbidos).
- FILGUEIRAS, Octávio Lixa.** 1981. *Os barcos da Nazaré no panorama da nossa Arqueologia Naval: pré-aviso sobre acções cautelares a promover nas zonas portuárias dos coutos de Alcobaça*, Lisboa, Centro de Estudos de Marinha
As fronteiras entre a Arqueologia naval e a documentação etnográfica. Particularidades sobre a bateira de Óbidos (p. 18-20).
- GAEIRAS DE ONTEM E DE HOJE.** [s/d]. [Gaeiras], [s/n] (policopiado) (Este trabalho encontra-se disponível para consulta na Junta de Freguesia das Gaeiras)
Dossier de trabalho exploratório para a organização da exposição e catálogo com o mesmo nome. Indicação das principais fontes utilizadas. A lenda da fundação da aldeia. Origem etimológica da sua designação. A aldeia desde o séc. XV até à actualidade (crescimento da população e desenvolvimento económico). O Convento de S. Miguel (enquadramento histórico e artístico). A Quinta das Janelas (história, enquadramento artístico, os proprietários, a capela). A Casa das Gaeiras (contextualização histórica, a Família Pinheiro/Pinto Basto). Documentos históricos relacionados com esta Casa. As capelas de S. Marcos e N.ª Sr.ª da Ajuda. Reprodução de documentação histórica existente no Arquivo Distrital de Leiria. As actividades económicas mais importantes nas Gaeiras: a Fábrica dos Curtumes e os moinhos. Bibliografia referentes ao ofício de moleiro e à tecnologia tradicional dos sistemas molinológicos. O associativismo local (desporto e cultura). Assistência social (hospital e instituições de socorros mútuos). Apresentação de documentação histórica. Festividades diversas (N.ª Sr.ª da Ajuda, Festa das Flores, festa do Pinheiro, Carnaval). Outras edificações de carácter civil. A olaria. Imprensa local. A criação da freguesia. A presença da freguesia na imprensa periódica. Questões relacionadas com o vinho e a gastronomia. Inúmeras fotografias com aspectos interiores e exteriores do património referido no texto, assim como de diferentes etapas de processos associados a tecnologias mencionadas.
- GALLOP, Rodney.** 1961. *Portugal: a book of folkways*, Cambridge, Cambridge University Press
Prática de *pedir o Pão por Deus*, eco esquecido da tradicional distribuição de comida aos pobres. Fotos do autor e desenhos de Marjorie Gallop.
- GORJÃO, Sérgio.** 1996. *Santo António em Óbidos: introdução a um estudo de iconografia*, Óbidos, Câmara Municipal de Óbidos, Museu Municipal de Óbidos
A figura de Santo António no panorama católico e no panorama do seu tempo. A iconografia antonina na vila e no concelho de Óbidos. O trabalho conclui com o conjunto do património existente relacionado com o santo (21 exemplos). Designação da peça, foto, historial do edifício em que se integra, dimensões, época e características.
- GORJÃO, Sérgio; OLIVEIRA, Ângela.** 1997. *Roteiro do arquivo eclesiástico de Óbidos*, Óbidos, Comissão para as Celebrações dos 250 anos do Santuário do Senhor Jesus da Pedra
A riqueza da documentação histórica existente nos diferentes fundos do Arquivo Eclesiástico de Óbidos (as igrejas, Juntas de Paróquia, confrarias e irmandades).
- GORJÃO, Sérgio.** 1998. *Santuário do Senhor Jesus da Pedra-Óbidos: monografia histórica*, Lisboa, Colibri
Aspectos históricos relacionados com o santuário setecentista. A realização da feira de Santa Cruz em redor do santuário. Desenvolve-se o plano arquitectónico do edifício. O estilo barroco na época. Aspectos interiores e exteriores. Em capítulo próprio, faz-se alusão aos artistas que participaram com diversos tipos de contribuições, na edificação do santuário (pintura, escultura, gravura, paramentos, entre outros). Destaque para os ex-votos. Diversas fotografias, sem indicação de autor, sobre o santuário, a feira de Santa Cruz em 1908, e dois ex-votos do espólio do Senhor Jesus da Pedra, num deles figurando uma embarcação.

- GORJÃO, Sérgio.** 1998. *Tesouro das igrejas de Santa Maria e São Pedro de Óbidos: guia do núcleo museológico*, Óbidos, Câmara Municipal de Óbidos
Guia do espólio de arte sacra das duas principais igrejas de Óbidos. A legenda contém a designação da peça, época, características e dimensões.
- GORJÃO, Sérgio.** 2000. *Museu Municipal de Óbidos*, Óbidos, Câmara Municipal de Óbidos
Catálogo profusamente ilustrado. Inclui roteiro das colecções do Museu Municipal de Óbidos (peças expostas e em reserva). Na introdução é traçado um pequeno historial do museu, sua interligação com a vida da comunidade onde se insere e articulação com as outras instituições locais de cultura. A caracterização do espólio do Museu é-nos apresentada de acordo com os seguintes grandes grupos: arte religiosa (pintura e escultura); diversos; arqueologia e fragmentos arquitectónicos; memórias da Guerra Peninsular (armaria, cartografia); colecção Padre Malhão; reservas do Fundo Primitivo do Museu. Destaque para dois curiosos objectos relacionados com as irmandades religiosas: Tabela das Obrigações da Confraria dos Fiéis de Deus e Tabela das Obrigações de Missas e Aniversários da Santa Casa da Misericórdia. Para o primeiro objecto é transcrito o texto de todo o documento, onde se estabelece um conjunto de direitos e deveres dos membros da confraria. No segundo caso, trata-se de uma espécie de calendário de celebrações às quais a Santa Casa estava obrigada a cumprir, e pelas quais obtinha igualmente determinados rendimentos para a sua obra.
- GUIMARÃES, Vieira.** [1929]. “A Estremadura”, *Portugal: Exposição Portuguesa em Sevilha*, p. 5-43
Descrição da paisagem envolvente da estação dos caminhos-de-ferro de Óbidos (p. 42).
- JORGE, João Miguel Fernandes.** 1998. “As fronteiras trazem por marca o ritmo do coração”, *Linha do Oeste: Óbidos e momentos artísticos circundantes*, Lisboa, Assírio & Alvim, p. 13-26
Texto de carácter literário, pretende mostrar a dificuldade de delinear as fronteiras da região do Oeste. Aspectos ligados aos principais monumentos históricos da região. As feiras, festas e ermidas. Destaque para a de Santo Antão, perto de Óbidos, na qual se realiza a benção de bezerros e ovelhas (p. 24). Artigo ilustrado com fotografias de José Francisco Azevedo.
- LAMAS, Maria.** 1948. *As mulheres do meu país*, Lisboa, Actuais, p. 277-300
Destaque para uma fotografia da autora, revelando camponesas na Foz do Arelho (p. 290) de lavadeiras de Nadadouro (p. 291-292).
- LEAL, Carla Alexandra Campos.** 1997. *Óbidos: vila museu*, Lisboa, ed. de autor (policopiado)
Trabalho final da disciplina de Cultura Portuguesa do curso de Comunicação Social e Cultural da Universidade Católica Portuguesa. O espaço da vila (enquadramento histórico e arquitectónico). Lendas associadas a alguns aspectos da vila: a Cruz dos Fiéis de Deus, a lenda de Josefa. Características arquitectónicas dos principais edifícios religiosos (igrejas e ermidas). A organização social e económica. Principais eventos culturais realizados na vila desde os anos 80. Evolução do panorama cultural. Artesanato, gastronomia e turismo.
- LEÇA, Armando.** 1954. “Motivos ensoados pelo povo III: nomes próprios”, *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, n.º 35-36-37, p. 187-198
Fotografia do autor, retratando o Ti Zé (Óbidos).
- LEIRIA: TERRA DE PROGRESSO E INICIATIVA.** 1999. Leiria, NERLEI
Trabalho organizado por Francisco J. Mafra retrata os vários concelhos do distrito com base em estatísticas do I.N.E. (1996). Dados gerais sobre agricultura, pecuária, silvicultura e pesca, indústria, comércio, serviços, turismo e infra-estruturas de apoio.
- LEITE, Antero.** [s/d.]. “A arte do moleiro”, *Cadernos de Património Cultural Popular*, [s/l.], [s/n], n.º 1 (policopiado)
Caracterização da região e destaque para a importância histórica e económica dos moinhos no âmbito local. O caso do moinho das Gaeiras. Localização, características e terminologia específica. Aspectos tecnológicos especificados ao pormenor. Esquema dos principais elementos. Aspectos biográficos e entrevista com o moleiro. Fotografias, sem indicação de autor, do interior e exterior do moinho.
- LEPIERRE, Charles.** 1935. *Inquérito à indústria de sal em Portugal*, Lisboa, Universidade Técnica de Lisboa
Dados históricos sobre a quantidade de salinas, sua localização, produção anual e mão-de-obra em diversas

fontes (p. 18). Alusão à marinha do Arelho localizada na lagoa de Óbidos (dimensão, produção, preços de venda) (p. 27). Número de marinhas em exploração (p. 47). Obtenção do sal (metodologias) (p. 65). A marinha de Arelho em 1934 (fundo da marinha, compartimentos, obtenção do sal, rendimento). A nomenclatura dos compartimentos da marinha do Arelho, segundo o autor. Os montes de sal erguidos no Arelho, de pequena dimensão e de forma cónica (p. 158). A safra é executada tanto por homens como por mulheres (p. 159). Preços de custo e de venda (p. 226); salários (p. 227). Duas fotografias de Arelho-Óbidos (entre p. 28-29; entre p. 90-91)

O LINHO EM PORTUGAL: SUBSÍDIOS PARA O FOMENTO DA SUA CULTURA. 1943. Lisboa, Direcção-Geral dos Serviços Agrícolas

Apresentação dos resultados do inquérito de 1940 às zonas do país onde se cultiva o linho (área ocupada; número de teares; tipo de planta).

LOPES, Dário. 1991. *História e lendas do Vau-Óbidos*, Óbidos, Câmara Municipal de Óbidos

Localização da freguesia no concelho. Identificação dos principais locais na freguesia do Vau. Aspectos históricos e lendários associados à criação da povoação. As festas de N.ª Sr.ª do Bom Sucesso desde o séc. XVI. Os Círios do Vau (momentos e participantes). Apresentação de algumas loas. O crescimento da povoação e a importância económica do seu posicionamento junto à Poça de Albufeira e Lagoa de Óbidos (riquezas piscícolas e outras). A caça de aves e a pesca. Da apanha de limos à apanha de marisco. Posturas municipais regulamentando essas actividades. Crenças associadas à Lagoa. O arrastamento de terras para a Lagoa devido à acção dos rios Real e Arnóia. Transcrição de alguma documentação régia acerca da Lagoa e zonas envolventes. Actividades marítimas em terras agrícolas. Tragédias e naufrágios. O Vau durante as invasões francesas. A vida quotidiana do séc. XIX até à actualidade. Episódios locais. Lendas. Diversas fotografias, com indicação de autoria na p. 79. Destaque para o Círio a N.ª Sr.ª do Bom Sucesso (p. 29) e Bateira (p. 44).

LOUREIRO, Eugénia Maria. 1998. “O Círio de Nossa Senhora do Bom Sucesso”, *Cadernos Culturais*, Óbidos, Câmara Municipal de Óbidos, n.º 1, p. 75-92

O culto a Nossa Senhora do Bom Sucesso. Caracterização histórica, religiosa e geográfica. A edificação da ermida. As povoações que aí acorriam. Os diferentes momentos da festa. O Círio e as loas, o cortejo, a missa, iconografia do círio, ex-votos. O artigo termina com uma análise semiológica do círio.

LUDOVICE, Licínia da Conceição. 1951. “Subsídios para o estudo do cancionero popular alenquerense III”, *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, n.º 27-28, p. 201-207

Inclui uma fotografia de Luis Bonifácio, representando um moinho de vento em Óbidos.

LUÍS, Pedro Manuel dos Santos. 1998. “Ruas, travessas e largos”, *Cadernos Culturais*, Óbidos, Câmara Municipal de Óbidos, n.º 1, p. 39-60

Estudo sobre a toponímia da vila de Óbidos (alusão aos ofícios tradicionais, jogos, figuras ilustres. Os santos).

MAIO, Guerra. 1945. «Peniche-Óbidos». *Portugal Desconhecido*, Lisboa, Livraria Bertrand, p. 139-144

Descrições literárias sobre vários aspectos. O património monumental de Óbidos e a Lagoa.

MARTHA, M. Cardoso. 1918. “Cartas etnográficas”, *Lusa*, n.º 40, p. 124-126

História contada pelo *ti' Costantino*, a propósito da lenda popular de Bocage, e o encontro deste com o Padre Malhão, natural de Óbidos.

MARTINS, Maximino Alves. [s/d]. *A Lagoa de Óbidos: sua importância na economia da região*, [s/l.], [s/n.] (policopiado)

O papel histórico da Lagoa na economia da região. O abandono da prática da apanha de limos como fertilizantes para a agricultura. A Lagoa como complemento das actividades da pesca. Em finais dos anos 60, e com a progressiva perda de importância do papel da agricultura, a Lagoa surgiu como recurso económico vigoroso, permitindo a extracção de outras espécies de peixe, enguias e bivalves. Descrição da captura das enguias e bivalves (artes utilizadas e processos de captura). Algumas estatísticas e informações relativas a esta actividade. A actividade de mariscador. A urgência na recuperação do espaço da Lagoa. O turismo como vector alternativo de sustento económico da região.

MARTINS, Maximino Alves. 1998. “A lagoa de Óbidos”, *Cadernos Culturais*, Óbidos, Câmara Municipal de Óbidos, n.º 1, p. 35-37

O património ambiental da Lagoa de Óbidos: características físicas, toponímia específica, flora e fauna.

MEMÓRIAS HISTÓRICAS E DIFERENTES APONTAMENTOS, ACERCA DAS ANTIGUIDADES DE ÓBIDOS. 1985. Lisboa, Imprensa Nacional; Óbidos, Câmara Municipal de Óbidos

Trabalho apresentado e anotado por João Trindade, tendo como base documentação histórica sobre o concelho, redigida na segunda metade do séc. XIX por um cartorário da Misericórdia de Óbidos. O original continha uma espécie de monografia de vários aspectos do concelho, a que se adicionavam já elementos da tradição oral e outros da autoria do cartorário, do qual se desconhece a identidade (segundo João Trindade possivelmente Silvestre José Seabra). Indicação da principal bibliografia utilizada pelo compilador (manuscritos, fontes impressas e mapas). Aspectos históricos da fundação do termo de Óbidos e figuras régias, eclesiásticas e nobres que marcaram o concelho ao longo dos tempos. Episódios ligados à vida na vila. Biografia de algumas figuras. Melhoramentos públicos (abastecimento de água, santuários, instituições de apoio social). Na segunda parte do trabalho foca-se o concelho já no séc. XIX (situação geográfica e administrativa, dados populacionais). A Lagoa. Feiras. Alguns elementos do património arquitectónico. História de alguns locais de culto (fundadores e figuras associadas). Festividades religiosas. Achados arqueológicos mais relevantes.

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA. 1939. *Reconhecimento dos baldios do continente*, vol. 2 (parte 2), Lisboa, Junta de Colonização Interna

Estatísticas permitindo a caracterização dos baldios em Portugal. Apreciação distrital, por concelhos e freguesias (número, tipos de aproveitamento agro-florestal, designação, características geológicas, agrológicas, oro-hidrográficas, economico-sociais e sua localização aproximada). Dados sobre Óbidos (p. 557-559).

MOREIRA, Carlos Diogo. 1987. *Populações marítimas em Portugal*, Lisboa, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas

Publicação correspondente a dissertação de doutoramento em Antropologia apresentada pelo autor à Universidade Técnica de Lisboa. As zonas de pesca fluvial (séc. XVII) segundo Mendez Silva (p. 194).

MUSEUS: SUBSÍDIOS PARA O ENQUADRAMENTO HISTÓRICO DOS CONCELHOS. 1998. Lisboa, Comissão de Coordenação da Região de Lisboa e Vale do Tejo

Os museus e casas-museu da região de Lisboa e Vale do Tejo. Características, colecções e horário de funcionamento.

NASCIMENTO, José Manuel Cordeiro R. 1997. *Santuário de N.ª Sr.ª dos Remédios*, Peniche, [ed. apoiada pela Câmara Municipal de Peniche]

Identifica histórica e teologicamente o santuário e o culto a N.ª Sr.ª dos Remédios. Os principais círios da região oeste. Lista dos círios que ainda na actualidade realizam peregrinações a este santuário.

NATIVIDADE, J. Vieira. [s/d.]. “A região a Oeste da serra dos Candeeiros”, *Obras Várias*, Alcobaça, Comissão Promotora das Cerimónias Comemorativas do I Aniversário da Morte do Prof. J. Vieira Natividade, vol. 5, p. 231-236

Artigo publicado no *Diário Popular* (1962). A propósito da crise agrícola no país, o autor discorre sobre um estudo de economia agrícola levado a cabo pelo Centro de Estudos de Economia Agrária da Fundação Calouste Gulbenkian e intitulado *A região a Oeste da serra dos Candeeiros*.

“Óbidos”, *Grande Enciclopédia Portuguesa-Brasileira*, Lisboa, Editorial Enciclopédia, vol. 19, p. 100-105

Dados de carácter geral sobre o concelho e suas localidades.

ÓBIDOS. 1995. Lisboa, ed. Vítor Vieira

Pequeno roteiro dos principais aspectos patrimoniais da vila: o castelo, as igrejas, as muralhas, pelourinho, procissões, passos, museu municipal. Breve alusão à Lagoa de Óbidos. Fotografias de Vítor Vieira, referentes à Lagoa e embarcações.

OLIVEIRA, Ernesto Veiga de; GALHANO, Fernando; PEREIRA, Benjamim. 1975. *Actividades agro-marítimas em Portugal*, Lisboa, Centro de Estudos de Etnologia

Tecnologias relacionadas com a apanha das algas marinhas (sargaço e pilado). Aspectos sociais relacionados com as actividades agro-marítimas em diversos concelhos da região estremenha. Inúmeras informações especificadas a nível local. A divisão sexual do trabalho. Ferramentas utilizadas (terminologia específica e funções). Tecnologias de recolha e processos de secagem. O consumo. Embarcações utilizadas. Arquitectura relacionada com a recolha de alfaia para apanha do sargaço. Traje do sargaceiro. Utilizações agrícolas dos produtos marítimos. Portos e informações relativas à apanha do sargaço, segundo Baldaque da Silva.

OLIVEIRA, José Carlos de. 1995. *Etnografia das regiões: a renda, o bordado e o azulejo na tradição portuguesa*, [Óbidos], ed. de autor

A renda, o bordado e a azulejaria como importantes tecnologias tradicionais portuguesas. A polémica sobre a origem do bordado das Caldas da Rainha/Óbidos e o seu historial. Pormenores dos bordados. A azulejaria portuguesa. Exemplos de painéis existentes em Óbidos (estação de caminhos-de-ferro).

ORTIGÃO, Ramalho. 1944. *Banhos de caldas e águas minerais*, 2.ª ed., Lisboa, Livraria Clássica A. M. Teixeira & C.ª (Filhos)

Reedição de obra original de 1875. Estudo sobre os estabelecimentos termais e respectivas águas de todas as regiões do país. Alusão aos efeitos terapêuticos. Pequenas crónicas de cariz literário. Destaca-se o capítulo referente à Estremadura. As águas das fontes do Convento dos Arrábidos das Gaeiras e da igreja da vila de Óbidos. Características químicas e temperatura (p. 211-213).

PARREIRA, José. 1999. *Lagoa de Óbidos: património ambiental*, [s/l.], ed. de autor

A lagoa e as espécies que nelam habitam (aspectos naturais e geomorfológicos). Foca-se a importância fulcral da Lagoa de Óbidos, desde há muito ameaçada pela poluição. As actividades aí desenvolvidas e o seu peso económico. Caracterização ambiental da região do Oeste e a intervenção dos vários concelhos no equilíbrio pretendido. Duas fotografias do autor, incluindo as legendas: "As actividades piscatórias mantêm algumas das suas características tradicionais" (p. 58); "A apanha dos bivalves, continua a ser uma das mais importantes actividades económicas" (p. 40).

PATRIMÓNIO ARQUITECTÓNICO E ARQUEOLÓGICO CLASSIFICADO: DISTRITO DE LEIRIA. 1993. Lisboa, IPPAR

Apresentação dos imóveis classificados em todos os concelhos do distrito de Leiria (Alcobaça, Bombarral, Caldas da Rainha, Nazaré, Óbidos e Peniche). Fotografias de Henrique Fernandes Ruas e legendas contendo a localização do imóvel, seu historial e legislação aplicável à sua classificação.

PEDROSO, António dos Santos. 1940. "As festas oficiais da Estremadura nas Caldas da Rainha", *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, p. 49-55

Do programa oficial das festas comemorativas do Duplo Centenário fez parte em 18 de Agosto de 1940 um serão medieval em Óbidos (p. 53).

PEIXOTO, Luís Correia. 1999. *Casos lembrados e "gentes"*, Peniche, ed. de autor

Albúm de fotografias do autor, referente a diferentes épocas. Destaque para um retrato de homem na Lagoa de Óbidos (p. 93) e a apanha da azeitona em Gaeiras nos anos 50 (p. 128).

PEIXOTO, Rocha. 1990. *Etnografia portuguesa: obra etnográfica completa*, Lisboa, Dom Quixote

Realização da Festa dos Cavaleiros na véspera de S. João e deposição de estandarte no convento das Gaeiras (p. 63).

PEREIRA, Aida Cristina Fradique. [s/d.]. *Óbidos: vila de rainhas*, [Óbidos], [Escola Secundária Rafael Bordalo Pinheiro] (policopiado)

Trabalho de âmbito escolar que inclui diversas informações de carácter histórico, arquitectónico e arqueológico sobre a vila. Apresentam-se igualmente alguns dados sobre o artesanato e a gastronomia locais. Em anexo conta-se a lenda da tomada de Óbidos aos Mouros.

PEREIRA, Ana Paula da Silva de Victória. 1988. *O impacto do turismo nas populações rurais: o caso particular de Óbidos*, Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

Dissertação de licenciatura em Antropologia. Contextualização geográfica, histórica, administrativa, demográfica, arquitectónica e económica da vila. O calendário festivo anual. A importância do factor turístico. A partir dos anos 60: factores a potenciar e principais núcleos a destacar. Principais impactos e mudanças ocorridas a vários níveis: económico, social, criação de novos hábitos de consumo e formas de prestígio, demográfico, paisagístico. Os efeitos do turismo nas festas, romarias, venda de artesanato local, a alimentação. A mentalidade do obidense acerca do impacto do turismo. A questão da manutenção da identidade comunitária.

PEREIRA, José de Campos. 1915. *A propriedade rústica em Portugal*, Lisboa, Imprensa Nacional
Características das sub-regiões agrícolas (principais culturas) (p. 34-35) em princípios do séc. XX.

PEREIRA, José Fernandes. 1988. *Óbidos*, Lisboa, Presença

Trabalho cujo enfoque se situa na área da história de Arte. Embora a base da obra fundamentalmente assente no estudo da malha urbana e do património arquitectónico civil e religioso, sob o ponto de vista artístico, em sucessivas épocas, é possível recolher informações sobre elementos de carácter histórico relativos à lagoa, moinhos, condições económicas da região, características das propriedades rurais, tipo de povoamento e abastecimento de água. Examinam-se as características da arquitectura, artes decorativas, escultura e pintura, presentes em Óbidos e quais as figuras que se constituíram mais marcantes. Apresentação episódica de algumas lendas e crenças populares associadas à vila (milagres, aparecimento de imagens santas, os "musarinhos" ou "homens marinhos" na Lagoa, os locais de culto). As fotografias são da autoria de José Pedro Aboim Borges e relatam diversos aspectos do concelho: moinhos (p. 12, 20); Várzea da Rainha (p. 14) e Lagoa de Óbidos (p. 79).

PEREIRA, José Fernandes. 1988. *O santuário do Senhor da Pedra*, 2.ª ed., Óbidos, Câmara Municipal de Óbidos
Estudo da evolução urbana da arquitectura de Óbidos (enquadramento histórico e artístico). A edificação do templo: principais artistas e análise das suas características. O santuário e a arquitectura setecentista. Cronologia histórica dos factos políticos, culturais e artísticos da época, paralelamente à análise dos principais momentos que marcaram a história do santuário.

PEREIRA, Nuno Teotónio; FREITAS, António Pinto de; DIAS, Francisco da Silva. 1961. *Arquitectura popular em Portugal*, vol. 2, Lisboa, Sindicato Nacional dos Arquitectos

Aspectos urbanísticos de Óbidos. Fotografias legendadas: "Óbidos" – ruela (p. 26); "Óbidos" – ruas (p. 30); "A-da-Gorda" – homens jogam na rua (p. 37); "Óbidos" – três aspectos (p. 38-39); "Vau" – alpendre (p. 46); "Óbidos" – carroça junto ao edifício da Câmara Municipal (p. 117).

PESSANHA, Sebastião. 1958. "Pás de moleiro", *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, n.º 47-48-49, p. 179-198

Inclui fotografia do autor de um moinho de vento (p. 189).

PIMENTEL, Alberto. 1888. *Chronicas de viagem*, Porto, imp. Tip. de Motta Ribeiro

Roteiros de viagem de cariz literário, que o autor realizou em conjunto com o Conselheiro António Maria Pereira Carrilho em 1888. Óbidos (p. 41-51).

PIMENTEL, Alberto. 1908. *A Extremadura Portuguesa: I O Ribatejo*, Lisboa, Empreza da História de Portugal Soc. Ed.

Caracterização do concelho. Aspectos históricos e geográficos (p. 343-376). Destaque para as freguesias da Amoreira, A-dos-Negros, Roliça, Sobral da Lagoa e Vau. Inclui ainda um pequeno capítulo sobre a então freguesia do Bombarral e o lugar de Carvalhal (hoje concelho do Bombarral). Actividades agro-marítimas no concelho (p. 353). A utilização de adubos químicos (p. 354-355). A agricultura (p. 344, 353), particularmente na Quinta das Gaeiras (p. 354-355). Assoreamento (p. 344, 357). Festa da Bela Cruz a 3 de Maio (p. 356). Rivalidades entre Bombarral e Óbidos, quando o Bombarral pertencia ao concelho de Óbidos (p. 363). Termas e nascentes de águas termais (p. 354).

POETAS POPULARES: FOMENTAR EXPRESSÕES DA TRADIÇÃO ORAL. 1999. [s/l], Coordenação Concelhia de Educação Recorrente e Extra-Escolar de Caldas da Rainha e Óbidos

Recolha de quadras de poetas populares dos concelhos de Caldas da Rainha e Óbidos. Alusões à toponímia, aspectos do património, vida económica, entre outras. Biografias dos autores (nome, fotografia, idade, profissão, local de residência e nível de formação).

POSTURA SOBRE PESOS E MEDIDAS. 1974. Óbidos, Câmara Municipal de Óbidos

Regulamentação municipal sobre pesos e medidas em diversos sectores económicos. Tabela dos principais pesos e medidas consoante o produto a que se referem (vinhos, cereais, carne, entre outros).

PROPOSTA DE ORDENAMENTO DA LAGOA DE ÓBIDOS. 1999. Lisboa, Faculdade de Ciências (policopiado)

Trabalho realizado no âmbito da disciplina de Ordenamento do Litoral. Introdução aos aspectos históricos e fisiográficos. Capítulo dedicado à caracterização social, cultural e económica daquele ecossistema. Evolução da população. Espólio arqueológico. As actividades agrícolas e piscícolas. A indústria e o turismo. Problemas ambientais. Espécies animais e vegetais existentes. Propostas de intervenção em diversos níveis, na área em questão. Plantas existentes na bacia hidrográfica da Lagoa. Refere-se um levantamento fotográfico sobre a Lagoa, mas o trabalho consultado não incluía essas fotos.

RÊGO, Artur de Figueirôa. 1950. “Breve notícia sobre a economia agrária do distrito de Leiria”, *2.º Congresso das Actividades do Distrito de Leiria*, Leiria, Casa do Distrito de Leiria, p. 177-187

A agricultura como actividade dominante do distrito de Leiria. População agrícola. Superfície média da propriedade. Agricultura de tipo familiar. Principais produções agrícolas. A vitivinicultura. Pomares e florestas. O azeite. A criação de gado.

RIBEIRO, António Lopes. 1940. “Monografia da freguesia do Reguengo Grande (concelho da Lourinhã)”, *Anais do Instituto Superior de Agronomia*, XI, Lisboa, Universidade Técnica de Lisboa

Trabalhadores agrícola provenientes de Pó deslocavam-se para a freguesia de Reguengo Grande (Lourinhã).

RIBEIRO, Amando. 1933. *Terras fradescas*, Lisboa, Livraria Central de Gomes de Carvalho

Relato de viagem do autor pelo país. Lugares visitados, impressões diversas e aspectos históricos de vários pontos do concelho.

ROCHA, Guida Paula Oliveira; COSTA, Márcia dos Santos Moreira da. [s/d.]. *A romaria de Santo Antão*, [s/l], [s/n] (policopiado)

Trabalho realizado por alunas da Escola Superior de Educação de Leiria. História e lendas associadas à capela de Santo Antão. O culto do santo: historial e aspectos simbólicos. As festividades (diversos momentos e romaria).

RODRIGUES, Carlos Orlando de Castro e Sousa. 1998. “Solenidades da Semana Santa da vila de Óbidos”, *Cadernos Culturais*, Óbidos, Câmara Municipal de Óbidos, n.º 1, p. 61-64

Descrição dos principais momentos da celebração religiosa da Semana Santa na vila.

ROSA, Cristina. 1998. “Evolução da agricultura no concelho de Óbidos”, *Cadernos Culturais*, Óbidos, Câmara Municipal de Óbidos, n.º 1, p. 65-67

O papel da agricultura no concelho. As mudanças ocorridas a partir dos anos 80, com a integração de Portugal na Comunidade Europeia.

ROSENDO, Carla. 1995. *Gaeiras de ontem e de hoje*, Gaeiras, Junta de Freguesia das Gaeiras

Catálogo de exposição sobre a evolução histórica da aldeia das Gaeiras do séc. XV até à actualidade. Lenda da sua criação. Características do Convento de S. Miguel e da Quinta das Janelas. Os moinhos existentes na aldeia: localização, idade e proprietários. Arquitectura civil e religiosa da aldeia. Aspectos socio-económicos da aldeia: viticultura, olaria. As festividades. O associativismo local. A imprensa e as instituições públicas locais. Conjunto de fotografias, relatam os moinhos e alguns aspectos do convento de S. Miguel e da Quinta das Janelas.

ROTEIRO DO MUSEU DE ÓBIDOS. 1983

Guia das diversas salas do museu. Identificação de 127 peças de arte: arte sacra, pintura, escultura,

mobiliário e peças tão diversas quanto fragmentos de arquitectura, espólio arqueológico e espólio relativo ao período da Guerra Peninsular. A legenda contém informação com a designação da peça, descrição, época e dimensões.

SABERES DA VIDA: MEMÓRIAS DE ANTIGAS PROFISSÕES. 2000. Bombarral, Museu Municipal de Bombarral Vasco P. da Conceição/Maria Barreira
Catálogo de exposição etnográfica. Glossário sobre peças do vestuário , alusão ao tipo de pessoas e sexo que as envergavam (p. 9-12).

SANTA MARIA, Frei Agostinho de. [1707-1723]. *Santuário mariano e história das imagens milagrosas de Nossa Senhora, e das milagrosamente aparecidas, em graça dos pregadores, e dos devotos da mesma Senhora*, Lisboa, 10 vols., Off. António Pedrozo Galvão
No segundo volume (1707) o autor referencia a história e milagres da imagem de N. ^a Sr. ^a de Aboboriz (p. 132-135) e N. ^a Sr. ^a da Misericórdia (p. 135-140).

SANTOS, Machado dos. 1996. “Óbidos: a magia da história”, *Vilas e Cidades*, n.º 2, p. 5-10
História da formação do concelho (aspectos artísticos e arquitectónicos). O concelho na actualidade. Destaque para os principais monumentos: castelo, igreja de Santa Maria. O Museu municipal.

SARDINHA, José Alberto. 1996. “Contribuições para o estudo do fandango”, *5.º Congresso de Folclore do Ribatejo*, Santarém, Região de Turismo do Ribatejo, p. 87-96
Informações sobre o fandango. O fandango para cantar à desgarrada em A-dos-Negros.

“Serão medieval de Óbidos”. 1940. *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, p.58-59
Espectáculo nocturno que se realizou em Óbidos em Agosto de 1940, por ocasião das comemorações do Duplo Centenário. Transcrição do discurso inaugural do espectáculo.

SILVA, A. A. Baldaque da. 1908. *Estado actual das pescas em Portugal*, Ministério da Marinha e Ultramar
Caracterização geográfica e hidrográfica da Lagoa de Óbidos (p. 17). Tipos de peixe capturados e estatísticas do movimento de pesca da lagoa de Óbidos. Referência à venda de peixe durante a época estival, por *barcos ilhavs*, que mesmo ali pescavam e vendiam o seu produto (p. 126). O movimento de pesca da Lagoa de Óbidos, em 1886 (p. 419).

SILVA, Carla Rosendo da. 1998. “Monografia da Casa Gaeiras”, *Cadernos Culturais*, Óbidos, Câmara Municipal de Óbidos, n.º 1, p. 15-17
Pequeno historial da Casa das Gaeiras associada à produção vinícola.

SILVA, Carlos da; ALARCÃO, Alberto; CARDOSO, António Poppe Lopes.1961. *A região a oeste da serra dos Candeeiros: estudo económico-agrícola dos concelhos de Alcobaça, Nazaré, Caldas da Rainha, Óbidos e Peniche*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian
Numa primeira parte aprofundam-se as relações entre o homem e o meio, nomeadamente no que diz respeito à caracterização física (geomorfológica, geológica, oro-hidrográfica, climática e pedológica) dos concelhos em estudo (Óbidos, Peniche, Alcobaça, Nazaré e Caldas da Rainha). Sob o ponto de vista histórico, esclarece-se a situação das instituições e das técnicas na região, sobretudo no domínio dos coutos e as povoações que aí se inseriam. O conceito de casal ligado a um tipo específico de exploração fundiária. Analisam-se os contornos da evolução demográfica da região, mesmo ao nível das freguesias. Efectuou-se igualmente o levantamento das infra-estruturas (transportes, comunicações, electricidade, gás, água, saneamento e obras de hidráulica agrícola). De salientar também os capítulos sobre a estrutura da propriedade e agricultura regional: dimensões, dispersão, os baldios, número de prédios por proprietário, tipologia das empresas agrícolas, suas formas de exploração, utilização do solo, tipos de culturas em regadio e em sequeiro e áreas agro-florestais. Estabelece-se ainda a carta agrícola e florestal, de acordo com áreas bem definidas para as diversas culturas em presença (oliveira, pinhal, áreas de incultos, vinha, culturas arvenses, hortícolas e frutícolas) e refere-se a criação de gado, consoante as espécies exploradas. Investigou-se igualmente a composição social da população agrícola e as diferentes hierarquias de relações (idade, sexo, estrutura profissional, regime laboral e remuneração). Alguma preocupação relacionada com o trabalho familiar e sazonal e com as organizações de tipo cooperativo. Desenvolveram-se os processos

técnicos de cultivo das diversas espécies e os cuidados a ter com elas (mobilizações do solo, fertilizantes). Alguma atenção prestada à colheita, debulha e tarefas na eira, aos transportes e equipamento, ao armazenamento e à conservação da produção. Em seguida, destaque para as indústrias de transformação agro-pecuária correlacionadas (adegas, lagares, unidades fabris) e comercialização. O trabalho conclui-se com uma perspetivação do desenvolvimento regional (levantamento das potencialidades e heterogeneidades, propostas de intervenção, os pólos de desenvolvimento e as zonas de atracção).

SILVA, Filipe Rocha da. 1998. “Óbidos: anos 60 anos 90”, *Linha do Oeste: Óbidos e momentos artísticos circundantes*, Lisboa, Assírio & Alvim, p. 59-75

Texto literário de um pintor sobre a vila de Óbidos. Impressões de um residente em Óbidos. Percepção das várias nuances da mudança social ocorrida desde a década de 60 até hoje. As Caldas face a Óbidos. O texto é antecedido por algumas fotografias de Abílio Leitão.

SILVA, João Ferreira da. 1956. *Apontamentos para um curso de salineiros*, 2.ª ed., Lisboa, Comissão Reguladora dos Produtos Químicos e Farmacêuticos
Informações breves sobre as marinhas da Lagoa de Óbidos (p. 22).

SILVA, Joaquim António; CONSTANTINO, Eduardo; MARQUES, Conceição. 1994. *Artes do fogo: sabedoria dos homens. Uma olaria tradicional do concelho de Óbidos*, [Caldas da Rainha], Património Histórico, Grupo de Estudos

Os tanques, o oleiro trabalhando o barro, o forno, as máquinas, diversas fases do processo de elaboração das peças. Textos de Eduardo Constantino. Conceição Marques apresenta as biografias de oleiros e uma entrevista realizada na olaria do Alto das Gaeiras. Destaque para o conjunto de fotografias de Joaquim António Silva sobre uma olaria do concelho.

SILVA, José Lucas da. 1892. *A Senhora da Nazareth: história da imagem desde a sua vinda da Palestina até ao presente acrescentada com muitas notas históricas, uma pequena notícia da vila da Pederneira, do sítio e do templo da Nazareth e com a origem do Cirio da Prata Grande*, Maфра, Typ. Mafrense

Durante a III Invasão, a imagem de N.ª Sr.ª da Nazaré é posta a salvo secretamente no Pendão (Belas), tendo pernoitado em Azambujeira dos Carros (concelho de Óbidos) e passado alguns dias em Maфра.

SILVA, Manuela Santos. 1994. *A região de Óbidos na época medieval: estudos*, [Caldas da Rainha], Património Histórico, Grupo de Estudos

De salientar dois artigos da autora. O primeiro intitulado “Salir do Porto: um exemplo dos pequenos portos da Estremadura durante a Idade Média” e publicado inicialmente em 1991 nas *Actas do Colóquio sobre a História de Leiria e da sua região* (Leiria, Câmara Municipal de Leiria), o segundo intitula-se “Comunidades piscatórias medievais estremenhas entre o rio de Salir e o concelho de Torres Vedras: um primeiro levantamento” e representa uma comunicação apresentada em 1992 no *Seminário Pescas e Navegação na História de Portugal (sécs. XII a XVIII)* em Lagos. Destaca-se a importância das populações da região estremenha na sua capacidade de comunicação com o litoral. A possibilidade de dispôr de um local de abastecimento de peixe permitia fugir à tradicional monotonia alimentar medieval. O mar funcionava como um eixo de comunicação e comercialização e a existência de um porto numa povoação representava um acréscimo na sua riqueza. O porto na foz do rio Salir era assim fundamental para o termo de Óbidos. Refere-se uma intensa actividade piscatória, as localidades envolvidas nessa faina, quais os seus direitos e obrigações, dados sobre as embarcações, outros ofícios a que se dedicavam as populações, a Igreja e a dízima sobre o pescado. Documentam-se também as profundas alterações que a região da Lagoa de Óbidos tem sofrido ao longo dos séculos. Os tipos de pesca realizados nesta zona (embarcações e espécies capturadas).

SOARES, Maria Micaela. 1982. “A mudança na cultura rural portuguesa”, *Boletim Cultural da Assembleia Distrital de Lisboa*, Lisboa, III Série, vol. 88 (2), p. 145-400

Exemplo de sentenças populares recolhidas em Óbidos (p. 371-376; 385).

SOARES, Mário. 1998. “Região do Oeste: Óbidos”, *Jornal das Caldas*, n.º 10, p. 12

Síntese de vários aspectos do concelho. Situação geográfica, panorama económico, dados históricos, freguesias que o integram, executivo municipal, feriado municipal, principais monumentos, locais de lazer e turismo, gastronomia, vinhos e artesanato.

- TRANCOSO, Vasco.** 1999. *Caldas da Rainha: um contributo iconográfico através do bilhete postal ilustrado editado até meados do século XX*, Lisboa; Mafra, Edição Elo
Salienta-se a reprodução de um postal (1922) onde se encontram representadas algumas lavadeiras no lugar de Olho Marinho – Óbidos (p. 161).
- VASCONCELOS, J. Leite de.** 1907. “*Canções do berço*”, *Revista Lusitana*, vol. 10 (1-2), p. 1-86
Diversas cantigas referindo Óbidos como local de recolha da versão (p. 26, 28-29, 31, 33-37, 44). Conferir os comentários às canções publicados a partir da p. 46 e até final do artigo.
- VASCONCELOS, J. Leite de.** 1924. “*Medição poética do vinho*”, *Boletim de Etnografia*, n.º 3, p. Lisboa, Imprensa Nacional, p. 21-26
Práticas e terminologia associadas à quantificação do vinho nos tonéis. Desenhos de F. Valença de dois recipientes associados a medidas (p. 25).
- VASCONCELOS, J. Leite de.** 1931. *Opúsculos*, vol. 3 (Onomatologia), Coimbra, Imprensa da Universidade
Reedita-se este trabalho, originalmente publicado em 1922, no jornal *Comércio de Viseu*, no qual o autor organizava as recolhas relativas a nomes geográficos, posteriormente publicados em *Toponímia portuguesa*. De entre os nomes geográficos relacionados com aves destaca-se Gaeiras (p. 200).
- VASCONCELOS, J. Leite de.** 1932. “*Círios estremenhos: subsídios para o seu estudo*”, *Revista Lusitana*, vol. 30 (1-4), p. 5-97
Transcrição de loas recitadas em Óbidos por ocasião do Círio de N.ª Sr.ª da Nazaré.
- VASCONCELOS, J. Leite de.** 1935. “*Círios estremenhos: subsídios para o seu estudo*”, *Revista Lusitana*, vol.33 (1-4), p.269-300
Transcrição de loas recitadas em Óbidos por ocasião do Círio de N.ª Sr.ª da Nazaré.
- VASCONCELOS, J. Leite de.** 1939. “*Ementas gramaticais para a história da língua portuguesa*”, *Revista Lusitana*, vol. 37 (1-4), p. 5-31
Exemplo gramatical recolhido em Óbidos sobre o designado falso singular (p. 9), a transformação de um nome masculino em feminino (p. 23).
- VASCONCELOS, J. Leite de.** 1942. *Etnografia portuguesa III*, Lisboa, Imprensa Nacional
Inclusão do concelho de Óbidos numa zona de penetração e irradiação do território dos saloios, segundo Alberto Pimentel (p. 437). Opinião do autor segundo a qual os habitantes de Óbidos não são saloios (p. 437).
- VASCONCELOS, J. Leite de.** 1964. *Contos populares e lendas I*, Coimbra, Universidade de Coimbra
Compilação da autoria de José Leite de Vasconcelos e posterior coordenação de Alda e Paulo Soromenho. Conto *Os dois meninos e a velha* (p. 470-471); *As três cidras* (p. 578-579).
- VASCONCELOS, J. Leite de.** 1967. *Etnografia portuguesa V: tentame de sistematização*, Lisboa, Imprensa Nacional
Índice dos principais assuntos tratados neste volume. A lua (p. 27). As crianças e as superstições (p. 40). Amamentação (p. 57; p. 59-60). Jogos infantis (p. 70). Cantigas de berço (p. 82). Crenças relacionadas com a água (p. 124; 126). O lume (p. 171; 175-177). A iluminação (p. 179; 185). Os raios (p. 230). Designação de peças de louça doméstica (p. 242). Os metais (p. 272-273). A caça (p. 308; 311-312; 314; 318; 320; 324; 331). A pesca (p. 353-354; 362). Outros animais (p. 381). Os bois (p. 407-408; 412). Amuletos (p. 414). Suínos (p. 434-435; 437-439). Coelhoos (p. 448). Galinhas (p. 451). Cultura do milho (p. 598). Vindimas (p. 635). Trabalhadores agrícolas temporários (p. 649). Superstições diversas (p. 666; 670).
- VASCONCELOS, J. Leite de.** 1969. *Contos populares e lendas II*, Coimbra, Universidade de Coimbra
Compilação da autoria de José Leite de Vasconcelos e posterior coordenação por Alda e Paulo Soromenho. Facécias recolhidas em Óbidos: a propósito dos habitantes de Minde (p. 145-146); *Entre compadres* (p. 152-153). O autor refere a existência de uma versão semelhante à reproduzida nesta obra e intitula-se *A velha dos figos* (p. 158-159). Nossa Senhora (p. 338; 348; 350; 351).

- VASCONCELOS, J. Leite de.** 1975. *Cancioneiro popular português I*, Coimbra, Universidade de Coimbra
 Quadras recolhidas em Óbidos de temáticas diversas. Os astros e os fenómenos meteorológicos (p. 18). Plantas (p. 28). Cantigas de embalar (p. 37-40; 43-45; 47-48). Rimas onomásticas (p. 50). Frases e respostas (p. 58-60). *Travalinguas* (p. 61). Rimas de jogos e gestos (p. 96). Trabalhadores do mar (p. 267). Dúvidas de amor (p. 370). Inconstância (p. 470). Ciúme (p. 505). Recolhas na freguesia de Olho Marinho. Cantigas de começo (p. 6). Cantigas às cantigas (p. 9). Cantigas infantis (p. 53), frases e respostas (p. 60), a criança e a natureza (p. 102). Divertimentos ao serão (p. 166), o canto (p. 193;198). A profissão de lavrador (p. 236). O amor (p. 301), desejos (p. 437), ciúme (p. 502), arrufos (p. 533), *gabos* (p. 573), namoro (p. 644).
- VASCONCELOS, J. Leite de.** 1979. *Cancioneiro popular português II*, Coimbra, Universidade de Coimbra
 Quadras recolhidas em Óbidos. A ausência do ente amado (p. 23), saudades (p. 26-27), lamentações (p. 49), penas (p. 58; 61), lágrimas (p. 76), relações familiares (p. 130), noivos (p. 158), casados (p. 160), quotidiano (p. 171), a casa (p. 176), o pão (p. 179), o cigarro (p. 212). A terra amada (p. 233). *Graças* (p. 316). Os números (p. 400). Crenças diversas (p. 401), o tempo que passa (p. 421).
- VASCONCELOS, J. Leite de.** 1980. *Etnografia portuguesa VII: tentame de sistematização*, Lisboa, Imprensa Nacional
 Índice dos principais assuntos referentes a entidades míticas tratados neste volume. A bruxa de Trás do Outeiro (estação) (p. 37). As andorinhas e a sua protecção (p. 68). As aranhas assinalando chuva (p. 81) e dinheiro (p. 82). Arco-íris (p. 84-90). Besouro (p. 106). Borboleta (p. 107). Bruxas (p. 120). Protecções dos homens contra as bruxas (p. 143; 145). Sinais de chuva (p. 149). Os cães (p. 160-161; 164). A chuva (p. 176; 180-181; 183-184). As cobras (p. 188-189). Corvo (p. 214). Cucos (p. 223; 225; 228). Os dias da semana (p. 239). O diabo (p. 257; 262; 573). Estrelas (p. 283; 286-287). Fogo-fátuo (p. 319). Galos (p. 330; 341). Galinhas (p. 346; 349). Gatos (p. 351; 353; 356). A lua (p. 397; 405). O mar (p. 433). Morcego (p. 451). Moscas (p. 473). Pombos (p. 503). Práticas relacionadas com o S. João (p. 533-534). Sardão (p. 538). Sereias (p. 540; 543). Sol (p. 546-547; 550; 552). Pedra de ara (p. 569). Terra (p. 570). Trovoadas (p. 576; 578).
- VASCONCELOS, J. Leite de.** 1983. *Cancioneiro popular português III*, Coimbra, Universidade de Coimbra
 Cantigas geográficas e tópicas recolhidas em Óbidos, ou cuja temática incide sobre Óbidos (p. 19). Dagorda (p. 40). Variante de uma canção que faz menção a um rancho da Carqueja (Óbidos) (p. 79). O lugar de Pó (p. 89). Cantiga recolhida em Olho Marinho (p. 102). Vau (p. 116). Óbidos-serra D'El-Rei (p. 140). Cantares à Virgem (p. 228). S. João (p. 332). Senhora do Socorro (p. 368). Cantares ao Menino Jesus (p. 410; 413). Cantigas de embalo ao Divino (p. 416-417). Cantigas de despedida (p. 434).
- VASCONCELOS, J. Leite de.** 1983. *Etnografia portuguesa VI: tentame de sistematização*, Lisboa, Imprensa Nacional
 Índice dos principais assuntos tratados neste volume. Crenças relacionadas com o pão (p. 36; 49). Habitação tradicional (p. 228). Anexos das casas (p. 237-238). Amuletos protectores (p. 319). Recipientes para azeite (p. 329). Objectos de uso doméstico (p. 341). Doçaria tradicional (p. 364). Práticas associadas à produção do vinho (p. 376). Superstições relacionadas com a alimentação (p. 411). Vestuário (p. 517-518; 520-521; 524; 526-527). Vocabulário diverso (p. 574).
- VASCONCELOS, J. Leite de.** 1985. *Etnografia portuguesa IX: tentame de sistematização*, Lisboa, Imprensa Nacional
 Índice dos principais assuntos tratados neste volume. Crenças relacionadas com a alimentação (p. 9;12; 14). As avessas (p. 22-23). Centopeias (p. 46). Penteados femininos (p. 49; 51). Bocejar (p. 54). Orelhas (p. 57-58). Práticas relacionadas com outras partes do corpo humano (p. 60-61). Geada (p. 109). Juramentos (p. 112-117). Louva-a-Deus (p. 120). Milhafre (p. 124). O número sete (p. 132). Pavão (p. 142). Rã (p. 145). Rouxinol (p. 147). Santos (p. 149-150). Crenças relacionadas com peças de vestuário (p. 157). Alecrim (p. 186). Amuletos (p. 202). Árvore (p. 204). As ervas e o amor (p. 236). Caça às toupeiras (p. 260). A murta (p. 269). A oliveira (p. 276). Consumo de romã (p. 280). O círio de Óbidos (p. 308; 311; 359-360). O círio de Óbidos a Santa Maria de Cós (Alcobaça) (p. 314). A passagem do Círio da Prata Grande em Óbidos (p. 356). Círios que se deslocavam à Senhora da Nazaré (p. 361). Festas (p. 369). Peditórios (p. 386). Nichos de casas (p. 439).

- VASCONCELOS, J. Leite de.** 1988. *Etnografia portuguesa X: tentame de sistematização*, Lisboa, Imprensa Nacional
Índice dos principais assuntos tratados neste volume. Medidas para líquidos (p. 29). Concepções de tempo (p. 37; 40). Medicina popular (p. 63-64; 122; 132; 144). O amor (p. 190; 192-193;197). O casamento (p. 265; 283). A morte (p. 312; 318; 323). Transacções sem dinheiro (p. 389; 396). Crimes e castigos (p. 413). Ex-libris (p. 449). Alcnhas étnicas (p. 598).
- VASCONCELOS, João.** 1996. *Romarias I: um inventário dos santuários de Portugal*, Lisboa, Olhapiim Edições
Descrição breve das principais romarias realizadas no concelho (Senhor da Pedra e Santo Antão) (p. 238).
- “A vida dos concelhos: Óbidos”** 1940. *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, Lisboa, Junta de Província de Estremadura
Dados diversos sobre o concelho: imprensa, Casas do Povo, secções do Sindicato Nacional, Grémios, Sociedades de Recreio, composição dos executivos municipais e acção das Câmaras (p. 168-169).
- VIEIRA, Alice.** 1997. *As praias de Portugal*, Lisboa, Caminho
Alusões ao quotidiano das localidades que têm as praias como pano de fundo. Trabalho profusamente ilustrado com fotografias de Maurício de Abreu.
- VITERBO, Sousa.** 1897-99. **“Fastos religiosos”**, *Revista Lusitana*, vol. 5, p. 148-160
Pequenos apontamentos sobre festas e procissões com algum relevo a nível nacional. Destaque para a Cavalgada em dia de S. João em Óbidos. Breve referência ao convento de S. Miguel de Gaeiras (p. 153-155).





< Veleiro passando ao largo da Fortaleza de Peniche, 2000.

Peniche

ABREU, Maurício; FERNANDES, José Manuel. 1987. *O homem e o mar: o litoral português*, Lisboa, Círculo de Leitores

No capítulo intitulado *Póvoas de marítimos e pescadores – Estremadura*, Peniche é caracterizado como comunidade interdependente do mar e dos seus produtos. Contam-se histórias locais e citam-se passagens de alguns autores. A pesca como principal actividade económica. A explicação da expressão *Amigos de Peniche*. As rendas de bilros. A Atouguia da Baleia e o Baleal (p. 73-80). As Berlengas (p. 88-89). Apresentação de fotografias de Maurício de Abreu, com diversos aspectos de pescadores, faina pesqueira, mulheres e traineiras.

ALDEMIRA, Varela. 1956. *Memorial da Berlenga: meditações estéticas, lembranças, confidências, paisagens*

Texto literário onde se incluem aspectos dispersos referentes a Peniche e Berlenga. Como exemplo destaca-se a pesca, uma visita a Berlenga e Farilhões, naufrágios, entre outros.

ALGUNS NÚMEROS DEMONSTRATIVOS DA NECESSIDADE DE CONSTRUÇÃO DE UM PORTO DE ABRIGO NA NAZARÉ

Estatísticas das pescas (número de pescadores, dias de trabalho, pescadores inscritos, valor do pescado e número de embarcações). Dados sobre Peniche.

ANDRADE, A. M. 1940. “As comemorações nos concelhos da província estremenha”, *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, p. 62-74

As comemorações do Duplo Centenário em Peniche (p. 72).

ANUARIO DA FOLHA DE TORRES VEDRAS COMMERCIAL, BUROCRATICO E AGRÍCOLA COMPREHENDENDO OS CONCELHOS DE ARRUDA, CADAVAL, LOURINHÃ, MAFRA, ÓBIDOS, PENICHE, SOBRAL DE MONT' AGRAÇO E TORRES VEDRAS 1907. 1907. Torres Vedras, Livraria Editora Júlio Vieira

Apresentação do calendário do ano, calendário agrícola para os diversos meses, santos de cada dia, publicidade a diversos produtos, serviços e estabelecimentos comerciais. Em cada concelho são apresentadas as estatísticas de população, distâncias em relação às principais localidades; introdução à história; pontos de maior interesse. Para as vilas-sedes de concelho referem-se também alguns dados administrativos, serviços públicos, transportes, estabelecimentos de ensino, hospitais, associativismo local, ofícios tradicionais e respectivos artesãos e outros serviços. Nomes dos principais agricultores. Composição das freguesias: lugares, quintas e casais. Apresentação dos principais dados relativos às freguesias dos concelhos. Cada concelho é introduzido por uma fotografia de uma vista panorâmica da vila-sede.

AZEVEDO, Pedro A. de. 1908. “Miscelânea”, *Revista Lusitana*, vol. 11 (1-2), p. 345-354

Reunião de bruxas na Atouguia ao tempo da Inquisição, segundo relatos de um pároco, Comissário do Santo Ofício, Cypriano Domingues, em 1699. Declarações de diversas testemunhas (p. 347-349).

BALTAZAR, Maria Gabriela de Andrade de Almeida. 1962. *O concelho de Peniche*, Lisboa, Faculdade de Letras de Lisboa

Dissertação de licenciatura em Ciências Geográficas. Contextualização física e demográfica (crescimento da população e migrações) do concelho. Recurso a alguns aspectos históricos. O terceiro capítulo é votado aos

aspectos económicos. Algumas alusões ao nível das freguesias. Analisa-se a dimensão da propriedade, o tipo de exploração agrícola, a utilização do solo, as diferentes culturas em presença, operações agrícolas, o ciclo agrícola anual. A importância da vinha, do pomar, das culturas cereíferas (desenvolvem-se as operações relativas a cada uma destas) e horticolas. As alfaias agrícolas. A criação de gado. A autora insere as actividades da pesca no capítulo sobre a indústria. Estuda os processos de pesca, técnicas, apetrechos usados e embarcações. Fornecem-se informações sobre quantitativos de pesca e espécies capturadas. A indústria conserveira e as suas técnicas. As indústrias correlacionadas (gelo, farinhas de peixe, construção naval). Outras indústrias (cerâmica de telha e tijolo, as rendas de bilros). O sector turístico e seu crescimento. Texto entrecortado por inúmeras fotografias legendadas (da autora?). Salientam-se algumas delas pela sua dimensão humana. Foto 23: "Assando a sardinha", foto 24 "Preparativos para a nova faina – botas e meias ao sol", foto 25 "O burro – grande auxiliar da população rural", foto 26 "Gente da beira-mar", Foto 27 "Vinha e pomar", foto 28 "Vindima", foto 29 "Tina de armazenamento", foto 30 "Transporte da dorna", Foto 40. "Aguardando a descarga", foto 41 "Descarga do peixe junto ao cais", foto 42 "Camaradas transportando os *maquinos*".

BARBOSA, Pedro Gomes. 1992. *Povoamento e estrutura agrícola na Estremadura central : século XII a 1325*, Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica

Caracterização das diversas regiões pertencentes ao termo de Óbidos: aldeias, explicações toponímicas e antroponímicas, localização geográfica e formas de povoamento. Os principais proprietários fundiários e o tipo de propriedade que detinham (dimensões e tipo de culturas). Práticas marítimas e transporte de mercadorias. O caso das vinhas. Engenhos de moagem (p. 207-244).

BERNARDO, Hernâni de Barros. 1966. "Marinhas ignoradas da Estremadura: as salinas de Peniche", *Ethnos*, Lisboa, vol. 5

A existência da presença já desde o século XVI de marinhas em Peniche. Documentação histórica atesta a sua importância. Alguns vestígios de salinas artificiais visitados pelo autor nos anos 40. Actual inexistência. Relacionamento das marinhas com a actividade pesqueira (tecnologia e terminologia associadas à extracção do sal).

BLOT, J.-Y. 1989. *A cidadela do mar...: roteiro do Museu-Fortaleza de Peniche*, Peniche, Câmara Municipal de Peniche

Destaque para a sala das pescas onde se concentram os objectos sobre a actividade pesqueira. A predominância da pesca da sardinha. Miniaturas de barcos da colecção de Luís Correia Peixoto com a menção a aspectos técnicos, terminologia específica e outros objectos relacionados com a pesca (cestas, bandeiras de armações e xalavares). A presença da pesca está ainda patente no corredor dedicado à faina marítima. Na sala das rendas expõem-se as rendas de bilros, os bancos e almofadas. Num painel demonstram-se os processos de manufactura das rendas. História de algumas das peças mais importantes.

Boletim da Junta de Província de Estremadura. 1939.

Brasão d' armas de Peniche (p. 94).

BRANDÃO, Raúl. 1923. *Os pescadores*, Paris; Lisboa, Aillaud e Bertrand

Texto de estilo literário, exaltando memórias do autor sobre o mar, os pescadores e a faina da pesca. A pesca da sardinha no Baleal (p. 78-84). Crónica sobre as Berlengas (1919) e Peniche, impressões negativas sobre esta última e sobre a pesca industrializada. Alusões à idade das rendeiras, à Senhora dos Remédios, à praia do Baleal e ao Cabo Carvoeiro (p. 196-218).

CALADO, Mariano. 1991. *Peniche na história e na lenda*. 4.^a ed., Peniche, ed. de autor

Conjuntura histórica vivida no concelho (p. 39-232). Roteiro estabelecendo um enquadramento geográfico, hidrológico, económico e paisagístico do concelho e das localidades que o compõem (p. 235-259). Capítulos dedicados ao património religioso e monumental edificado: as igrejas, capelas, ermidas, fontes, cruzeiros e pelourinhos (p. 265-292). A história das ordens religiosas no concelho até à sua abolição em Portugal (1834) (p. 295-302). As instituições de apoio social e a sua fundamentação histórica: a Casa dos Pescadores, a Estação de Socorros a Naufragos (p. 305-316). Os estabelecimentos escolares e o associativismo cultural e desportivo (p. 319-338). Pormenorização de um roteiro artístico do concelho (p. 341-344). Movimento artístico (p. 347-356). Destaque para os capítulos sobre as festividades locais (a Festa da Senhora da Boa Viagem) (p. 359-365); usos e costumes: a faina da pesca, vestuário, religiosidade, transportes, festas, medicina

popular, jogos tradicionais, cantar as Janeiras, os santos populares (p. 369-376). As rendas também ocupam um lugar específico (p. 379-384). Barcos naufragados na costa de Peniche ao longo dos tempos (p. 397-407). As lendas históricas e religiosas: O Senhor Morto, S. Leonardo, N.ª Sr.ª da Ajuda, D. Pedro e D. Inês (p. 411-419). Explicação da frase "Amigos de Peniche" (p. 423-426). Gente ilustre do concelho (p. 429-447). Destaque para algumas fotografias de Francisco Curto (1-2) e Luís Correia Peixoto (3): "Procissão de Nossa Senhora da Boa Viagem"; "Nossa Senhora dos Remédios" (p. 363); "Arraial e fogo de artifício nas festas de Nossa Senhora da Boa Viagem" (p. 363); "Vendedeira de lagosta, na antiga Ponte Nova", sem informação de autor (p. 370); Francisco Chaves: "Depois da pesca, sardinha na brasa" (p. 371); Francisco Curto: "Ex-votos de Nossa Senhora dos Remédios" (p. 372); António Alves Seara: "Fazendo renda" (p. 373); sem autor: "Rendilheiras de Peniche (séc. XIX)" (p. 380); Francisco Chaves: "Rendilheira de Peniche" (p. 382); Sem autor: "Antiga escola de rendilheiras" (p. 383); A indústria de construção naval, a pesca e a indústria a ela interligada (p. 387-394); sem autor: "Antigo caíque de Peniche" (p. 390); "Antigas barcas das armações" (p. 391); Luís Correia Peixoto: "Artes de aparelho" (p. 392); António Alves Seara: "Construção naval" (p. 392); António Alves Seara: "O Senhor Morto" (p. 413). Em anexo, António Alves Seara – Moinho de vento; "N.ª Sr.ª da Boa Viagem, padroeira dos pescadores"; Luís Correia Peixoto: "Peniche. Perspectiva do passado: sal – riqueza e símbolo do mar". Transporte de sal pela praia em carro de bois; Luís dos Santos Costa: "Aguardando o momento de largar". Pescador sentado no cais com cesta do almoço, em verga; Luís Correia Peixoto: "Quem vai ao mar avia-se em terra". Pescador remenda as redes na praia; António Alves Seara: "Construção naval"; "Retocando a pintura do barco"; "Preparando as redes".

- CALADO, Mariano.** 1994. *Da ilha de Peniche*, Peniche, ed. de autor
Considerações históricas sobre Peniche: estabelecimento populacional, posicionamento no litoral em diversos períodos. Recurso a documentos históricos. A península de Peniche na actualidade.
- CALADO, Mariano.** 1995. *Raízes de maresia*, Peniche, ed. de autor
Compilação de alguns poemas do autor cujo tema incide sobre Peniche (*Procissão do mar; Encalhe*).
- CALADO, Mariano.** 1996. *Peniche no século XVIII: as Memórias Paroquiais*, Peniche, ed. de autor
Contribuição para a história do concelho nas suas vertentes política, económica, social e cultural, através da divulgação das respostas a um inquérito lançado em 1758 aos párocos das freguesias, promovido pela Secretaria de Estado dos Negócios Interiores do Reino. As respostas destinavam-se à elaboração de um dicionário geográfico de todas as cidades, vilas e lugares de Portugal.
- CALADO, Mariano.** 1996. "Rendas de bilros: um saber popular no desenvolvimento de Peniche", *Actas do 1.º Seminário do Património da Região Oeste*, Caldas da Rainha, Património Histórico, p. 186-190
A importância das rendas de Peniche como forma de riqueza cultural. Origens históricas desta actividade. Expansão das rendas para outros continentes (Brasil). A instrução das rendilheiras desde o séc. XIX. Reconhecimento internacional do valor da sua arte. A promoção e divulgação das rendas pelas associações locais.
- CALADO, Mariano.** 1999. *Visão cronológica da história de Peniche*, Peniche, ed. de autor
Cronologia histórica do concelho com a indicação de dados diversos como: melhoramentos públicos, figuras ilustres, destaque das rendas de Peniche no exterior do país, epidemias, naufrágios. Em relação ao século XX destaca-se por exemplo a data da chegada dos Boers refugiados da Guerra, a fundação de associações locais, questões ligadas ao caminho-de-ferro, as rendas de bilros em concursos internacionais, classificação da Escola Industrial como Escola de Rendeiras, o início da motorização das traineiras e a construção do porto de abrigo.
- CÂNCIO, Francisco.** 1939. "Alenquer", *Ribatejo histórico e monumental*, [Santarém], Junta de Província do Ribatejo, p. 97-175 (policopiado)
Referência ao círio de Gerales de residentes em Atouguia da Baleia a Nossa Senhora da Piedade (Merceana) (p. 132).
- CANECO, José António.** 1999. *Nazaré: tradição e história*
Relações dos nazarenos com Peniche.
- CARDOSO, Leonel P.** 1936. "A minha terra", *Ferro Velho*, Lisboa, imp. Lucas e C.ª, p. 129-162
O mercado do peixe (p. 146-148).

- CARDOSO, Nuno Catharino.** 1945. “**Armas municipais do distrito de Leiria e a evolução que sofreram**”, *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, n.º 8, p. 127-134
 Descrição dos vários elementos constituintes das armas antigas, e à data da edição do artigo. Listagem alfabética dos elementos que surgem nas armas. Reproduções de alguns brasões d'armas sem indicação de proveniência.
- CARVALHO, Maria do Mar.** 1993. *Caleidoscópio*, Peniche, ed. de autor
 Poemas de entre os quais sobressaem alguns sobre temáticas relacionadas com Peniche (*Sítio dos Remédios*).
- CASTELO BRANCO, Fernando.** 1957. “**Alguns aspectos da evolução do litoral português: da ilha de Peniche à península de Peniche**”, *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, n.º 7-9, p. 337-354
 Referências históricas em diversos autores sobre a evolução de alguns locais da costa litoral portuguesa. A ligação do Baleal ao continente (p. 340-343). Peniche: de ilha a península.
- CERVANTES, António Maria Souto.** 1890-92. “**Tradições populares de Peniche**”, *Revista Lusitana*, vol. 2, p. 309-316
 Diversos relatos associados ao imaginário popular da população de Peniche. A lenda dos *Passos de D. Leonor*, a história da filha de um pescador transformada em sereia, o aparecimento de N.º Sr.ª dos Remédios e as romarias à sua capela, o círio e o cerco dos franceses, superstições, ditados e benzeduras.
- CHAVES, Luís.** 1943. “**Cruzeiros e pelourinhos estremenhos**”, *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, n.º 2, p. 149-154
 Refere-se a existência de pelourinho em Atouguia da Baleia.
- CHAVES, Luís.** 1969. “**A gente do Tejo e a gente do mar**”, *Boletim Cultural da Junta Distrital de Lisboa*, n.º 71-72, p. 47-81
 Em capítulo específico disserta-se sobre diversas comunidades piscatórias, nomeadamente sobre Nazaré e Peniche. Referências em autores portugueses. Tipos de embarcações. As praias. Fotografia cedida pela Câmara Municipal de Peniche da Capela do Baleal (junto às arribas) (p. 72).
- CHRISTINO, Ribeiro.** 1916. “**A igreja de S.Leonardo da Atouguia da Baleia**”, *Terra Portuguesa*, vol. 1, n.º 3, p. 110-112
 Caracterização histórica e artística do edifício religioso. Alusão a alguma simbologia animal. Desenhos do autor e fotografia de Jorge A. de Almeida Júnior, focam aspectos do interior e exterior da igreja.
- CLÍMACO, Teresa Paula Fernandes.** 1994. *A festa de S. Pedro no santuário do Senhor Jesus do Carvalhal: uma análise antropológica do sagrado e do profano*, Lisboa, ed. de autor
 O Círio de Ferrel (Peniche) ao Senhor Jesus do Carvalhal, pois este terá sido recolhido nas praias de Peniche, considerando-se assim protector dos pescadores.
- COELHO, Adolpho.** 1993. *Obra etnográfica I: festas, costumes e outros materiais para uma etnologia de Portugal continental*, Lisboa, Dom Quixote
 Em capítulo dedicado aos ditados tópicos deste país, o autor dá exemplos de nomes ou características comuns atribuídos aos habitantes de um dado lugar ou aldeia (p. 175). Na planificação elaborada para a Exposição Etnográfica Portuguesa, o autor não esquece a necessária presença das embarcações de Peniche na área temática das indústrias de transporte (p. 731).
- COELHO, Adolfo.** 2000. *Digressões gastronómicas no país das uvas*, [Lisboa], Publicações Chaves Ferreira
 Compilação de textos do autor, originalmente integrando a publicação *Informação Vinícola* (1938-1939), propriedade da Junta Nacional do Vinho, a convite de António Batalha Reis. Os artigos referem-se ao enquadramento paisagístico e económico de vários concelhos do país, nomeadamente da região oeste. O trabalho inclui igualmente um conjunto de fotografias recolhidas, segundo a nota introdutória, pelo Serviço de Informação da Junta Nacional do Vinho. Estas não se encontram legendadas, nem contextualizadas, mas referem-se possivelmente ao período no qual a *Informação Vinícola* foi publicada (1938-62). Informação sobre Peniche (p. 47-50).

- COELHO, João O.** 1947. *Origem e significado de Peniche: ensaio toponímico*, Figueira da Foz, ed. de autor
Explicações sobre a toponímia de Peniche, Berlenga. Referências em vários documentos e autores. Listagem de topónimos da área de Peniche sem qualquer explicação.
- CORREIA, J. Diogo.** 1957. “**Toponímia estremenha**”, *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, n.º 44-45-46, p. 125-134
Origem etimológica de Peniche.
- COSTA, Alexandre de Carvalho.** 1965. “**Lendas, historietas, etimologias populares e outras etimologias respeitantes às cidades, vilas, aldeias e lugares de Portugal continental (cidades e vilas-sedes de concelho)**”, *Boletim Cultural da Junta Distrital de Lisboa*, n.º 63-64, p. 221-351
Origem etimológica de Peniche (p. 312-313).
- COSTA, Jorge Felner da.** 1958. “**O problema regional de turismo das Caldas da Rainha**”, *Perspectivas do Turismo Regional*, Caldas da Rainha, [Museu Provincial José Malhoa]
A hipótese de criação da Região de Turismo das Caldas da Rainha e quais os concelhos a integrá-la (Óbidos, Peniche, Nazaré, Alcobaça e Bombarral).
- COSTA, Maria da Glória Martins da.** 1993. “**Para a história das rendas de bilros na Póvoa de Varzim II**”, *Póvoa de Varzim: Boletim Cultural*, Póvoa de Varzim, vol. XXX (1-2), p. 35-101
Referências históricas relacionadas com a execução da renda de bilros em Peniche. A posição das pernas das rendilheiras de Peniche (cruzadas à maneira oriental), podem indiciar influência árabe (p. 36). A criação das Escolas Industriais e a reforma do ensino em 1886 (p. 49). O contínuo, e ainda hoje constante interesse em Peniche por esta actividade (p. 50-51). Inclusão de Peniche como centro rendeiro da zona. Centro do país (Terras do Litoral) (p. 52). Utilização de padrões de influência irlandesa (*guipure*) ainda hoje reproduzidos (p. 81).
- COSTA, Maria da Glória Martins da.** 1994. “**Para a história das rendas de bilros na Póvoa de Varzim III**”, *Póvoa de Varzim: Boletim Cultural*, Póvoa de Varzim, vol. XXXI (1-2), p. 135-210
Peniche no panorama da renda de bilros em Portugal. A autora cita Hernâni de Barros Bernardo, o qual num artigo da imprensa local (*A Voz do Mar* - 1965) refere a existência de rendilheiras profissionais já em documentos dos séculos XVII e XVIII. Mariano Calado aborda o problema das rendas de Peniche numa das suas obras sobre a região. Num artigo do jornal supra-citado, Maria do Rosário Matos estuda as rendas e acrescenta que Pedro Cervantes de Carvalho Figueira em finais de oitocentos terá analisado as razões da sua origem, relacionando-a com as prescrições do uso de rendas da Flandres da responsabilidade de D. João V. As rendas no *Dicionário Corográfico* de Pinho Leal e na obra de Pedro Cervantes de Carvalho Figueira (1863): aspectos técnicos. A opinião de Hernâni de Barros Bernardo e dos etnógrafos brasileiros Araújo Viana e Otilia Brasil. Aspectos históricos ligados à origem das rendas, utensílios e métodos de execução. Participação em exposições nacionais e internacionais. Opinião de dois membros do júri da Exposição de 1878 sobre as rendas de Peniche. Aspectos históricos relacionados com a Escola Industrial Rainha D. Maria Pia em Peniche. O programa do curso de rendaria de Peniche (p. 136-153). Fotografias retiradas de *Álbúm de Rendas Portuguesas de Peniche*, da Escola Industrial D. Maria Pia (1893) onde figuram pormenores de rendas de Peniche (p. 145, 147).
- EÇA, Maria Natália Almeida d’.** 1995. *Roteiro artesão português: Estremadura*, Porto, ed. do autor
Roteiro das artes e ofícios tradicionais existentes na Estremadura e organizado por concelhos. Referências aos nomes dos artesãos e contactos dos seus locais de trabalho. Inúmeras fotografias retratando interiores das oficinas, peças, matéria-prima, e os artesãos a trabalhar.
- EÇA, Vicente M. M. C. Almeida d’.** 1908. “**As pescas em Portugal: as salinas**”, *Notas sobre Portugal I*, Lisboa, Imprensa Nacional, p. 269-286
A situação das pescas e salinas em Portugal. Classificação dos diferentes tipos de pesca. Técnicas de pesca. Os trabalhadores. Principais espécies capturadas. Designação das principais embarcações. Estatísticas dos pescadores. Aspectos ligados às condições sociais em que estes vivem (emigração, trabalho sazonal). A indústria pesqueira (estatísticas). Os principais portos de pesca no início do séc. XX em Portugal. A preparação industrial do pescado e sua comercialização. A salinicultura. Partes componentes de uma salina. Tipologia das salinas. Os trabalhadores. A pesca fluvial (principais rios, espécies capturadas e estações aquícolas).

ESCOLA INDUSTRIAL RAINHA D. MARIA PIA. 1893. *Rendas de Peniche: padrões de 1893*, Lisboa, Typ. da Companhia Nacional Editora
Edição trilingue francês-português-inglês. Reprodução de oito padrões de rendaria sem qualquer comentário anexo.

ESTREMADURA. [s/d.]. Lisboa, Livraria Bertrand

Trabalho compilado por Urbano Tavares Rodrigues. O monumento rochoso designado *Nau dos Corvos*, as Berlengas e a Gruta da Lagosteira conforme relatados por Varela Aldemira em *Memorial de Berlenga* (p. 147-148). Sobre as Berlengas, Urbano Tavares Rodrigues descreve sensações e espaços diversos em *De Florença a Nova Iorque* (p.220-227).

FAUSTINO, Agostinho Correia. 1991. *Atouguia da Baleia*, [s/l], ed. de autor
Resenha sobre a vila de Atouguia em vários momentos da história.

FELGUEIRAS, Guilherme. 1950. “O estudo da literatura popular e das tradições orais estremenhas VIII”, *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, n.º 24-25, p. 365-396

De cariz geográfico, apresenta-se uma cantiga recolhida em Reinaldas (p. 371) e outra em Caldas da Rainha, mas cuja temática são as *bruxas de Peniche* (p. 372).

FERREIRA, Vitor Wladimiro. 1996. *Júlio César Machado no Oeste: antologia de textos de Júlio César Machado*, Bombarral, Museu Municipal de Bombarral

O gosto do vinho branco relacionado com os tratamentos que na zona se faziam às vinhas devido ao oídio (p. 39). A rivalidade entre Peniche e as Caldas da Rainha (p. 40). A Senhora dos Remédios, localização e descrição do seu interior (p. 40). O Círio da vila (p. 41) e a devoção dos marítimos. Utilização de muros de pedra para delimitar as propriedades (p. 41). O mercado de peixe (p. 41). As rendas de bilros e o seu mito de origem (p. 42; 83-85). O cirurgião como terapeuta popular (p. 84). O traje feminino (p. 83-84). O mito de origem da qualidade da sardinha da Nazaré e sua relação com a qualidade da sardinha de Peniche (p. 134-138).

FIGUEIRA, Pedro Cervantes de Carvalho. 1865. *A indústria de Peniche*, Lisboa, Associação Promotora da Indústria Fabril (policopiado)

História da indústria das rendas de Peniche (indicação do número de mulheres empregadas, utensílios, participação em concursos internacionais). A indústria da pesca em Peniche (riquezas do litoral, a importância da sardinha: modos de captura, armações, embarcações, número de trabalhadores, rendimentos, cercos). A apanha de outras espécies. Naufrágios. As marinhas de sal.

FIGUEIRA, Pedro Cervantes de Carvalho. 1882. “Indústria das rendas de Peniche”, *Revista da Sociedade de Instrução do Porto*, Porto, n.º 6, p. 301-307

A propósito de um período de decadência e abatimento desta actividade, o autor tenta dar a conhecer algumas práticas desta arte. Pouca documentação histórica existente sobre o tema, levou o autor a procurar informantes locais. O peso da indústria rendeira como actividade feminina na vila. Os utensílios utilizados. Formas de sentar. Progressivo aumento da dificuldade de execução artística dos trabalhos, acompanhando o acréscimo de experiência das rendeiras. A função dos rendeiros (homens que colocam as rendas para venda no mercado, por intermédio de vendedores e em locais como Lisboa, Porto, Caldas da Rainha, Figueira da Foz, praia da Nazaré e Foz do Douro, no período de banhos). As picadeiras elaboram o cartão e pintam-no com o desenho da renda pretendida). Rendimentos do trabalho. As trocas de rendas por produtos alimentares. A participação e reconhecimento das rendas de Peniche em exposições internacionais. O autor, apesar de considerar impossível, salienta a necessidade de uma melhor gestão da actividade, a necessidade de existência de uma espécie de empresa que se encarregasse de seleccionar rendas, pesquisar novos mercados, adquirir melhor matéria-prima, satisfazer encomendas, com o objectivo de melhorar o produto final, acabando com os aspectos negativos dos rendeiros e negociantes intermediários e melhorando as condições de vida das artesãs.

FILGUEIRAS, Octávio Lixa. 1980. “Barcos de pesca de Portugal”, *Revista da Universidade de Coimbra*, Coimbra, vol. 28, p. 343-426

A pesca em Portugal (elementos históricos, geográficos e ambientais). Profissões relacionadas. Caracterização regional. Tipos de embarcações (designações locais, dimensões, tonelagem, número de

elementos, tipo de pesca onde é utilizada). Caracterização dos portos de pesca (Nazaré, S.Martinho do Porto e Peniche). Os barcos de pesca do alto.

- FILGUEIRAS, Octávio Lixa.** 1981. *Os barcos da Nazaré no panorama da nossa Arqueologia Naval: pré-aviso sobre acções cautelares a promover nas zonas portuárias dos coutos de Alcobça*, Lisboa, Centro de Estudos de Marinha
Transcrição de notícia de 1977 sobre os projectos governamentais para benefício dos portos de Peniche e Nazaré.
- GANDRA, Manuel J.** 1996. “Os Círios ou aspectos do culto da Grande Deusa na Estremadura”, *Jornadas sobre Cultura Saloia*, Loures, Câmara Municipal de Loures, p. 85-119
O Círio do Cabo Carvoeiro (capela de N.ª Sr.ª dos Remédios) e localidades nele participantes (p. 104). A participação da povoação de Geraldês (Atouguia da Baleia) ao círio de N.ª Sr.ª da Misericórdia (Merceana, Alenquer) (p. 89; 100).
- GOMES, Fernandes.** 1997. *O filho do pescador*, Ribamar, imp. Grafibastos
Romance literário sobre as vivências dos pescadores e onde se vislumbra o quotidiano de Peniche há cerca de 75 anos.
- GUIA DE VISITA DO MUSEU DE PENICHE.** 2000. Peniche, Museu Municipal de Peniche
Pequeno roteiro de apoio às visitas do museu. Destaque para a sala das pescas, construção naval e sala das rendas de bilros.
- GUILHERME, Ida.** 1988. *Rendas e rendilheiras*, Peniche, Museu de Peniche, Câmara Municipal de Peniche (policopiado)
História das rendas de Peniche. Sua utilização e tipologias. Principais figuras ligadas a esta arte.
- JORGE, João Miguel Fernandes.** 1998. “As fronteiras trazem por marca o ritmo do coração”, *Linha do Oeste: Óbidos e momentos artísticos circundantes*, Lisboa, Assírio & Alvim, p. 13-26
A presença do mar em Peniche.
- JÚLIO CÉSAR MACHADO: ESTÓRIAS E PAPAROCAS.** 2000. Bombarral, Museu Municipal de Bombarral Vasco P. da Conceição/Maria Barreira
Colectânea de textos de Júlio César Machado, seleccionados por Vítor Wladimiro Ferreira, sobre gastronomia portuguesa. Referem-se somente as referências relativas à região: “Almoçar em Vale Maceira” (p. 25); “Jantar em Peniche” (p. 37), a propósito do consumo de peixe e do sabor do vinho, devido aos tratamentos que a vinha sofria, com o objectivo de preservá-la do oídio.
- LAPA, Albino.** 1954. “Os pescadores da vila de Peniche: o seu compromisso - a sua Casa de Pescadores”, *Boletim da Pesca*, Lisboa, n.º 41
Aspectos históricos ligados à vila de Peniche, Berlenga e de Atouguia da Baleia. Os embriões do corporativismo no sector pesqueiro. A assistência social e o papel das associações de socorros mútuos.
- LEÇA, Armando.** 1947. “Do Corpo Santo em Peniche”, *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, n.º 16, p. 389-391
Alusão às festividades levadas a cabo na capela do Corpo Santo durante a Pascoela, em protecção dos pescadores. Práticas rituais associadas (o pão santo). Refere-se a presença do estandarte da Irmandade do Corpo Santo nos cortejos fúnebres dos filhos menores dos pescadores. Transformação da Irmandade em Associação de socorros mútuos. Inclui fotografia, sem informação de autor: “Castelo e cena do cais”.
- LEIRIA: TERRA DE PROGRESSO E INICIATIVA.** 1999. Leiria, NERLEI
Trabalho organizado por Francisco J. Mafra retrata os vários concelhos do distrito com base em estatísticas do I.N.E. (1996). Dados gerais sobre agricultura, pecuária, silvicultura e pesca, indústria, comércio e serviços, turismo e infra-estruturas de apoio.

- O LINHO EM PORTUGAL: SUBSÍDIOS PARA O FOMENTO DA SUA CULTURA.** 1943. Lisboa, Direcção-Geral dos Serviços Agrícolas
Apresentação dos resultados do inquérito de 1940 às zonas do país onde se cultiva o linho (área ocupada; número de teares; tipo de planta).
- LOUREIRO, Adolfo.** 1904. *Os portos marítimos em Portugal e ilhas adjacentes*, vol. 2, Lisboa, Imprensa Nacional
Aspectos históricos relacionados com a costa portuguesa. O porto de Peniche (p. 289-301). Situação geográfica, condições naturais, características hidrográficas e meteorológicas, localização dos principais faróis. Obras principais. Movimento comercial do porto (volume das embarcações, aparelhos de pesca e valor do pescado comercializado). Ocupações alternativas à pesca com alguma importância (rendas e recolha de ovos de aves nas Berlengas). Pouca incidência da actividade agrícola. Rede de acessibilidades da vila. Principais festividades.
- MACHADO, Júlio César.** 1862. “Peniche”, *Scenas da minha terra*, Lisboa, José Maria Correa Seabra, p. 209-227
Descrição de cariz literário da praia e vila de Peniche no séc. XIX. Impressões sobre as características paisagísticas. A frequência das tabernas de Peniche. Alusão à conflitualidade entre os habitantes de Peniche e os de Caldas da Rainha. A capela de N.ª Sr.ª dos Remédios e o círio da vila. O movimento da pesca na praia. As rendeiiras.
- MAGALHÃES, M. M. de S. Calvet de.** [s/d.]. *Bordados e rendas de Portugal*. Lisboa, Campanha Nacional de Educação de Adultos
Caracterização da renda de bilros (p. 27-31). As rendas de Peniche: influências históricas, ensino. Alusão a colecções de rendas estrangeiras. Reprodução de *rendas corridas* (p. 142). O sistema de aprendizagem em Peniche (p. 143-147).
- MAGALHÃES, M. M. de S. Calvet de.** [s/d.]. “Rendaria”, *A Arte Popular em Portugal*, vol. 3, Lisboa, Verbo, p. 109-167
Existência de rendas em Peniche. História e tecnologia das rendas de bilros em Portugal. A instituição duma escola de Desenho Industrial em Peniche (1887). Notícia da sua inauguração e funcionamento (p. 122-133) (Foto p. 137). Publica-se igualmente o esquema de pontos aí utilizados (p. 139). Reprodução de diversos tipos de rendas de Peniche (p. 152-153; p. 155). Designações de tipos de rendas (p. entre 160 e 161). A indústria das rendas: aspectos históricos. Tecnologia (p. 160-164).
- MAGALHÃES, Manuel Maria Calvet de.** [1941]. *Tecnologia de bordados e rendas: ensino técnico*, Lisboa, Livraria Popular de Francisco Franco
Aspectos históricos relacionados com a manufactura das rendas a nível mundial. As rendas em Portugal. De entre as zonas rendíferas destaca-se Peniche (p. 83). Terminologia da profissão de rendilheira. Características das rendas de bilros (p. 98-106): materiais utilizados, formas de execução, tipologia). Motivos artísticos das rendas tradicionais. A participação em concursos internacionais. A criação, em Peniche, da Escola Industrial Rainha D. Maria Pia (1887) dirigida por Maria Augusta Bordalo Pinheiro, e que mais tarde, se designou por Escola Industrial de Rendeiras Josefa de Óbidos. A influência dos estilos europeus (irlandeses e franceses) (p. 112-114).
- MAIO, Guerra.** 1945. “Peniche e Óbidos”, *Portugal Desconhecido*, Lisboa, Livraria Bertrand, p. 139-144
Descrições literárias sobre vários aspectos. Um passeio na vila de Peniche. A construção do porto de pesca e uma ida às Berlengas.
- MARTHA, M. Cardoso.** 1944. “Literatura dos contos tradicionais estremenhos: o povo e as mulheres teimosas”, *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, n.º 5, p. 117-119
Dois contos populares relatados ao autor por uma informadora de Peniche: *Lua ou foice?* e *Branca ou Rosa?*
- MINISTÉRIO DA AGRICULTURA.** 1939. *Reconhecimento dos baldios do continente*, vol. 2 (parte 2), Lisboa, Junta de Colonização Interna
Estatísticas permitindo a caracterização dos baldios em Portugal. Apreciação distrital, por concelhos e freguesias (número, área de aproveitamento agro-florestal, designação, características geológicas,

agrológicas, oro-hidrográficas, económico-sociais e sua localização aproximada). Dados sobre Peniche (p. 567-569).

MOREIRA, Carlos Diogo. 1987. *Populações marítimas em Portugal*, Lisboa, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas

Publicação correspondente a dissertação de doutoramento em Antropologia apresentada pelo autor à Universidade Técnica de Lisboa. Estudo sobre as populações marítimas do litoral português na década de 80. Destaque para alguns dados a nível concelhio. Apresentação e análise de estatísticas diversas: número de marítimos matriculados em embarcações de pesca por porto e tipo de pesca exercido; número de embarcações pesqueiras por tipo de embarcação e tipo de pesca; número de sinistros ocorridos. Constituição de amostra de estudo em várias zonas do litoral. Caracterização ambiental das zonas marítimas e hidrográficas em causa, espécies aí existentes, artes e processos de pesca. Designação dos portos de pesca por Capitánias (Zona Centro). Peso das transações em cada porto de pesca considerado. Rendimento e distribuição ao longo do ano das principais espécies capturadas. Levantamento da situação histórica da actividade pesqueira em Portugal. Desenvolvimento dos portos durante as várias épocas. Rede de acessibilidades com o interior (rios e lagoas navegáveis). O abastecimento às comunidades interiores. A comunidade religiosa da Berlenga, a pirataria argelina e a escassez de recursos no séc. XVI (p. 182). Tributos impostos à actividade pesqueira ao longo dos tempos. A comercialização e os valores de venda do produto da pesca (séc. XVI e séc. XVII p. 189-190). Os portos de pesca marítima no século XVII, segundo Carvalho Costa (p. 193). As zonas de pesca fluvial (séc. XVII), segundo Mendez Silva (p. 194). O declínio da arte xávega (p. 207) e a implementação das armações. A legislação da pesca (séc. XIX). O incremento da indústria conserveira em finais do séc. XIX e princípios do séc. XX (p. 209). A captura da sardinha (armações, cercos, frotas p. 211-216). A situação da pesca na década de 80 do séc. XX (p. 217-386). O cerco costeiro: distribuição dos desembarques (p. 229). Estado actual das populações da costa litoral (p. 247-334). Distribuição dos marítimos matriculados em embarcações de pesca por tipos de pescaria (p. 255-257). Qualificação profissional do mestre/arraís e do pescador (p. 397); categorias profissionais (p. 309-309; 313). Movimentos populacionais na costa litoral (p. 325-326). Conflitualidade e redes de solidariedade social interligadas com as populações marítimas (p. 335-377). Em apêndice e sem demasiadas alusões de carácter local, apresentam-se as características dos principais tipos de embarcação, processos e utensílios de pesca, terminologia específica (p. 389-459). Extensa bibliografia sobre a pesca e litoral portugueses.

MUSEUS: SUBSÍDIOS PARA O ENQUADRAMENTO HISTÓRICO DOS CONCELHOS. 1998. Lisboa, Comissão de Coordenação da Região de Lisboa e Vale do Tejo

Os museus e casas-museu da região de Lisboa e Vale do Tejo. Características, colecções e horário de funcionamento.

NASCIMENTO, José Manuel Cordeiro R. 1997. *Santuário de N.ª Sr.ª dos Remédios*, Peniche, [ed. apoiada pela Câmara Municipal de Peniche]

Identifica histórica e teologicamente o santuário e o culto a N.ª Sr.ª dos Remédios. Os principais círios da região oeste. Lista dos círios que ainda na actualidade realizam peregrinações a este santuário. A imagem de N.ª Sr.ª dos Remédios no interior do templo. História e práticas das peregrinações e círios. O círio a N.ª Sr.ª dos Remédios (momentos e participantes). As loas (apresentação e interpretação teológica). Fotografias diversas do Prof. Francisco Domingos e da Casa Acácio Soares sobre diversos aspectos do santuário (interiores e exteriores).

NATIVIDADE, J. Vieira. [s/d.]. *“A região a Oeste da serra dos Candeeiros”*, *Obras Várias*, Alcobaça, Comissão Promotora das Cerimónias Comemorativas do I Aniversário da Morte do Prof. J. Vieira Natividade, vol. 5, p. 231-236

Artigo publicado no *Diário Popular* (1962). A propósito da crise agrícola no país, o autor discorre sobre um estudo de economia agrícola levado a cabo pelo Centro de Estudos de Economia Agrária da Fundação Calouste Gulbenkian e intitulado *A região a Oeste da serra dos Candeeiros*.

OLIVEIRA, Ernesto Veiga de; GALHANO, Fernando; PEREIRA, Benjamim. 1975. *Actividades agro-marítimas em Portugal*, Lisboa, Centro de Estudos de Etnologia

Tecnologias relacionadas com a apanha das algas marinhas (sargaço e pilado). Aspectos sociais relacionados com as actividades agro-marítimas em diversos concelhos da região estremenha. Inúmeras informações a nível

local. A divisão sexual do trabalho. Ferramentas utilizadas (terminologia específica e funções). Tecnologias de recolha e processos de secagem. O consumo. Embarcações utilizadas. Arquitectura relacionada com a recolha de alfaia para apanha do sargaço. Traje do sargaceiro. Utilizações agrícolas dos produtos marítimos. Portos e informações relativas à apanha do sargaço, segundo Baldaque da Silva. Em relação ao concelho em causa, destaque para os seguintes desenhos e fotografias: Des. 1b) *encinho* ou *gravanço* (Peniche) (p. 49); Des.11) *caramoeiro* (Peniche, Ferrel) (p. 61); Des.13 c) *carrela* (Peniche) (p. 64).

ORTIGÃO, Ramalho. 1918. *As nossas praias: indicações gerais para uso de banhistas e turistas*, Lisboa, Sociedade de Propaganda de Portugal

Como introdução, o autor exalta os benefícios dos banhos de mar. Fornece algumas informações gerais sobre cada praia da costa portuguesa, sua localização, acessibilidades, principais festividades, hotelaria e restauração, locais a visitar e património arquitectónico. Praia de Peniche (p. 59-61). Alusão às rendas. O tipo específico de armação de pesca que aí se podia encontrar e quais as principais espécies capturadas. As outras praias do concelho.

PANORAMA DUM DISTRITO: PENICHE. [s/d.]. [Caldas da Rainha], Gazeta das Caldas

Num artigo de Maria Carlota d' Assis de Almeida Santos caracteriza-se a actividade das rendas de bilros. Mariano Calado discorre sobre os pontos mais interessantes a visitar no concelho e analisa o dito: *amigos de Peniche*. Fernando Lopes da Silva considera o turismo como fonte de riqueza nacional e Peniche como local privilegiado.

PATRÍCIO, Maria Madalena Martel. 1944. "Poemas da Estremadura", *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, n.º 5, p. 121-123

Texto poético sobre a existência da actividade de rendilheira em Peniche. Breve alusão aos motivos artísticos que se podem encontrar nos seus trabalhos.

PATRIMÓNIO ARQUITECTÓNICO E ARQUEOLÓGICO CLASSIFICADO: DISTRITO DE LEIRIA. 1993. Lisboa, IPPAR

Apresentação dos imóveis classificados em todos os concelhos do distrito de Leiria (Alcobaça, Bombarral, Caldas da Rainha, Nazaré, Óbidos e Peniche). Fotografias de Henrique Fernandes Ruas e legendas contendo a localização do imóvel, seu historial e legislação aplicável à sua classificação.

PEIXOTO, Luís Correia. 1991. *Apontamentos para a história da sardinha e da construção naval, em Peniche*, Peniche, Câmara Municipal de Peniche

Os diferentes tipos de embarcações de pesca e as artes da pesca (do século passado a finais dos anos 80). Diversidade das armações. A conservação e comercialização do peixe. Mudanças nas tecnologias e na economia da pesca (mecanização, sondas e novos materiais de confecção das redes). A crise no sector pesqueiro. O caso da pesca da sardinha. Outros tipos de embarcações e de técnicas de pesca. Reproduções de gravuras de Baldaque da Silva, em *Estado actual das pescas em Portugal* (1891), fotos do Arquivo do Museu de Marinha e inúmeras outras, legendadas, mas sem indicação de autor.

PEIXOTO, Luís Correia. 1994. *Peniche: 100 anos através da fotografia*.

Álbun de fotografias do autor de diversas épocas e com ênfase no concelho de Peniche. Alguns recortes de imprensa de âmbito regional. Retratam-se várias actividades económicas importantes como é o caso da pesca e das rendas de bilros, algumas festividades como o Carnaval e as festas de N.ª Senhora da Boa Viagem, o estado das infra-estruturas em dado período, entre numerosos aspectos.

PEIXOTO, Luís Correia. 1996. *Peniche: pormenores que testemunham o passado*, Peniche, ed. de autor

Livro fundamentalmente fotográfico com a apresentação de diversos elementos urbanísticos e arquitectónicos de algumas localidades do concelho (Atouguia da Baleia, Serra d' El-Rei). O trabalho inicia-se contudo com aspectos ligados à Arqueologia e monumentos históricos. Apresentação de janelas, chaminés, platibandas, fachadas de azulejos, portões, portas e batentes, decoração de vergas e peitoris, muros de pedra, sistemas de canalização de águas pluviais, telhados. Moinhos, pios inactivos utilizados outrora para a conservação da sardinha em salmoura, lagares, lojas, eira, seca de peixe, rendas, cisternas. Alusão às redes das traineiras manufacturadas em fio de algodão que necessitavam de tratamento com casca de salgueiro. Trabalho reeditado no ano seguinte, encontra-se sistematizado por freguesias.

PEIXOTO, Luís Correia. 1999. *Casos lembrados e gentes*, Peniche, ed. de autor

Apresentação dos dados publicados no *Anuário da Folha de Torres Vedras*, relativo a Peniche para os anos de 1906 e 1910: a população, os detentores dos principais cargos públicos e designação de comerciantes, artesãos, industriais, agricultores. Dados das respectivas freguesias. No resto do livro predominam as fotografias legendadas de inícios do séc. XIX de Xavier de Almeida, António Pereira Coutinho e Luís Correia Peixoto, sobre as vivências do quotidiano em Peniche: vindimas, varrendo a eira (Xavier de Almeida, 1914, p. 17). “A apanha de limo para adubar as terras” de Luís Correia Peixoto (p. 19), o estado das estradas e os meios de transporte (a diligência p. 20-24), passeios, melhoramentos públicos (iluminação, telefone), tragédias (naufrágios, quedas de aviões), desporto, festividades, as rendilheiras. Repetem-se algumas fotografias do trabalho do autor *Peniche: 100 anos através da fotografia* (1993).

PEIXOTO, Rocha. 1990. *Etnografia portuguesa: obra etnográfica completa*, Lisboa, Dom Quixote

Referências à gruta da Furninha onde o geólogo Nery Delgado revelou a existência de conchas usadas como amuleto (p. 6) em épocas pré-históricas. O homem do quartenário usava os minérios ferrosos existentes nesta gruta para colorir os vasos que produzia (p. 16).

“**Peniche**”, *Grande Enciclopédia Portuguesa-Brasileira*, Lisboa, Editorial Enciclopédia, vol. 20, p. 991-996

Dados de carácter geral sobre o concelho e suas localidades.

PENICHE. 1951. Porto, ROTEPE

Texto de Hernâni de Barros Bernardo. Planta do principal aglomerado populacional do concelho e dos principais pontos de interesse em todo o concelho. Informações diversas como classificação administrativa, população, serviços públicos, feriado municipal, existência ou não de hotelaria, especialidade culinária, feiras, romarias e monumentos nacionais. Algumas fotografias.

PENICHE E O SEU CONCELHO. 1964. Lisboa, ed. Raúl de Carvalho

Texto de João de Macedo Paraíso. Aspectos históricos e monumentais da vila e do concelho de Peniche. Dados biográficos de personagens de destaque, vias de comunicação, serviços públicos, a pesca, indústria, comércio, romarias, feiras e festas do concelho, o turismo, estabelecimentos de ensino, associativismo local, corporativismo e cooperativismo. As freguesias de Atouguia da Baleia e de Serra d' El-Rei. Diversas fotografias de António Faustino Correia.

PEREIRA, José de Campos. 1915. *A propriedade rústica em Portugal*, Lisboa, Imprensa Nacional

Características das sub-regiões agrícolas (principais culturas) (p. 34-35) em princípios do séc. XX.

PEREIRA, Mário Baptista. 1988. *Lourinhã: subsídios para uma monografia*, Lourinhã, Câmara Municipal da Lourinhã

Um costume quatrocentista segundo o qual o rei permitia aos habitantes de Atouguia da Baleia caçar coelhos nas Berlengas durante o Pentecostes, Corpo de Deus e dias de casamento.

PEREIRA, Nuno Teotónio; FREITAS, António Pinto de; DIAS, Francisco da Silva. 1961. *Arquitectura popular em Portugal*, vol. 2, Lisboa, Sindicato Nacional dos Arquitectos

As características das habitações dos pescadores (p. 91). Fotografias diversas: “Peniche” – alguns telhados; “Peniche” – pátio entre duas casas (p. 31); “Casa” – alpendrada (p. 46); “Peniche” – processo de recolha de água pluvial (p. 52); “Peniche” – pormenor de calçada (p. 60); “Peniche” – casa caiada (p. 75); “Peniche” – casas de pescadores (p. 91); “Peniche” – igreja (p. 114) “Baleal” – igreja (p. 114).

PIMENTEL, Alberto. 1908. *A Extremadura Portuguesa: I O Ribatejo*, Lisboa, Empreza da História de Portugal Soc. Ed.

Caracterização do concelho. Aspectos histórico-geográficos e económicos (p. 331-342). Actividades agromarítimas no concelho (p. 337). Agricultura (p. 340, 342). Cisternas para abastecimento de água (p. 337). Iluminação pública em Peniche (p. 337). Lenda de Peniche como parte da Atlântida (p. 338). Decadência de Peniche devido ao seu abandono como praça de guerra (p. 332-333). Pesca (p. 336-340). Plantação do pinhal de Peniche (p. 332). Praias (p. 333-334). Recolha de ovos das aves (p. 337). Rendas de bilros (p. 335-336, 340). Repartição da lenha do pinhal de Peniche pelos pobres (p. 336).

- PIRES, A. Thomaz.** 1909. “Investigações ethnograficas”, *Revista Lusitana*, vol. 12 (1-2), p. 61-92
Pequeno capítulo que o autor informa ser da autoria de Latino Coelho e publicado na revista *Semana* (1851) abordando as rendeiiras de Peniche. Composição das suas habitações, decoração e acessórios domésticos (p. 85-88).
- RÊGO, Artur de Figueirôa.** 1950. “Breve notícia sobre a economia agrária do distrito de Leiria”, 2.º Congresso das *Actividades do Distrito de Leiria*, Leiria, Casa do Distrito de Leiria, p. 177-187
A agricultura como actividade dominante do distrito de Leiria. População agrícola. Superfície média da propriedade. Agricultura de tipo familiar. Principais produções agrícolas. A vitivinicultura. Pomares e florestas. O azeite. A criação de gado.
- RENDAS PORTUGUESAS.** 1980. Lisboa, Museu Nacional do Traje
Catálogo de exposição sobre as rendas em Portugal. História da renda de bilros. A profissão de rendilheira. Legendas das peças expostas (empréstimos da Câmara Municipal de Peniche e da Escola Industrial e Comercial de Peniche). Peças de vestuário com inclusão de rendas de bilros de Peniche na sua composição. Reprodução de renda de bilros (Museu-Escola Industrial e Comercial de Peniche) com menção aos pontos utilizados. Alusão a artigo da *Ilustração Portuguesa* sobre uma exposição de rendas portuguesas, de Maria Augusta Bordallo Pinheiro.
- RIBEIRO, Armando.** 1933. *Terras fradescas*, Lisboa, Livraria Central de Gomes de Carvalho
Relato de viagem do autor pelo país. Lugares visitados, impressões diversas e aspectos históricos de vários pontos do concelho.
- RODRIGUES, Henrique António Costa; REBELO, Francisco Félix.** 1996. “O olival, o azeite e o lagar: breve análise ao estado de declíne de um sector de centenária tradição na área do concelho das Caldas da Rainha e do património arquitectural remanescente”, *Actas do 1.º Seminário do Património da Região Oeste*, Caldas da Rainha, Património Histórico, p. 97-122
A expansão da cultura oleícola nalgumas freguesias do concelho de Peniche.
- ROTEIRO BIBLIOGRÁFICO DO CONCELHO DE PENICHE.** 2000. Peniche, Museu Municipal de Peniche (policopiado)
Bibliografia sobre o concelho de Peniche, existente nas bibliotecas do concelho e na Base Nacional de Dados Bibliográficos. Organização por áreas temáticas, por autor principal e por tipo de documento. Trabalho coordenado por Ana Batalha.
- ROTEIRO DE MUSEUS (COLECÇÕES ETNOGRÁFICAS) LISBOA E VALE DO TEJO.** 1997, Lisboa, Olhapim Edições
O Museu Municipal de Peniche. Aspectos históricos. Coleções. Exposição. Actividades (p. 112-114).
- SALVADOR, Francisco Manuel Pinto França.** 1997. *Peniche: história da água, história de um povo*, Peniche, Serviços Municipalizados de Água e Saneamento
Os recursos hídricos do concelho. Alguns apontamentos históricos (gestão e carências). O abastecimento ao concelho. Inventário histórico com a caracterização dos chafarizes, cisternas, fontes e poços. História actual da situação da água em Peniche. Diversas fotografias legendadas de Luís Manuel Garcia: fontes, cisternas, chafariz, mina de água, filtro de água, depósito.
- SALVADOR, Helena.** 1996. *Os estendais do Campo da Torre em Peniche*, [s/l], ed. de autor (policopiado)
A propósito dos estendais de roupa do Campo da Torre, a autora caracteriza o estatuto da mulher na comunidade (trabalhos quotidianos associados à lavagem de roupa e estendais). Caracterização de algumas zonas urbanas de Peniche. Trabalho apoiado em inquéritos e entrevistas feitas a mulheres entre 1995-1996. Aspectos históricos relacionados com o estabelecimento de populações de origem diversa em Peniche.
- SANTA MARIA, Frei Agostinho de.** [1707-1723]. *Santuário mariano e história das imagens milagrosas de Nossa Senhora, e das milagrosamente aparecidas, em graça dos pregadores, e dos devotos da mesma Senhora*, Lisboa, Off. António Pedrozo Galvão
No segundo volume (1707) o autor referencia a história da imagem e milagres de N.ª Sr.ª da Ajuda (p. 110-112); N.ª Sr.ª dos Remédios (p. 112-115); N.ª Sr.ª das Mercês do Baleal (p. 116-118); N.ª Sr.ª da Misericórdia

ou da Conceição do Convento de Valbemeito da Ordem de S. Jerónimo (p. 119-124); N.^ª Sr.^ª da Conceição da Atouguia (p. 124-127) e N.^ª Sr.^ª do Amparo de Serra d' El-Rei (p. 127-128).

SANTOS, Maria dos Anjos Amado Valente dos. 1990. *O culto no santuário dos Remédios, em Peniche*, Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (policopiado)

Dissertação de licenciatura em Antropologia. Caracterização histórica, demográfica e económica do concelho. O culto a N.^ª Sr.^ª dos Remédios. Outros cultos marianos na região. Lendas religiosas associadas ao santuário. O Senhor Morto. Rivalidades entre localidades participantes. Momentos sagrados e profanos intercruzando-se nos festejos. Apresentação de programas dos festejos de N.^ª Sr.^ª dos Remédios. Diversas fotografias respeitantes a aspectos da comunidade, à celebração do círio, ao santuário, ao Senhor Morto e ex-votos.

SARDINHA, José Alberto. [1988]. *Recolhas musicais da tradição oral*, [s/l], Contradança, Edição discográfica Disco acompanhado de texto e fotografias sobre vários contextos musicais estremenhos. Introdução à música e dança da região. Geralmente surge a ideia incorrecta que a Estremadura é uma região considerada pobre em tradições musicais. Menor influência da música vocal. Caracterização de cada tipo de música recolhida (contextualização, concelho e lugar de recolha, intérprete, data da recolha e fotografia). Recolhas efectuadas em Peniche (loas a N.^ª Sr.^ª dos Remédios, embalo).

SARDINHA, José Alberto. 1997. "Portugal, Raízes Musicais", Lisboa, *Jornal de Notícias*, C.D. n.º 5 e guia de audição, p. 49-60

Presença da gaita de foles em vários momentos do círio a Nossa Senhora dos Remédios. As loas são cantadas pelos *anjinhos*.

SEQUEIRA, Gustavo de Mattos. [1944]. *Estremadura*, Lisboa, Shell Portuguesa

Pequeno roteiro da região. Caracterização física, aspectos paisagísticos e humanos, os principais núcleos populacionais. Apresentam-se algumas fotografias sem indicação de autor, apenas mencionando o local. Inclui uma fotografia, na qual várias mulheres carregam alguidares com trouxas de roupa à cabeça (p.8).

SILVA, A. A. Baldaque da. 1889. *Relatório sobre a pesca marítima nas águas de Peniche, Berlenga, Estellas e Farilhões apresentado a Sua Excelência O Ministro da Marinha e Ultramar em 4 de Setembro de 1889*, Lisboa, Imprensa Nacional (policopiado)

Condições hidro-topográficas do litoral. Espécies existentes. Aparelhos de pesca usados, tipos de embarcações, navegação que acosta nos portos da região, estatísticas de pesca (mapas das embarcações, dados referentes às companhias, receitas, comercialização), socorros mútuos na actividade da pesca, condições militares dos portos de pesca, leis, usos e costumes, situação actual das armações fixas e distribuição do pescado. Diversos desenhos do autor, reproduzindo armações com indicação de terminologia.

SILVA, A. A. Baldaque da. 1908. *Estado actual das pescas em Portugal*, Lisboa, Ministério da Marinha e Ultramar

O porto de Peniche: tipo de armações existentes, espécies de peixe capturado, número de trabalhadores e valor do pescado segundo estatísticas dos anos de 1885 e 1886. Comerciantes franceses adquirem aos pescadores a grande quantidade de lagostas existentes nesta costa (p. 127-128). O cahique e os barcos da sacada, no que diz respeito à pesca do alto (p. 379). A segurança de certos tipos de embarcação como o cahique para a pesca do alto (p. 383). As armações fixas de atum e sardinha e o uso de lanchas e batéis (p. 390-391). Caracterização do batel de Peniche, número de tripulantes, espécies capturadas e acessórios (p. 404). O movimento pesqueiro do porto em 1886 (p. 419). Conjunto de desenhos ilustram diversos aspectos relacionados com embarcações da região: "Planta das armações redondas de Peniche" (p. oposta à 234); "Cahique de Peniche" (p. 378); L. Almeida e D. Netto - "Batel das armações de Peniche" (p. 390); "Lancha das armações de Peniche" (p. 391). "Remos das lanchas e batéis de Peniche" (p. 391). L. Almeida - "Batel da pesca costeira de Peniche" (p. 404). "Remo dos batéis de Peniche" (p. 404).

SILVA, Carlos da; ALARCÃO, Alberto; CARDOSO, António Poppe Lopes. 1961. *A região a oeste da serra dos Candeeiros*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian

Numa primeira parte aprofundam-se as relações entre o homem e o meio, nomeadamente no que diz respeito à caracterização física (geomorfológica, geológica, oro-hidrográfica, climática e pedológica) dos concelhos em estudo (Óbidos, Peniche, Alcobaça, Nazaré e Caldas da Rainha). Sob o ponto de vista histórico, esclarece-se a situação das instituições e das técnicas na região, sobretudo no domínio dos coutos e as

povoações que aí se inseriam. O conceito de casal ligado a um tipo específico de exploração fundiária. Analisam-se os contornos da evolução demográfica da região, mesmo ao nível das freguesias. Efetuou-se igualmente o levantamento das infra-estruturas (transportes, comunicações, electricidade, gás, água, saneamento e obras de hidráulica agrícola). De salientar também os capítulos sobre a estrutura da propriedade e sobre a agricultura regional: dimensões, dispersão, os baldios, número de prédios por proprietário, tipologia das empresas agrícolas, suas formas de exploração, utilização do solo, tipos de culturas em regadio e em sequeiro, áreas agro-florestais. Estabelece-se ainda a carta agrícola e florestal segundo áreas bem definidas para as diversas culturas em presença (oliveira, pinhal, áreas de incultos, vinha, culturas arvenses, hortícolas e frutícolas) e refere-se a criação de gado, consoante as espécies exploradas. Investigou-se igualmente a composição social da população agrícola e as diferentes hierarquias de relações (idade, sexo, estrutura profissional, regime laboral e remuneração). Alguma preocupação relacionada com o trabalho familiar e sazonal e com as organizações de tipo cooperativo. Desenvolvem-se os processos técnicos de cultivo das diversas espécies e os cuidados a ter com elas (mobilizações do solo, fertilizantes). Alguma atenção prestada à colheita, debulha e tarefas na eira, aos transportes e equipamento, ao armazenamento e à conservação da produção. Em seguida, destaque para as indústrias de transformação agro-pecuária correlacionadas (adegas, lagares, unidades fabris) e comercialização. O trabalho conclui-se com uma perspetivação do desenvolvimento regional (levantamento das potencialidades e heterogeneidades, propostas de intervenção, pólos de desenvolvimento e zonas de atracção).

SILVA, Manuela Santos. 1994. *A região de Óbidos na época medieval: estudos*, [Caldas da Rainha], Património Histórico, Grupo de Estudos

No artigo *Comunidades piscatórias medievais estremenhas entre o rio de Salir e o concelho de Torres Vedras: um primeiro levantamento*, representando uma comunicação apresentada em 1992 no *Seminário Pescas e Navegação na História de Portugal (sécs. XII a XVIII)* em Lagos, a autora faz breves alusões ao concelho de Peniche, nomeadamente à povoação de Atouguia da Baleia como porto com importância histórica na economia piscícola da região estremenha na época medieval.

SOARES, Mário. 1998. “Região do Oeste: Peniche”, *Jornal das Caldas*, n.º 12, p. 12

Síntese de vários aspectos do concelho. Situação geográfica, panorama económico, dados históricos, freguesias que o integram, executivo municipal, feriado municipal, principais monumentos, locais de lazer e turismo, gastronomia, vinhos e artesanato.

TEIXEIRA, Luiz. 1949. “As Berlengas numa tarde de Setembro”, *Alvorada de Agosto*, Lisboa, Livraria Clássica Editora, p. 329-336

Texto literário sobre uma viagem de barco rumo às Berlengas: o timoneiro, a traineira, a visita às grutas.

TERRAS DE PORTUGAL: PENICHE. 1933, Lisboa, ed. Álvaro António de Andrade, n.º 47

Edição especial para a Comissão de Iniciativa de Peniche. António Pereira Coutinho descreve brevemente Peniche e a Berlenga. Destaque também para as fotografias *Uma excursão à Berlenga, Tipos de pescador e Alguns aspectos interessantes da praia de Peniche*. Amarílio escreve sobre as rendas na Escola Industrial de Rendeiras Josefa de Óbidos e inclui fotografias de exposições de trabalhos e de uma aula. Diversas fotografias de Ivone Guisado Coutinho, Luís Correia Peixoto e António Pereira Coutinho sobre aspectos fundamentalmente paisagísticos.

O TRABALHO E AS TRADIÇÕES RELIGIOSAS NO DISTRITO DE LISBOA: EXPOSIÇÃO DE ETNOGRAFIA. 1991.

Lisboa, Governo Civil de Lisboa

Catálogo de exposição. Identificação das peças expostas. A celebração do Círio de N.ª Sr.ª dos Remédios em localidades do concelho de Peniche (p. 331).

TRANCOSO, Vasco. 1999. *Caldas da Rainha: um contributo iconográfico através do bilhete postal ilustrado editado até meados do século XX*, Lisboa; Mafra, Edição Elo

Reprodução de dois postais com aspectos relativos ao quotidiano de Peniche: “Praça Jacob Rodrigues Pereira com mercado – 1912” (p. 148); “Chegada das traineiras à Ribeira, em Peniche – 1914” (p. 153).

VASCO, José. 1974. *À face do mar*, Peniche, ed. de autor

Contos cuja temática incide sobre a faina da pesca e a vida dos trabalhadores do mar em Peniche. No final

apresenta-se um pequeno glossário de termos que surgem no texto, informando sobre costumes e actividades da pesca (mestre, moço, motorista, camarada, função).

- VASCO, José.** 1978. *Inquérito ao mar*, Peniche, ed. de autor
Contos de temática marítima em Peniche.
- VASCONCELOS, J. Leite de.** 1890-1892. “Tradições populares de Peniche”, *Revista Lusitana*, 2, p. 308-309
Introdução e notas à apresentação de alguns apontamentos coligidos por António Maria Souto Cervantes (p. 308-309). Diversos relatos associados ao imaginário popular da população de Peniche. A lenda dos *Passos de D. Leonor*, a história da filha de um pescador transformada em sereia, a do aparecimento de N.^a Sr.^a dos Remédios e as romarias à sua capela, o círio e o cerco dos franceses, superstições, ditados, benzeduras.
- VASCONCELOS, J. Leite de.** 1931. *Opúsculos*, vol. 3 (Onomatologia), Coimbra, Imprensa da Universidade
Reedita-se este trabalho originalmente publicado em 1922 no jornal *Comércio de Viseu*, no qual o autor organizava as recolhas relativas a nomes geográficos, posteriormente publicados em *Toponímia portuguesa*. De entre os nomes geográficos relacionados com mamíferos destaca-se o Baleal (p. 200).
- VASCONCELOS, J. Leite de.** 1942. *Etnografia portuguesa III: tentame de sistematização*, Lisboa, Imprensa Nacional
Opinião do autor segundo a qual os habitantes de Peniche não se consideram saloios (p. 437).
- VASCONCELOS, J. Leite de.** 1967. *Etnografia portuguesa V: tentame de sistematização*, Lisboa, Imprensa Nacional
O consumo de alfacinhas-do-monte em Dagorda (p. 143). A pesca (p. 360-361).
- VASCONCELOS, J. Leite de.** 1975. *Cancioneiro popular português I*, Coimbra, Universidade de Coimbra
Quadras recolhidas em Peniche de temáticas diversas. O mar, as águas (p. 20), as aves (p. 30). Versos cantados em Peniche no Carnaval de 1933 (p. 141).
- VASCONCELOS, J. Leite de.** 1980. *Etnografia portuguesa VII: tentame de sistematização*, Lisboa, Imprensa Nacional
Índice dos principais assuntos relativos a entidades míticas tratados neste volume. Refere Pedro de Azevedo na *Revista Lusitana* (vol. 11, p. 347-349), o qual indica a Atouguia (da Baleia) como local para reunião de bruxas no século XVII (p. 129). Procissão à Senhora dos Remédios pedindo chuva (1921) (p. 178). O vento berlengueiro (p. 589).
- VASCONCELOS, J. Leite de.** 1983. *Cancioneiro popular português III*, Coimbra, Universidade de Coimbra
Cantigas geográficas e tópicas sobre Peniche (p. 86).
- VASCONCELOS, J. Leite de.** 1983. *Etnografia portuguesa VI: tentame de sistematização*, Lisboa, Imprensa Nacional
Índice dos principais assuntos tratados neste volume. Rendas (p. 102). Habitação dos pescadores (p. 216; 218; fig. 126). Tatuagem de um marinheiro (p. 623). Os carreiros (p. 642).
- VASCONCELOS, J. Leite de.** 1985. *Etnografia portuguesa IX: tentame de sistematização*, Lisboa, Imprensa Nacional
Os círios a N.^a Sr.^a dos Remédios (p. 351-355).
- VASCONCELOS, J. Leite de.** 1988. *Etnografia portuguesa X: tentame de sistematização*, Lisboa, Imprensa Nacional
Índice dos principais assuntos tratados neste volume. Expressões sobre os naturais de determinadas localidades (p. 576).
- VASCONCELOS, João.** 1996. *Romarias I: um inventário dos santuários de Portugal*, Lisboa, Olhapim Edições
Descrição breve dos principais festejos do concelho (Senhora da Boa Viagem e Senhora dos Remédios). No segundo caso apresentam-se os locais de proveniência dos peregrinos que acorrem aquele círio (p. 239-240).

- VASCONCELOS, Joaquim.** 1983. *Indústrias portuguesas*, Lisboa, Instituto Português do Património Cultural
Refere-se as rendas de Peniche e a sua indústria, representadas no Museu Industrial e Comercial do Porto, em finais do século XIX (p. 29-33).
- VAZ, Fernando Henriques.** 1976. *História da Consolação: folha turística*, Consolação, Associação Recreativa Forte Clube da Consolação
Vicissitudes históricas da situação da Consolação. Explicações toponímicas sobre diversos locais do concelho. A construção do forte da Consolação durante o período filipino. O abandono do forte e as tentativas de recuperação já em finais da década de 50 do séc. XX. Benefícios para a saúde e a introdução de alguns melhoramentos públicos. A criação de um clube local. Figuras ilustres ligadas à Consolação.
- “A vida dos concelhos: Peniche”** 1940. *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, Lisboa, Junta de Província de Estremadura
Dados diversos sobre o concelho: imprensa, Casas do Povo, secções do Sindicato Nacional, Grémios, Sociedades de Recreio, composição dos executivos municipais e acção das Câmaras (p. 170).
- VIEIRA, Alice.** 1997. *As praias de Portugal*, Lisboa, Caminho
Alusões ao quotidiano das localidades que têm as praias como pano de fundo. Praia do Baleal. As Berlengas (p. 151-161). Trabalho profusamente ilustrado com fotografias de Maurício de Abreu.





< "Marnoteira" na safra do sal-gema, no seu talhão das salinas. Marinhas, Rio Maior, 2000.

Rio Maior

“A acção dos corpos administrativos da província do Ribatejo: Rio Maior”. 1938. *Boletim da Junta de Província do Ribatejo*, Santarém, p. 807-809

Brasão d' armas do concelho. Discriminação dos membros do executivo e dos seus projectos e aspirações.

AGENDA CULTURAL, COMÉRCIO, INDÚSTRIA E TURISMO DO CONCELHO DE RIO MAIOR. 1994. 2.ª ed., Azambuja, Trajecto

Segundo os seus autores, engloba informações de carácter histórico, de utilidade pública, localizações administrativas, património construído e toponímia das freguesias do concelho. Inclui igualmente uma lista das empresas, alfabeticamente e por sector de actividade.

AGUIAR, Fernando Sequeira. 1958. *Por Rio Maior I: questões do momento... e do futuro*, [Rio Maior], ed. de autor
Estudo sobre a possível localização da Igreja Nova de Rio Maior. Compilação de vários artigos e documentos sobre o tema e outras questões urbanísticas, publicados em *O Riomaioense* nos anos 50. As necessidades da vila em edifícios e equipamentos. Apresentação de diversas fotografias sem indicação de autor: “Jogadouro: um aspecto das proximidades do desfiladeiro das Bocas” (p. 11); “Areeiros: uma das riquezas extractivas de Rio Maior” (p. 17); “Salinas” (p. 27); “Salineiros” (p. 31); “Minas de linhite: aspecto de uma galeria de acesso” (p. 41); “Feira das Talhas: uma das secções da Feira de Rio Maior” (p. 51); “Feira das Vasilhas da grande Feira de Setembro” (tanoaria) (p. 57).

ALCOBERTAS. (policopiado)

Alguns dados sobre a freguesia. Transcrição de lendas associadas à aldeia. O traje. Canções de trabalho associadas à preparação tradicional do linho (transcrição). Tecnologia tradicional do linho.

AS APARIÇÕES DA ASSEICEIRA. 1954. Rio Maior, ed. de autor (policopiado)

Compilação da responsabilidade de Fernando António, de artigos publicados na imprensa local e regional sobre as chamadas *aparições da Asseiceira*, transformadas nos anos 50, num curioso fenómeno de religiosidade popular. Inclui algumas fotografias.

ARTESANATO. (policopiado)

Levantamento do artesanato local de cada freguesia do concelho. Indica-se a designação de cada objecto, a actividade que o produz, descrição, origem, utilização actual e tradicional, fases da sua manufactura, matéria-prima, situação da actividade e espaços habituais onde se encontra exposto.

BARBOSA, Pedro Gomes. 1992. *Povoamento e estrutura agrícola na Estremadura central: século XII a 1325*, Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica

A região como zona de transição entre a planície estremenha e as planícies ribeirinhas do Tejo. Os principais proprietários fundiários. O povoamento e a antroponímia. O papel das ordens religiosas. (p. 297-303).

CAMPOS, Francisco A. Ferreira. 1938. “Rio Maior: vários aspectos económicos do concelho”, *Boletim da Junta de Província do Ribatejo*, Santarém, p. 237-240

Considera-se o pinhal como a principal fonte de rendimento. Importância da área florestal. Referência às minas de lenhite do Espadanal e outras minas dignas de registo, desde o séc. XIX. Considera-se a propriedade muito

dividida, não havendo portanto a grande lavoura. Potencialidades turísticas da região: proximidade da Serra dos Candeeiros, grutas de Alcobertas. Fotos das salinas, sem indicação de autor (p. 238).

CÂNCIO, Francisco. [s/d]. *Notas dum ribatejano*, Lisboa, imp. Barreiro

Em Alcobertas, Fráguas e Azinheira as festas em honra de Santo António (p. 354-355).

CÂNCIO, Francisco. 1939. “Rio Maior”, *Ribatejo histórico e monumental*, vol. 3, p. 131-147

Vestígios arqueológicos existentes no concelho. Aspectos históricos. Património religioso. A importância das salinas. Informações diversas, segundo Pinho Leal (aspectos tecnológicos de acordo com uma terminologia específica e rendimentos da produção). A feira de Rio Maior. Caracterização das freguesias do concelho.

CÂNCIO, Francisco. 1944. *Subsídios para a história económica do Ribatejo*, Lisboa, imp. Baroeth

Obra em fascículos editada com o patrocínio da Junta de Província do Ribatejo. As marinhas no concelho. Referências em vários autores (p. 91-94).

CÂNCIO, Francisco. 1946-47. “Quinta do Jogadouro”, *Ribatejo, casos e tradições*, [Lisboa], [s/n], fasc. 6, p. 172

Histórias relacionadas com uma quinta existente no concelho de Rio Maior.

CÂNCIO, Francisco. 1948. “Fontes do Ribatejo”, *Ribatejo, casos e tradições*, [Lisboa], [s/n], fasc. 12, p. 388-408

Fonte localizada em Fráguas e outras fontes do concelho.

CÂNCIO, Francisco. 1949. “A indústria e o comércio do sal”, *Ribatejo, casos e tradições*, fasc. 23-24, p. 233-259

A importância das marinhas de sal na região do Ribatejo. Referências a Rio Maior. A presença desta actividade na obra de autores como Maia Alcoforado, Lacerda Lobo, Pinho leal e F. Pereira de Sousa. Técnicas de recolha e terminologia específica.

CÂNCIO, Francisco. 1956. “Etnografia ribatejana”, *Notas dum Ribatejano*, vol. 1

Ocupação profissional na preparação de pedras para isqueiros na povoação de Azinheira, em finais do séc. XVIII (p. 180). Doces de Rio Maior: designação (p. 320). Ver índice das gravuras no final do volume. Algumas fotografias são legendadas.

“Comemorações centenárias provinciais do Ribatejo: Rio Maior”. 1937-40. *Boletim da Junta de Província do Ribatejo*, Santarém, n.º 1, p. 835-843

A participação dos diversos concelhos ribatejanos nas comemorações. O programa das comemorações. A Exposição-Parada agrícola-pecuária. O cortejo do trabalho. Reportagem fotográfica do acontecimento, da autoria de Ivo Ribeiro, Joaquim Mata, António Amado e Pinto de Albuquerque.

“O concelho de Rio Maior”. 1939. *A Hora*, Lisboa, tomo 7, p. 251-270 (policopiado)

Número especial dedicado a Rio Maior. Os melhoramentos públicos. Figuras ilustres. Descrição dos aspectos históricos e corográficos do concelho e suas freguesias (produção económica, indústria de adobos, as marinhas de sal, feiras e mercados, o ensino, a imprensa local, o Carnaval e outros eventos culturais).

COSTA, Alexandre de Carvalho. 1966. “Lendas, historietas, etimologias populares e outras etimologias respeitantes às cidades, vilas, aldeias e lugares de Portugal continental II”, *Boletim Cultural da Junta Distrital de Lisboa*, n.º 65-66, p. 233-303

Origem etimológica de Azambujeira (p. 296).

COSTA, Felícia; SILVA, António Costa e. 1998. *Rio Maior: sabores da terra*, Rio Maior, Câmara Municipal de Rio Maior

Pequena introdução sobre a história, geologia e economia da região. Composição das freguesias. Eventos promovidos pela autarquia e relacionados de alguma forma com a divulgação das potencialidades do concelho. Perspectiva histórica da alimentação. O capítulo de maior destaque é sem dúvida o que se relaciona com a gastronomia de Rio Maior, com ênfase nos elementos supra mencionados (sal, mel, azeite, cebolas, entre outros) no entanto sem nunca perder de vista o fio condutor histórico e a sua contextualização geográfica. A Feira das Tasquinhas como um dos principais eventos de promoção do concelho pela autarquia. O livro conclui com um capítulo dedicado às receitas tradicionais de Rio Maior e dos locais onde foram recolhidas. Reprodução de óleos de Costa e Silva cuja temática incide sobre a alimentação (pão,

azeite, sal, legumes, doce, vinho). Algumas fotografias sobre a arquitectura tradicional (casa serrana, silos) e sobre diversos aspectos das salinas, a pastorícia e um moinho.

CRENÇAS POPULARES. [s/d.]. [s/l.], [s/n.] (policopiado)

Levantamento de crenças populares e pequenos relatos recolhidos nalgumas freguesias do concelho. Apresentação dos informadores e pequena contextualização de cada crença.

DITADOS POPULARES. [s/d.]. [s/l.], [s/n.] (policopiado)

Inclui além de alguns ditados, quadras sobre o concelho e/ou as suas aldeias. Identificação da localidade onde foi recolhida a informação e o nome do informador.

DUARTE, Fernando. 1951. *Rio Maior: estudo da vila e seu concelho*, [s/l.], [s/n.] (policopiado)

Localização do concelho. Freguesias que o compõem. Potencialidades económicas e turísticas. Enumeração das principais romarias e cultos aí celebrados. Alusão à hibridiz da região, entre o Ribatejo e a Estremadura. Aspectos históricos e arqueológicos. Séc. XIX-XX: períodos conturbados politicamente. Os melhoramentos públicos registados no concelho a vários níveis (obras públicas, assistência social, eventos culturais e desportivos). Explicação da heráldica do concelho. Figuras ilustres. Eventos em destaque na imprensa local. Rio Maior na literatura. Estudo das marinhas de sal e das minas de lenhite. Apresentação de lendas sobre Rio Maior. A realização do dia do Bom Verão em Bocas, onde nasce o Rio Maior, na segunda-feira de Pascoela. Usos e costumes (a Procissão dos Passos e da Paixão, a romaria da Senhora da Luz, o cepto de Natal, a festa de S. Paio, rituais funerários, o Entrudo, roubos rituais). Os transportes. O associativismo local. Indicação de bibliografia pertinente para o conhecimento do concelho em livros e artigos de jornais. Integra um desenho de Arnaldo Louro de Almeida.

DUARTE, Fernando. 1979. *História de Rio Maior*, Rio Maior, ed. de autor

Diversos aspectos permitem-nos um conhecimento generalizado da vila e do seu concelho (lugares que o compõem, orago, situação económica, as feiras anuais, as festividades, as marinhas de sal). Aspectos etnográficos. Zona de fusão entre elementos da Estremadura e do Ribatejo. O Carnaval, a chegada do Bom Verão, o traje, os ranchos, a confecção de mantas e alforges, o queijo, a doçaria, os vinhos, a olaria e as romarias. Apresenta-se o património construído e a evolução demográfica do concelho. As freguesias do concelho (orago, distância à sede de concelho, principal romaria e monumentos). Registam-se inúmeros elementos sobre a vida quotidiana no concelho, efemérides, introdução de melhoramentos nas infra-estruturas da vila, principais unidades industriais e comerciais, equipamentos culturais, cortejos de oferendas para fins diversos, imprensa local, assistência pública, cooperativismo, entre outros. Igual tratamento é dedicado ao período que vai até 1974. Imagens da rodagem do filme *Sal sem Mar* (1960) produzido e filmado em Rio Maior. Rio Maior até à actualidade. São enumerados os aspectos que mais marcaram a comunidade durante aquele período. Incidentes políticos, desenvolvimento da cooperativa agrícola, melhoramentos nas infra-estruturas, eventos culturais diversos, a imprensa local, a realização da Feira Anual. A importância das salinas (p. 232-247). Aspectos geológicos a salientar. Referências bibliográficas sobre esta temática. Aspectos técnicos e históricos. Diversas fotografias legendadas, com diversas panorâmicas e apresentando completas explicações tecnológicas. A interpretação da heráldica do concelho. Extensa bibliografia sobre Rio Maior (subdividida entre livros, opúsculos e folhetos, artigos e ensaios dispersos, outras publicações e livros). Inserido no capítulo sobre os aspectos históricos até 1900 reproduzem-se pinturas de António Rafael sobre o concelho, mostrando elementos paisagísticos, arquitectónicos e económicos: "Vale da Senta"; "Duas portas de barracas de sal"; "Salinas"; "Barracas de sal". Fotografia legendada: "Um aspecto pitoresco das lavadeiras no Rio Maior, junto da vala inaugurada em 30 de Setembro de 1928 para a Central Hidro-Eléctrica municipal". Reproduções de postais antigos da col. F. Braga (ed. Martins, Lisboa): "Ponte na Quinta do Jogadouro", "Entrada do desfileiro das Bocas" (onde nasce o Rio Maior). Engloba várias fotografias sem indicação de autor, das quais se destaca aspectos da vila nos anos 60, a Procissão dos Passos na Semana Santa, as marinhas de sal gema (com algumas explicações de carácter técnico), o cais das Minas do Espadanal (minas de lenhite desactivadas).

FESTA DO SAL. 1990. [Rio Maior], Associação Cultural e Recreativa de Fonte da Bica

A A.C.R.F.B. promoveu a Festa do Sal para incrementar a divulgação das salinas naturais de Rio Maior. Introdução aos aspectos históricos das salinas. Reprodução de extratos da obra *Marinhas de Sal de Rio Maior: oito séculos de história 1177-1977* (1977).

“Freguesias do concelho de Rio Maior”. 1937-40. *Boletim da Junta de Província do Ribatejo*, Santarém, n.º 1, p. 485-504

Dados estatísticos, administrativos e económicos referentes a cada uma das freguesias que compõem o concelho de Rio Maior. Caracterizam-se igualmente as freguesias no que diz respeito à sua geografia, existência de feiras e mercados, festas, rede viária, distâncias entre povoações, transportes públicos, estabelecimentos comerciais, associativismo local, informações de carácter histórico, bibliografia relevante, o património construído, o traje, lendas, quadras e doçaria. Destaque para a indicação de elementos agrícolas e pecuários (número de moinhos e azenhas, fornos de cal, lagares de azeite, pequenas indústrias, tipo de produtos cultivados, tipo de contratos feitos com os trabalhadores, forma como se designam as propriedades, nomes das propriedades mais importantes, designação das principais alfaías agrícolas utilizadas). Fotografias de um trecho de cada aldeia.

FREIRE, Natércia [s/d.]. *O Ribatejo*, Lisboa, Livraria Bertrand

Aspectos históricos relacionados com as salinas do Ribatejo, com um relevo especial para as de Rio Maior (p. 156-165) de acordo com a obra *Ribatejo* de Francisco Câncio. Aponta alguns dos principais autores que trabalharam sobre o tema e caracteriza as salinas no que diz respeito ao volume da produção, tecnologia extractiva e locais de consumo.

GASTRONOMIA. [s/d.]. [s/l.], [s/n.] (policopiado)

Levantamento da gastronomia de diversas aldeias do concelho. Designação do nome do prato, localidade onde se recolheu a informação e nome do informador. Em seguida, descreve-se a receita, os ingredientes nela inseridos e a forma de preparação.

GOUCHA, Georgette; MAIA, J. A. Calado da; DUARTE, Fernando. [s/d.]. *Marinhas de sal de Rio Maior: oito séculos de história 1177-1977*, Rio Maior, Câmara Municipal de Rio Maior

Apontamentos históricos, características técnicas e socio-económicas das marinhas de sal de Rio Maior. Factores que originaram a constituição da cooperativa de produtores de sal. Diversas ilustrações e imagens referentes a esta temática da autoria de Feliciano Júnior e desenhos de António Rafael.

GUIA DA REGIÃO DE RIO MAIOR. 1996. [Rio Maior], prop. Pressrio

Pequeno roteiro da região nas suas componentes comercial, industrial, agrícola e turística. O concelho e suas freguesias. Editado por ocasião da Feira das Tasquinhas de 1996.

JOGOS POPULARES. [s/d.]. [s/l.], [s/n.] (policopiado)

Levantamento dos jogos populares de algumas freguesias do concelho. Designação do jogo, localidade onde foi recolhida a informação, nome, idade e profissão do informador. Nalgumas fichas insere-se mesmo uma pequena descrição do jogo.

LENDAS DE RIO MAIOR. [s/d.]. [s/l.], [s/n.] (policopiado)

Compilação de diversas lendas associadas a Rio Maior e às freguesias do concelho. Identifica-se a localidade a que se referem e o nome do informador.

LEPIERRE, Charles. 1935. *Inquérito à indústria do sal em Portugal*, Lisboa, Universidade Técnica de Lisboa

Dados históricos sobre a quantidade de salinas, sua localização, produção anual e mão-de-obra em diversas fontes (p. 18). O sal é extraído das águas de poços na região de Rio Maior, não vindo directamente das águas do mar (p. 42-45). Indicação de dados históricos e geológicos. A produção anual de sal (em toneladas) (p. 47), a mão-de-obra e o rendimento da produção (p. 48). Enquadramento das salinas de Rio Maior na categoria de poços salgados (aspectos técnicos, compartimentos, obtenção do sal) (p. 145-149). A nomenclatura dos compartimentos das marinhas refere o termo *talhos* (p. 154); nomenclatura das divisões dos compartimentos (p. 155). Rendimento das marinhas (p. 158). Os montes de sal são dispostos em pequenos montículos cónicos (p. 158-159). Na extracção do poço de Rio Maior o trabalho é exclusivamente masculino (p. 159). Aspectos técnicos do sal de Rio Maior (p. 201-202). Formas de exploração (propriedade, fornecimento de meios de produção (p. 223). Preços de venda (p. 227). Tipo de trabalho dos operários (maquia e empreitada). O consumo e a exportação (p. 241). Apresentação de um mapa das salinas de Rio Maior (entre p. 50 e p. 51). Fotografia panorâmica das salinas (entre p. 58 e p. 59). Inclui conjunto de fotografias da autoria de Canto Brandão: “Rio Maior - três operários” (entre p. 70 e p. 71); “Panorama das

salinas de Rio Maior". Podem observar-se alguns trabalhadores (entre p. 150 e p. 151); "Rio Maior - lavagem e apanha do sal" (entre p. 152 e p. 153); "Rio Maior - poço" (entre p. 154 e p. 155).

O LINHO EM PORTUGAL: SUBSÍDIOS PARA O FOMENTO DA SUA CULTURA. 1943. Lisboa, Direcção-Geral dos Serviços Agrícolas

Apresentação dos resultados do inquérito de 1940 às zonas do país onde se cultiva o linho (área ocupada; número de teares; tipo de planta).

LOPES, Aurélio. 1995. *Religião popular no Ribatejo*, Santarém, Assembleia Distrital de Santarém

Aspectos etnográficos relacionados com as vivências do sagrado no quotidiano e em tempo de festa. As formas de religiosidade popular (cultos, santos, promessas, ex-votos). Festas, romarias e as festividades cíclicas anuais. A crença no sobrenatural; os elementos naturais. Aspectos da mitologia popular. Medicina popular. O conelho de Rio Maior como um dos conelhos-padrão para o estudo da região ribatejana (p. 16). Deslocação dos habitantes de Vale de Óbidos à igreja de N. ^a Sr. ^a da Nazaré (p. 116). *Deitar as pulhas* (p. 165); em Chãos (p. 165-166). A Serração da Velha em Chãos (p. 181;184). Crenças relacionadas com os animais (p. 258). Pesquisa de tesouros (p. 292). Medicina popular (p. 355-356; 364; 384; 390-391).

MARTINS, Angela Maria André. 1986. *O curandeirismo em Rio Maior*, [s/l.], [s/n.] (policopiado)

Integração do conelho no seu panorama social e económico. O fenómeno do curandeirismo. Práticas relacionadas com esta actividade. Aspectos da medicina popular. Aspectos biográficos de uma curandeira de Rio Maior. Descrição da sua sala de atendimento. As várias doenças e o tratamento que se lhes aplica. Plantas e práticas. As rezas (exemplos) e funções.

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA. 1939. *Reconhecimento dos baldios do continente*, vol. 2 (parte 2), Lisboa, Junta de Colonização Interna

Estatísticas permitindo a caracterização dos baldios em Portugal. Apreciação distrital, por concelhos e freguesias (número, tipos de aproveitamento agro-florestal, designação, características geológicas, agrológicas, oro-hidrográficas, economico-sociais e sua localização aproximada). Dados sobre Rio Maior (p. 611-615).

MUSEU RURAL E ETNOGRÁFICO: CATÁLOGO. 1996. Rio Maior, Grupo de Danças e Cantares de S. João da Ribeira

Catálogo da exposição inaugural do Museu Rural e Etnográfico de S. João da Ribeira. Registo das peças expostas (designação, material, local de fabrico, dimensões, número de inventário, nome do doador). Objectos relacionados com a viticultura, as práticas agrícolas, a água, a cerealicultura, a matança do porco, o azeite, a árvore, sela e tiro, cerâmica, ofícios, cozinha, quarto, entre outros. Diversas fotografias das peças expostas da autoria de ATRIUM.

MUSEUS: SUBSÍDIOS PARA O ENQUADRAMENTO HISTÓRICO DOS CONCELHOS. 1998. Lisboa, Comissão de Coordenação da Região de Lisboa e Vale do Tejo

Os museus e casas-museu da região de Lisboa e Vale do Tejo. Características, colecções e horário de funcionamento.

NOBRE, Marcolino. [1993]. *História da Igreja Nova de Rio Maior*, [s/l.], Viarádio, Imprensa e Televisão

Editado por ocasião do 25.º aniversário da igreja paroquial de Rio Maior. A história da igreja, edificada em 1968. A vida religiosa da comunidade até então. Figuras ilustres. A ideia da construção da igreja. Alguns recortes da imprensa local sobre as condições sociais em Rio Maior. Angariação de fundos e despesas diversas com a construção da igreja. A participação da população. Divisão da vila em vários sectores. Diversas fotografias relativas às campanhas de angariação de fundos. Oferta de vários objectos, nomeadamente uma campanha de oferta de objectos em ouro, de telhas, de ferro velho, de ovos. A adjudicação da obra e o lançamento da primeira pedra. Fases de construção da igreja. A festa de inauguração (cortejo, representação de um auto). A santa padroeira. As comemorações dos 25 anos da inauguração.

PENTEADO, Pedro. 1999. "Para uma história dos santuários portugueses", *Colóquio A Piedade Popular*, Lisboa, Universidade Nova de Lisboa, Centro de História da Cultura, p. 43-55

Comunicação a um colóquio, apresenta importantes pistas para a compreensão da história dos santuários portugueses devotados ao culto mariano, do séc. XIV aos nossos dias. As aparições nos princípios do séc. XX (Asseiceira).

- PEREIRA, Carlos Manuel Coelho.** 1987. *Rio Maior: sua evolução até à elevação a vila*, [s/l.], [s/n.] (policopiado)
Evolução histórica de Rio Maior ao longo dos tempos. Diferentes fases de ocupação (Pré-História, Romanos, Árabes). Localização das várias fases cartograficamente. Alusão aos aspectos agrícolas e mineralíferos. Evolução demográfica das freguesias. A evolução urbanística da rede de infra-estruturas.
- PEREIRA, José de Campos.** 1915. *A propriedade rústica em Portugal*, Lisboa, Imprensa Nacional
A produção vitivinícola em finais do séc. XIX e em princípios do séc. XX no concelho.
- PESSANHA, Sebastião.** 1958. “Pás de moleiro”, *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, n.º 47-48-49, p. 179-198
Apresentação de duas fotografias do autor, retratando pás de moleiro (p. 181) e moinho de vento, em Rio Maior (p. 186).
- RICARDO, Júlio.** [s/d.]. *Três saias da serra dos Candeeiros*, [s/l.], [s/n.] (policopiado)
Introdução histórica e económica da aldeia de Chãos, freguesia de Alcobertas. A criação do *Rancho Folclórico de Chãos* e sua acção. Caracterização das saias envergadas. Tecnologia têxtil.
- RICARDO, Júlio.** 1990. “Marinhas de sal de Rio Maior”, 2.º *Congresso de Folclore do Ribatejo*, Santarém, Região de Turismo do Ribatejo, p. 127-136
Aspectos históricos e tecnológicos ligados às marinhas de sal de Rio Maior. A limpeza, distribuição e tiragem da água, extracção do sal, carregamento, transporte e comercialização do produto, são os principais temas abordados. Referem-se igualmente alguns elementos sociais da vida dos trabalhadores das marinhas.
- RIO MAIOR.** 1936. *Concelho de Rio Maior*. [Rio Maior], [s/n.] (policopiado)
Compilação organizada por Laureano Santos, Fernando Casimiro e Frederico Alves, incluindo o levantamento de aspectos diversos sobre as freguesias do concelho (dados populacionais, orago, igreja, economia) e sobre Rio Maior (as marinhas de sal, melhoramentos públicos, a feira, recortes da imprensa local com publicidade diversa, aspectos históricos, as grutas, património monumental, associativismo local, a assistência social, o fabrico de adobos, o traje).
- “Rio Maior”, *Grande Enciclopédia Portuguesa-Brasileira*, Lisboa, Editorial Enciclopédia, vol. 25, p. 744-746
Dados de carácter geral do concelho e suas localidades.
- RODRIGUES, Henrique António Costa; REBELO, Francisco Félix.** 1996. “O olival, o azeite e o lagar: breve análise ao estado de declíneo de um sector de centenária tradição na área do concelho das Caldas da Rainha e do património arquitectural remanescente”, *Actas do 1.º Seminário do Património da Região Oeste*, Caldas da Rainha, Património Histórico, p. 97-122
Migrações sazonais para outras regiões, ligadas à apanha da azeitona, nomeadamente o concelho de Rio Maior.
- ROSÁRIO, Joaquim António Lopes do.** 1994. *Pequena monografia da freguesia da vila da Marmeleira*, Marmeleira, ed. de autor
Situação da vila nas suas componentes: orográfica, hidrográfica e climática. O orago da freguesia. Origens histórica e toponímica. Questões administrativas. O período de oitocentos. Levantamento de algumas características da vila: rede viária, meios de comunicação, edifícios religiosos e estrutura demográfica das várias povoações. Transcrição de algumas quadras de cariz popular e poesias dedicadas à vila. Breves impressões sobre o traje, expressões, jogos, o fabrico do pão, tempos de lazer, o Carnaval, as desfolhadas, a Quinta-Feira da Espiga, a Serração da Velha, o dia das Candeias, a ceia do galo. Dedicar-se um capítulo ao sector agrícola, associativismo agrícola, a fauna, a indústria e o comércio. Foca-se igualmente o associativismo local (instituições de recreio e assistência), eventos culturais, estabelecimentos de ensino e serviços públicos. Feiras e festas. Tauromaquia. Melhoramentos ocorridos nas infra-estruturas. Algumas curiosidades de carácter histórico. Apontamentos breves sobre algumas figuras de destaque na vila.
- ROTEIRO DE MUSEUS: COLECÇÕES ETNOGRÁFICAS LISBOA E VALE DO TEJO.** 1997, Lisboa, Olhapim Edições
O Museu Regional da Azambujeira - Museu Manuel Nobre. Aspectos históricos. Exposição (p. 143-144). O Museu Rural. Aspectos históricos. Coleção etnográfica. Exposição (p. 144-146). O Museu Etnográfico de

S.João da Ribeira. Aspectos históricos. Exposição (p. 146-147). As Salinas Naturais de Rio Maior. Aspectos históricos. Instalações. Coleção etnográfica (p.147-148).

- SÁ, Mário Vieira de.** 1946. *Sal Comum: sal do mar e sal de mina*, vol. I, Lisboa, Livraria Sá da Costa
 Num dos capítulos dedicados ao sal-gema em Portugal o autor (engenheiro agrónomo) descreve as origens do jazigo salífero de Rio Maior e indica resultados de análises efectuadas ao sal daí extraído (p. 88-90). Apresentam-se mais adiante breves notícias históricas publicadas por autores como Pinho Leal e M. da Maia Alcoforado sobre o sal e as minas de Rio Maior (p.96-102). O sal também é aqui abordado na sua componente de matéria-prima para artefacto de cunho popular. Exemplifica-se o caso de Rio Maior, no qual o autor observou algumas pequenas figuras manufacturadas com sal espuma (p. 122). Ainda que não se trate de uma obra de carácter regional, chama-se a atenção para a sua extrema utilidade para a compreensão da salicultura em qualquer ponto do país. Inclui uma fotografia, sem indicação de autor, relativa à marinha de sal gema de Rio Maior (p. 90).
- SÁ, Mário Vieira de.** 1951. *Sal comum: a técnica das marinhas*, vol. II, Lisboa, Livraria Sá da Costa
 Aspectos tecnológicos associados à extracção salinícola em água de nascente salgada, como é o caso das marinhas de sal gema de Rio Maior (equipamentos utilizados, terminologia específica, tarefas de colheita realizadas consoante as estações do ano, duração da safra, instrumentos utilizados, níveis de produtividade) (p. 80-83). Inclui um desenho, sem indicação de autor: "Marinhas de sal gema de Rio Maior segundo uma gravura de 1877" (p. 82). Conclui o estudo um apêndice contendo um conjunto de ilustrações e termos de cariz regional sobre a exploração das marinhas (p. 155-180).
- SABERES DA VIDA: MEMÓRIAS DE ANTIGAS PROFISSÕES.** 2000. Bombarral, Museu Municipal de Bombarral Vasco P. da Conceição/Maria Barreira
 Catálogo de exposição etnográfica. Glossário sobre peças do vestuário, alusão ao tipo de pessoas e sexo que as envergavam (p. 9-12). Quadra sobre o trajar recolhida em Rio Maior (p. 12).
- SANTA MARIA, Frei Agostinho de.** [1707-1723]. *Santuário mariano e história das imagens milagrosas de Nossa Senhora, e das milagrosamente aparecidas, em graça dos pregadores, e dos devotos da mesma Senhora*, Lisboa, Off. António Pedrozo Galvão
 No segundo volume (1707) o autor referencia a história da imagem e milagres de N.ª Sr.ª de Arroquelas ou da Encarnação (p. 484-486).
- SARDINHA, José Alberto.** 1997. "Portugal: raízes musicais", Lisboa, *Jornal de Notícias*, C.D. e guia de audição *Moda a dois passos* tocada com flauta travessa de cana (p. 60).
- SILVA, João Ferreira da.** 1954. *Inquérito à indústria de sal: o salgado de Rio Maior*, vol. 2 Lisboa, Comissão Reguladora dos Produtos Químicos e Farmacêuticos
 Inquérito realizado por ocasião de sucessivas queixas dos produtores riomaiorenses, posteriores à fixação do preço do sal (anos 50). O preço fixado foi considerado muito baixo e daí a necessidade de avaliação do custo da produção e venda do sal de Rio Maior e as zonas por ele tradicionalmente abastecidas. Localização geográfica, características geológicas e processos tecnológicos do salgado em análise. Em seguida, aprecia-se o aspecto económico (divisão da propriedade, formas de exploração, custos de produção, principais proprietários, dados relativos à sua comercialização e abastecimento). Presença do sal de Rio Maior na heráldica e na história de Portugal (séc.XII). Em conclusão apresentam-se alguns dados estatísticos e parecer do autor sobre a fixação do preço do sal, assim como o sumário da obra em francês e inglês. Integra uma pormenorizada planta de Francisco e Fernando Regalo Corrêa.
- SILVA, João Ferreira da.** 1956. *Apontamentos para um curso de salineiros*, 2.ª ed., Lisboa, Comissão Reguladora dos Produtos Químicos e Farmacêuticos
 Enumeração dos processos tecnológicos associados à produção de sal em Portugal. Inclui informações sobre os poços salgados de Rio Maior e as marinhas da Lagoa de Óbidos (p. 22). No entanto os dados relativos a estes locais encontram-se englobados no salgado da Figueira da Foz e afluentes do rio Mondego, não permitindo nenhuma análise pormenorizada.

- SILVA, Jorge Manuel Paixão da.** 1993. *Esboço histórico da freguesia da Ribeira de São João*, [Rio Maior], ed. de autor
Pequena monografia da aldeia da Ribeira de São João. Aspectos históricos e situação administrativa. Elementos relevantes para a história da comunidade (destacam-se informações sobre as festividades, censos demográficos, cortejos de oferendas onde rivalizam vários lugares e melhoramentos públicos). A toponímia local. Algum património construído de carácter civil (as Quintas). A lenda da imagem de Nossa Senhora da Barreira e as suas festividades. Principais momentos festivos (Carnaval, Serração da Velha, Comadres e Compadres, santos populares, descamisadas, Todos-os-Santos, S. Martinho, o Natal, a matança do porco). Informações relacionadas com o fabrico da farinha e cozedura do pão. Transcrição de oração. Breve levantamento da situação agrícola, pecuária, demográfica, das infra-estruturas básicas, assistência social, património, gastronomia, cultura e desporto.
- SILVA, Maria Eduarda Gomes Pereira da.** [s/d.]. *Marinhas de sal de Rio Maior*, Caldas da Rainha, ed. de autor (policopiado)
História e lendas associadas às marinhas de sal no concelho. Aspectos tecnológicos, instrumentos de trabalho, arquitectura, movimentos demográficos. O traje, simbologia em tábuas de madeira, aspectos socio-económicos diversos. Os queijos de sal. Apresentação de ilustrações e fotografias associadas a esta actividade, sem indicação de autoria.
- SOARES, Mário.** 1998. “Região do Oeste: Rio Maior”, *Jornal das Caldas*, n.º 14, p. 12
Síntese de vários aspectos do concelho. Situação geográfica, panorama económico, dados históricos, freguesias que o integram, executivo municipal, feriado municipal, principais monumentos, locais de lazer e turismo, gastronomia, vinhos e artesanato.
- SOUSA, F. Pereira de.** 1935. *Rio Maior: a vila, seu concelho e comarca. Apontamentos e excertos*, Rio Maior, Tip. Dias Ferreira (policopiado)
Monografia revelando os principais aspectos históricos, corográficos, demográficos do concelho de Rio Maior e suas freguesias. A produção económica (silvicultura, recursos minerais). A agricultura (designação dos principais lavradores por freguesias e dos principais proprietários das Quintas). Principais produtos cultivados e ofícios. Indicação dos nomes dos produtores, artesãos e detentores de cargos públicos. A rede viária. Os estabelecimentos de ensino. Análise toponímica dos lugares do concelho. As igrejas e os cultos aí prestados. Melhoramentos públicos (obras públicas: pontes, fontes). Assistência social. Associativismo local. O associativismo agrícola. As marinhas de sal (fotografia sem autor). Explicação da sua situação, processos tecnológicos e produção. Acidentes geológicos relacionados com lendas: a Buraca da Moura, Potes dos Mouros ou Silos.
- TRAJES.** [s/d.]. [s/l.], [s/n.] (policopiado)
Breve caracterização do traje de um rancho do concelho, não identificado (Chãos?). Alusão aos materiais, funções e destinatários.
- VARELA, Bernardo.** 1965. *Esboço histórico da vila da Marmeleira*, [s/l.], ed. do autor
Apresentação de alguma legislação de carácter administrativo relacionada com a vila. A vila nas estatísticas (evolução populacional). Aspectos históricos. O associativismo local. Cronologia dos melhoramentos públicos. Figuras ilustres. Breve alusão ao vinho produzido na vila.
- VASCONCELOS, J. Leite de.** 1917. “Coisas velhas”, *Archeologo Português*, 22, p. 107-169
Referências às grutas de Rio Maior.
- VASCONCELOS, J. Leite de.** 1958. *Romanceiro Português I*, Coimbra, Universidade de Coimbra
Integrado no capítulo de romances novelescos, o autor transcreve uma variante do *romance de D. Silvana* (p. 209) recolhido em Rio Maior.
- VASCONCELOS, J. Leite de.** 1975. *Cancioneiro popular português I*, Coimbra, Universidade de Coimbra
Quadras recolhidas em Rio Maior. Canções (p.201). Profissão de mondadeira (p. 244), vindimador (p. 258). Declarações amorosas (p. 360). Desenganos (p. 520; 535).

- VASCONCELOS, J. Leite de.** 1979. *Cancioneiro popular português II*, Coimbra, Universidade de Coimbra
Cantigas de temática amorosa recolhidas em Rio Maior: saudades (p. 41), propostas (p. 100), pedidos (p. 110). O rio (p. 228). A terra amada (p. 233). Jogos verbais (p. 285).
- VASCONCELOS, J. Leite de.** 1980. *Etnografia portuguesa VII: tentame de sistematização*, Lisboa, Imprensa Nacional
Episódio ocorrido no templo de N.ª Sr.ª da Nazaré, no qual algumas pessoas da freguesia de Vale de Óbidos (Rio Maior) aí se dirigiram para excomungar um espírito (p. 44-45). Aspecto de medicina popular aplicada ao gado (p. 150). Adágio (p. 182).
- VASCONCELOS, J. Leite de.** 1983. *Cancioneiro popular português III*, Coimbra, Universidade de Coimbra
Cantigas geográficas e tópicas recolhidas em Rio Maior (p. 58; 167; 187).
- VASCONCELOS, J. Leite de.** 1983. *Etnografia portuguesa VI: tentame de sistematização*, Lisboa, Imprensa Nacional
Vestuário (p. 526-527).
- ZBYSZEWSKI, Georges.** 1977. *Considerações sobre a jazida de sal-gema de Fonte da Bica (Rio Maior)*, [s/l.], [s/n.] (policopiado)
Palestra realizada na Câmara Municipal de Rio Maior por ocasião das comemorações do 8.º Centenário das salinas de Rio Maior. Aspectos geológicos e mineralógicos da região. A importância da extracção de sal em Rio Maior.





< O Sr. Antônio Amadeu Júnior, na sua oficina de cutilaria, colocando um cabo feito por si numa lâmina de gadanha de fabrico industrial. Esta alfaia, de que há 30 anos vendia cerca de uma centena por semana, na época das ceifas dos cereais, é agora de procura reduzida e utilizada sobretudo para corte de forragem para animais. Pêro Negro, Sobral de Monte Agraço, 2000.

Sobral de Monte Agraço

ALVES, Carla Maria Machado. 1990. “Jogos tradicionais”, *Festas e Feira de Verão*, Sobral de Monte Agraço, Câmara Municipal de Sobral de Monte Agraço, p. 3-11

Trabalho seleccionado para publicação por ocasião da realização de um concurso intitulado *Descobre a tua terra*. Desvendam-se aspectos sobre alguns jogos tradicionais: chinquillo, cavalhadas, jogo do galo, jogo do pau ensebado e jogo de cartas.

ANUARIO DA FOLHA DE TORRES VEDRAS COMMERCIAL, BUROCRATICO E AGRÍCOLA COMPREHENDENDO OS CONCELHOS DE ARRUDA, CADAVAL, LOURINHÃ, MAFRA, ÓBIDOS, PENICHE, SOBRAL DE MONT' AGRACO E TORRES VEDRAS 1907. 1907. Torres Vedras, Livraria Editora Júlio Vieira

Apresentação do calendário do ano, calendário agrícola para os diversos meses, santos de cada dia, publicidade a diversos produtos, serviços e estabelecimentos comerciais. Em cada concelho são apresentadas as estatísticas de população, distâncias em relação às principais localidades; introdução à história; pontos de maior interesse. Para as vilas-sedes de concelho referem-se também alguns dados administrativos, serviços públicos, transportes, estabelecimentos de ensino, hospitais, associativismo local, ofícios tradicionais e respectivos artesãos e outros serviços. Nomes dos principais agricultores. Composição das freguesias: lugares, quintas e casais. Apresentação dos principais dados relativos às freguesias dos concelhos. Cada concelho é introduzido por uma fotografia de uma vista panorâmica da vila-sede.

Boletim da Junta de Província de Estremadura. 1939.

Brasão d' armas de Sobral de Monte Agraço (p. 95).

BORGES, António Vitorino França. 1931. *Região de Torres Vedras*, Torres Vedras, Tip. e Pap. Fernando d' Almeida

O original deste trabalho pode ser encontrado no Museu Hipólito Cabaço em Alenquer. Reúne artigos publicados no início da década de 30 no *Jornal de Torres Vedras*. Autarquias como Sobral de Monte Agraço, Arruda dos Vinhos e Cadaval apoiavam a criação da região preconizada pelo autor.

CÂNCIO, Francisco. 1935. *Ribatejo: monografia ilustrada*, [s/l.], ed. do autor

Caracterização da província do Ribatejo. Os recursos naturais, a tecnologia e as actividades agrícolas, aspectos etnográficos variados (cultos, crenças e festividades). Construção de estradas por Pina Manique no concelho.

CÂNCIO, Francisco. 1944. *Subsídios para a história económica do Ribatejo*, Lisboa, imp. Baroeth

Obra em fascículos editada com o patrocínio da Junta de Província do Ribatejo. As mercadorias agrícolas (cereais e vinho) provenientes de Arruda dos Vinhos, Sobral de Monte Agraço, Torres Vedras e Lourinhã, eram embarcadas no porto de Alhandra, movimento que se manteve mesmo após a implantação do caminho-de-ferro. Vinham em carro de bois, pelas estradas, em péssimo estado de conservação (p. 54).

CARDOSO, Nuno Catharino. 1944. “Armas municipais do distrito de Lisboa e a evolução que sofreram”, *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, n.º 7, p. 275-281

Descrição dos vários elementos constituintes das armas antigas, e à data da edição do artigo. Listagem alfabética dos elementos que surgem nas armas. Reproduções de alguns brasões d' armas sem indicação de proveniência.

- CAVACO, Carminda.** 1992. *Portugal rural: da tradição ao moderno*, Lisboa, Direcção Geral de Planeamento e Agricultura
 Insere duas fotografias, sem indicação de autoria, com aspectos de vinhas e pomares em Sobral de Monte Agraço (p. 48; 99).
- CHAVES, Luís.** 1943. “Cruzeiros e pelourinhos estremenhos”, *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, n.º 2, p. 149-154
 Refere-se a existência de pelourinho em Sobral de Monte Agraço.
- CONCELHO DE SOBRAL DE MONTE AGRAÇO: INVENTÁRIO ARTÍSTICO.** 1987. Sobral de Monte Agraço, Câmara Municipal de Sobral de Monte Agraço
 Trabalho coordenado por Maria Micaela Soares e Virgolino Ferreira Jorge. Inventário do património edificado de cariz civil e religioso do concelho de Sobral de Monte Agraço com alusão a elementos artísticos, iconográficos e fontes documentais.
- “**Cultura**”, *Festas e Feira de Verão*. 1990. Sobral de Monte Agraço, Câmara Municipal de Sobral de Monte Agraço, p. 15-21
 A noção de cultura e a noção de crença. A crença e a população iletrada. O ritual terapêutico (*tirar o ar*). Breve explicação.
- “**Das antigas festas do Sobral às festas e Feira de Verão**”. 1995. *Festas e Feira de Verão*, Sobral de Monte Agraço, Câmara Municipal de Sobral de Monte Agraço, p. 3-9
 Informações relativas a diversos festejos do concelho: Bodo de S. Brás, Festa de Santo António e Festa de Nossa Senhora da Vida. Indicação dos principais momentos, locais de realização, eventos paralelos e agentes sociais envolvidos.
- EÇA, Maria Natália Almeida d’.** 1995. *Roteiro artesão português: Estremadura*, Porto, ed. do autor
 Roteiro das artes e ofícios tradicionais existentes na Estremadura e organizado por concelhos. Referências aos nomes dos artesãos e contactos dos seus locais de trabalho. Inúmeras fotografias retratando interiores das oficinas, peças, matéria-prima, os artesãos a trabalhar.
- FELGUEIRAS, Guilherme.** 1950. “O estudo da literatura popular e das tradições orais estremenhas VII”, *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, n.º 23, p. 95-102
 Exemplos de cantigas de temática geográfica sobre a aldeia de Casais.
- GENTES E LOCAIS: O ÚLTIMO SÉCULO DA VILA DE SOBRAL DE MONTE AGRAÇO ATRAVÉS DA FOTOGRAFIA.** 2000. Sobral de Monte Agraço, Câmara Municipal de Sobral de Monte Agraço
 Catálogo de exposição sobre imagens da vila em várias épocas, com destaque para a malha urbana e os principais locais que marcaram a sua história nos últimos cem anos.
- LEITÃO, Amílcar.** 1987. “Uma festa no Sobral em 1887”, *Festas e Feira de Verão*, Sobral de Monte Agraço, Câmara Municipal de Sobral de Monte Agraço, p. 1-5
 A propósito de uma fotografia da festa em 1887. Comentam-se alguns pormenores sobre os motivos que surgem na fotografia, não só sobre a festividade em causa, como edifícios (igrejas e lojas) que aí se encontram.
- LEITÃO, Amílcar.** 1988. “Tempo de festas”, *Festas e Feira de Verão*, Sobral de Monte Agraço, Câmara Municipal de Sobral de Monte Agraço, p. 1-5
 O Sobral como local de veraneio nos anos 40 para as famílias provenientes da capital. O momento das festas de Verão (principais momentos, as decorações dos espaços públicos). O papel das comissões de festas.
- LEITÃO, Amílcar.** 1989. “Caracóis artísticos”, *Festas e Feira de Verão*, Sobral de Monte Agraço, Câmara Municipal de Sobral de Monte Agraço, p. 3-7
 Pintura de cascas de caracóis que serviram como meio de recolher donativos para a construção do novo quartel de Bombeiros (1925). Reprodução de documentos da comissão de festas da época.

- LEITÃO, Francisco da Silva Cardoso.** 1810. *Peronegro*, ed. facsimilada, Lisboa, imp. Régia
Monografia sobre o lugar de Pero Negro do concelho de Sobral de Monte Agraço. Revela aspectos históricos e económicos da povoação de Pero Negro (freguesia de Sapataria). Referências à composição arquitectónica das Quintas (características e áreas funcionais). As principais culturas: cereais, oliveira, vinha e pomares (p. 8; 13). Aspectos demográficos (alusões à profissão dos residentes). O património religioso. A importância da fonte da povoação.
- LEITÃO, Júlia Maria Lopes da Silva.** 1996. “O património no concelho de Sobral de Monte Agraço: situação actual e perspectivas futuras”, *Actas do 1.º Seminário do Património da Região Oeste*, Caldas da Rainha, Património Histórico, p. 180-185
A situação da inventariação do património concelhio (bens móveis e imóveis). Necessidade de uma maior exaustividade nalguns dos casos. Inexistência de uma associação de defesa do património. Actividades desenvolvidas no âmbito do levantamento e valorização do património. Património classificado e entidades envolvidas.
- MELÍCIAS, Maria do Carmo Dias.** 1998. *Santo Quintino: mártir entre 282-287*, Sobral de Monte Agraço, Patrono da Igreja de Santo Quintino
Caracterização do templo e aspectos históricos relacionados com o culto. Canção popular dedicada ao santo.
- MINISTÉRIO DA AGRICULTURA.** 1939. *Reconhecimento dos baldios do continente*, vol. 2 (parte 2), Lisboa, Junta de Colonização Interna
Estatísticas permitindo a caracterização dos baldios em Portugal. Apreciação distrital, por concelhos e freguesias (número, tipos de aproveitamento agro-florestal, designação, características geológicas, agrológicas, oro-hidrográficas, económico-sociais e sua localização aproximada). Dados sobre Sobral de Monte Agraço (p. 751-753).
- MONUMENTOS E EDIFÍCIOS NOTÁVEIS DO DISTRITO DE LISBOA: TORRES VEDRAS, LOURINHÃ, SOBRAL DE MONTE AGRAÇO.** 1963. Lisboa, Junta Distrital de Lisboa
As armas do concelho. Mapa com a localização do concelho na região e indicação das freguesias que o compõem. Origem histórica e etimológica. Apresentação do património edificado de cariz religioso e civil por freguesia de localização. Ilustrações e fotografias de alguns aspectos interiores e exteriores.
- MORAIS, Carlos.** 1984. *Sobral, nossa terra: uma evocação da vila e concelho de Sobral de Monte Agraço*, Sobral de Monte Agraço, Câmara Municipal de Sobral de Monte Agraço
Trabalho coordenado por Maria Micaela Soares. Algumas quadras populares sobre aspectos do concelho. Notas bibliográficas referenciam documentos dispersos sobre o concelho. Lista de figuras a que o texto alude. Diversas fotografias de panorâmicas da vila e aldeias do concelho. Fotografias da autoria de Eduardo Lopes João, Carlos Morais e Foto Melo.
- MORAIS, Consiglieri.** 1985. “Esperas de toiros de outros tempos”, *Festas e Feiras de Verão*, Sobral de Monte Agraço, Câmara Municipal de Sobral de Monte Agraço, p. 21-25
As esperas de touros dos anos 30 no concelho, por ocasião das festas anuais. Percursos tradicionalmente percorridos. Nomes dos participantes. Pormenores sobre a forma como decorriam.
- “O museu popular regional de Fetais”. 1985. *Festas e Feira de Verão*, Sobral de Monte Agraço, Câmara Municipal de Sobral de Monte Agraço, p. 35-37
Iniciativa da criação de um pequeno museu regional com objectos de cariz doméstico em Fetais. Fotografias do seu interior.
- MUSEUS: SUBSÍDIOS PARA O ENQUADRAMENTO HISTÓRICO DOS CONCELHOS.** 1998. Lisboa, Comissão de Coordenação da Região de Lisboa e Vale do Tejo
Os museus e casas-museu da região de Lisboa e Vale do Tejo. Características, colecções e horário de funcionamento.

NUNES, Maria Helena Abreu Freitas. [s/d.]. *Levantamento da multideficiência nos concelhos de Vila Franca de Xira e Sobral de Monte Agraço*, Lisboa, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas
Relatório de estágio em Política Social. Levantamento da situação actual da multideficiência no concelho (p. 103). Entrevistas aos responsáveis pelas estruturas relacionadas directa e indirectamente com o domínio da deficiência no concelho (p. 155).

PEREIRA, José de Campos. 1915. *A propriedade rústica em Portugal*, Lisboa, Imprensa Nacional
A produção vitivinícola em finais do séc. XIX e em princípios do séc. XX no concelho.

PIMENTEL, Alberto. 1908. *A Extremadura Portuguesa: I O Ribatejo*, Lisboa, Empresa da História de Portugal Soc. Ed.
Caracterização do concelho. Aspectos históricos e toponímicos. Agricultura (p. 83, 84). Feiras e mercados (p. 84). Protecção do parto – Múmia de Santa Aurélia (p. 83). Rivalidades e disputas de território entre Arruda dos Vinhos e Sobral de Monte Agraço (p. 89). Desenvolvimento de cabeças de concelho a partir de núcleos populacionais pequenos (p. 413). Inclui uma fotografia que retrata uma panorâmica geral de Sobral de Monte Agraço (p. 83)

RIBEIRO, Carlos. 1997. *Em louvor do Sobral*, Lisboa, Assembleia Distrital de Lisboa
Trabalho coordenado por Maria Micaela Soares apresenta poemas da autoria de Carlos Ribeiro, poeta popular nascido em Sobral de Monte Agraço. As suas poesias revelam traços do quotidiano do Sobral, profissões artesanais, figuras marcantes, relações vicinais, as touradas, religiosidade, igrejas e moinhos, entre outros aspectos.

ROTEIRO DE MUSEUS: COLECÇÕES ETNOGRÁFICAS LISBOA E VALE DO TEJO. 1997. Lisboa, Olhapiim Edições
A Colecção Etnográfica da Câmara Municipal de Sobral de Monte Agraço.

SÁ, José Corrêa de. 1939. *A freguesia de Aldeia Galega da Merceana: notas para um inquérito económico-agrícola*, Lisboa, Instituto Superior de Agronomia (policopiado)
Deslocação da população da freguesia de Aldeia Galega da Merceana (Alenquer) à feira de Santo Quintino, principalmente para negociar gado e ao mercado do Sobral para aquisição de vestuário, calçado, louças e artigos agrícolas.

SANTA MARIA, Frei Agostinho de. [1707-1723]. *Santuário mariano e história das imagens milagrosas de Nossa Senhora, e das milagrosamente aparecidas, em graça dos pregadores, e dos devotos da mesma Senhora*, Lisboa, Off. António Pedrozo Galvão
No segundo volume (1707) o autor referencia a história da imagem e milagres de N. ^a Sr. ^a da Guia na Serreira, freguesia de Sapataria (p. 90-92).

SANTA MARIA, Frei Agostinho de. [1707-1723]. *Santuário mariano e história das imagens milagrosas de Nossa Senhora, e das milagrosamente aparecidas, em graça dos pregadores, e dos devotos da mesma Senhora*, Lisboa, 10 vols., Off. António Pedrozo Galvão
No sétimo volume (1721) o autor referencia a história da imagem de N. ^a Sr. ^a da Luz do lugar de Patameira (p. 241-242).

SILVA, Leitão da. 1991. “Os setenta anos da Praça de Toiros”, *Festas e Feira de Verão*, Sobral de Monte Agraço, Câmara Municipal de Sobral de Monte Agraço, p. 3-7
Historial das touradas no Sobral. Percursos. Relatos a propósito deste tipo de eventos e do próprio edifício.

SOARES, Maria Micaela. 1982. “A mudança na cultura rural portuguesa”, *Boletim Cultural da Assembleia Distrital de Lisboa*, Lisboa, III Série, vol. 88 (2), p. 145-400
Inclui fotografia da Procissão do Senhor dos Passos, em Sapataria (1978) (Foto 41).

SOARES, Maria Micaela. 1986. *A freguesia de Santo Quintino no século XVIII*, Sobral de Monte Agraço, Câmara Municipal de Sobral de Monte Agraço
Aspectos históricos relacionados com esta freguesia no período setecentista. Enquadramento administrativo,

demográfico, geográfico. Designação das povoações, caracterização da propriedade, actividades agro-pecuárias, as festividades religiosas e os principais templos de culto.

SOARES, Maria Micaela. 1990. *Monte Agração e o seu foral*, Sobral de Monte Agração, Câmara Municipal de Sobral de Monte Agração

Apresentação e análise do foral. Enquadramento administrativo, judicial, fiscal, populacional e económico da região. Enfoque para as actividades agrícolas, pecuárias, produção de telha e tijolo, engenhos de moagem, fornos de cal e artesãos. Alguns dados sobre pesos e medidas.

SOARES, Mário. 1998. “Região do Oeste: Sobral de Monte Agração”, *Jornal das Caldas*, n.º 15, p. 12

Síntese de vários aspectos do concelho. Situação geográfica, panorama económico, dados históricos, freguesias que o integram, executivo municipal, feriado municipal, principais monumentos, locais de lazer e turismo, gastronomia, vinhos e artesanato.

SOARES, Maria Micaela. 1999. “As ermidas de Nossa Senhora da Guia, no lugar de Serreira”, *Boletim Cultural da Assembleia Distrital de Lisboa*, Lisboa, vol. 93 (1), p. 167-176

Caracterização artística das ermidas. A devoção actual a Nossa Senhora da Luz. Referências em documentação histórica e eclesiástica. A lenda associada ao início da devoção à Senhora da Guia. Outros relatos associados à história da ermida. A deslocação de círios à ermida de N.ª Sr.ª da Guia (Palhacana e Palaios do concelho de Alenquer). Anexo fotográfico.

“Sobral de Monte Agração”, *Grande Enciclopédia Portuguesa-Brasileira*, Lisboa, Editorial Enciclopédia, vol. 29, p. 389-391

Dados de carácter geral sobre o concelho e suas localidades.

SOBRAL DE MONTE AGRAÇO. 1951. Porto, ROTEP

Planta do principal aglomerado populacional do concelho e dos principais pontos de interesse em todo o concelho. Informações diversas como classificação administrativa, população, serviços públicos, feriado municipal, existência ou não de hotelaria, especialidade culinária, feiras e romarias e monumentos nacionais. Texto de França Borges. Algumas fotografias.

TELES, Silva. 1924. “Sobral de Monte Agração”, *Guia de Portugal*, vol. 1, Lisboa, p. 162

Enquadramento geográfico da região de Sobral de Monte Agração

VASCONCELOS, J. Leite de. 1942. *Etnografia portuguesa III: tentame de sistematização*, Lisboa, Imprensa Nacional

Inclusão do concelho de Sobral de Monte Agração numa zona de penetração e irradiação do território dos saloios, segundo Alberto Pimentel (p. 437). Opinião do autor segundo a qual os habitantes de Sobral de Monte Agração não se consideram saloios (p. 437).

VASCONCELOS, J. Leite de. 1975. *Cancioneiro popular português I*, Coimbra, Universidade de Coimbra

Cantiga de temática amorosa recolhida em Sobral de Monte Agração (p. 468).

VASCONCELOS, J. Leite de. 1980. *Etnografia portuguesa VII: tentame de sistematização*, Lisboa, Imprensa Nacional

Costume realizado para afastar maus agouros ou quando se avista um corcunda (p. 200).

“A vida dos concelhos: Sobral de Monte Agração”. 1940. *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, Lisboa, Junta de Província de Estremadura

Dados diversos sobre o concelho: imprensa, Casas do Povo, secções do Sindicato Nacional, Grémios, Sociedades de Recreio, composição dos executivos municipais e acção das Câmaras (p. 170-171).

ZONA NORTE DO DISTRITO DE LISBOA: BASE DE DADOS. [s/d.]. Torres Vedras, Câmara Municipal de Torres Vedras, Gabinete de Estudos e Planeamento (policiado)

Estatísticas diversas sobre a região norte do distrito de Lisboa, ou seja os concelhos de Alenquer, Arruda, Cadaval, Lourinhã, Mafra, Sobral e Torres Vedras.





< Colocando o mastro de um velho moinho, com auxílio de grua, num moinho recém-construído em betão e tijolo, com o piso térreo destinado a habitação. Catefica, Torres Vedras, 2000.

Torres Vedras

- ANACLETO, Pedro Garcia.** 1966. “Cancioneiro popular e as tradições das termas do Vimeiro”, *Boletim Cultural da Junta Distrital de Lisboa*, n.º 65-66, p. 21-64
Cancioneiro relacionado com a importância do Vimeiro, suas termas e alguns elementos regionais (praias, igrejas, entre outros). Referências em vários autores: Moreira das Neves, Silva Tavares, Gomes Carvalho, Gomes Ribeiro, Artur Marta, Arlindo Reis. Destaque para um conjunto de desenhos de Augusto José Correia: “A piscina grande do Vimeiro” (p. 23); “A Rainha Santa, junto à fonte do Vimeiro” (p. 25); “O Cabeço do Outeiro e o seu moinho” (p. 48); “Porto Novo, praia bela” (p. 50); “A praia de Santa Rita” (p. 61); “A Fonte de Santa Isabel” (p. 63).
- ANDRADE, A. M.** 1940. “As comemorações nos concelhos da província estremenha”, *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, p. 62-74
Comemorações no concelho de Torres Vedras (p. 74).
- BARBOSA, Pedro Gomes.** 1992. *Povoamento e estrutura agrícola na Estremadura central: século XII a 1325*, Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica
Formas de povoamento e relação com a antropónimoia. Os proprietários fundiários. A população judaica. Tipo de agricultura praticado, localização e dimensões da propriedade, os aforamentos (p. 253-288).
- BASTO, Cláudio.** 1916. “Nomes das ‘agulhas’ secas”, *Revista Lusitana*, vol. 19 (1-4), p. 258-269
Glossário de termos regionais, indicando diversas designações das agulhas secas de pinheiro. *Sama* (termo de Torres Vedras) (p. 269).
- BASTO, Cláudio.** 1934. “Sortes amorosas no S. João”, *Revista Lusitana*, vol. 32 (1-4), p. 161-233
Prática de chamuscar uma alcachofra pelo S. João em Torres Vedras (p. 166). Outras práticas associadas ao dia de S. João (p. 182, 188, 200, 203).
- BOLETIM DA JUNTA DE PROVÍNCIA DE ESTREMADURA.** 1939.
Fotografia de padrão dedicado aos castelos de Portugal, no qual figura o de Torres Vedras, por ocasião da Exposição do Mundo Português (1940) (p. 23). Brasão d’Armas de Torres Vedras (p. 96).
- BORGES, António Vitorino França.** 1931. *Região de Torres Vedras*, Torres Vedras, Tip. e Pap. Fernando d’ Almeida
O original deste trabalho pode ser encontrado no Museu Hipólito Cabaço de Alenquer. Reúne artigos publicados no início da década de 30 no *Jornal de Torres Vedras*. A designação dos vinhos de Torres Vedras (*vinhos do termo*).
- BORGES, António Vitorino França.** 1949. “Milagres: uma ermida estremenha”, *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, n.º 21, p. 211-222
A Ermida de N.ª Sr.ª dos Milagres edificada na freguesia de S. Pedro de Dois Portos junto ao antigo povoado de Via Galega. Referências à realização de uma romaria e de uma procissão. Alguns aspectos da história da ermida, nomeadamente o que vem descrito em *Portugal Antigo e Moderno* de Pinho Leal, ou seja algumas alusões à paragem de círios provenientes de Lisboa naquele local, realização de cavalhadas, uma feira, produtos aí vendidos, o fogo preso. Caracterização arquitectónica do edifício. *A Lenda da Ermida*. Descrição

de uma ida à ermida em dia de romaria e indicação de elementos interessantes para a compreensão da festividade. Ilustração do autor, segundo uma gravura de há 60 anos de N. ^o Sr.^o dos Milagres.

CALADO, Rafael Salinas. 1936. *No primeiro centenário de Madeira Torres*, Torres Vedras, Tip. da Papelaria Sociedade Progresso Industrial
Conferência proferida na Câmara Municipal e Salão-Teatro em 1936 a propósito do centenário da morte do Padre Manuel Agostinho Madeira Torres, historiógrafo de Torres Vedras, que escreveu inúmeras obras sobre esta cidade. A exposição bibliográfica, com obras de Madeira Torres, patente por ocasião das comemorações do centenário de sua morte. Elementos biográficos. Recensão crítica das principais obras de sua autoria.

CALADO, Rafael Salinas. 1947. “Torres Vedras e o seu museu municipal”, *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, n.^o 16, p. 365-367
O antigo director do Museu Municipal de Torres Vedras expõe a ideia da criação daquela instituição e refere o seu espólio mais interessante.

O CAMINHO DE FERRO REVISITADO: O CAMINHO DE FERRO EM PORTUGAL DE 1856 A 1996. 1996. Lisboa, C.P.
Catálogo de exposição sobre a história do caminho-de-ferro em Portugal. Na parte referente às legendas das peças, documentos e fotografias expostos, informa-se sobre duas fotografias da estação de Torres Vedras da autoria de João Lino de Carvalho (s/d) pertencentes ao Arquivo da Direcção Geral de Transportes Terrestres (p. 322; 341).

CANADAS, Maria João. 1996. “O trabalho agrícola na vitivinicultura do Oeste”, *O Voo do Arado*, Lisboa, Museu Nacional de Etnologia, p. 471-485
Observação das mudanças ocorridas nas tarefas agrícolas, nomeadamente na vitivinicultura, através da quantificação dos tempos dedicados ao trabalho, conteúdo dos processos que o constituem e tipo de mão-de-obra que o efectua. Tipologia das explorações agrícolas existentes e relacionamento com os volumes de produção de vinho. Estudo comparativo das operações de cultivo da vinha nos anos 50 e na actualidade (gráficos: equipamento utilizado nas diferentes operações; tarefas efectuadas para a instalação da vinha por hectare e número de horas empregues; operações anuais na vinha por hectare e número de horas dispendidas). Estudo dos diferentes tipos de mão-de-obra. A introdução de elementos exógenos à exploração, relativamente a equipamentos e mão-de-obra, vinificação, comercialização, vindima e enxertia, aquisição de outros bens e serviços (contabilista, esteios fabricados com novos materiais, aumento do consumo de adubos e fertilizantes orgânicos).

CÂNCIO, Francisco. 1944. *Subsídios para a história económica do Ribatejo*, Lisboa, imp. Baroeth
Obra em fascículos editada com o patrocínio da Junta de Província do Ribatejo. As mercadorias agrícolas (cereais e vinho) provenientes de Arruda dos Vinhos, Sobral de Monte Agraço, Torres Vedras e Lourinhã eram embarcadas no porto de Alhandra, movimento que se manteve mesmo após a implantação do caminho-de-ferro. Vinham em carro de bois, pelas estradas, em péssimo estado de conservação (p. 54).

[CARACTERIZAÇÃO DO CONCELHO DE TORRES VEDRAS E O PAPEL DA AUTARQUIA]. [s/d.]. (título atribuído) (policopiado)
Enquadramento do concelho nos planos geográfico, demográfico e económico. A gestão da autarquia e a sua intervenção no desenvolvimento local (linhas de acção, orgânica dos serviços, estratégias de desenvolvimento, iniciativas promocionais). Salienta-se o capítulo sobre a autarquia e a defesa do património histórico da cidade.

CARDOSO, Nuno Catharino. 1944. “Armas municipais do distrito de Lisboa e a evolução que sofreram”, *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, n.^o 7, p. 275-281
Descrição dos vários elementos constituintes das armas antigas, e à data da edição do artigo. Listagem alfabética dos elementos que surgem nas armas. Reproduções de alguns brasões d' armas sem indicação de proveniência.

CARNEIRO, André M. Serra Pedreira. 2000. *O olhar observado: público e museus na região Oeste*, [s/l], [s/n] (policopiado)
Tese de mestrado em Cultura e Formação Autárquica. Análise dos públicos de alguns museus seleccionados

na região Oeste. Pequeno historial de cada um. Como é que cada museu inventaria o público que o visita e que tipo de documentação é disponibilizada ao visitante.

“Carvoeira, Cravoiera ou Craveira: descrição politico-económica-geográfica deste lugar e povos”. 1948. *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, n.º 19, p. 375-385

Transcrição do Arquivo Lavradio de uma descrição da freguesia de Carvoeira feita por um viticultor a um seu amigo. A descrição inicia-se pela delimitação física da freguesia, caracterização etimológica, algumas considerações sobre o património histórico, tipos de culturas (uva, cereal, batatas, castanheiros). Salienta-se a importância do vinho, refere-se o volume da sua produção, castas existentes, custo da mão-de-obra, valor dos impostos, rendimento do trabalho e as exportações.

CATARINO, Maria Manuela; SANTOS, Eduardo Maria Alves dos; PORFÍRIO, Mamede. 1981. *História e tradição das festas a Nossa Senhora da Nazaré e do Círio da Prata Grande: loas a Nossa Senhora- S. Pedro da Cadeira*, Torres Vedras, imp. Torriana

História remota do Círio da Prata Grande. O papel da freguesia de S. Pedro da Cadeira no culto a Nossa Senhora da Nazaré. Apresentação das loas cantadas consoante os diferentes momentos do círio onde acontecem.

CATARINO, Maria Manuela. 1994. **“O círio da Prata Grande em S. Pedro da Cadeira”**, *Torres Cultural*, n.º 6, p. 64-71

Cronologia histórica dos principais acontecimentos relacionados com a devoção à Sr.ª da Nazaré e com o templo do Sítio. Organização do percurso da imagem pelas freguesias que compõem o círio. As diferentes fases da festa (juiz e guarda de honra, anjos, loas, entrega da bandeira, cortejo, berlinda). O sagrado e o profano. Destaque para duas fotografias, nas quais surgem anjos cantando loas (p. 68) e os carrancas acompanhando a berlinda que transporta a imagem (p. 70).

CAVACO, Carminda. 1992. *Portugal rural: da tradição ao moderno*, Lisboa, Direcção Geral de Planeamento e Agricultura

O eixo Torres Vedras-Lourinhã com um dos maiores índices de superfície agrícola com ocupação hortícola, frutícola e vinícola. Acentuada monocultura enquadrada em grandes quintas ou explorações pequenas e médias integradas em adegas cooperativas. Abertura a novas culturas (tomate e pimento em estufas) em Torres Vedras e Lourinhã (p. 100). Investimentos nas construções de tipo agrícola, em plantações e no sector dos ovinos na zona agrária de Torres Vedras. Conjunto de fotografias, sem indicação de autor, retratam aspectos da agricultura da região: “Difusão do motocultivador na pequena exploração familiar da Estremadura, Freiria (p. 35)”; “Cultura tradicional da batata entre a vinha, Dois Portos” (p. 36); Direcção Regional de Agricultura da Região do Oeste: “Pomar de pera rocha em Sobreiro” (p. 98); “Cabrada na região de Torres Vedras” (p. 100); “Estufa com courgettes na região de Torres Vedras” (p. 100)

CHANÇA, Elsa; SILVA, Eduarda; ALVES, Hugo. [s/d.]. *[Caracterização da Avenida 5 de Outubro – Torres Vedras]* (policopiado)

Trabalho realizado por alunos do 12.º ano da Escola Secundária Henriques Nogueira. Sobre o património cultural e natural da Avenida 5 de Outubro, elabora-se uma perspectivização histórica, contendo igualmente algumas alusões ao momento actual. Fotos de Adão de Carvalho com legendas dos autores.

CHAVES, Luís. [s/d.]. **“Cerâmica”**, *A Arte Popular em Portugal*, vol. 2, Lisboa, Verbo, p. 181-253

Em estudos efectuados por Manuel Heleno em achados arqueológicos, encontrados em grutas na região de Torres Vedras, pode verificar-se um tipo específico de decoração arcaica (p. 192). Salienta-se também o desenho dos motivos ornamentais de alguns destes achados (p. 250).

CHAVES, Luís. 1943. **“Cruzeiros e pelourinhos estremenhos”**, *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, n.º 2, p. 149-154

Notícia histórica da existência de pelourinho em Torres Vedras.

CIPRIANO, Rui Marques. 2000. *Lourinhã nos caminhos de Santiago*, Lourinhã, Centro de Estudos Históricos da Lourinhã

Os caminhos de Santiago na região oeste. Referências a Santiago em Torres Vedras (iconografia e simbologia).

COELHO, Adolpho. 1993. *Obra etnográfica I: festas, costumes e outros materiais para uma etnologia de Portugal*, Lisboa, Dom Quixote

Uma lenda de Salomão conforme foi relatada ao autor por uma residente em Torres Vedras (p. 159). No capítulo sobre a alimentação (doces regionais) integrantes no programa para uma Exposição Etnográfica Portuguesa, são referidos os pastéis de feijão de Torres Vedras (p. 710).

COELHO, Adolfo. 2000. *Digressões gastronómicas no país das uvas*, [Lisboa], Publicações Chaves Ferreira
Compilação de textos do autor, originalmente integrando a publicação *Informação Vinícola* (1938-1939), propriedade da Junta Nacional do Vinho, a convite de António Batalha Reis. Os artigos referem-se ao enquadramento paisagístico e económico de vários concelhos do país, nomeadamente da região oeste. O trabalho inclui igualmente um conjunto de fotografias recolhidas, segundo a nota introdutória, pelo Serviço de Informação da Junta Nacional do Vinho. Estas não se encontram legendadas, nem contextualizadas, mas referem-se possivelmente ao período no qual a *Informação Vinícola* foi publicada (1938-62). Informação sobre Torres Vedras (p. 47-50).

COMO TRAJAVA O POVO PORTUGUÊS. 1991. Lisboa, INATEL

Catálogo de exposição realizada no âmbito do 5.º Festival Internacional de Folclore. O traje nas Caldas, Óbidos, Bombarral, Torres Vedras e Alcobaça.

“O CONCELHO DE TORRES VEDRAS”. 1937, *A Hora*, ed. de Raul de Lys, ano IV, nº 43 (policopiado)

Descrição coreográfica do concelho. A vila e as várias freguesias, composição, distâncias à sede de concelho. Fotografias de aspectos considerados mais importantes em cada freguesia.

O CONCELHO DE TORRES VEDRAS: BREVE CARACTERIZAÇÃO SOCIO-ECONÓMICA. [s/d.]. Torres Vedras, Câmara Municipal de Torres Vedras (policopiado)

O concelho é apresentado em diversas vertentes (história e património, educação, associações locais, saúde, território e população, infra-estruturas, indústria, comércio e serviços, turismo, agricultura, ensino, formação e emprego).

CORREIA, J. Diogo. 1956. “**Toponímia estremenha**”, *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, n.º 41-42-43, p. 37-45

Origem etimológica da freguesia de Matacães (p. 42-43).

CORREIA, J. Diogo. 1957. “**Toponímia estremenha**”, *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, n.º 47-48-49, p. 125-134

Origem etimológica da freguesia de Ribaldeira, lugar da freguesia de Dois Portos (p. 42-43).

CORREIA, Vergílio. 1917. “**O carro rural português**”, *A Terra Portuguesa*, n.º 21-23, p. 193-208

Reprodução da gravura do livro de W. Beckford onde se descreve com pormenor o carro da região de Torres Vedras.

COSTA, Alexandre de Carvalho. 1968. “**Lendas, historietas, etimologias populares e outras etimologias respeitantes às cidades, vilas, aldeias e lugares de Portugal continental**”, *Boletim Cultural de Junta Distrital de Lisboa*, n.º 69-70, p. 149-270

Origem etimológica de Carmões (p. 192) e Carvoeira (p. 201).

COSTA, Alexandre de Carvalho. 1969. “**Lendas, historietas, etimologias populares e outras etimologias respeitantes às cidades, vilas, aldeias e lugares de Portugal continental**”, *Boletim Cultural de Junta Distrital de Lisboa*, n.º 71-72, p. 161-247

Origem etimológica de Matacães (p. 181-182).

COSTA, Alexandre de Carvalho. 1970. “**Lendas, historietas, etimologias populares e outras etimologias respeitantes às cidades, vilas, aldeias e lugares de Portugal continental**”, *Boletim Cultural de Junta Distrital de Lisboa*, n.º 73-74, p. 201-251

Origem etimológica de Ribaldeira (p. 210-211).

- COSTA, Alexandre de Carvalho.** 1971. "Lendas, historietas, etimologias populares e outras etimologias respeitantes às cidades, vilas, aldeias e lugares de Portugal continental", *Boletim Cultural de Junta Distrital de Lisboa*, n.º 75-78, p. 165-199
Origem etimológica de Varatojo, freguesia de S.Pedro (p. 184-185).
- COSTA, B. C. Cincinnato da (dir.) ; CASTRO, D. Luiz de (dir.).** 1900. *Le Portugal au point de vue agricole*, Lisbonne, Imprimerie Nationale
Destaque para um conjunto de fotografias, sem indicação de autor sobre aspectos agrícolas regionais: "A vindima em Torres Vedras" (entre p. 388 e 389); "O Vale de Calvel, em Torres Vedras" (entre p. 390 e 391); "A adegas do Calvel" (entre p. 394 e 395).
- CUNHA, Sónia Alexandra Viçoso.** 1998. *O ordenamento do território e a gestão urbanística no município de Torres Vedras*, Lisboa, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas
Trabalho de estágio da licenciatura em Gestão e Administração Pública. Destaque para a caracterização administrativa, económica, demográfica, agrícola, industrial, do sector terciário e turístico do concelho. Aspectos históricos. Questões associadas ao planeamento e gestão urbanística de Torres Vedras (Plano Director Municipal, Plano Estratégico da Cidade, Plano de Pormenor de Salvaguarda da Zona Histórica de Torres Vedras, Planos de Urbanização).
- DAN, Kazuo.** 1992. *O pôr do sol em Santa Cruz: memórias de um japonês sobre uma aldeia portuguesa*
Impressões de um japonês sobre o quotidiano vivido na Praia de Santa Cruz. Contactos com as gentes e produtos locais.
- EÇA, Maria Natália Almeida d'.** 1995. *Roteiro artesão português: Estremadura*, Porto, ed. do autor
Roteiro das artes e ofícios tradicionais existentes na Estremadura e organizado por concelhos. Referências aos nomes dos artesãos e contactos dos seus locais de trabalho. Inúmeras fotografias retratando interiores das oficinas, peças, matéria-prima, os artesãos a trabalhar.
- ESTEVES, Joaquim Vasques.** 1992. "Carácter e identidade da casa típica rural no concelho de Torres Vedras", *Torres Cultural*, Torres Vedras, n.º 5, p. 13-19
A importância da arquitectura popular no conhecimento de um povo e reflexo das suas especificidades regionais. Tipologia da arquitectura tradicional no concelho de Torres Vedras (tipo saloio e tipo ribatejano): diferenças na volumetria, na junção de elementos anexos, nos sistemas de construção, nos materiais utilizados e nas características cromáticas. Características gerais (aberturas, telhado, divisão interior, anexos ao edifício principal com funções agrícolas). Diversas fotografias de casas, sem indicação de autor, colhidos em Turcifal, Ribaldeira, Carvalhal e Matacães.
- ESTREMADURA.** [s/d.]. Lisboa, Livraria Bertrand
Trabalho compilado por Urbano Tavares Rodrigues. Henrique Lopes de Mendonça relata *O desembarque dos infieis* junto à praia de Santa Cruz segundo a obra *Santos de Casa* (p. 71-73).
- AS FEIRAS NO CONCELHO DE TORRES VEDRAS 1844-1988 NO JORNALISMO E ACTAS CAMARÁRIAS SÉC. XIX E XX.** [s/d]. [Torres Vedras] (policopiado)
Trabalho escolar de um curso nocturno (1988-89), com base em investigação em jornais, arquivos e bibliotecas locais. Traça-se um plano de todas as feiras do concelho e anos em que se realizaram. São apresentados também transcrições e reproduções de documentos camarários, assim como notícias de jornal, sobre a realização de todas as feiras e mercados do concelho.
- FELGUEIRAS, Guilherme.** 1948. "O estudo da literatura popular e das tradições orais estremenhas V: romanceiro estremenho", *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, n.º18, p. 289-299
Quadras do cancionero popular recolhidas em Assenta. Transcrição de cantigas ao despique segundo uma versão recolhida em Campelos e Ventosa. Interpretações da tradição popular em relação ao som dos sinos da capela do Amial.

- FELGUEIRAS, Guilherme.** 1949. "O estudo da literatura popular e das tradições orais estremenhas VI", *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, n.º 22, p. 395-404
Oração de St.ª Bárbara (A-dos-Cunhados); quadras do cancionero popular (versões recolhidas em Carregueira, Assenta, Campelos). Adivinhas (Carregueira e Turcifal).
- FELGUEIRAS, Guilherme.** 1950. "O estudo da literatura popular e das tradições orais estremenhas VII", *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, n.º 23, p. 95-102
Quadra popular recolhida em A-dos-Cunhados na qual se refere N.ª Sr.ª da Luz. Rimas infantis recolhidas em Assenta.
- FIGUEIREDO, António Teixeira de.** 1946. "O Natal na velha Ribaldeira, antiga de séculos...", *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, n.º 13, p. 315-317
Práticas associadas ao Natal (leilões de bolos, peditório, beijo ao Menino).
- FONSECA, Victor Cesário da.** 1979. *Retalhos para a história de Torres Vedras*, Torres Vedras, Associação para a Defesa e Divulgação do Património Cultural de Torres Vedras
Compilação de memórias de pessoas e factos do primeiro quartel do séc. XX em Torres Vedras. Notícias publicadas no semanário *Ecos da Terra* (1917-20) a propósito do impedimento do corte das árvores do choupal e da criação da escola secundária. Figuras ilustres do concelho. Algumas perdas para o município. A história do Grémio Artístico e Comercial (actual Associação).
- GALLOP, Rodney.** 1961. *Portugal: a book of folkways*, Cambridge, Cambridge University Press
Celebrações carnavalescas (p. 109). Uma espécie de dança das espadas (mouriscada), executada por jovens do sexo masculino em Casalinas (?). São dançados, viras, verde-gaios e fox-trots, empunhando varas, que outrora devem ter sido espadas, e envergando chapéus altos de cartão. Fotos do autor e desenhos de Marjorie Gallop.
- GANDRA, Manuel J.** 1996. "Os círios ou aspectos do culto da Grande Deusa na Estremadura", *Jornadas sobre Cultura Saloia*, Loures, Câmara Municipal de Loures, p. 85-111
O círio de Santa Bazilisa (S. Julião, Carvoeira) partilhado com várias localidades de outros concelhos.
- GERALDO, Diana Filipa Batista.** 1997. *Museus da Região de Turismo do Oeste*, [s/l], Escola de Serviços e Comércio do Oeste (policopiado)
Prova de aptidão profissional. Historial dos principais museus da região Oeste (tipo de colecções, épocas abrangidas).
- GIACOMETTI, Michel.** 1981. *Cancioneiro popular português*, Lisboa, Círculo de Leitores
Trabalho realizado em colaboração com o compositor Fernando Lopes Graça. Apresentação de letra e transcrição musical de: *O Verde-Gaio é maroto* recolhido em Torres Vedras (p. 212; nota p. 324). Destaque para duas fotografias do autor: "Debulha do feijão a pé de gado asinino" (Cambelas, S. Pedro da Cadeira) (p. 126); "O gaiteiro Francisco dos Santos" (Casal da Marceneira) (p. 211).
- GOMES, Célia Maria Ferreira Reis Alemão.** 1992. *Cenas da vida de Torres Vedras (1900-1930)*, Lisboa, ed. de autor (policopiado)
Dissertação em História dos Séculos XIX e XX apresentada na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Caracterização económica, política e social do concelho. A vida familiar e o seu relacionamento com o mundo exterior. A habitação, a arquitectura, as sociabilidades e o lazer (os bailes, arraiais, feiras, Carnaval, a praia), a alimentação, a instrução, a estrutura sanitária, a morte, o vestuário e adornos. Bibliografia indicando também fontes iconográficas encontradas na Biblioteca Nacional.
- "Grutas e Mouras"** [Trabalho do Espéleo Clube de Torres Vedras]. 1989. *Torres Cultural*, n.º 2, Edição do Sector da Cultura da Câmara Municipal de Torres Vedras, p. 18-22
Artigo redigido por Ana Cláudio a propósito das lendas de mouras encantadas que habitam grutas, fontes, penedos, minas, poços, e recolhidas em relatos de informantes da zona de Maceira/Vimeiro e serra de Montejunto. Referem-se alguns exemplos como a *Moura de Guifões*, a *Gruta da Cova da Moura*, a *Moura Parturiente de Safara de Tolosa*, a *Parteira das Mouras*, o *Cabeço Velho*, e faz-se uma breve análise da significação de cada um deles.

- GUIMARÃES, Vieira.** [1929]. “A Estremadura”, *Portugal: Exposição Portuguesa em Sevilha*, p. 5-43
 Descrição da paisagem envolvente das estações de caminhos-de-ferro de: Runa, Dois Portos, Torres Vedras e Ramalhal (p. 41).
- JÚLIO CÉSAR MACHADO: ESTÓRIAS E PAPAROCAS.** 2000. Bombarral, Museu Municipal de Bombarral Vasco P. da Conceição/Maria Barreira
 Colectânea de textos de Júlio César Machado, seleccionados por Vítor Wladimiro Ferreira, sobre gastronomia portuguesa. Referem-se somente os dados relacionados com a região. O vinho arinto Batalha Reis, torreense, como acompanhamento de pratos de peixe (p. 129).
- LEÇA, Armando.** 1944. “Do cancionero músico-estremenho II”, *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, n.º 6, p. 251-256
 O autor lamenta-se no final do artigo não ter constatado a existência de canções relacionadas com os trabalhos vitivinícolas como por exemplo no período das vindimas, ao contrário do que se passa no resto do país (e que são exemplificados e identificados no próprio artigo). A Redacção do Boletim acrescenta em nota final algumas práticas vitivinícolas acompanhadas por canções do concelho de Torres Vedras.
- LEÇA, Armando.** 1946. “Do cancionero músico-estremenho V”, *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, n.º 12, p. 215-234
 Discorre-se sobre aspectos históricos de vários tipos de danças com influências europeias. Indica-se uma variante do verde-gaio (Torres Vedras). Transcrição musical do bailarico (Varatojo) e de uma moda de roda.
- LEÇA, Armando.** 1964. “Motivos ensoados pelo povo: amor, amoricos X”, *Boletim Cultural da Junta Distrital de Lisboa*, n.º 61-62, p. 319-336
 Quadra de temática amorosa (p. 331).
- LEITÃO, Jorge Ralha V.; CATARINO, Manuela.** 1998. *Torres Vedras: passado e presente*, Torres Vedras, Câmara Municipal de Torres Vedras, vol. 2
 A actividade industrial no concelho (tipologia de empresas industriais, população activa, a produtividade, localização das actividades industriais por freguesia) (p. 47-61). A presença deste sector no concelho (principais empresas, factores de mudança, estabelecimentos comerciais, por freguesia). O comércio na vila e nos meios rurais nos princípios do século. O comércio na década de 70. Estatísticas (p. 63-81). A rede rodoviária (volumes de tráfego) e ferroviária (volume de tráfego). As telecomunicações (p. 83-103). O ordenamento turístico do concelho em relação às linhas programáticas nacionais. Equipamento (alojamento e restaurantes – estatísticas de ocupação e crescimento). O Carnaval, a orla costeira e o turismo em espaço rural, como motivadores da procura turística (p. 105-136).
- LOAS A NOSSA SENHORA DA NAZARÉ CANTADAS NA DESPEDIDA EM S. PEDRO DA CADEIRA.** [1965]. [s/l.], [s/n.]
 Transcrição de loas cantadas em diferentes momentos do cirio a N. Sr.ª da Nazaré, à partida em S. Pedro da Cadeira.
- LUDOVICE, Licínia da Conceição.** 1950. “Subsídios para o estudo do cancionero popular alenquerense II”, *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, n.º 24-25, p. 325-331
 Quadras do cancionero popular de acordo com versões recolhidas em Ramalhal (p. 378; p. 380; p. 384), Carregueira e Ventosa (p. 383, 384), Campelos (p. 384), Assenta (p. 385; p. 387), S. Pedro da Cadeira (p. 388; p. 390-391), Silveira (p. 388-389), A-dos-Cunhados (p. 391) e Turcifal (p. 391).
- MADAHIL, António Gomes da Rocha.** 1968. *Trajos e costumes populares portugueses do séc. XIX, em litografias de Joubert, MacPhail e Palhares*, Lisboa, Panorama
 Reproduções de estampas e gravuras alusivas à temática do traje e costumes populares. Da colecção Joubert reproduz-se uma gravura intitulada “Almocreve de Torres”.
- MADEIRA, Maria Laura.** 1998. “Recursos alimentares e influência matriz da culinária torreense na região”, *Torres Cultural*, n.º 8, p. 72-77
 Referências nos forais à importância dos géneros alimentícios e produtos cultivados no concelho. O

movimento comercial. A influência da boa qualidade dos produtos da região na culinária. A culinária cisterciense. Alimentos de destaque.

MAIO, Guerra. 1945. “**Peniche-Óbidos**”. *Portugal Desconhecido*, Lisboa, Livraria Bertrand, p. 139-144
Descrições literárias sobre vários aspectos. Episódio ocorrido no mercado de Torres Vedras.

MANGORRINHA, Jorge. 2000. *O lugar das termas: património e desenvolvimento regional: as estâncias termais na região oeste*, Lisboa, Livros Horizonte

Trabalho realizado no âmbito de uma tese de Mestrado em História Regional e Local, variante de Património, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Como objectivo principal o estudo do património relacionado com as principais estâncias termais da região, perspectivando o termalismo como potenciador de desenvolvimento a nível local e nacional, quer em espaços rurais, quer em espaços urbanos. Os casos das Caldas da Rainha, Termas dos Cucos, Piedade, Vimeiro e Águas de Salir. O autor começa por nos informar acerca das orientações metodológicas, cronológicas, bibliográficas e geográficas do seu trabalho. O papel da administração local e da iniciativa privada no que concerne à construção e gestão das termas. Os diferentes padrões de planeamento das termas da região ao longo dos tempos. Caracterização dos principais tipos de equipamento que constituem as infra-estruturas principais e que o autor designa por microcosmo termal. O papel das termas como estruturas determinantes do dimensionamento morfológico das estâncias, lugar simultaneamente estância de saúde, e local associado a festas e rituais muito próprios. Em capítulo específico estabelecem-se as vertentes patrimoniais das termas que urge identificar, caracterizar, salvaguardar e valorizar (recursos aquíferos, paisagísticos, entre outros) e as potencialidades a aproveitar a nível turístico. Seguidamente adiantam-se algumas propostas concretas para as estâncias termais mais importantes da região, inventariando-se os aspectos fulcrais do seu património, indicando-se para alguns casos formas futuras de actuação. Bibliografia extensa e fontes consultadas. O trabalho encontra-se profusamente ilustrado por fotografias com indicação de autor, antigas e recentes.

MARTINS, Jorge A. Reis. [s/d.]. *Um moinho de água: Ramalhal, Torres Vedras*, [s/l], TIMS Portugal

Apreciação de um moinho de água em fase de recuperação. Princípios físicos da acção deste tipo de moinhos. Integração deste exemplo numa tipologia de moinhos, de acordo com as suas principais características técnicas. Reconstituição do conjunto de edifícios e construções que o moinho integrava. Pormenores técnicos relativos ao seu funcionamento, sempre com recurso a terminologia adequada. Tratamento semelhante no que concerne ao açupe, levada e cubo. Presta-se igualmente atenção ao sistema de regulação de intensidade de caudal de água. Enumeração das principais peças que compõem o sistema em estudo. Comparação com outros casos. Diversas ilustrações, inclusivamente plantas, cortes e alçados do moinho, completam este estudo.

MATOS, Venerando António Aspra de. 1997. *Estrutura familiar numa freguesia do concelho: Turcifal em 1843*, Lisboa, ed. de autor (policopiado)

Trabalho realizado no âmbito do mestrado em História Social Contemporânea do Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa. Caracterização social da população residente na freguesia do Turcifal com base em documentos históricos (rol dos párcos de cada freguesia do concelho). A população, por sexo, estado civil e grupos de idade, a composição dos agregados domésticos e sua composição socio-profissional.

MATOS, Venerando António Aspra de. 1997. *O impacto da chegada do caminho-de-ferro em Torres Vedras*, Lisboa, ed. de autor (policopiado)

Trabalho realizado no âmbito do mestrado em História Social Contemporânea do Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa. A rede viária terrestre anteriormente à chegada do comboio. Sua ascensão e queda em Torres Vedras. Impactos sociais, económicos, demográficos, socio-profissionais, paisagísticos, urbanísticos e turísticos do caminho-de-ferro em Torres Vedras e na própria região.

MATOS, Venerando António Aspra de. 1997. *S. Mamede da Ventosa: uma paróquia rural no início do séc. XIX*, Lisboa, ed. de autor (policopiado)

Trabalho realizado no âmbito do mestrado em História Social Contemporânea do Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa com base em dados relativos a 1832. Freguesia considerada pelo autor como de “acentuada dimensão rural, mesmo na actualidade...”. Caracteriza-se socialmente a população da freguesia e seus lugares, sectores de actividade preponderantes, dispersão espacial da população, número

de habitantes dos lugares da freguesia, repartição social dos rendimentos consoante a actividade profissional desenvolvida, definição dos proprietários dos bens rurais e distribuição social da produção agrícola.

MATOS, Venerando António Aspra de. 1998. *Carnaval de Torres: uma história com tradição, 1923-1998*, Torres Vedras, Câmara Municipal de Torres Vedras

Caracterização do Carnaval em diversas épocas históricas e contextos religiosos e geográficos. O Carnaval em Portugal e seu enquadramento histórico. A importância dos festejos carnavalescos na tradição popular. Apresentação de algumas práticas associadas ao Carnaval em diversos contextos geográficos (pulhas, cegadas, danças, o uso da máscara). Os primórdios do Carnaval torreense. Os festejos em diferentes períodos. O século XIX. A República. Anos 20. Anos 30. A II Guerra. Do pós-guerra ao 25 de Abril. Personalidades célebres do Carnaval de Torres. A actualidade (a organização, os corsos, a intervenção das escolas, a noite, as *dinastias*). Profusamente ilustrado. Destaque para as reproduções dos cartazes alusivos aos festejos de Carnaval de diferentes anos.

MATOS, Venerando António Aspra de. 1998. *A elite política republicana no concelho de Torres Vedras (1907-1931)*, Lisboa, ed. de autor (policopiado)

Tese de mestrado em História Social Contemporânea apresentada no Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa. Caracterização do concelho entre 1910-30. Da afirmação das elites republicanas em Torres Vedras até aos sintomas de ruptura. As elites partidárias republicanas, eleições e elites municipais. Destaca-se o capítulo referente à formação do *Sindicato Agrícola de Torres Vedras* e qual a sua função corporativa e importância no âmbito dos associados, agricultores do concelho, isto é no que concerne à promoção da instrução agrícola, facultar a aquisição de bens de uso agrícola, promoção de instituições de crédito agrícola, representação da lavoura regional junto do poder público, responsabilidade no ensaio de novas culturas, máquinas e instrumentos agrícolas com vista à melhoria das produções. Inúmeras referências com base em artigos da imprensa local.

MEMÓRIAS DE TORRES VEDRAS. 1991. Lisboa, Assembleia Distrital de Lisboa

Trabalho compilado por Adão Carvalho. Caracterização do património histórico-cultural do concelho de Torres Vedras. Em capítulo da autoria de Vieira da Mota destaca-se a história das igrejas e conventos (p. 7-138). Júlio Vieira relata a situação da rede viária e ferroviária, situação sanitária, estabelecimentos de ensino, delimitação das freguesias, inundações e tremores de terra (p. 141-169). Em apêndice fotográfico focam-se diversos aspectos do concelho. Numa fotografia de Marques Abreu focam-se as lavadeiras no rio Sisandro. Reproduzem-se igualmente dois postais, publicados pela Union Postale Universelle, retratando as termas dos Cucos e um pormenor do Chafariz dos Canos. Da autoria de José Barreto Garcia, alguns barris aguardam embarque na estação ferroviária de Torres Vedras.

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA. 1939. *Reconhecimento dos baldios do continente*, vol. 2 (parte 2), Lisboa, Junta de Colonização Interna

Estatísticas permitindo a caracterização dos baldios em Portugal. Apreciação distrital, por concelhos e freguesias (número, tipos de aproveitamento agro-florestal, designação, características geológicas, agrológicas, oro-hidrográficas, economico-sociais e sua localização aproximada). Dados sobre Torres Vedras (p. 755-761).

MIRA, Graça Andrade. 1996. “Património: contributo para uma identificação”, *Torres Vedras: passado e presente*, Torres Vedras, Câmara Municipal de Torres Vedras, vol. 1, p. 373-464

Identificação do património religioso, civil e militar, o espólio do Museu Municipal. Alguns elementos relativos à arquitectura popular (a casa, a adega, o tanque, o poço, o alpendre, o telheiro), moinhos e azenhas (designações locais, segundo a freguesia e datas de construção). O património ambiental. Caracterização etnográfica do concelho. O habitante de Torres Vedras segundo diversos autores. Transcrição musical do verde-gaio, fandango, bailarico, moda de roda recolhidos no concelho. Indicação dos principais grupos e associações relacionadas com a música e dança. Exemplos de quadras populares recolhidas em diferentes aldeias do concelho. Principais festividades religiosas (Corpo de Deus, procissão dos Passos, Imaculada Conceição, St.^a Maria, S. Gonçalo, os Círios). Registo de festividades, de acordo com a localidade e data em que se realizam. Crenças populares, lendas, alimentação, feiras e mercados (registo segundo localidades e data de realização). Destaque para um conjunto de fotografias com vários aspectos focados no texto, e de autorias diversas: J. P. Sobreiro “Moinho de vento” (p. 422); “Arco de murta – Ramalhal” (p. 440); “O Senhor

dos Passos – Torres Vedras” (p. 451). “Poço de cúpula redonda – Barro” e “Feira de gado nos anos 50” (p. 463). da Associação de Defesa do Património (p. 425). “Azenha da Boiaca – Cucos” de Domingos Santos (p. 427). “Aspecto do Círio da Prata Grande – S. Pedro da Cadeira” de Maria Manuela Catarino (p. 453). “Santuário de N. ^a Sr. ^a do Calvário – Matacães” (sem autor) (p. 455).

[MONOGRAFIA DO CONCELHO]. [s/d.]. (título atribuído) (policopiado)

Enquadramento geográfico, demográfico, histórico-monumental e educacional das várias freguesias do concelho. Capítulo dedicado aos aspectos culturais, com saliência para as manifestações religiosas e património cultural.

MONUMENTOS E EDIFÍCIOS NOTÁVEIS DO DISTRITO DE LISBOA: TORRES VEDRAS, LOURINHÃ, SOBRAL DE MONTE AGRAÇO. 1963. Lisboa, Junta Distrital de Lisboa

As armas do concelho. Mapa com a localização do concelho na região e indicação das freguesias que o compõem. Origem histórica e etimológica. Apresentação do património edificado de cariz religioso e civil por freguesia de localização. Ilustrações e fotografias de alguns aspectos interiores e exteriores.

MUSEUS: SUBSÍDIOS PARA O ENQUADRAMENTO HISTÓRICO DOS CONCELHOS. 1998. Lisboa, Comissão de Coordenação da Região de Lisboa e Vale do Tejo

Os museus e casas-museu da região de Lisboa e Vale do Tejo. Características, colecções e horário de funcionamento.

NASCIMENTO, José Manuel Cordeiro R. 1997. *Santuário de N. ^a Sr. ^a dos Remédios*, Peniche, [ed. apoiada pela Câmara Municipal de Peniche]

Identifica histórica e teologicamente o santuário e o culto a N. ^a Sr. ^a dos Remédios. Os principais círios da região oeste. Lista dos círios que ainda na actualidade realizam peregrinações a este santuário.

UM OLHAR SOBRE O CENTRO HISTÓRICO: EXPOSIÇÃO DE FOTOGRAFIA. 1999. Torres Vedras, [s/n.]

Catálogo de exposição fotográfica com inúmeros aspectos do centro histórico da cidade retratados por diversos artistas. Além dos aspectos humanos, paisagísticos e arquitectónicos podem-se encontrar elementos relacionados com algumas profissões (barbeiro, alfaiate, padaria, sapateiro) e festividades (santos populares).

OLIVEIRA, Ernesto Veiga de. 1960. “Manjares e refeições cerimoniais em Portugal”, *Estudos e Ensaios Folclóricos em Homenagem a Renato Almeida*, Rio de Janeiro, Ministério das Relações Exteriores

Composição da esmola do Dia de Finados (p. 354). Os peditórios como processo de obter alimentos não destinados ao consumo, mas como cumprimento de um ritual (p. 363).

OLIVEIRA, Ernesto Veiga de; GALHANO, Fernando; PEREIRA, Benjamim. 1975. *Actividades agro-marítimas em Portugal*, Lisboa, Centro de Estudos de Etnologia

Tecnologias relacionadas com a apanha das algas marinhas (sargaço e pilado). Aspectos sociais relacionados com as actividades agro-marítimas em diversos concelhos da região estremenha. Inúmeras informações especificadas a nível local. A divisão sexual do trabalho. Ferramentas utilizadas (terminologia específica e funções). Tecnologias de recolha e processos de secagem. O consumo. Embarcações utilizadas. Arquitectura relacionada com a recolha de alfaias para apanha do sargaço. Traje do sargaceiro. Utilizações agrícolas dos produtos marítimos. Portos e informações relativas à apanha do sargaço, segundo Baldaque da Silva.

ORTIGÃO, Ramalho. 1918. *As nossas praias: indicações gerais para uso de banhistas e turistas*, Lisboa, Sociedade de Propaganda de Portugal

Como introdução, o autor exalta os benefícios dos banhos de mar. Fornece algumas informações gerais sobre cada praia da costa portuguesa, sua localização, acessibilidades, principais festividades, hotelaria e restauração, locais a visitar, património arquitectónico. Praia de Santa Cruz (p. 67).

ORTIGÃO, Ramalho. 1943. *As praias de Portugal: guia do banhista e do viajante*, Lisboa, Livraria Clássica A. M. Teixeira e C. ^a (Filhos)

As praias de Assenta e Santa Cruz (p. 252).

ORTIGÃO, Ramalho. 1944. *Banhos de caldas e águas minerais*, 2.ª ed., Lisboa, Livraria Clássica A. M. Teixeira & C.ª (Filhos)

Reedição da obra original de 1875. Estudo sobre os estabelecimentos termais e respectivas águas de todas as regiões do país. Alusão aos efeitos terapêuticos. Pequenas crónicas de cariz literário. O capítulo referente à Estremadura destaca-se. A Fonte dos Cucos: localização, características, composição química, acessos. Aspectos históricos de Torres Vedras (p. 221-225).

PEIXOTO, Rocha. 1990. *Etnografia portuguesa: obra etnográfica completa*, Lisboa, Dom Quixote
Referência a um alvará do séc. XVII que determina a residência de ciganos afastados da corte (p. 47).

PEREIRA, Gabriel. 1910. “Torres Vedras: notas d’arte e archeologia”, *Pelos subúrbios e vizinhanças de Lisboa*, Lisboa, Livraria Clássica Editora de A. M. Teixeira, p. 253-305

Levantamento do património construído mais significativo do concelho. Destaque para a Quinta das Lapas (caracterização das suas propriedades, tipo de culturas aí praticadas). Descrição de um passeio aos Cucos, onde o autor discorre sobre estas termas, uma ida a Santa Cruz de Ribamar com a sua praia e nova alusão aos terrenos cultivados. Uma ida à missa, ao mercado e à feira franca em princípios do século XX.

PEREIRA, João Manuel Rodrigues. 1997. *Elites locais e liberalismo: Torres Vedras 1792-1878*, Lisboa, [s/n.] (policopiado)

Tese de Mestrado em História Social Contemporânea do Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa. O primeiro capítulo abrange a caracterização do concelho, no que diz respeito ao seu território, poderes e instituições locais, população, economia, estrutura socio-profissional. O resto do trabalho é exclusivamente dedicado à vida política local: elites, vereações, eleições, consolidações e rupturas políticas em Torres Vedras.

PEREIRA, José de Campos. 1915. *A propriedade rústica em Portugal*, Lisboa, Imprensa Nacional

Os custos de plantação e formação da vinha, por classe de terrenos na região de Torres Vedras (p. 135). A produção vitivinícola em finais do séc. XIX e em princípios do séc. XX no concelho.

PIMENTEL, Alberto. 1908. *A Estremadura portuguesa: I O Ribatejo*, Lisboa, Empresa da História de Portugal Soc. Ed.

Caracterização do concelho. Aspectos históricos, arquitectónicos. As termas dos Cucos. Imprensa local (p. 55-80). Actividades mineiras e extracção de pedra (p. 71). Agricultura (p. 37, 68-69, 79). Aqueduto de Torres Vedras (p. 36, 57). Cirio à Senhora da Nazaré em Matacães (p. 74). Cooperativa agrícola de Torres Vedras (p. 58). Fábricas de moagem (p. 58). *Feira do matto* – madeiras e juncos (p. 79). Festa da Bela Cruz em 3 de Maio na praia de Santa Cruz (p. 79). Fornos de cal (p. 71, 78). Pesca (p. 71). Praia de Santa Cruz como estância de veraneio (p. 79). Elevado número de quintas no concelho (p. 69-70). Termas e nascentes de águas termais (p. 71). Apresentação de fotografias, sem indicação de autor, focando aspectos da vila e as termas dos Cucos (p. 57, 61, 65).

PIMENTEL, Leonel. 1999. *Monografia do Carvalhal: concelho de Torres Vedras*, Torres Vedras, Câmara Municipal de Torres Vedras

São focados inúmeros aspectos com relevância para o conhecimento desta povoação. Origem etimológica, a geografia, aspectos históricos, toponímia, património religioso, festas, as influências das guerras, instrução, emigração, participação da comunidade, associativismo, rede sanitária, as quintas, personagens de relevo, música, figuras lendárias, crenças populares, referências à imprensa local. Destaque para conjunto de fotografias: “Calçada do castelo”; “Escadinhas do castelo” (p. 32); “N.ª Sr.ª da Quietação, padroeira do Carvalhal” (p. 44); “Poço da Pocilga. Restaurado pela Comissão de Moradores em Maio de 1998” (p. 97).

PINTO, Natércia. 1997. *Azulejos de Torres Vedras*, [s/l.], Imp. Baleizão & Lapeira

Nota introdutória sobre o azulejo em Portugal. Os azulejos hispano-árabes e azulejos do século XVI ao século XX. Ilustrado.

PLANO ESTRATÉGICO DA CIDADE DE TORRES VEDRAS. [s/d.]. [s/l.], [s/n.] (policopiado)

Elaborado pela Empresa Geral do Fomento. Plano estratégico de desenvolvimento a nível da cidade de Torres Vedras. Objectivos e intervenções propostas no dossier de acções e projectos em várias áreas (empresarial, comercial, turística, ensino, inovação tecnológica, agrícola, social, ambiental, desportiva, associativa, cultural,

administrativa, sanitária e rede viária). Destaque para o plano de criação do Museu do Carnaval e do Museu do Vinho e da Vinha. Noutro volume efectua-se o diagnóstico da situação da cidade no contexto urbano do país, quais as suas potencialidades e dificuldades de desenvolvimento.

- POMBO, Capitão.** 1929. *Reparo à honra da Virgem da Nazareth*, tomo 2.^o, Nazaré, Tip. Borges
 História da imagem da Senhora da Nazareth. Indicação de alguns documentos importantes para a sua compreensão. Vários milagres. O círio (localidades que o compõem, anos a que corresponde a estada da imagem (p. 149-157).
- PONTE, Angela M. Almeida da ; ALVES, Maria José T. da Costa.** 1984. “Uma nova geração de agricultores em Torres Vedras e Lourinhã: expectativa ou realidade?”, *Estudos de Geografia Rural de Portugal*, vol. 2, Lisboa, Centro de Estudos Geográficos, p. 1-67
 Trabalho coordenado por Carminda Cavaco, pretende identificar as problemáticas associadas ao futuro da actividade agrícola nos concelhos em causa. Elabora-se uma caracterização dos diferentes estratos socio-económicos presentes na região (população activa, peso da actividade comercial e dos serviços, superfície arável existente, tipo de culturas). Estudo comparativo dos dois concelhos, e destes na sua inserção na região Oeste. Levantamento da situação agrícola das diversas freguesias, nomeadamente no que diz respeito ao número de explorações, suas dimensões, parcelamento, problemas sociais em relação ao acesso dos jovens ao património fundiário, formas de comercialização da produção agrícola. Atitudes e comportamentos dos jovens face ao trabalho na agricultura, com base em entrevistas. Factores de mudança. O problema geracional neste sector de actividade. Apresentação de guião de entrevista e inquérito no qual este estudo se baseou. Incluem-se inúmeras fotografias com enquadramentos paisagístico-agrícolas.
- PRATT, Óscar de.** 1917. “Nomes de ventos”, *Revista Lusitana*, vol. 20 (1-4), p. 119-128
 Designação de nome de vento recolhida em Torres Vedras (p. 120).
- REAL, Mário Guedes.** 1945. “Toponímia árabe da Estremadura II”, *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, série II, n.^o 10, p. 289-304
 Explicações sobre a etimologia de Turcifal (p. 300).
- REAL, Mário Guedes.** 1946. “Antigos concelhos da Estremadura”, *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, Lisboa, n. ^o 12, p.137-159
 Antiga divisão administrativa da região da Estremadura.
- REGO, Rogério de Figueirôa.** 1947. *Torres Vedras e seu concelho: indículo histórico, turístico e económico*, Torres Vedras, Biblioteca Municipal
 Levantamento sintético dos principais aspectos históricos ligados ao concelho. Ênfase do património construído.
- REIS, Célia.** 1983. “O Carnaval de Torres Vedras nos primeiros quarenta anos do séc. XX”, *Actas do Encontro Internacional O Quotidiano na História Portuguesa*, [s/l.], [s/n.] (policopiado)
 O Carnaval como espaço importante de vivência da cidade. A intervenção das associações locais e da própria comunidade, a presença dos diversos estratos sociais, as referências na imprensa local, as cegadas, os mascarados.
- REIS, Célia.** 1999. *Cenas da vida de Torres Vedras*, Torres Vedras, Município de Torres Vedras/Cultura
 Monografia sobre os aspectos mais importantes da vida social e económica do concelho, resultante de uma tese de mestrado em História do Século XX. Salienta-se o estudo de elementos como a família (namoro, casamento, relações de vizinhança), a casa (a habitação, arquitectura, o mobiliário), o lazer (tempos livres, festividades, espaços de sociabilidade, o desporto), o vestuário, alimentação, educação, a saúde, a morte, estatísticas demográficas. Bibliografia sobre o concelho. Tem bibliografia exclusiva sobre fontes iconográficas do concelho.
- RIBEIRO, Armando.** 1933. *Terras fradescas*, Lisboa, Livraria Central de Gomes de Carvalho
 Relato de viagem do autor pelo país. Lugares visitados, impressões diversas e aspectos históricos de vários pontos do concelho. Dados sobre Runa, termas dos Cucos, Torres Vedras, Santa Cruz e Ramalhal.

- RIBEIRO, Pe. Bartolomeu.** 1971. *Convento de Santo António do Varatojo*, Braga, Tip. Editorial Franciscana
Caracterização do templo. O culto de Nossa Senhora do Sobreiro celebrado até 1910. As escolas primárias de Varatojo como os primeiros estabelecimentos deste tipo no concelho de Torres Vedras.
- RODRIGUES, Ana Maria Seabra de Almeida.** 1995. *Torres Vedras: a vila e o termo nos finais da Idade Média*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica
Destacam-se os capítulos referentes à caracterização das paisagens rurais e urbanas, actividades económicas predominantes, tipos de culturas, criação de gado, ofícios, serviços e comércio.
- ROTEIRO DE MUSEUS: COLECÇÕES ETNOGRÁFICAS: LISBOA E VALE DO TEJO.** 1997, Lisboa, Olhachim Edições
O Museu Municipal de Torres Vedras. Aspectos históricos. Coleção etnográfica. Publicações/Bibliografia (p. 116-117). O Museu Etnográfico de Campelos. Aspectos históricos. Exposição (p. 117-118). A Coleção Etnográfica da Paróquia de S. Mamede da Ventosa. Aspectos históricos. Coleção etnográfica. Exposição (p. 119).
- SÁ, Fernando Pereira.** 1999. *As maravilhas do Turcifal: divulgação cultural do rico património histórico desta freguesia do concelho de Torres Vedras*, [s/l.], Margem
O património construído da freguesia, de cariz civil e religioso. São referidos elementos tais como as quintas, os casais, fontes, escadinhas, moinhos, poços, minas, adegas, portões. Profusamente ilustrado com fotografias do autor.
- SÁ, José Corrêa de.** 1939. *A freguesia de Aldeia Galega da Merceana: notas para um inquérito económico-agrícola*, Lisboa, Instituto Superior de Agronomia (policopiado)
Deslocação da população da freguesia de Aldeia Galega da Merceana (Alenquer) às feiras de S. Pedro e Feira Nova (Torres Vedras) principalmente para negociar gado e ao mercado de Torres para aquisição de vestuário, calçado, louças e artigos agrícolas.
- SABERES DA VIDA: MEMÓRIAS DE ANTIGAS PROFISSÕES.** 2000. Bombarral, Museu Municipal de Bombarral
Vasco P. da Conceição/Maria Barreira
Catálogo de exposição etnográfica. Glossário sobre peças de vestuário (p. 9-12), alusão ao tipo de pessoas e sexo que as envergavam.
- SALGUEIRO, Maria Margarida Marcão Barata.** 1960. *Traços essenciais da região de Torres: a cultura da vinha*, Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
Dissertação de licenciatura em Ciências Geográficas na Faculdade de Letras de Lisboa. Os diferentes tipos de enquadramento paisagístico com a presença da vinha por enfoque. Fotografias legendadas (da autora?) explicativas do acima referido. Caracterização física da região (clima, solos, aspectos geológicos e mineralógicos). Análise demográfica por freguesias: quantitativos e oscilações, a densidade populacional. As culturas em presença (vinha, oliveiras, pomaríferas). Os aglomerados populacionais. Diferentes tipos de espaços humanos e de ocupação do solo nas várias freguesias: a quinta e o casal (fotografias diversas). Características aí identificadas: o rural e o urbano. Tipos de propriedade, rendimento, diferentes vectores sociais coexistentes, as culturas. Apreciação das freguesias através do prisma das suas infra-estruturas, serviços e pequena indústria. Salientam-se algumas informações sobre uma actividade agro-marítima (apanha de limos) (foto 32). Os capítulos III a V tratam do sector da vitivinicultura que dá título a este trabalho. Expansão desta cultura na paisagem, área cultivada e tipos de exploração em diversas épocas e freguesias do concelho. O vinho de Torres face à crise da década de 30 e ao tipo de lavoura característico da região (pequenos lavradores, elevados valores de analfabetismo). A acção das adegas cooperativas, a intervenção estatal, a formação agrícola, algumas opiniões feitas sobre o sector. Operações agrícolas relacionadas com a vinha e procedimentos técnicos levados a cabo. O ciclo anual. A fabricação do vinho. A vindima. A diafa. Processos de vinificação. As castas mais frequentes. Algumas conclusões finais. Apresentam-se diversas fotografias: Foto 36: "Surrija para o estabelecimento da nova vinha".
- SALGUEIRO, Teresa Barata.** 1970. *Torres Vedras: a vila na região*, 2 vols., Lisboa, ed. de autor (dactilografado)
Dissertação de licenciatura em Geografia na Faculdade de Letras de Lisboa. A área de atracção de Torres Vedras: (causas da atracção como o trabalho, a escola, a saúde, os serviços, a indústria, a produção agrícola (p. 19-89). Os meios de transporte (p. 90-102) e causas das deslocações da população. Caracterização mais específica da área de Torres Vedras. As áreas residenciais, o comércio e os serviços, a indústria, evolução

populacional, relações com a cidade de Lisboa. Questionário-base (p. 114-120). Alguns mapas, gráficos, fotografias antigas e dos anos 60. Curiosa fotografia da autora (?) foca: "Pátio com bicicletas dos empregados da Fábrica Hipólito" (p. 99).

SALGUEIRO, Teresa Barata. 1971. "A área de influência da Escola Secundária de Torres Vedras", *Finisterra*, Lisboa, vol. 6 (n.º 12), p. 302-307

A Escola Secundária de Torres Vedras como pólo de atracção funcional do concelho e da própria região. Analisam-se as localidades de proveniência dos alunos, o seu número por local de residência e o peso que representam na população total, por local de origem.

SANTA MARIA, Frei Agostinho de. [1707-1723]. *Santuário mariano e história das imagens milagrosas de Nossa Senhora, e das milagrosamente aparecidas, em graça dos pregadores, e dos devotos da mesma Senhora*, Lisboa, Off. António Pedrozo Galvão

No segundo volume (1707) o autor referencia a história e milagres da imagem de Nossa Senhora da Assunção ou Santa Maria do Castelo (p. 59-60); Nossa Senhora do Ó ou Senhora do Amial (p. 60-62); Nossa Senhora de Roca de Amador (p. 62-66); Nossa Senhora do Sobreiro no Convento de S. Francisco do Varatojo (p. 67-69); Nossa Senhora da Graça do Convento dos Agostinhos de Penafirme (p. 71-76); Nossa Senhora da Encarnação da Lobagueira (Labrujeira ?) (p. 76-80); Nossa Senhora da Cátedra (p. 86-87); Nossa Senhora do Socorro em S. Sebastião (p. 88-89) e Nossa Senhora dos Anjos do Convento dos Padres Arrábidos (p. 140-142).

SANTA MARIA, Frei Agostinho de. [1707-1723]. *Santuário mariano e história das imagens milagrosas de Nossa Senhora, e das milagrosamente aparecidas, em graça dos pregadores, e dos devotos da mesma Senhora*, Lisboa, Off. António Pedrozo Galvão

No sétimo volume (1721) o autor referencia a imagem de Nossa Senhora da Oliveira do lugar de Matações (p. 200-206) e de N.ª Sr.ª da Misericórdia da vila (p. 302-303).

SARDINHA, José Alberto. [1988]. *Recolhas musicais da tradição oral*, [s/l], Contradança, Edição discográfica Disco acompanhado de texto e fotografias sobre vários contextos musicais estremenhos. Introdução à música e dança da região. Geralmente surge a ideia incorrecta que a Estremadura é uma região considerada pobre em tradições musicais. Menor influência da música vocal. Caracterização de cada tipo de música recolhida (contextualização, concelho e lugar de recolha, intérprete, data da recolha e fotografia). Recolhas efectuadas em Torres Vedras: aboio, corridinho, bailarico, valsa de dois passos, xotiça, Rimance de Vitorina.

SARDINHA, José Alberto. 1996. "Contribuições para o estudo do fandango", 5.º Congresso de Folclore do Ribatejo, Santarém, Região de Turismo do Ribatejo, p. 87-96

Informações sobre o fandango. Fandango coreografado recolhido em Maxial.

SARDINHA, José Alberto. 1997. "Portugal: raízes musicais", *Jornal de Notícias*, C.D. n.º 5, p. 49-60

O corridinho, associado à gaita-de-foles e bombos, é dançado nos desfiles de Carnaval de Torres Vedras (p. 59). A valsa de dois passos é tocada com banjo e violão (p. 60). O aboio era cantado pelo abegão, com o objectivo de orientar o gado enquanto se lavrava a terra (p. 60). Inclui fotografias do autor (?) com aspectos destacados no texto, para o concelho: "Gaiteiros, bombos e cabeçudos no Carnaval – Torres Vedras" (p. 53); "Gaiteiro – Torres Vedras" (p. 55).

UM SÉCULO DE NOTÍCIAS DA ZONA DE CAMPELOS: RECORTES DA IMPRENSA REGIONAL DE 1885-1985. 1987. [s/l], [s/n.] (policopiado)

Recolha de notícias publicadas na imprensa local sobre a freguesia de Campelos, efectuada no âmbito do Programa de Ocupação Temporária dos Jovens, pelo Agrupamento de Escuteiros de Campelos.

SÉRGIO, Alfredo Manuel Lopes. 1993. *Sistemas tradicionais de moagem na freguesia do Maxial: passado, presente e futuro*, Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (policopiado)

Dissertação de licenciatura em Antropologia. Caracterização da freguesia (aspectos gerais). Os sistemas de moagem tradicional na freguesia (moinhos de vento e de água). Sua identificação, localização e estado de conservação. Principais características arquitectónicas e tecnológicas de ambos os tipos. A sazonalidade dos engenhos, sua interligação com o regime de ventos e as estações do ano. Factores de mudança: tecnológicos e climáticos. Alterações ao funcionamento sazonal dos sistemas de moagem. O moleiro:

processos e aspectos tecnológicos do seu trabalho no engenho (artefactos e terminologia específica). Suas relações sociais e familiares. Perspectivação futura deste tipo de engenhos. Inclui inúmeras fotografias.

- SÉRGIO, Luísa Maria Lopes.** 1998. *O Carnaval de Torres Vedras*, Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. A importância dos festejos de Carnaval para a cidade de Torres Vedras. Sua problemática social, espacial e posicionamento no calendário festivo anual. Anexo fotográfico: figuras, carros alegóricos, mascarados e bailes.
- SILVA, A. A. Baldaque da.** 1908. *Estado actual das pescas em Portugal*, Lisboa, Ministério da Marinha e Ultramar. Estatísticas do movimento de pesca nos portos de Assenta e Santa Cruz, em 1885, 1886 e 1888 (p. 129). O movimento de pesca em 1886 (p. 419).
- SILVA, José Manuel Carvajal Telles da.** 1943. “A crise vinícola e a solução cooperativista no concelho de Torres Vedras”, *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, n.º 1, p. 101-106. Expansão da praga filoxérica pelo concelho de Torres Vedras em finais do séc. XIX. A implementação de meios de combate. Consequências sociais deste flagelo. A recuperação da cultura vitivinícola. Legislação do sector. Aspectos económicos da produção do vinho.
- SILVEIRA, Joaquim da.** 1941. “Toponímia portuguesa: esboços”, *Revista Lusitana*, vol. 38 (1-4), p. 269-302. Alusão a documentos históricos sobre a toponímia de Carmões, freguesia do concelho de Torres Vedras (p. 289).
- SOARES, Mário.** 1998. “Região do Oeste: Torres Vedras”, *Jornal das Caldas*, n.º 16, p. 12. Síntese de vários aspectos do concelho. Situação geográfica, panorama económico, dados históricos, freguesias que o integram, executivo municipal, feriado municipal, principais monumentos, locais de lazer e turismo, gastronomia, vinhos e artesanato.
- TORRES, Manuel Agostinho Madeira.** 1988. *Descrição histórica e económica da vila e termo de Torres Vedras*, ed. revista, Torres Vedras, Santa Casa da Misericórdia de Torres Vedras. Edição facsimilada da 2.ª ed. (Coimbra, Imprensa da Universidade, 1862). Trabalho publicado pela primeira vez nas *Memórias da Academia Real das Ciências de Lisboa* (1819). Destaque para o capítulo dedicado às igrejas e conventos da vila e proximidades (p. 77-163) e alguns elementos sobre as irmandades, festas e procissões celebradas (p. 167-170).
- “Torres Vedras”, *Grande Enciclopédia Portuguesa-Brasileira*, Lisboa, Editorial Enciclopédia, vol. 32, p. 276-293. Dados de carácter geral sobre o concelho e suas localidades.
- TORRES VEDRAS.** 1951. Porto, ROTEP. Texto de Rogério de Figueiroa Rego. Planta do principal aglomerado populacional do concelho e dos principais pontos de interesse em todo o concelho. Informações diversas como classificação administrativa, população, serviços públicos, feriado municipal, existência ou não de hotelaria, especialidade culinária, feiras e romarias e monumentos nacionais. Algumas fotografias.
- TORRES VEDRAS.** 1951. Lisboa, ed. Manuel B. Calarrão. Monumentos mais relevantes, alguns apontamentos históricos, locais de interesse turístico, sugestões de passeios, pontos mais pitorescos das freguesias do concelho. Comércio e indústria em destaque. Diversas fotos legendadas de Domingos Grão e Elmano Rocha.
- TORRES VEDRAS: PASSADO E PRESENTE.** 1996. Torres Vedras, Câmara Municipal de Torres Vedras. No primeiro volume, José Travanca Rodrigues efectua no seu artigo *O território e o clima*, uma caracterização física: orográfica, geográfica, hidrológica, geológica e climática do concelho (p. 11-32). Mais adiante (p. 157-297) no artigo *O século XIX*, refere nomeadamente os aspectos demográficos, ordenamento territorial (organização espacial; registo das principais povoações, casais e quintas segundo a freguesia em que se inserem), organização económica e social (estatística dos principais ofícios oitocentistas segundo as freguesias – p. 255-257; moinhos e azenhas (estatísticas e localização – p. 265-268; estatística por sector de actividade e nível de habilitações literárias – p. 276-279). Destaque para um conjunto de fotografias, com indicação de autorias: Venerando António de Matos: “Quinta do Calvel – casa solarenga construída ao gosto dos chateaux da região francesa de Bordéus” (p. 185); “Epígrafe tumular com pormenor de pipas numa adegã

e cachos de uvas. Adega de A. C. Fevelim Sênior” (p. 247). J. P. Sobreiro: “Vista geral do Turcifal” (p. 193); “Quinta do Juncal – Matacães” (p. 237). Associação de Defesa do Património: “Agricultores lavram com a ajuda de arado e junta de bois” de Associação de Defesa do Património (p. 251); “Moleiro dirige-se para a azenha com parrelha de muares” (p. 253). Óleo de A. Keil (1897) “A diligência – pausa no percurso” (p. 321).

TORRES VEDRAS: PASSADO E PRESENTE, Torres Vedras, Câmara Municipal de Torres Vedras, 2.ª vol.

Cecília Travanca Rodrigues define a Região Agrícola em que o concelho se integra. Estrutura fundiária: capacidade de uso dos solos, áreas agrícolas. As culturas e as áreas ocupadas. Caracterização da população agrícola: a mão-de-obra. Graus de mecanização. A criação de gado. O associativismo agrícola. A vitivinicultura.

TORRES VEDRAS: TEMPOS IDOS. 1975. Porto, ROTEP

Organizada por Camacho Pereira. Reproduções de gravuras, desenhos, litografias e pinturas sobre Torres Vedras. Destaque para as fotografias n.º 3: Em primeiro plano, bois lavram campo com arado e mulher vai atrás com cesta (com sementes) (1840 – *Revista Panorama*) e n.º 34: Carroça puxada a muares à porta da venda (1891 – *Revista Ocidente*) Outras gravuras reproduzem ruas antigas, paisagens, igrejas e fontes.

O TRABALHO E AS TRADIÇÕES RELIGIOSAS NO DISTRITO DE LISBOA: EXPOSIÇÃO DE ETNOGRAFIA. 1991.

Lisboa, Governo Civil de Lisboa

Catálogo de exposição. Identificação das peças expostas. No capítulo dedicado ao vinho e à vinha, António Nabais (p. 133-139) refere as características das diversas regiões vinhateiras do distrito de Lisboa. Micaela Soares refere o culto a Santa Cristina e a celebração nessa capela de círios do concelho de Torres Vedras (Monteirão e Ponte do Rol). Na ficha técnica indicam-se os autores das fotos: Foto 156: “Vinha em Torres Vedras”; Foto 169: “Vindima em Torres Vedras”. Reprodução de litografia de Joubert acompanhada da legenda n.º 56: “Almocreve de Torres”.

TRAVANCA, Cecília. 1999. *Reconhecer Leonel Trindade*, Torres Vedras, Cooperativa de Comunicação e Cultura Biografia de Leonel Trindade, arqueólogo e fundador do Museu Municipal de Torres Vedras. Permite perceber um pouco da vida da cidade de Torres Vedras em princípios do século XX.

TRINDADE JR., Leonel; LUNA, Isabel de. [s/d.]. *Museu Municipal de Torres Vedras: projecto de reinstalação*,

Torres Vedras, Câmara Municipal de Torres Vedras, Sector da Cultura

Estudo para a reestruturação do museu municipal. A concepção de museu. Importância e funções. O museu como pólo de desenvolvimento. A área de exposição e as áreas de serviço (organização e planos de montagem). Funcionamento (organograma, áreas funcionais e ações de divulgação do seu espólio). Calendarização prevista. Bibliografia. Apresentação de diversos pareceres de instituições locais.

TURRES VEDRAS II: ACTAS DE HISTÓRIA MODERNA. 2000. Torres Vedras, Câmara Municipal de Torres Vedras,

Sector de Cultura; Instituto de Estudos Regionais Alexandre Herculano

Inclui um artigo de Venerando Aspra de Matos intitulado *Um roteiro histórico-cultural da história moderna torriense* (p. 221-240). Destaque para os principais elementos do património da cidade (igrejas, conventos, museu municipal, paços, chafariz, algumas ruas e aqueduto).

VASCONCELOS, J. Leite de. 1935. “Círios estremenhos: subsídios para o seu estudo”, *Revista Lusitana*, vol. 33 (1-4), p. 269-300

Transcrição de loas recitadas em Torres Vedras por ocasião do Círio de N.ª Sr.ª da Nazaré (p. 280-281).

VASCONCELOS, J. Leite de. 1936. *Etnografia portuguesa II: tentame de sistematização*, Lisboa, Imprensa Nacional

Num capítulo dedicado a povoações provenientes de viação terrestre nomeia-se o sítio da estação do Ramalhal na freguesia com o mesmo nome (p. 578).

VASCONCELOS, J. Leite de. 1942. *Etnografia portuguesa III: tentame de sistematização*, Lisboa, Imprensa Nacional

A sub-região de Torres Vedras (na Estremadura Cistagana). A região segundo o agrónomo João da Câmara Pestana. Inclusão do concelho de Torres Vedras numa zona de penetração e irradiação do território dos

saloios, segundo Alberto Pimentel (p. 437). Opinião do autor segundo a qual os habitantes de Torres Vedras não se consideram saloios. (p. 437).

VASCONCELOS, J. Leite de. 1958. *Etnografia portuguesa IV: tentame de sistematização*, Coimbra, Imprensa da Universidade

No que diz respeito à caracterização da índole dos habitantes das províncias de Portugal, destaca-se os habitantes de Torres Vedras (p. 580).

VASCONCELOS, J. Leite de. 1967. *Etnografia portuguesa V: tentame de sistematização*, Lisboa, Imprensa Nacional

Índice dos principais assuntos tratados neste volume. Achados arqueológicos encontrados nesta região designados por *pedras-de-raio* pelos camponeses (p. 230-231). Armações de pesca na praia de Santa Cruz (1910) (p. 365). A participação da filarmónica de Torres Vedras no cortejo do boi [das festas do Espírito Santo] no Penedo de Colares (p. 404). Criação de animais domésticos (p. 448). Práticas relacionadas com a agricultura (p. 552). A procissão de Santo Isidro, na Carvoeira, patrono dos agricultores (p. 667).

VASCONCELOS, J. Leite de. 1975. *Cancioneiro popular português I*, Coimbra, Universidade de Coimbra

Quadras recolhidas em Torres Vedras. Frases e respostas estereotipadas (p. 57). Rimas infantis (p. 66; 82). Orações parodiadas (p. 91). Divertimentos (p. 165). Pragas (p. 515), reconciliação (p. 551). Antroponímica poética (p. 602).

VASCONCELOS, J. Leite de. 1980. *Etnografia portuguesa VII: tentame de sistematização*, Lisboa, Imprensa Nacional

Costume de colocar um pão junto a um defunto (p. 462).

VASCONCELOS, J. Leite de. 1983. *Cancioneiro popular português III*, Coimbra, Universidade de Coimbra

Cantigas geográficas e tópicas recolhidas em Torres Vedras. S. Pedro da Cadeira (p. 105). Runa-Caixaia-Ribaldeira-Dois Portos (p. 140).

VASCONCELOS, J. Leite de. 1983. *Etnografia portuguesa VI: tentame de sistematização*, Lisboa, Imprensa Nacional

Queijaria (p. 8). Vestuário (p. 517; 520-521; 525-527).

VASCONCELOS, J. Leite de. 1985. *Etnografia portuguesa IX: tentame de sistematização*, Lisboa, Imprensa Nacional

Índice dos principais assuntos tratados neste volume. Benção de animais em Carvoeira (Runa) pelo pároco de Santa Quitéria de Meca (Alenquer) (p. 32). Designação de animais (p. 120). Apanha de pirilampos (p. 143). Círios de várias localidades do concelho de Torres Vedras a N.ª Sr.ª dos Remédios (Peniche) (p. 355). Passagem do círio da Prata Grande por povoações do concelho de Torres Vedras (p. 356). Lista dos círios participantes ao Círio de N.ª Sr.ª da Nazaré (p. 359; 361).

VASCONCELOS, J. Leite de. 1988. *Etnografia portuguesa X: tentame de sistematização*, Lisboa, Imprensa Nacional

Índice dos principais assuntos tratados neste volume. O serviço de correios no século XVIII (p. 531). Rivalidades entre aldeias: Maceira e Sobreiro Curvo (p. 600-602).

VASCONCELOS, João. 1996. *Romarias I: um inventário dos santuários de Portugal*, Lisboa, Olhachim Edições
O Senhor do Calvário é uma pequena romaria levada a cabo em Matacães (p. 249).

VIAGENS AO IMAGINÁRIO. 1999. Torres Vedras, Centro de Formação das Escolas de Torres Vedras

Trabalho coordenado por Isabel Morgado. No âmbito de uma acção de formação contínua de professores foram recolhidos diversos textos, tendo como base trabalho de campo junto de população idosa do concelho. Algum cuidado na apresentação de variantes. Apresentação por grupos recolhidos com a mesma temática, identificação do contador, manutenção da sintaxe e semântica próximas da fonte oral. Foram recolhidos contos, lendas, romances, orações, *mezinhas*, costumes, curiosidades/superstições.

“A vida dos concelhos”. 1940. *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, Lisboa, Junta de Província de Estremadura

Dados diversos sobre o concelho: imprensa, Casas do Povo, secções do Sindicato Nacional, Grémios, Sociedades de Recreio, composição do executivo municipal e acção das câmaras. (p. 171).

VIEIRA, José António Neiva. 1964. **“História das termas do Vale dos Cucos”**, *O Médico*, Porto, n.º 676, p. 3-42
Conferência proferida na Sociedade Portuguesa de Hidrologia Médica em 1962. As termas do Vale dos Cucos: suas características e virtudes terapêuticas. Apontamentos históricos e arqueológicos sobre o local. Resenha histórica sobre os médicos que investigaram estas termas, das acções dos seus diversos proprietários e dos estudos de cariz geológico, químico, clínico e histórico que sobre elas se realizaram.

VIEIRA, Júlio. 1926. ***Torres Vedras antiga e moderna***, Torres Vedras, Livraria da Sociedade Progresso Industrial Victor Fonseca e Almeida (policopiado)

Aspectos históricos de Torres Vedras e seu concelho. Informações sobre monumentos, igrejas, hospitais e instituições beneficentes. O padroeiro da vila e do seu concelho. Famílias e personagens ilustres. Lendas e tradições; rede viária, o litoral; as águas, toponímia. Em anexo, em jeito de capítulo final indicam-se alguns factos diversos de alguma relevância (os açougues, as colectividades, epidemias, escolas, feiras e mercados, divisão administrativa, calamidades públicas, as irmandades, javalis e veados, judeus e mouros, praças de toiros, heráldica, rebeliões populares, D. Leonor, teatro, lagares, entre outros).

ZONA NORTE DO DISTRITO DE LISBOA: BASE DE DADOS. [s/d.]. Torres Vedras, Câmara Municipal de Torres Vedras, Gabinete de Estudos e Planeamento (policopiado)

Estatísticas diversas sobre a região norte do distrito de Lisboa, ou seja os concelhos de Alenquer, Arruda, Cadaval, Lourinhã, Mafra, Sobral e Torres Vedras.





< Comboio da Linha do Oeste deslizando por campos de policultura. Esta linha férrea constituiu desde o final do séc. XIX um factor relativo de identidade da região, sobretudo dos concelhos da sua faixa ocidental, para além de ter desempenhado um importante papel no desenvolvimento agrícola, comercial, e mesmo turístico, dos concelhos que atravessa. Cela Velha, Alcobça, 2000.

A Região

- ABREU, Diogo José Brochado de.** 1988. *Desenvolvimento regional no Oeste: problemas e métodos*, Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
Dissertação de Doutoramento em Geografia Humana. Destaque para a caracterização e análise da região Oeste. Enquadramento da região nas suas diferentes componentes: quadro natural, população, diferentes sectores económicos. Apreciação das tendências evolutivas nos diversos sectores. Inquérito à estrutura económica da área do Oeste (em anexo). Inúmeras estatísticas. Bibliografia extensa sobre a região.
- ACTAS DO 1.º SEMINÁRIO DO PATRIMÓNIO DA REGIÃO OESTE.** 1996. Caldas da Rainha, Património Histórico
Conjunto de comunicações sobre a preservação e divulgação do património da região por especialistas de diversas áreas.
- ALMANACH DA FOLHA DE TORRES VEDRAS PARA 1904: ANUARIO BUROCRÁTICO, COMMERCIAL, AGRÍCOLA DA REGIÃO COMPREHENDENDO OS CONCELHOS DE ARRUDA, CADAVAL, LOURINHÃ, MAFRA, ÓBIDOS, PENICHE E SOBRAL DE MONT'AGRAÇO.** 1903. Torres Vedras, imp. Tip. e Pap. Cabral
Dados diversos sobre os concelhos referenciados em inícios do século XX.
- ANDRADE, António Sampaio de.** 1944. *Dicionário corográfico de Portugal contemporâneo*, Porto, Figueirinhas
Localização das povoações dos vários concelhos de Portugal.
- ANUARIO DA FOLHA DE TORRES VEDRAS PARA 1906 BUROCRÁTICO, COMMERCIAL, AGRÍCOLA COMPREHENDENDO OS CONCELHOS DE ALEMQUER, ARRUDA, CADAVAL, LOURINHÃ, MAFRA, ÓBIDOS, PENICHE, SOBRAL DE MONT'AGRAÇO E TORRES VEDRAS.** 1905. Torres Vedras, Livraria Editora Júlio Vieira
Dados diversos sobre os concelhos referenciados em inícios do séc. XX.
- ATHÁIDE, Alfredo de [s/d].** "Trajo", *A Arte Popular em Portugal*, vol. 3, Lisboa, Verbo, p. 171-255
Referências ao traje ribatejano e estremenho segundo autores como Matos Sequeira e Matos Gomes (p. 230).
- AZEVEDO, Delfim.** 1996. "A Associação de Municípios do Oeste e o património", *Actas do 1.º Seminário do Património da Região Oeste*, Caldas da Rainha, Património Histórico, p. 32-35
Breve caracterização administrativa, demográfica e económica dos concelhos abrangidos pela acção da A.M.O. Acções a fomentar no âmbito do património.
- BAPTISTA, Carlos Manuel Maximiano; CLÍMACO, Teresa Paula Fernandes.** 1998. *Traje tradicional da Estremadura portuguesa: contributos para a sua caracterização*, Bombarral, Museu Municipal do Bombarral
Catálogo de exposição sobre as formas de vestir tradicional na Estremadura. Dimensão histórica do traje em Portugal. O traje associado a algumas tarefas agrícolas, à vida quotidiana no meio rural, aos momentos festivos, às diferentes classes sociais e grupos etários. A última parte encerra diversas fotografias e gravuras onde surgem aspectos do traje tradicional e um glossário dos principais termos associados à temática em estudo.
- BARBOSA, Pedro Gomes.** 1992. *Povoamento e estrutura agrícola na Estremadura central: século XII a 1325*, Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica
Enquadramento geográfico da região da Estremadura central.

BOLETIM DA JUNTA DE PROVÍNCIA DO RIBATEJO, Santarém, prop. Junta de Província do Ribatejo

Intitulada *Boletim da Junta Geral do Distrito de Santarém*, publicou-se a partir de 1930, mantendo esta designação até 1937. Possui inúmeros elementos estatísticos, políticos e económicos de carácter regional, relativos ao período do Estado Novo. De realçar alguns artigos com reportagens realizadas por ocasião das comemorações dos centenários no distrito (inclusive fotografias da época). O último número saiu em 1940. Publicação retomada em 1988 com a designação de *Boletim Cultural da Assembleia Distrital de Santarém*, inclui contudo temáticas de cariz literário.

BORGES, António Vitorino França. 1931. *Região de Torres Vedras*, Torres Vedras, Tip. e Pap. Fernando d'Almeida

O original deste trabalho pode ser encontrado no Museu Hipólito Cabaço em Alenquer. Reúne artigos publicados no início da década de 30 no *Jornal de Torres Vedras*. A importância da criação de um distrito (e/ou região) de Torres Vedras. O autor investigou em documentação de diversos autores, elementos comuns dos vários locais da região, nomeadamente sob o ponto de vista económico. Inúmeras referências à reforma administrativa levada a cabo na década de 30. Constata-se a diversidade entre as populações da Estremadura a norte do Tejo. Considera-se a vinha como cultura de unificação da região. Salientam-se os estudos de Cincinato da Costa, Alberto Pimentel e Amorim Girão. Defende-se o argumento da importância fulcral da região de Torres Vedras em vários domínios. Propõe a criação de três novas regiões. Apresentação e análise das estatísticas vinícolas segundo os dados oficiais (1929) para os vários concelhos da região. Os valores de produção no distrito de Lisboa, excediam os do distrito de Leiria. Outras razões para a criação da região de Torres Vedras, para além das motivações do foro agrícola. A descentralização como factor positivo de desenvolvimento da Estremadura a norte do Tejo. A posição do autor face a críticas vindas a lume no jornal *Mensagem do Ribatejo*. Outras autarquias, como Sobral de Monte Agraço, Arruda dos Vinhos e Cadaval apoiam a criação da região preconizada pelo autor. Condições que a região oferece, a vários níveis, que lhe permitem encabeçar a região.

BORGES, António Vitorino França. 1940. *Bibliografia Estremadura: subsídios*, Caldas da Rainha, Tip. Caldense
Diversas referências bibliográficas sobre a região estremenha.**BOUTETIÈRE, Germaine de la**. 1932. *Un mois dans l' Estrémadure portugaise*, Paris, Revue du Centre
Impressões de um estrangeiro a propósito de uma breve estadia de um mês em Portugal.**BRAGA, Teófilo**. 1906. *Romanceiro geral portuguez: romances heróicos, novelescos e de aventuras*, vol. I, 2.^a ed., J. A. Rodrigues & C.^a
Em capítulo designado por ciclo arturiano, apresenta-se uma versão do *Romance de Infantina*, em versão estremenha, intitulado *O Caçador* (p. 238-240).**BRAGA, Teófilo**. 1907. *Romanceiro geral portuguez: romances de aventuras, históricos, lendários e sacros*, vol. II, 2.^a ed., Lisboa, J. A. Rodrigues & C.^a
Versão da Estremadura da história de *Branca-Flor*, inserido no ciclo designado pelo autor, de peregrinos e cativos (p. 128-131).**BRAGA, Teófilo**. 1911. *Cancioneiro popular portuguez*, vol. I, 2.^a ed., Lisboa, J. A. Rodrigues & C.^a Editores
Recolha de cantilenas e chacoulas recolhidas na Estremadura e Alentejo de temática amorosa (p. 221-284).**BRAGA, Teófilo**. 1913. *Cancioneiro popular portuguez*, vol. II, 2.^a ed., Lisboa, J. A. Rodrigues & C.^a Editores
Quadras populares recolhidas na Estremadura e dedicadas a Santo António. Insere-se na tipologia de cancionero sagrado relativo a festividades anuais (p. 122-123). É apresentada igualmente uma versão estremenha do cancionero infantil intitulada *Balarico saloio* (p. 303-304).**CÂNCIO, Francisco**. [s/d]. *Notas dum ribatejano*, Lisboa, imp. Barreiro

Compilação de obra em 12 fascículos. Episódios históricos entrecortados por alguns aspectos etnográficos relativos à província do Ribatejo, sem menção de localização geográfica.

CÂNCIO, Francisco. 1935. *Ribatejo: monografia ilustrada*, [s.l.], ed. do autor

Caracterização da província do Ribatejo. Os recursos naturais, a tecnologia e as actividades agrícolas, aspectos etnográficos variados (cultos, crenças e festividades). Inúmera documentação fotográfica,

nomeadamente a relacionada com as actividades agrícolas. Fotografias legendadas, maioritariamente indicando autor e proveniência. Nenhuma das fotos especifica os concelhos em destaque.

CÂNCIO, Francisco. 1939. *Ribatejo histórico e monumental*. 3 vols.

Inúmeras fotografias legendadas com indicação de autor, nomeadamente Homero Cântio (veja-se o índice de gravuras em cada volume).

CÂNCIO, Francisco. 1940. *Contos ribatejanos*, Lisboa, [s/n]

Segundo palavras do autor com este livro pretendeu “desenhar traços de alma” dos seus “comprovincianos”. Relatam-se diversos aspectos da vida ribatejana: o casamento, o moinho, as festas, a religiosidade. Não se fazem referências geográficas.

CÂNCIO, Francisco. 1944. *Subsídios para a história económica do Ribatejo*, Lisboa, imp. Baroeth

Obra em fascículos editada com o patrocínio da Junta de Província do Ribatejo. Os afluentes do rio Tejo mais importantes e os portos fluviais de maior destaque. Referências à pesca fluvial no Tejo, sem grandes alusões de carácter geográfico (p. 65-86). Traje do pescador. Técnicas. Glossário específico. As vias de comunicação (p. 95-108).

CÂNCIO, Francisco. 1947. *“Conferência”*, *Duas Conferências sobre o Ribatejo*, Santarém, Cantinas Escolares de Santarém, p. 5-13

Conferência proferida a propósito da participação do Ribatejo nas Festas Centenárias de Lisboa e promovida pelo Grupo de Coordenação Cultural de Santarém.

O CAMINHO DE FERRO REVISITADO: O CAMINHO DE FERRO EM PORTUGAL DE 1856 A 1996. 1996. Lisboa, C.P.

Catálogo de exposição sobre a história do caminho-de-ferro em Portugal. Informação cronológica sobre a conclusão da construção das principais linhas férreas (p. 12; p. 249). Datas de criação e supressão da ambulância postal na Linha do Oeste (p. 54).

CARDOSO, Pe. Luís. 1751. *Diccionario geografico*, Lisboa, imp. Régia Off. Sylviana e da Academia Real

Inclui por ordem alfabética informações relativas a inúmeras localidades do país. Caracterização administrativa e eclesiástica, existência de locais de culto, algumas alusões à população aí residente.

CARVALHO, Delmar D. de. 1997. *Exposição Os Coretos*, Bombarral, Museu Municipal Vasco P. Conceição/Maria Barreira

Exposição sobre os coretos em Portugal e no estrangeiro, por ocasião do IV Festival de Música do Bombarral. Indicação da sua localização, data de construção e documentação sobre esta temática. Na lista figuram alguns exemplos da região Oeste.

CARVALHO, Maria Helena de. 1962. *“Um fim de semana por terras da Estremadura”*, *Vida Ribatejana*, n.º especial, p. 153-158

Reportagem jornalística sobre um passeio turístico na região da Estremadura. Principais locais e monumentos a visitar. Recursos agrícolas e industriais. A arquitectura tradicional.

CASTELO BRANCO, Fernando. 1957. *“Alguns aspectos da evolução do litoral português: da ilha de Peniche à península de Peniche”*, *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, n.º 7-9, p. 337-354

Referências históricas em diversos autores a propósito da evolução de alguns locais da costa litoral portuguesa. Reprodução de um mapa (estampa II) representando a costa portuguesa desde a Nazaré à Lourinhã em *Descrição dos portos marítimos do Reino de Portugal* (1648) da autoria de João Teixeira, famoso cartógrafo seiscentista. Esta obra poderá existir na biblioteca da Sociedade de Geografia de Lisboa.

CASTELO BRANCO, Fernando. [s/d.]. *“Culinária e doçaria”*, *A Arte Popular em Portugal*, vol. 1, Lisboa, Verbo, p. 299-333

Os doces natalícios da Estremadura (merendeiras e bicas de farinha, açúcar e ovos) (p. 326).

- CAVACO, Carminda.** 1992. *Portugal rural: da tradição ao moderno*, Lisboa, Direcção Geral de Planeamento e Agricultura
Interligação das condições naturais com a prática da agricultura na região litoral do Douro ao Sado (p. 93-102). A diferenciação das várias zonas. Os tipos de povoamento.
- CHAVES, Luís.** 1930. “A grei portuguesa: notas para um programa de Etnografia portuguesa”, *Revista Lusitana*, vol. 28 (1-4), p.42-86
A paisagem e trajes da Estremadura em traços muito gerais (p. 57-58).
- CHAVES, Luís.** 1943. “Cruzeiros e pelourinhos estremenhos”, *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, n.º 2, p. 149-154
Esboça-se a proposta de Sousa Viterbo para o estudo da história da escultura portuguesa na qual se incluem os cruzeiros e pelourinhos. A obra do Conde de Raczynski também é referenciada como necessária para as investigações sobre estes aspectos da escultura nacional. O caso da Estremadura, características e simbologias. Localização dos mais importantes a nível regional. O autor refere a existência de outro dos seus estudos sobre o tema *Os pelourinhos da região de Lisboa*, onde são mencionados os exemplos de Turquel (Alcobaça), Caldas da Rainha, Maiorga (Alcobaça), Óbidos, Atouguia (Peniche), e Alvorinha (Caldas da Rainha). Acrescentam-se depois mais alguns: Merceana, Arruda dos Vinhos, Azambuja, Santa Catarina da Serra (Alcobaça), Sobral de Monte Agraço, Torres Vedras e Alenquer (apenas notícias históricas da sua existência).
- CHAVES, Luís.** 1943. “Barcos das águas estremenhas pelos rios e no mar”, *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, n.º 3, p. 267-277
Artigo baseado em informações sobre as embarcações do Tejo constantes de um album de gravuras provavelmente de finais do séc. XVIII. Apresentação de 21 gravuras, respectivas legendas bilingues (português-francês) e localização na região da Estremadura. Em capítulo à parte referem-se outros tipos de barcos que o album não contempla.
- CHAVES, Luís.** 1943. “Etnografia estremenha: o lenço na cabeça”, *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, n.º 4, p. 407-413
Pormenores relativos ao uso do lenço feminino de cabeça em várias regiões da Estremadura. Breves referências a outros acessórios femininos de cabeça (capuz, chapéu). Apresentam-se três desenhos assinados por Leonel. Mulheres usando lenço, blusa e chapéu.
- COMO TRAJAVA O POVO PORTUGUÊS.** 1991. Lisboa, INATEL
Catálogo de exposição realizada no âmbito do 5.º Festival Internacional de Folclore. Descrição da região da Estremadura de acordo com Maria Lamas em *Mulheres do meu País* (p. 107-108). O trabalho agrícola e o traje. O traje ribatejano segundo Matos Sequeira e Matos Gomes (p. 113-115).
- CONDE DE AURORA.** [s/d]. “Carros e carroças”, *A Arte Popular em Portugal*, vol. 3, Lisboa, Verbo, p. 309-337
Numa fotografia encontra-se representado um carro de bois da Estremadura (entre p. 318 e 319).
- 1.º CONGRESSO DE FOLCLORE DO RIBATEJO.** 1990. Santarém, Região de Turismo do Ribatejo
Comunicações apresentadas ao congresso realizado em Santarém (25-27 Set. 1987).
- 2.º CONGRESSO DE FOLCLORE DO RIBATEJO.** 1990. Santarém, Região de Turismo do Ribatejo
Comunicações apresentadas ao congresso realizado em Abrantes (10-12 Fev. 1989).
- 3.º CONGRESSO DE FOLCLORE DO RIBATEJO.** 1994. Santarém, Região de Turismo do Ribatejo
Comunicações apresentadas ao congresso realizado em Almeirim (22-24 Fev. 1991).
- 4.º CONGRESSO DE FOLCLORE DO RIBATEJO.** 1994. Santarém, Região de Turismo do Ribatejo
Comunicações apresentadas ao congresso realizado em Alcanena (5-7 Março 1993).
- 5.º CONGRESSO DE FOLCLORE DO RIBATEJO.** 1996. Santarém, Região de Turismo do Ribatejo
Comunicações apresentadas ao congresso realizado na Chamusca (10-12 Fev. 1995).

CORREIA, Vergílio. 1917. “O carro rural português”, *A Terra Portuguesa*, n.º 21-23, p. 193-208

No final do artigo existe um capítulo dedicado ao carro da Estremadura nas suas duas variantes de carro saloio e carro ribatejano. Além de se caracterizar estes tipos de veículo de transporte, são delimitadas as áreas geográficas onde surgem, isto é entre a serra de Sintra e a de Montejunto para o primeiro caso (p. 205-207). Na figura n.º 18 designada *Chariot de l'Estremadure Portugaise*, apresenta-se uma gravura datada de 1815, atribuída a M. Breton (p. 204).

COSTA, B. C. Cincinato da (dir.); CASTRO, D. Luiz de (dir.). 1900. *Le Portugal au point de vue agricole*, Lisbonne, Imprimerie Nationale

Extensa monografia de cariz agronómico sobre a situação de Portugal no alvorecer do séc. XX. A região da Estremadura e a identificação das características geológicas, pedológicas, da flora e fauna agrícola, principais culturas e aspectos da vida rural. Particular destaque para os capítulos dedicados à vinha (regiões vinícolas) da Estremadura (B.C.C. da Costa p. 327-433), do Tejo litoral (p. 385-400), frutas, legumes e sal (M. C. Rodrigues de Moraes p. 609-628; p. 783-798). Salientam-se as fotografias: “A vindima em Torres Vedras” (entre p. 388 e 389); “O Vale de Calvel, em Torres Vedras” (entre p. 390 e 391); “A adega do Calvel” (entre p. 394 e 395)

“Estremadura”. 1979. *Guia de Portugal I: generalidades Lisboa e arredores*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, p. 155-162

Texto integral que reproduz a edição original de 1924. Num artigo de Silva Teles esboçam-se as condições geológicas, topográficas, orográficas, de povoamento e vegetação, das diferentes zonas da região. Reproduzem-se algumas citações de Ramalho Ortigão sobre vários assuntos, e igualmente sobre o pintor John Sargent enquanto caracterizador do traje estremenho. Indicam-se em seguida alguns circuitos que se podem empreender pela região e quais os pontos principais a visitar.

FAZENDA, Jorge. 1997. “Sabores do mar, sabores da terra: breve roteiro gastronómico da região oeste”, *Vilas e Cidades*, n.º 10, p. 16-18

Breve apresentação de alguns pratos tradicionais da região oeste (designação e fotografias). A gastronomia associada aos momentos festivos, nomeadamente a doçaria.

FELGUEIRAS, Guilherme. [s/d.]. “Teatro”, *A Arte Popular em Portugal*, vol. 2, Lisboa, Verbo, p. 281-324

As sessões de fantocheiros na Estremadura (p. 317).

FELGUEIRAS, Guilherme. 1938. “Estremadura artística e folclórica”, *Boletim da Junta de Província de Estremadura*, p. 28-33; p. 42

Inventariação sumária dos valores artísticos e folclóricos da província da Estremadura. No capítulo das artes plásticas destaca para ilustradores estrangeiros que relataram a realidade portuguesa, nomeando-se alguns pintores e quadros mais representativos e obras de escultores e barristas. Refere também uma lista dos principais autores de literatura etnográfica. Descreve um conjunto de eventos culturais dos anos 30, alguns elementos sobre embarcações de pesca, arquitectura e música popular. Designam-se as festas, romarias e feiras com alguma expressão na região. Segue-se um pequeno apontamento sobre cestaria tradicional, gastronomia, traje e toponímia local. Finaliza-se com a enumeração de exemplos de arquitectura dita erudita, civil, militar e religiosa. Regressando ao capítulo das artes faz-se referência às obras de azulejaria e cerâmica erudita identificando os locais onde se encontram.

FREIRE, Dulce. 2001. “História da vinha e do vinho no Oeste: fontes e problemas”, *2.º Seminário do Património da Região do Oeste*, Sobral de Monte Agraço, p. 116-127

Traça-se o perfil histórico da importância do cultivo da vinha e da produção vinícola na região nos últimos 100 anos. Reforça-se o papel que as atarquias e outras instituições locais deverão ter na recolha de suportes materiais, orais e escritos imprescindíveis para o estudo da vitivinicultura do Oeste e sua projecção na construção da sua própria identidade.

FREIRE, Maria Dulce. 1997. *Produzir e beber: a vinha e o vinho no Oeste 1929-39*, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (policopiado)

Dissertação de mestrado em História dos Sécs. XIX e XX. Apenas a partir da segunda parte do trabalho, a autora se refere à componente regional (o Oeste) do seu objecto de estudo. Esboça uma definição administrativa da

região e quais os seus contornos em diversos autores e conseqüentemente a dificuldade generalizada no apontar dos limites geográficos desta. Algumas demarcações do Portugal vinícola permitem-nos igualmente reconhecer as dificuldades de delimitação administrativa desta sub-região estremenha. A competição entre os dois principais centros urbanos (Torres Vedras e Caldas da Rainha) nos anos 80 substituiu-se à forte rivalidade que desde os anos 30 opunha Alenquer e Torres Vedras, sempre com contornos políticos. Apontam-se diversos focos e razões de conflitualidade entre os pólos urbanos já referidos. A predominância da cultura da vinha na região oeste era contudo caracterizada por uma elevada produtividade e oscilações na qualidade. A vinha ocupa as terras menos propícias ao cultivo cerealífero e a região é ameaçada pelos perigos de uma monocultura associada a algumas épocas de pragas (filoxera, oídio). Caracterização das condições naturais e sua influência no cultivo e produção vitivinícola. Mapa e gráficos mostram concelhos e extensão do cultivo da vinha em finais dos anos 30. Traça-se o panorama agrícola da região e qual o posicionamento da vinha ao nível de algumas freguesias. Reduzido número de vinha estreme. Processos de tratamento da vinha. Os processos de vinificação como responsáveis pela má qualidade da produção. As oscilações anuais das colheitas (mapa e gráficos) e a distribuição não uniforme da produção. Os diferentes tipos de exploração (a hierarquia dos produtores). Formas de acesso ao património fundiário (lavradores/assalariados). Ao longo do ano o grau de mobilização de mão de obra era sucessivamente alterado, consoante as tarefas a desempenhar. A deslocação dos assalariados para outros concelhos e a composição dos ranchos das vindimas. A importância do consumo exterior da produção. Localização dos excedentes. Os fluxos comerciais de importação e exportação e a colocação da produção nos principais mercados (melhorias nas redes viária e ferroviária). A indústria e o comércio associados ao cultivo da vinha e produção e consumo do vinho. As conseqüências regionais principais da política agrícola do Estado Novo (campanhas cerealífera e frutícola) na viticultura do Oeste. Componentes sociais deste tipo de produção. A crise vinícola dos anos 30 e a construção do movimento associativo. As organizações corporativas. Principais quintas: seus lavradores e negociantes. A constituição de comissões concelhias para o incentivo da produção vinícola. Alguns incidentes políticos e agitações em finais dos anos 30. A necessidade da protecção económica estatal. A cultura da vinha ao longo do calendário agrícola anual: técnicas, observação das condições meteorológicas, preparação de instalações e utensilagem, a atenção dada às outras culturas. A preparação da vindima, o negociar da produção, regras corporativas e alguns organismos como propiciadores da crise, o consumo lisboeta da produção vinícola da região Oeste, os mercados africanos e o gosto por produtos de maior graduação alcoólica, o transporte intercontinental. Os sinais de alarme e as dificuldades de escoamento da produção. Outras operações vinícolas: o amanho das cepas. Em conclusão, discute-se a situação vitivinícola da região, e do próprio país após os anos 70. O papel da Junta Nacional do Vinho no que diz respeito às regiões não demarcadas e as adegas cooperativas. Os anos 80 e as novas demarcações vinhateiras. A posição da região face à política económica comunitária. A progressiva melhoria na qualidade do vinho do Oeste.

GALHANO, Fernando. [s/d.]. “Cestaria e esteiraria”, *A Arte Popular em Portugal*, vol. 1, Lisboa, Verbo, p. 267-295
A cestaria da Estremadura (p. 272).

GALLOP, Rodney. 1961. *Portugal a book of folkways*, Cambridge, Cambridge University Press
A celebração dos círios (p. 160-162). O autor considera o malhão estremenho com características muito semelhantes às cantigas de amigo (refrão e dois versos com finais alternantes como as cantigas de amigo). Fotos do autor e desenhos de Marjorie Gallop.

GANDRA, Manuel J. 1996. “Os Círios ou aspectos do culto da Grande Deusa na Estremadura”, *Jornadas sobre Cultura Saloia*, Loures, Câmara Municipal de Loures, p. 85-111
Consideram-se os círios como um elemento característico da região estremenha, sem paralelo noutra zona do país. Situação geográfica da zona onde se concentram estas manifestações. Coexistência com jazidas arqueológicas importantes. Recurso a relatos da antiguidade clássica. Relacionamento da prática dos círios com compromissos assumidos pelas comunidades há longo tempo. Características dos círios mais relevantes na Estremadura. Bibliografia específica sobre o complexo dos círios da região (p. 112-119).

GRAY, Anthony; SÉRGIO, Vitor. 1997. *A economia e o Mercado de trabalho no Oeste*, Torres Vedras, Associação para o Desenvolvimento Regional do Oeste
A competitividade da economia da região oeste face à região de Lisboa e Vale do Tejo, e face ao país (o emprego, as empresas: evolução e estrutura). As actividades económicas por sectores. Principais mudanças ocorridas no mercado de trabalho (emprego, mercado, desemprego: reflexos nos dois sexos, a nível familiar, por grupo social, nas zonas rurais, por nível escolar). Características demográficas da população activa. A

educação e a formação.

- LAMAS, Maria.** 1948. *As mulheres do meu país*, Lisboa, Actuais, p. 277-300
 Integra dois capítulos intitulados: "Estremadura" e "Ribatejo". Inúmeras fotografias com indicação de autor. Referências ao traje, trabalho quotidiano, tempos de lazer. As diversas ocupações na agricultura, as lavadeiras. A habitação tradicional.
- MATIAS, Maria Goretti.** 2001. "Subsídios para o estudo da história da viticultura na região Oeste: o impacto da filoxera nas transformações culturais e económicas da vinha", 2.º *Seminário do Património da Região do Oeste*, Sobral de Monte Agraço, p. 128-146
 Alterações introduzidas no cultivo da vinha no Oeste devido à extensão dos efeitos da crise filoxérica. A praga nos diversos concelhos. A luta contra a doença (criação de organismos específicos) e manipulações técnicas (sulfureto de carbono, submersão e introdução de vides americanas). O novo tipo de vinha e a recuperação económica.
- MONTÊS, António.** [s/d.]. "Serra de Montejuento", *Terras de Portugal*, Lisboa, Portugalíia Editora, p. 251-257
 Descrição literária da viagem de Lisboa à serra de Montejuento. Impressões à passagem por Torres Vedras, Bombarral, Cadaval, Vila Verde dos Francos, e numa das abas da serra o convento de N.ª Sr.ª da Visitação. Aspectos da serra. Paisagem e locais que se conseguem daí vislumbrar. Locais que se podem visitar perto da serra: o santuário de Santa Quitéria de Meca, N.ª Sr.ª da Piedade da Merceana e a vila de Alenquer.
- OLIVEIRA, Ernesto Veiga de; GALHANO, Fernando; PEREIRA, Benjamim.** 1975. *Actividades agro-marítimas em Portugal*, Lisboa, Centro de Estudos de Etnologia
 Tecnologias relacionadas com a apanha das algas marinhas (sargaço e pilado). Aspectos sociais relacionados com as actividades agro-marítimas em diversos concelhos da região estremenha. Inúmeras informações especificadas ao nível local. A divisão sexual do trabalho. Ferramentas utilizadas (terminologia específica e funções). Tecnologias de recolha e processos de secagem. O consumo. Embarcações utilizadas. Arquitectura relacionada com a recolha de alfaia para apanha do sargaço. Traje do sargaceiro. Utilizações agrícolas dos produtos marítimos. Portos e informações relativas à apanha do sargaço segundo Baldaque da Silva.
- OLIVEIRA, Ernesto Veiga de; GALHANO, Fernando.** [s/d.]. "Arquitectura", *A Arte Popular em Portugal*, vol. 1, Lisboa, Verbo, p. 15-137
 Caracterização da arquitectura das diferentes zonas geográficas. A taipa como técnica de construção, encontra-se na Estremadura rural (p. 85-98). A zona ribatejana e estremenha (p. 116-118) caracteriza-se pela ausência de elementos muito particulares. Os moinhos de vento (p. 128-129) e engenhos de água são igualmente focados (p. 129-130).
- OLIVEIRA, Ernesto Veiga de; GALHANO, Fernando.** [s/d.]. "Mobiliário", *A Arte Popular em Portugal*, vol. 1, Lisboa, Verbo, p. 141-171
 Hábito estremenho de os comensais se servirem de um mesmo recipiente (tripeça) (p. 152). Fotografias legendadas de algumas peças como: "Cadeira de costas cuidadosamente trabalhada – Estremadura" (p. 155); "Cómida de feição cuidada – Estremadura" (p. 158); "Arca com almofadas trabalhadas – Estremadura" (p. 163); "Armário de dois corpos – Estremadura" (p. 168).
- OLIVEIRA, Ernesto Veiga de; GALHANO, Fernando.** 1992. *Arquitectura tradicional portuguesa*, Lisboa, Dom Quixote
 A casa térrea como tipo predominante nas zonas ribatejana e estremenha (p. 177-178). Referência às características particulares da casa ribatejana e salaia, em contraste com o tipo de casa que domina nestas duas regiões, com grandes semelhanças com a casa alentejana. Pormenores das casas destas regiões (chaminé, ornamentos dos telhados, *cachorros* das janelas, contrafortes, alpendre, etc).
- PEREIRA, Esteves; RODRIGUES, Guilherme.** 1907. *Portugal: dicionário histórico, chorográfico, biográfico, bibliográfico, heraldico, numismático e artístico*, Lisboa, João Romano Torres e C.ª
- Obra em 7 volumes. Entradas para todas as povoações de Portugal.

PEREIRA, Nuno Teotónio; FREITAS, António Pinto de; DIAS, Francisco da Silva. 1961. *Arquitectura popular em Portugal*, vol. 2, Lisboa, Sindicato Nacional dos Arquitectos

Características geográficas e agrícolas da região estremenha e ribatejana. A vida quotidiana e as festividades. Referências aos materiais predominantes e sistemas de construção. O emprego dos pavimentos calçadados. O uso da madeira, pedra, adobe, taipa e materiais leves como a palha nas habitações e anexos agrícolas (p. 55-70). A cal como agente protector dos efeitos do clima no interior e nas povoações marítimas (p. 73-76). A introdução de novos materiais como o ferro e o betão (p. 77). Estudam-se igualmente as instalações de cariz agrícola (adegas, lagares, moinhos, casas do sal, instalações para recolha de trabalhadores agrícolas, os fornos) (p. 79-90). As lojas rurais como centros de abastecimento alimentar e outros géneros, assim como espaços privilegiados de sociabilidade (p. 92-93). Apresentação de mapa tipológico da arquitectura estremenha-ribatejana, tendo em conta a existência dos vários exemplos de construção: adegas, moinhos de vento, moinhos de maré, cisternas, poços cobertos e capelas de beira-mar. Planta dos espaços e pequena descrição. Referências ao número de pisos nas habitações. As igrejas em ambiente rural: localização, espaços e funções, materiais (o adro, o alpendre, o largo). Edifícios públicos (câmaras municipais), solares e palácios.

PORTUGAL MARAVILHOSO: TERRAS E MONUMENTOS DE PORTUGAL, vol. 2, Lisboa, ed. Universo, p. 90-176

Panorama de vários aspectos do Ribatejo: paisagístico, histórico. Principais referências literárias. A importância do rio Tejo. Problemas e soluções relacionadas com o seu assoreamento. As diversas designações da região. Alusões no cancioneiro popular. Principais produções agrícolas. Os arrozais (terminologia associada). O milho e os pomares. A criação de gado. As esperas de toiros. O comércio e a indústria. Feiras e festas. Património artístico e monumental. Cancioneiro de trabalho. Pequenos apontamentos sobre a interconvivência com gentes de outras terras que acorrem ao Ribatejo para trabalhar na agricultura. Música e dança. Formas de trabalho manual: decoração dos cabos dos instrumentos agrícolas, cangas dos toiros, chavelhos dos bois, azeiteiros, saleiros, correntes de crina de cavalo, entre outras. O traje. As festividades cíclicas. Rituais de namoro e casamento.

PROVÍNCIA DA ESTREMADURA. 1940. Lisboa, Instituto Geográfico e Cadastral

Mapa à escala 1:400 000 da província da Estremadura com a indicação dos concelhos e das principais freguesias, linhas de água, caminhos-de-ferro, estradas e relevos.

RAPOSO, Francisco Hipólito. 1985. *Estremadura e Ribatejo: em passeio de braço dado*, Lisboa, Mobil Oil Portuguesa
Guia turístico sobre a região da Estremadura. Apresentação de distâncias e sugestões de 12 percursos. Desenvolvimento de cada percurso com a indicação dos principais locais a visitar (monumentos, praias, igrejas, museus, entre outros). Destaque para os ofícios tradicionais (localização de artesãos). Indicação de algumas festividades importantes e especialidades gastronómicas. Profusamente ilustrado com fotografias do autor.

REAL, Mário Guedes. 1946. “Antigos concelhos da Estremadura”, *Boletim da Junta de Província da Estremadura*, II Série, n.º 12, p. 137-159

Baseado em documentação de carácter histórico apontam-se algumas informações sobre a história administrativa da região da Estremadura (antigos concelhos; concelhos extintos). Apresentam-se dados de cariz demográfico e enquadramento bibliográfico.

RIBAS, Tomaz. 1983. *Danças Populares portuguesas*, Lisboa, Ministério da Educação, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa

Classificação e distribuição regional das danças populares portuguesas na actualidade com diversas alusões à Estremadura (p. 85-86; 90-91; 95-107).

RIBEIRO, Orlando. 1968. “Excursão à Estremadura e Portugal central”, *Finisterra*, Lisboa, vol. 3 (n.º 6), p. 274-299

Caracterização morfo-geológica da região da Estremadura e sua articulação com algumas culturas agrícolas (p. 274-281).

ROTEIRO DO ARTESANATO: REGIÃO DE LISBOA E VALE DO TEJO. 1994. Lisboa, Comissão de Coordenação da Região de Lisboa e Vale do Tejo

Panorâmica dos diferentes tipos de artes e ofícios existentes na Estremadura. Na sub-região oeste destaque

para a cerâmica das Caldas e rendas de Peniche. As novas tecnologias aplicadas ao artesanato. Fotografias. Listagem dos endereços dos principais artesãos por área de trabalho. Feiras, festas, exposições e mostras de artesanato da região de Lisboa e Vale do Tejo.

SABERES DA VIDA: MEMÓRIAS DE ANTIGAS PROFISSÕES. 2000. Bombarral, Museu Municipal de Bombarral Vasco P. da Conceição/Maria Barreira
Catálogo de exposição etnográfica. Glossário sobre as peças do vestuário estremenho, alusão ao tipo de pessoas e sexo que as envergavam, assim como aos locais onde surgiam (p. 9-12).

SARDINHA, José Alberto. 1996. “Contribuições para o estudo do fandango”, 5.º Congresso de Folclore do Ribatejo, Santarém, Região de Turismo do Ribatejo, p. 87-96

A forma de fandango mais conhecida é habitualmente a versão ribatejana, se bem que se dissemine a nível nacional.

SARDINHA, José Alberto. 2000. *Tradições musicais da Estremadura*, Vila Verde, Tradisom

Trata-se do mais recente trabalho sobre os diversos tipos de expressão musical que se entrecruzam na tradição estremenha. Apesar de se poderem destacar inúmeras referências geográficas ao nível dos 14 concelhos da região Oeste (vide índices geográfico e temático p. 627-638), optou-se por apresentar a obra no capítulo referente à região na sua totalidade, dada a sua extensão e ao seu grau de pormenor de análise. Contudo, este trabalho não se resume a apresentar as tradições e os instrumentos musicais que aí intervêm, vai mais longe, permitindo dar a conhecer alguns aspectos históricos, características socio-económicas, vida quotidiana, momentos festivos e de lazer, possibilita enfim, ao leitor, um completo panorama da região. Organiza-se em três eixos principais: o trabalho, o sagrado, amor e divertimento, tendo sempre como pano de fundo o quadro socio-económico das comunidades em questão e que o autor observou e acompanhou no terreno. Chama-se igualmente a atenção para o preâmbulo do compositor Fernando Lopes Graça que enquadrado o trabalho no âmbito da etnomusicologia portuguesa. Também não foram esquecidos os dados biográficos de alguns tocadores e cantadores (nome, local de residência, principais elementos do seu percurso musical). Uma palavra também para o apêndice musical, com transcrição e notas musicográficas da responsabilidade de Vitor Reino, referente a 112 partituras que constam na sua maioria dos 3 CD's que acompanham o trabalho. Indica-se o nome da peça, concelho, local e data de recolha, o nome do informador e outras anotações de cariz musical. Inclui-se ainda uma série de romances, canções e orações gravados pelo autor, e que este designa por romanceiro e devocionário. Além do seu título, podemos encontrar o local e data de recolha, bem como o nome do informador. Conclui-se o trabalho com um oportuno guia para apoio à audição dos CD's e uma extensa bibliografia e discografia da Estremadura. Especial ênfase à selecção de fotografias que acompanha toda esta obra.

SEQUEIRA, Gustavo de Mattos. [1944]. *Estremadura*, Lisboa, Shell Portuguesa

Pequeno roteiro da região. Caracterização física, aspectos paisagísticos e humanos, os principais núcleos populacionais. História e monumentos principais. Breve alusão ao traje tradicional de algumas das principais zonas e ao reduzido vigor do canto e da dança. Valorização da fruta, vinhos, doçaria e da cerâmica regional. Sugestão de alguns pontos de interesse a visitar nos principais concelhos da Estremadura. Pequeno desdobrável com mapa. Algumas fotografias sem indicação de autor e apenas mencionando o local.

SEQUEIRA, Gustavo de Mattos. 1947. “Conferência”, *Dois Conferências sobre o Ribatejo*, Santarém, Cantinas Escolares de Santarém, p. 5-13

Conferência proferida a propósito da participação do Ribatejo nas Festas Centenárias de Lisboa e promovida pelo Grupo de Coordenação Cultural de Santarém.

SÉRGIO, António. 1982. *Obras completas: introdução geografico-sociológica à história de Portugal*, 5.ª ed., Lisboa, Sá da Costa

Diversas alusões ao ambiente físico e humano das várias regiões do país, sem esquecer as actividades como a agricultura e as pescas.

SILVA, Maria Madalena Cagigal e. [s/d.]. “Pintura”, *A Arte Popular em Portugal*, vol. 2, Lisboa, Verbo, p. 83-178

As pinturas nas carroças da Estremadura (p. 144-146). Motivos artísticos nos carros de fruta e hortaliças estremenhos (p. 148).

SOARES, Maria Micaela. 1982. “A mudança na cultura rural portuguesa”, *Boletim Cultural da Assembleia Distrital de Lisboa*, Lisboa, III Série, vol. 88 (2), p. 145-400

Observação de mudanças operadas na cultura tradicional de populações estremenho-ribatejanas. O estabelecimento da população e os contornos do seu modo de ocupação do espaço. Arquitectura popular. Os ofícios tradicionais e as tarefas agrícolas. Transcrição de algumas cantigas de trabalho. As migrações sazonais. Algumas festividades relacionadas com o ciclo agrícola. Mudanças nas alfaias agrícolas. Formas de religiosidade popular: orações, exorcismos e crenças diversas. O culto da morte e dos antepassados. Bençãos dos gados e dos campos. As festividades anuais: romarias, procissões, feiras e festas diversas (festa do Imperador, Senhor da Boa Morte, santos populares, Páscoa, luminárias, os círios, dia das comadres e dos compadres, Carnaval, Natal, Ano Novo e Reis, Serração da Velha, dia da Espiga). O traje tradicional. Ofícios de cariz manual. Ex-votos. Danças e música popular. Os pregões. Momentos de lazer (jogos e brinquedos). Formas de literatura oral (contos, adivinhas, ditados, sentenças).

SUBSÍDIOS PARA A BIBLIOGRAFIA DA HISTÓRIA LOCAL PORTUGUESA. 1933, Lisboa, Biblioteca Nacional
Bibliografia de obras pertinentes para o estudo da região da Estremadura. Referências organizadas pelas diferentes localidades.

TEIXEIRA, Vasco A. Valadares. 1991. “Círios da Estremadura”, *Portugal Moderno: tradições*, Lisboa, Pomo Edições, p. 103-113

Uma das manifestações mais importantes da religiosidade na região. Significado dos círios (sua localização no calendário litúrgico, relacionamento com as irmandades e confrarias, o cumprimento de votos e promessas). Identificação dos principais exemplos a nível regional (N.º Sr.ª da Atalaia, N.º Sr.ª do Cabo, N.º Sr.ª da Nazaré). Aspectos históricos e especificidades.

VASCONCELOS, J. Leite de. 1882. *Tradições populares de Portugal*, Porto, Livraria Portuense de Clavel & C.ª
Crenças relacionadas com plantas, vegetais (p. 129) e animais (p. 153; 156; 157; 166; 171; 173; 178). Práticas realizadas nos casamentos (p. 218).

VASCONCELOS, J. Leite de. 1895. “Museu ethnographico português”, *Revista Lusitana*, vol. 3, p. 193-250
Explicação etimológica do termo Estremadura (p. 223). O tipo de casa existente na Estremadura (p. 226). O traje regional, os meios de transporte terrestre, alguns aspectos religiosos e rituais funerários (p. 230-233).

VASCONCELOS, J. Leite de. 1920. “Os pinhões na Etnografia”, *Boletim de Etnografia*, n.º 1, p. 44-50
Designações dos pinheiros e alguns dos seus derivados na Estremadura Cistagana e noutras zonas do país.

VASCONCELOS, J. Leite de. 1923. “Etnografia estremenha”, *Boletim de Etnografia*, n.º 2, p. 44-51
Costume estremenho de angariar donativos e esmolas em casa das pessoas antes da realização das festas. Os angariadores são designados por festeiros e festeiras (p. 46). Explicação sobre o curso da linha de água, vulgarmente designada por vala. A navegabilidade dos seus troços ao longo dos tempos (p. 51).

VASCONCELOS, J. Leite de. 1927. *Norte de Portugal; Centro de Portugal; Sul de Portugal*, Lisboa, Imprensa Nacional
Incluem a reedição de *Excursão pela Estremadura Cistagana e Norte de Portugal*, com o título *Excursão Extremenha*. Obra novamente reeditada com o título *De Terra em Terra*, vol.II, p. 7-18.

VASCONCELLOS, J. Leite de. 1938. “Espécimes de etnografia por províncias”, *Boletim de Etnografia*, n.º 5, Lisboa, Imprensa Nacional, p. 46-52
Alguns apontamentos sobre marcas de propriedade de objectos, preparativos de casamento e círios.

VASCONCELOS, J. Leite de. 1942. *Etnografia portuguesa III: tentame de sistematização*, Lisboa, Imprensa Nacional
Transcrição do texto de Silva Teles publicado no 1.º volume do *Guia de Portugal* (p. 720-724).

VASCONCELOS, J. Leite de. 1958. *Etnografia portuguesa IV: tentame de sistematização*, Lisboa, Imprensa Nacional
No que diz respeito à caracterização da índole dos habitantes das províncias de Portugal, destaca-se o caso da Estremadura (p. 579-580).

- VASCONCELOS, J. Leite de.** 1967. *Etnografia portuguesa V: tentame de sistematização*, Lisboa, Imprensa Nacional
Índice dos principais assuntos tratados neste volume. Crenças relacionadas com a água (p. 127). Formas de alimentação ditas primitivas (p. 141). Crenças relacionadas com o fogo (p. 175). O vinho e as crenças (p. 185). O sal (p. 192). A pedra (p. 217). Armadilhas de caça (p. 313). Amuletos para animais (p. 415). Pastorícia (p. 472). Caracterização de aspectos da propriedade rural (p. 527-528). A monda (p. 580-581). Outras operações agrícolas (p. 596). O vinho (p. 624). Trabalhadores agrícolas (p. 653).
- VASCONCELOS, J. Leite de.** 1969. *Contos populares e lendas II*, Coimbra, Universidade de Coimbra
Compilação da autoria de José Leite de Vasconcelos e posterior coordenação de Alda e Paulo Soromenho. Ciclo entre marido e mulher (p. 100-101). Facécias (p. 192).
- VASCONCELOS, J. Leite de.** 1980. *Etnografia portuguesa VII: tentame de sistematização*, Lisboa, Imprensa Nacional
Adágios atribuídos à Estremadura (p. 82).
- VASCONCELOS, J. Leite de.** 1983. *Etnografia portuguesa VI: tentame de sistematização*, Lisboa, Imprensa Nacional
Índice dos principais assuntos tratados neste volume. Abundância de moinhos na Estremadura (p. 28). Designações de objectos e processos relacionados com as indústrias estremenhas (p. 67). A arribana (p. 160; 269). Habitação tradicional (p. 214; 227). Telhados (p. 234; 321). Adegas e lagares (p. 235). Ditados populares referentes à alimentação (p. 413). Alimentação (p. 416). Vestuário (p. 505; 512-517; 558). O calçado (p. 527).
- VASCONCELOS, J. Leite de.** 1985. *Etnografia portuguesa IX: tentame de sistematização*, Lisboa, Imprensa Nacional
Índice dos principais assuntos tratados neste volume. Maus agouros (p. 14;156). Prenúncios (p. 61). Designação de animal (p. 119). Jogo do anel (p. 191; 602). Amuletos (p. 209). Os círios estremenhos (p. 305; 307). Carácter do estremenho (p. 374).
- VASCONCELOS, J. Leite de.** 1988. *Etnografia portuguesa X: tentame de sistematização*, Lisboa, Imprensa Nacional
Contagem de pontos em jogos (p. 5). Objectos relacionados com o curandeirismo (p. 45-46).
- VASQUES, Arnaldo António Rodrigues Rios.** 1994. “Povos e aldeias das serras de Aire e Candeeiros”, 3.º Congresso de Folclore do Ribatejo, Santarém, Região de Turismo do Ribatejo, p. 129-137
A heterogeneidade das populações que residem na área das serras de Aire e Candeeiros e os elementos socio-económicos comuns a todas elas.
- VERSOS DE OPERETA POPULAR : RIBATEJO.** [1939], [Lisboa], imp. Tip. Costa Sanches
Brochura apresentando versos musicados sobre a região do Ribatejo, destinados a uma pequena opereta em três actos.



Programa Operacional
de Região de Lisboa e Vale do Tejo



União Europeia
Fundos Europeus



Roteiro Bibliográfico de Etnografia da Região do Oeste Branca Rolão Moriés

O *Roteiro Bibliográfico de Etnografia da Região do Oeste*, da autoria de Branca Rolão Moriés, constitui um importante instrumento para a identificação e a documentação do Património Cultural Imaterial no conjunto de municípios originalmente integrados na região do Oeste: Alcobaça, Alenquer, Arruda dos Vinhos, Azambuja, Bombarral, Cadaval, Caldas da Rainha, Lourinhã, Nazaré, Óbidos, Peniche, Rio Maior, Sobral de Monte Agraço e Torres Vedras.

Integrando-se numa linha editorial do IMC vocacionada para ampla divulgação de obras dedicadas à sistematização do conhecimento do Património Imaterial em Portugal, e seguindo a metodologia da *Bibliografia Analítica de Etnografia Portuguesa* com que esta mesma linha editorial foi inaugurada, o presente *Roteiro* assume uma importância particular não apenas por se tratar de um levantamento documental de âmbito supramunicipal, mas também pelo carácter exemplar que assume enquanto metodologia de desejável replicação para regiões de âmbito congénere pelo que a sua amplitude de olhar permite revelar de afinidades e de especificidades.

Conscientes da importância deste trabalho, o Instituto dos Museus e da Conservação e a Comunidade Intermunicipal do Oeste concretizam assim a presente edição electrónica, na certeza de que o amplo e livre acesso ao *Roteiro Bibliográfico de Etnografia da Região do Oeste* colherá o interesse dos muitos implicados na salvaguarda do Património Cultural Imaterial da região do Oeste.